FT 225/1 -R-

MÁRIO JORGE DE ALMEIDA CARVALHO

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
BIBLIOTECA
46575

PROBLEMAS FUNDAMENTAIS DE FENOMENOLOGIA DA FINITUDE

I

FAC. DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
21. JUL. 1997
SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO

LISBOA
1996

46575

Dissertação de Doutoramento em Filosofia
apresentada à Faculdade de Ciências Sociais
e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Para o David,

que queria estudar filosofia e a quem não
cheguei a ensinar latim,

brincou e morreu ao lado desta tese.

"Was ist das Schwerste von allem? Was dir das Leichteste dünket:

Mit den Augen zu sehen, was vor den Augen dir liegt."

GOETHE, Nachlass-Xenien, 45

"Κινδυνεύει γὰρ ἡμῶν ἕκαστος οἷον ὄναρ εἰδὼς ἅπαντα

πάντ' αὖ πάλιν ὥσπερ ὕπαρ ἀγνοεῖν."

PLATÃO, Político, 277d

"εἰ οὖν τὸ φῶς τὸ ἐν σοὶ σκότος ἐστίν, τὸ σκότος πόσον."

MATEUS 6, 23

NOTA PRÉVIA

Como o seu título indica, a investigação que a seguir se apresenta diz respeito ao problema da **finitude**.

Mas, ao contrário do que o próprio título pode sugerir, não se trata de uma investigação abrangente, que abarque todas ou pelo menos muitas das facetas do problema, numa averiguação exaustiva ou de qualquer modo muito ampla. Na verdade, deixa mesmo inteiramente fora de consideração numerosos aspectos (e aspectos importantes) do conjunto de factores que concorrem para tornar finita a nossa condição.

A bem dizer, de toda a multiplicidade de factores que contribuem para a finitude a que estamos sujeitos **não se considera aqui propriamente mais do que um, e apenas um**: a finitude do **acesso** em que se está, da **apresentação** que se tem das coisas--i.e., a finitude **do nosso "ponto de vista"**.

Importa sublinhá-lo desde já, para prevenir eventuais equívocos sobre o âmbito do trabalho e a surpresa de não se encontrar nele qualquer menção de numerosos aspectos que seria legítimo esperar ver tratados numa investigação sobre a finitude.

A averiguação levada a cabo confronta-se única e exclusivamente com o problema da finitude **do "ponto de vista"**--com o problema de saber **em que sentido ou sentidos** e, por outro lado, **em que medida**, **a que ponto** é que se pode dizer que o nosso **ponto de vista** é um ponto de vista **finito.**

É disto que se trata, **e somente disto**.

Deste modo, mais do que uma **fenomenologia da finitude**, no sentido próprio e amplo da noção, aquilo que se procura empreender é qualquer coisa como uma fenomenologia do escondimento--uma averiguação em que está em causa estabelecer a natureza e amplitude daquilo que, dispondo nós de uma apresentação e compreensão das coisas, apesar disso se subtrai a ela, se mantém numa recusa, ou de algum modo faz restrito, torna imperfeito o acesso, a apresentação de que se dispõe.

Mas, se na verdade é este o objecto da investigação que se apresenta, então parece haver qualquer coisa de impróprio no título adoptado, em que ela vem designada sob a forma de "**Problemas fundamentais de fenomenologia da finitude**".

Muito mais adequadamente se definiria o empreendimento em causa, é o que parece, se se falasse de "Problemas fundamentais de fenomenologia do escondimento", indicando assim claramente o âmbito de incidência mais restrito.

Não é, porém, por acaso que isso não está feito e se incorre no risco de suscitar equívocos.

Se esse outro título seria em certo sentido mais exacto que o que se adoptou, nele ficaria por expressar algo de decisivo em virtude do qual é de problemas fundamentais de fenomenologia da finitude--e não do escondimento--que se fala: o facto (que no curso da investigação a pouco e pouco se desenha) de a finitude do acesso de que dispomos, i.e., o escondimento que esse acesso deixa subsistir, ter "dimensões" e um carácter tais que não constitui apenas um momento mais no complexo dos factores finitizantes mas um momento fundamental, decisivo desse complexo--um momento que torna a finitude que nos afecta muito mais crítica e, se assim se pode dizer, radicalmente mais finita.

A aparente imprecisão não é, assim, ocasional. Nem é propriamente uma imprecisão. Corresponde à indicação de um aspecto fulcral do apuramento que se leva a cabo: ao modo como nele emerge a

finitude do nosso ponto de vista como momento fundamental e momento crítico (e, em certa medida, como momento mais fundamental e mais crítico) de todo o complexo da finitude.

Algum esclarecimento preliminar é também devido acerca do que se entende por fenomenologia e do sentido em que a investigação realizada corresponde a tal designação.

Na verdade, só o próprio curso da investigação pode proporcionar um esclarecimento cabal a esse respeito. Mas é, em todo o caso, imprescindível prevenir de antemão qualquer interpretação menos adequada que a referência à noção de fenomenologia porventura possa suscitar. Pois o termo "fenomenologia" é equívoco. Não somente são diversas as concepções a que corresponde nos diferentes empreendimentos filosóficos que assim se quiseram designar. Mas a própria banalização que a sua "popularidade" trouxe consigo, o uso indiscriminado a que tem estado sujeito, tornam o seu significado impreciso, difuso.

Ao caracterizar-se o trabalho realizado como "fenomenologia", tal não significa de maneira nenhuma que ele corresponda a todo o complexo de concepções, procedimentos e requisitos metódicos, etc., que se acham implicados em qualquer dos diferentes projectos filosóficos que desde o princípio do século se desenvolveram sob este título. Embora o trabalho que se leva a cabo tenha pontos de contacto com alguns desses empreendimentos (e, designadamente, com os de Husserl e Heidegger), a verdade é que muitos dos aspectos daquilo que a noção implica neles não estão seguidos na presente investigação.

O que se empreende pode ser descrito como fenomenologia numa acepção lata, em correspondência a um núcleo fundamental do que a noção significa, comum às diversas tentativas feitas em seu nome.

Nesse núcleo, "fenomenologia" significa uma investigação da própria apresentação, do próprio aparecimento, que temos das coisas. Uma investigação possibilitada e requerida pelo facto de--ao con-

trário do que pode e tende a parecer, pois trata-se da própria mostração em que se está, da manifestação a que se tem acesso--essa apresentação não estar naturalmente acompanhada num regime de inteira transparência de si mesma a si (de tal modo que nada do que é seu lhe escapa), mas antes constituída de tal forma que não se apercebe bem de si, escapa a si própria e ainda precisa de ser patenteada, trazida a uma plena apropriação de si.

Por outras palavras, nesse núcleo, "fenomenologia" é a investigação que decorre de se verificar que, a despeito de a apresentação e aquilo que se apresenta (o campo da manifestação das coisas em que estamos) ser precisamente o mais próximo que temos (aquilo que parece mais disponível e inteiramente à mostra: algo absolutamente dado e percorrível num contacto livre, absolutamente irrestrito), de facto isso mesmo que assim parece mais " a descoberto" é qualquer coisa que se está muito longe de ter acompanhada--qualquer coisa que ainda cabe (e, mais do que isso, que ainda falta) descobrir.

Em suma, "fenomenologia" é o empreendimento que corresponde à peculiar possibilidade expressa pela máxima dos **Nachlass-Xenien** de Goethe citada em epígrafe (" **Was ist das Schwerste von allem? Was dir das Leichteste dünket: Mit den Augen zu sehen, was vor den Augen dir liegt.**[1]") : a possibilidade de na verdade faltar ainda ver com os olhos--ver "com olhos de ver"--aquilo que está diante deles.

"Fenomenologia" é, além disso, a investigação que decorre de se verificar que essa falta relativa ao acompanhamento da própria apresentação é difícil de suprir e que a plena apropriação da apresentação não é qualquer coisa que, querendo-se, se obtém assim sem mais (numa rápida passagem, sem obstáculos, sem problemas), mas antes algo de entravado, que só um extraordinário esforço, um aturado e cuidadoso processo de focagem permite conseguir. Ou seja, "fenomenologia" é o empreendimento de investigação que corresponde não só a haver uma margem de não acompanhamento do aparecimento perante o qual

se está, mas a essa margem ser bastante ampla e difícil de cobrir, de tal modo que naturalmente se está muito longe de um efectivo acompanhamento desse aparecimento--tão longe e com um caminho ainda tão custoso a percorrer para se chegar a ele quanto se expressa na máxima citada, onde a realização de tal tarefa (que naturalmente parece sempre já realizada ou de qualquer modo muito fácil de realizar), vem apresentada como sendo a mais difícil de todas.

"Fenomenologia" é, finalmente, o empreendimento que corresponde à verificação de que essa focagem, essa apropriação da apresentação que se tem não deixa tudo mais ou menos como era antes de se dar (não equivale apenas à fixação de um conjunto de pormenores mais ou menos indiferentes sobre a forma como está constituída a apresentação), antes constitui qualquer coisa cuja realização não só faz diferença, mas uma grande diferença--uma diferença tal que produz uma extraordinária revisão da situação em que se está e na verdade faz aparecer tudo a uma nova luz.

É a este núcleo fundamental que corresponde a ideia de fenomenologia e é dele que irradiam as diferentes compreensões do seu sentido--as quais traduzem precisamente diferentes identificações da forma como a apresentação não se acompanha a si própria, está alheada de si, e, correlativamente, a diferentes identificações do que é preciso para se produzir uma plena supressão de tal alheamento, uma plena apropriação, uma plena descoberta do próprio aparecimento (e, por consequência, também do que resulta da realização de semelhante descoberta).

A caracterização que assim se avança tem forçosamente de ter uma índole formal--que deixa ainda em indeterminação, por esclarecer, a que é que na verdade corresponde aquilo que enuncia. O cabimento, o sentido e o alcance de um empreendimento como a fenomenologia só se descobrem a partir da identificação concreta de como na verdade há um não-acompanhamento da própria apresentação e de como é possível redescobri-la de tal forma que esse redescobrimento

na verdade não deixa tudo como de antes, traz consigo alterações de peso na forma como se vêem as coisas. Antes de tal identificação, os enunciados que se apresentam a seu respeito, mesmo que apontem já numa determinada direcção, deixam tudo ainda indefinido e não eliminam uma certa perplexidade acerca do que possa ser aquilo que referem. Ora a identificação concreta só a pouco e pouco se tornará clara a partir do próprio processo da investigação e de facto só fica concluída no seu termo.

Mas, sendo esta indicação ainda insuficiente para fazer ver concretamente que é que corresponde a esta ideia de "fenomenologia", fica em todo o caso claro a partir da explicação preliminar já avançada que, se o problema tratado na presente investigação é o da finitude do nosso ponto de vista e se esse problema é seguido por ela no modo da fenomenologia, então é por uma revisão, por uma refocagem do próprio aparecimento de que se dispõe (por qualquer coisa como um "tentar ver com os olhos aquilo que de facto se tem perante eles") que se procura fazer luz sobre o problema da finitude. E é precisamente um esforço de focagem e de reapropriação dessa ordem que se pode encontrar em tudo o que se segue.

Dito isto, para esclarecimento prévio do sentido da investigação e do significado que tem estar caracterizada como "fenomenologia", falta ainda assinalar que não é só por uma afinidade metódica que a investigação realizada está ligada ao projecto da fenomenologia, tal como foi descrito. Incidindo especificamente sobre o problema da finitude e tendo, desse modo, um âmbito restrito, o seu carácter não é o de uma aplicação avulsa da forma de investigação fenomenológica--de uma aplicação desligada de tudo o que fica fora desse âmbito restrito. Não. A investigação enquadra-se no projecto mais amplo da tarefa global de apropriação que corresponde à ideia de fenomenologia. Tem as suas raízes nesse projecto, integra-se nele, pretende contribuir para a sua realização.

As relações, que são complexas, podem explicitar-se melhor da

forma seguinte:

Por um lado, a opacidade natural da apresentação, o alheamento em que está a respeito de si própria e que a fenomenologia, tal como foi caracterizada, se destina a suprir é também uma opacidade, um alheamento em relação à sua finitude--de tal modo que também a este respeito é necessário um esforço de supressão do alheamento, de refocagem. Neste sentido, a fenomenologia tem de ser sempre também uma fenomenologia <u>da finitude</u> da apresentação, do aparecimento. Por outro lado, sem uma focagem e reapropriação do aparecimento, mantendo-se o defeito de transparência que naturalmente o caracteriza a respeito de si mesmo, é muito difícil ter condições para conseguir "equacionar" com um mínimo de acuidade o problema da finitude do nosso ponto de vista. Neste sentido, uma averiguação da finitude não pode deixar de ter no seu centro uma componente de fenomenologia. Finalmente, a fenomenologia da finitude, a supressão do alheamento em relação à finitude da apresentação, não é apenas um dos diversos momentos por que tem de passar a realização da tarefa fenomenológica, constitui antes uma <u>condição</u> decisiva dessa realização : algo sem o qual toda a tentativa de a levar a cabo corre o risco de ser ingénua e de, por isso, não estar à altura do que pretende; e algo cujo papel na promoção da apropriação fenomenológica, cujo contributo para pôr na sua pista da apresentação, para conseguir uma efectiva focagem dela, é decisivo.

Tudo isto, que é indispensável referir para dar uma ideia da averiguação de que se trata, do seu enquadramento e objectivos, pode, finalmente, induzir em erro se não se tiver em conta uma restrição fundamental do seu alcance e da forma como constitui um trabalho de "<u>fenomenologia</u>". Inscrevendo-se num projecto como o que se apontou corresponder à ideia de fenomenologia, com tudo o que isso implica, a investigação feita não constitui mais do que um <u>esforço de encaminhamento</u> para a realização desse projecto--um esforço que não tem condições de se garantir como <u>plena</u> ou até mesmo como <u>efec-</u>

tiva execução do seu propósito e não pode apresentar-se como uma fenomenologia realizada, em que a apropriação da finitude, a sua descoberta, e a apropriação da apresentação, a sua descoberta, estejam realmente alcançadas ou fiquem sequer próximo de o serem.

O que conduz, finalmente, ao último aspecto que importa sublinhar de antemão e que também se acha expresso na formulação do título.

É intencional e deve ser tido em atenção que toda a investigação que aqui se apresenta esteja designada sob a forma de "problemas"--e, por outro lado, de "problemas fundamentais".

Isso significa, em primeiro lugar, que aquilo que se empreende é somente um levantamento de problemas--com tudo o que tal sugere de confronto ainda inacabado com as coisas, de percurso feito a tactear, de embaraço ainda subsistente.

Com diferentes desenvolvimentos, nalguns casos só com esboços, noutros já em averiguações mais aturadas, o plano em que se fica é sempre o de uma exploração e auscultação de possibilidades--um plano ainda provisório, ainda envolvido em dificuldades, sem qualquer aspiração a deixar estabelecido o que quer que seja de definitivo--um adquirido absolutamente estável, assente.

Numa palavra, e exprimindo tudo isto em linguagem forense--ou, mais precisamente, do processo cível--o que é aqui tentado é qualquer coisa como o "despacho saneador" (no sentido lato, que inclui a "especificação" e o "questionário") e a "instrução" do "processo" da finitude do nosso ponto de vista--e em tudo o que se apresenta o processo está precisamente ainda apenas "em fase preparatória", não mais adiantada que a fase de instrução.

Mas, em segundo lugar, sendo assim, a precaridade que isso introduz não impede que, tal como o título indica, a investigação realizada tente debater-se com os problemas fundamentais da finitude do nosso ponto de vista e seja caracterizável como investigação desses problemas.

Tal caracterização tem, por um lado, um sentido restritivo: significa que, mesmo só no âmbito mais estreito da finitude do ponto de vista, a investigação não segue todos os problemas--não é exaustiva, atém-se só a alguns. Mas significa, por outro lado, que essa não-exaustividade corresponde a uma concentração no que se julga ser o núcleo do problema--naqueles aspectos em que mais decisivamente se joga a índole e a amplitude da finitude a que o nosso ponto de vista está sujeito.

Por outras palavras, o facto de estar marcada por precaridade, de ser feita ainda a tactear, etc., não significa que a investigação se debruce sobre aspectos avulsos do seu âmbito de incidência, escolhidos ao acaso, sem preocupação de obter um resultado e de chegar a um confronto com toda a amplitude dos problemas com relevo para uma averiguação da finitude do ponto de vista. Não. Embora não corresponda a mais do que uma fase preparatória, de instrução, e embora envolva uma selecção de problemas, o apuramento realizado obriga-se a tentar ser precisamente isso : uma efectiva preparação e "instrução" global do "processo" da finitude do nosso ponto de vista. Ou seja (e continuando a fazer uso da terminologia forense a que se recorreu): o levantamento obriga-se a tentar produzir uma apropriada condensação dos elementos mais relevantes a ter em conta no "processo" da finitude do nosso ponto de vista. Ou seja, em primeiro lugar, obriga-se a produzir um correcto apuramento dos aspectos de definição da situação de finitude do nosso ponto de vista que são e não são susceptíveis de serem à partida reconhecidos como factos. Em segundo lugar, obriga-se a tentar, a partir daí, uma adequada equacionação dos quesitos a ter em conta nesse "processo"--com tudo o que isso implica : por um lado, uma identificação tanto quanto possível precisa e completa do conjunto desses quesitos; por outro lado, uma dilucidação do respectivo peso e das conexões por que se articulam entre si, por forma a determinar os que têm mais peso, i.e., as possibilidades, as linhas de clivagem, as

alternativas mais relevantes, a partir de cuja decisão se obtêm as bases para por sua vez se poderem decidir os demais quesitos. Finalmente, obriga-se ainda a tentar coligir tão circunstanciadamente quanto possível tudo aquilo que pode ser de peso para a decisão de tais quesitos e a fornecer um quadro de elementos que habilite essa decisão a ser tão esclarecida quanto puder ser.

*

Para concluir esta fixação prévia do quadro do trabalho, cumpre, finalmente, sublinhar que não se apresenta todo o curso da investigação levada a cabo mas apenas uma parte (se bem que uma grande parte) dela. A morosidade das coisas, a necessidade de dar cumprimento aos prazos estabelecidos, etc., fazem que tenham ficado em manuscrito (e ainda incompletos) os dois últimos passos da investigação, onde se trata do levantamento da situação de finitude, tal como está feito por Platão, e da analítica existencial-temporal do "Dasein" empreendida por Heidegger. Estas análises não correspondem a uma inflexão "histórica" na conclusão do trabalho mas ao desenvolvimento do ponto em que é deixado no final da versão incompleta que aqui se apresenta. Tal como está, a investigação chega ao apuramento da <u>possibilidade</u> de a evidência compreensiva de que dispomos ser globalmente e sem excepção uma evidência de mera pseudo-compreensão, constituída e sustentada por fenómenos de desfocagem. Não chega a entrar na verificação de a que ponto <u>de facto</u> é isso que se passa. As análises consagradas a Platão destinam-se precisamente a explorar melhor essa possibilidade e a estrutura do sistema de compreensão naturalmente constituído. E, por outro lado, o exame da analítica existencial-temporal não somente procura aperfeiçoar a identificação dessa estrutura mas tenta justamente, por via dela,

chegar a um confronto com o facto dessa total opacidade, dessa total nulidade da clareza comprensiva que parece marcar o nosso ponto de vista.[2]

*

O presente trabalho, em grande parte redigido em Friburgo entre o semestre de inverno de 1989/1990 e o semestre de verão de 1991, foi possibilitada por uma bolsa de estudo do **Deutscher Akademischer Austauschdienst** e pela equiparação a bolseiro concedida pela **Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa**. Agradecem-se ao D.A.A.D., à Faculdade, bem como à Biblioteca da Universidade de Friburgo, todas as facilidades concedidas.

Sem o contínuo apoio e incentivo do Prof.Dr.Michel Renaud, orientador da investigação, e da Prof.Dra.Isabel Carmelo Rosa Renaud nunca esta tese teria sido escrita. Se valeu a pena tê-lo sido ou não, isso é incerto. Não o é, porém, a boa-vontade que sempre senti da sua parte, o interesse com que acompanharam o meu trabalho ao longo de anos. Muito fica muito longe de indicar tudo aquilo que se lhes deve.

Ao Prof.Dr.Friedrich-Wilhelm von Herrmann, que orientou a parte da investigação realizada em Friburgo e com quem se discutiram diferentes aspectos relativos à concepção global da tese e à interpretação da analítica existencial-temporal do "Dasein", agradece-se a sua disponibilidade e o encorajamento recebido.

Ao Prof. Dr. Jacques Taminiaux e aos Doutores Heinz Leonardy e Pol Vandevelde bem como ao Arquivo Husserl de Lovaina agradece-se a possibilidade de estudar manuscritos de Husserl e a forma como se esforçaram por criar as melhores condições para esse estudo.

Pelo empenho com que dia a dia acompanhou o trabalho de re-

dacção e procurou propiciar-lhe as melhores condições, pela extraordinária dedicação com que promoveu a resolução de um sem-número de problemas práticos, impõe-se também uma palavra de especial reconhecimento à Sr. Dra. Marianne Schneider.

Sem a paciência e boa-vontade da Teresa Rodrigues, que passou uma boa parte do manuscrito, teria sido muito mais lenta e complicada a conclusão deste trabalho. E à ajuda do João Constâncio, na parte final da organização do texto e das notas, se deve ter-se conseguido chegar ao fim. Também no que lhes diz respeito o agradecimento que aqui se deixa expresso fica muito aquém de poder corresponder ao que foi feito.

Ao Nuno Ferro, Boris Ferreira, Ljudmil Douridanoff, Carlos Botelho, Leonor Santa-Bárbara, António Frazão, Maria José Santos e Silva, Luís Pereira da Silva, Elsa Santos e à Sra. Doutora Liliana Ferreira, da Universidade de Coimbra, agradece-se a ajuda na obtenção de bibliografia. Ao António Frazão, José Pedro Cabrera, à Teresa e José Amaral, Manuela e João Paulo Pereira da Silva, agradece-se a colaboração que prestaram na passagem das notas e na resolução dos problemas criados pelos computadores.

ÍNDICE

Nota Prévia.....I

1.A EXPERIÊNCIA NATURAL E O SEU SIMULTÂNEO CONHECIMENTO E DESCONHECIMENTO DA FINITUDE. SENTIDO E ALCANCE DE UM LEVANTAMENTO DA FINITUDE. A FORMA NATURAL DA FINITUDE E O SEU PROBLEMA.....1

1.1.1 O reconhecimento espontâneo da finitude--análise do seu sentido. A estrutura da evidência permanente da finitude. O reconhecimento espontâneo como reconhecimento inautêntico, vazio. A compreensão global da finitude e as diversas situações da sua experiência concreta: respectiva diferença e articulação.A insuficiência de ambas--a falta de uma delimitação precisa daquilo em que consiste a finitude: a situação natural, não obstante o reconhecimento que dela faz, como uma situação de desconhecimento da finitude. A tarefa de um levantamento que a demarque.....2

1.1.2 O preconceito dominante na compreensão natural do sentido e alcance possível de um levantamento da finitude--o fenómeno da autoconfiança da apresentação que temos. Análise mais detida deste fenómeno: evidenciação da vigência em nós de uma antecipação inexplícita da extensão possível da finitude, restringindo de antemão as suas dimensões e o seu porte. A compreensão inexplícita, que em antecipação limita a amplitude possível da finitude, como núcleo da sua compreensão natural, em que se decide o sentido da finitude compreendida--o antecipado dessa antecipação como **forma da finitude**. Análise preliminar do fenómeno da forma da finitude.....21

1.1.3 A questionabilidade da forma natural da finitude--a possibilidade da sua **inadequação**. A função condutora da antecipação da **forma** na averiguação da finitude e a possibilidade de a forma da finitude vigente no nosso ponto de vista ter um papel **ocultante**, escondendo a situção real de finitude. O problema da **forma da finitude** como problema fundamental: a sua precedência no quadro da averiguação da finitude.....58

1.2.1 Análise aprofundada da forma natural da finitude:o estatuto da imperfeição como **lacuna**. O domínio absoluto da forma natural e a sua persistência nas diferentes situações de experiência natural da finitude. A tese fundamental de autocompreensão do acesso como globalmente adequado e o dispositivo de sistemática preservação da sua vigência: as estruturas de minimização, de enquadramento e subalternização das falhas relativamente à eficácia do acesso.....78

1.2.2 As **modalidades** de finitude na perspectiva natural: a detecção inexplícita de diversas modalidades da finitude na experiência natural. Dilucidação e caracterização preliminar das diferentes modalidades naturalmente detectadas.....126

1.2.2.1 Primeira modalidade da finitude: a **incompletude** do acesso ao mundo, da apresentação que se tem das coisas. Estrutura específica do escondimento na incompletude. A compreensão natural da incompletude como meramente lacunar.....130

1.2.2.2 Segunda modalidade da finitude: a **não-compreensão**, a incapacidade de compreender bem apresentações de que se dispõe. Estrutura específica do escondimento na não-compreensão. A falha de não-compreensão como lacuna num horizonte predominantemente livre dela.....136

1.2.2.3 Terceira modalidade da finitude: o **erro**, o poder errar. Estrutura específica do escondimento no fenómeno de erro--demarcação relativamente às demais modalidades. A perspectiva natural sobre a ocorrência de erro como excepção num horizonte predominantemente não errado.....140

1.2.2.4 Quarta modalidade de finitude: a **finitude modal**. O "ἐνδέχεσθαι ἄλλως ἔχειν " e a estrutura específica do escondimento que lhe corresponde. Demarcação relativamente às demais e em particular relativamente à terceira modalidade. A finitude modal como lacuna num horizonte predominantemente tido como livre de restrição modal.....145

1.2.2.5 A apercepção natural das modalidades e as suas características. A preponderância do modelo da incompletude. Insuficiência da apercepção natural e necessidade de um levantamento sistemático das modalidades de finitude. O inquérito sobre as **modalidades** e o inquérito sobre a **forma** da finitude.....149

1.3 Dificuldades da tarefa de verificação da **forma** da finitude. A possibilidade de utilização das modalidades como fio condutor para a sua execução. Definição preliminar da investigação a realizar: o levantamento sistemático das modalidades como meio para o apuramento da questão da forma.....159

1.4 Observações gerais sobre o sentido e alcance da investigação no seu todo.....166

1.4.1 A impossibilidade de um apuramento válido para a **natureza humana**. Possibilidade e sentido do apuramento da finitude como um apuramento **relevante para outrem**.....166

1.4.2 O apuramento da finitude como um apuramento meramente **de facto**. A impossibilidade de uma "**crítica**", no sentido próprio, pretendido por Kant (i.e. da delimitação definitiva de uma finitude necessária, insuperável); a situação de finitude e a falta de condições para uma antecipação da impossibilidade de superação da finitude: o levantamento da finitude como mera "**censura**", no sentido kantiano.....170

2. DA POSSIBILIDADE DE AS DIMENSÕES DA FINITUDE EXCEDEREM A FORMA NATURAL--LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO NO ÂMBITO DAS DIFERENTES MODALIDADES DA FINITUDE. A REVISÃO DA FORMA NATURAL E OS SEUS LIMITES--O "COGITO" COMO "RESÍDUO" DA FINITUDE.....177

2.1 Da **incompletude** do acesso que se tem e da irredutibilidade das suas dimensões à forma natural da finitude. Levantamento sistemático do escondimento do escondimento no âmbito da **incompletude**--a supressão do escondimento do escondimento e o "disparo" das dimensões da incompletude: a incompletude como uma incompletude imensa, esmagadora--como **abismo**.....184

2.1.1 O abismo da incompletude **nos horizontes externos**.....187

2.1.1.1 Análise preliminar da estrutura núcleo-de-incidência/horizontes--o real para lá do propriamente dado. O alheamento natural relativamente aos horizontes externos--o fenómeno do "território" do olhar. O alheamento natural e a possibilidade da sua supressão--focagens fragmentárias e focagem global dos horizontes externos.....187

2.1.1.2 Os horizontes externos e a possibilidade de haver apercepção deles sem que se manifeste nenhum abismo de incompletude. Análise e desconstrução dos fenómenos que possibilitam apercepções dessa ordem.....234

2.1.1.2.1 O fenómeno do **esbatimento dos limites da apresentação**. Análise preliminar--o esbatimento dos limites no campo de incidência. O contraste entre a marcação de limites dentro do campo de incidência e a ausência de limites do próprio campo. A especificidade do esbatimento dos limites como esbatimento dos limites **da apresentação** e a sua irredutibilidade a formas mais vulgares de defeito de atenção--o condicionamento próprio do esbatimento dos limites da apresentação, o seu enraizamento e capacidade de resistência. O esbatimento dos limites do campo de incidência e o apoio que tem na presença de um **campo de familiaridade**. A constituição do campo de familiaridade e as suas características. As modalidades de presença do campo de familiaridade--os fenómenos de presentificação, a presença permanente do campo de familiaridade em co-apresentação horizontal e o regime de determinação que lhes corresponde. O esbatimento dos limites do campo de incidência, as propriedades do regime de determinação no campo de familiaridade e a **fusão** dos dois campos na apresentação habitual. O esbatimento dos limites **do campo de familiaridade** e as suas consequências--contraste entre as perspectivas que se têm **com** e **sem** esbatimento dos limites do campo de familiaridade. Os fenómenos de **arredondamento** e de **propagação indefinida** do campo de familiaridade e o seu papel na neutraliza

ção do reconhecimento da incompletude em relação aos horizon
tes exteriores e na compatibilização desse reconhecimento com
a forma natural da finitude.....236

2.1.1.2.2 O fenómeno da **representação inautêntica de totali-
dades**. A redução do esbatimento dos limites e a persistência
de uma tese de adequação relativamente à ideia que se faz da
extensão dos campos de escondimento nos horizontes exterio-
res. A aparente elasticidade da nossa capacidade de conceber
grandes extensões--detecção do seu carácter ilusório a par-
tir da análise da representação que se tem do território por
tuguês. A perda de acuidade na apresentação de grandes dimen
sões, as representações inautênticas de totalidade e o seu
efeito de ocultação da incompletude. O fenómeno da absorção
de todas as representações de dimensões muito grandes numa
mesma perspectiva de ângulo fixo--a representação inautênti-
ca de totalidade e a neutralização do crescendo de ordens de
grandeza na apresentação dos horizontes exteriores. Papel
da representação inautêntica de totalidades como travão no
reconhecimento da incompletude e factor de protecção da for
ma natural da finitude. A inibição das representações inau-
ténticas de totalidade e o "disparo" das dimensões da incom
pletude.....292

2.1.1.2.3 A **tese espontânea de homogeneidade** a respeito dos
horizontes exteriores ao campo de familiaridade. Exploração
preliminar da sua presença. O conteúdo da tese de homogenei-
dade, o seu carácter simultaneamente aberto e fechado e a
prevalência das determinações que fixa sobre a margem de in
determinação que deixa em aberto.A génese da tese de homoge-
neidade a partir do campo de familiaridade e a estrutura com
plexa da própria tese--a multiplicidade das determinações en
volvidas na projecção de homogeneidade, suas características
e organização estratificada. A flexibilidade da tese de ho-
mogeneidade, o "núcleo duro" da tese e a sua capacidade de
resistência. Papel da tese de homogeneidade no "preenchimen-
to" dos horizontes exteriores--a tese de homogeneidade e a
plena redução da incompletude nos horizontes exteriores à di
mensão de um mero conjunto de lacunas. A natureza irrestrita
da tese de homogeneidade e a forma como constitui uma **apre-
sentação do todo**.....323

2.1.1.2.4 A tese natural de **relegação da importância** dos ho-
rizontes exteriores ao campo de familiaridade. O fenómeno da
relegação de importância e as suas raízes. A relegação de im
portância dos horizontes exteriores e a pretensão de saber
que tem implicada--a relegação como **antecipação** e a forma de
"preenchimento" dos horizontes que lhe corresponde. A natu-
reza simultaneamente aberta e fechada do conteúdo constituí
do pela tese de relegação de importância, o carácter "rare-
feito" da fixação que produz e a sua capacidade para, não
obstante, absorver em si todo o em-aberto que comporta e fa-
zer que os horizontes exteriores não apareçam como incógni-
tas. A relegação de importância como segunda modalidade de
apresentação do todo e último reduto do dispositivo natural
de "amortecimento" da incompletude em relação aos horizon-
tes exteriores. O problema da **fundamentação** da tese de homo
geneidade e da tese de relegação de importância--as duas te-
ses e o seu carácter de projecções insustentadas tornadas e-
videntes por desfocagem e falta de acuidade.....364

2.1.1.2.5 Balanço. A articulação dos diferentes fenómenos e

xaminados e a estrutura de organização de perspectiva em que se inserem. O **obscurecimento** da apresentação para lá do campo de incidência--a ambliopia, a falta de acuidade e a progressiva dissolução do grau de definição do apresentado tanto na apresentação "horizontal" quanto na apresentação temática dos horizontes externos. A dissolução da acuidade e do grau de definição do apresentado e a sua diferença relativamente a uma total ausência de apresentação e de determinação. A implantação do esbatimento dos limites, das representações inautênticas de totalidade, da tese de homogeneidade e da tese de relegação de importância como factores de determinação e conformação de perspectiva no meio **amblíope** da apresentação dos horizontes exteriores--a ambliopia como "habitat" natural e factor de preservação desses fenómenos. A colaboração e assistência mútua entre eles. A organização de sectores no campo de apresentação(núcleo e campo de incidência/campo de familiaridade/horizontes exteriores) e o sistema de anisotropias concordantes que esbatem as diferenças entre eles e nivelam todo o campo num mesmo "registo" aparente de **domínio**. O resultado do sistema de condicionamento analisado--a apresentação que se tem, mesmo quando se consideram os horizontes externos, como uma apresentação não só de algum modo **de tudo**, mas que de facto pretende já saber **o fundamental** de tudo.....401

2.1.1.3 Análise sistemática dos horizontes externos no espaço.
Os horizontes englobantes do horizonte Portugal na óptica da inibição das representações espúrias de totalidade.A recorrência de representações espúrias na perspectivação dos horizontes englobantes. Sua desconstrução. A multiplicação dos campos de latência como multiplicação de abismos--a amplitude do escondimento como amplitude correspondente a **abismos de abismos**.
Os horizontes englobados pelo horizonte Portugal(a região,a cidade,o bairro,o quarteirão,o prédio)na óptica da inibição das representações espúrias de totalidade--a amplitude inabarcável dos campos de escondimento correspondentes à região, à cidade,ao bairro,ao quarteirão,ao prédio. A remultiplicação do abismo de incompletude a partir dos horizontes menos extensos.
Condições para uma apercepção não distorcida das dimensões da incompletude do ponto de vista relativamente à realidada no espaço. Sinopse: o **abismo de abismos da incompletude** relativamente à realidade no espaço.....432

2.1.1.4 A incompletude no horizonte do **tempo**. Análise preliminar do horizonte temporal--núcleo de incidência e horizontes no âmbito do tempo.....458

2.1.1.5 O horizonte do **passado**. Análise preliminar do seu carácter de realidade. O esquecimento do passado no quotidiano e as possibilidades da sua supressão. Diferentes modalidades de notificação do passado livres de qualquer manifestação de escondimento. Análise e desconstrução dos condicionamentos que as possibilitam. As representações inautênticas de totalidade e a compreensão do horizonte do passado--exposição do carácter inautêntico das representações de grandes extensões de passado relativamente à própria multiplicidade temporal e relativamente à multiplicidade dos campos de realidade que "ocuparam"esse tempo. O passado como **abismo** e **abismo de abismos**.....460

2.1.1.6 Análise sistemática dos horizontes do passado.Os horizontes mais próximos e de mais pequena dimensão na óptica da supressão do esbatimento dos limites e das representações espúrias de totalidade--os últimos 1000,500,100,50,20,10,5 anos,o último ano,os últimos 4 meses,o último mês,os últimos 15 dias,o último dia,as últimas horas,a última hora,a última meia-hora,os últimos 5 minutos:apuramento do carácter inabarcável, abissal do escondimento correspondente a todos estes horizontes. Condições para uma apercepção não distorcida do campo de latência correspondente ao passado. O **abismo de abismos de abismos** do passado inacessível.....472

2.1.1.7 O abismo de escondimento do **futuro**.Discussão preliminar da sua natureza peculiar como domínio de realidade. Desconstrução dos fenómenos que ocultam o escondimento que reina a seu respeito.A antecipação do futuro--análise da sua estrutura. O carácter escondido do futuro antecipado na perspectiva da destruição de todas as representações espúrias de totalidade. Condições para uma apercepção não distorcida do campo de realidade correspondente ao futuro. A fragilidade da antecipação natural do futuro e a peculiaridade do seu modo de escondimento: o futuro como " ὄπισθεν ".....491

2.1.1.8 Sinopse: o abismo de escondimento do horizonte temporal; o abismo de escondimento do horizonte espácio-temporal.....524

2.1.1.9 Conclusão : O modelo da sucessão das formas da finitude e a sua verificação no levantamento dos horizontes externos.A forma da finitude correspondente à incompletude do acompanhamento dos horizontes externos. A aparente impossibilidade de um maior alastramento da incompletude--o campo de realidade sobre que de cada vez o olhar incide como resíduo absoluto da incompletude.....531

2.1.2 O domínio de realidade correspondente ao **campo de incidência** e a aparente impossibilidade de uma incompletude mais que lacunar da sua apresentação. Verificação sistemática das dimensões da incompletude possível neste domínio--análise da incompletude da apresentação da realidade presente **na própria sala em que se escreve**.....551

2.1.2.1 O escondimento do **interior** dos corpos opacos.O esbatimento dos limites,a representação inautêntica de totalidades e o escondimento dos **interiores**. Levantamento sistemático dos campos de latência correspondentes a esta forma de escondimento presentes no âmbito da sala. Detecção e inibição de diferentes fenómenos que dificultam a apercepção da imensa multiplicidade de realidades que se incluem nesses campos.....560

2.1.2.2. O escondimento no domínio das próprias **superfícies vistas**. A apresentação à distância como factor de escondimento. O carácter meramente "horizontal" da apresentação da maior parte das superfícies e as insuficiências decorrentes de a apresentação da maior parte das superfícies ser sempre só desta ordem. O fenómeno da "simplificação"no próprio foco de incidência e a imensa amplitude do conjunto de realidades não acompanhadas na apresentação das superfícies.....594

2.1.2.3 O escondimento no domínio do **espaço livre** que há dentro da sala. A apresentação do espaço como **vazio** e o saber do espaço como **ocupado**. O escondimento das realidades presentes no espaço livre e a sua insuperabilidade. O espaço livre como

domínio de uma inabrangível multiplicidade de realidades latentes.....622

2.1.2.4 Avaliação preliminar das modificações introduzidas pelas análises anteriores--o inabrangível campo de latência detectado e a possibilidade de detecção de uma incompletude ainda maior.A sala **inerte** e a imensa multiplicidade de **acontecimentos**,de **transformações** que nela ocorre.Análise de diversos horizontes de **acontecimentos** fora de acesso no campo da sala....630

2.1.2.5 A sala vista e a sala "submersa"--o "perante mim" inacessível e a sua amplitude. O carácter meramente incipiente das análises efectuadas e a possibilidade de uma continuação do levantamento da incompletude. Suficiência das análises realizadas para o apuramento da questão da forma da finitude.....647

2.1.2.6 Conclusão da análise da incompletude no próprio âmbito de incidência. A possibilidade de um escondimento do mais próximo,daquilo que não está afastado nem no espaço nem no tempo. A relatividade das dimensões espaciais da sala apresentada e o abismo das dimensões reais da sala. A relatividade das dimensões temporais da sala apresentada e o abismo das dimensões reais da sala no tempo. O abismo dos horizontes externos e o abismo do âmbito de incidência.....662

2.1.2.7 Observações sobre as modificações introduzidas pela detecção da incompletude da apresentação do próprio foco de incidência: 1) o esbatimento dos limites, as representações espúrias de totalidade, a tese de homogeneidade e a tese de relegação de importância como fenómenos não-regionais, afectando a apresentação em cada um dos seus momentos; 2) a anisotropia dos níveis de exigência no acompanhamento da apresentação e a estrutura do "território" do olhar no próprio campo de incidência; 3) o agravamento da crise de autocompreensão do ponto de vista na verificação do abismo de incompletude que tem lugar no próprio foco de incidência; 4) a incompletude e a "**desarticulação**" da realidade na sua apresentação; 5) o abismo do campo de escondimento nos horizontes externos e a sua re-multiplicação a partir do abismo de incompletude no próprio foco de incidência.....698

2.1.3.1 A incompletude da apresentação e a descrição platónica da situação do nosso ponto de vista na **alegoria da caverna**--a apresentação que temos e o domínio do " ΟΠΙΣΘΕΝ ΗΜΩΝ". O apuramento da incompletude como verificação da descrição platónica.....734

2.1.3.2 Balanço de todo o levantamento realizado sobre a **incompletude**--as alterações da **forma da finitude** no âmbito da primeira modalidade. A fragilidade da determinação da incompletude e a possibilidade de fixação de um resultado. A subversão da forma no âmbito da incompletude e o seu limite--a impossibilidade de um escondimento total no quadro da primeira modalidade de finitude.....755

2.2 Da **FINITUDE DE ERRO** e da **FINITUDE MODAL** do acesso que se tem e da irredutibilidade das respectivas dimensões à forma natural da finitude. Levantamento sistemático do escondimento do escondimento no âmbito da **FINITUDE DE ERRO** e da **FINITUDE MODAL** --a supressão do escondimento do escondimento e o "disparo" das

dimensões do cabimento de erro e da incerteza : a possibilidade de erro e a incerteza como abismos que desarticulam completamente a óptica natural.....766

2.2.1 A possibilidade de um alastramento do escondimento nas outras modalidades além da incompletude--averiguação preliminar. Os casos da **finitude de erro** e da **finitude modal**. Possibilidade e sentido de uma **averiguação conjunta** do problema da **forma da finitude** no âmbito destas duas modalidades.....767

2.2.2 O carácter restritivo do reconhecimento da possibilidade de erro e de incerteza na perspectiva natural e as formas aparentes de reconhecimento menos restritivo--exposição do carácter **abstracto**, **inautêntico** dessas formas. A imprescindibilidade de um levantamento **concreto** das teses que conformam o nosso ponto de vista e de uma verificação do modo como essas diferentes teses estão ou não sujeitas à possibilidade de finitude de erro e à finitude modal. Dificuldades que obstam a um tal levantamento. Focagem preliminar do dispositivo específico de **escondimento do escondimento** (de obstrução do pleno reconhecimento da finitude) nos casos da finitude de erro e da finitude modal.....772

2.2.2.1 Análise do dispositivo de ocultação do cabimento de erro e da finitude modal. Primeiro elemento desse dispositivo : o carácter muito incompleto da nossa perspectivação de **possibilidades**-- a sistemática **elisão de possibilidades** que naturalmente reina no nosso ponto de vista. A sistemática **elisão de possibilidades alternativas às teses que temos sustentadas**. Sua falta de fundamento. O ilegítimo fechamento do campo de possibilidades consideradas e o seu papel na ocultação do cabimento de erro e da finitude modal.....783

2.2.2.2 Continuação da análise do dispositivo de ocultação do cabimento de erro e da finitude modal : o fenómeno da **transgressão modal**. O sistemático domínio da transgressão modal no nosso ponto de vista e o seu papel na ocultação do cabimento de erro e da finitude modal.
Articulação entre o papel da elisão de possibilidades e o papel da transgressão modal na ocultação do cabimento da finitude de erro e da finitude modal. A radical modificação de perspectiva que se produz ao proceder-se à redução destes fenómenos.....804

2.2.2.3 A tarefa de uma sistemática redução, neutralização da elisão de possibilidades e da transgressão modal e as dificuldades que a entravam.
O carácter estratificado do complexo de teses que conformam o nosso ponto de vista--níveis menos profundos e níveis mais profundos: o plano das teses singulares,específicas, e o plano das teses abrangentes, universalmente envolvidas em horizontes inteiros do campo de apresentação. A relutância em aceitar a possibilidade de erro e de incerteza relativamente aos niveis mais profundos e a tendência para a concepção do alargamento da finitude de erro e da finitude modal como um alargamento avulso, foco por foco. O carácter condicionado dessa perspectiva e a possibilidade de paralaxes afectando o próprio regime de apresentação que se tem--sentido e cabimento de **paralaxes de plano**.....832

2.2.3 Natureza restrita do apuramento a realizar--o abandono da verificação da falibilidade das teses singulares e a concentração no problema fundamental sobre o cabimento ou não de pa-

ralaxes do próprio plano de apresentação em que se está, de erros radicais que ponham em causa todo o reconhecimento que se tem feito da realidade.....861

2.2.4 Exame preliminar da possibilidade de erro de plano--as análises anteriormente feitas sobre a incompletude e a sua repercussão num alargamento da margem de cabimento de erro e de incerteza. Os diversos níveis do alargamento assim produzido. O apuramento da incompletude e a manifestação da possibilidade de paralaxes do próprio plano, do próprio regime da apresentação que se tem constituída.....866

2.2.5 Continuação da análise da possibilidade de uma paralaxe do próprio regime de apresentação: a diferença entre erros de distribuição e erros de plano. Correspondência dos erros normalmente admitidos à figura do erro de distribuição.A possibilidade de erros de plano e a noção de "qualidade secundária". Sentido e implicações da destituição de determinações como meras qualidades secundárias.....927

2.2.5.1 Exploração da possibilidade de determinações fundamentais do regime natural de apresentação terem o carácter de meras qualidades secundárias. O carácter eventualmente secundário das cores e das demais "qualidades sensíveis". O carácter eventualmente secundário de outras determinações fundamentais da apresentação natural: a possibilidade do carácter secundário da identidade diacrónica, a possibilidade do carácter secundário das realidades "estáticas" e isoladas, a possibilidade do carácter secundário da conexão causal, a possibilidade do carácter secundário da organização do apresentado em complexos de determinações com identidades fundamentais que a eles presidem, a possibilidade do carácter secundário do espaço, a possibilidade do carácter secundário do tempo, a possibilidade do carácter secundário da própria organização categorial da apresentação e da perspectiva que tem do singular...944

2.2.5.2 O carácter secundário das determinações analisadas e a persistência inexplícita de um núcleo de determinação valendo como qualidade primária: a determinação "existência independente" e o seu papel decisivo como referência fundamental de toda a apresentação.Diversas facetas da fragilidade da tese sobre a existência independente--a absoluta irredutibilidade da possibilidade de erro a que está exposta.O carácter eventualmente secundário das qualidades fundamentais e a possibilidade de a apresentação em que se está ser uma apresentação fechada, sem correspondente--como um sonho. Diferença entre o sonho correspondente ao carácter secundário das "qualidades" e a noção habitual de sonho--a possibilidade de a apresentação ser radicalmente como um sonho e o seu sentido.....1046

2.2.5.3 Balanço do apuramento efectuado: os diferentes aspectos de finitude de plano considerados e a sucessão de "catástrofes",de alterações da forma da finitude, que representam. A possibilidade de ainda outros momentos de paralaxe radical da nossa perspectiva. A presença de perspectivas de orientação prática na apresentação e o complexo de teses que lhe corresponde.Reconhecimento preliminar desta peculiar forma de determinação e da possibilidade de erro que comporta. Carácter não-regional do complexo de orientação prática --a definição prática como componente omnipresente, indissociável, da fixação de todas as realidades apresentadas. Carácter estratificado do sistema de determinações práticas--exploração preliminar das suas diferenças de nível: o complexo de teses de o-

rientação e a sua "profundidade". A possibilidade de erros de plano no âmbito das teses de orientação prática.....1075

2.2.5.4 Continuação do reconhecimento do complexo de orientação prática. A multiplicidade das componentes de orientação prática envolvidas em cada situação--as competências práticas de maneio dos objectos (e os seus correlatos objectivos) e as teses de orientação sobre o rumo de actuação, o sentido da ocupação a que se está entregue (e os seus correlatos objectivos. Articulação entre estes dois tipos de componentes--carácter instrumental dos primeiros relativamente aos segundos: a orientação "de rumo" como momento fundamental, "profundidade" da orientação correspondente às competências de maneio.O carácter estratificado da própria orientação de rumo--análise a partir da situação de redacção da tese. Os níveis mais profundos da orientação de rumo e a dificuldade da sua identificação.....1114

2.2.5.5 Exploração dos níveis mais profundos da orientação de rumo--identificação de algumas teses fundamentais e evidenciação da forma como estão expostas ao cabimento de erro. a tese natural de adesão à vida, seu papel, sua falibilidade. A tese de orientação por um princípio de conveniência, seu papel, sua falibilidade. A tese natural de delimitação temporal do campo prático, seu papel, sua falibilidade. A hipótese cristã e as possibilidaders de erro de plano que revela. As teses de fixação do sentido e a sua radical falibilidade. Balanço--o complexo de orientação prática e de fixação do sentido e a sua total exposição ao cabimento de erros radicais.....1129

2.2.5.6 Articulação entre os dois complexos (complexo de fixação de consistência e complexo de orientação prática sc.de identificação do sentido) e os dois planos de cabimento de erros de plano.O carácter não-acessório do complexo de orientação e da paralaxe radical a que está exposto. A multiplicidade de momentos de fixação global de determinação e a possibilidade de haver ainda outros núcleos ainda indetectados--carácter incompleto, aberto, do levantamento realizado.....1213

2.2.6 Conclusão : a alteração da forma da finitude no quadro da finitude de erro e a sua possibilidade--o carácter não dado da maior parte das determinações (mesmo das determinações fundamentais) do nosso ponto de vista, o carácter decisório da fixação da realidade apresentada. O núcleo do dado e a sua total neutralidade relativamente à fixação da natureza da realidade e daquilo que aparece. As dificuldades que obstam à plena capacitação da possibilidade de erro. Seu profundo enraizamento. A tendência para a minimização dos erros de plano. A minimização "pragmática"--análise dos principais equívocos em que labora. A possibilidade de erro a que está exposto o nosso ponto de vista e a esmagadora invasão de escondimento que corresponde a percebê-la.....1226

2.2.7 A alteração da forma da finitude no âmbito da finitude de erro e a alteração da forma da finitude no plano modal. O levantamento feito e a sua repercussão numa radical redescoberta da incerteza--o alastramento da incerteza a todos os sectores do campo de apresentação e a emergência da incerteza radical, de plano. As dificuldades que obstam à plena capacitação da incerteza. Seu profundo enraizamento. A tendência para a minimização da restrição modal--análise dos equívocos em que labora. A focagem da situação modal e a inversão da relação de forças certo/incerto--o campo de apresentação como quase total em-aberto, ainda radicalmente a decidir. O labirinto das possi

bilidades indecididas e o abismo da incerteza.....1254

2.2.8 Carácter limitado da expansão do escondimento na finitude de erro e na finitude modal. A impossibilidade de erro e de incerteza totais--a facticidade, o dado absoluto da apresentação e o "cogito" como limite intransponivel da finitude de erro e da finitude modal.

Depuração de diversos equivocos que tendem a perturbar o reconhecimento deste limite e a identificação do cogito como residuo de resistência ao escondimento de erro e de incerteza:

A compreensão do cogito segundo o modelo da "composição" da nossa perspectiva a partir da conjugação de um núcleo de dado e de um conjunto de teses a ele apostas.A não vinculação do cogito a este modelo e a sua neutralidade relativamente a ele--a insuficiência da compreensão do cogito nestes moldes. A facticidade absoluta do próprio dado da apresentação e a ambiguidade da sua presença e da forma como constitui um núcleo de resistência à totalização de erro e de incerteza. O equívoco de se considerar o cogito como uma parte sempre já adequada e sempre já certa da apresentação, que se opõe a que esta possa ser completamente errada ou incerta.A presença permanente do facto da apresentação e a sistemática não-redução a esse facto. A possibilidade de o próprio reconhecimento do facto da apresentação estar inadvertidamente dominado por teses expostas a erro. O núcleo de apodicticidade correspondente ao cogito e a sua posição como terminus ad quem de uma redução ao puro facto da apresentação, normalmente ainda nunca realizada e de que a perspectiva habitual (e qualquer perspectiva) está ainda muito longe. O sentido peculiar da redução ao cogito--o carácter não-subtractivo dessa redução. A diferença entre a apresentação normal e a apresentação na forma do cogito--o abismo de diferença entre a apresentação em adesão ao que apresenta e a neutralidade do puro facto da apresentação. O cogito como resíduo integral e simultaneamente como apresentação mínima.....1274

2.3 Da FINITUDE DE COMPREENSÃO que afecta o acesso que se tem e da irredutibilidade das suas dimensões à forma natural da finitude. Levantamento sistemático do escondimento do escondimento no âmbito da FINITUDE DE COMPREENSÃO--a supressão do escondimento do escondimento e o "disparo" das dimensões da finitude de compreensão.

A possibilidade de expansão do campo de escondimento no caso da finitude de compreensão. A habitual escassez de focos de dificuldade compreensiva e a sua conexão com o encerramento da perspectiva no "território", no domínio de familiaridade.A multiplicação de focos de dificuldade compreensiva nos horizontes externos--o carácter circunscrito da esfera de eficácia compreensiva, o avolumar da ineficácia fora do sistema de conteúdos familiares a que o nosso ponto de vista está afeito. A supressão do alheamento em relação aos horizontes externos e a alteração da relação de forças entre a eficácia e a ineficácia compreensivas. A possibilidade da multiplicação de focos de ineficácia compreensiva no próprio âmbito do território--a ineficácia compreensiva que se manifesta ao tentar esclarecer os fenómenos mais triviais, familiares. A invasão de ineficácia compreensiva no próprio domínio do território e os seus limites: os núcleos de compreensão sempre já constituídos e o seu papel como redutos estanques a essa disseminação da fallha de compreensão. A possibilidade de ser só aparente a eficácia compreensiva desses núcleos e a tarefa de uma sistemática verificação

da respectiva solidez. Dispensabilidade dessa tarefa para a averiguação do cabimento de uma finitude absoluta no quadro da finitude de compreensão : a impossibilidade de uma totalização da incompreensibilidade--o cogito como foco de resistência onde a possibilidade de incompreensão se acha excluída.....1297

2.4 Conclusão. O resultado do apuramento efectuado: a possibilidade de uma resposta ao quesito fundamental sobre a admissibilidade ou inadmissibilidade de uma finitude absoluta--o "cogito" como resíduo de não-escondimento nas quatro modalidades de finitude e a sua qualidade de único domínio de coincidência entre um acesso inanulável, uma inquestionável adequação, uma total certeza e uma irrestrita evidência compreensiva. A identificação do cogito e a margem de dificuldades que deixa subsistir. O carácter simultaneamente determinado e indeterminado da fixação do cogito--a integral identificação e inibição das teses em que se está embarcado como requisito da efectiva passagem ao cogito e os obstáculos que a entravam: a resistência à identificação e inibição de teses e a extraordinária tensão que é necessária para a vencer (para alcançar e para manter o cogito). O cogito como incógnita, totalmente diferente de um adquirido estável, que nem sequer se pode garantir que alguma vez esteja efectivamente alcançado--a paradoxal incerteza do cogito. As dificuldades na identificação do cogito e a firmeza da sua fixação como intransponível reduto de não-escondimento. A possibilidade do estabelecimento de um resultado da investigação, dando resposta aos seus principais quesitos e excluindo o cabimento da finitude absoluta.....1334

3. REVISÃO DA ANÁLISE SISTEMÁTICA DAS MODALIDADES--A FINITUDE DE COMPREENSAO E A POSSIBILIDADE DE UMA IMPERFEIÇÃO INTERNA DA APRESENTAÇÃO, CONSTITUINDO UM ESCONDIMENTO SEM RESÍDUO. O FENÓMENO DA PSEUDO-COMPREENSÃO E A POSSIBILIDADE DE UMA FINITUDE ABSOLUTA DO NOSSO PONTO DE VISTA.....1352

3.1.1 Carácter provisório do apuramento realizado. Possibilidade e necessidade da sua revisão. O âmbito restrito da revisão a realizar--a total insuficiência das análises feitas a respeito da finitude de compreensão. Indispensabilidade de um outro apuramento do problema da forma da finitude no âmbito da quarta modalidade.....1353

3.1.2 Primeiro aspecto em que tem de ser revisto o apuramento efectuado--o cabimento de finitude de compreensão na esfera do cogito, a incapacidade do cogito para constituir um domínio totalmente impermeável à finitude de compreensão. A efectiva redução à esfera do cogito e as suas consequências no plano da compreensão : o obscurecimento radical da compreensibilidade no cogito--a esfera de total apodicticidade como esfera de total perplexidade, incompreensão.....1358

3.1.3 Segundo aspecto em que tem de ser revisto o apuramento efectuado--a possibilidade de um alastramento e "totalização" da finitude de não-compreensão no próprio quadro da apresentação natural, sem redução ao **cogito**, sem qualquer alteração na adopção de teses. Análises preliminares--as objecções formais à possibilidade de uma apresentação a que integralmente escape o seu próprio tido. As objecções formais a esta possibilidade e a respectiva conexão com as objecções que também se podem levantar à possibilidade da própria finitude de compreensão. A insuficiência da fixação inicial da quarta modalidade e a necessidade de a estabelecer por forma que dê conta de tais objecções.....1376

3.1.3.1 Discussão das objecções formais contra a possibilidade da finitude de compreensão e de uma apresentação a que integralmente escape o seu próprio tido. O facto da ocorrência de **perguntas** e a sua conexão com isso que as objecções formais pretendem excluir. Análise do fenómeno da pergunta. Diversos momentos constitutivos do fenómeno da pergunta. A especificidade da **apresentação interrogativa** e o seu papel como **núcleo** do fenómeno. A peculiaridade da apresentação interrogativa como **detenção** e **não-detenção** do perguntado--o simultâneo **ter** e **não--ter** do **mesmo** como incontornável, irredutível constituinte de toda a pergunta. Análise das características deste simultâneo **ter/não-ter**. O problema da determinação da apresentação interrogativa e a autonomia do **ter/não-ter** como forma própria de detenção e de fixação de determinação, não dependente de apresentações livres da restrição que a afecta. Particularidades do ponto de vista que inclui em si esse ter/não-ter próprio das apresentações interrogativas.....1382

3.1.3.2 A evidenciação do **ter/não-ter** interrogativo na obra de Platão:a apresentação interrogativa como irredutível "μεταξύ σοφίας καὶ ἀμαθίας". A identificação platónica do problema da apresentação interrogativa no Ménon e no Banquete. O papel decisivo e o sentido peculiar da noção de "METAΞY" na exposição de Diotima. O modelo da realidade "μεταξύ" e a sua verificação no fenómeno da pergunta.....1433

3.1.4 O facto do "μεταξύ", da detenção intermédia, e o seu significado : a possibilidade de um ponto de vista integralmente "μεταξύ"--lúcido, mas não mostrando senão o próprio escondimento, inteiramente dominado por este. O carácter circunscrito das apresentações intermédias no nosso ponto de vista e a possibilidade de ser só aparente, não corresponder à situação em que de facto se está.....1498

3.2 Exploração da possibilidade de o âmbito circunscrito das apresentações intermédias normalmente presentes no nosso ponto de vista não corresponder à situação em que se está. A inconstância das fronteiras entre as apresentações "plenas" e as apresentações intermédias--os casos de convertibilidade de umas nas outras. O fenómeno do **colapso** de compreensões na aparência inteiramente óbvias cujo conteúdo se revela obscuro, incompreensível--a possibilidade de uma pelo menos esporádica **fragilidade** das compreensões presentes no nosso ponto de vista. A possibilidade de essa fragilidade não ser apenas esporádica e afectar não só o próprio "território", mas também as mais triviais e as mais determinantes compreensões da apresentação normal, perturbando-a globalmente. Exame de diferentes compreensões triviais constantemente envolvidas na apresentação normal, com um papel decisivo nela, e que mani-

festam este tipo de fragilidade--o ponto de vista natural e a sua exposição a uma "derrocada" compreensiva.....1508

3.2.1 A compreensão natural o outro, sua presença permanente e seu papel no campo de apresentação habitualmente constituído. A evidência natural da compreensão o outro e a sua fragilidade: focagem da determinação fixada na compreensão o outro--seu carácter obscuro, sua total incompreensibilidade. A incompreensibilidade da determinação o outro e a sua repercussão em todo o campo de apresentação.....1518

3.2.2 A compreensão natural do surgimento, sua presença permanente e seu papel no campo de apresentação habitualmente constituído. A evidência natural da compreensão do surgimento e a sua fragilidade : focagem da determinação fixada na compreensão do surgimento--seu carácter obscuro, sua total incompreensibilidade. A incompreensibilidade da determinação surgimento e a sua repercussão em todo o campo de apresentação.....1560

3.2.3 A compreensão natural da identidade diacrônica, sua presença permanente e seu papel no campo de apresentação habitualmente constituído. A evidência natural da identidade diacrônica e a sua fragilidade: focagem da determinação fixada na compreensão da identidade diacrônica--seu carácter obscuro, sua total incompreensibilidade. A incompreensibilidade da identidade diacrônica e a sua repercussão em todo o campo de apresentação.....1575

3.2.4 A compreensão natural da simultaneidade, sua presença permanente e seu papel no campo de apresentação habitualmente constituído.A evidência natural da simultaneidade e a sua fragilidade : focagem da determinação fixada na compreensão da simultaneidade--seu carácter obscuro, sua total incompreensibilidade. A incompreensibilidade da simultaneidade e a sua repercussão em todo o campo de apresentação.....1587

3.2.5 A compreensão natural da unidade de qualidades diferentes (dos complexos de determinações), sua presença permanente e seu papel no campo de apresentação habitualmente constituído. A evidência natural da unidade de qualidades e a sua fragilidade : focagem da determinação fixada na compreensão da unidade de qualidades--seu carácter obscuro, sua total incompreensibilidade. A incompreensibilidade da unidade de qualidades e a sua repercussão em todo o campo de apresentação.....1596

3.2.6 A compreensão natural da existência independente, sua presença permanente e seu papel no campo de apresentação habitualmente constituído. A evidência natural da compreensão existência independente e a sua fragilidade: focagem da determinação fixada na noção existência independente--seu carácter obscuro, sua total incompreensibilidade. A incompreensibilidade da existência independente e a sua repercussão em todo o campo de apresentação.....1605

3.2.7 A compreensão natural do acesso em que se está, sua presença permanente e seu papel no campo de apreentação habitualmente constituído. A evidência natural da compreensão do acesso e a sua fragilidade : focagem da determinação fixada na compreensão do acesso--seu carácter obscuro, sua total incompreensibilidade. A incompreensibilidade do acesso e a sua repercussão em todo o campo de apresentação.....1612

3.3 A fragilidade das compreensões naturais examinadas em 3.2 e o fenômeno de pseudo-compreensão--de compreensão meramente aparente--que lhe corresponde. Composição e estrutura do fenômeno da pseudo-compreensão. Seu significado para o problema da forma da finitude no âmbito da quarta modalidade.....1630

3.3.1 A compreensão aparente como terceira possibilidade além da apresentação "plena" e da apresentação intermédia do tipo interrogativo. Sua especificidade como forma própria de apresentação. A compreensão aparente como acompanhamento desfocado de apresentações intermédias na verdade correspondentes a apresentações meramente interrogativas. As duas modalidades da apresentação intermédia : a apresentação interrogativa e a detenção desfocada, neutralizada, da apresentação interrogativa na pseudo-compreensão. Reconhecimento preliminar dos diferentes momentos constitutivos a analisar no fenômeno:1) a fixação intermédia de determinação, 2) a desfocagem que faz perder de vista o carácter meramente intermédio de tal fixação e 3)a constituição de uma evidência de acesso pleno no seio dessa desfocagem.....1631

3.3.2 O carácter intermédio da fixação de determinação nas pseudo-compreensões. A relutância natural em reconhecê-lo e os seus motivos. A falta de fundamento desta relutância. A absoluta irredutibilidade dos fenômenos de pseudo-compreensão a complexos de momentos separados de apresentação plena e de falta de apresentação--o carácter integralmente transcendente da determinação fixada nas pseudo-compreensões e a identidade que nelas há entre o fixado e o em-falta. A natureza exclusivamente intermédia da fixação de determinação nas pseudo-compreensões e a sua função como núcleo de todo o fenômeno--dependência e subsidiaridade dos outros momentos constitutivos relativamente a este: a desfocagem e a constituição de evidência nela como transformações da apresentação intermédia.....1645

3.3.3 O carácter desfocado das pseudo-compreensões e os fenômenos de desfocagem que se registam no nosso ponto de vista. Natureza e possibilidade do fenômeno da desfocagem ou acompanhamento alheado das apresentações disponíveis. Carácter específico desta forma de restrição por defeito de incidência. Análise sistemática das múltiplas modalidades de defeito de incidência ou detenção desfocada.....1653

3.3.3.1 Aproximação ao tipo de desfocagem em jogo nos fenômenos de pseudo-compreensão. A tendência para o alheamento na perspectivação de determinações estranhas à apresentação natural. O fenômeno da subrepção de fórmula e do alheamento relativamente à própria realidade apresentada. Suas características como forma de radical desfocagem que pode ocorrer mesmo quando parece não haver espaço para qualquer defeito de incidência. Os fenômenos descritos e analisados por Kierkegaard sob as designações de "compreensão poética" e de "compreensão na possibilidade".....1655

3.3.3.2 A ocorrência deste tipo de desfocagem fora do caso particular das determinações estranhas à apresentação natural --a subrepção de fórmula, a "compreensão na possibilidade"e a sua interferência no acompanhamento de determinações perfeitamente triviais.....1705

3.3.3.3 As modalidades de desfocagem analisadas e a sua inserção no conjunto dos defeitos de incidência a que está sujeito o nosso ponto de vista. Exploração global das diferentes possibilidades do defeito de incidência sc. desfocagem. O fenómeno da desfocagem e a estrutura atenção/inatenção. A complexidade dos defeitos de incidência e a sua irredutibilidade à polaridade atenção/inatenção. A "escala" dos defeitos de incidência: o horizonte da detenção inatenta e o foco atencional; a desfocagem no foco atencional--a apresentação confusa no seu seio; a focagem do confuso (as apresentações "distintas") e a persistência de desfocagem no seu próprio âmbito: o fenómeno da subrepção de fórmula e do alheamento relativamente à própria realidade apresentada. A "escala" dos defeitos de incidência e o fenómeno da sua acumulação : o carácter multiplamente desfocado das apresentações naturais. O complexo de desfocagem e a sua desproporção relativamente à nossa capacidade de focagem--o "afunilamento" desta e a extrema dificuldade da redução dos defeitos de incidência.....1716

3.3.3.4 Os defeitos de incidência (as diversas modalidades de desfocagem) e o seu papel como factores de escondimento do escondimento em todas as modalidades de finitude--a interferência dos fenómenos de desfocagem no escondimento da incompletude, da possibilidade de erro, da finitude modal e da finitude de compreensão. Evidenciação de todo o percurso efectuado como percurso de sistemática redução da desfocagem. O caso específico da finitude de compreensão: a multiplicidade dos defeitos de incidência, a sua sobreposição e o papel que cada um (e a acumulação) deles desempenha na possibilitação dos fenómenos de pseudo-compreensão.....1743

3.3.4 A constituição de uma evidência de acesso pleno no seio da fixação intermédia desfocada--o carácter evidente das pseudo-compreensões.A natureza peculiar desta evidência e a sua diferença relativamente ao sentido da noção de evidência na compreensão natural. Especificidade da evidência sustentada pelo defeito de incidência (só sustentável nela)--da evidência fruto de distracção. A extrema fragilidade e simultaneamente o profundo arreigamento deste tipo de evidência. A relação entre a evidência-fruto-de-distracção nas pseudo-compreensões e a evidência-fruto-de-distracção nas outras modalidades--a ambiguidade do fenómeno da evidência e a necessidade de uma revisão geral da compreensão natural deste fenómeno. O problema fundamental da constituição de uma determinação absolutamente evidente no quadro de uma fixação intermédia desfocada : a falta de acuidade e exigência e o seu papel decisivo como factor constitutivo da determinação evidente nas pseudo-compreensões..1752

3.3.5 Recapitulação. A análise feita da possibilidade e estrutura dos fenómenos de pseudo-compreensão e a finitude de compreensão a que também ela está sujeita. A precaridade da elucidação levada a efeito e o seu sentido.....1775

3.3.6 A pseudo-compreensão e a peculiar modalidade de retenção que nela está em jogo. A apresentação intermédia da pseudo-compreensão e a apresentação intermédia da interrogação--confronto das duas modalidades de apresentação intermédia e da forma de retenção em que se acham presas. A dupla retenção da compreensão aparente.O carácter interno da retenção em causa nela e a peculiaridade da pseudo-compreensão como forma extrema de neutralização de uma notícia tida e de falta de determinação na não-ausência dela.....1781

3.3.7 Balanço do levantamento realizado--o fenómeno da pseudo-compreensão e as possibilidades que abre para a revisão da forma da finitude. O cabimento de uma totalização do escondimento no caso da finitude de compreensão--a possibilidade irredutivel de todas as compreensões naturais terem o carácter de pseudo-compreensões, a possibilidade irredutivel de o nosso ponto de vista estar integralmente "minado" por finitude de compreensão.....1800

Notas e Bibliografia.....vol.III

1. A EXPERIÊNCIA NATURAL E O SEU SIMULTÂNEO CONHECIMENTO E DESCONHECIMENTO DA FINITUDE. SENTIDO E ALCANCE DE UM LEVANTAMENTO DA FINITUDE. A FORMA NATURAL DA FINITUDE E O SEU PROBLEMA.

1.1.1 O reconhecimento espontâneo da finitude--análise do seu sentido.A estrutura da evidência permanente da finitude. O reconhecimento espontâneo como reconhecimento inautêntico, vazio. A compreensão global da finitude e as diversas situações da sua experiência concreta: respectiva diferença e articulação.A insuficiência de ambas--a falta de uma delimitação precisa daquilo em que consiste a finitude:a situação natural,não obstante o reconhecimento que dela faz,como uma situação de desconhecimento da finitude.A tarefa de um levantamento que a demarque.

Ao falar-se da finitude do ponto de vista em que se está, percebe-se logo de algum modo a que é que se alude.

Dispõe-se de uma compreensão relativamente clara do que isso seja. Encontra-se e usa-se a noção (lê-se, ouve-se, recorre-se a e la) sabendo muito bem o que ela quer dizer e sem que com isso se levante alguma dificuldade.

A finitude do ponto de vista que é o nosso--que ele é finito e o que isso significa--não constitui novidade para ninguém. É, pelo contrário, algo familiar, sobejamente conhecido.

Se algumas coisas há que não são inteiramente claras, não permitindo que se seja categórico a seu respeito, decididamente não se conta entre elas este aspecto do modo como somos. Não, a finitu

de é algo óbvio, que se sabe.

À vista deste carácter tão notório e sendo ela assim um ponto inteiramente assente, a situação em que nos achamos, quando se propõe uma averiguação da finitude, é de facto a de não se vislumbrar exactamente que questão tem de ser indagada, que procura pode ainda ser precisa a seu respeito.

Por isso, o primeiro ponto que, ao constituir-se, uma averiguação da finitude tem de pôr a claro é a própria falta que se destina a colmatar, a insuficiência da perspectiva que à partida, e antes de qualquer averiguação, já se tem sobre o seu objecto: a insuficiência que lhe dá lugar, a faz precisa e a justifica.

Só se a noção que naturalmente sempre já se tem e o modo como a finitude naturalmente sempre já está detectada na verdade a deixa ainda de alguma forma por ver bem, só se essa detecção envolve apesar de tudo um não-acompanhamento, em virtude do qual a finitude fica de alguma maneira ainda por descobrir: só nessas condições tem cabimento, faz sentido uma investigação sobre a finitude.

Em conformidade, há que verificar, antes do mais, a própria situação de evidência, de compreensão e certeza da finitude, em que sempre já se está, apurar que perspectiva efectivamente se tem nela, que acompanhamento ou não-acompanhamento de facto proporciona --ou seja, se e o que é que deixa sem ser conhecido (e a ter de ser ainda apurado) da finitude a que estamos sujeitos.

Dessa verificação depende desencadear-se ou não e, em caso afirmativo, o sentido em que se desencadeia e tem de se desenvolver um apuramento da finitude do nosso ponto de vista.

*

Considerando, neste sentido, o conhecimento tão claro que sempre já se tem a respeito da finitude e procurando estabelecer aqui

lo que com ele na verdade se apresenta, aparecem como elementos fundamentais diversas situações por que o nosso ponto de vista de cada vez já passou e em que a sua finitude se lhe deu a experimentar.

Independentemente de se constituir ou não de forma explícita um conceito de finitude enquanto tal, fazem com efeito parte do modo como temos acesso a nós próprios e ao mundo que aí há repetidas experiências de restrição, de imperfeição, de falta nesse acesso. Nelas manifestam-se barreiras, incapacidades, escondimentos de diversa ordem, que põem o nosso ponto de vista ante a evidência de que de facto não é livre de restrições, tem esta e aquela imperfeição, este e aquele limite. De tal modo que a notícia que se tem da finitude parece consistir precisamente nestas diversas experiências.

Observando entretanto mais de perto esta apercepção que nos traz despertos para o facto da finitude, verifica-se, porém, que não é inteiramente assim e que na realidade a notícia, o "contacto" que normalmente se tem com a finitude, tendo embora a ver com essas experiências, inclui qualquer coisa para além delas--qualquer coisa de irredutível ao que nelas se apresenta e em que na realidade o plano dessas experiências está inteiramente ultrapassado, deixado para trás.

Em primeiro lugar, essas experiências de restrição no acesso não estão sempre a ocorrer, são esparsas. E parece até que a maior parte do tempo a perspectiva que se tem não inclui nenhuma experiência desta ordem.

Mas, se experiências como essas só de quando em quando surgem no curso da apresentação que está dada das coisas, não sucede todavia que a finitude fique inteiramente perdida de vista no resto do tempo em que a apresentação continua, de tal modo que só quando ocorrem haja na nossa perspectiva uma ideia da sua finitude. A notícia da finitude difunde-se antes para além dos momentos esporádicos em que tais experiências têm lugar, estendendo-se na verdade a todo o

curso da apresentação, numa presença de carácter permanente, que nunca se acha inteiramente dissipada.

Pode parecer estranha esta afirmação de permanência. Pois é evidente que não se está sempre a pensar nisso e que, pelo contrário, normalmente o ponto de vista anda inteiramente absorto no que de cada vez se lhe apresenta, sem que a questão da finitude da apresentação de todo em todo se suscite, sem que essa finitude de algum modo se assinale.

Mas, por outro lado, se em qualquer momento nos fosse perguntado se o ponto de vista em que estamos tem ou não um carácter finito, a resposta seria invariavelmente afirmativa--e viria dada sem qualquer hesitação. Havendo deste modo qualquer coisa--uma forma de notícia permanente da finitude--que justamente faz que assim seja.

Mesmo para além das situações em que expressamente se experimenta, a finitude é objecto de um reconhecimento espontâneo, não carecendo de nenhuma ponderação para que se estabeleça. Impõe-se de imediato, como um facto "com que sempre já se está", perfeitamente familiar, perfeitamente à vista. É justamente algo que, mesmo sem que se pense nisso, sempre está sabido, que não precisa que se atente nele para "estar aí" na perspectiva em que nos temos. E isto de tal forma que se dá como evidência logo que de algum modo esteja em causa a finitude ou não do nosso ponto de vista, sem que se precise de verificar se houve experiências em que se topou com imperfeições, sem que seja necessário lembrarmo-nos delas:sem que essa evidência passe por uma recuperação de tais experiências, por uma presentificação do que nelas se manifesta.

Ou seja, há qualquer coisa como uma tese permanente a respeito da finitude, que faz que sempre espontaneamente se reconheça o seu facto e que esse reconhecimento não precise de remontar ao plano das várias experiências em que a finitude se manifesta.

Enraizando-se sem dúvida nessas diferentes experiências e ten

do naturalmente a ver com elas, esta notícia, esta evidência, esta tese permanente da finitude, mesmo admitindo que não é mais do que uma espécie de memória de elas terem ocorrido, constitui um fenómeno peculiar, com características próprias, diferente das experiências em que em última análise se enraíza e que tem de ser considerado por si. Se de facto nunca ou quase nunca chama a atenção e, deste modo, tende a passar despercebido (quase parecendo, na maior parte do tempo, que não tem lugar, que está ausente), constitui na verdade uma perspectiva sempre adstrita ao ponto de vista, que a cada instante mantém disponível um saber da finitude--sendo dela, e não directamente das diferentes experiências de restrição, que de cada vez imediatamente emerge o espontâneo reconhecimento da finitude.

Em segundo lugar, o enraizamento que a evidência permanente em última análise tem nas experiências de restrição que foram feitas não exclui uma significativa autonomia relativamente a elas--uma autonomia que faz que, ao contrário do que à primeira vista parece acontecer, consista em muito mais do que na respectiva fixação numa memória.

De facto, esta notícia, esta evidência permanente que se mantém para lá de tais experiências, no tempo em que não ocorrem, e que também não contém propriamente nenhuma presentificação de tais experiências, caracteriza-se, além disso, por as ultrapassar consideravelmente no seu porte, na amplitude do que dá por adquirido.

Assim, por um lado, vendo bem, a tese de finitude que sempre espontaneamente se nos inculca não se refere apenas ao nosso próprio acesso à realidade, nem tampouco se refere a nós e àqueles nossos semelhantes que de algum modo já surpreendemos no confinamento do acesso em que se acham. Refere-se, para além disso, a todos os outros seres humanos, conhecidos ou desconhecidos, numa perspectiva que exclui qualquer excepção. De forma que, se de repente algum de

nos viesse a afirmar que dispõe de um acesso às coisas não afectado por nenhuma restrição de finitude, isso pareceria na verdade descabido, pouco verosímil, impossível mesmo : qualquer coisa que não corresponde ao modo como <u>todos</u> somos, àquela que se sabe ser a nossa condição.

Por outro lado, a tese de finitude que sempre espontaneamente se nos inculca não se refere apenas a estas e àquelas imperfeições já experimentadas. De facto, inclui-se nele a <u>antecipação</u> da possibilidade, da probabilidade, e mesmo da <u>inevitabilidade</u> de <u>outras</u> falhas, de outros aspectos de confinamento para lá daqueles de que já houve experiência. A evidência que se inculca nesse reconhecimento espontâneo da finitude nem é propriamente, a bem dizer, a de nenhum conjunto discriminado de restrições (de uma forma designada: estas e aquelas), mas a de qualquer coisa como uma <u>multiplicidade aberta</u> de falhas, não circunscrita a nenhum elenco definido e que é mesmo vista como excedendo todos os conjuntos de falhas que se consigam apurar. E isto de tal modo que a existência de falhas é encarada não como qualquer coisa passageira, mas como algo de irremediável, que forçosamente continuará sempre.Mesmo que não costume estar feita qualquer identificação de falhas absolutamente inultrapassáveis (mesmo que naturalmente não costume estar acusada nenhuma falha dessa ordem, antes reine omissão a tal respeito), a presença de falhas é ela própria assente como inultrapassável--de tal modo que, ainda quando admitida a ultrapassabilidade de <u>cada</u> uma das diferentes falhas que constituem a finitude, não se admite a ultrapassagem global de todas elas, domina a evidência de que haverá sempre falhas ainda não ultrapassadas, de que a finitude é algo <u>que não se esgota</u> (não havendo meio de passar a um plano já inteiramente livre de qualquer falha--a um ponto de vista já inteiramente <u>não finito</u>). A finitude a que se refere a evidência permanente é desta forma uma finitude <u>inelutável</u>--algo a que se está irreversivelmente <u>preso</u>.

Ou seja, o que se tem em vista nesse reconhecimento permanente

da finitude, o que de facto se perspectiva nele, é uma "condição", uma "forma de ser" marcada pela sujeição a restrições: com uma tal constituição que implica em si um conjunto indeterminado, uma multiplicidade indefinida delas e é insusceptível de ser desembaraçada da sua presença.

A evidência permanente inculca deste modo muito mais do que meros factos de restrição, como seria o caso se na verdade se reduzisse a um resíduo das experiências já feitas. Concebe e inculca uma "natureza"--algo de permanente e de intrínseco ao modo como somos, inerente a todos os que são como nós: algo que inevitavelmente tem lugar de cada vez que há um ser humano, algo que precisamente o caracteriza como tal e que continuará a manifestar-se em falhas, restrições, enquanto se prolongar a sua vida.[3]

Desta forma, a ausência de uma tematização da finitude, a circunstância de normalmente não nos debruçarmos sobre ela (a ponto de quase parecer que muitas vezes está completamente fora do horizonte) não impede que faça permanentemente parte da compreensão que temos da nossa situação uma evidência do seu carácter finito, e uma evidência que, mesmo que somente de uma forma inexplícita, não tematizada, tem um "conteúdo", um sentido próprio, diferente do das diversas experiências de restrição por que de cada vez já se passou, e que de facto se reveste de toda esta abrangência (deste alcance mais vasto que o de todas essas experiências), inculcando como estabelecido tudo o que se apontou.

*

Visto assim, numa identificação mais precisa das suas "componentes" (das teses, evidências que comporta), o reconhecimento da finitude em que naturalmente sempre já se está, aparece com um novo

aspecto, diferente daquele que à primeira vista se apresenta.

Ao contrário do que numa apreciação desprevenida se sugere, não são na verdade as experiências de finitude que estão propriamente tidas em vista nessa evidência da finitude que de ordinário sustenta o seu reconhecimento. Em vez das experiências concretas dos limites, o que as mais das vezes--o que quase sempre-- suporta o reconhecimento que se faz da finitude é esta peculiar forma de notícia e de evidência, que se designa como tese global, tese permanente da finitude do nosso ponto de vista. As experiências de limitação, ocorrendo só de quando em quando e com um carácter passageiro, estão a maior parte das vezes, se assim se pode dizer, deixadas para trás, num horizonte remoto. Podem eventualmente ser recuperadas, em repetição ou reactualização do que nelas se evidenciou. Mas o reconhecimento dá-se normalmente sem recurso a tal recuperação.

A perspectiva efectivamente tida ao reconhecer-se a finitude, na forma como normalmente se faz, é assim a desta tese ou notícia global, autonomizada relativamente às experiências concretas, e com as características que sucintamente se definiram. E o acompanhamento, o saber que se tem da finitude (esse saber categórico, em que se parece estar inteiramente a par dela) não é senão o que está compreendido nesta peculiar forma de perspectiva.

Sendo assim, acontece entretanto que esta perspectiva acerca do carácter finito do ponto de vista, esta evidência, esta compreensão global da finitude sempre presente no nosso ponto de vista, tem na verdade uma índole muito peculiar e tal que não inclui nenhuma circunscrição precisa dos limites que de facto configuram essa finitude, nenhuma apresentação que claramente ponha em evidência os aspectos em que a situação de acesso em que se está de algum modo falha, está sujeita a restrições, tem fronteira.

Se há uma evidência, uma decidida tese de imperfeição do nosso ponto de vista, se a finitude deste modo é algo que sempre já se sabe, os factores da finitude assim reconhecida, o traçado concre-

to do confinamento, do não-acesso que lhe corresponde, não estão normalmente postos a nu numa evidência clara--por tal forma que, assim como nos aparece bem distintamente aquilo a que de cada vez se tem acesso, assim também (em correspondência à finitude que inequivocamente reconhecemos ser a nossa) tenhamos assinaladas, focadas, numa apresentação definida, as fronteiras da imperfeição a que está sujeito o acesso de que dispomos.

E assim é que, havendo no modo referido uma tese permanente, uma evidência de que o nosso ponto de vista é finito, se de repente tivermos de indicar em que medida o é, em que consiste essa imperfeição ou finitude, experimentamos grande dificuldade em identificá-la, em pô-la a claro. Sendo a finitude tão notória como nos parece e impondo-se tão inequivocamente o seu reconhecimento, pareceria natural que de imediato se dispusesse da possibilidade de focar os seus aspectos, as restrições em que consiste. Pareceria normal que acudisse logo a notícia destas e daquelas falhas a que estamos sujeitos. Mas não. Se tivermos de indicar distintamente que é que faz a finitude, caímos em apuros, somos obrigados a um esforço. Ao fim de algum tempo lá nos ocorre qualquer coisa, mas a princípio tendemos na verdade a não encontrar nada, a ficar ante qualquer coisa como um vazio.

Manifesta-se assim um estado-de-coisas que normalmente tende a passar despercebido mas que é decisivo na determinação da perspectiva que se tem sobre a finitude no seu reconhecimento natural. Não se trata apenas de não se dispor de um levantamento integral, exaustivo, que rigorosamente defina o traçado dos limites, sem deixar escapar absolutamente nada. Trata-se, muito para além disso, de não se ter definidamente traçado nenhum quadro de restrições, de não se ter feita nenhuma identificação da finitude--e a tal ponto não que até se tem dificuldade em identificar concretamente o que quer que seja do que constitui essa finitude cujo reconhecimento tão eviden-

temente se nos impõe.

Este o ponto decisivo:

Muito mais ampla, como se mostrou, do que as diferentes experiências concretas de limitação, a tese permanente, a tese global, tem, por outro lado, esta imprecisão--esta total falta de nitidez relativamente aos limites a que se refere.

E a situação em que habitualmente nos achamos a respeito da compreensão da nossa finitude--a situação em que a finitude é reconhecida a partir desta peculiar notícia ou tese global--caracteriza-se assim por uma singular ambiguidade.

Por um lado, há uma tese que categoricamente inculca a finitude, uma evidência de que ela tem lugar--de que é um facto (e um facto com toda a extensão, toda a amplitude que se apontou).

Por outro lado, esta evidência tem um carácter difuso, está dissociada de qualquer apresentação definida de limites, de qualquer apercepção concreta do que haja de ineficaz ou confinado no modo como vemos as coisas. [5]

Sem dúvida que nas diferentes experiências de confinamento por que de cada vez já se passou ocorreram na verdade apresentações em que a finitude se faz sentir de uma forma definida, concreta. E sem dúvida que a evidência permanente, a compreensão global da finitude, que em regra suporta o reconhecimento que dela fazemos, se enraiza numa multiplicidade de experiências dessa ordem.

Mas, se essas perspectivas concretas, definidas, estão na origem da compreensão global que permanentemente está constituída, a verdade é que não se acham preservadas na perspectiva dessa compreensão. Não tenho fixadas essas diferentes experiências, essas diferentes apercepções dos limites--já não sei bem quais foram, que imperfeições, que falhas puseram a nu (como se manifesta pelo esforço de recuperação a que sou obrigado para conseguir identificar falhas concretas, como se manifesta pela morosidade dessa recuperação, etc.). O que persiste, o que o ponto de vista tem sempre con-

sigo e em regra constitui a base do reconhecimento da finitude é apenas a própria compreensão global--a resultante--dissociada dessas diferentes apercepções dos limites, e com o carácter **difuso** que se lhe apontou.

Assim sendo, o reconhecimento que o ponto de vista normalmente faz da sua finitude está longe de constituir um acompanhamento efectivo da **situação concreta de restrição do acesso** em que de facto se acha: sei-me finito no acesso que tenho às coisas, considero-me finito. Mas não só sem ter um acompanhamento adequado da natureza e extensão da finitude que reconheço, mas, para além disso, mesmo também sem que a finitude que considero haver em mim me acuse claramente a sua presença e apareça numa definida apresentação de si própria no campo em que me encontro ao ver as coisas--sem que **concretamente** me confronte no meu próprio ter-as-coisas com uma evidente manifestação **nele** do que o faz imperfeito.

Uma coisa é, deste modo, esse saber global da finitude do ponto de vista, em que habitualmente me movo. Outra coisa, **completamente diferente**, ter efectivamente evidenciados limites, ver a própria finitude **nas restrições, nos "não" que impõe, experimentar efectivamente o acesso de que se dispõe nos limites que tem, nas suas falhas**.

A primeira, a compreensão global da finitude que normalmente se tem, constitui na verdade uma perspectiva **inautêntica** em que a finitude de facto está esbatida, não se impõe ao meu olhar.

Trata-se pura e simplesmente de uma entre muitas teses que se têm plenamente assentidas (numa inteira convicção de que é de facto assim como nelas se define), mas sem verdadeiramente acompanhar o seu sentido, antes de um modo tal que estão presas de uma desfocagem e privadas de acuidades. A evidência de que se reveste é justamente tão evidente e trivial que, mesmo quando expressamente se incide sobre ela e se considera a finitude, não se olha propriamen-

te para aquilo que a tese aponta--nunca se apresenta bem a realidade que consigna, mas tampouco se chega a notar que não se dá tal apresentação.

Vendo bem o que acontece quando espontaneamente assim é reconhecida a finitude, prestando um mínimo de atenção,mesmo sem levar muito longe a análise, é precisamente isso o que se encontra.

A tese é de cada vez tomada e compreendida num peculiar fenómeno de compreensão,que justamente não se realiza levando o olhar a um face-a-face com isso que reconhece, pondo-o em foco, depondo nele. Não. O percurso seguido nessa compreensão é muito pelo contrário um percurso que distrai do que se reconhece.

Por um lado, porque a tese reconhecida se fecha num conteúdo "finitude", se assim se pode dizer "encalhado em si mesmo", que tem perdida ou inefectivada a remissão a falhas concretas que na verdade constitui o seu sentido--de tal modo que, absorvido neste conteúdo, no seu vago, o olhar que o adopta não chega a encontrar nada de realmente finitizante.

Por outro lado, porque tal compreensão tem, de cada vez que ocorre, um carácter fugaz--uma "centrifucidade" tal que, mal se incide sobre ela, logo projecta para lá de si,levando a nossa perspectiva a fixar-se em qualquer outra coisa e a deixar para trás, inteiramente para trás, a consideração daquilo de que nela se trata. Se verificar, apuro que, de cada vez que no âmbito da compreensão global considero a finitude, de cada vez que a enuncio ou encontro enunciada e percebo a evidência do seu facto, tudo isso acontece realmente de tal forma que, ao incidir sobre essa determinação, estou sempre já a passar adiante; num ápice desfaz-se logo a incidência sobre ser finito, como se houvesse uma tendência contra a fixação do olhar no seu foco--e é sempre outra coisa já que se apresenta e prende a atenção.

De tal modo que de facto nada emerge no horizonte de apresentação em que me situo que dê corpo nele ao que a tese da finitude

significa.

Reconheço-me então como limitado, sim, mas sem ver concretamente nenhum limite: a finitude reconhecida tem um carácter muito vago, o reconhecimento é um reconhecimento vazio, sem qualquer expressão no modo como vejo as coisas, neste campo concreto de acesso ao real, em que de instante a instante me situo, e que é aquilo que na verdade para mim conta, aquilo por que me oriento e sem pertença ao qual é no fundo indiferente e alheio, destituído de efectiva realidade, o que quer que seja que concebo e reconheço.

Numa palavra, compreendida deste modo, e não obstante o carácter categórico do seu reconhecimento, a finitude não tem presença real no meu campo, é antes algo que, reconhecido e afirmado de mim próprio e da minha situação em cada instante, na verdade se mantém inteiramente distante e não vejo efectivamente em mim.

Só nas diferentes situações em que o acesso em que me encontro se experimenta de facto na sua ineficácia e lhe aparecem limites concretos que o confinam--só nessas situações em que em regra justamente não se está quando se reconhece a finitude--o ponto de vista tem na verdade uma compreensão de si próprio como de algum modo preso, tolhido, confinado (de tal forma que a finitude é algo que deveras se vê na situação em que se está e que é tido como um factor real nela). Só nessas situações, em que a finitude emerge com um rosto concreto, há uma visão efectiva, uma perspectivação autêntica da finitude do ponto de vista.

Nelas, o campo de apresentação em que se está não é, como no primeiro caso, um campo totalmente constituído por apresentações tidas como eficazes e em que de facto não se impõe qualquer limitação--sobre o qual apenas "paira", evidente mas sem nenhum conteúdo concreto, uma declaração global de finitude. Pelo contrário, no campo dessas apresentações concretas de limites, a par das apresentações eficazes que nele há, e com a mesma "força", a mesma impositi

vidade que elas, aparece uma zona ou foco de limitação, de insuficiência do olhar, que efectivamente confina, dá no seu confinamento o domínio do acesso que se tem.

Precisamente por isso, embora os limites que nessas diferentes situações normalmente se experimentam digam respeito a aspectos de amplitude mais circunscrita (a este e àquele aspecto particular, a respeito do qual se verifica uma qualquer restrição do acesso)--ao passo que a compreensão global tem implicada em si uma multiplicidade de aspectos de restrição, excedendo em muito as limitações avulsas, de âmbito circunscrito, que de cada vez concretamente se experimentam--o efeito de perturbação que, quando ocorrem, resulta das experiências concretas do limite é na verdade muito mais forte, tem muito mais impacto do que aquele que emerge da compreensão global que habitualmente se tem.

E, assim, se o reconhecimento da finitude do nosso ponto de vista é quase sempre ditado por isso a que se chamou a tese permanente, a tese global (e corresponde à perspectiva dessa tese), a vigência desse reconhecimento não significa que se tenha já uma visão definida do que faz finito o acesso de que dispomos, que esteja já apurado qual o "quadro" dessa finitude. De facto, a vigência desse reconhecimento da finitude nem sequer impede que a perspectiva que se tem esteja na verdade completamente alheada dela.

De sorte que, por decidido, convicto e informado que já pareça ser esse reconhecimento, à sua adopção (o ficar-se por ela) corresponde muito mais um desconhecimento do que um conhecimento da situação de finitude.

Mas, se deste modo a notícia global, em cujo quadro o reconhecimento da finitude normalmente tem lugar, constitui uma perspectiva desconhecedora e alheada dos limites, restrições, a que de facto se está exposto, o acompanhamento natural da finitude não se esgota nessa notícia global, tem componentes que parecem escapar às insuficiências da notícia global: as experiências concretas de li-

mitação a que de cada vez se teve já acesso parecem justamente fornecer um campo de encontro efectivo desses limites, dessas restrições e constituir um "fundo" de conhecimento da finitude, que de cada vez já temos ao nosso dispor.

Simplesmente, mais autênticas, como são, do que a tese global da finitude, as experiências concretas de limitação habitualmente já feitas também não produzem um acompanhamento adequado, integral dos limites ou restrições a que o nosso ponto de vista na verdade está sujeito (i.e. da <u>situação de finitude</u> em que de facto se está) e não chegam sequer a definir nenhum <u>quadro</u> dessas restrições, limites, nenhuma <u>sinopse</u> dos diversos factores e das diversas "frentes" de finitização do acesso.

O encontro <u>real</u> que se constitui nestas experiências é, com efeito, apenas um encontro <u>parcial</u> da finitude que há.

Assim, as apresentações desta natureza têm uma ocorrência esparsa, dispersa, produzindo-se só de quando em quando e por tal forma que, ao ter experiência de um determinado limite, já estão <u>apagadas</u> na sua concretude, <u>desvanecidas</u> outras experiências anteriormente feitas, em que outras restrições se apresentavam. Não se chegando a constituir uma perspectiva em que as diferentes experiências se justaponham--e concretamente se apresentem, numa visão conjunta, os limites, imperfeições do acesso que se acusam em cada um deles.

Além disso, mesmo que se conseguissem reunir todos os momentos de finitude que as diferentes experiências ocorridas manifestam, nada garante que, para lá das imperfeições que de cada vez foram postas em evidência nessas diferentes situações, não haja ainda algumas <u>ou mesmo muitas</u> que de todo em todo não foram ainda objecto de qualquer evidenciação. Nada impede, com efeito, que, assim como até um dado momento do meu passado havia determinados aspectos da finitude do meu ponto de vista de que nunca me tinha apercebido e

que depois vim a verificar, assim também, no presente em que de cada vez me acho, o meu ponto de vista tenha imperfeições, esteja sujeito a restrições de acesso, de que não faço a mais pequena ideia. As experiências habituais de limitação concreta produzem-se de forma mais ou menos fortuita, conforme as direcções em que o nosso ponto de vista "voga"--não correspondem de manmeira nenhuma a uma exploração sistemática da "capacidade" do acesso em que se está (de até onde vai, do que consegue e do que não consegue, de onde falha, etc.).

Não obstante a maior autenticidade que as caracteriza, das diversas situações de encontro real de limites concretos a um acompanhamento adequado da situação de finitude vai, deste modo, também uma grande distância. O acompanhamento da finitude que é proporcionado por essas situações de experiência concreta é um acompanhamento avulso, fragmentário, em que nunca se ganha uma perspectiva global da finitude a que de facto se está sujeito--em que a situação real de finitude, o quadro de prendimento em que se acha o nosso acesso às coisas na verdade nunca se define.[6]

E desta forma em nenhuma das duas componentes que a integram (compreensão global/experiências concretas dos limites) a perspectiva naturalmente constituída sobre a finitude, a perspectiva que se tem antes de uma averiguação dela, é de molde a captar a situação em que realmente se está. Ou, como na compreensão global a que a maior parte do tempo se reduz, tem um carácter vazio, indefinido, de que resulta não se produzir nenhum encontro, nenhuma compreensão efectiva da finitude; ou, como nas diferentes experiências concretas de limitação, sendo já efectiva e aguda, não vai além de uma apercepção parcial, fragmentária e "ocasional", de aspectos da situação.

Pese embora toda a sugestão de evidência, de familiaridade, que naturalmente reina a seu respeito e que a faz parecer um ponto inteiramente assente, inteiramente conhecido, a finitude do acesso em

que se está constitui, assim, qualquer coisa que no curso normal o acontecimento de apresentação em que nos temos de facto não está acompanhada, qualquer coisa que não se sabe bem, que nos escapa. Se tivermos de indicar exactamente que restrições marcam o acesso em que nos havemos, qual a configuração dos limites a que estamos sujeitos, nenhuma das componentes da compreensão natural da finitude fornece elementos que o estabeleçam.

Por muito que à primeira vista pareça o contrário, a finitude constitui assim algo que de cada vez na realidade se desconhece, algo que pelo menos em parte (e numa parte cuja extensão de facto não se sabe--numa parte que pode ser muito grande e mesmo a maior parte), está na verdade ainda por apurar, por descobrir.

Longe de gozar de transparência sobre a sua finitude, a apresentação natural está antes sujeita a restrições de acesso no próprio acompanhamento que faz das restrições que sofre, ou seja, comporta escondimento, desconhecimento da sua própria imperfeição.

Numa palavra, o nosso ponto de vista não está exposto a finitude apenas porque há restrições no acesso a isto e àquilo--mas estando-se perfeitamente a par de todas essas restrições. Não. Há também, se assim se pode dizer, uma finitude de segundo grau, ou seja uma finitude em relação à própria finitude que, por mais que se tenha sempre já noção de que o acesso em que se está não é irrestrito e mesmo que já se tenham experimentado muitas restrições, normalmente não está superada.

*

Configura-se deste modo o cabimento e o sentido de uma tarefa de levantamento concreto, de confronto real com o conjunto das fronteiras e das falhas que restringem o nosso ponto de vista--de um

levantamento que suprima esta inaparência, este escondimento da finitude e ponha a nu, num acompanhamento adequado, a situação de finitude em que se está, identificando todos os focos de restrição do acesso, por mais despercebidos e difíceis de detectar que sejam.

Estando na verdade ainda sempre por definir de uma forma precisa o quadro concreto de todos os aspectos da finitude que afectam o nosso ponto de vista, é admissível, faz sentido tentar encontrar resposta cabal para uma pergunta sobre o carácter da finitude (que o seu reconhecimento sugere, mas que normalmente nunca se faz e a que, por muito que aparentemente já se saiba do facto da finitude, não se está normalmente em condições de responder)--a pergunta:

Como, em que sentido e a que ponto é finita a perspectiva que se tem neste acesso às coisas de que dispomos?

A este levantamento, cujo cabimento e sentido assim se desenham, incumbe não apenas recuperar todas as experiências de finitude a que já se acedeu e constituir uma apercepção conjunta dos diversos limites que nelas se dão a conhecer, mas, para além disso, conseguir obter um apuramento que tanto quanto possível esgote, relativamente à situação do ponto de vista em que se está, todas os factores e todas as "frentes" de finitude que o afectam, sem nenhuma deixar por considerar. De tal modo que a sinopse assim obtida corresponda a um apuramento exaustivo da finitude que marca a nossa perspectiva sobre as coisas, constituindo uma apercepção adequada, a que não escape nenhuma restrição, nenhum limite.

Não se pode escamotear que a tarefa de escrutínio da finitude cujo cabimento e sentido assim se desenham oferece, mesmo ainda antes de se tentar proceder à sua realização, visíveis dificuldades que parecem comprometê-la e inclinam a olhar com cepticismo um empreendimento desta natureza.

Por força da própria compreensão natural da finitude, um levantamento deste tipo, ainda que se perceba o seu cabimento, a falta

que eventualmente possa fazer, etc., tende a afigurar-se à partida de exequibilidade "mais que duvidosa".Pela própria natureza da nossa condição finita, a meta de um acompanhamento exaustivo parece imediatamente inatingível--qualquer coisa que não é para nós, não está ao nosso alcance.

Porém, se é possível ou não aceder a um saber exaustivo, a um acompanhamento adequado dessa ordem, essa é uma pergunta que não se pode decidir de antemão--que só o próprio levantamento do campo da finitude poderá apurar.

É possível que efectivamente não se disponha de condições para o efeito--e que o levantamento permaneça sempre suspenso da possibilidade de haver ainda mais momentos de finitude do ponto de vista que ainda lhe escapam. Por tal forma que a finitude seja algo a respeito do qual não é alcançável completa transparencia, fazendo parte da finitude do ponto de vista em que se está uma inelutável finitude relativamente à finitude: o ele não se poder captar adequadamente na restrição de acesso em que se acha, estar irremediavelmente preso disso a que se chamou finitude de segundo grau.

Seja como for, e justamente para esclarecer estas questões, é necessário tentar realizar esse levantamento de forma tão exaustiva e sistemática quanto possível. De tal modo que a situação de finitude fique a claro ou numa apresentação adequada dos seus contornos, em que a finitude a respeito da finitude efectivamente se suprima, ou numa exploração tão exaustiva quanto possível, que simultaneamente determine com precisão a própria finitude do acompanhamento da finitude, a não-transparência que retém a nossa apercepção dela.

1.1.2 O preconceito dominante na compreensão natural do sentido e alcance possível de um levantamento da finitude--o fenómeno da autoconfiança da apresentação que temos. Análise mais detida deste fenómeno: evidenciação da vigência em nós de uma antecipação inexplícita da extensão possível da finitude, restringindo de antemão as suas dimensões e o seu porte. A compreensão inexplícita, que em antecipação limita a amplitude possível da finitude, como núcleo da sua compreensão natural, em que se decide o sentido da finitude compreendida--o antecipado dessa antecipação como FORMA DA FINITUDE. Análise preliminar do fenómeno da forma da finitude.

Examinou-se, numa primeira aproximação, a apercepção natural da finitude em que sempre já se está.Pôs-se em relevo a margem de desconhecimento da finitude que ainda deixa subsistir. E,correlativamente, ficou detectado o cabimento e o sentido de uma tarefa de levantamento da situação de finitude, que produza uma perspectiva adequada dela (ou pelo menos leve tão longe quanto possivel o seu acompanhamento). Mas, com tudo o que se viu, é na verdade ainda muito insuficiente a perspectiva que se tem sobre o que está em causa no empreendimento de averiguação da finitude.

Está-se ainda longe de ter trazida à luz, em toda a sua complexidade e mesmo nos momentos que mais decisivamente a determinam, a compreensão da finitude que domina a sua apercepção natural. E está-se ainda muito longe também de perceber o porte que verdadeiramente pode ter a tarefa de um levantamento da finitude, tal como a situação em que se está a reclama.

Na verdade o exame da compreensão natural da finitude realizado até aqui deixa ainda inteiramente fora de consideração um outro aspecto que é de decisiva importância para a detecção e levantamento da finitude do nosso ponto de vista.

Ainda não é possível expor este novo aspecto de uma forma cabal. Pois trata-se de qualquer coisa que, no curso do confronto connosco mesmos que o processo de apuramento da finitude faz desencadear, de facto só a pouco e pouco e a custo vai ganhando contor-

nos--de qualquer coisa que requer justamente as análises que adiante se apresentam para revelar todo o seu peso, todas as suas implicações--todo o seu alcance e amplitude.

Mas deve-se assinalá-lo desde já, na evidenciação que dele é possível fazer a partir de uma análise preliminar do reconhecimento natural da finitude.

Por um lado, para desde o princípio se ter uma ideia mais precisa da compreensão da finitude que naturalmente nos domina. E, depois, para desfazer um condicionamento de perspectiva resultante de tal compreensão e que nos leva a perceber a tarefa de levantamento da situação de finitude por uma forma que de modo nenhum corresponde ao que nela verdadeiramente está em causa.

Este outro aspecto marcante da compreensão natural da finitude, que tem um papel fulcral no entendimento da tarefa de detecção a realizar e do seu sentido, é o que se prende com o facto de o reconhecimento da finitude ter de cada vez uma forma--de haver qualquer coisa como uma forma da finitude.

*

Se se vir bem a maneira como se reage à ideia de um levantamento da finitude e a atitude que se tem relativamente a ele, mesmo quando se percebe o sentido e cabimento de uma tarefa como essa, verifica-se o seguinte.

Ao propor-se um tal levantamento, a sua realização apresenta-se como algo que pode dar satisfação a uma preocupação de conhecimento exaustivo do que connosco se passa, ditada por curiosidade ou coisa que o valha, mas em que de facto não pode estar em jogo muita coisa.

Não se espera honestamente que um tal levantamento venha a trazer alguma crise ao modo como se têm as coisas, ponha em cheque a apresentação que delas está dada, ou sequer a mude consideravelmen

te. Não se espera que o quadro de finitude a encontrar venha a meter em apuros o nosso modo de ver, a evidenciá-lo numa posição perdida, de não-acesso às coisas. Há uma autoconfiança do acesso em que se está, que implicitamente faz excluir que o levantamento da finitude venha a alterar de forma relevante a situação tal como à partida se apresenta.

Numa palavra, a expectativa que se tem relativamente ao levantamento da finitude é a de que constitua uma espécie de inofensiva coleccionação de falhas, em que este aspecto do acesso que se tem--o comportá-las--fique focado com mais nitidez, de forma mais precisa.

Não chama muito a atenção este traço, pois não é algo em que explicitamente se pense, que de algum modo se sublinhe e ponha em foco. Mas está de facto presente e é decisivo. Pelo que importa procurar vê-lo mais de perto e pôr em evidência em que radica, o que significa e o que revela.

Se, conforme se sublinhou, ao apresentar-se a tarefa de levantamento dos focos de finitude, justamente não se sabe ainda que configuração da finitude é que esse levantamento virá a revelar, o que com isto se mostra é que por outro lado também não se está absolutamente "a zero" sobre aquilo que através dele pode vir a ser detectado. Faz-se já uma ideia, tem-se uma antecipação, mesmo que somente implícita e não muito precisa, do que isso possa ser.

Por outras palavras, a expectativa em que se está não é uma expectativa inteiramente aberta, que admita a detecção de todos os quadros possíveis de finitude, incluindo quadros que perturbem a segurança do ponto de vista e o ponham radicalmente em causa. É antes uma expectativa tal que o ponto de vista não conta com nenhuma ameaça, com nenhuma perturbação. Ou seja, há qualquer coisa que antecipadamente circunscreve o âmbito do que o inquérito de todo em todo pode vir a encontrar--qualquer coisa que exclui, põe fora de

causa todas as possibilidades de finitude "drástica", que implique alguma séria crise do nosso modo de ver e das perspectivas que já se têm.

Pode-se de resto identificar mais concretamente esta antecipação, esta circunscrição implícita do âmbito da finitude susceptível de vir a ser encontrada no levantamento da finitude.

Vendo bem, na verdade, a compreensão que se tem do levantamento da finitude está conduzida por uma antecipação que define aquilo que se trata de apurar como um conjunto de focos de falha do acesso, dispersos aqui e ali no vasto horizonte daquilo a que eficazmente e sem restrição se acede. Focos que, tal como aqueles já identificados, no fundamental deixam incólume e imperturbada a posição do nosso ponto de vista.

Ou seja, sem que isso se me apresente numa perspectiva explícita, em que atente, tenho de facto uma concepção assente de toda a finitude que posso vir a encontrar, se porventura empreender o seu levantamento e essa concepção reflecte o tipo de experiências de limitação do acesso que normalmente já fiz.

Nessas experiências percebo-me confinado ou vejo-me em dificuldade apenas relativamente a domínios de incidência mais ou menos circunscritos. E por outro lado são experiências que regra geral só de quando em quando ocorrem no curso do olhar--que normalmente se caracteriza, pelo contrário, pela sua total eficácia, pelo acesso irrestrito de que nele se dispõe.

Sendo esse o tipo, a dimensão de falha com que estou familiarizado e que se acha contemplado na compreensão que naturalmente tenho da minha finitude, é ele tambem que se projecta na concepção daquilo que se trata de apurar numa averiguação sistemática da imperfeição do ponto de vista.

De tal modo que a tarefa de apuramento da finitude é concebida como correspondendo a um levantamento de falhas dessa dimensão, dispersas aqui e ali, em ocorrências esporádicas e isoladas, no hori-

zonte global para que se está aberto, e que justamente não são de molde a pôr em causa o amplo acesso que está dado a esse horizonte ou a alterar no essencial a perspectiva que de qualquer forma já se tem das coisas.

E de tal modo que, concebido assim, o apuramento da finitude constitui um empreendimento porventura com algum interesse, mas que no fundo diz respeito apenas a um conjunto de pormenores da nossa situação no mundo, cujo conhecimento pode, enfim, não ser inteiramente destituído de relevância, mas de qualquer modo também não tem uma importância decisiva para a forma como se vêem as coisas.

*

Por muito que à primeira vista possa parecer um aspecto secundário, a presença desta antecipação restritiva, o facto de ela estar constituída e orientar o modo como encaro o significado e a importância da finitude e do seu inquérito, representa um traço relevante, uma componente de peso da compreensão natural e um factor decisivo para a concepção da tarefa de levantamento da finitude.

Se, conforme se procurou mostrar, a tese naturalmente constituída sobre a finitude "condensa" as diferentes experiências de restrição numa evidência global que as ultrapassa, concebendo qualquer coisa como uma "natureza" (uma condição permanente), essa "ultrapassagem"--vê-se agora--não se dá somente nos modos anteriormente definidos, i.e. no sentido de uma generalização da finitude (como algo que se repete e tem de repetir em todos aqueles que são como nós) ou no sentido do estabelecimento de uma constância dela (como algo que inevitavelmente se manifestará ainda em novas falhas para lá das que já ocorreram). Ela dá-se também no sentido de uma firme fixação da amplitude possível da finitude, de uma circunscrição das dimensões e importância dos limites que em absoluto são admissíveis

num acesso como aquele em que nos temos.

E isto de tal modo que essa delimitação (essa decisão antecipada da amplitude possível das restrições que podem afectar o acesso de que dispomos) se caracteriza precisamente pela **minimização** de tal amplitude, pela sua redução a dimensões de importância relativamente secundária, que não afectam, não perturbam, não comprometem o acesso de que se dispõe, antes o deixam subsistir como um acesso que no fundamental está **garantido**, é **eficaz** e **franco**.

Esta outra componente da compreensão natural da finitude, que assim se começa a tirar do seu "anonimato" (do imperceptível funcionamento em que conforma a nossa perspectiva sem que dela nos demos conta), tem, entretanto, uma estrutura, um enraizamento e um alcance que se está ainda muito longe de acompanhar nesta primeira aproximação, e que é imprescindível pôr mais claramente a nu, para se perceber bem de que é que se trata e de que importância se reveste.

Mesmo quando já se está de algum modo advertido para ela, tende a parecer muito menos determinante e muito menos fortemente enraizada do que de facto é e tende a aparentar uma estrutura, uma natureza diferentes das que de facto a caracterizam.

Pode parecer assim que uma tal fixação da amplitude possível da finitude é um elemento secundário da compreensão natural da finitude. Pode parecer que se trata de uma expectativa, de facto presente de maneira implícita, mas de qualquer modo apenas muito vaga e justamente tão vaga que não constitui uma autêntica **delimitação** da amplitude possível da finitude. Pode parecer que é naturalmente compreensível que, por um espontâneo processo de indução, se esperem focos de finitude análogos aos que já se experimentaram, mas que o ponto de vista não está preso a essa antecipação e é perfeitamente capaz de admitir a possibilidade de se virem a encontrar fenómenos de finitude com um carácter diferente, de tal modo que a

expectativa de circunscrição que assim naturalmente está constituída é abandonável sem dificuldade de maior.

Mas de facto nada disto é assim.

A antecipação restritiva da amplitude possível da finitude é um elemento fundamental (e mesmo o elemento fundamental) da apercepção natural da finitude. Constitui uma efectiva delimitação do âmbito da finitude, fixando rigidamente o seu "volume" e o impacto global que pode ter. E não se reduz a uma extrapolação indutiva facilmente revisível. Está antes profundamente enraizada, implantada de forma quase inamovível.

Uma análise mais detida permite evidenciar estes aspectos.

*

O modo como tal antecipação restritiva das dimensões possíveis da imperfeição do acesso está presente na nossa perspectiva é sem dúvida um modo muito peculiar, que dificulta a sua clara detecção, e à primeira vista faz mesmo parecer que não há nenhuma restrição dessa ordem ou que ela é em todo o caso pouco firme.

Em primeiro lugar, a limitação de que se trata não está realizada por uma circunscrição precisa dos contornos da finitude que é admissível (estabelecendo que ela só pode incidir sobre estas e aquelas áreas, abranger este ou aquele contingente mais ou menos numeroso de focos, etc.), é antes uma limitação que deixa por definir a configuração concreta do campo da finitude. Como se sublinhou, a perspectiva em que a finitude naturalmente se acha compreendida caracteriza-se justamente por a conceber como qualquer coisa de aberto--se assim se pode dizer, como um "conjunto" de cardinal indeterminado, em que mais e mais falhas ainda não identificadas se podem incluir. E, sendo assim, parece justamente não haver nenhuma delimitação, nenhuma antecipação restritiva das dimensões da finitude.

A delimitação está porém realizada, não obstante a indefinição de contornos que deste modo marca o horizonte aberto da finitude. Está realizada de uma forma que coexiste com essa indefinição, não a contraria.

A forma como a delimitação está realizada não passa pela demarcação exacta do "lote", do contingente de falhas que corresponde à finitude. Deixando em aberto a configuração exacta do campo de finitude, a delimitação produz-se através de qualquer coisa como uma antecipação do tipo de falha que de todo em todo pode ter lugar, definido esse tipo (e este é o ponto decisivo) não pela fixação dos caracteres específicos que lhe inerem, mas pura e simplesmente pela natureza da sua inserção no acesso que se tem, da sua articulação com ele.

Mais concretamente, o que limita é uma tese sobre a relação entre, por um lado, todo o conjunto das falhas a que o ponto de vista pode estar sujeito e, por outro lado, o "poder"do ponto de vista, a sua capacidade, o seu horizonte de domínio, de eficácia--tese nos termos da qual, independentemente do número e da maior ou menor extensão das falhas que possam ter lugar, a capacidade, a eficácia do ponto de vista é em todo o caso de tal ordem que prevalece sobre toda a imperfeição que haja e o horizonte daquilo a que eficazmente se acede é esmagadoramente mais vasto do que a globalidade dos focos de finitude--que não abrange senão momentos avulsos, dispersos nesse horizonte, "pequenos"em relação a ele e por ele enquadrados.

A delimitação está feita por meio desta decidida confiança na eficácia do acesso que se tem, por meio deste assentamento na definitividade da sua preponderância sobre todas as imperfeições que possam vir a ser encontradas e do modo como exclui que estas sejam alguma vez susceptíveis de prevalecer sobre a eficácia do acesso e de "afogar" tal eficácia.

Em segundo lugar, toda esta compreensão da amplitude possível

da finitude, que molda a sua apercepção natural e dirige o olhar quando a concebe, não tem de modo algum um carácter explícito, temático.

Não o tem no curso normal da experiência, em que também já está presente, possibilitando nele a perspectiva de abrangência e a autoconfiança, a "certeza de si" que o caracteriza. Mas tampouco o adquire quando penso na finitude, quando a considero, e quando me disponho ao seu exame.

A tese sobre a eficácia global do acesso e o carácter restrito do que finitiza o ponto de vista, a fixação de uma natureza limitada da extensão da finitude, não aparece expressamente, não se formula, não é algo que me ocorra e em que atente. É antes tal que passa inteiramente despercebida.

Mas nenhum destes aspectos, que aparentemente a tornam difusa e enfraquecem, é de molde a impedir que na verdade a tese de subestimação da finitude seja firme e definida na delimitação que faz da sua extensão e domine absolutamente o nosso olhar, de tal modo que é segundo ela, sempre já segundo ela, que concebemos a finitude.

O carácter aberto do horizonte de imperfeição que é admitido, a circunscrição dos seus limites só por uma comparação global com o domínio de eficácia do acesso, não constituem uma indefinição da extensão da finitude, mas uma forma própria de definição que muito claramente fixa uma determinada dimensão da finitude.

E por outro lado, como repetidamente se verá, a natureza não-temática de uma perspectiva não indicia de maneira nenhuma um alheamento do ponto de vista relativamente a ela, acontecendo antes muitas vezes que quanto mais enraizado e mais profundo é o domínio de uma perspectiva sobre o nosso olhar, quanto mais óbvia é e quanto mais está assente (definitivamente adquirida), tanto menos salta à vista, chama a atenção, tendendo a passar despercebida e a

manter-se inexplícita. Para dominar o ponto de vista, uma perspectiva não carece que se pense ou de algum modo se atente nela. E o carácter inexplícito é muitas vezes justamente aquilo que sela e torna absoluto o seu domínio, impedindo que a determinação que produz chegue alguma vez a ser considerada, levada a exame e posta em causa.

O que estes traços peculiares obrigam é, isso sim, a um esforço redobrado para isolar, pôr em evidência esta tese de limitação, fazê-la emergir no domínio que inexplicitamente exerce e focá-la na especificidade do "conteúdo" que é o seu.

*

Mas, se deste modo a antecipação restritiva da amplitude possível da finitude constitui uma componente da compreensão natural da finitude, por outro lado que articulação tem com as outras componentes anteriormente detectadas ?

Sublinhou-se inicialmente a diferença entre aquilo que se designou por compreensão global da finitude (vaga, abstracta) e as experiências concretas de limitação em que a finitude se impõe e dá a perceber num"face-a-face". E apontou-se que é a partir dessas duas componentes que sempre já está constituído o reconhecimento que se faz da finitude do nosso ponto de vista e a perspectiva que se tem sobre ela.

O que se procura agora pôr em evidência é que a antecipação restritiva constitui uma compreensão fundamental da natureza da finide que é comum à perspectiva global, abstracta, e às diferentes experiências concretas em que a limitação do ponto de vista se manifesta. De tal modo que, por um lado, constitui um traço permanente de toda a perspectivação natural, um traço que a determina em cada um dos seus momentos, e por outro lado também a nota dominante, a propriedade mais decisiva da perspectiva que se tem em qualquer

um desses momentos.

Assim, em primeiro lugar, a compreensão global da finitude, estabelecendo uma multiplicidade de falhas a que o acesso de que dispomos está sujeito e deixando aberta a especificação dessas falhas (a sua extensão precisa, o seu teor) não é de maneira nenhuma neutra sobre o grau que a finitude pode atingir, não está aberta a todas as amplitudes possíveis de restrição e falência do ponto de vista. Com tudo o que, como se apontou, tem de vaga, compreende uma expectativa muito clara e definida acerca das restrições que pode haver e de facto tem como ponto inteiramente assente a homogeneidade de estatuto entre todas as falhas admissíveis e aquelas cuja detecção já ocorreu.

Mas, em segundo lugar, também as experiências concretas destas e daquelas limitações não têm uma neutralidade absoluta quanto à amplitude possível da limitação do ponto de vista, como se nelas estivessem em causa somente os domínios específicos a que em cada caso dizem respeito--como se estivessem inteiramente absorvidas no confronto com esses domínios e alheadas do restante horizonte do ponto de vista, "esquecidas" dele. Pelo contrário. Caracteriza-as invariavelmente o estarem implicitamente enquadradas numa compreensão da eficácia do ponto de vista, serem percebidas como inserindo-se num horizonte envolvente em que a eficácia do acesso é dominante e mesmo absoluta. De tal modo que, sem se pensar nisso, compreendem-se de facto como excepção a um princípio, a uma regra de eficácia--ou seja à eficácia do acesso comprendida como regra, relativamente à qual todas as imperfeições que haja tem justamente um carácter excepcional.

A omnipresença de que assim se reveste a antecipação restritiva (esta perspectiva de sistemática limitação, subalternização da finitude) não é, entretanto, ocasional. Radica numa propriedade fundamental do modo como em nós está constituído o acesso às coi-

sas, propriedade sem cujo "isolamento" não se vê bem a forma como está constituída e a "força" que efectivamente tem a antecipação restritiva das dimensões da finitude.

Essa propriedade é a seguinte: no modo como naturalmente se nos apresentam as coisas a apresentação não se esgota na neutra "entrega" daquilo que em cada caso se apresenta, numa pura visão do que se dá a ver, inteiramente indecidida quanto ao "valor", quanto ao estatuto da apresentação que assim se dá.

Uma tal neutralidade seria possível, mas é precisamente algo que desconhecemos.

A apresentação, como se dá em nós, inclui antes sempre já uma compreensão da "força", da capacidade, da eficácia do acesso em que se encontra. E mais especificamente uma compreensão que estabelece que esse acesso justamente é eficaz: é o acesso que corresponde àquilo de que se trata--é o acesso em que se revela, "fica entregue" aquilo que há.

Ou seja, a apresentação está constituída numa canonização do seu estatuto.

E isto de tal modo que esta tese de canonização do acesso de que se dispõe não é uma tese que especificamente se constitua para cada apresentação, mas pelo contrário uma tese que sempre já se acha estabelecida com respeito à natureza, à condição permanente do acontecimento global de acesso de que se dispõe e, por consequência, em relação à totalidade do seu campo. Tal como a tese de finitude, também a tese de canonização não se reporta apenas ao acesso que de cada vez está a ocorrer (ou àquele que ocorreu até ao momento em que de cada vez se está), antes comporta uma firme expectativa de continuação do estado-de-coisas por ela definido, concebendo esse estado-de-coisas como qualquer coisa de inerente ao nosso modo de ser.

Por outras palavras, há permanentemente na "visão", na perspectiva que se tem uma autocompreensão da situação global de acesso em

que se acha, autocompreensão que naturalmente tem esse acesso assente como um acesso efectivo, em que se tem aquilo que há para ter, de uma forma irrestrita, plena.

Esta tese de autocompreensão não tem o carácter de um enunciado explícito nem constitui um conteúdo para além dos que de cada vez se apresentam (apresentado como os outros, justaposto a eles). A sua presença e o seu domínio produzem-se de outro modo, que não requer essa apresentação distinta. Sem se estabelecer como pólo à parte, a tese de autocompreensão do acesso como acesso eficaz está sempre já introduzida no próprio modo como se vê cada momento da apresentação tida e se adopta o respectivo apresentado. De forma que, mesmo que não se dê a ver, de facto vê-se sempre já segundo ela.

Por outro lado, se a sua presença tende assim a ser discreta, isso não significa nenhuma falta de firmeza na forma como exerce o seu domínio e põe a vigorar a canonização do acesso. Não é uma tese de algum modo posta a vigorar mas sob reservas--ainda com alguma margem de hesitação e admitindo que na verdade possa não ser como sustenta. Não. Nada tem de hesitante. Reveste-se antes de uma convicção inteiramente assente, inabalável, e a evidência em que se apoia tem mesmo um carácter avassalador.

Finalmente, é uma tese que está muito arraigada, de que não me consigo libertar assim sem mais, uma tese que não pode ser suspendida por um mero acto de vontade ou porque se concebe a possibilidade de não ser de facto assim como ela inculca. Por mais que "declare" a sua suspensão, por mais que tente obter alguma folga na irrestrita confiança com que naturalmente tendo a adoptá-la e por mais que julgue até já reconhecer a sua fragilidade e estar subtraído ao seu domínio, de facto continua vigente no próprio modo como vejo e a dominar ferreamente a minha perspectiva.De forma que é muito difícil de "desalojar" efectivamente da firme posição de domínio em que está implantada de raiz.[7]

Deste modo, se, conforme se viu, está naturalmente constituída qualquer coisa como uma evidência permanente de finitude, por outro lado não menos permanentemente do que ela vigora também uma evidência, uma tese sobre a eficácia global do acesso que se tem.

E as duas teses, as duas evidências, não estão meramente justapostas, sem qualquer ligação uma com a outra, nem por outro lado são duas evidências com a mesma implantação, o mesmo peso. Há antes uma articulação entre elas--e uma articulação justamente marcada pela desigualdade e pela preponderância de uma sobre a outra.

Assim, em primeiro lugar, embora as duas teses sejam igualmente permanentes e embora estejam ambas perfilhadas com convicção, a tese de canonização do acesso tem uma posição central e de grande peso, muito mais nuclear do que a tese de admissão da finitude.

Com efeito, a tese de canonização está no fulcro de toda a orientação que encontro em ter isto e aquilo apresentado, é uma tese em função constante na fixação do estatuto do que tenho, um esteio fundamental para a minha perspectiva em cada um dos seus momentos. Ao passo que a evidência de finitude diz respeito a uma particularidade entre outras da situação em que me encontro e não desempenha nenhum papel fundamental na orientação que a cada instante tenho ao estar com aquilo que se me apresenta. Posso ter sempre uma evidência de que o acesso em que me encontro é imperfeito, mas a imperfeição do acesso não interfere as mais das vezes nas apreentações que tenho e não conta para o modo como me situo e me oriento nelas. Permanentemente reconhecida, a finitude diz respeito a qualquer coisa que não está sempre em jogo--qualquer coisa de mais ou menos "periférico".

E isto é assim precisamente em virtude de um segundo aspecto--que é o fundamental na articulação das duas teses e que a partir daqui se pode pôr em relevo.

A admissão da finitude (a finitude admitida) seria algo mais do que secundário se pusesse em causa a tese de canonização, se entras-

se em conflito com ela e dessa forma perturbasse a orientação, a segurança que ela introduz no nosso ponto de vista. Então a finitude não diria respeito somente a uma particularidade, não seria meramente periférica. Então a finitude estaria em jogo em cada momento da apresentação--ameaçando-o, pondo--o em causa. Mas a finitude tem um carácter periférico (esse mesmo que faz que a sua averiguação pareça ter cabimento, sim, mas não ser minimamente urgente nem envolver a possibilidade de qualquer significativa novidade ou perigo) e a tese de finitude pode coexistir com a tese de canonização sem que se faça sentir qualquer conflito precisamente porque há uma preponderância da tese de canonização do acesso sobre a tese de finitude --uma preponderância tal que a tese de eficácia arreda a finitude reconhecida para longe de todos os aspectos nucleares da apresentação que se tem, para longe da fixação do respectivo estatuto, deixando-lhe lugar somente em âmbitos que não afectam a sua hegemonia na fixação desse estatuto.

Ou seja, a evidência da eficácia do acesso reina sobre a evidência da finitude, rege-a e absorve-a em si. De tal modo que a evidência da finitude se integra na evidência da eficácia, se subordina a ela, excluindo tudo o que não é conforme ao seu sentido e não caiba sob a sua égide.

E assim, em virtude da soberania absoluta da tese fundamental de eficácia que domina a autocompreensão do nosso ponto de vista, tudo conformando ao seu ascendente, estão à partida decisivamente restringidas as dimensões admissíveis da finitude, ficam reduzidas a uma amplitude, a uma importância relativamente secundárias. A finitude pode estender-se só até onde não está prejudicada pelo acesso globalmente eficaz que, nos termos desta tese fundamental, é evidente que se tem.

O reconhecimento da finitude está condicionado por este facto primário que é a evidência do acesso que se tem, na global eficá-

cia que se inculca ser a sua (pelo facto indesmentível do acesso às coisas como continuamente se nos documenta e se confirma. O reconhecimento da finitude está condicionado por este facto sempre já adquirido (e sempre já adquirido como irreversível) que a limita.

Neste sentido, a antecipação restritiva da amplitude possível da imperfeição do acesso não radica apenas na razão puramente circunstancial de as experiências de confinamento por que já se passou terem um carácter disperso e avulso e de desprevenidamente se induzir que todos os focos de finitude terão um carácter semelhante. Não. A antecipação restritiva radica primariamente na evidência da autocompreensão do acesso às coisas que sempre já está constituída, na força indeclinável da evidência com que me vejo num maciço (maciçamente eficaz) acesso às coisas.

Não são as experiências avulsas da finitude que estabelecem este estatuto das imperfeições possíveis, esta "relação de forças" entre o acesso e o escondimento. Elas limitam-se a não ser de molde a derrogar essa tese de autocompreensão do acesso e, pelo seu porte reduzido, a confirmar aquilo que a tese de eficácia já define.

E isto de tal modo que a antecipação não é algo que possa suspender, mas antes algo que está tão arreigado como a tese de eficácia que domina o próprio modo como vejo e que, por mais que "declare" a sua suspensão, procure produzi-la (e até por muito que pense ver já a sua fragilidade e conseguir subtrair-me ao seu domínio), continua de facto a dominar o modo como vejo e a manter-se inamovível.

*

A finitude de cujo facto há evidência, a finitude que se vê como possível, define-se deste modo como um domínio que corresponde a qualquer coisa como um intervalo, dentro de limites bem precisos, que não estão estabelecidos pela determinação exacta do que se si-

tua nesse intervalo (da sua "quantidade" ou de tudo o que integra), mas pela fixação do facto evidente da eficácia global do acesso, que a finitude não pode transgredir, que constitui o seu termo absoluto.

De uma forma peculiar, como se acentuou, mas nem por isso menos efectiva, a tese fundamental de eficácia constitui de raiz uma perspectiva antecipada sobre toda a finitude que pode ter lugar, uma compreensão que de antemão tem captado o carácter, a índole de todo o seu domínio.

Por tal forma que as diversas ocorrências, mais ou menos numerosas, de imperfeição que sucessivamente vão sendo encontradas, independentemente das suas características peculiares, se inscrevem neste domínio, correspondem àquilo que na sua perspectivação já está antecipado, constituem uma verificação do que a antecipação já define.

E por tal forma que, por outro lado, o facto de haver mais esta ou aquela imperfeição concreta, afectando este ou aquele aspecto do acesso que se tem não altera, apenas confirma o horizonte assim antecipadamente estabelecido como horizonte de imperfeição.

Se à partida e de cada vez há um horizonte aberto de focos de imperfeição com que já conto, se não se me inculca dominar já todos e tendo a admitir a possibilidade de aspectos (e até de muitos aspectos) de imperfeição de que não me dou conta, esse horizonte tem o carácter de um intervalo fixado já no carácter fundamental da abertura que pode ter, do termo até onde pode ir--de tal modo que, mesmo que ainda não conheça esse intervalo nas dimensões que precisamente tem, naquilo que concretamente o preenche, conheço-o já no fundamental da sua determinação, numa antecipação do "porte" das falhas que lhe pertencem (do modo como, por mais numerosas que essas falhas sejam e quaisquer que sejam os aspectos a que possam dizer respeito, todo o seu conjunto afecta--pode afectar--o meu pon

to de vista).

Esta articulação entre a evidência do acesso como acesso globalmente eficaz (a tese de canonização) e a tese de finitude constitui uma estrutura de toda a perspectivação natural da finitude que a atravessa e se mantém constante, independentemente dos desenvolvimentos por que passa a experiência da finitude (da manifestação de mais e mais focos de imperfeição do ponto de vista, que advém com o correr do tempo). E por tal forma que a óptica segundo a qual se encaram as diferentes falhas que vão sendo detectadas (e aquelas cuja detecção ulterior se admite como possível) tende a encará-las como diferentes casos do que já está definido, do que já se sabe (do que está antecipado nesta estrutura permanente).

*

A finitude tem assim, na sua perspectivação natural, qualquer coisa como uma forma. Podendo-se agora já compreender mais claramente o que se tem em vista ao dizer isto.

Não cabe proceder aqui a uma análise demorada do complexo semântico correspondente à noção de forma, nem quanto ao meandro das suas conexões, nem quanto às dificuldades que envolve, nem quanto à sua história. Destacam-se apenas três momentos fundamentais desse complexo, que têm correspondente nas características do reconhecimento natural da finitude e na estrutura permanente de articulação entre a tese de canonização e a tese de finitude. São esses três momentos que se têm em vista ao caracterizar a estrutura em causa como forma da finitude.

Forma é por um lado uma determinação que, sem perda ou alteração da sua identidade, é repetível numa multiplicidade de instâncias, de tal modo que estas, não obstante a diferença que há entre elas, têm em comum a identidade dessa determinação.

Forma significa por outro lado também uma determinação conglobante que agrega, articula, uma **multiplicidade** de realidades diferentes--qualquer coisa que se constitui **entre** essas realidades, na articulação entre elas, e que as inclui em si, como momentos seus. Ou seja, forma é **uma** determinação de **totalidade** que tem algo de próprio, diferente dos elementos que a integram (irredutível a eles e à sua mera soma). E de tal modo que essa determinação de totalidade absorve em si a multiplicidade dos elementos que congrega e sobrepõe-se à sua ocorrência isolada, reduzindo-os a meros **momentos** dessa totalidade e da **unidade** que ela constitui--i.e. a algo que não se dá a ver por si, mas somente **nela**, que é assim o que aparece ao ter-se presente a multiplicidade desses elementos.

Forma significa ainda, finalmente (este é um aspecto menos vincado na acepção comum do termo, mas que desempenha um papel fundamental na tradição filosófica pelo menos desde Platão e Aristóteles) **aquilo que algo é**, a determinação da sua identidade--o isto ou aquilo em que consiste. De tal modo que, embora a entidade de que é forma não se esgote nessa determinação (antes comporte também outras e mesmo um amplo complexo de determinações para além dela), é ela a determinação fundamental que decisivamente identifica essa entidade--a determinação a que todas as outras se **subordinam** e que todas as outras têm assumida como princípio da sua própria identificação.[8]

Considerando estas três acepções, os fenómenos a que correspondem e o que se viu a respeito do reconhecimento natural da finitude, torna-se perceptível por que se pode falar de uma forma da finitude e de que é que se trata quando se fala nela.

O que se viu foi que, desprevenidamente, sem que se pense ou repare nisso, a perspectiva que se tem está marcada por uma inclinação para o reconhecimento da finitude e por uma canonização do acesso de que se dispõe. O que se viu foi que, desprevenidamente, sem que se pense ou repare nisso, as duas teses estão sempre já ar

ticuladas na definição de uma relação de forças que faz prevalecer a eficácia sobre a finitude e reduz esta a uma posição subordinada, marginal. O que se viu foi que a relação de forças assim constituída está presente, domina o próprio modo-de-ver, mesmo que pareça ausente e não figure entre as coisas que se apresentam. E o que se viu foi que a relação-de-forças assim naturalmente definida constitui uma perspectiva fixa, de tal modo que as diferentes situações de apresentação por que se vai passando na experiência normal verificam a relação de forças assim definida--o que desde sempre já está previsto nela--e não a obrigam a nenhuma revisão.

Ora toda esta estrutura de definição da relação de forças entre a eficácia e a imperfeição do acesso constitui qualquer coisa como uma forma, na tríplice acepção que se apontou.

Assim, por um lado, a relação de forças naturalmente estabelecida entre a eficácia e a imperfeição do acesso atravessa inalterada toda a experiência natural da finitude, toda a multiplicidade dos momentos da finitude sucessivamente detectados nessa experiência--é a mesma, permanente, invariável, independente das diversas configurações concretas (destas e daquelas falhas) que a finitude possa assumir. A articulação natural entre a tese de canonização do acesso e a tese de finitude é igualmente observada pelas diferentes perspectivas de identificação de falhas e neutra relativamente a ser corporizada por este ou aquele conjunto de falhas concretas, afectando estes ou aqueles conteúdos. Quer o conjunto das falhas detectadas só inclua muito poucas, quer seja mais extenso e abarque mesmo já um número significativo--e mesmo que vá ainda mais além e acrescente outras e mais outras--a relação de forças que está definida de raiz repete-se nessas diversas constelações de falhas detectadas e nas perspectivas de auto-avaliação do acesso que lhes correspondem e preserva a sua identidade em todas elas. De tal modo que todas são ocorrências, variantes dela, verificam o que ne-

la está fixado e comungam nela.

Em segundo lugar, o que está apresentado na notícia que se tem da finitude nunca se resume a esta ou àquela falha isolada ou a um conjunto de falhas não articuladas entre si. Cada falha aparece sempre já como momento de algo que não se fica por ela, cada conjunto de falhas aparece sempre já como momento de um colectivo mais abrangente. E isto de tal modo que esse colectivo não corresponde à mera indicação de ainda outras falhas, antes tem uma determinação própria, diferente da simples adjunção de mais elementos--uma determinação conglobante, que confere a todas unidade. E de tal modo que essa determinação conglobante está sempre já a enquadrar cada falha detectada e é a ela que sempre já se vê ao ver-se a finitude: não se têm nunca somente falhas isoladas, vêem-se as diferentes falhas sempre já no contexto dessa determinação englobante, como momentos dela e da unidade colectiva que constitui. Mas mais. De facto, a determinação conglobante que assim está sempre já a integrar em si cada uma das falhas ou cada um dos conjuntos de falha de que se tem notícia não é só uma determinação que articula as diferentes falhas. Para além disso, define-se precisamente pela fixação de uma articulação (de uma relação de forças) entre todas elas e a eficácia do ponto de vista, feita nos termos que se apontaram. De modo que estabelece como que a "figura" global, a "silhueta", de toda a finitude, desenhada pela sua subalternização à eficácia do acesso, com os seus traços claramente marcados por essa subalternização. O reconhecimento natural da finitude tem, todo ele, na articulação entre a tese de canonização do acesso e a tese de finitude qualquer coisa como uma forma na segunda acepção. Nunca na verdade se vêem falhas desligadas desta "equação" global da qualidade do acesso em que nos temos, definida pela prevalência da tese de canonização sobre a tese de finitude. Nunca se vêem falhas num meio neutro relativamente a essa equação fundamental. Antes é sempre já integrado nesta equação fundamental que cada foco de imperfeição do acesso se

apresenta. Ao ter-se notícia da finitude não é a falha A ou a falha B ou a falha C ou o conjunto delas só por si que estão em perspectiva, mas essas falhas como momentos de uma configuração global de eficácia/restrição marcada pela preponderância da primeira.

Finalmente, as diferentes ocorrências concretas de limites apenas ilustram, secundam, confirmam o que no fundamental já está previsto na antecipação desta determinação fundamental. E isto de tal modo que o que de cada vez essencialmente define a identidade da imperfeição a que o nosso ponto de vista se reconhece sujeito (o que ela é, de que é que se trata nela) não são os aspectos que variam com as diferentes constelações de falhas detectadas, é precisamente a relação de forças entre a imperfeição e a eficácia do acesso que está sempre já fixada na forma como vemos.

As diferentes imperfeições não constituem senão especificações do estado-de-coisas que essa fixação fundamental da relação de forças já define, especificações de que, por isso, mesmo sem as conhecer miudamente, já há um saber (e um saber fundamental) decorrente da tese de finitude e da tese de canonização do acesso, da maneira como estão constituídas e articuladas e de como conjuntamente produzem a antecipação de um tipo bem definido de falhas.

*

Resumindo:

Assim como na apresentação habitual há determinações que se repetem (de tal modo que, mesmo registando-se variações nas múltiplas instâncias em que estão presentes, tais variações não obstam a que se mantenham idênticas), assim tambem no reconhecimento natural da finitude há um núcleo de determinação que se repete mesmo que variem os focos de falhas detectadas, de tal modo que não fica atingido por essas modificações e preserva a sua identidade a despeito

delas.

Assim como na apresentação habitual há determinações conglobantes (de totalidade), em que o que está fixado são determinadas articulações de multiplicidades (articulações que absorvem em si os diferentes elementos das multiplicidades que conglobam, de tal modo que estes deixam de aparecer na sua ocorrência isolada e ficam reduzidos a momentos dessa determinação colectiva), assim também no reconhecimento natural da finitude há um núcleo de determinação conglobante, que absorve sempre já em si (e tem sempre já reduzido a um momento do que ele próprio fixa) cada falha ou conjunto de falhas detectadas.

E assim como na apresentação normal das coisas as multiplicidades de determinações diferentes estão agregadas em torno de núcleos de determinação que estabelecem a identidade de cada coisa e a que as outras determinações se subordinam como aspectos acessórios, de caracterização complementar (se assim se pode dizer, de "adjectivação" ou pormenorização do que está fixado nesses núcleos), assim também no reconhecimento natural da finitude há um núcleo de determinação que é fundamentalmente responsável pela fixação daquilo por que a finitude é tomada.

E, finalmente, assim como na apresentação habitual das coisas há determinações que simultaneamente são <u>forma</u> nestes três sentidos (de tal modo que são determinações conglobantes, repetíveis numa multiplicidade de instâncias, que definem o fundamental da identidade em que se acham reconhecidas muitas das coisas de que se tem apresentação), assim também no reconhecimento natural da finitude há um núcleo de determinação (e, de facto, para todo o reconhecimento natural da finitude, um <u>único</u> núcleo) que acumula o exercício de todas essas funções de forma. E esse núcleo é precisamente a equação fundamental da relação de forças entre a eficácia e a finitude do acesso--aquela que corresponde à preponderância da tese de

canonização do acesso sobre a tese de reconhecimento da finitude.

É certo que esta forma tem um carácter peculiar--tal que não é imediatamente reconhecível e há necessidade de um esforço de disquisição para a conseguir pôr em relevo (para fazer sentir a sua presença e o seu domínio, para que se desenhe claramente). Constitui assim "somente" uma forma inexplícita, que não pertence ao domínio daquilo que ostensivamente se apresenta (numa distinta acusação de si), mas ao daquilo que, sem se acusar, sem se dar a ver distintamente, está todavia presente na perspectiva que se tem e afecta o modo como se vê, determinando-o, conformando o que nele se vê, pondo nele o seu "cunho". Mas, sendo assim, de facto isso em nada diminui o seu efeito como forma e o pleno exercício do conjunto de funções que lhe corresponde. Mesmo sendo uma forma inexplícita, com uma presença inaparente, discreta (e a tal ponto que nem sequer se tem ideia dela), determina justamente a perspectiva que se tem e exerce sobre ela o seu domínio, de tal modo que se vê sempre segundo ela.

Deste modo, a concepção natural da subalternização do reconhecimento da finitude à tese sobre a eficácia do acesso não é de maneira nenhuma um pormenor, um aspecto acessório da perspectiva que se tem sobre a imperfeição do ponto de vista. Constitui, pelo contrário, um e até mesmo o momento central que mais decisivamente estrutura e orienta o reconhecimento da finitude, determinando o seu carácter e o seu sentido.

É precisamente isto que de mais importante sempre já se sabe sobre a finitude e é este saber que (ainda quando de uma forma inexpressa, de que não nos damos conta) prevalece sobre todo o reconhecimento da existência de uma margem de desconhecimento da finitude (de uma finitude relativamente à finitude), minimizando o seu porte, neutralizando a sua importância.

Em consequência desta comprensão fundamental, mesmo quando, como no início se fez, se foca a finitude da apercepção da finitude

e o desconhecimento em que ainda se está relativamente a ela, a finitude continua sempre a apresentar-se, não obstante a admissão de uma margem de escondimento a seu respeito (e por mais sincera que seja essa admissão, por mais plena que seja a evidência com que tal margem de escondimento se dá a ter de ser reconhecida), como qualquer coisa no fundo e no essencial já sabida.

E daí a indiferença com que se pode e tende a olhar a tarefa do seu levantamento, o pendor para encarar essa tarefa como algo em que na verdade nada está--nada pode estar--em causa.

*

Fixa-se deste modo a noção de forma da finitude para referir esta estrutura permanente que intrinsecamente domina a apercepção da finitude no ponto de vista natural.

Não importa examinar toda a série de problemas que levanta o fenómeno da forma, nas suas diversas facetas, e as dificuldades que se opõem à efectiva compreensão da respectiva possibilidade, natureza, etc..

O plano em que se está não é um plano de acompanhamento adequado desse fenómeno, de intelecção irrestrita daquilo em que consiste, isenta de dificuldades, plena de clareza. Mas o que importa é que é um plano em que, com todas as dificuldades que levantam, com todas as aporias em que o respectivo exame se embaraça, de facto ocorrem fenómenos desta ordem.

A adopção da noção de forma não significa de modo nenhum a adopção de um "princípio metafísico" e muito menos de uma determinada metafísica. Corresponde apenas à verificação da ocorrência desses fenómenos, da sua presença e do seu domínio no modo como vemos. Muito em particular corresponde à verificação de que a autocompreensão em que se tem o acesso que há em nós e a perspectiva que tem

da sua finitude estão organizados por um fenómeno desta natureza--à verificação de que há efectivamente uma equacionação inexplícita da "relação de forças" entre a eficácia e a imperfeição do acesso e de que essa equacionação desempenha, relativamente a toda a multiplicidade de falhas e limites que no ponto de vista natural se vislumbram, as funções correspondentes a um fenómeno de forma--de tal modo que toda a finitude reconhecida aparece "cunhada", "enformada" por ela.

Cumpre neste contexto assinalar--pois esse é um ponto que se presta a equívocos--que a forma da finitude, como assim está em causa, não é primariamente uma estrutura da própria situação de finitude (da real configuração da relação de forças entre a esfera de eficácia e o campo de escondimento que correspondem a um determinado ponto de vista), mas sim uma estrutura da apercepção da finitude, da compreensão que esse ponto de vista ele mesmo tem do seu carácter finito. A forma de finitude, neste sentido, é primariamente uma componente (a componente essencial, o núcleo), não da situação de finitude propriamente dita, mas da perspectiva que um ponto de vista tem sobre a situação de finitude em que se acha.

Assim sendo, por outro lado a forma da finitude entendida deste modo constitui justamente uma concepção da situação de finitude, definindo uma determinada articulação do tido e do não-tido a que as relações entre tido e não-tido, como de facto têm lugar na situação real, podem ou não corresponder. Em conformidade, e por extensão, designa-se também por forma da finitude a estrutura de repartição e articulação do tido e do não-tido que efectivamente caracteriza um ponto de vista, esteja ou não esteja apercebida por este. Neste segundo sentido, derivado, a noção de forma designa a relação real entre a eficácia do ponto de vista e a sua imperfeição--a relação real que faz que a forma da finitude, no sentido próprio, seja ou não adequada ao ponto de vista a que se refere.

*

Posta assim em relevo a forma que naturalmente domina em nós a apercepção da finitude, importa insistir ainda num ponto, que já foi objecto de atenção, mas não está ainda focado com nitidez suficiente para se revelar com toda a sua acuidade, em todo o seu alcance.

A forma da finitude, tal como se tentou pô-la em evidência, tem a ver com uma peculiaridade do modo como a notícia da finitude traz delimitado aquilo para que aponta: por um lado não se dispõe apenas de uma notícia de que a finitude ocorre (absolutamente indeterminada, omissa, quanto à amplitude de que se reveste); por outro lado, tampouco está constituída uma delimitação exaustiva dessa amplitude, um traçado concreto dos seus contornos: a delimitação, como se disse, tem lugar de um modo que se situa entre esses dois extremos, por circunscrição global do âmbito da imperfeição possível, feita por meio de uma avaliação global da sua relação com a capacidade do ponto de vista, com a sua "força" de revelação das coisas.

Mas, se dessa maneira corresponde a qualquer coisa como uma via intermédia entre a total indeterminação quanto à amplitude das restrições no acesso e a precisa delimitação delas, o "medium quid" (mais determinado que a pura indeterminação, menos preciso do que a fixação de fronteiras concretas) que assim caracteriza a perspectiva de antecipação da finitude não significa de maneira nenhuma uma delimitação fraca, apenas uma meia-fixação ou uma fixação imprecisa, só muito grosseira, dos limites da finitude possível--tão vaga que não chega a ser efectiva ou de todo o modo o é pouco.

Na verdade, o facto de comportar uma margem de indeterminação não diminui em nada a efectividade da delimitação que opera. E o carácter meramente "qualitativo", se assim se pode dizer, da relação de forças cuja equacionação a constitui em nada enfraquece a

firmeza das fronteiras que estabelece.

É justamente por determinações e contrastes qualitativos (de peso, de importância, de "muito", "pouco", de "pequena", "grande" ou "a maior parte",etc.) que a nossa perspectiva primária e decisivamente se orienta; não é por determinações ou delimitações exactas (as quais na verdade marcam justamente pela "tradução" ou "repercussão" qualitativa do seu significado--que é a mesma para uma margem relativamente ampla de quantidades próximas e não tem fronteiras, limiares de modificação exactamente situáveis em nenhum momento da escala quantitativa). São delimitações e contrastes qualitativos, com toda a sua imprecisão, com toda a impossibilidade que há de dizer exactamente onde se situam os seus cortes, que vincam as grandes cesuras e estabelecem os contrastes mais decisivos e marcantes no campo em que nos movemos.[9]

Por grande que seja a margem do que deixa em aberto, a forma natural da finitude define uma posição de acesso, uma condição do ponto de vista, com uma identidade perfeitamente definida, inconfundível, de tal modo que as fronteiras do horizonte que fixa são absolutamente demarcadas.

Para o perceber bem, é necessário tentar compreender que é que seria preciso para se alterar a forma de finitude que naturalmente está constituída--ou seja que diferença há entre esta forma da finitude e aquilo que fossem outras formas.

Resulta claro do que já se expôs que não seria pura e simplesmente uma expansão ou retracção da amplitude da imperfeição do ponto de vista (a descoberta de mais focos de finitude a afectá-lo ou a aquisição de acesso a horizontes antes vedados) que constituiriam só por si uma modificação da forma. Deslocações da fronteira do horizonte de acesso, alterações da configuração do seu território, mesmo que numerosas e bastante vastas, podem na verdade deixar absolutamente intacto o domínio da forma natural.

Para que uma tal modificação se produzisse seria necessário que esse avanço ou esse recuo das fronteiras da imperfeição fossem de molde a alterar radicalmente a auto-avaliação global do olhar quanto à sua "força", à sua capacidade reveladora, modificando desse modo em cada um dos seus momentos todo o estatuto que a apresentação tem para si e, correlativamente, todo o estatuto daquilo que se tem na apresentação. E isto de tal maneira que, retraindo-se o campo de escondimento, se produzisse uma transfiguração de toda a apresentação que se tem, ela se elevasse globalmente a um novo plano de mais perfeito acesso, que fizesse aparecer como globalmente insuficiente o plano de acesso anteriormente tido; e, expandindo-se esse campo (ou seja, descobrindo-se um horizonte de escondimento mais vasto do que o que naturalmente se cuida haver), isso representasse uma queda da posição de acesso em que o ponto de vista se compreende antes de ter lugar essa expansão do escondimento.

Em qualquer dos casos--e esse é o ponto decisivo--a modificação da forma corresponderia a uma infirmação global da perspectiva que, antes de a modificação se dar, o ponto de vista tem das coisas. A alteração da forma da finitude corresponderia, teria de corresponder ao advento da compreensão de que, ao contrário do que naturalmente se inculca, essa perspectiva não é a perspectiva própria, adequada para o acompanhamento do que há--de que não é esse o olhar que verdadeiramente corresponde às coisas.

Quer a modificação da forma se desse no sentido de uma diminuição do escondimento, da elevação da perspectiva a um plano menos restrito, quer se desse na descoberta de que afinal o plano de escondimento é de proporções muito mais graves do que as que naturalmente estão previstas, em qualquer dos casos ela implicaria uma destituição da tese de eficácia que a perspectiva natural tem no seu fulcro, qualquer coisa como um colapso, uma catástrofe dessa perspectiva e a sua substituição por outra, num caso com um acesso globalmente superior, no outro com um acesso que se percebe radi-

calmente mais restrito, menos eficaz do que naturalmente parece.

E assim também para uma terceira possibilidade de modificação da forma, que também há que considerar. Todas as diferentes situações levadas em conta (domínio da forma natural, modificação dela por passagem a um plano de acesso superior, modificação dela por descoberta de que o acesso que se tem está globalmente num plano muito menos eficaz do que parece) são situações de clara definição do que se passa com a finitude--em que se acha estabelecido qual o seu porte e de que modo restringe a eficácia do acesso que se tem. Mas também pode haver situações de perda de orientação acerca da extensão e alcance da finitude, situações em que não se sabe qual é efectivamente a relação de forças escondimento/não-escondimento (em que medida é eficaz ou imperfeito o acesso que se tem)--situações em que tudo isso se mantém aberto, ainda por descobrir. Estar numa situação assim seria também estar num plano completamente diferente daquele em que de ordinário nos achamos e corresponderia de facto a estar numa outra forma da finitude (numa forma aberta, na forma da indefinição da relação de forças). E equivaleria igualmente a um global colapso de perspectiva, em que tudo (o acesso em que se está, o alcance do que se tem nele) mudaria de figura. Mesmo que o "conteúdo" do acesso não mudasse (mesmo não havendo qualquer retracção do escondimento ou qualquer expansão dele), só o desaparecimento da segurança de que o acesso habitualmente se reveste, só o não saber a que ponto a apresentação que se tem esconde, a que ponto revela, implicaria uma radical perda de estatuto, uma catástrofe de perspectiva, pondo toda a apresentação que se tem (e cada um dos seus momentos) num outro pé, completamente distinto (e, se assim se pode dizer, muito longe) daquele que é habitual para nós.[10]

A modificação da forma não poderia ocorrer sem uma drástica erradicação desta ordem.

Toda e qualquer outra modificação inscreve-se no quadro de variações da quantidade e da distribuição dos focos de finitude, que a forma natural justamente prevê e alberga em si, ou seja nas múltiplas configurações possíveis, de falhas mais ou menos amplas que, dada a natureza peculiar de que se reveste, admite sem que se perturbe a sua determinação (antes confirmando-se ela, mantendo-se idêntica e em pleno vigor).

A forma corresponde a uma canonização do modo como vemos (fixando que este é já o modo próprio de as coisas serem vistas e definindo um espaço aberto de imperfeição compatível com esta tese). E só é, só seria modificável por uma verificação de que não é assim, por uma descanonização, por uma destituição dessa pretensão.

As fronteiras da forma da finitude têm este carácter bem vincado, correspondendo a uma abrupta e global mudança do nível de acesso, a um "salto", a uma descontinuidade no modo como se têm as coisas. O que se situa "para lá" da delimitação da finitude que a forma natural estabelece--ou seja : uma outra forma da finitude--tem essa alteridade global de todo o seu plano relativamente àquele em que nos situamos. Não poderia ser maior o seu contraste com o horizonte da forma natural.

*

Mas, entretanto, se é de algum modo identificável o que constitui a diferença entre a forma natural e outras formas da finitude, que possibilidades concretas é que há que correspondam a esse "para-lá" da forma natural--a uma outra forma da finitude ?

A possibilidade de uma outra forma é em primeiro lugar concebível relativamente a outros pontos de vista, diferentes do meu, com um outro acesso àquilo que há. Independentemente da incapacidade que experimento em acompanhar qual possa ser de facto a perspectiva desses pontos de vista com uma outra forma da finitude, compre-

endo pelo menos em princípio a sua admissibilidade. Mas, em segundo lugar, poderia eventualmente eu próprio experimentar no meu ponto de vista uma modificação da forma da finitude, ou acedendo a um ponto de vista globalmente "superior", que derrogasse a apresentação normal que tenho das coisas; ou, pelo contrário, percebendo a apresentação em que me encontro como uma apresentação incomensuravelmente mais imperfeita do que naturalmente se concebe.

A possibilidade de uma tal modificação, a possibilidade de eu próprio vir a experimentar no meu ponto de vista uma modificação dessa ordem é, entretanto, o que naturalmente de todo em todo não se vê. E, mais do que isso, o que a inexplícita tese da forma natural, vigente em nós de um modo inexpresso mas absolutamente categórico, na verdade faz excluir.

Está precisamente decidido que a situação do meu olhar corresponde de facto àquilo que a forma natural inculca--é nessa decisão que consiste a vigência da forma.

Sendo assim, se entretanto se examinarem com cuidado as condições em que se produz esta decisão,esta exclusão da possibilidade de uma outra forma ser a que de facto corresponde ao meu acesso às coisas, verifica-se todavia que não há nada que em princípio permita efectivamente excluir essa possibilidade e assentar definitivamente na forma natural da finitude.

Com efeito, em princípio pode muito bem acontecer que a finitude de segundo grau, a finitude da apercepção da finitude--que, com uma margem de extensão ainda não determinada, se verificou ocorrer--tenha dimensões tais que a amplitude de restrição do acesso que se mantém inacompanhada implique na verdade, se descoberta, uma destituição do ponto de vista natural, na sua pretensão de canonicidade, na sua pretensão de ser a forma adequada de acesso às coisas.

A decisão que naturalmente está tomada a respeito da forma é

categórica e inculca-se de tal modo que não deixa aberta a possibilidade de vir a ter de ser revista. Tendemos a homologá-la e a segui-la--nada havendo que minimamente indicie que ela possa não corresponder à situação real.

Mas por outro lado, verificando as condições de acesso em que tal decisão está tomada e em que a evidência que a sustenta se produz, vê-se que a situação não é de maneira nenhuma uma situação de transparência relativamente às restrições a que está sujeita e que, por muito pouca verosimilhança, por muito pouca probabilidade que se possa reconher a tal hipótese, não é possível excluir em absoluto que a evidência da forma natural não resulte justamente senão do escondimento da própria imperfeição que há, ou seja de um condicionamento de finitude na apercepção da finitude. De tal modo que na verdade seja só porque não acompanho adequadamente aquilo que escapa ao meu acesso que a canonização deste na forma natural se pode produzir.

E o reconhecimento desta possibilidade de princípio (por mais que a forma naturalmente se imponha como irrecusável, por mais que a esta possibilidade alternativa não se atribua senão o carácter de uma hipótese "teórica", remota, "académica"--com cuja verificação de facto não se conta) é, nas condições em que nos encontramos, tendo em vista o que estamos e o que não estamos em condições de garantir fundadamente, algo que de facto não se pode deixar de fazer, a que não há nenhum meio de escapar.

Pese embora tudo quanto, com foros de evidência, parece contrariar essa possibilidade, pese embora a certeza quase absoluta que se tem relativamente à eficácia do acesso em que se está, é efectivamente possível que a imperfeição que o afecta--a sua finitude--seja incomensuravelmente mais ampla do que aquilo que naturalmente se detecta e incompatível com o que está previsto na forma natural, de tal modo que, uma vez posta a descoberto, imponha uma destituição da forma da finitude naturalmente vigente.

*

Mas ainda aqui, nesta admissão de princípio da possibilidade de ser uma outra forma, diferente da forma natural, a que corrresponde à situação real de finitude, persiste uma influência da forma natural que condiciona o sentido da admissão e o restringe--e uma influência que não tem a ver com a pouca verosimilhança que se atribui à possibilidade reconhecida (com a sua consideração como algo esmagadoramente improvável), mas sim com o próprio"conteúdo" do reconhecimento, com o próprio sentido da possibilidade considerada.

Com efeito, ao conceber-se assim a possibilidade de ser outra a forma de finitude efectivamente correspondente à situação de acesso em que se está, compreende-se implicitamente essa possibilidade como se, a ser admissível que o meu ponto de vista tenha uma finitude muito mais ampla do que a que naturalmente se inculca e venha por isso a ter de ser destituído da canonização em que naturalmente se acha, o desnível,a distância admissível entre o plano de perspectiva de que naturalmente se dispõe e o plano de perspectiva em que se supere essa finitude mais ampla seja a distância de um só corte, de uma só descontinuidade, e não a de uma multiplicidade ou até de um abismo de cortes, de descontinuidades.

Por outras palavras, e tentando formular tão claramente quanto possível esta antecipação restritiva que ainda se insinua na próprio reconhecimento da possibilidade de haver uma outra forma da finitude (antecipação que mostra como a tese de canonização, a forma natural está tão profundamente enraizada que ainda influi na própria concepção da sua erradicabilidade, da sua queda):

Concebe-se a possibilidade de um plano de perspectivação mais perfeito do que o nosso. Não se concebe a possibilidade de haver uma multiplicidade de modos de acesso à realidade superiores aque-

le em que nos temos e separados entre si por radicais diferenças na amplitude do acesso que proporcionam (i.e. com diferenças de forma, com tudo o que isso significa). De tal sorte que entre o modo de acesso em que nos achamos e um acesso adequado, próprio à realidade sejam possíveis diversos pontos de vista, cada vez mais perfeitos, numa hierarquia em que cada ponto de vista superior corresponda à superação de uma finitude que globalmente afecta o modo de acesso característico do ponto de vista que o precede. Não se concebe que a perspectiva que temos das coisas possa estar marcada pela acumulação de todos esses modos de finitude e a uma incomensurável distância de um acesso que efectivamente corresponda àquilo que há.

Ou seja, não se considera a possibilidade de a perspectiva que se tem estar presa de uma multiplicidade muito ampla de graves planos de imperfeição, cuja descoberta represente, se realizada, uma multiplicidade ampla de catástrofes, de quedas do ponto de vista relativamente à perspectiva em que naturalmente se acha e à compreensão que nela tem do acesso que lhe está dado. E não se concebe que, desse modo, ao realizar-se a descoberta da finitude, mesmo produzindo-se já detecções de imperfeição do acesso com um impacto de catástrofe sobre o ponto de vista natural (e que fazem destituir a forma da finitude nele vigente), a perspectiva que essas detecções abrem possa por sua vez, apesar da grande amplitude do escondimento de que já se apercebe, estar ainda a anos-luz de adivinhar a possibilidade de outras dimensões de escondimento, de impacto não menos ou mesmo ainda mais catastrófico, que na verdade também afectam o nosso ponto de vista--e não somente esteja longe de adivinhar tal possibilidade, mas para além disso implicitamente a exclua, numa limitação da amplitude possível da finitude que de todo não prevê uma imperfeição com essas dimensões.

De tal modo que, entretanto, uma mais rigorosa identificação da finitude possa vir efectivamente a pôr a nu essas dimensões insus-

peitadas de imperfeição do acesso, erradicando assim, fazendo cair a compreensão da totalidade da finitude, implícita mas efectiva, vigente antes da sua detecção.

E assim sucessivamente, numa multiplicidade de quedas, de catástrofes de perspectiva, de tal forma que, não obstante a amplitude da modificação do ponto de vista de cada vez já produzida, na verdade ainda sejam possíveis mais expansões radicais da amplitude de imperfeição, ultrapassando em muito o que de cada vez, antes de se darem, parecia possível. Isto é, de tal maneira que no curso do apuramento da finitude possam sucessivamente ser pulverizadas antecipações implícitas da totalidade da finitude possível, teses de autocompreensão do acesso, marcadas ainda por definições restritivas da possibilidade de imperfeição, que, não obstante todas as modificações, todos os colapsos da pretensão natural, ainda subsistam.

Por outras palavras, não se concebe que, para lá da forma natural, a averiguação da forma da finitude possa conduzir, não a uma outra forma da finitude, mas a uma multiplicidade de sucessivas formas da finitude, em que a destituição da tese de preponderância da eficácia do acesso sobre a sua imperfeição (que é característica da forma natural) vá assumindo uma natureza cada vez mais grave, cada vez mais perturbadora da "segurança" do ponto de vista. Sem que, no entanto, com este sucessivo agravamento do domínio da imperfeição, e por extraordinariamente longe que ele pareça ir, a apercepção que se tem da finitude corresponda já minimamente à finitude que afecta a situação real--que de facto pode ser ainda mais ampla, mais grave do que todas essas expansões da forma conseguem pôr a nu.

*

Não se concebe absolutamente nada disto. Mais: tudo isto é algo que, se observarmos como reagimos à formulação agora mesmo fei-

ta desta possibilidade, verificamos constituir qualquer coisa que de facto não se leva a sério, com que não se conta e que, desse modo--seja ou não formulada expressamente tal exclusão--se exclui.

Mas, se esta possibilidade está assim naturalmente fora do horizonte, e se, considerada, parece ainda mais remota e improvável do que a simples admissão de uma outra forma da finitude que não a forma natural, exactamente as mesmas razões que não deixam excluir em absoluto a eventualidade de a forma da finitude correspondente à situação em que estamos ser de facto diferente da que naturalmente se inculca (e só não se manifestar em resultado de um condicionamento, de uma finitude na apercepção da finitude), impedem também que se possa excluir em absoluto a possibilidade de princípio de o domínio da finitude que nos escapa ter uma amplitude tal que o seu percurso, se levado a cabo, corresponda efectivamente a essa sucessão de catástrofes do ponto de vista--e tanto quer dizer ao mesmo tempo, a essa sucessão de diferentes formas da finitude.[11]

Por princípio, dada a situação em que nos achamos e os limites do que nela pode efectivamente ser asseverado, independentemente da nula probabilidade com que aos nossos olhos esse possível se apresenta, tem de ser de facto admitida a possibilidade de a finitude que nos afecta na verdade comportar, escondida por uma retenção no acesso que a ela temos, uma amplitude incomensurável da ordem referida e tal que a sua descoberta implique precisamente essa série de catástrofes do plano de perspectivação em que se está.

*

A detecção da vigência natural de uma antecipação implícita da totalidade da finitude possível e a identificação do enraizamento dessa antecipação numa tese fundamental de autocompreensão do ponto de vista, que estatui a subalternização da imperfeição à eficá-

cia e fixa uma forma minimizante da finitude, ao abrirem assim a perspectiva que se tem para o problema da forma da finitude, não se limitam a trazer a lume mais um elemento de importância para o conhecimento cabal da compreensão da finitude que naturalmente sempre já domina em nós.

Na verdade, com a apercepção da possibilidade de haver uma não-correspondência entre a forma naturalmente constituída e a situação real da finitude a que se está sujeito, quer dizer com a apercepção da possibilidade de o domínio da forma natural da finitude na verdade só ocorrer em virtude de uma finitude no acompanhamento da finitude, abrem-se questões de que a compreensão espontânea do sentido de uma tarefa de levantamento da finitude não faz a mais pequena ideia.

Levada a sério esta possibilidade, introduz-se uma dimensão inteiramente nova na questão da finitude do ponto de vista, uma dimensão que subverte o quadro em que naturalmente situamos tal questão. É esta modificação das dimensões do problema da finitude, como resulta da questão da sua forma, que é preciso agora pôr em relevo.

1.1.3 A questionabilidade da forma natural da finitude--a possibilidade da sua INADEQUAÇÃO. A função condutora da antecipação da forma na averiguação da finitude e a possibilidade de a forma da finitude vigente no nosso ponto de vista ter um papel OCULTANTE, escondendo a situação real de finitude. O problema da FORMA DA FINITUDE como problema fundamental: a sua precedência no quadro da averiguação da finitude.

Naturalmente todas estas possibilidades parecem remotas, "fantásticas". Parecem mesmo tão remotas e fantásticas que na verdade, por muito que se veja que em rigor não se está em condições de as excluir absolutamente, na realidade não chegam verdadeiramente a ser tomadas como possibilidades efectivas, mas tão somente como ce

nários puramente figurados--de facto totalmente destituídos de cabimento, inadmissíveis.

O domínio da forma natural da finitude manifesta-se nisso mesmo, na peculiar **inadmissibilidade de facto** que assim **prevalece** sobre o reconhecimento da **admissibilidade de direito.**

Mas, sendo assim, nada disto, como se assinalou, tira o que quer que seja à possibilidade que assim tem de ser reconhecida, diminui em alguma coisa o carácter de **possibilidade real** que é o seu.

Por muito que isso se afigure improvável e que se tenha a certeza praticamente absoluta de que não é assim, **pode muito bem acontecer** que esta fixação na forma natural da finitude, que assim parece tão pacífica e tão óbvia, não resulte justamente senão de um condicionamento de vinculação a essa forma, em correspondência a um muito amplo escondimento da imperfeição do acesso, a uma muito ampla finitude na apercepção da finitude.

Pode muito bem acontecer que a ocupação do olhar pela forma natural, o domínio absoluto que, como se procurou mostrar, esta exerce sobre ele, não seja justamente senão o que sela esse escondimento, constituindo uma cegueira relativamente à situação de finitude em que efectivamente se está.

De tal modo que dimensões avassaladoras de finitude estejam a afectar o meu ponto de vista, sem que de todo em todo me dê conta disso, apresentando-se-me pelo contrário com evidência que as dimensões da finitude que me afecta são e só podem ser bastante mais modestas (as que correspondem ao regime de soberania do acesso sobre as suas falhas). E isto a ponto de essas dimensões avassaladoras serem justamente tais que, tentando-se seguir na sua pista, o seu percurso corresponda a uma sucessão de graves modificações da forma da finitude, modificações que, por mais longe que de cada vez já vão, ficam ainda aquém da situação real, deixando fora do horizonte, excluídas, dimensões fundamentais da finitude a que de facto o ponto de vista está sujeito.

Precisamente isto pode estar mesmo a acontecer--a acontecer connosco.

E não se trata apenas de uma possibilidade puramente imaginária, trata-se de uma possibilidade efectiva, de algo que pode absolutamente ser o caso.

Esta circunstância, esta possibilidade que, por mais fraca que pareça, é indespedível, confere ao problema da finitude uma nova dimensão, fá-lo aparecer a uma nova luz, altera-o drasticamente.

Para o perceber bem considere-se o seguinte.

A perspectiva que corresponde à forma natural da finitude constitui (pela própria antecipação que está no seu fulcro, pelo modo como dá a ver na sua totalidade o horizonte da imperfeição possível) um saber da finitude, um saber de que se dispõe já antes de proceder a qualquer levantamento--e um saber fundamental em que, no essencial, está já determinado, adquirido o estatuto de toda a multiplicidade dos focos de finitude que são admissíveis.

O carácter efectivamente revelador deste saber, a abertura que por ele se produz, o acesso à finitude que nele se dá são inegáveis. Antes mesmo de identificar os focos concretos de imperfeição do acesso, é a compreensão antecipada do seu horizonte (excedendo sempre os focos de cada vez já identificados e indicando sempre a ocorrência possível, provável e mesmo, para todos os efeitos, certa, de ainda mais focos de finitude) que põe na pista desses outros focos e leva o meu olhar ao seu encontro.

Mas, se deste modo inegavelmente lhe inere um carácter revelador relativamente à finitude que me afecta, induzindo, despertando a apercepção de aspectos dessa finitude, pondo na possibilidade de os procurar, de ir no seu encalce, por outro lado os aspectos da finitude em cuja pista a forma natural põe são justamente aqueles que lhe correspondem--e só esses.

Relativamente a outros aspectos de finitude que eventualmente

haja e que não correspondam ao paradigma que estabelece, a forma natural, no seu domínio, desempenha pelo contrário o papel de afastar o olhar desses aspectos, de os excluir de perspectiva.

Isto manifesta-se claramente na compreensão que tendemos a ter do que seja um levantamento da finitude, compreensão que de antemão decide que esse levantamento terá o carácter de uma identificação de falhas avulsas, excluindo (excluindo imperceptivelmente--excluindo sem que se dê por isso, mas excluindo, não obstante, de forma efectiva) qualquer outra possibilidade. E manifesta-se também, com todo o poder que sobre nós exerce, no prevalecimento desta exclusão de facto sobre a admissão de princípio (a que, vendo bem, se é obrigado)--quando, apesar de se perceber ser em rigor possível que a finitude na verdade não corresponda à forma natural, se continuam efectivamente a ver as coisas como se essa possibilidade em absoluto se achasse excluída, mantendo-a realmente fora do horizonte.

Havendo, conforme sublinhado, a admissão de aspectos de finitude ainda a detectar, reconhecendo-se uma margem de escondimento da própria finitude e percebendo-se deste modo que ela é qualquer coisa ainda a procurar, todo o horizonte assim aberto é como que canalizado no sentido da antecipação correspondente à forma natural da finitude e absorvido nela.

Ora, assim sendo, se--como é possível--houver na realidade um volume de finitude para lá do que está previsto na forma natural, então o saber que a forma natural da finitude tem constituído, a orientação relativamente à finitude e à tarefa do seu levantamento que esse saber nos dá, desempenham, ao mesmo tempo que uma função reveladora (relativamente às falhas que prevê--pondo no rasto dessas falhas, advertindo para elas), um papel ocultante. A forma natural mantém então a perspectiva em que se está fechada para todo o campo da finitude não prevista no seu quadro, cega relativamente a todo esse volume de escondimento e, mais do que isso, cega rela-

tivamente ao traço decisivo da própria dimensão global da finitude que a situação em que se está comporta e relativamente à relação de forças que de facto há entre escondimento e não-escondimento no acesso disponível. A forma natural esconde então a configuração global da posição de acesso em que se está, distorce a determinação que na verdade essencialmente define a situação de finitude do nosso ponto de vista: a articulação fundamental que nele realmente há entre a sua imperfeição e a sua eficácia.

Um levantamento da finitude dirigido, como normalmente tende a acontecer, pela forma natural da finitude, por muitos aspectos de imperfeição do acesso, por muitos dados da situação de finitude que efectivamente ponha a nu, corre assim o risco de se mover no circuito fechado de um condicionamento do olhar, em que os aspectos mais relevantes e mais críticos da finitude a que o ponto de vista na verdade está sujeito ficam inteiramente ignorados, fora de a percepção.

Este risco, por remoto que pareça, é real, constitui uma possibilidade efectiva, relativamente à qual uma averiguação da finitude não pode ficar indiferente.

E um risco, uma possibilidade, que têm de ser encarados.

A decisão que naturalmente está tomada a este respeito, excluindo sem exame esta possibilidade, não pode ser seguida cegamente. É preciso verificá-la.

Por isso, o passo decisivo para uma averiguação da finitude que em nós há, antes de entrar num levantamento que à partida está orientado, conduzido pela forma natural (movendo-se no campo que ela assigna e tendendo a encontrar apenas os focos de finitude que lhe correspondem) reside precisamente na verificação desta compreensão fundamental e na análise da possibilidade de tal compreensão de todo não corresponder à situação real de finitude, à posição de finitude em que efectivamente se está. Sem esta verificação, sem

um apuramento da adequação do próprio ângulo de abertura fixado pela forma da finitude, todo o apuramento da finitude tem um carácter hipotético, não se sabendo se de facto, não obstante tudo o que revela, não equivale muito mais a um ignorar da finitude do que a uma descoberta dela, ou seja não **mantém** no fundamental a **finitude da apercepção da finitude** que se destina a superar.

Por outras palavras, a questão da **forma da finitude** não é apenas uma questão entre as muitas que um levantamento da finitude tem a considerar, mas uma **questão prévia**, uma **questão fundamental** --ou mais propriamente **a** questão fundamental, que antes de tudo o mais tem de ser esclarecida nesse levantamento.

Pode-se sem dúvida proceder a uma averiguação da finitude que ignore esta questão, podem-se obter resultados, adquirir novas perspectivas, constituir um levantamento da imperfeição do nosso ponto de vista independentemente dela.

Mas sem a sua averiguação todo o levantamento mantém-se suspenso da possibilidade de ser cego para dimensões de finitude que em muito ultrapassam as que de todo em todo estão admitidas na sua perspectiva--ou seja suspenso da possibilidade de ser um levantamento em que a finitude muito mais se esconde do que se descobre.

A superação da finitude na apercepção da finitude, a que o levantamento se destina, requer antes do mais (quer dizer, como momento primeiro do que tem de estabelecer para efectivamente garantir essa supressão da finitude relativa à finitude) o apuramento da questão **da forma**.

Esta questão, que naturalmente de todo nem se põe, tem deste modo, de acordo com o próprio sentido de um levantamento da finitude, uma precedência, um primado na "ordem das questões" deste levantamento.

Antes de assentar uma forma de finitude, antes de, orientado por uma determinada compreensão da forma, proceder ao levantamento dos focos concretos que lhe correspondem, cumpre primeiro identificar

a própria forma sob cujo domínio se está, arrancá-la do funcionamento inconspícuo em que domina o ponto de vista e verificar a limitação que faz do horizonte da finitude possível, verificar os seus fundamentos, verificar o risco que eventualmente pode correr de, pelo seu domínio, fechar o ponto de vista a dimensões de finitude sem cuja apercepção se mantém escondida a situação de finitude em que efectivamente está.

De tal modo que se consiga garantir que a abertura do ponto de vista para a sua finitude seja plena, que a respectiva identificação não esteja entravada por nenhum condicionamento, por nenhuma antecipação que mantenha o olhar imperceptivelmente desviado de possibilidades de finitude, imperceptivelmente fazendo exclusão delas, numa decisão prévia que pode efectivamente não corresponder à situação real do ponto de vista que se tem. Ou seja, de tal modo que se estabeleça, num apuramento tão rigoroso quanto possível, que fixação da relação de forças entre a eficácia e a imperfeição do acesso efectivamente corresponde a essa situação. E tanto quer dizer:

1) se isso for possível, estabelecer qual a real relação de forças entre a eficácia e a imperfeição do acesso que se tem (e, portanto, qual a perspectiva que lhe corresponde--ou seja, qual a concepção adequada da forma da finitude, aquela em que se alcança uma total redução da finitude de segundo grau no que toca à forma);

2) se tal não for possível (se a situação em que estamos se revelar opaca a este respeito e não puder ser posto a claro--tiver de ser deixado em aberto--qual é a real relação de forças entre o escondimento e o não-escondimento no acesso que se tem), então pelo menos estabelecer qual é a forma (qual a perspectiva de admissão de finitude e de delimitação da finitude admitida) que corresponde a essa situação de opacidade, i.e. qual a perspectiva que não mascara a opacidade de que nesse caso se está preso, qual a perspecti

va totalmente advertida para essa opacidade e que não exclui nenhuma finitude que não se esteja em condições de excluir fundadamente, não faz parecer saber o que de facto não se sabe a respeito da real forma da finitude.

Pode até mesmo acontecer que este apuramento da forma da finitude venha pura e simplesmente a redundar numa confirmação da forma natural, em nada alterando a perspectiva de antecipação que já se tem no ponto de partida. Mas tem-se então justamente a forma verificada, numa exclusão segura de todas as possibilidades de imperfeição que não lhe correspondem, e de tal modo que fique eliminado o risco de, laborando nesta forma, se estar a deixar fora do horizonte dimensões decisivas da finitude que se trata de apurar. Ou, pelo contrário, o apuramento da forma da finitude pode conduzir efectivamente a uma erradicação da forma natural, ou porque descobre uma real relação de forças completamente diferente da que está consignada por aquela ou porque descobre que não se dispõe de meios para estabelecer a real relação de forças e esta tem de ser deixada em aberto. De tal modo que o ponto de vista é arrastado numa catástrofe ou até mesmo numa sucessão de catástrofes da sua perspectiva, que mudam radicalmente a forma como vê, o estatuto daquilo que se tem nele.

Qualquer destas possibilidades é, à partida, de admitir. Mas em qualquer delas há um primado, uma precedência da questão da forma sobre todos os outros momentos da averiguação da finitude.

Concomitantemente, a tarefa do levantamento da finitude revela um carácter muito mais complexo do que o de uma investigação que pura e simplesmente vá carreando diferentes momentos, diferentes casos soltos de finitude, até obter um inventário tanto quanto possível adequado do seu conjunto--que é o que naturalmente, e sob o domínio absoluto da forma natural (ou seja, na ausência de uma questão da forma) se sugere como correspondendo a tal tarefa.

À luz da questão da forma, a tarefa de levantamento da finitu-

de implica, em primeiro lugar, apurar se a amplitude do escondimento de facto detectável excede efectivamente as baias daquilo que é integrável na tese de soberania do olhar a que corresponde a forma natural da finitude, impondo assim uma outra forma da finitude. A precedência da questão da forma significa antes do mais a precedência de uma **verificação da forma natural**, a averiguação da possibilidade de ela não corresponder de facto à situação real de finitude.

Mas a averiguação da questão da forma não se esgota aí. Admitindo que a forma natural é identificável como correspondendo a um condicionamento que esconde a situação real, admitindo desse modo que é possível a sua substituição por uma compreensão diferente do horizonte global de finitude, nada impede, como se viu, que por sua vez esta nova compreensão comporte uma antecipação inexplícita e restritiva dos limites da finitude, e que também esta nova forma condicione a perspectiva que se tem acerca da imperfeição do ponto de vista, fazendo que ela tenha um carácter ocultante relativamente à situação real e mantenha uma ampla e até mesmo uma radical finitude na apercepção da finitude.

E assim sempre de novo, por mais longe que pareça ir, por mais drástica que seja a modificação da compreensão da imperfeição possível, por mais que se agigante aquela que se reconhece.

De cada vez é preciso ver se a abertura que se tem relativamente à finitude,a admissão que dela se acha feita, tem estabelecidas restrições excluindo domínios de finitude possível e apurar do bem-fundado dessas restrições. Por forma a conseguir garantir uma determinação da forma da finitude (da delimitação global do horizonte possível da imperfeição do acesso) que exclua esse condicionamento de retenção no acesso à finitude e corresponda efectivamente à situação real, tenha um ângulo adequado a ela.

*

Constituindo deste modo o plano em que o problema da finitude primariamente tem de ser apurado, o ponto prévio sem cujo esclarecimento a perspectivação da finitude pode ser cega, o apuramento da forma da finitude correspondente à situação em que de facto se está representa por outro lado também a <u>parte fundamental</u>, a <u>parte decisiva</u> da averiguação da finitude--aquela em que no essencial se esclarece e define a posição em que estamos a seu respeito, aquela em que fica decidido o mais importante.

Com efeito, do mesmo modo que a forma natural dá o quadro das diferentes ocorrências, dos diferentes focos de finitude que lhe correspondem (do mesmo modo que os antecipa e, independentemente do conhecimento singular de cada um, fixa a natureza, a determinação fundamental da imperfeição do acesso, que em todos eles, depois, se verifica e confirma), assim também, uma vez efectivamente identificada a forma da finitude correspondente à situação em que de facto se está, tem-se a configuração em que se enquadram todas as diferentes ocorrências da finitude possíveis nessa situação: uma apercepção global de toda a situação de finitude, em que a índole do que pode faltar ao nosso ponto de vista--a fraqueza, a imperfeição que pode comportar--fundamentalmente se define.

Se a indagação da forma da finitude se saldar por uma confirmação da forma natural, então isso representa uma nova fixação disso que é mais decisivo, desse quadro de antecipação em que o fundamental da finitude fica decidido--uma nova fixação que estabelece a forma natural numa base não precária, já verificada, de tal modo que a fixação deste aspecto fundamental em que o mais importante fica decidido deixa de ser feita, como habitualmente está, sem que na verdade se saiba a que ponto pode <u>não</u> ser assim, como a forma natural inculca. E, por outro lado, mesmo que o resultado da averiguação da forma seja que há uma inultrapassável opacidade da situa

ção de finitude (de tal modo que não é possível estabelecer com nitidez qual a real relação de forças--qual o quadro de escondimento/não-escondimento em que de facto se está-- e a definição disso tenha de ser deixada em aberto), mesmo nessas circunstâncias a outra forma da finitude que então substitui a forma natural fixa também ela aquilo que nesse caso é o mais fundamental no saber da finitude e o mais decisivo para a definição dela. Embora essa outra forma corresponda a uma perda de orientação (a uma indefinição do que se passa--à impossibilidade de antecipar a finitude a que se está sujeito e de conhecer o seu "quadro"), ela fixa, no entanto, a situação em que de facto se está relativamente a esse "quadro", a essa determinação fundamental da finitude--que isso não é algo adquirido, mas antes por descobrir, ainda em aberto. Nesse sentido, também nesse caso (conquanto só modo defectivo--não no modo do saber, mas do saber que não se sabe) a perspectiva sobre a forma constitui a chave na identificação da finitude, o elemento em que se decide a sua índole e o que é mais marcante a seu respeito.

Por outro lado, do mesmo modo que a forma natural põe na pista das diferentes falhas que lhe correspondem, adverte para elas, indica-as, abrindo o horizonte para a respectiva detecção, assim também, definida a forma de finitude correspondente à situação real do acesso que se tem, fica-se na pista de todo o horizonte das imperfeições a que o ponto de vista está sujeito, fica-se "voltado" para esse horizonte e em condições de proceder à respectiva exploração.

Se a indagação da forma se saldar por uma confirmação da forma natural, então fica excluída a possibilidade de a óptica correspondente à forma natural constituir um factor de escondimento da finitude--fica assegurado que, ao seguir a indicação que dá, ao conceber a finitude nos seus termos e ao proceder a um levantamento segundo ela, se vai já numa senda adequada, que não desvia da finitu

de a que de facto se está sujeito (de sorte que, sem prejuízo de impedimentos circuntanciais quanto à detecção desta ou daquela falha, não há qualquer impedimento fundamental no próprio "ângulo de abertura" segundo o qual se encara a finitude. E, por outro lado, se a averiguação da forma resultar na descoberta de que não é possível ver claro a seu respeito e de que não há nenhum meio de estabelecer com nitidez qual a real relação de forças entre o escondimento e o não-escondimento no acesso de que se dispõe, também nesse caso, embora isso signifique um resultado de indefinição (deixando ainda tudo em aberto), o apuramento da forma--a forma aberta a que conduz--tem um carácter revelador, despertando para o que efectivamente se passa, voltando para a situação aberta (para o faltar-ainda-descobrir) em que nesse caso nos achamos. Nessas circunstâncias, a indefinição da forma é justamente a única perspectiva que não "tapa" a indeterminação de que se está preso e o que ainda falta descobrir--a única que não faz julgar já adquirido esse esclarecimento fundamental que ainda falta, a única que não bloqueia a sua procura, antes remete para ela.

*

A questão da forma da finitude, que naturalmente de todo em todo não se põe e que na compreensão espontânea da tarefa de levantamento da finitude nem sequer figura, revela-se deste modo não apenas como uma componente entre outras, mas propriamente como o núcleo do levantamento da finitude do nosso ponto de vista.

Produz-se assim uma inflexão relativamente ao entendimento espontâneo do que pode ser um levantamento da finitude. A tónica é deslocada para algo de novo e de inesperado. Naturalmente a designação "forma da finitude" não nos diz nada, não há qualquer consciência do fenómeno que lhe corresponde e muito menos um conceito

dele.

De modo que pode até parecer que, ao introduzir-se a indagação da forma e ao passá-la para o centro da averiguação da finitude, se põe sob foco algo totalmente estranho à perspectiva natural e a que nada corresponde nela.

De facto, porém, não é assim.Se naturalmente se desconhece o problema da forma da finitude, esse desconhecimento não se deve à total ausência daquilo que está em jogo nesse problema--não resulta de não haver nenhum elemento a ele referente, de a óptica natural ser totalmente alheia à forma da finitude. Deve-se pura e simplesmente à circunstância de habitualmente a forma estar inteiramente resolvida, assente--de tal modo que justamente não faz qualquer problema. Aliás a própria precedência que se apontou caber à forma na ordem das questões relativas à finitude é uma precedência a que de facto também corresponde algo na perspectiva natural. Também nela é a fixação de uma forma da finitude que preside a todo o reconhecimento desta--e é precisamente isso um dos principais motivos por que se pode falar de uma forma natural da finitude. Simplesmente a assunção fundamental sobre a eficácia e a imperfeição do acesso que constitui a forma natural não se destaca, não se acusa como tal. Resolve tão completamente a questão da forma, estabelece tão firmemente essa solução e domina tão intrinsecamente o próprio modo como sempre se vê, que justamente fica perdido o rasto de qualquer questão da forma e até mesmo o da própria forma da finitude segundo a qual se vê e do papel primacial que tem na conformação da nossa perspectiva sobre a finitude. Ou seja, o que caracteriza a perspectiva natural não é a total ausência da esfera de determinação em que se situa o problema da forma--o problema está é sempre já inexplicitamente resolvido e a sua solução constitui o meio em que habitualmente nos movemos (um meio sem contraste que o permita distinguir e que passa totalmente despercebido, no peculiar apagamento que é próprio do que serve de meio). De tal modo que, estan-

do-se sempre dominado por uma forma da finitude, não se tem qualquer ideia da função determinante que desempenha, do quesito de definição da situação a que sempre já dá resposta e do problema que pode constituir (da possibilidade que há de essa resposta, sempre já vigente, ser de facto desajustada e esconder a situação em que se está, obstruir o seu reconhecimento). Ou seja, é porque o quesito da forma da finitude está sempre já respondido e é porque essa resposta está sempre já canonizada, absolutizada, e totalmente integrada no próprio modo como se vê (não deixando nada em aberto --só deixando terreno para procurar no quadro definido pelo próprio funcionamento inexplícito da forma que consigna)--é precisamente por isso que não há qualquer noção da forma da finitude e do seu problema e que a referência a ambos aparece como algo novo, estranho.

Nesse sentido, o que traz de novo a inflexão que se dá à averiguação da finitude não é de modo algum o próprio plano da forma da finitude. Independentemente de esta ser uma designação naturalmente desconhecida e de não costumar haver qualquer consciência e ainda menos uma desenvolvida noção do que consigna, a perspectiva natural está sempre marcada por uma forma, tem sempre, como se procurou mostrar, uma forma da finitude. O que há de novo e o que altera o quadro da indagação da finitude e põe tudo num pé muito diferente são "apenas" duas coisas. Em primeiro lugar, é a capacitação da forma natural e do fenómeno da forma da finitude, mercê da qual deixam de funcionar sem que se dê por eles e adquirem uma presença distinta, um destaque que normalmente não têm e não precisam de ter para dominar (cuja ausencia, aliás, torna justamente mais completo e mais "sem folga" o seu domínio). E, em segundo lugar, é também o desfazer do total assentamento na forma natural, o desfazer do seu domínio absoluto, dando lugar a um problema da forma da finitude.

Ao mesmo tempo, o sentido e o alcance do levantamento da finitu

de mudam completamente com esta deslocação da tónica.

À face dela, com efeito, a tarefa de levantamento da finitude não tem o carácter indiferente e quase ocioso com que naturalmente (e em virtude da antecipação do estatuto de todas as imperfeições possíveis que inexplicitamente já está feita na forma natural) de facto tende a apresentar-se.

A possibilidade de se estar numa finitude com um alcance completamente diferente, que de ordinário nos escape, a possibilidade de a nossa posição de acesso ser inteiramente outra que não a que se cuida na perspectiva de segurança, de domínio, que normalmente julgamos ser a nossa--esta possibilidade que está no centro da questão da forma da finitude é uma possibilidade em que se acha em causa mudar completamente de figura a condição em que nos vemos, o reconhecimento que temos feito da nossa situação.

Trata-se da possibilidade de a pretensão de eficácia global que o nosso acesso às coisas normalmente sustenta não ter fundamento, corresponder somente a uma ineficácia na própria apercepção da ineficácia a que se está sujeito. Trata-se da possibilidade de a imperfeição do ponto de vista ter um carácter irredutível ao regime de soberania do olhar, ou seja ser uma imperfeição que restringe, tolhe o acesso de formas mais drásticas, que o ataquem, o ponham em causa.

De tal modo que a confiança natural do nosso olhar na apresentação daquilo que apresenta se veja infirmada--e seja incomensuravelmente mais grave e mais perturbador do que parece o escondimento a que se está sujeito ao ver como vemos.

Não se trata então somente de produzir um inventário mais ou menos curioso das falhas que há, inventário em que no fundo nada pode estar em causa (em que à partida se tem já no fundamental o quadro em que se estará no seu termo). Não. Trata-se de algo completamente diferente, em que precisamente está em aberto a possibilidade de uma modificação global da perspectiva com que se vive. Trata

-se de um apuramento em que está em jogo e se tem a decidir a própria autocompreensão do acesso de que se dispõe, o próprio estatuto do que se tem na apresentação das coisas--e tanto quer dizer, a compreensão fundamental do que somos e de tudo aquilo que nos aparece.

Longe de constituir um escrutínio de falhas, em que nada está em causa (que é, viu-se, como naturalmente se tende a conceber-lo), o levantamento da finitude é então algo em que tudo pode estar em causa e em que há pelo menos a possibilidade de a segurança da nossa posição normal ser ilusória e de se vir a impor isso mesmo que a forma natural da finitude exclui: crises, radicais revoluções de perspectiva, em que a nossa posição se revele uma posição não-soberana, cheia de dificuldade.

*

É sobre este problema da forma da finitude que a investigação aqui levada a cabo se concentra.[12]

Não se tenta fazer um levantamento o mais possível completo de todos os focos singulares de finitude, mas apenas produzir uma averiguação tão exaustiva quanto possível da questão da forma da finitude.

Procura-se em primeiro lugar averiguar a possibilidade da erradicação da forma naturalmente constituída no nosso ponto de vista, num apuramento em que se detecta que ela é efectivamente erradicável e não corresponde senão a um condicionamento de finitude na apercepção da finitude.

Detectada assim a erradicabilidade da forma natural, tenta-se em segundo lugar proceder a um levantamento e verificação das diferentes transformações da forma da finitude (além da erradicação da forma natural) por que, posta à prova a situação de acesso em

que se acha, o nosso ponto de vista ainda pode passar, descobrindo-se mais finito, com um acesso mais restrito e mais gravemente posto em causa.

Em tudo isto, vai-se só até onde é preciso para examinar o bem-fundado da antecipação da finitude possível que constitui a forma natural e para determinar que outras modificações da forma da finitude são admissíveis no nosso ponto de vista--e a que **extremo** de finitização pode radicalizar-se a alteração da sua forma.

De tal modo que o que aqui se procura realizar é a um tempo **mais** e **menos** do que o levantamento tanto quanto possível exaustivo de focos singulares de finitude que a tarefa de um apuramento da finitude do nosso ponto de vista naturalmente sugere como correspondendo ao seu sentido.

Mais, porque está em causa algo que vai muito além da mera coleccionação de falhas num campo de compreensão da finitude que já está decidido no fundamental da sua natureza e do seu porte--que é o que **de facto**, mas sem explícita apercepção de ser assim, se acha projectado no entendimento natural da tarefa de levantamento. **Mais**, porque se repõe em jogo essa compreensão natural em que o ponto de vista está seguro e se descobre uma multiplicidade de dimensões da finitude que ultrapassam em muito tudo o que a compreensão natural do sentido de um levantamento exaustivo da finitude prevê como possível, derrubando avassaladoramente as barreiras de exclusão de possibilidades de imperfeição que o entendimento natural comporta.

Menos, porque por outro lado não se procura empreender um levantamento **adequado**, **completo** ou mesmo um levantamento só relativamente exaustivo dos múltiplos focos de imperfeição do ponto de vista, mas apenas um levantamento das diferentes **formas de finitude** em que o ponto de vista se pode descobrir, sem percorrer exaustivamente as multiplicidades concretas de focos de finitude que correspondem a essas diferentes formas, preenchem os horizontes por elas

abertos. Menos, assim, porque o levantamento realizado é incompleto relativamente à multiplicidade dos aspectos de finitude que nos afectam, deixando com certeza por detectar muitos focos singulares de imperfeição do acesso que se tem.

Tal não significa entretanto de maneira nenhuma que o apuramento da forma da finitude, que aqui se procura levar a cabo, se sinta dispensado de um confronto com focos concretos de imperfeição do acesso e se realize sem esse confronto, num plano abstracto,"desencarnado". Não. O domínio da forma natural, em primeiro lugar, é justamente de tal ordem que a sua suspensão, modificação não é possível sem a experiência, a clara evidenciação de focos de finitude --de focos concretos--que lhe sejam irredutíveis. E assim também, em segundo lugar, relativamente a qualquer outra modificação da forma da finitude.

O exame da questão da forma e muito em particular a verificação da insustentabilidade de uma forma da finitude faz-se e tem de se fazer através do exame de momentos concretos de imperfeição do ponto de vista, pelo encontro de focos de retenção, de restrição do acesso com um carácter tal que derroguem as antecipações da extensão possível da finitude que o ponto de vista em si tem constituídas.

Sem uma tal perspectivação concreta é inautêntica e inane toda a concepção que se tem da finitude.

São determinados focos concretos de imperfeição do acesso que, descobertos, obrigam a modificações da forma--fazendo emergir uma outra em que são integráveis, têm cabimento. Mas, por outro lado, como se viu já relativamente à forma natural, a própria natureza da perspectiva que constitui a forma, enquanto perspectiva de autocompreensão do acesso que se tem no seu todo é de ordem tal que ela define um horizonte a que pertencem, em que estão antecipadas multiplicidades abertas de falhas de acesso: não apenas aquelas cuja detecção leva à emergência, à descoberta de cada forma, não ape

nas as que de cada vez já foram identificadas, mas um número indeterminado de ainda outras falhas correspondentes a essa forma, a e la conformes.

O que se faz é seguir os focos de finitude somente enquanto o seu exame é relevante para a questão da forma, para a alteração dos enquadramentos globais da perspectiva da finitude, deixando-se por realizar o levantamento das diversas multiplicidades de falhas correspondentes quer à forma natural da finitude, quer a qualquer outra das formas que o curso da investigação faz surgir.

*

Resumindo:

O problema da finitude é considerado tão somente no que concerne a questão fundamental relativa à forma da finitude--à identificação da forma correspondente à situação real do ponto de vista.

O que essencialmente se trata de estabelecer é a real relação de forças entre a eficácia e a imperfeição do ponto de vista--essa relação de forças cuja fixação, como se procurou mostrar, constitui o fulcro inexplícito da nossa perspectiva sobre a finitude.

E o que a indagação deste problema leva a descobrir é, antecipa-se já, que a relação de forças naturalmente posta a vigorar (a forma natural da finitude) não corresponde à situação em que de facto se está--e que a finitude a que se acha exposto o acesso que temos, as restrições que têm de ser reconhecidas a seu respeito são muito mais graves e muito mais críticas do que a forma natural faz presumir, desenhando um quadro de finitude muito diverso do que ela sugere.

O problema é sucintamente enunciável, abstraindo do contexto teológico em que se inserem, por palavras de S.João Crisóstomo, no princípio do sermão Περὶ ἀναλήπτου. Aí, tendo em referência a carac-

terização do conhecimento de que somos capazes como um conhecimento "ἐν μέρει"--como um conhecimento "em parte"--que é feita na 1a Epístola aos Coríntios (1 Cor.14,15) formula assim o problema sobre que se debruça: "Τάχα ἐπιθυμεῖτε ἀκοῦσαι, καὶ πόσον μέρος κατέχομεν, καὶ πόσον ὑπολείπεται καὶ πότερον τὸ πλέον ἢ τὸ ἔλαττον κατέχομεν" ("Desejais talvez ouvir quão grande é a parte que possuímos e quão grande é a que ficou a faltar e se o que possuímos é a parte maior ou a mais pequena."). [13]

Mutatis mutandis, ao levantamento a que aqui se procede corresponde também o que logo de seguida diz, enunciando a viragem relativamente à perspectiva natural que a averiguação do problema traz consigo: "Ὅπως οὖν ἵνα μάθῃς ὅτι τὸ ἔλαττον κατέχεις, καὶ οὐχ ἁπλῶς τὸ ἔλαττον, ἀλλ' ὡς ἄν εἴποι τις τὸ ἑκατοστὸν ἢ τὸ μυριοστὸν, ἄκουσον τῶν ἑξῆς" ("Então, para que percebas que possuis a parte mais pequena e não simplesmente a mais pequena mas, dir-se-ia, a centésima ou décima milésima parte ouve aquilo que se segue"). [14] Com a ressalva de que, como se terá ocasião de ver, o esmagamento daquilo que se tem pelo que falta assume na verdade proporções que ficam ainda muito longe de ser imaginadas a partir desta formulação.

1.2.1 Análise aprofundada da forma natural da finitude:o estatuto da imperfeição como LACUNA.O domínio absoluto da forma natural e a sua persistência nas diferentes situações de experiência natural da finitude. A tese fundamental de autocompreensão do acesso como globalmente adequado e o dispositivo de sistemática preservação da sua vigência:as estruturas de minimização,de enquadramento e subalternização das falhas relativamente à eficácia do acesso.

Estabelecido o fenómeno da forma da finitude e apurado como a discussão do problema da forma constitui o plano em que todo o levantamento da finitude primariamente tem de ser decidido, importa agora ver ainda mais precisamente nos seus traços a forma da finitude naturalmente constituída e a que de raiz se está preso.

Focou-se já nas análises anteriores o sentido desta forma, mas justamente atendendo mais à identificação do fenómeno da forma da finitude (e às características da forma natural e da peculiar conformação de perspectiva que introduz)--e menos aos dispositivos de condicionamento (aos modos de ver) que permitem a vigência dessa forma, sustentam o seu domínio e fazem que tenda a persistir mesmo quando há factores que aparentemente se lhe opõem e poderiam pô-la em perigo. A preocupação dominante era ainda a de pôr em relevo o fenómeno da forma da finitude e a de introduzir o seu problema. Equacionado este, trata-se agora de ganhar um acompanhamento mais próximo das estruturas fundamentais que internamente articulam a forma natural e condicionam o nosso modo de ver à sua observância.

Sendo que a explicitação dessas estruturas de condicionamento, a sua revelação ao olhar que delas se acha preso, é condição sine qua non da possibilidade de uma libertação desse condicionamento, sem a qual não é realizável uma efectiva verificação da forma da

finitude.

*

O que caracteriza a forma natural é, como se viu, a redução da margem de imperfeição possível do ponto de vista em que se está a proporções sobre que prevalece, numa posição de soberania, a capacidade reveladora (a "efectividade") do acesso que se tem.

Numa equacionação da relação de forças entre ambos os aspectos, o acesso é visto como preponderando esmagadoramente sobre as imperfeições que o restringem.

O acesso que se tem, o modo como se vê, encontra-se canonizado como sendo no essencial o acesso que cumpre haver às coisas, o modo próprio como, por sua natureza e em correspondência a ela, podem estar dadas numa apresentação de si. Ver as coisas é, no fundamental vê-las, tê-las, como nos estão dadas.

Por força desta tese nuclear de autocompreensão do ponto de vista, as dimensões da finitude que se admite estão estritamente "espartilhadas" num quadro de contenção e subalternização que fixa o seu estatuto. As falhas que se admitem são perspectivadas como dizendo respeito a aspectos singulares da realidade--que, no seu conjunto e no fundamental das determinações que a caracterizam, está perfeitamente à vista, revelada. As falhas que podem ter lugar concernem focos avulsos de importância não decisiva, disseminados aqui e ali no mundo que se tem. São falhas que não comprometem a detenção que há, antes a deixam na sua plena validade, com toda a sua eficácia. Os domínios muito circunscritos a respeito dos quais as falhas têm lugar inserem-se no horizonte incomparavelmente mais vasto do que plenamente se acompanha--como pequenas "bolsas", como lacunas de escondimento no campo aberto da realidade, globalmente desvendado, "varrido" e posto a nu pelo acesso que se tem.

Neste sentido,a forma da finitude naturalmente estabelecida é a forma da finitude como lacuna. A subalternização da imperfeição à soberania do acesso, a integração da falha na prevalência da eficácia fixa-se no estatuto puramente lacunar que é atribuído a todos os focos de finitude do ponto de vista.

Esta redução (conforme sublinhado, mais implícita do que explícita, mas de qualquer modo efectiva) da finitude à condição de lacuna, resultando da tese fundamental de autocompreensão do acesso, é confirmada pela experiência que habitualmente se faz da finitude, experiência em que a imperfeição que experimentamos justamente não desmente a forma estabelecida, não tem dimensões que a quebrem, a subvertam.

Mas a redução a dimensões puramente lacunares não resulta, como à primeira vista pode parecer, tão somente da circunstância de os focos de finitude que se apresentam serem na verdade de pequena amplitude.

Está constituído antes um conjunto de condicionamentos do sentido, se assim se pode dizer, de "filtros" na apercepção das falhas, que asseguram a respectiva integração no quadro da finitude reduzida a dimensões meramente lacunares. Conjuntamente com a perspectiva que põe a vigorar a forma natural da finitude, estribando-se nessa perspectiva e ao mesmo tempo constituindo um sistema de protecção da sua tese, há uma rede de estruturas que, de acordo com ela, "abafam", "sustam" a apercepção das falhas, restringindo o seu porte, de tal modo que as integram na autocompreensão do acessso como acesso soberano, deixando-a intacta, a vigorar em pleno.

Todo este sistema de redução e minimização das dimensões da finitude que se perspectiva tem, tal como a própria tese de soberania do acesso, um carácter inexplícito, um funcionamento de que não nos damos conta. E, embora seja efectivamente como soberano que o acesso em que nos temos se compreende (embora domine nele plenamente a minimização das falhas, a sua redução às dimensões de lacuna),

em virtude desse carácter inexplícito pode mesmo parecer que na verdade não há efectivamente sempre uma tal canonização do acesso de que se dispõe, uma tal redução das dimensões da finitude. Pode parecer que se lhe é capaz de reconhecer uma grande amplitude, uma importância considerável, e que a forma da finitude como lacuna não domina assim tão absolutamente a nossa perspectiva. Pode parecer que, pelo contrário, ainda que enfim habitualmente não se pense muito nisso, pelo menos algumas vezes nos apercebemos do "pouco" que sabemos, do "muito que se mantém desconhecido", etc.--e que isso é tanto assim que até constitui um "lugar-comum" do falar quotidiano.

Para pôr inteiramente a claro a vigência absoluta desse domínio da tese de soberania e de restrição das falhas em toda a compreensão da finitude que habitualmente se tem, cumpre, por isso, examinar cuidadosamente a perspectiva natural, procurando verificar a forma que se indicou ser a sua e evidenciar, nos diferentes tipos de situação em que o curso normal da apresentação se diversifica, a constância, a invariabilidade dessa forma.

Ao mesmo tempo--e precisamente para possibilitar essa verificação da forma--importa pôr em evidência, arrancar do seu anonimato todo o "mecanismo" de funcionamento da forma natural, todo o sistema de minimização da falha que, implicitamente, sem se dar por ele, funciona na experiência natural, garantindo a constância que nela tem a forma da finitude como lacuna e fazendo que, mesmo onde se levantam reconhecimentos de imperfeição do acesso que parecem subverte-la, na verdade se mantenha intacto o seu domínio sobre o nosso modo de ver.

*

Os graus de apercepção de falhas por que o ponto de vista pode passar no seu curso natural são muito diversos.

Escalonam-se num crescendo em que quanto mais amplo e mais intenso é o tipo de apercepção da finitude tanto menos frequentemente costuma ser atingido na experiência natural. Neste sentido, há fundamentalmente a distinguir:

--1) a situação normal, de **não-apresentação de nenhum limite concreto** e em que nem sequer se impõe de uma forma **explícita** a própria compreensão global, abstracta, do facto da finitude;

--2) situações em que essa compreensão global,abstracta, mas **só ela**, alcança uma **explicitação** (ou seja, situações em que é expressamente considerada a tese permanente de finitude, mas sem que a sua tematização seja acompanhada pela consideração de qualquer limite concreto);

--3) situações de **confronto isolado com limites concretos**;

--4) situações em que, com maior ou menor amplitude, se chega a ter experiência de **acumulação de limites.**

Cada uma dessas situações tem uma maneira própria de se manter em compatibilidade com a forma natural da finitude.Percorrendo-as, é possível obter uma visão de todo o dispositivo de domínio desta forma,no concreto do seu funcionamento.

*

A situação mais corrente é aquela em que não se tem nenhuma apresentação da finitude para lá daquela a que em 1.1 se chamou a sua tese ou evidência permanente--mas isto de tal forma que **nem sequer há qualquer consciência temática dessa tese** e, desse modo, não se tem presente que o ponto de vista é finito, não há qualquer referência marcada desse facto.

Com efeito, embora esteja permanentemente constituída uma deci

dida certeza da finitude (que faz não hesitar logo que se considera a questão do carácter finito ou não finito do nosso ponto de vista), essa evidência não está constituída de tal forma que faça sentir permanentemente a sua presença e designadamente que a faça sentir mesmo quando não se considera o problema (de sorte que estejamos sempre alerta para ela). O mais das vezes não se põe o problema de o acesso em que nos achamos ser finito ou não finito e a perspectiva que se tem está totalmente "desligada" dessa tese permanente, totalmente distraída dela e sem nada que a lembre e ponha em contacto com o que apresenta.

Assim, poderia acontecer que o acesso em que nos temos fosse muito frequentemente confrontado com dificuldades, estivesse sempre de novo a "tropeçar" em falhas, a experimentar limites,etc. Mas de facto não é isso que sucede. Tendo adquirido domínio e "fincado pé" nos campos de realidade em que habitualmente se move, a perspectiva que temos caracteriza-se a maior parte das vezes por circular neles com desembaraço. De tal modo que pode ser maior ou menor a frequência com que experimenta falhas, limites, etc.--mas de ordinário passa por períodos muito extensos sem que se sinta travada por qualquer limite, caída em qualquer dificuldade. E, por outro lado, nesses períodos em que não faz qualquer experiência de limite, está o mais das vezes completamente absorta naquilo que tem apresentado (no seguimento disso, no lidar com isso), mantém-se longe de qualquer preocupação com ser finita ou não-finita--longe de ter viva, efectivamente consigo (e a influir efectivamente em si) a própria tese permanente da finitude.

Ora, sendo assim, em todas as situações deste tipo a notícia que se tem da finitude é ainda mais fraca do que a que corresponde à própria consciência temática da tese permanente--a qual, conforme se assinalou, dissociada como está de qualquer contacto com limites concretos, é ela própria já vazia e inautêntica. E o enfra-

quecimento da notícia da finitude em situações desta ordem (que de facto são aquelas em que se está a maior parte do tempo) vai mesmo a um ponto tal que, por estranho e surpreendente que à primeira vista pcssa parecer, nessas situações o nosso ponto de vista se vive de facto como se se achasse num acesso irrestrito e constituisse, por assim dizer, um ponto de vista absoluto.

A despeito disso que em permanência faz que, se se levantar a questão, imediatamente reconheçamos a condição limitada da apresentação que temos das coisas, o modo como o nosso ponto de vista se experimenta nessas situações normais, em que nenhuma menção de finitude se impõe a ser reconhecida, corresponde justamente a uma total ausência de restrições. E, nesse sentido, a experiência que o ponto de vista tem de si é a experiência de um ponto de vista absoluto.[15]

Não significa isto que haja na minha perspectiva então duas teses contraditórias, em que simultaneamente reconheça o carácter finito e não-finito do acesso em que me acho, ou que oscile entre uma e outra convicção, sem ter relativamente a esta alternativa uma concepção assente e definida.

De facto não tenho constituída nenhuma tese sobre o carácter irrestrito do acesso em que estou--e, se uma tal tese me fosse dada a considerar, rejeitá-la-ia. A respeito do acesso em que estou a tese que há em mim é decidida e exclusivamente a da sua natureza limitada. Mas isso de maneira nenhuma impede que--sem que esteja constituída uma tese correspondente, sem que tenha alguma ideia de que de facto assim é--ao ter o campo de apresentação em que me acho o experiencie efectivamente de tal modo que a perspectiva tida está completamente isolada de qualquer apercepção de um limite, resultando daí que vê aquilo que se lhe dá como se o ponto de vista fosse absolutamente soberano e tivesse o carácter de um acesso total a que nada escapa--de um acesso absoluto.

Pode afigurar-se bizarra a afirmação. Pois parece colidir com

a evidência permanente da finitude que se procurou mostrar achar-se constituída no nosso ponto de vista. Mas, se se analisar o horizonte de apresentação tal como normalmente se acha constituído, verifica-se que está inteiramente dominado pela imposição daquilo que nele se manifesta, totalmente polarizado e absorvido nisso que se dá a ver, de modo que normalmente não figuram nessa apresentação quaisquer menções de algo que falte alcançar, quaisquer referências de não-tido, antes apenas uma não-limitada multiplicidade de entes, de acontecimentos, que o ponto de vista parece acompanhar na perfeição, sem que se lhe ofereça resistência ou falha. Se assim se pode dizer, a apresentação que normalmente está constituída não inclui momentos negativos, é pura e simplesmente constituída por conteúdos positivos, dominados, a respeito dos quais o ponto de vista se sente numa posição de integral acompanhamento, de plena eficácia.

Assim, se em qualquer das inúmeras situações quotidianas em que o nosso ponto de vista normalmente está absorto--se ao fazermos a barba, ao tomarmos o pequeno almoço, ao ouvirmos as notícias, ao corrermos para um autocarro, ao lermos um livro, ao conversarmos com alguém--fossemos subitamente interpelados e solicitados a referir que é que limita o nosso ponto de vista e faz dele um ponto de vista confinado, teríamos uma grande dificuldade em encontrar o que quer que seja para dar resposta a esta interpelação, seríamos obrigados a um esforço de focagem para o encontrarmos deveras. E o resultado desse esforço não seria de qualquer modo senão um pequeno conjunto de falhas do olhar, a custo coligidas.

Esta necessidade de um esforço de procura, de focagem é reveladora da perspectiva em que efectivamente se está antes de se interpor essa interpelação relativa à finitude. Se estivéssemos já com alguma referência de limites (alguma apresentação de falhas que de algum modo pusesse um confinamento do horizonte), não haveria neces-

sidade deste esforço de procura--teríamos já prontos para apresentação pelo menos alguns aspectos de restrição, alguns momentos de finitude. Ocorrer-nos-iam logo referências de limites, como sem dificuldade ocorre o que temos perante nós, à nossa vista, se a interpelação for a seu respeito e versar o que isso é, que determinações tem, etc.

Mas não. Ao sermos desprevenidamente interpelados a respeito da finitude (e a experiência pode cada um fazê-la, mesmo quando já se ocupou expressamente da questão da finitude e identificou pelo menos um certo número de aspectos que lhe correspondem), não se mostra imediatamente nada, fica-se,como se sublinhou acima, num vazio, tem-se precisamente de empreender um esforço, de recorrer a um exame e só a pouco e pouco começam a aparecer aspectos em que a finitude toma corpo.

Quer dizer: antes deste esforço, desta iniciativa de procura e de focagem, o plano de perspectivação em que se está é um plano inteiramente desfocado de qualquer menção concreta do que quer que seja que lhe escape, constituído em exclusivo pela ostensão eficaz do que de cada vez se mostra.

Se, por outro lado, é verdade que, levantando-se a qualquer momento a questão sobre a natureza finita ou não-finita do nosso ponto de vista, a tese perfilhada é logo e inequivocamente a da sua finitude, se há deste modo, conforme se viu, qualquer coisa como uma referenciação e evidência permanente da finitude, não é menos verdade que habitualmente a questão de todo em todo não se levanta e o ponto de vista (tendo-a embora, sendo essa uma tese que é a sua) não a tem presente e impondo-se-lhe, está alheado dela--encontrando-se assim de facto nessa total ausência de referenciação do ser-finito que constitui a sua perspectiva como uma perspectiva sem limite, irrestritamente soberana.

Ou seja : a tese permanente de finitude é de facto permanente, no sentido referido, e permanentemente evocável. Mas não intervém de

modo significativo na conformação do "panorama" que de cada vez se tem. A sua relação com a perspectiva concreta habitualmente constituída é frouxa. De tal modo que as sucessivas apresentações por que se vai passando a maior parte do tempo estão completamente alheadas desta tese, sem nenhum contacto vivo com ela. E, assim, constituindo a tese permanente a única referência que nessas situações poderia dar uma nota de finitude, domina nelas uma óptica de que a finitude de facto está inteiramente ausente.

Trata-se de uma forma de perspectiva inaparente, discreta, que não se traduz em nenhuma tese, nem se explicita de nenhum modo, mas que nem por isso é menos efectiva ou deixa de constituir de facto uma forma--e uma forma decisiva--de autocompreensão do ponto de vista. Tampouco a circunstância de não estabelecer a irrestrição de modo positivo (de o carácter irrestrito com que tem a ver ser constituído por omissão, por falta de algo que restrinja) retira o que quer que seja à natureza efectivamente irrestrita do horizonte--ao carácter absoluto do acesso em que assim se perspectiva. Embora não haja uma determinação explícita em que a pretensão de abrangência absoluta se formule, embora justamente não se ponha o problema do carácter absoluto ou confinado do que se apresenta, a óptica segundo a qual se vê é, por essa total ausência de menção do negativo (por essa total ausência do que quer que seja que vá contra a tese natural sobre a eficácia do acesso), na verdade uma óptica de exibição irrestrita : de mostração total, não confinada.

*

Mas se isto é assim relativamente às situações em que o nosso ponto de vista se acha o mais das vezes e mesmo quase sempre e em que a tese de finitude não é focada (não tem presença expressa),

por outro lado também a formulação temática desta tese (nas múltiplas modalidades em que de quando em quando ocorre, e independentemente do maior ou menor grau de explicitação que de cada vez atinge), sempre que tem lugar dissociada da experiência concreta de um limite, não altera nada este estado-de-coisas.

De facto, ao fazer esse reconhecimento,e em virtude das características que, como em 1.1 se procurou mostrar, a afectam, a apresentação em que se está continua a ser uma apresentação que apresenta os seus conteúdos sem qualquer referência do que quer que seja que concretamente o limite, sem nenhuma indicação real de falha ou insuficiência. Não obstante o carácter convicto, decidido e inequívoco do reconhecimento que faço e a referenciação da finitude que com ele se produz, a ausência de limites concretos, definidamente experimentados e o carácter esbatido, vago, disso que se reconhece fazem que a óptica em que o ponto de vista está de facto se mantenha exactamente a mesma. Vendo bem, acontece mesmo que, por efeito de um fenómeno peculiar (que mais detidamente se verá depois), a finitude reconhecida é precisamente apenas mais uma coisa que se sabe: não, como corresponderia ao seu sentido, uma apresentação de escondimento, uma evidenciação de posição entravada, incapaz do ponto de vista em que se está, mas antes mais uma determinação a que se tem acesso, como qualquer outra: mais uma característica do nosso acontecimento, de que se está a par, que se domina--uma característica de facto sem nenhuma diferença de estatuto relativamente a todas as outras determinações que igualmente se conhecem.

Se na situação em que mais frequentemente se está a ausência sequer de uma explicitação da compreensão global da finitude faz que o horizonte de apresentação só inclua momentos "positivos", a emergência dessa explicitação, tal como normalmente ocorre, não introduz nada de "negativo", nada que verdadeiramente ponha restrição no acesso, mas apenas a própria finitude como uma determinação mais como mais um elemento do horizonte "positivo", daquilo que se sabe,

se acompanha.

O reconhecimento temático da finitude, feito nestes termos, referenciando embora a imperfeição do ponto de vista, fá-lo de tal modo que se mantém intacta a experiência que o ponto de vista de si mesmo faz como um ponto de vista absoluto.

*

Assim sendo, os únicos momentos em que no curso habitual do olhar pode eventualmente emergir uma subversão desta óptica de soberania do acesso que se tem são aqueles em que se evidenciam limites concretos em que o ponto de vista é confrontado com uma incapacidade sua e experimenta directamente uma restrição.

Cumpre por isso averiguar mais de perto a apercepção de finitude que ocorre nestas diferentes situações e perceber de que modo é que nelas se suspende a total não-apresentação de limites e a que ponto essa emergência de imperfeições é ou não de molde a subverter a óptica de soberania irrestrita do acesso e mantém ou não o regime de compreensão da finitude como lacuna, por meio do qual as imperfeições se integram nessa óptica.

Analisando essas situações, como em regra ocorrem, verifica-se que, não obstante o seu carácter concreto e a experiência de limitação que de facto proporcionam, elas têm ainda assim, em resultado de um conjunto de condicionamentos que as afectam, uma natureza ambígua, que não é de molde a fazer suspender no fundamental a óptica de não-confinamento, a óptica de perspectivação absoluta que naturalmente enforma o nosso olhar.

Por um lado, na verdade, produz-se nelas um confronto real com restrições que impendem sobre o ponto de vista, ou seja, apresentam-se de forma definida incapacidades, entraves que o retêm, focos de

escondimento em que encontra resistência.

Mas, por outro lado, esse confronto do ponto de vista com restrições a que está sujeito acha-se contido e no essencial neutralizado por um sistema de restrições que diminuem, amortecem, quase até à anulação, o porte das imperfeições de acesso com que se confronta.

É este dispositivo de sistemático amortecimento, de sistemática minimização e neutralização das falhas percebidas que se procura agora pôr em evidência.

A)

Em primeiro lugar, a imperfeição de acesso que em cada uma dessas situações se acha identificada não é em regra mais do que uma imperfeição do acesso que envolve apenas um ou, quando muito, alguns focos de sentido de entre os incontáveis que compõem a apresentação global do mundo dada no ponto de vista natural.

O ponto de vista apresenta-se como dominando a globalidade daquilo que há, cobrindo, sem restrições, todos os restantes sectores do real, numa apresentação que nenhum limite afecta. E somente a respeito de um ou de alguns (mas de qualquer modo poucos) elementos do que há identifica algo que lhe escapa.

Este é um ponto que pode passar despercebido em virtude de aquilo que numa experiência de confinamento chama a atenção ser precisamente o limite que se impõe. Ao passo que o acesso a todos os demais horizontes de realidade tem um carácter inexplícito, não-temático.

Mas, se na situação de confronto com o limite é este que está, por assim dizer, no foco do ponto de vista, no seu centro, com a atenção concentrada sobre si, isso não significa de modo nenhum que todo o restante "património" de acompanhamento do que há, de que o ponto de vista dispõe, esteja por completo arredado da perspectiva

que se tem, sumido, posto de parte. Pelo contrário. Sendo verdade que todo esse restante património de saber que o ponto de vista tem não é então objecto de nenhuma consideração explícita, nem por isso ele deixa de estar presente na perspectiva que se tem ao fitar o foco em relação ao qual se verifica imperfeição do acesso.

A circunstância de serem os focos de falha que ocupam o centro da atenção quando deles se trata pode levar a que não nos demos inteiramente conta de quanto é assim. Pode parecer mesmo que por vezes se está tão afectado pela restrição de acesso de que se trata, tão fixado nela, que tudo o mais desaparece de algum modo ou não tem peso. Mas na verdade não tenho nunca os focos de falha identificados como se constituíssem domínios absolutos, considerados num total isolamento--como se, ao tê-los, o meu ponto de vista se achasse somente ante o escondimento que neles se impõe, inteiramente esquecido do demais. Vejo-os de cada vez sempre já contra o "fundo" do mundo a que tenho acesso, a constituir um foco de falha na clareira indefinidamente aberta do acesso não-restrito de que disponho em relação a esse mundo. A perspectiva em que me tenho, por mais inexplícita, atemática que seja a referência a todo esse campo de acesso eficaz de que disponho, inclui sempre essa referência--é, se se quiser, sempre uma perspectiva dupla : sobre o foco de escondimento de cada vez em causa e sobre tudo o mais, no acesso aparentemente irrestrito que a ele tenho. Nunca a consciência da restrição que se experimenta está sozinha. Sempre está também presente uma consciência do acesso eficaz de que se dispõe--do domínio que, para além disso, o ponto de vista tem das coisas.

Sendo assim, por outro lado o horizonte do que de cada vez assim se me apresenta como campo de acesso eficaz (justamente tudo o mais para além do foco de falha) tem dimensões absolutamente esmagadoras relativamente àquilo que se identifica como falha, imperfeição do acesso---dimensões ante as quais é muito pequeno, é na

verdade ínfimo o porte das falhas detectadas.

Numa palavra, o estatuto do que é reconhecido como não-tido, como falha é, não obstante toda a importância que se atribua a isso que de cada vez assim se percebe não estar ao alcance, o estatuto de um pormenor no quadro do franco acompanhamento que se tem da esmagadora maioria das coisas. Embora compreenda e reconheça o escondimento que a imperfeição em causa envolve, e até mesmo por muito que esse escondimento me perturbe e inquiete, ele é na verdade reduzido nas suas proporções (e de facto quase anulado na sua relevância para a compreensão do acesso que eu tenho às coisas, pelo saber, pelo acesso esmagador que há a tudo o mais.

Para o dizer de uma forma extrema, mas que corresponde efectivamente ao modo como se vive a situação, o âmbito de imperfeição do acesso tem as dimensões de um foco (ou de alguns focos), o horizonte de acesso eficaz tem dimensões do mundo. [16]

Experimentando-se assim uma restrição no acesso às coisas, essa restrição é de facto, e independentemente da importância que se lhe atribua, vista como secundária: como algo que não põe em cheque o acesso que se tem e que se perde mesmo no horizonte dele.

No maciço, se assim se pode dizer, do que sabemos, são detectadas uma ou algumas lacunas. Mas o "saber", que se mantém, de todas as restantes componentes do mundo que aí há circunscreve isso que se vê que escapa, circunscreve-o a um pequeno âmbito em confronto com tudo aquilo a que irrestritamente se tem acesso (a respeito do qual não há qualquer menção de restrição). E desse modo a lacuna ou lacunas detectadas em nada afectam a "cobertura" global que se tem do que em nós e ante nós se passa, o reconhecimento globalmente adequado que disso se tem feito.

B)

Mas se isto é assim em cada situação isolada de detecção de limites, não é por outro lado verdade que o nosso ponto de vista tem

a possibilidade de aceder a muitas destas situações ?

Poderia na verdade parecer que a acumulação de restrições detectadas, através da justaposição das diferentes situações de encontro do limite e do consequente alargamento de áreas do campo de apresentação em que é encontrada alguma imperfeição de acesso, trouxesse uma alteração radical deste estado-de-coisas, produzindo um campo de apresentação em que progressivamente mais e mais elementos estivessem afectados por detecção de escondimento a seu respeito e as dimensões da finitude à vista ultrapassassem o quadro dos pequenos focos, das pequenas lacunas, a constituir excepção no horizonte imenso, a perder de vista, do acesso que se tem.

Mas não sucede assim.

A sucessiva descoberta de mais e mais focos de finitude não produz na verdade nenhuma acumulação dos aspectos detectados, nenhum efectivo alastramento da "mancha" da finitude.

Por um lado, no curso normal do nosso ponto de vista, mesmo que as falhas detectadas não cheguem a ser ultrapassadas (não se supere o escondimento a que correspondem), o próprio correr do tempo, a ocupação com outras coisas, a suspensão do contacto com os sectores do campo de apresentação em que essas falhas se situam,etc, fazem dissipar a consciência delas, de tal modo que acabam por ficar perdidas de vista.

Por outro lado, mesmo que se façam esforços para obter uma visão conjunta das falhas de cada vez já detectadas, as condições a que está sujeito o processo de focagem são tais que, ao transferir-se o foco de atenção de uns para os outros aspectos de imperfeição do acesso, ocorre um desvanecimento daqueles que anteriormente estavam percebidos--uma perda da evidência de escondimento que se manifestava a seu respeito. Ou seja, a focagem das falhas não se mantém, não se fixa, não se "inscreve" no modo como vemos de tal forma que se passe a ver em permanência aquilo a que respeitam com uma acusação do escondimento que inclui. Ao passar para a perspec-

tivação de novos focos, repõe-se o ponto de vista natural a respeito dos elementos que antes eram percebidos como afectados por uma imperfeição do acesso, repõe-se a ausência de menção de falha, o ponto de vista eficaz, não marcado por nenhuma restrição, que normalmente há a seu respeito.

Não se quer dizer com isso que se perca inteiramente a memória das imperfeições do acesso antes detectadas. Ela persiste, no sentido de a cada instante poder recuperá-la, lembrar-me dessas imperfeições e reproduzir a situação de evidência em que se dão a experimentar. Só que, ao fazê-lo, perco por sua vez a evidência dos aspectos de falha posteriormente detectados. De tal modo que na verdade são de cada vez somente alguns, e poucos, os momentos de imperfeição do acesso realmente vistos.

Tudo se passa como se o "espaço" de efectiva experienciação de focos de falha no acesso em que se está fosse de capacidade restrita e de cada vez só tivesse lugar no seu âmbito para um pequeno conjunto de aspectos. A compreensão de falhas tem lugar somente no plano temático, na esfera de incidência do olhar. Tende a não se trans por, a não se transcrever na apresentação não temática dos focos a que respeita. E a esfera de incidência temática tem uma amplitude limitada e mesmo pequena. Assim sendo, o campo de falhas do acesso de cada vez efectivamente à vista não alastra, a perspectivação de imperfeições restringindo a apresentação que se tem, por vasto que seja o conjunto de focos de finitude que já se haja percorrido, tende a manter o âmbito meramente lacunar--a ser sempre uma perspectivação de acordo com a qual aquilo que é efectivamente visto como foco de falha constitui apenas um pormenor isolado no quadro de uma apresentação que, em tudo o mais (em todo o indefinidamente amplo horizonte de acesso para que abre) se inculca como inteiramente eficaz.

Mantendo-se desse modo ínfimo o significado restritivo de que

os limites efectivamente experimentados se revestem relativamente à eficácia do acesso em que se está. E mantendo-se nulo o seu efeito sobre a compreensão que o ponto de vista tem de si.

C)

Nada disto quer dizer, de maneira nenhuma, que as restrições de acesso de que de algum modo tenho ideia digam respeito forçosamente apenas a coisas de muito pequena dimensão, de pouca monta, ou que a respectiva acumulação, no modo em que é possível, não possa, apesar de tudo, constituir um horizonte de dimensões relativamente vastas.

A estrutura de perspectivação dos focos de restrição como lacunas no quadro de um acesso esmagadoramente irrestrito não depende de aquilo que se tem apercebido como escapando ser visto como muito pequena coisa, como minudências totalmente destituídas de amplitude.

Posso, por exemplo, perceber que não conheço centenas de línguas faladas sobre a terra, e tanto quer dizer milhões de palavras, numerosas disciplinas científicas, milhões de pessoas, um sem-fim de estrelas, etc., de tal modo que eu próprio me apercebo das dimensões muito vastas de que se reveste tudo isto que bem vejo não se achar ao meu alcance.

Mas de facto esta apercepção ou qualquer outra como ela não altera de maneira significativa a compreensão que tenho do meu acesso às coisas como globalmente irrestrito e a perspectivação de tudo isto (de todo o vastíssimo campo do que assim tenho) como constituindo tão somente um plano de pormenores.

Na verdade, se vir bem o que acontece quando assim perspectivo estes (e mesmo horizontes ainda maiores) como estando afectados por uma falha do acesso de que disponho, verifico que, por muito vastos que esses horizontes sejam, nunca levam a que a perspectiva em que

me acho seja a de um mar de escondimento onde, aqui e ali, emergem as zonas já a claro--aquelas de que tenho apresentação no meu ponto de vista. Nunca o tido aparece como um enclave ou um conjunto de enclaves perdidos num horizonte a que não há acesso. Sempre é antes justamente o contrário, isto é, sempre o horizonte em que se está é um horizonte aberto, indefinidamente vasto de efectivo contacto com o mundo, um horizonte relativamente ao qual todos esses domínios percebidos como de algum modo cobertos de escondimento, por grandes que sejam, têm o carácter de partes avulsas e, além disso, pequenas. [17]

De facto, o regime de autocompreensão do ponto de vista obedece a uma "lei" peculiar. A sua autocompreensão como eficaz está sempre já implicitamente constituída em relação a todos os horizontes para que de raiz se acha aberto. Não carece de formulação expressa, está espontaneamente inculcada e vale sem mais numa vigência implícita. De tal modo que, até haver uma expressa verificação de ineficácia relativamente a um qualquer domínio, vale relativamente a ele a convicção geral de eficácia, a pretensão de acesso pleno. A autocompreensão do acesso como acesso eficaz só vacila, sofre modificação quando, numa irrecusável experiência, se manifesta a não-eficácia do ponto de vista--e isto precisamente apenas no que diz respeito ao domínio específico em relação ao qual a ineficácia expressamente se patenteia. Quando não ocorre uma tal verificação de ineficácia--e tanto quer dizer, de cada vez, relativamente a todos os horizontes sobre os quais essa verificação de ineficácia não está feita--vale uma compreensão de acesso irrestrito.

Ora, por numerosos e vastos que sejam os horizontes que no curso natural do olhar se identificam como afectados por ineficácia do acesso, são sempre muito e muito maiores aqueles que se mantêm numa presença implícita e que, por total ausência de uma efectiva apresentação de escondimento a seu respeito, se mantêm compreendidos como disponíveis num acesso pleno.

O horizonte indefinidamente vasto que é perspectivado como campo de acesso tem sempre uma presença não-temática, inexplícita, tal que, sem que se pense nisso, sem que expressamente ele apareça, os domínios de grandes dimensões que assim podem ser reconhecidos como campos de falha são sempre percebidos contra o fundo dessa vastidão indefinida que é a sua e, à face dela, tidos por pequenos, por pequenas bolsas disseminadas nessa vastidão.

De sorte que também esses domínios de grandes dimensões são de facto compreendidos como algo que tem um estatuto de lacuna no horizonte do que se tem, no mundo a que está dado acesso.

A pequenez que caracteriza os âmbitos de escondimento ou retenção reconhecidos não tem, se assim se pode dizer, uma natureza "absoluta" (no sentido de dimensões de todo em todo ínfimas), mas antes uma natureza relativa ao domínio daquilo que o ponto de vista inexplicitamente acompanha ou julga acompanhar.

A pequenez em causa é uma pequenez da falha na sua relação de forças com a eficácia--uma pequenez que resulta de, por maiores que sejam as áreas reconhecidas como escapando, ser ainda incomparavelmente maior (e tanto que em relação a isso as áreas de escondimento ou restrição do acesso são de facto ínfimas) o horizonte daquilo que o ponto de vista acompanha, a que tem livre e irrestrito acesso.

E esta pequenez relativa, a que corresponde o estatuto de lacuna, é qualquer coisa que o âmbito da imperfeição normalmente percebida nunca chega a ultrapassar.

D)

Mas não é sequer ainda nestes termos que a total supremacia do tido sobre o não-tido, que todo o curso natural do olhar espontaneamente tem a vigorar, pode ser propriamente compreendida: o sistema de perspectivação do não-tido como pormenor, como lacuna, não tem a ver propriamente com uma comparação das dimensões do que te-

nho na apresentação em que me estão dadas as coisas e daquilo em que essa apresentação de algum modo falha. A relação não tem um carácter meramente quantitativo, como se se tratasse de dois domínios distintos cujas dimensões estivessem em comparação.

Os dois campos, o campo do acesso irrestrito e o campo afectado por uma restrição do acesso, justamente não se desenham como dois campos distintos que se estendem cada um por sua parte, estranhos e alheios um ao outro.

A relação não tem esse carácter em primeiro lugar porque o campo dos focos de restrição não constitui em regra verdadeiramente um campo, um horizonte único, mas antes uma multiplicidade dispersa de domínios. Só é compacto, verdadeiramente unificado o campo do que está dado num acesso pleno.

Em segundo lugar, a relação não tem esse carácter porque o contraste (a contraposição entre os dois horizontes) na verdade não se dá, está atenuado quase até à anulação pelo facto de os dispersos domínios em relação aos quais se verifica algum entrave de acesso se acharem integrados no próprio campo de acesso, no meio do mundo que nele está patente, como fragmentos, aspectos não acompanhados no (quer dizer: dentro do) maciço imenso desse mundo. Os focos de falha aparecem entre a multidão daquilo que se acompanha, do mundo que se tem, diluídos, se assim se pode dizer, no "tecido" imenso desse mundo. E perdem-se nele.

Ou seja, a realidade massivamente acompanhada enquadra os diferentes focos, absorve-os no seu contexto, retirando-lhes a proeminência que teriam se de facto de algum modo se dessem a ver numa posição de absoluta exterioridade relativamente ao campo de acesso.

Além disso, enquadrados assim por todo o acompanhamento que se tem da realidade e reconhecidos como algo que se situa no mundo a que se tem um acesso em tudo o mais irrestrito, os focos de falha são compreensíveis, estão revelados pelo menos por essa pertença,

por esse envolvimento no mundo que se domina.

Com efeito, a multiplicidade de momentos que constituem o horizonte para que de cada vez se está aberto não é uma multiplicidade em que os diferentes momentos estejam absolutamente desligados uns dos outros, sem conexão--tendo cada um deles a ver só consigo próprio e nada mais. Não. Acontece antes que os diferentes momentos dessa multiplicidade se acham envolvidos uns com os outros numa muito densa rede de nexos. Por tal forma que cada momento se acha numa multiplicidade de relações com muitos outros e que toda essa rede de relações tem um papel decisivo na própria definição, na fixação da determinação que lhe corresponde. A multiplicidade de momentos está, se assim se pode dizer, conjugada, e qualquer que seja o objecto que consigo identificar no campo de realidade perante mim, são múltiplos os momentos de realidade, as determinações diferentes, os nexos que estão envolvidos na sua determinação, unidos nela. Ou seja, cada entidade que se me antolha não está definida por uma única determinação, ou mesmo só por algumas quantas, mas por um muito amplo complexo de determinações e, designadamente, por um muito amplo complexo de conexões com muitos outros momentos de realidade também presentes no horizonte.

Assim sendo, por outro lado as imperfeições do acesso que normalmente são detectadas não abrangem a totalidade dos momentos do complexo que assim está envolvido na determinação de cada realidade, mas somente alguns desses momentos. Os focos de falha, de imperfeição do acesso, estão sempre inseridos em redes de conexões com momentos de realidade que se apresentam dominados--e o sistema de conexões que assim sempre já os define fornece algum esclarecimento sobre aquilo de que neles se trata.

O campo de acesso enquadra as falhas e, ao enquadrá-las, não apenas pela sua dimensão reduz o respectivo porte a proporções ínfimas, não apenas esbate o respectivo relevo, diluindo-as em si, mas lança ainda sobre elas um reflexo da "transparência" que ele pró-

prio, em todos os demais momentos para além dos focos em que elas se registam, tem para nós.

Se as falhas, aquilo a que respeitam, estivessem completamente dissociadas do que se acompanha, divorciadas dele, estar-se-ia, ao vê-las, ante o facto absoluto de algo a que de modo nenhum se tem acesso, ante a opacidade absoluta disso. Mas não é de todo em todo assim que acontece. O que de algum modo não se alcança não é alheio àquilo que se sabe e se domina, mas uma parte disso--algo que é situável no seu contexto. Desconheço uma multidão de estrelas, não compreendo determinados conceitos matemáticos, são-me estranhas estas e aquelas disciplinas científicas, tenho perspectivas eventualmente erradas sobre isto ou sobre aquilo, etc. Mas de cada vez cada um desses focos em que residem falhas é situável e está situado no mundo a que tenho acesso, tem uma determinada posição no quadro desse mundo e da compreensão que dele tenho, encontra-se de algum modo esclarecido pelo contexto da sua inserção nele (pelo seu "lugar" na estrutura, na organização conhecida desse mundo--por toda a teia de conexões que o unem às muitas coisas que já se sabem e ao domínio global que estas já me permitem ter do campo de apresentação para que estou desperto).

E)

Mas há ainda um outro aspecto que faz que na supremacia do acesso sobre a falha se trate de algo muito mais complexo do que de uma pura relação quantitativa e que a minimização das falhas seja ainda muito mais acentuada.

Na verdade, não acontece apenas que a falha esteja sempre situada no mundo a descoberto e enquadrada por ele, num envolvimento que inexplicitamente atenua o seu impacto.

Para além disso, esta inserção da falha no tecido da realidade a que se cuida ter um acesso irrestrito está ainda dominada por um

sistema de relações de peso, de importância, que diferentemente qualifica os diferentes momentos do horizonte de que se tem notícia. E isto de tal forma que em regra os coeficientes de importância não se distribuem igualmente pelo campo do que se dá como dominado e pelos aspectos de falha que se apresentam, antes estão concentrados, os de maior valência, no campo do acesso pleno--não sendo afectados por falha senão focos menos importantes.

Por outras palavras, independentemente da abissal diferença de dimensões entre os dois campos e do carácter disperso e sempre enquadrado das áreas de imperfeição, o "espaço" que os dois campos, de eficácia e imperfeição do acesso, repartem entre si (o conjunto de tudo aquilo que, com menção de transparência ou de resistência, opacidade, o nosso ponto de vista tem perante si) não é um espaço isótropo, cujas partes tenham todas um peso, uma relevância equivalentes. Sucede justamente o contrário. O campo de apresentação é anisótropo. Os diferentes momentos da multiplicidade que o compõe estão afectados por diferentes índices de importância e relevo, que lhes conferem mais ou menos destaque. De tal modo que está organizado um sistema de prevalências de importância de uns momentos dessa multiplicidade sobre outros. E a distribuição das "zonas" de eficácia e de falha por este sistema de "lugares" qualificados (pelos "altos e baixos" dos momentos mais e menos relevantes) não é homogénea--está antes afectada por uma tendência de acordo com a qual os focos de ineficácia do acesso se situam sistematicamente nos momentos menos acentuados, de peso menor, no domínio daquilo que é secundário. Ao passo que o decisivo, o mais relevante faz parte do campo de irrestrito acesso.

Tudo isto de tal modo que, imperceptivelmente, sem que isso se expresse ou precise de ser acentuado, está atribuído ao acesso de que se dispõe e àquilo que nele se acha patente o estatuto de ser o que decisivamente há a saber sobre as coisas, o fundamental a seu respeito, relativamente ao qual o âmbito daquilo que está fora de

alcance constitui um domínio de especificações adicionais, de pormenores. Imperceptivelmente, sem que isso se expresse ou precise de ser acentuado, o campo de acesso avulta numa posição tónica, de proeminência; e as falhas acham-se esbatidas, em posições, se assim se pode dizer, átonas.

F)

A estrutura desta hierarquia de níveis de importância é bastante complexa e não cabe aqui levantá-la exaustivamente.

Mas é indispensável referir alguns aspectos seus particularmente relevantes para o dispositivo de sistemática subalternização das imperfeições do acesso que em regra está constituído no nosso ponto de vista.

Em primeiro lugar, é possível distinguir grosseiramente um núcleo fundamental, constituído por tudo aquilo com que lido e por que me oriento na realização quotidiana de mim mesmo (o núcleo do mais próximo, com que directamente tenho a ver e que é vital para mim) e um horizonte secundário de tudo o que não é necessário ou relevante para essa realização de mim (de tudo o que é remoto relativamente a ela).

O primeiro tem um particular relevo, uma posição privilegiada, de candência, no centro do horizonte, sendo primariamente dele que se trata ao estarmos despertos na lucidez em que nos temos. Ao segundo não cabe ao invés senão um papel secundário e mais esbatido.

Vejamos um pouco mais nitidamente esta diferença.

O núcleo é o núcleo do que tem a ver comigo, com a minha própria vida---e o núcleo do que está em causa nela, daquilo que de algum modo é susceptível de a pôr em causa (ou tem uma apercebida relevância para o modo como a levo). É o núcleo daquilo que tenho à mostra de uma forma directa, rodeando-me, e se me impõe a ter de ser enfrentado, lidado. É o núcleo de tudo o que interfere ou pode interferir de forma sensível no modo como eu próprio vivo, consti-

tuindo um factor que faz diferença nele.

Neste sentido, pode-se caracterizá-lo como equivalendo ao campo do que me é **próximo**. Mas próximo não num sentido estritamente espacial--se estiver espacialmente próximo mas não à mostra, não fazendo uma diferença que se sinta sobre as condições em que a minha vida decorre, é **nesse sentido** tão distante quanto o espacialmente mais distante. Próximo no sentido do que se situa de uma forma sensível na esfera de interferência em que de cada vez me percebo (e em que estão em causa fundamentalmente a continuação de mim, o assegurar de condições básicas de alimentação, alojamento, segurança, etc, os meus projectos, as pessoas que de uma forma ou de outra desempenham um papel relevante na minha vida, tudo aquilo em que estou empenhadc, etc). O complexo de realidades que se situam nesse núcleo **protagoniza** por tendência natural toda a apresentação que tenho constituída, **destaca-se** como o que fundamentalmente está em causa na apresentação, destaca-se, se assim se pode dizer, como **forma** em relação à qual tudo o mais não tem senão uma posição de **fundo**.[18]

Por contraste com este núcleo, tem assim justamente uma presença esbatida tudo o que também está no horizonte de apresentação, mas se situa **longe** de mim, numa distância que pode ser também, mas não é obrigatoriamente espacial: na distância do que não interfere, não se me impõe numa apresentação directa a ter de ser lidado, não muda as condições em que tenho de exercer o facto de estar vivo.

Posso considerar e mesmo deter-me demoradamente, por exemplo, no que se passa na China, em Marte ou em constelações distantes, no que acontecerá daqui a 200 biliões de anos, em questões de hidráulica ou de acústica, de óptica ou de morfologia dos invertebrados, no que se passa na Faculdade de Ciências Médicas da minha Universidade ou no Departamento de Filosofia da Universidade do Dakota do Sul, etc.

Enquanto não estou na China ou em Marte, ou nas constelações distantes, enquanto as percebo como realidades que "nada riscam" na esfera em que tenho de viver, enquanto posso perfeitamente seguir imperturbado na minha existência sem que nada dependa de questões de acústica ou de hidráulica, de óptica ou de morfologia dos invertebrados, enquanto nada tenho a ver com a Faculdade de Ciências Médicas ou com a Universidade do Dakota do Sul, a presença de qualquer destas realidades no horizonte, independentemente da insistência com que procure fitá-las, é para mim, pelo menos por tendência, uma presença incomparavelmente menos acentuada, mais indiferente, do que a do que quer que seja que percebo como factor, como condição influente no curso da minha vida.

E, ao contrário do que se pode tender a julgar, a diferença entre os planos assim diversamente acentuados não consiste pura e simplesmente na circunstância de eu reagir de forma diferente às apresentações em causa, como se as próprias apresentações não tivessem diferença de estatuto entre elas. Não. A diferença tem que ver com a própria forma como as apresentações se dão, com o grau de instância com que se impõem, com o modo como vêm a pesar no mundo em que me movo.

Se tenho igualmente comigo, por exemplo, a notícia de qualquer vulgar contrariedade no meu quotidiano (por exemplo, qualquer dificuldade no trabalho de redacção desta tese ou a ansiedade que repetidamente se levanta a seu respeito) e a notícia de que ao longo do dia, enquanto estou aqui sentado a escrever, há milhares de pessoas envolvidas em guerra, na angústia disso, e algumas delas na iminência de morrer ou estando feridas, independentemente do modo como posso reagir e laborar sobre esta última notícia (e procurar, se assim posso dizer, velar sobre ela), a vulgar contrariedade que me diz respeito tende, apesar de tudo, a ter uma presença mais intensa e mais instante no meu campo de sentido, a pôr-se no seu centro, a ser algo com que repetidamente topo, que me atinge, que se me im-

põe, me prende a si--que se põe e repõe em causa na apresentação. Ao passo que a notícia da guerra distante e dos seus horrores tende a não se impor, a não ter candência, a resvalar, a "ir-se abaixo", a não ter ou a perder a acentuação, a não protagonizar o acompanhamento que tenho das coisas.[19]

Tal descrição, fixando estes dois planos, é de resto ainda por demais simplificada para dar conta da situação tal como efectivamente se verifica. A estrutura é de facto muito mais complexa, com uma multiplicidade de gradações difícil de estabelecer precisamente nos seus contornos, mas cuja presença se pode identificar inequivocamente a partir de alguns exemplos.

Assim, conforme acentuado, tem uma presença mais forte no meu mundo qualquer trivial contrariedade do quotidiano do que um cataclismo ocorrido com desconhecidos em lugares distantes, por mais que me esforce por não o perder de vista, por me confrontar com o que significa ele acontecer. Mas por seu turno podem ter uma presença mais intensa do que a do cataclismo em lugares distantes (mas menos intensa do que a de contrariedades, mesmo que relativamente triviais, no curso da minha própria vida) problemas relativamente graves na vida de pessoas conhecidas--por exemplo, a reprovação de alguém num exame decisivo, problemas de emprego ou de habitação. Embora eu próprio, considerando "em absoluto", tenda a perceber a importância real destes diferentes acontecimentos negativos numa escala inversa da que assim se estabelece, a verdade é que o grau de peso, de relevo com que efectivamente tendem a apresentar-se no horizonte é o que corresponde à máxima acentuação da contrariedade trivial no campo do que tem a ver comigo e à mínima acentuação do cataclismo no lugar distante, com o peso dos problemas relativamente graves que afectam pessoas conhecidas numa posição intermédia.

Não importa analisar aqui mais detidamente a natureza deste sistema de diversos índices de importância e de diversas intensidades

de presença--todo o leque das suas gradações, de que modo se produz, em que é que radica,etc. Importa apenas verificar que ocorre, que está constituída esta forma peculiar de acentuação e não-acentuação dos diversos momentos do campo de apresentação em que nos temos, esta estratificação de planos mais e menos importantes, mais e menos próximos, mais e menos "instantes". De tal maneira que, assim como as coisas à minha volta se dispõem espacialmente numa distribuição em perspectiva--num sistema de posições mais e menos perto, mais e menos longe--assim também há globalmente, em todo o campo de apresentação, qualquer coisa como uma "perspectiva" de acentuação ou não acentuação dos seus diversos momentos. De tal modo que os diferentes conteúdos apresentados, os diferentes momentos de realidade de que se tem notícia, se distribuem por diversas gradações de "peso" (avultam ou não avultam, são mais ou menos proeminentes, marcam mais ou menos) consoante o grau em que me dizem ou não respeito, me põem ou não põem em causa e são ou não são tidos por mim como alheios e indiferentes.

Atentando nesta distribuição, nesta estratificação de planos de acentuação, verifica-se sem dificuldade que a esmagadora maioria dos focos de imperfeição do acesso que em regra são detectados se situa claramente nos planos mais distantes, no domínio daquilo que é remoto e secundário. Ao passo que o plano do que é próximo, daquilo em que se está em causa, se caracteriza justamente por constituir o mais familiar, aquilo que perfeitamente se domina, onde parece justamente situar-se o "auge" do acesso que se tem. O fundamental do que há a saber para a administração da minha vida, tal como quotidianamente se processa, no campo em que habitualmente se move, está sempre já tido por assegurado, dominado. Ao passo que o que se percebe em escondimento pertence em regra ao domínio do mais ou menos indiferente, do longínquo, apagando-se, tendo uma presença menos viva por força dessa indiferença, desse seu carácter menos relevante.

Ora, se as relações de dimensão (um maciço **versus** focos dispersos de âmbito restrito), de enquadramento, etc., bastam para fazer que o campo do já tido prevaleça de longe sobre os focos de falha, esta particularidade, esta diferença da importância e de força de presença com que um e os outros se apresentam, faz avolumar ainda mais o campo do já tido, a sua prevalência, e esbate ainda mais os focos de falha--que assim não somente são de dimensões relativamente pequenas, estão enquadrados e de algum modo aclarados pela sua inserção no mundo a que se tem acesso, mas, para além disso, se acham como que vistos "em perspectiva", numa óptica que lhes retira contraste e impacto (os mantém, se assim se pode dizer, afastados de posições destacadas, de forma, e os situa no "fundo" do mais ou menos indiferente, sem relevo).

Em segundo lugar, independentemente desta "distribuição" daquilo que se tem apresentado por domínios diversamente acentuados (e desigadamente da diferença entre o núcleo de importância primária e os planos mais ou menos longínquos e indiferentes), há um outro conjunto de estruturas de hierarquização dos diversos momentos do campo de apresentação--estruturas que estão presentes tanto no horizonte mais longínquo e de menos peso quanto no núcleo daquilo que é mais próximo e relevante, e que também desempenham um papel fundamental no amortecimento das falhas detectadas.

Estas outras estruturas de hierarquização são as que resultam da circunstância de o campo de apresentação não ser um agregado de elementos meramente justapostos. De facto os diferentes momentos da realidade apresentada não estão isolados uns dos outros, não são indiferentes uns aos outros (estão antes envolvidos em redes de conexões). E não só têm conexões entre si, mas, para além disso, têm conexões tais que há subordinação de uns momentos de realidade aos outros.

Determinados focos de sentido têm sobre outros uma preponde-

rância, um ascendente tal que esses outros focos não constituem se não pormenorizações, especificações, do que já está acompanhado nos primeiros--sobredeterminações complementares do quadro de determinação fundamental que os primeiros já fixam. E isto de tal modo que também a este respeito sucede que os focos de imperfeição do acesso que em regra são identificados se situam justamente no plano secundário, no plano da pormenorização, da especificação complementar de realidades que no fundamental se dão já por perfeitamente acompanhadas num acesso pleno. Ou seja, de tal modo que os focos de falha na verdade estão subordinados ao ascendente de determinações fundamentais já adquiridas, já perfeitamente dominadas.

Isto é já asssim, se se vir bem, com o próprio enquadramento dos focos de falha a partir do seu contexto.

Percebo que não conheço um conjunto muito grande de estrelas, que não acompanho e não sei resolver um certo número de questões matemáticas, que ignoro totalmente muitas línguas, que tenho incerteza sobre o que devo pensar destas e daquelas pessoas que conheço, etc.

Mas domino sem dificuldade as regiões de realidade em que cada um destes focos de imperfeição do acesso se situa. Compreendo e acompanho bem o que é que corresponde às regiões "corpos celestes", "questões matemáticas", "línguas faladas por outros povos", "as outras pessoas que aí estão, nesta e naquela posição relativamente a mim", etc.. Tenho patente o contexto de cada um desses domínios, se assim se pode dizer, o seu "lugar" na estrutura do mundo em que me encontro. Este aspecto foi já anteriormente referido--mas focando só o carácter inserido dos focos de falha e o efeito de esclarecimento que resulta de ser conhecido o seu contexto (ainda sem pôr em relevo o carácter em regra "assimétrico" da relação entre os focos de falha e o contexto em que se inserem. Ora de facto aquilo que já tenho desse contexto não está normalmente num plano de paridade com aquilo que percebo que me escapa. Sucede antes que aquilo

que me escapa (as estrelas que há, a sua localização e características, as línguas desconhecidas, com o seu vocabulário, a sua peculiar morfologia e sintaxe, o sentido e o nexo das fórmulas matemáticas,etc.) não tem de ordinário senão o estatuto de **especificações, pormenores**, dessas regiões de realidade, que no fundamental já percebo em que consistem. Assim, salvo condições excepcionais (que podem ocorrer e por vezes ocorrem, mas em regra de facto não se dão), o acompanhamento de que disponho relativamente a essas regiões ou contextos em que as falhas detectadas se inserem permite-me justamente ver com indiferença (encarar de facto como desprovido de importância) o meu não-acompanhamento desses focos de falha: faz-me sentir dispensado de descer ao **plano de pormenor** em que os situo.[20]

O acesso de que disponho relativamente à região de realidade a que pertence aquilo que não tenho permite-me saber já **de que é que se trata nele.** Isso que me escapa não tem o estatuto de algo absolutamente indeterminado,que absolutamente está fora de acesso, mas o estatuto **subordinado** de um **pormenor num contexto dominado, a descoberto.** Ou seja--como se pode dizer numa formulação paradoxal, mas que traduz o estado-de-coisas que se verifica aqui--aquilo que me falta é qualquer coisa que, mesmo sem a saber, de algum modo e no fundamental **já sei**.

Mas esse ascendente, essa prevalência, do tido sobre o não-tido não ocorre apenas na relação entre os focos de falha e o seu **contexto**, entendendo por este a região de realidade em que se inserem, as **outras** coisas de que são próximos, com que têm a ver. Poderia parecer, assim, que as próprias realidades a que os focos de falha respeitam, as próprias coisas que neles estão em causa, por mais enquadradas que se achassem em contextos que se dão por conhecidos, constituíssem não obstante realidades **elas próprias inteiramente escondidas**, das quais não se tem absolutamente nada. Mas não. O sistema de subordinação tem uma estrutura mais complexa, de que a relação

de integração num contexto, como foi descrita, só por si de facto não dá conta.

De facto as múltiplas determinações presentes em cada "coisa" que há no horizonte para que estou aberto (e que podem dar-se por acompanhadas ou escondidas) não têm de maneira nenhuma um estatuto perfeitamente idêntico, equivalente para todas, como se todas tivessem uma igual neutralidade, independência, ou uma igual influência umas em relação às outras.

Acontece precisamente o contrário. Há uma espécie de polarização de conjuntos mais ou menos numerosos de determinações em torno de determinações nucleares, de que esses conjuntos de determinações dependem e em relação aos quais têm um estatuto secundário.

É a isto que corresponde a apresentação normal de coisas, de entidades (o lápis, a casa, a árvore, o livro, uma pessoa, etc.).

É neste regime que se apresentam quase todas as realidades que naturalmente se me apresentam. Nunca são absolutamente simples (comportam diferentes partes, diferentes determinações--correspondem a um complexo mais ou menos vasto de diferentes momentos de realidade). E por outro lado nunca constituem meros agregados de determinações diferentes, antes comportam uma multiplicidade de determinações integradas numa identidade fundamental que as envolve e de que as demais determinações se dão como momentos.

Esse é um dos aspectos fundamentais daquilo que se acha fixado na diferenciação feita por Aristóteles entre o "núcleo" do "τὸ τί ἐστιν" e o conjunto dos "συμβεβηκότα" que lhe inerem--diferenciação que não constitui pura e simplesmente a expressão de uma doutrina metafísica, antes corresponde à identificação de uma estrutura fundamental do modo como as coisas nos estão apresentadas.

Sem que se tenha de pensar especialmente nisso, os diferentes complexos de realidade que se nos antolham apresentam-se sempre já com um núcleo de determinação que define no fundamental a respectiva natureza, aquilo que são, a consistência que é a sua--cabendo

aos demais momentos, às demais determinações, o papel de determinações *disso*, adstritas a esse núcleo, sujeitas ao seu ascendente, como especificações complementares do que com ele se passa.

Posso, por exemplo, distinguir no complexo de realidade que é o que se me apresenta num livro ou numa caneta todo um muito vasto conjunto de momentos de realidade que são **diferentes** da determinação *livro* ou da determinação *caneta*. No complexo de realidade *livro* é distinguível, por exemplo, o conjunto das diferentes componentes que nele estão envolvidas, estas e aquelas folhas, cada um dos inúmeros momentos da superfície de cada folha, da capa, etc. o momento sc. os momentos de realidade correspondentes à qualidade do papel, ao tamanho que precisamente é o seu, à cor (às cores) que tem, à peculiar distribuição das manchas de tinta impressa nas suas páginas. São distinguíveis as determinações referentes à composição dessa tinta e à própria composição química das folhas, a todos os diferentes enunciados que o livro tem formulados em si, ao seu peso, à posição que habitualmente ocupa, ao estar fechado ou aberto nesta e naquela página, ao seu lugar e data de edição, ao seu editor, à altura e sítio em que o comprei, etc.. No complexo de realidade *caneta* é distinguível todo o conjunto das diferentes partes cuja conjugação a constitui, cada um dos diferentes momentos da sua superfície e do seu interior, as qualidades específicas dos diferentes metais e das diferentes componentes não metálicas que a integram, o formato e as dimensões que tem, a composição da tinta com que escreve, o modo peculiar como funciona, quanto pesa, o conjunto dos riscos que há na sua superfície e das zonas dela que se acham oxidadas, etc., etc. Mas todos estes aspectos, todas estas diferentes determinações, realidades, não idênticas à determinação *livro* ou *caneta* não se apresentam isolados na posição absoluta de si mesmos, nem estão agregados num complexo onde todas as determinações tenham o mesmo peso. No modo como naturalmente se apresentam,

estão polarizadas pela determinação nuclear livro ou pela determinação caneta e reduzidas a momentos, a aspectos dela.

Sendo assim, sucede por outro lado que o núcleo fundamental de cada objecto (aquele em função do qual é reconhecido na sua identidade) se acha em regra sempre já adquirido na apresentação natural, cabendo normalmente aos focos relativamente aos quais o olhar se percebe em falha o estatuto de puras determinações complementares, de sobredeterminações qualificando esse núcleo, "adjectivas" em relação a ele. [21]

Não é possível analisar aqui esta estrutura em todos os seus aspectos, mas tenta-se, através de alguns exemplos, pôr em evidência a sua presença e o modo como constitui um decisivo factor de subalternização das falhas que se percebem.

Vejo por exemplo uma pessoa num eléctrico. Reflectindo a seu respeito, compreendo que me escapa todo o mundo de recordações que em si encerra, que profissão tem, que línguas falará, para onde vai, que vida é a sua, como funciona todo o processo através do qual me vê, todo o complexo de processos fisiológicos mercê dos quais está viva, etc.. Compreendo todos estes focos de restrição do acesso que a ela tenho. Compreendo o escondimento que põem no que se passa mesmo aí à minha frente e a significativa amplitude dos domínios de escondimento que assim se desenham. Mas toda esta perspectivação de um não-acesso, de aspectos que faltam, não altera em nada a evidência fundamental que tenho de estar num acesso suficiente a esse acontecimento que tenho perante mim, sabendo-o, dominando-o, tendo já o essencial daquilo em que consiste e de que nele se trata.

Os aspectos em falta constituiriam, se acedesse a eles, um conhecimento melhor da pessoa em causa. Mas a sua falta não impede que já disponha de uma identificação efectiva dela, de um acesso que ma dá já no fundamental da sua índole, daquilo de que nela se trata. Mesmo sem esses aspectos, desconhecendo-os, o que tenho perante mim vale como estando já plenamente identificado--sinto-me

situado a seu respeito, de modo nenhum preso de perplexidade sobre o que seja, antes tendo isso resolvido e sabendo muito bem perante que é que estou. Por tal forma que esses aspectos que ainda não alcanço não constituem senão **especificações do que dela já sei**, especificações que se subordinam a isso, e que em última análise só são compreensíveis como aspectos da pessoa tal como já está definida na apresentação que dela tenho--como já a tenho identificada. O que falta apresenta-se com um carácter **subalterno**, como um momento secundário da identidade fundamental a que já tenho acesso.

Domina-me a evidência que já tenho da pessoa em causa, a falha é secundarizada, neutralizada como **pormenor** dela. De tal modo que na minha posição a seu respeito o que **avulta** é o conhecimento que tenho, a **manifestação** em que está--a que são "interiores", subordinados, os momentos afectados por restrição do acesso.

Analogamente em relação às estrelas que reconheço não acompanhar, na verdade não perspectivo este não-acompanhamento como se se tratasse de entidades absolutamente incógnitas, de que não tenho rigorosamente nada--que não sei **o que são**. Aquilo que tenho em vista ao reconhecer a imperfeição do meu acesso a seu respeito é o desconhecimento em que estou de onde, precisamente, se situam essas estrelas, de quais e quantas são, do tamanho e aspecto que concretamente têm, da composição exacta da matéria que comportam, de qual a natureza de muitos dos fenómenos físicos e das reacções químicas que nelas se produzem, etc..

Mas esta mesma apercepção do meu não-saber vem-me de um saber fundamental sobre o próprio acontecimento dessas estrelas, daquilo em que consiste (concebendo-as como corpos celestes, com todas essas diversas características que já perspectivo e de que as determinações em falta na verdade constituem--e não constituem senão--**especificações**). De uma forma que não precisa de ter qualquer expressão explícita, há já uma apresentação daquilo de que se trata

nas estrelas a que o meu acesso não me leva ,compreendo já o que são estrelas, sinto-me situado, orientado a seu respeito.

E este saber fundamental é de tal ordem que faz mesmo parte da perspectiva em que as encaro--quando me apercebo dos focos de escondimento que ainda envolvem e tenho curiosidade, interesse pela sua supressão--que naturalmente tenda a no fundo não valer como fazendo diferença decisiva o elas estarem precisamente a esta ou àquela distância, comportarem estes ou aqueles gases nesta ou naquela mistura,etc.: vendo bem, por grande que seja o meu interesse pela matéria, nada disso é na verdade visto como podendo alterar significativamente a apresentação fundamental, a compreensão do que são estrelas, que tenho já constituída. Todos esses focos de escondimento dizem respeito a puras pormenorizações em que se precisa o que já tenho. Estado-de-coisas este que, ao contrário do que à primeira vista pode parecer, não se altera absolutamente em nada com a circunstância de, ao considerar o domínio de escondimento correspondente ao meu não acompanhamento das estrelas que há, se tratar de uma multiplicidade que se me afigura ser imensa. Pois de facto toda essa multiplicidade é uma multiplicidade de coisas que compreendo segundo este regime e de tal modo que o que falta em todo o seu domínio é também somente da ordem da pormenorização de entidades que já se acompanham no fundamental daquilo em que consistem.

Ou seja, havendo uma diversidade de estatuto das diversas componentes de determinação que a apresentação natural tem agregadas em unidades complexas e constituindo um aspecto fundamental dessa diversidade a diferença entre núcleos de identificação fundamental das unidades complexas e os demais elementos que se encontram postos sob a sua égide, na sua "órbita", um dos âmbitos de determinação que se acham nessa posição adstrita, "adjectiva" é precisamente aquele que diz respeito à determinação adicional que os diferentes complexos (os diferentes "objectos", as diferentes "coisas")

admitem.

De facto, não sucede que o "corpo de determinações" que de cada vez já se acha estabelecido a respeito de cada objecto esteja absolutamente fechado--de tal modo que só consinta em si as que já se encontram apuradas e não admita a possibilidade de um enriquecimento com notas de cada vez ainda desconhecidas. É precisamente o contrário que sucede. Cada objecto presente no campo de apresentação, estando já fixado por um dado conjunto de determinações conhecidas, compreende sempre também (tem como que prevista) uma margem, na verdade aberta, de "enriquecimento" possível com determinações ainda não patenteadas no acesso de que se dispõe a seu respeito.[22] De tal modo, porém, que esse "enriquecimento" assim previsto (essa esfera de determinação adicional que sempre se mantém aberta, mesmo que tal passe despercebido) não é naturalmente vista como uma esfera susceptível de fazer alterar o reconhecimento que já se tem feito dos objectos em causa--como uma esfera de que a compreensão e identificação desses objectos (a fixação daquilo em que consistem) tenha de ficar suspensa. Não. A esfera de determinação adicional está de antemão posta sob a égide da identificação que já se tem dos objectos em causa e tem nesta o quadro em que hão-de inserir-se todos os seus elementos. De sorte que o núcleo fundamental de determinação já estabelecido para as diferentes unidades complexas domina o que é reconhecido como estando ainda em falta e tem-no de facto reduzido a uma posição-satélite.

É este o regime em que normalmente estão enquadrados os focos de imperfeição, os limites detectados na experiência natural da finitude.

G)

Mas esta articulação do tido e do não-tido em função das estruturas contexto enquadrante/momentos enquadrados e determinação fundamental das coisas/pormenorização do complexo de determinações que

lhes inerem não dá por sua vez ainda uma medida exacta do envolvimento por que, na forma de perspectivação para que habitualmente o nosso olhar propende, o acesso (a eficácia) prevalece sobre a imperfeição. A estrutura é ainda mais complexa, envolve uma ainda mais intrínseca compenetração do não-tido pelo tido, uma ainda mais completa subordinação, subalternização do foco de falha relativamente àquilo que se dá por dominado.

Para além da redução dos focos de falha à condição de momentos secundários de coisas que se conhecem já no fundamental da sua identidade, a posição em que normalmente se está relativamente aos próprios momentos das coisas que constituem focos de imperfeição do acesso não é de maneira nenhuma uma posição tal que a respeito desses focos não haja em nós senão essa indicação de falha do nosso olhar--e eles constituam uma pura incógnita.

É isso que à primeira vista parece acontecer--como se se estivesse numa pura perspectiva de não-tese a seu respeito e os focos de falha constituíssem esferas em integral indeterminação--numa indeterminação que só o encontro do que suprime a retenção em causa pode vir a ultrapassar.

Mas a situação, na forma como normalmente ocorre o reconhecimento de falhas, é de facto completamente diferente.

Se ao reconhecimento de falhas no acesso que se tem corresponde efectivamente uma área de vago, um campo aberto (ainda a preencher), isso está longe de significar que essa área seja uma área sobre a qual ainda não esteja estabelecida, assente qualquer determinação.

Pelo contrário.

Aquilo que de algum modo ainda se mantém fora de acesso é uma determinação de que na realidade implicitamente já se tem um perfil, de que se antecipam já várias características(que se espera já como sendo deste e daquele modo, tendo de ter esta e aquela conforma

ção, estas e aquelas notas fundamentais da sua natureza, da sua estrutura). O que ainda não se conhece dele é um aspecto peculiar, específico do que o caracteriza, é a "contracção" dessas notas numa modalidade que ainda não se acompanha. Assim, não se está completamente "a zero" sobre as determinações do que falta, tem-se já também qualquer coisa dele.

O reconhecimento deste estado-de-coisas não é isento de obstáculos, dada a própria natureza da antecipação aqui em causa. Pois o que assim se acha antecipado relativamente a isso mesmo que se esconde não o está explicitamente, numa tematização das determinações implicadas, numa distinta enumeração e focagem delas. Não. O antecipado não salta à vista, é totalmente inconspícuo. O que é antecipado é qualquer coisa de perfeitamente óbvio, tem a inconspicuidade do que é óbvio--tão óbvio que não se pensa e não se precisa de pensar nele e não precisa de chamar a atenção para dominar o nosso ponto de vista, antes o domina justamente tanto mais quanto mais lhe passa inteiramente despercebido. O que é antecipado é o óbvio das determinações que tem todo o ente do tipo do que está em causa na falha apercebida, é o óbvio da compreensão que sempre já se tem da forma de acontecimento a que pertence, no núcleo de determinações que a caracteriza. Por pouco que se pense nela, e mesmo que ao reflectir-se sobre o que acontece quando se experimentam imperfeições do acesso se tenda a passar por cima dela (e a não a ver), uma antecipação deste género está de facto sempre já constituída ao reconhecerem-se falhas e dirige efectivamente o nosso olhar na sua perspectivação.[23]

E tudo isto de tal modo que, da mesma forma que na localização do foco de falha como momento, pormenor de um ente a cuja identidade se tem já acesso há uma preponderância do ente já acompanhado (da compreensão fundamental que dele já se tem) sobre esse seu momento que ainda falta, assim também na relação entre as determinações já antecipadas do que ainda falta e aquelas suas determinações

a que precisamente ainda não se tem acesso há em regra uma preponderância tal das primeiras que, por mais importantes que as determinações ainda em falta na verdade sejam, elas tendem de facto a ser vistas apenas como notas complementares, modalizações de acontecimentos (formas de realidade) que, no fundamental da sua consistência, já estão acompanhados, dominados pelo nosso ponto de vista.

Estes diferentes nexos, sucessivamente passados em revista, de subordinação dos focos de falha a aspectos já acompanhados (a saber: 1)a pertença a um contexto conhecido e a subordinação ao que já se sabe deste, 2) a pertença a um objecto cuja identidade fundamental já está captada e o ascendente desta sobre o que aparece ainda por saber e, 3) a pertença dos próprios aspectos em falta a quadros de determinação já antecipados e de que representam variantes) não constituem factores dispersos, que se acumulem numa adição difusa. De facto estes diferentes nexos de subordinação correspondem a um cada vez mais apertado "cerco" do foco de falha--de tal modo que o primeiro deixaria ainda integralmente entregue a escondimento um objecto (toda uma "coisa"), o segundo reduz o âmbito de escondimento já só a aspectos de um objecto, que no fundamental está identificado, e o terceiro entra no próprio "reduto" desses aspectos e faz que mesmo eles não correspondam a uma total incógnita.

Ou seja, a articulação dos três aspectos referidos faz que o "empurrar" da falha para posições secundárias, a redução do seu alcance e do seu "peso", entre cada vez mais "fundo" no "tecido" da realidade apresentada, seja cada vez mais intrínseca à falha reconhecida e estreite mais a circunscrição do seu âmbito. De tal modo que o envolvimento dos focos de falha (o seu enquadramento e a sua colocação sob a égide de aspectos dominados, em subordinação a eles) faz-se, se assim se pode dizer, por uma multiplicidade de "anéis" de constrição, uns ainda mais estreitos do que os outros. E de tal modo que esta multiplicação e sobreposição de factores de primado

do tido sobre o não tido leva muito longe e muito fundo o domínio do primeiro sobre o segundo e a impressão de captação do que se reconhece ainda por captar, fazendo que seja esmagador o efeito de subalternização dos focos de falha que daí resulta.

H)

Por último, além de todo este sistema de enquadramento dos focos de falha e de sua subalternização ao domínio do tido, há ainda um outro aspecto de condicionamento da perspectiva que contribui para diminuir, apagar no seu porte as próprias imperfeições que se apresentam, ajudando a deixar intacta a autocompreensão do acesso como soberano.

Este outro aspecto diz respeito já não a "mecanismos" de constrição do porte e de subalternização das falhas, mas a uma característica peculiar das apercepções que põem em contacto com elas--uma característica em resultado da qual são, por tendência, desprovidas de acuidade, estão esbatidas.

Assim, ainda que, como se viu, a identificação de limites concretos se caracterize justamente por haver nela um efectivo confronto do ponto de vista com a presença no seu campo de qualquer coisa que o restringe, não sucede todavia que a experiência dos limites se faça sempre com toda a acuidade e uma plena capacitação da "fuga", do confinamento que o limite reconhecido representa. Sucede, pelo contrário, que, mesmo havendo uma efectiva experiência de retenção, tende a persistir uma ambiguidade da própria manifestação da falta na experiência que dela se faz--ambiguidade em virtude da qual a imperfeição que se reconhece e de algum modo se experimenta não se impõe com toda a força, numa plena presença, numa plena declaração da falta que na verdade significa.

Ou seja, o atenuamento da finitude reconhecida não se produz apenas por meio da relativa pequenez do seu domínio, por meio do seu

enquadramento e da subalternização dos focos sobre que incide, mas também por meio deste fenómeno que faz que a presença das falhas no horizonte não tenha o mesmo grau de impacto que a presença daquilo a que se tem acesso. [24]

Vejo, por exemplo, que não conheço um sem-número de estrelas. Impõe-se-me a ser reconhecido este limite e faço incidir o meu olhar sobre o foco de imperfeição do acesso que assim se me apresenta. Posso considerar e voltar a considerar o limite assim percebido, insistir, fixar mesmo o meu olhar sobre ele. Tudo isso ocorre sem que na verdade se abram no meu horizonte (se desenhem efectivamente no "tecido" do que tenho apresentado) os "buracos", se assim se pode dizer, correspondentes à falha de que se trata.

E não sucede assim somente por se tratar de entidades remotas. Também em regiões de realidade mais próximas--e até mesmo aí à minha frente--se passa, vendo bem, idêntico fenómeno. Assim, também ao perceber o que há de inacessível, por exemplo, numa outra pessoa sentada à minha frente, no complexo de realidades que a constitui (ao perceber a inacessibilidade do seu "mundo", daquilo que conhece, do que está a pensar neste momento, a inacessibilidade em que se acha para mim tudo o que há, o que se passa na sua cabeça, por detrás do seu rosto, a inacessibilidade de toda a série de acontecimentos que estão a ocorrer no seu corpo, etc.), também ao perceber a inacessibilidade de algo assim tão próximo, o domínio de escondimento cuja presença aí percebo não se inscreve no "terreno" da realidade que me está apresentado, não se desenha nele com a mesma "força", em pé de igualdade com aquilo de que tenho uma apresentação eficaz. Também aqui as zonas percebidas como fora de acesso, as zonas de opacidade, não se rasgam aí como verdadeiros enclaves a recortar o tecido da realidade, tão manifestamente presentes e tão concretas como tudo o mais.

Havendo embora uma percepção, uma evidência, um experimentar de retenção e da esfera relativamente à qual a retenção se manifesta

--e ainda que essa percepção veja de algum modo as faltas em causa insituadas no campo da realidade, nos diferentes domínios a que dizem respeito (localizadas aí concretamente nesta e naquela região, nesta e naquela entidade)--a transcrição disso no campo da realidade concreta que aí se apresenta está muito longe de se fazer com o mesmo grau de concretude e nitidez com que aparecem as coisas que se têm. Não há uma transcrição tal dos focos de escondimento percebido no campo da realidade que o que se percebe como não alcançado, como escondido, esteja aí tão claramente visto na sua recusa, tão claramente obviando, tão claramente a impor-se, incontornável, como aquilo a que se tem acesso, que já está manifesto.

O não-acompanhado, o que não se alcança, embora detectado e percebido na sua presença, tende a ter uma presença como que sumida, fugidia, que não faz contraste com o domínio manifesto, não está no mesmo plano que ele, mas num plano como que "desencarnado"--de qualquer coisa que de algum modo (e até mesmo com grande evidência) se concebe, mas sem que no concreto se veja efectivamente em correspondencia à concepção que se tem.

Independentemente de todos os outros "filtros" de circunscrição e subalternização dos focos de escondimento (e, designadamente, das diferenças de "força de presença" antes referidas), a presença disso que falta tende a ser uma presença fraca, o escondido não ombreia num mesmo plano de impacto com o que se apresenta dominado. E, embora esteja de algum modo aí, apresentando-se na sua indisponibilidade, na sua "fuga", não está aí com a vivacidade com que está o mundo do que tenho, não se impõe do mesmo modo e por tal forma que seja obrigado a estar com ele como estou com aquilo que se me dá.

E esta diferença no modo de presença constitui um outro factor de enfraquecimento do peso das imperfeições percebidas, do efeito real de restrição que exercem sobre a compreensão do acesso que se

tem.

Há esta tendência pronunciada para que a apresentação dos focos de escondimento tenha assim um carácter esmaecido. E, embora seja sem dúvida possível a emergência de focos de finitude numa presença plena (numa plena capacitação do seu impacto), ela tende a não ocorrer, a ocorrer só mais raramente e em regra de tal forma que, quando ocorre, na verdade o faz só num âmbito muito circunscrito. De sorte que uma grande parte (e mesmo a maior parte) dos focos de falha que habitualmente se acusam está sujeita a este peculiar efeito de esbatimento.

Por outro lado, a não-vivacidade da presença dos focos de imperfeição não é algo que esteja inteiramente sob o meu controle e que possa anular a belprazer, fazendo-os passar a uma presença plena. É um modo como esses focos se me dão, que pode persistir e que persiste mesmo quando dou por ele e procuro superá-lo. Um modo que só raramente se altera.

De maneira que da já de si reduzida multiplicidade dos focos de finitude que, como se viu, de cada vez se é capaz de abranger numa apercepção efectiva, só ocasionalmente e além disso de qualquer modo só uma pequena parte impõe a sua presença em condições de igualdade com a presença da apresentação eficaz.

Todos estes "filtros", todas estas formas de restrição, subalternização, "amortecimento" dos focos de falha concorrem para que, mesmo quando espaçadamente se produz uma incidência sobre focos dessa ordem (interrompendo a total ausência de qualquer menção concreta de limites que, como se viu, habitualmente reina), a posição em que o ponto de vista na verdade se perspectiva não sofra uma significativa modificação relativamente à sua autocompreensão como pon-

to de vista irrestrito.

São "filtros", condicionamentos que actuam de uma forma implícita, discreta, sem que de alguma maneira se pense nisso, sem que as restrições e amortecimentos que produzem de alguma maneira sejam notados. Mas nem por isso têm um carácter menos efectivo e nem por isso deixam de constituir um dispositivo de sistemática minorização dos focos de escondimento detectado, um dispositivo que está firmemente estabelecido e profundamente enraizado no modo como vemos.

Em regra os diferentes "filtros" dilucidados sobrepõem-se numa acumulação dos efeitos de amortecimento e neutralização das falhas que cada um produz.

Ou seja, na maior parte das vezes, quando há apercepções de falhas, essas apercepções ocorrem sob esmaecimento da presença dos focos de restrição que identificam, sob o efeito acumulado das diversas formas de subalternização da importância daquilo que é objecto da falha reconhecida, com enquadramento desses focos em domínios de realidade perfeitamente acompanhada e diluição deles no maciço da realidade dominada--havendo para além disso ainda uma desproporção gigantesca entre o porte dos focos de imperfeição do acesso detectada e a amplitude indefinidamente extensa que tem o campo relativamente ao qual o acesso inexplicitamente se sente soberano.

Pode sem dúvida tambem acontecer que algum ou alguns destes condicionamentos, destes "filtros", se suspendam ou não funcionem relativamente a determinadas falhas detectadas. Só que, quando assim sucede, justamente não são todos, mas apenas alguns destes condicionamentos de minimização e subalternização das falhas que assim deixam de determinar o modo como se ve. E os restantes mantêm-se em função, assegurando de facto a circunscrição dos focos de falha detectados e a sua subalternização ao horizonte do que se tem.

Assim, por exemplo, se porventura se desfaz o condicionamento em

virtude do qual a presença da imperfeição é fraca, esmaecida, persistem todos os demais, assegurando a redução do que então tem uma presença mais marcada a um porte ínfimo. E se porventura caem algumas das estruturas de integração ou subalternização das falhas, persistem outras estruturas de integração e subalternização--o dispositivo de inserção no maciço da realidade acompanhada, de diluição da falha no seu seio, e a imensa desproporção entre o campo de acesso e as dimensões da imperfeição que se apresenta.

As combinações podem ser diversas. Suspendendo-se por exemplo a subalternização do foco de falha à identidade conhecida da coisa a que pertence, i.e. declarando-se escondimento relativamente a essa identidade, mantêm-se todas as demais formas de enquadramento e subalternização. Etc..

Não importa fazer um elenco de todas as possibilidades. Importa, sim, acentuar que, mesmo quando deixa de funcionar em pleno, com todos os seus momentos, por tendência se mantem em vigor pelo menos uma parte do dispositivo.

Em resultado de tudo isto, mesmo quando somos capazes de identificar um número relativamente significativo de focos de restrição do acesso e aparentemente o plano da imperfeição detectada se avoluma, o nosso ponto de vista continua na verdade a manter a sua óptica de ponto de vista soberano, dispondo de um acesso praticamente irrestrito.

E, deste modo, se com a experiência concreta da limitação fica prejudicada a possibilidade de o nosso ponto de vista se manter na óptica de total não-confinamento, na perspectiva de ponto de vista absoluto (em que, como se procurou mostrar, de facto se encontra quando nenhum limite concreto se apresenta), o afastamento que a experiência natural de limites traz relativamente a essa óptica é na verdade muito reduzido.

O acesso não se compreende, não se pode compreender então como

um acesso absolutamente irrestrito, é certo.Mas compreende-se como um acesso quase-irrestrito, numa óptica em que toda a margem de confinamento admitido, independentemente da sua maior ou menor extensão, tem a dimensão qualitativa deste "quase".

Aparentemente imprecisa, sem rigor, e podendo ter até o aspecto de uma vazia subtileza, de um conceito abstracto (que nada tem, nada pode ter a ver com a forma como naturalmente vemos), esta determinação do acesso como quase-irrestrito constitui na verdade uma categoria própria, uma categoria muito definida de autocompreensão do ponto de vista relativamente à sua eficácia e finitude. E é la a categoria fundamental que inexplicitamente domina a autocompreensão do acesso em que nos temos quando, no seu curso natural, se vê confrontado com estes e aqueles limites. E é tambem ela a categoria fundamental que inexplicitamente tende a dominar o nosso ponto de vista quando, procurando perceber a finitude a que está sujeito, colige conjuntos mais ou menos amplos das falhas que detecta.

Nela, a determinação fundamental continua a ser a da irrestrição, do ponto de vista absoluto--apenas qualificada pela inclusão de alguma reserva, de algumas excepções, que não modificam, apenas modalizam a determinação fundamental de plenitude. Aquilo que restringe mantém sempre um carácter secundário, de pormenor, não fazendo mais do que matizar a figura fundamental do acesso pleno que o ponto de vista tem inexplicitamente inculcada como sendo a sua.

*

E esta, assim acompanhada mais de perto nas estruturas que fixam o seu domínio sobre o nosso ponto de vista, a forma da finitude como lacuna que nele naturalmente está enraizada. Forma da finitude que, se à primeira vista pode parecer sem mais erradicável, susceptível de ceder lugar ao reconhecimento da nossa imensa ignoran-

cia,etc.,etc., na verdade, em virtude dos fenómenos apontados, tende a manter-se sempre em vigor, sólida, inamovivelmente estabelecida.

1.2.2 As MODALIDADES de finitude na perspectiva natural:a detecção inexplícita de diversas modalidades da finitude na experiência natural. Dilucidação e caracterização preliminar das diferentes modalidades naturalmente detectadas.

Se o factor fundamental de definição do carácter da finitude é a sua forma--e se é dela que se trata na presente averiguação--isso não significa que o plano da forma seja inteiramente isolável dos demais aspectos envolvidos na perspectivação da finitude e analisável só por si, independentemente de tudo o mais.

A análise levada a efeito para evidenciar a estrutura da forma da finitude tornou claro que a situação em que se está relativamente a finitude do nosso ponto de vista é marcada por uma considerável falta de nitidez. Não somente se regista uma finitude no acompanhamento da finitude, mas, para alem disso, a própria perspectiva em que se está na compreensão que se tem da finitude não é transparente para si mesma, envolve factores, teses,decisões, estruturas que lhe escapam, que a dominam sem que deles se aperceba.

Ora a primeira condição para um confronto real com a questão da finitude é precisamente a supressão dessa não-transparência, a obtenção de um acompanhamento claro da compreensão que à partida já se tem, tornando explícito o que só implicitamente está incluso ne

la. Ou seja, a primeira condição para um confronto real com a questão da finitude reside numa plena apropriação dessa compreensão naturalmente sempre já constituída--numa apropriação que elimine as ambiguidades que a não-transparência, as assunções implícitas, etc. propiciam.

Por isso mesmo, importa tentar pôr a claro que outros traços característicos, que outras estruturas fundamentais são identificáveis na compreensão natural, articulam, conformam a sua perspectiva e determinam de modo decisivo a finitude que nela se percebe.

Ora, analisando assim a apercepção da finitude que naturalmente ocorre, um aspecto há que emerge como característico e que pode revestir-se de significativa importância para a averiguação da situação de finitude em que se está, não podendo deixar de ser tido em consideração.

Esse aspecto diz respeito àquilo que, diferenciando-o da forma da finitude, se designa por modalidades de finitude.

Vejamos o que é que se quer dizer com isso e que modalidades são assim identificáveis.

*

Havendo, como se acentuou, na experiência natural uma diversidade de apresentações de confinamento ou restrição do acesso de que se dispõe, essas diversas apresentações têm muitas diferenças. Dispersas aqui e ali no curso da experiência, distinguem-se umas das outras pelos diferentes conteúdos a que respeitam e por outro lado também pela maior ou menor extensão da finitude que revelam. Mas a diferença entre as várias apresentações de finitude que naturalmente ocorrem não se esgota de modo algum nestes dois pontos. As apresentações são também diferentes quanto à natureza da restrição que apresentam. O carácter dos limites que se põem a descoberto não é

homogéneo. Há nas diversas apresentações diferentes modos de imperfeição do acesso.

A pluralidade destes modos não é entretanto tal que a cada apresentação corresponda um modo próprio que só nela se verifica, nem mesmo tal que haja uma variedade indefinida e inabarcável de modos. Não obstante a variedade dos conteúdos a que se referem e as diferenças na própria extensão da finitude que mostram, verifica-se uma pronunciada afinidade entre as diferentes apresentações de finitude no que diz respeito à natureza, à estrutura da imperfeição a que em cada uma o nosso ponto de vista se revela sujeito. E isto de tal maneira que se configura um número restrito de modalidades de finitude, em que todo o horizonte da sua experiência natural se esgota.

Assim sendo, a perspectiva natural define-se a um tempo pela sua forma (correspondente à tese da adequação global do acesso que se tem e à circunscrição de todas as imperfeições como lacunas) e por um determinado quadro de tipos, de modalidades de finitude experimentada.

Esse quadro de modalidades que no curso normal da apresentação que temos emergem a marcar o nosso ponto de vista inclui fundamentalmente quatro modalidades que mais amiúde se manifestam e mais vincadamente se distinguem.

Por um lado, o nosso ponto de vista percebe-se como finito no sentido de ser incompleto, de ter uma amplitude, uma capacidade limitada--de não ter, não abranger tudo.

Por outro lado, experimenta também a sua finitude ao ser confrontado com fenómenos, apresentações que não consegue compreender, e que nesse sentido o ultrapassam.

Perspectiva-se além disso com um carácter imperfeito, finito, ao perceber que inclui em si perspectivas que estão marcadas por erro.

E finalmente percebe-se ainda na sua posição limitada ao evidenciar-se-lhe que, relativamente a apresentações de que dispõe, não tem meios de assegurar a respectiva justeza, antes está numa situação em que **não pode excluir que as coisas sejam de outro modo que não aquele que se lhe inculca.**

Esta diferenciação de modalidades de finitude que naturalmente se configura não significa de maneira nenhuma que esteja naturalmente constituída qualquer coisa como um quadro de classificação destes fenómenos e que em cada experiência da finitude claramente se determine que o confinamento, a imperfeição experimentada tem de uma forma perfeitamente definida um carácter correspondente ao tipo A ou B.

Significa tão só que, mesmo que tal não se explicite e não haja nenhuma caracterização expressa das modalidades, a finitude que naturalmente se experimenta tem de facto um carácter tal que, se explicitada, corresponde a este quadro de modalidades.

Pode haver momentos de experiência de finitude em que estão experimentados limites correspondentes a *várias* delas, conjugadas. E pode suceder que a identificação precisa da ou das modalidades envolvidas numa determinada experiência concreta ofereça dificuldades. Mas, independentemente da classificação precisa de cada experiência sob um ou outro dos tipos que assim se configuram, o conjunto das experiências da finitude naturalmente feitas pelo nosso ponto de vista é globalmente polarizável neste quadro de modalidades, que constituem as "*figuras da finitude*"naturalmente postas no nosso horizonte, aquelas que, instados a definir em que imperfeições consiste a nossa finitude, tendemos a conseguir identificar.

Para uma mais clara apercepção da perspectiva de reconhecimento da finitude em que sempre já nos encontramos, importa ver mais de perto este quadro de modalidades. É isso que se procura fazer agora, numa aproximação que requer duas observações prévias, a precisar o que nela se produz.

Em primeiro lugar, não se tenta esclarecer as diferentes modalidades em causa numa adequada fixação da sua natureza (que efectivamente as consiga compreender e explicar na sua estrutura e na sua possibilidade). Procura-se tão só delimitá-las numa marcação da respectiva diferença, a partir da forma como estão diferenciadas na própria perspectiva natural. Deixando-se fora de consideração todas as dificuldades, de não pequena monta, com que tem de se debater qualquer tentativa de perceber efectivamente como são possíveis e o que nelas se passa.

Em segundo lugar, nenhum dos aspectos que o apuramento, por sua própria natureza, faz acentuar está naturalmente compreendido na forma explícita que o seu enunciado constitui. O levantamento produz uma agudização que não corresponde ao modo, muito mais esbatido, como as diferentes modalidades estão naturalmente detectadas. A explicitação modifica a perspectiva, introduzindo uma articulação de que, conquanto de alguma maneira inclua os aspectos assim explicitados, a experiência natural não tem qualquer ideia.

1.2.2.1 Primeira modalidade da finitude: a INCOMPLETUDE do acesso ao mundo, da apresentação que se tem das coisas. Estrutura específica do escondimento na incompletude. A compreensão natural da incompletude como meramente lacunar.

Em primeiro lugar, no que diz respeito à compreensão da incompletude do ponto de vista, o que nela se perspectiva é a existência de aspectos do real que não estão abrangidos pela apresentação de que se dispõe. A incompletude manifesta-se quando percebemos que o acesso em que nos encontramos não cobre exaustivamente tudo o que há: deixa, pelo contrário, fora do horizonte que acompanha um con-

junto mais ou menos extenso de entidades ou acontecimentos reais.

De tal modo que aquilo que nós temos equivale a qualquer coisa como um subconjunto do que há--existindo partes da realidade que nos escapam.

*

São muito diversas as experiências concretas que induzem a perspectivação desta forma de limite, que, bem vistas as coisas, mesmo ocorrendo, pareceria não poder ser experimentada, ter de passar despercebida, pois para que se manifeste é necessário que haja alguma apercepção, algum "contacto" justamente com aquilo que não temos, que o nosso ponto de vista não alcança.

Por um lado, essas experiências realizam-se a partir de qualquer coisa como uma notícia indirecta, que permite saber de algum modo que há x e y de que se percebe não se ter qualquer alcance. Assim, por exemplo, relativamente ao que estará neste momento a acontecer na vida de um conhecido meu que se acha longe, relativamente ao aspecto que terá o que quer que seja que se situa nos antípodas do lugar onde me encontro, relativamente a todas as espécies de peixes que há nos mares, relativamente às constelações todas até agora já identificadas, mas que, por não ter estudado o assunto, desconheço. Assim também quando, por exemplo,ao tentar realizar uma tarefa, sou levado a compreender que me faltam elementos, que não disponho de informações requeridas para a sua execução:que não sei, não domino isto e aquilo (quais os elementos de um determinado composto, que fórmula permite resolver uma determinada equação, qual a raiz quadrada de um número, como se diz isto ou aquilo na língua x,etc.). Assim de novo quando se me referem multiplicidades tão numerosas que percebo que de facto não as consigo abarcar numa perspectiva que efectivamente as acompanhe--por exemplo, a totalidade dos homens que vivem sobre a terra, a totalidade dos

grãos de areia na costa portuguesa,etc. Esta notícia indirecta pode ter diversas origens: os outros que me mencionam isso(como quando alguém me fala de uma terra em que nunca estive ou de disciplinas científicas que nunca estudei); ou então uma indicação de que disponho no meu próprio ponto de vista, como por exemplo a de que o mundo se continua para lá das coisas que diviso mais ao longe,em realidades que desconheço, porque nunca lá fui,etc..

Em segundo lugar, a incompletude é também experimentada uma vez obtido o acesso a algo, quando o ponto de vista se apercebe de que isso estava antes completamente fora do plano de perspectiva que era o seu.

E certo que esta é uma forma de experiência da incompletude que propriamente só tem um alcance retrospectivo, evidenciando a incompletude em que se esteve e não aquela em que se está. Mas, por outro lado, as sempre novas experiências desta ordem em que se verifica uma incompletude que houve, a frequente repetição deste encontro do que antes estava fora de perspectiva, tendem a projectar-se numa compreensão da sujeição global do ponto de vista a este tipo de imperfeição, induzindo a perspectiva da possibilidade, da probabilidade e mesmo do facto de este modo de confinamento ser uma constante e afectar também o ponto de vista em que se está. [25]

Mas a compreensão da incompletude do campo de apresentação não se resume assim ao reconhecimento de casos mais ou menos esporádicos. Radica também na experiência do acesso que se tem como um acesso de cada vez preso de um ângulo de abertura à realidade--de um ângulo não irrestrito, antes limitado.

De facto, não continuamente mas de qualquer forma com muita frequência experimento a necessidade de mover o meu olhar para captar este e aquele domínio da realidade--que, sem este movimento ,sem esta transferência do olhar, não acompanho. Experimento assim com muita frequência que o acesso em que de cada vez me encontro não é pleno: pode e tem de ser melhorado, completado por uma transferência

do plano de incidência. Numa limitação que, entretanto, é justamente compensada pela mobilidade do olhar, que lhe permite passar sempre a novos planos de realidade, integrando-os no campo do que se tem e alargando desse modo o horizonte a que há acesso. Isto de tal modo, porém, que nunca percebo como esgotada a margem de volvimento possível do meu olhar, antes compreendo esta ampliação como uma ampliação que sempre se pode levar mais além e que nunca conduz à superação total da incompletude, a uma totalização do acesso, antes deixa sempre margens de incompletude, campos de realidade fora de acompanhamento.

Semelhante compreensão do ângulo de acompanhamento em que de cada vez se está como um ângulo de abertura limitada acha-se associada à compreensão de qualquer coisa como uma localização espácio-temporal do ponto de vista. O acesso tem, se assim se pode dizer, um "lugar onde" no espaço e no tempo, a partir do qual se dispõe o seu horizonte, com a amplitude não ilimitada que o caracteriza. Em conformidade, fica fora dele o que é distante dessa localização e o que não se situa no quadrante de realidade para que de cada vez o ângulo de abertura está voltado. Não tenho (dou-me conta de não ter e acho mesmo muito natural não ter) apresentado aquilo que se passa em lugares remotos relativamente àquele em que me encontro (em Dublin ou Wichita, na Austrália, na cidade do Funchal, em Marte, na rua em que moro, mas de que agora estou ausente). E mesmo perto de mim não acompanho bem o que se passa nos domínios para que não estou voltado (por exemplo na parte da biblioteca que fica atrás de mim). E também em relação ao tempo não acompanho bem (dou-me conta de não acompanhar e acho mesmo natural que não acompanhe) as coisas mais recuadas--o que se passou há trinta e cinco anos, ou no século VI AC. Acompanho sim o que está mais próximo, os tempos mais recentes ou aqueles sobre que de cada vez me debruço.

Mas nem toda a restrição do ângulo de abertura que assim sem-

pre de novo se experimenta tem a ver com a localização espácio-temporal do ponto de vista, havendo formas que não lhe estão associadas--por exemplo, a que se prende com a capacidade restrita da atenção e que me faz não conseguir ter presentes, em sinopse, todos os aspectos que são analisados neste trabalho (obrigando-me a percorrê-los, numa sucessiva modificação da incidência) ou me impede de abarcar assim sem mais todas as combinações possíveis de um conjunto de nove algarismos diferentes (fazendo que, ao tentar fixá-las a todas, exaustivamente, muitas haja que de facto não me ocorrem), etc..[26]

*

Sendo assim, tudo isto acontece de tal modo que, se a restrição de incompletude que afecta o acesso de que se dispõe é assim qualquer coisa que sempre já de muitos modos e a muitos respeitos está experimentada, embora haja variações quanto à dimensão da incompletude percebida, ela não ultrapassa o âmbito restrito de lacunas num horizonte globalmente dominado e corresponde à forma natural da finitude, como ficou descrita.

Funcionam quanto à incompletude todos os dispositivos de restrição referidos acima no ponto 1.2.1 .

Por um lado, a apercepção da incompletude move-se num terreno marcado por uma profunda ambiguidade, de tal modo que, havendo sempre de alguma maneira a noção de não se ter apresentado o pleno da realidade, há, por outra parte, em regra uma ausência de qualquer clara definição do que é que falta--que normalmente não emerge numa definida apresentação de si.

Por outro lado, mesmo quando o que falta se acusa em apresentações concretas, nunca chega a manifestar-se com dimensões que minimamente subvertam a tese natural de soberania do acesso que se tem. Por vastos que se perspectivem os domínios reconhecidos como afec-

tados por esta imperfeição do acesso, é sempre incomparavelmente mais vasto o horizonte atemático em que se situam, em cujo maciço se inserem. Eles pertencem em regra a regiões de menos peso no sistema de "lugares qualificados" que é o do campo de apresentação para que estou aberto e a incompletude que se perspectiva é uma incompletude em que o que falta corresponde justamente a um <u>não-acompanhar bem</u> os domínios de cada vez em causa (não se acompanhar bem o que se passa no Ceilão, nos antípodas, em Marte, ou o que se passa atrás de mim, não se acompanhar bem o que houve no século VI AC, etc)--um não-se-acompanhar-bem que <u>não</u> exclui e não derroga todo o acompanhamento que, inexplicitamente, numa apercepção atemática, já se cuida ter desses domínios (e em que justamente já parece dado o <u>fundamental</u> deles).A tudo isto acrescendo ainda, finalmente, que o modo como os planos de incompletude estão presentes no campo de apresentação tem o carácter fraco, esmaecido, que também se apontou.

Nunca se impõe um reconhecimento tal da incompletude que o horizonte que propriamente se tem apareça como uma pequena área contra o fundo envolvente e esmagador daquilo a que não se tem acesso, nunca o ponto de vista se percebe fechado num âmbito muito circunscrito, numa pequena ilha rodeada de um mar de escondimento, nem nunca sequer este emerge por forma a constituir algum domínio de vulto no horizonte, antes permanece sempre em dimensões restritas, de aspectos avulsos que se compreende não estarem ao alcance nesta e naquela parte relativamente restrita da realidade.

*

De qualquer forma, e independentemente da maior ou menor amplitude que de facto possa ter, a modalidade de retenção assim de algum modo detectada na perspectiva natural constitui uma possibili-

dade específica de finitude do nosso ponto de vista, com uma estrutura própria, que importa destacar.

O que caracteriza e identifica esta modalidade é que nela o campo daquilo em relação ao qual há retenção do ponto de vista é um campo **extrínseco** ao que nele se apresenta, de tal modo que os planos do não-escondimento e do escondimento se dispõem um em relação ao outro numa como que **exterioridade**--que não é propriamente espacial, mas tem um carácter próximo do "um-fora-do-outro" de dois domínios separados no espaço, sem qualquer intersecção entre si.

Por um lado, há um horizonte acompanhado--dado no ponto de vista que se tem. Por outro lado, esse horizonte tem um "fora", um domínio exterior a ele, a que o nosso ponto de vista não se estende--que não acompanha. Como se o horizonte total daquilo que há se dividisse numa área que tem intersecção com o nosso ponto de vista, entregue a ele, e um domínio subtraído ao seu foco, mantido em apagamento relativamente a ele, longe do horizonte para que o ponto de vista está aberto.

O escondimento dá-se pela **não-inclusão** disso que se esconde no campo de apresentação a que se tem acesso. É, se assim se pode dizer, um **escondimento de ausência**.

1.2.2.2. Segunda modalidade da finitude: a NÃO-COMPREENSÃO, a incapacidade de compreender bem apresentações de que se dispõe. Estrutura específica do escondimento na não-compreensão. A falha de não-compreensão como lacuna num horizonte predominantemente livre dela.

Totalmente diferente desta modalidade de retenção do ponto de vista é aquela que corresponde às múltiplas experiências de **incompreensão** por que, com mais ou menos frequência, o nosso ponto de vista passa no seu curso.

Ao contrário do que sucede na primeira modalidade, cujo sentido é decisivamente marcado pela ausência daquilo que o ponto de vista não alcança, pela sua não-apresentação, o que caracteriza esta segunda modalidade de restrição do acesso é o facto de aquilo em relação ao qual a retenção se produz estar presente no horizonte do ponto de vista, posto aí perante, num inegável acesso, numa apresentação de si. De tal modo, porém, que não obstante essa apresentação e esse acesso, o ponto de vista não domina aquilo que assim se lhe apresenta, vê-o a escapar-se-lhe, recusando-se-lhe. Não se compreende isso mesmo que se apresenta, não se tem a respeito disso o acompanhamento evidente e livre de qualquer dificuldade que normalmente caracteriza a posição do nosso acesso relativamente àquilo que tem apresentado.

Confronto-me por exemplo com um conceito numa exposição filosófica ou científica e, seguindo a sua caracterização, não consigo perceber que é que significa e, por consequência, que sentido têm as diversas proposições em que se inclui.Tenho de formalizar um determinado problema lógico e não consigo ver em transparência, nas articulações em que estão envolvidos, os dados de que disponho para formular.

Não obstante a presença daquilo de que se trata e não obstante não haver nenhum aparente entrave, nada que oculte, tape, ponha fora do meu horizonte o foco em que se percebe escondimento, ele comporta na verdade em si um aspecto de recusa, de não-alcance, em resultado do qual o meu acompanhamento disso se percebe retido, imperfeito.

Também aqui de certo modo se pode dizer que não alcanço algo, de tal maneira que de novo parece tratar-se de uma relação de exterioridade daquilo que se esconde relativamente ao campo de acesso de que disponho, ou seja de uma imperfeição de incompletude.

Todavia, vendo bem, trata-se de algo que está posto no meu campo

de apresentação, algo que a minha perspectiva tem em vista. O escondimento não tem a ver com uma ausência de apresentação. De facto, trata-se tão pouco de um escondimento de ausência, que caracteriza ou pelo menos pode caracterizar esta forma de imperfeição do acesso justamente até uma presença intensa, instante do seu objecto, do foco de realidade a que respeita--como acontece quando a incompreensão me faz fixar no que me escapa, insistindo, laborando (por vezes até obsessivamente) nele.

Se no primeiro caso a estrutura da retenção passa pelo carácter não universalmente abrangente do horizonte do ponto de vista e com o facto de haver um "para-lá" da totalidade desse horizonte, a fractura de retenção envolvida nesta outra modalidade de imperfeição do ponto de vista desenha-se dentro do horizonte daquilo a que se tem acesso, apartando nele o campo daquelas coisas cuja apresentação é isenta de dificuldade, está inteiramente resolvida, e por outro lado aquilo cujo estar-aí, perante, se acha de algum modo dissociado de uma plena inteligibilidade, de uma plena compreensão disso (envolvendo antes opacidade: uma resistência que o ponto de vista--pelo menos por algum tempo--não consegue vencer). A retenção situa-se no quadro de uma tensão para o que se acha apresentado. Reside na circunstância de isso que se apresenta envolver em si uma indefinição, uma carência de nitidez quanto àquilo em que consiste, de tal modo que tê-lo é estar ainda somente numa tensão para ele, numa tensão que (e nisso reside a retenção) não sou capaz de resolver. Em resultado do que o olhar experimenta dificuldade, compreende-se perdido, desorientado, não dominando a situação a respeito disso que tem perante si.

O campo de apresentação está naturalmente preenchido por apresentações cujo sentido é inteiramente claro. De tal modo que sei perfeitamente de que é que se trata, em que consiste isso que se me apresenta, e domino isso tão inteiramente que não preciso de me ocupar a tentar percebê-lo: tenho-o sempre já percebido. É assim que

em regra as coisas se passam. Mas não é assim que acontece sempre. Sucede também que, sobrevindo ao campo sempre já constituído dessas apresentações perfeitamente inteligíveis em que normalmente me situo, ocasionalmente emergem apresentações que percebo no facto de me escaparem, de o meu acompanhamento delas ser deficiente. Estas apresentações caracterizam-se em regra por não pertencerem ao elenco daquelas que habitualmente me estão dadas e por dizerem respeito a pormenores no meio da vasta rede de determinações perfeitamente inteligíveis a que tenho acesso, de tal modo que a sua ininteligibilidade não põe em causa a compreensão, de resto totalmente livre desta modalidade de retenção, que tenho da esmagadora maioria do que está perante mim.

Pese embora o carácter esporádico destas experiências em que limites da minha capacidade de compreensão das coisas se manifestam, desenvolve-se a partir delas uma (mesmo que muito vaga e inexplícita) consciência de qualquer coisa como uma estrutura permanente de limitação desta ordem. Apercebo-me de que não sou ilimitadamente capaz de compreender absolutamente tudo, de que há uma espécie de constitutiva fraqueza do modo como tenho acesso, que leva a falhas, mais ou menos frequentes e mais ou menos duradouras, na intelecção das coisas e permite antecipar a verificação de mais casos de retenção deste tipo.

Mas por outro lado é também somente em relação a determinações relativamente secundárias que a antecipação da capacidade não ilimitada de compreensão tem lugar. Mais ainda do que no caso da perspectivação de incompletude, a finitude de <u>não-compreensão</u> caracteriza-se, na experiência natural, por um âmbito de incidência bastante restrito. Compreende-se bem a esmagadora maioria das determinações que estão apresentadas--a posição relativamente a elas é de irrecusável evidência, irrestrito domínio.

De maneira nenhuma acontece que se esteja deposto num mundo glo

bal ou maioritariamente eivado de ininteligibilidade, num mundo em que por assim dizer "não se tem pé" relativamente ao sentido e natureza daquilo que se apresenta, num mundo onde só há pequenos focos de inteligibilidade adquirida. A situação é precisamente a inversa. Só algumas determinações isoladas, sem nenhum efeito perturbante no quadro global da apresentação que se tem das coisas, manifestam essa resistência ao nosso olhar, esse carácter de ininteligibilidade--muitas vezes, aliás, somente passageira.

A incompreensão tem, nesse sentido, um carácter excepcional num horizonte esmagadoramente marcado pela eficácia da compreensão, correspondendo assim de uma forma plena ao regime da tese sobre a adequação global do olhar e a dimensão das restrições como não mais do que lacunas.

1.2.2.3 Terceira modalidade da finitude: o ERRO, o poder errar. Estrutura específica do escondimento no fenómeno de erro--demarcação relativamente às demais modalidades. A perspectiva natural sobre a ocorrência de erro como excepção num horizonte predominantemente não errado.

Uma terceira modalidade, totalmente diferente destas duas, constitui, por outro lado, o tipo de retenção, de escondimento correspondente ao facto de o nosso ponto de vista ser um ponto de vista em que são possíveis e ocorrem erros.

Manifestam-se estes tanto nas situações em que são desfeitos, corrigidos (percebendo-se como erradas perspectivas anteriormente tidas por verdadeiras, mas que um novo acesso, que se inculca como mais adequado, vem erradicar), quanto em situações nas quais, ainda preso a uma determinada perspectiva, vendo segundo ela e sem ter ainda acesso a outra que a corrija, de diferentes modos (que não importa aqui discriminar) o ponto de vista percebe como errada a perspectiva de que dispõe.

A forma de retenção específica desta modalidade tem em comum

com a retenção por não-compreensão a circunstância de também aqui se tratar de uma retenção relativamente a algo de que há apresentação, que está presente no horizonte--e não de uma retenção, de um escondimento em que o não-alcance radica na ausência do que se esconde, na sua exterioridade relativamente ao âmbito de incidência de que se dispõe, como acontece na retenção de incompletude.

Mas por outro lado o modo como se produz a retenção por erro é completamente diferente daquele que caracteriza a finitude em causa na não-compreensão. Enquanto esta tem a ver com a dificuldade que o nosso ponto de vista experimenta ao tentar acompanhar o que se lhe apresenta (com a experiência de uma recusa daquilo a que se reporta), nada disso é característico do acontecimento de erro que, pelo contrário, tanto mais completamente se produz quanto mais livre de qualquer apercepção de dificuldade se acha a perspectiva errónea e quanto mais adequada e evidente a considera o ponto de vista em que está constituída.

É certo que a detecção do erro pode ocorrer numa situação em que, por não se ter encontrado a perspectiva adequada que o corrige, se experimenta a dificuldade de uma recusa e se cai numa posição de perplexidade de algum modo próxima da que se experimenta na segunda modalidade. E é também certo que em situações desse tipo se podem justamente gerar tensões para formas de entendimento, concepções, que ainda não se dominam, de tal modo que a detecção de erro está associada a fenómenos de "resistência compreensiva". Mas não há nenhuma conexão intrínseca entre os dois aspectos. O erro pode ter lugar e ser eliminado sem que nunca se declare nenhuma situação de incompreensão. O nexo entre as duas modalidades é uma componente possível--e apenas uma componente possível--das situações de detecção e superação do erro, não um elemento da estrutura da própria finitude de erro enquanto tal.

Mas não é apenas por esse seu carácter alheio à experiência da

desorientação (por não ter a ver com a apercepção de ininteligibilidade, com o "ter" perturbado característico da finitude de não-compreensão) que a figura da finitude de erro se distingue da segunda modalidade. Ela singulariza-se antes por uma peculiaridade, sem dúvida difícil de entender na sua estrutura, na forma como é possível, mas que naturalmente temos de algum modo percebida (por ela concebendo e distinguindo a figura do erro, na apercepção de que sempre já dispomos a seu respeito e em que nos parece qualquer coisa trivial, absolutamente familiar e compreensível).O que é próprio do erro enquanto tal é a circunstância de, havendo algum acesso a algo (tanto que pode justamente haver erro sobre ele), por outro lado o ponto de vista constituído a seu respeito sofrer de uma tal paralaxe relativamente a ele que o vê diferentemente daquilo que ele é de facto (vê nele aquilo que não há nele).

Ou seja, o escondimento que tem lugar não resulta somente de qualquer coisa como uma falta, uma carência da apresentação, não é um escondimento de natureza meramente privativa. É isso que sucede, a despeito da diferença quanto à natureza da carência de que em cada uma delas se trata, tanto na primeira quanto na segunda modalidade de finitude. O escondimento que aqui tem lugar passa antes pela constituição de uma apresentação que dissimula aquilo que esta modalidade põe em escondimento, pela constituição de uma apresentação que desvia dele--ou seja por algo de positivo que, dando-se, sendo adoptado pelo ponto de vista, esconde.

Trata-se de algo que difere do não-se-ter-apresentação (em que, numa palavra, consiste a primeira modalidade), mas que também difere do não se ter senão uma apresentação embaraçada, que não chega (que é o que acontece na segunda modalidade), radicando antes na existência de uma apresentação que esconde, oculta, positivamente afasta do que há.

No primeiro caso a realidade está ausente, num total apagamento relativamente ao horizonte do ponto de vista. Não há sequer uma

tensão para ela. No segundo caso, há, ao invés, uma tensão para a realidade, mas uma tensão irresolvida, tolhida, perdida da realidade para que tende. No terceiro caso há uma tensão (e uma tensão aparentemente não embaraçada, chegada a termo, resolvida) para algo de outro que não a realidade, que assim se faz passar por ela.

A situação do nosso ponto de vista é tal que não somente não atinge de raiz toda a realidade e, mesmo em relação àquela de que tem notícia, pode estar numa posição de incompreensão dela, mas, para além disso, as perspectivas de que dispõe são susceptíveis de não secundar efectivamente a realidade a que se referem, fixando o ponto de vista em apresentações ilusórias que encobrem aquilo que de facto há, se passa.

*

Também aqui, entretanto, não se dá apenas a verificação destes e daqueles casos de erro, onde ocorrem, mas, para além dela, projecta-se uma natureza, uma condição permanente de sujeição a este tipo de imperfeição, antecipando-se a ocorrência de mais fenómenos de erro para lá dos de cada vez já detectados. O erro é encarado como qualquer coisa insusceptível de ser evitada na situação de acesso em que nos encontramos: como qualquer coisa que nela inevitavelmente tem lugar e nela inevitavelmente recorre (perspectiva que se expressa nos lugares comuns "errar é humano", etc., que tantas vezes se repetem e em todo um conjunto de iniciativas de prevenção, cuidado, a que reiteradamente se recorre para, tanto quanto possível, o excluir).

O que não impede que, à semelhança do que sucede nas modalidades anteriormente consideradas, também esta admissão do erro e esta antecipação da sua recorrência não conceba o seu envolvimento no horizonte das apresentações de que se dispõe como um envolvimen

to ilimitado--como se houvesse uma perspectiva completamente aberta sobre o cabimento do erro e a sua amplitude possível no nosso ponto de vista. Pelo contrário. Não só na experiência natural a ocorrência de erros de facto só tem lugar relativamente a aspectos muito circunscritos no meio de um horizonte de apresentação cujas componentes, na sua esmagadora maioria, nunca são infirmadas, mas, para além disso, domina uma antecipação de que a afecção por erro não pode estender-se a uma grande parte e muito menos à maioria ou totalidade do que temos apresentado.

Se se admite sem custo a possibilidade de, entre as perspectivas que estão adoptadas, haver algumas que na verdade se acham feridas de erro--de erros que ainda inteiramente escapam--a admissão exclui que no fundamental a apresentação das coisas que nos está dada possa estar sujeita a uma restrição deste tipo. Em relação ao núcleo dessa apresentação, em relação ao conjunto essencial das determinações em que se me revela o mundo, vale uma evidência inabalável.

E naturalmente não vejo de todo em todo a possibilidade de vir a descobrir o campo de apresentação como um campo de apresentação predominantemente errado, em que a maioria das apresentações que há em vez de revelarem escondem. Na verdade não vejo mesmo sequer a possibilidade de isso ser assim com uma parte significativa das apresentações.

O erro é percebido como um fenómeno por sua própria natureza esporádico num horizonte globalmente adequado. Não levando a nossa sujeição a ele a mais do que a pequenos desajustamentos que, independentemente da sua maior ou menor frequência, têm um carácter excepcional num quadro de predominante adequação, coincidência com a realidade. E deste modo também ele corresponde em pleno à forma da finitude como lacuna que se apontou ser a forma naturalmente vigente no nosso ponto de vista.

1.2.2.4 Quarta modalidade de finitude:a FINITUDE MODAL.O" ἐνδέχεσθαι ἄλλως ἔχειν " e a estrutura específica do escondimento que lhe corresponde.Demarcação relativamente às demais e em particular relativamente à terceira modalidade. A finitude modal como lacuna num horizonte predominantemente tido como livre de restrição modal.

Finalmente uma quarta modalidade de imperfeição do ponto de vista é experimentada na perspectiva natural, a saber aquela que consiste no que se pode chamar uma finitude modal das apresentações.

O que constitui a modalidade em causa é a circunstância de, relativamente a determinadas apresentações, a posição em que se acha o ponto de vista ser uma posição que não tem assegurada e não consegue assegurar a sua adequação--uma posição em que não há meios de excluir a possibilidade de as coisas serem de uma forma diferente daquela que se lhe inculca. De tal modo que, ao ter-se a apresentação em causa, não se tem a certeza, não obstante as coisas parecerem de uma determinada maneira, que seja verdadeiro aquilo que parece.

São múltiplas as experiências em que se evidencia uma retenção desta ordem e, por outro lado, são também diversas as gradações desta retenção--a medida em que se afasta da certeza irrestrita, da segurança absoluta relativamente ao que se apresenta.A escala vai desde a total indecisão quanto a possibilidades alternativas que gozam de igual peso, de igual pretensão a serem adoptadas (não havendo meio de dirimir o seu conflito) até à adopção claramente decidida de uma perspectiva, para a qual nem sequer se vislumbra definidamente nenhuma alternativa, mas que ainda assim está afectada por um índice de reserva (pela percepção de que, não obstante a decidida adopção dela, há de facto a possibilidade de apesar de tudo não ser assim como nela se apresenta). E é uma escala que inclui nume-

merosas gradações, possibilidades intermédias.

Não importa fixar toda essa multiplicidade, nos seus diversos cambiantes, importa apenas atentar na especificidade da retenção a qui em causa e no plano de imperfeição do ponto de vista que globalmente constitui.

Tal como as duas modalidades anteriormente definidas, também esta tem a ver com apresentações que há no horizonte a que se tem acesso, de tal modo que se trata nela de uma retenção relativamente a isso mesmo de que se tem notícia (que está aí, perante, manifesto). Mas, diferentemente dessas outras modalidades, não implica propriamente em si nenhuma não coincidência, nenhuma distância entre aquilo que o ponto de vista tem apresentado e aquilo que efectivamente tem lugar no domínio de realidade a que as apresentações tidas se referem, podendo mesmo perfeitamente acontecer que a apresentação a respeito da qual tem lugar esta forma de retenção até seja uma apresentação adequada, em que aquilo que há efectivamente se manifesta, uma apresentação que de modo nenhum "falha" a realidade a que se reporta.

O nosso ponto de vista não apenas não tem, em alguns aspectos, coincidência com o real, mas, para além disso, mesmo relativamente a apresentações onde eventualmente até há uma tal coincidência, comporta ainda uma modalidade de imperfeição que consiste na incapacidade de se garantir na sua correspondência à realidade, na pretensão de verdade que sustenta.

Não se trata assim, como é óbvio, de uma ausência de notícia, mas por outro lado também não se trata de uma não-compreensão (percebe-se perfeitamente a apresentação em causa, só não se tem meios para a asseverar, para se ter certeza a seu respeito).

Tampouco se trata da forma de retenção característica do erro (com que tem uma conexão intrínseca, uma vez que a possibilidade cuja incapacidade de exclusão a constitui é precisamente a possibili

dade de a perspectiva em causa ser errónea). Posso ter uma apresentação afectada por esta retenção modal e essa apresentação ser de facto uma apresentação inteiramente adequada. As duas estruturas de imperfeição do acesso não coincidem, são diferentes. E, havendo embora uma constitutiva referência da finitude modal à finitude de erro, as duas formas de retenção são irredutíveis.

Também no que diz respeito às situações de experiência em que se impõe ao olhar esta modalidade de restrição, poderia parecer que no fundamental ela se enraíza numa extrapolação de experiências de erro: a partir da verificação de ocorrências de erros em apresentações nas quais o ponto de vista se tinha por seguro, perfila-se a possibilidade ou mesmo a probabilidade de ser também assim relativamente a outras perspectivas. Tanto assim que, vendo bem, observo uma tendência para o reconhecimento de finitude modal nos campos de realidade em que a verificação de erro tem alguma frequência (por exemplo no que diz respeito à previsão do tempo que fará, à avaliação do carácter das pessoas com que se lida, etc.), tendendo pelo contrário a não se levantar essa percepção de restrição nos domínios em que a experiência de erro é menos frequente ou mesmo nula.

Na verdade, porém, havendo sem dúvida uma conexão, a experiência de restrição modal não está de maneira nenhuma condicionada a esse antecedente, como se não constituísse ela própria uma experiência original, com um sentido próprio. Se a experiência anterior de erro pode de facto induzir, motivar, a perspectivação de incerteza e finitude modal de apresentações, segundo a sua semelhança com casos anteriores em que houve verificação de erro, há de qualquer maneira uma forma autónoma de experienciação da finitude modal, desvinculada de tal motivação, não necessariamente condicionada por ela.

Assim, ao ver ao longe alguém que me parece ser uma pessoa que conheço, a perspectiva que assim se me apresenta pode estar acompanhada por um índice de modalidade, por uma incerteza, que me faz es

tar ainda em dúvida sobre se é ou não na realidade a pessoa em causa, desperto para a possibilidade de de facto não ser. Este experimentar de finitude na posição de acesso em que de momento estou relativamente ao ser humano que assim me aparece ao longe tem a ver com qualquer coisa no modo como me está apresentado, sem qualquer referência a casos anteriores em que, em circunstâncias mais ou menos paralelas, me tenha erradamente parecido estar a ver a pessoa A ou B. Não é porque antes houve infirmação de reconhecimentos desta ordem que agora se tem insegurança sobre o que se apresenta. Há antes uma evidência peculiar da finitude modal, uma peculiar forma de apresentação em que se percebe não se estar numa posição de segurança relativamente à validade da perspectiva que se tem. De tal modo que não é só relativamente a apresentações análogas a outras já detectadas como erróneas (nem porque de todo em todo já se experimentaram erros) que se pode perceber a possibilidade do "ἐνδέχεσθαι ἄλλως ἔχειν", o facto de o ponto de vista não ter uma posição inteiramente assegurada e de poder na verdade não ser como nele se inculca.[27]

De todo o modo, e em paralelo com o que acontece com a finitude de incompreensão e a finitude de erro, também a finitude modal só esporadicamente emerge num horizonte maioritariamente marcado pela sua ausência ou pela ausência de qualquer notificação de que ela tenha lugar.

Em regra, as perspectivas que o ponto de vista tem adoptadas estão marcadas por um carácter perfeitamente categórico, acham-se dadas numa evidência que não suscita qualquer finitude modal.

Quando alguma menção de finitude modal emerge, o foco dela é um foco bem localizado num campo muito vasto de apresentações inteiramente livres dela. Além disso, passam horas e horas, mesmo dias do nosso acontecimento em que nenhuma indicação de finitude modal se levanta a respeito de qualquer apresentação, antes todo o acesso às

coisas se processa como sendo modalmente irrestrito.

Mas mais ainda : não somente a retenção modal não emerge assim de facto senão em acessos circunscritos,de pequenas dimensões, mas a evidência das coisas, em que se está, inculca mesmo como excluída a seu respeito a possibilidade de qualquer finitude modal que globalmente ou mesmo só amplamente a atinja, reservando para as restrições modais o estatuto de pequenas perturbações no funcionamento de um acesso às coisas que em regra se lhes exime.

1.2.2.5 A apercepção natural das modalidades e as suas características. A preponderância do modelo da incompletude. Insuficiência da apercepção natural e necessidade de um levantamento sistemático das modalidades de finitude. O inquérito sobre as modalidades e o inquérito sobre a forma da finitude.

As modalidades de imperfeição assim sumariamente postas em relevo num levantamento ainda meramente liminar são aquelas que, de forma mais ou menos diferenciada, se perfilam na experiência normal da finitude. Nada implica que este elenco esgote em absoluto todas as modalidades de imperfeição a que pode estar sujeito o nosso ponto de vista. E não é mesmo de excluir que a experiência natural inclua ainda outras manifestações de imperfeição não redutíveis a este conjunto de figuras ou de tipos.

Mas a generalidade das experiências em que a imperfeição do ponto de vista é experimentada tem uma característica tal que a finitude percebida nelas é, em traços largos, redutível às modalidades assim identificadas. E, além disso--mesmo que somente de forma confusa (que não dilucida propriamente as diversas modalidades, não ganha uma visão clara e diferenciada do seu conjunto)--a própria

compreensão natural inclui já uma apercepção incipiente destes diversos tipos de finitude.[28]

A perspectiva que o nosso ponto de vista naturalmente tem sobre a sua imperfeição não se resume na verdade à compreensão global do facto da finitude, por um lado, e, por outro lado, às experiências concretas em que aspectos de imperfeição vêm a lume. Ela compreende também, entre estes dois planos, um conjunto de compreensões globais tipificadas que compartilham com a compreensão global da finitude o seu carácter geral, vazio e abstracto (no sentido de estarem dissociadas de um efectivo encontro, de um efectivo confronto com as limitações concretas a que o nosso ponto de vista está sujeito), mas por outra parte dão uma expressão ainda assim mais aproximada, mais determinada, às diferentes percepções concretas de finitude que a compreensão global "condensa".

Estas compreensões globais tipificadas, reflectindo as diferentes modalidades da finitude, especificam, se assim se pode dizer, a compreensão global do facto da finitude.Tal como ela, estão sempre de alguma maneira já constituídas, disponíveis, numa notícia que sempre se pode explicitar, mas tudo isto sem que se imponham à consideração numa distinta apresentação de si.

Que estão presentes, porém, que o ponto de vista as tem constituídas, isso mesmo se reflecte amiúde na linguagem, no que costumamos dizer de nós e da nossa situação--em lugares comuns muito repetidos em que tais apercepções se expressam.

A consciência da incompletude traduz-se assim, por exemplo, em locuções como "não se pode saber tudo", "como hei-de saber ?--não tenho o dom da ubiquidade", "só Deus sabe",etc. A finitude da compreensão, a sua consciência, manifesta-se em enunciados como "não se pode perceber de tudo", "tudo isso para mim é Latim", etc. A imperfeição de erro, a compreensão da sujeição a ela reflecte-se em expressões como "uma pessoa pode-se enganar", "errar é humano",etc. E a apercepção da finitude modal traduz-se por exemplo quando di-

zemos "o que é que há de certo nesta vida ?!", etc. Nestas e noutras locuções afins, que com relativa frequência pronunciamos, manifesta-se claramente como se tem alguma consciência das diferentes "frentes" de finitude correspondentes às diversas modalidades.

Por outro lado, estando estas compreensões globais tipificadas assim sempre já constituídas e sempre já na mesma disponibilidade que a compreensão global da finitude, não sucede de maneira nenhuma que esta de ordinário se apresente já especificada, "flectida", numa clara articulação destes diversos tipos de imperfeição de que de alguma maneira se tem notícia. E assim em regra não se tem constituída nenhuma sinopse em que o quadro das modalidades de finitude de que há consciência se apresente. As apercepções do facto da incompletude, do facto da sujeição a erros,etc., afloram de ordinário em apercepções ocasionais, desligadas.O plano de apercepção em que a notícia das diversas modalidades se situa é,se assim se pode dizer, um plano distraído e frouxo, em que as conexões estão esbatidas. Deste modo, havendo sempre já uma notícia delas, o acompanhamento que normalmente se tem das diversas modalidades no seu todo, o acompanhamento do quadro de imperfeições que conjuntamente definem, é um acompanhamento muito difuso, lasso.

Isso mesmo se reflecte na circunstância de, não se reduzindo nunca a consciência de finitude a uma destas modalidades (sendo antes tal que, como se acentuou, as congloba sempre de algum modo a todas), haver todavia uma certa preponderância de uma das modalidades que faz que seja ela que, ao falar-se de finitude do ponto de vista, se tende a associar a tal noção. Essa modalidade é a primeira--a imperfeição de incompletude.

Importa sublinhar este facto e tanto mais quanto esta preponderância tende sempre renovadamente a insinuar-se, encobrindo, desvirtuando o que têm de específico e de irredutível as diferentes modalidades de retenção e a relação que na verdade existe entre e-

las.

O modelo, a figura que naturalmente tende a impor-se, a dominar, ao explicitar-se a apercepção da finitude, ao falar-se dela e ao considerá-la, é o modelo do carácter incompleto do horizonte de apresentação a que se tem acesso. E muito em particular o que corresponde à dimensão espacial desse confinamento. E assim, ao mencionar-se a finitude do ponto de vista que se tem, aquilo que mais imediatamente se sugere, aquilo em que se tende a pensar é essa estrutura de imperfeição--a configuração do tido como um espaço limitado, que tem o seu exterior, que não abrange tudo.

Enquanto as demais modalidades têm propensão para se manterem numa posição de menor relevo, num relativo apagamento.

São várias as razões por que tal acontece, contando-se com certeza entre elas a circunstância de, entre as diferentes modalidades de restrição, ser esta aquela em que a finitude se apresenta com um carácter mais constante e mesmo permanente.

Com efeito se, conforme assinalado,em todas as modalidades a apercepção natural perspectiva qualquer coisa como uma natureza, uma estrutura persistente que nunca desaparece, a finitude de compreensão, a finitude de erro e a finitude modal são percebidas como actualizando-se somente em ocorrências ocasionais, esporádicas.

A estrutura permanente que lhes corresponde é perspectivada como uma estrutura que permanentemente possibilita que apresentações sejam afectadas por elas (e mesmo faz que forçosamente de algum modo sempre de novo tenha de haver apresentações nessas circunstâncias), mas não implica de maneira nenhuma que a cada instante, em permanência, o ponto de vista esteja efectivamente afectado por elas. Além disso, as restrições que emergem no quadro dessas modalidades têm um carácter que normalmente aparece como mais ou menos temporário, transiente (as ininteligibilidades podem ser superadas, os erros corrigidos, as incertezas superadas numa certificação das apresentações a que respeitam). Ao passo que a incompletude que se

reconhece no modo como se tem acesso àquilo que há é vista como uma restrição que sempre actualmente se dá (como uma situação de confinamento, de limite permanente, que, por mais que se "mova" o olhar em busca do que ainda falta, nunca se ultrapassa inteiramente e a cada instante afecta o nosso ponto de vista).

Mas, independentemente destes aspectos que contribuem para conferir à primeira modalidade alguma proeminência e que, como se verá, resultam de puros condicionamentos do reconhecimento natural da finitude (não reflectindo bem o quadro de possibilidades que efectivamente corresponde a cada um dos modos de finitude), já no curso da experiência natural estas diferentes modalidades estão de alguma maneira percebidas na sua especificidade, na sua autonomia --na possibilidade que há de uma mesma apresentação estar sujeita à restrição de uma sem ser afectada pelas demais (podendo, por exemplo, não estar ausente do nosso campo de apresentação, achar-se dada, mas ser ininteligível, ou estar sujeita a erro sem envolver qualquer ininteligibilidade, ou ainda corresponder efectivamente a uma apresentação adequada, mas sem que se disponha de condições para garantir o acesso em que se encontra,etc.).

De tal forma que, mesmo sem que nunca se explicitem, sem que eu nunca chegue a ver nitidamente o quadro que desenham, tenho sempre já estas diferentes modalidades no meu horizonte, domino naturalmente todo este complexo de diferenças, é a ele que recorro, é com ele que opero na compreensão que naturalmente já tenho das restrições de acesso a que estou sujeito. E de tal forma que, por outro lado, quando se tentam examinar as possibilidades de finitude, ver nitidamente o seu campo, acaba por ser este complexo de diferenças que emerge da perspectiva implícita em que normalmente se acha e impõe a sua "lógica", inculcando o quadro que define como o quadro real da estrutura de limitação a que o nosso ponto de vista está sujeito.

*

A apercepção natural da finitude define-se assim não somente pela sua forma, mas também por um determinado quadro de modalidades de finitude.

Com a identificação destas modalidades lança-se mais luz sobre a apercepção natural e sobre as perspectivas que se abrem para um levantamento da situação de finitude.

Por um lado, torna-se mais clara a posição em que naturalmente se está relativamente ao reconhecimento da finitude. Por outro, definem-se mais precisamente alguns aspectos do que é insuficiente nessa posição, da tarefa de apuramento (de indagação da finitude) que deixa ainda por realizar.

Assim, em primeiro lugar, a finitude da apercepção da finitude ganha contornos mais nítidos, mais nítidos contornos ganhando também a tarefa da sua supressão. Percebe-se a necessidade de uma explicitação e clarificação da consciência difusa em que as modalidades da finitude naturalmente estão apercebidas. Percebe-se que não se tem um acompanhamento suficiente do campo de cada modalidade--que na verdade não se tem determinado que áreas do campo de apresentação estão ou podem estar afectadas por cada uma das modalidades, em relação a que domínios do real é que a apresentação de que se dispõe é incompleta, que latitude tem precisamente essa incompletude, que apresentações estão ou podem estar afectadas por erro, que apresentações se acham eximidas a essa possibilidade, a respeito de que aspectos da realidade há ou não há, pode ou não haver finitude de não-compreensão ou finitude modal. Percebe-se o cabimento e o sentido de uma tarefa de exame, exploração das diferentes modalidades, por forma a obter uma visão mais precisa e uma visão de conjunto, integrada, dos diversos planos de imperfeição a que está sujeito o nosso ponto de vista. E percebe-se como uma tal

tarefa é indispensável para tirar o acompanhamento da finitude da imprecisão, do "vago" em que naturalmente se queda.

Para além disso, emerge ao mesmo tempo ainda um novo elemento da questão da finitude, que numa primeira abordagem não se tende a pôr em equação, mas na verdade é também de capital importância.

De facto, se na apercepção natural são <u>estas</u> as modalidades de imperfeição do acesso que se documentam, pode muito bem acontecer que o reconhecimento natural das modalidades não seja exaustivo--e esteja mesmo bastante longe de o ser.

Pode muito bem acontecer que haja <u>outras</u> modalidades de imperfeição a afectar o ponto de vista em que se está, outras modalidades para que a apercepção natural não está desperta, que ela ignora. Por mais que pareça improvável e remota, também esta possibilidade não pode em absoluto ser excluída. E a finitude da apercepção da finitude ganha assim um novo aspecto sobre o qual tem de ser averiguada, requerendo um inquérito para apuramento da possibilidade dessas outras modalidades de finitude para além das que naturalmente se apresentam e para a respectiva identificação e exploração no caso de se confirmar tal possibilidade.

Mas, se deste modo a análise das diferentes modalidades em que se articula a finitude do ponto de vista se manifesta como um aspecto importante para a averiguação da situação de finitude, não é ainda claro que relação pode haver entre essa averiguação das modalidades e o apuramento do problema da <u>forma da finitude</u>, que, como se pôs em evidência, constitui o momento fundamental e decisivo de toda a questão da finitude.

Pode a averiguação das modalidades contribuir em alguma coisa para o esclarecimento da questão da forma da finitude? Ou trata-se de dois aspectos do problema que se situam em planos completamente distintos (mesmo que complementares) ?

Este é um problema que é preciso ainda pôr a claro.

*

Antes do mais, e para prevenir eventuais equívocos nas referências que a elas se fazem, importa demarcar bem as duas estruturas fundamentais que assim se identificam, **forma** e **modalidades de finitude**, pô-las em contraste nos seus traços fundamentais.

A **forma** e cada uma das **modalidades** da finitude partilham a circunstância de constituírem algo que, por assim dizer, **perpassa** a multiplicidade do campo da finitude--algo que está para lá dos diferentes limites ou falhas singulares, concretos, algo que os excede e não se reduz a nenhum deles. Tanto num caso como no outro aquilo de que se trata tem uma tal determinação, uma tal circunscrição do que o constitui que admite em si uma multiplicidade indefinida de ocorrências, de aspectos singulares de restrição (ocorrências, aspectos singulares que, sem prejuízo da sua diversidade, comungam nessa determinação fundamental e se integram no quadro por ela estabelecido). Tanto num caso como no outro, as ocorrências singulares podem ser mais estas ou mais aquelas, as determinações "**típicas**" correspondentes à forma e às modalidades são como que "elásticas" em relação a estas variações, mantendo-se as mesmas. E tudo isto de tal modo que, por outro lado, estas determinações **englobantes**, que tanto a forma quanto cada uma das modalidades constituem, não são apenas tipos em que os limites singulares podem eventualmente vir a ser agrupados, numa classificação superveniente, mas sim **motivos condutores**, **factores de compreensão** que precisamente dominam e organizam a própria experiência dos limites, conformando o que nela se apresenta, cunhando, determinando o seu sentido, estruturando o seu campo.

Semelhantes nestes traços, a **forma** e a **modalidade** da finitude distingem-se porém na natureza da determinação que fixam, da orientação que dão à perspectivação da finitude.

A forma diz respeito à definição da situação de finitude no seu todo, mais propriamente à definição da amplitude global da finitude a que se pode estar sujeito, feita numa articulação fundamental da relação de forças entre a imperfeição e a eficácia do acesso que se tem. Estabelece qualquer coisa como um estatuto da falha, independente de haver o número x ou y de imperfeições e de estas terem este ou aquele teor.

Porque deste modo diz respeito à situação de finitude no seu todo, à relação de forças globalmente estabelecida entre a eficácia e todo o conjunto de imperfeições do acesso que se tem, a forma da finitude vigente no ponto de vista é de cada vez só uma. Pelo seu próprio sentido inere-lhe unicidade.

Assim, se por exemplo no quadro de cada uma das modalidades de finitude, e ao contrário do que se verificou ser o caso, houvesse uma conformação específica, diferenciada, da amplitude dos limites admissíveis, de tal maneira que para cada modalidade fosse diferente a equação de eficácia/ineficácia do acesso, isso de todo em todo não significaria a existência de uma multiplicidade de formas da finitude. Essas diversas configurações da amplitude nas diferentes modalidades determinariam conjuntamente, pela sua copresença no ponto de vista, uma equação global da relação de forças entre a eficácia e a imperfeição do ponto de vista em que se dessem--que, essa sim, constituiria a forma da finitude em vigor nesse ponto de vista.

É essa avaliação global, essa relação global de forças, que é característico da nossa compreensão da finitude ter a presidir à sua perspectiva, que constitui, no sentido próprio, a forma da finitude.

O que, é de acentuar, não impede que, como se fez e muitas vezes voltará a fazer, se fale de formas da finitude, no plural--e isto em referência a um e o mesmo (ao meu) ponto de vista.

Com efeito, a unicidade que inere à forma da finitude é uma u-

nicidade em cada momento da compreensão que se tem, em cada momento do acontecimento de lucidez que em nós está constituído. Não tenho e não posso ter de cada vez senão uma perspectivação global da relação de forças entre a imperfeição e a eficácia do meu ponto de vista, uma forma. Mas isso não impede que essa avaliação global da relação entre a ineficácia e a eficácia do acesso justamente mude, que a perspectivação da finitude se transforme de tal modo que a respectiva forma se altere. As formas da finitude, deste modo, não podem coexistir, são exclusivas entre si. Mas podem justamente suceder-se.

As modalidades de finitude, pelo contrário, nada têm a ver com a amplitude de que esta se reveste, são em si mesmas neutras relativamente às dimensões, ao porte dela. Têm a ver única e exclusivamente com o modo como, independentemente da extensão que abrange, há retenção, restrição no acesso que se tem. O que está em causa nas modalidades, a determinação que corresponde a cada uma delas, é o tipo de imperfeição, o tipo de falha que produz escondimento. As modalidades, deste modo, podem, sem qualquer dificuldade, coexistir num mesmo ponto de vista e em cada momento ser diversas : nada impede que haja várias modalidades de imperfeição acumuladas, afectando a mesma perspectiva.

Os dois planos de determinação do carácter da finitude, o plano da forma e o quadro das suas modalidades, cruzam-se assim, mas por tal forma que não são solidários. A mesma modalidade ou o mesmo espectro de modalidades pode em princípio integrar-se em diferentes formas da finitude, ou porque em diferentes pontos de vista a amplitude com que restringe a eficácia é diferente (pode por exemplo haver pontos de vista incomensuravelmente mais incompletos do que outros) ou porque, no âmbito do mesmo ponto de vista, se verifica que a amplitude em que está afectado pelo modo de imperfeição em causa é radicalmente diferente do que parecia--e isto de tal

maneira que obriga a uma modificação da forma da finitude. Por outro lado é também perfeitamente possível que haja uma muito maior amplitude de falha só com uma modalidade de retenção, do que verificando-se uma conjugação delas. O espectro das modalidades não influi forçosamente na forma da finitude. E poder-se-ia perfeitamente imaginar o nosso ponto de vista não afectado por finitude de não-compreensão ou não afectado por finitude modal (no modo como naturalmente ambas estão reconhecidas), sem que isso alterasse de alguma maneira a forma natural da finitude, o regime da falha como lacuna que de raiz está constituido no nosso ponto de vista.

Aparentemente, deste modo, o campo de averiguação da forma da finitude e o campo de averiguação das suas modalidades não somente são distintos, mas neutros um em relação ao outro, sem quaisquer implicações entre si. E, assim, a identificação das diferentes modalidades e a detecção dos problemas que levantam não parecem servir em nada para o esclarecimento da questão da forma da finitude do nosso ponto de vista, cuja averiguação é o que está em jogo.

1.3 Dificuldades da tarefa de verificação da forma da finitude. A possibilidade de utilização das modalidades como fio condutor para a sua execução. Definição preliminar da investigação a realizar: o levantamento sistemático das modalidades como meio para o apuramento da questão da forma.

Parecendo assim irrelevante para o esclarecimento da questão da forma, o apuramento das modalidades de finitude abre-lhe porém pistas que são decisivas.

Na verdade, uma vez percebido o sentido e o cabimento de uma tarefa de verificação da forma da finitude, tal como anteriormente ficou definida, não são muitas as perspectivas que se abrem para a

realização dessa tarefa. Vendo bem, essas perspectivas parecem mesmo quase nulas.

A forma de compreensão da finitude como algo lacunar, não sendo temática, normalmente nunca se explicitando, domina inteiramente o nosso ponto de vista, constitui algo de profundamente enraizado nele.

Por inconspícua, discreta que seja a sua presença no modo como vemos, vemos sempre já segundo ela.

E o seu domínio não se exerce só quando não meditamos nas dimensões da finitude, quando desprevenidamente o nosso olhar segue o seu curso, as suas tendências naturais, sem nenhuma ponderação do quadro em que se situa, das condições de acesso em que se acha, sem exame.

Não.

Mesmo onde se procura verificar se é de facto assim como naturalmente se inculca--se a situação de finitude corresponde efectivamente à forma, naturalmente estabelecida, da lacuna--a perspectiva natural mantém sempre ainda imposto o seu domínio. A evidência da compreensão natural, a evidência da inegável eficácia do acesso disponível, mantém-se intacta na passagem da não-tematização para a tematização da finitude.

E assim, ao procurar verificar-se a forma natural, o olhar continua a ter uma pronunciada e aparentemente inamovível tendência para ver sempre já segundo ela, na sua óptica.

Mesmo que se procure uma alternativa, uma outra possibilidade de as coisas serem, uma outra perspectiva sobre a situação de finitude em que nos temos, ou mesmo só uma posição neutra que não exclua tal possibilidade (que esteja aberta para ela), essa alternativa não surge, não se antolha, continua de facto a não ser admitida. Pode compreender-se que não é possível excluir em absoluto tal possibilidade e que, nesse sentido, ela tem de ser reconhecida. Mas na verdade não se vislumbra definidamente nenhuma perspectiva

concreta que lhe corresponda e, sobretudo, essa admissão mantém-se exterior à expectativa e à compreensão de si em que o ponto de vista que a faz efectivamente se acha : não se conta de facto com nenhuma modificação drástica da relação entre a eficácia e a ineficácia do acesso, não se vive a possibilidade de uma invasão de escondimento que globalmente altere na sua configuração o campo de acesso que se tem--que era o que na verdade corresponderia a uma alteração da forma da finitude.

De tal modo que de facto persiste intacta a implícita canonização do modo como vemos as coisas, que naturalmente está constituída. Ter-as-coisas continua ainda sempre a ser compreendido basicamente como sendo e não podendo senão ser ter as coisas como nós as temos (com mais estes ou aqueles complementos, com mais estes e aqueles ajustamentos, mas no fundamental mantendo o quadro). De maneira que de facto não se sai, um milímetro que seja, da forma natural, descobrindo-se antes, assim, na própria tentativa de detectar a possibilidade de uma alternativa a essa forma, a que ponto na verdade se está preso a ela--numa verificação que parece justamente confirmar que ela é efectivamente a forma da finitude correspondente à situação em que se está deveras.

Se no curso natural do olhar, onde não há qualquer tematização da finitude, está completamente fora do horizonte a possibilidade de uma imperfeição do acesso para além da que tem a dimensão de lacunas (e se assim, antes da iniciativa de tematização, essa possibilidade--de forma inexplícita mas nem por isso menos efectiva--está excluída), a tematização de tal possibilidade parece por sua vez não fazer mais do que pôr em relevo como exclusão expressa a exclusão inexplícita que naturalmente já domina.

Por mais que mobilize o olhar em busca de outras possibilidades, essas possibilidades de todo em todo não se oferecem.

Por outro lado, não posso também suspender a forma por um ac-

to de vontade para, adquirindo independência em relação a ela, verificar se corresponde ou não à finitude que temos. A tese situa-se no próprio modo como se vê. E é insusceptível de ser modificada ou suspensa só porque se quer, porque assim se decide.

E assim, ao considerar-se a questão da forma, inculca-se sempre de novo a evidência de o acesso em que se está ser eficaz, a irrecusável perspectiva do nosso olhar levado às coisas, revelando-as, que a cada instante corrobora a forma natural, a confirma, a documenta como verdadeira.

De maneira que, ao tentar-se apurar a questão da forma da finitude, a tendência é para se cair no impasse de uma homologação, de uma pura reconfirmação da forma naturalmente adoptada, sem se apresentar nada que modifique a situação tal como já é à partida.

Toda a aparência é a de não haver, não poder haver senão esta forma da finitude no nosso ponto de vista.

Pode naturalmente admitir-se que isto seja justamente talvez só uma aparência, que não se consiga ver de outro modo só por efeito de um condicionamento enganador. Mas, mesmo admitindo que seja esse porventura o caso, que vias podem ser tomadas para romper o domínio sempre renovado da aparência que impõe a forma natural ? Como descondicionar o olhar a este respeito, como fazer a verificação da forma da finitude ?

*

Justamente para este efeito reveste-se de importância o levantamento que se procurou fazer das diversas modalidades de finitude.

Na verdade, essas diversas modalidades, ainda que naturalmente apresentadas de tal modo que sem excepção se inscrevem na forma natural em que a finitude tem o carácter de lacuna, constituem pis-

tas concretas de possibilidades de finitude--pistas que podem ser exploradas em averiguação da possibilidade de a situação real de finitude corresponder a uma outra forma que não a da perspectiva natural.

Para emergir, para se impor uma modificação da forma é preciso que apareçam, no concreto da apresentação em que me tenho, falhas tais que tragam qualquer coisa como uma invasão ou invasões de escondimento nela. E as modalidades de finitude fornecem precisamente um fio condutor para esse tratamento do problema no plano concreto, para uma interrogação do nosso campo de acesso, num levantamento sistemático da imperfeição que nele efectivamente se manifesta.

O plano em que a pergunta pela adequação ou inadequação da forma natural da finitude tende a situar-se ao ser suscitada é um plano abstracto, em que não há um confronto efectivo com as condições de acesso a que concretamente o ponto de vista está sujeito. A exploração do sistema das modalidades, pelo contrário, constitui um campo concreto de investigação e obriga a um confronto com as condições reais do acesso em que se está.

Seguindo o fio condutor das modalidades identificáveis e procurando fazer um levantamento tanto quanto possível exaustivo de cada uma no que diz respeito aos limites da finitude nela possível, abandona-se o plano vago da consideração abstracta da possibilidade ou impossibilidade de uma outra forma e passa-se ao confronto real com as imperfeições que, pondo à prova o que efectivamente se tem e o que escapa, de facto se encontram no nosso ponto de vista.

Desenha-se assim uma possibilidade de realização do empreendimento de verificação da forma da finitude--a da sua realização:

1) no plano concreto da experiência dos limites e da verificação nela da legitimidade ou ilegitimidade das antecipações restritivas do escondimento possível, das teses de soberania do olhar que estão estabelecidas na forma natural da finitude, e

2) a da realização desta verificação num levantamento que toma como fio condutor o sistema de modalidades da finitude.

*

É precisamente esta a via que se tenta explorar na presente investigação, importando por isso agora precisá-la, defini-la mais nitidamente nos principais passos de que consta.

O projecto é o de uma averiguação da forma da finitude por meio do exame sistemático das dimensões possíveis da imperfeição do nosso ponto de vista nas diferentes modalidades da finitude.

A emergência de uma outra ou de outras formas da finitude, transgredindo, pulverizando o enquadramento de contenção da falha que é próprio da forma natural, pode resultar ou da detecção de outras modalidades de finitude que não se evidenciam na experiência natural, ou da circunstância de aquelas que naturalmente se manifestam serem na verdade muito mais amplas quanto ao volume de escondimento que comportam, terem dimensões muito mais perturbadoras do que naturalmente nos apercebemos.

As duas possibilidades têm de ser consideradas.

Mas antes de se averiguar a eventualidade de haver de facto ainda outras modalidades para além das que imediatamente se apresentam, cabe justamente tentar proceder a um levantamento exaustivo da amplitude de finitude que na nossa situação de acesso às coisas é detectável para cada modalidade identificada na experiência natural. Para ver se, ao analisar rigorosamente a situação em que estamos, o domínio de escondimento que é detectável se integra de facto sempre no quadro natural ou, pelo contrário, o subverte, suscitando uma nova compreensão global da situação de acesso, ou seja, impondo uma nova forma da finitude.

À perspectiva abstracta da pergunta pela adequação ou inadequação da forma natural da finitude, em cuja consideração, como se viu, o nosso ponto de vista não tem norte, se embaraça e perde, substitui-se assim o seu desenvolvimento, a sua explicitação, num conjunto de quatro interrogações, a cada uma das quais corresponde um campo, uma direcção de investigação definida, concreta:

1)Que **incompletude** afecta a situação de acesso em que me encontro? Corresponde essa incompletude à forma natural ou subverte-a, e nesse caso que forma da finitude configura?

2)Que campo de **ininteligibilidade** grassa nessa apresentação? Integra-se na forma natural ou é-lhe irredutível--e, a ser assim, que alteração da forma acarreta?

3)Que amplitude de **ilusão**, de **erro**, cabe no modo como tenho as coisas? Reveste-se de um carácter meramente lacunar ou excede-o ? E, a ser assim, a que forma da finitude corresponde?

4)Qual o âmbito da **finitude modal** em que está presa a apresentação de que disponho? Respeita os limites da forma natural ou ultrapassa-os--e, então, que forma define a possibilidade de retenção efectivamente detectável nesta modalidade?

Uma vez estabelecidos estes pontos, ver-se-á então que situação (que forma da finitude) conjuntamente configuram, que perspectivas abrem relativamente ao curso ulterior da investigação, se são identificáveis ainda **outras modalidades** de retenção afectando o nosso ponto de vista e de que maneira a respectiva descoberta pode por sua vez modificar a situação relativa à forma da finitude do nosso ponto de vista.

1.4 Observações gerais sobre o sentido e alcance da investigação no seu todo.

Tem-se deste modo definido o quadro da investigação levada a cabo naquilo que se segue.

Mas antes de entrar nessa investigação, é indispensável fazer ainda algumas observações sobre o porte de que globalmente se revestem os diferentes apuramentos realizados no seu curso.

Pode na verdade produzir-se uma ilusão de se pretender alcançar neles mais do que efectivamente se pretende e pode pretender.

E é por isso necessário acentuar bem, logo à partida, aquelas mais importantes restrições do alcance dos apuramentos realizados que correm o risco de, não sendo sublinhadas, passarem despercebidas e deixarem margem para equívocos.

1.4.1 A impossibilidade de um apuramento válido para a NATUREZA HUMANA. Possibilidade e sentido do apuramento da finitude como um apuramento RELEVANTE PARA OUTREM.

Em primeiro lugar, o estabelecimento da finitude aqui levado a efeito não pode alimentar qualquer pretensão de conseguir fixar o quadro da finitude inerente à natureza humana, no sentido em que isso significa uma estrutura, uma forma de acontecimento, que conforma não apenas o modo como sou, mas também o modo como são todos os

acontecimentos de lucidez que aí há nos outros, meus semelhantes.

Conforme se viu, o reconhecimento global da finitude que naturalmente está constituído fixa a finitude que concebe justamente com uma tal índole, com uma tal extensão de alcance (como parte integrante da condição humana--que lhe inere, é constitutiva dela e não deixa qualquer possibilidade de excepção). E esta assunção natural da finitude como "natureza", componente do humano, é tão arreigada que tende a insinuar-se no modo como se entende qualquer fixação da finitude e a projectar-se sobre o quadro de finitude nela traçado. De tal modo que, não havendo nenhuma indicação em contrário, qualquer fixação da finitude tende a aparecer com a pretensão de fixar a finitude comum a todos, própria de todos.

Mas na verdade não disponho em absoluto de nenhum meio que me permita determinar de forma rigorosa a situação de confinamento em que de facto se acha um só que seja dos outros que aí há--e muito menos a de todos eles, numa determinação global que valha para todos, sem excepção.

Conforme se terá ocasião de ver mais detidamente, não tenho na verdade um acesso autêntico ao ponto de vista alheio, nenhuma forma de efectivamente o acompanhar. Se é facto que com alguma verosimilhança, de forma mais ou menos assegurada, posso determinar que este ou aquele outro não evidencia acesso (ou mesmo evidencia não-acesso) a este ou àquele aspecto da realidade; se é verdade que posso interrogar e testar os outros, se a tal se dispuserem--essa determinação é sempre uma determinação indirecta, condicionada e, além disso, extraordinariamente difícil de realizar para muitos (e mesmo os mais importantes) aspectos da finitude.

De qualquer modo, por mais longe que leve assim o inquérito, e mesmo admitindo a possibilidade de estabelecer a situação de finitude dos outros que nele são sujeitos a exame, nunca o que assim se estabelece permite uma fixação da situação da finitude com a abran

gência universal que o reconhecimento natural da finitude concebe e que imperceptivelmente se tende a atribuir aos resultados do exame que se faz. Por mais inequivocamente que se possa estabelecer uma afinidade ou homogeneidade da situação de finitude de todos os que forem assim sujeitos a exame, persiste sempre a possibilidade de ser completamente diferente a situação em que se encontram outros para além desses.

A validade universal do quadro de finitude reconhecido, como está pretendida na óptica natural, não tem, neste sentido, um fundamento que a suporte e não pode ser sustentada para os apuramentos que aqui se apresentam. A descrição que se realiza não é a descrição da situação de finitude em que se acha toda a gente, não é a descrição da condição em que (mesmo que eventualmente com possibilidade de superação) normalmente, na posição natural do respectivo ponto de vista, todos estão.

Não somente nada permite uma tal extrapolação para o que se passa com todos os outros, mas, para além disso, em última análise nada fundamenta essa extrapolação para nenhum deles.

Sobre o que se passa no ponto de vista dos outros, sobre a situação de confinamento em que se acham, sobre qual a forma da finitude que lhe corresponde, não se afirma ou estabelece nada no presente apuramento. De facto, o levantamento realizado não pode pretender ser mais do que o levantamento de um ponto de vista : o levantamento da situação de finitude de quem o realiza, totalmente circunscrito a esta esfera.

Mas, sendo assim, nada disto por outro lado significa de maneira nenhuma que se trata então forçosamente de um empreendimento exclusivamente privado, que em nada diz respeito aos outros, que concerne antes tão só o seu autor.

Pelo contrário. Se nada permite assentar na equivalência das situações de finitude em que eu e os outros nos encontramos, se nada permite tomar essa equivalência como líquida, por outro lado nada

permite tampouco excluí-la e assentar no carácter inteiramente privativo, "original", do que em mim se verifica.

A fixação da situação de finitude em que me acho, a determinação da forma da finitude correspondente a ela (e todos os demais apuramentos que, desde a análise da compreensão natural da finitude e da sua forma, aqui são empreendidos) não constituem forçosamente apenas o levantamento de algo estritamente, exclusivamente meu. Neles apura-se uma situação, um conjunto de fenómenos, que podem na verdade ocorrer também noutros acontecimentos de lucidez diferentes do meu, cuja constituição, cujas características sejam afins daquelas que em mim se verificam. Sendo assim perfeitamente de admitir que quem lê reencontre naquilo que se descreve traços fundamentais da situação em que de facto também se acha.

Numa palavra, relativamente aos outros a descrição que se apresenta tem o carácter de um conjunto de enunciados que de cada vez terão de ser verificados no respectivo ponto de vista e apurados na sua correspondência ou não à situação em que cada um de facto se acha. A descrição não pretende de maneira nenhuma ter um carácter injuntivo, não tem a veleidade de enunciar "taxativamente" o que é dos outros. Propõe-se apenas como uma interpelação, formulando uma possibilidade, que cabe a cada um conferir em si.

Neste sentido se deve entender a utilização da primeira pessoa do plural (e do correspondente possessivo, quando se fala do nosso ponto de vista, etc), como frequentemente ocorre no curso da exposição. O seu significado não é outro senão o da expressão desta possibilidade--da possibilidade da minha situação de finitude como uma situação repetível, típica, em que eu e pelo menos alguns outros coincidimos. O "nós" em causa tem deste modo um carácter meramente hipotético, que só se torna efectivo se a situação descrita também for reconhecida por outrem como sendo a sua.

28bis

1.4.2 O apuramento da finitude como um apuramento meramente DE FACTO. A impossibilidade de uma "CRÍTICA", no sentido próprio, pretendido por Kant (i.e. da delimitação definitiva de uma finitude necessária, insuperável); a situação de finitude e a falta de condições para uma antecipação da impossibilidade de superação da finitude : o levantamento da finitude como mera "CENSURA", no sentido kantiano.

Em segundo lugar, nenhuma das fixações de finitude produzidas no curso deste levantamento tem qualquer pretensão de validade como fixação de uma condição definitiva, a que inelutavelmente se está preso, sem qualquer possibilidade de superação dela.

Não se estabelece um quadro da finitude em que se está como se ele fizesse parte de qualquer coisa como uma "natureza humana" no sentido de algo que de raiz inere ao nosso acontecimento, que indissociavelmente lhe pertence e lhe está associado--de tal modo que, sendo o que somos, estaremos sempre vinculados a isso, submetidos às características e determinações nele envolvidas, sem qualquer possibilidade de sair desse quadro.

E não se apresenta nada disso pela simples razão de que semelhante fixação de uma natureza permanente a que inelutavelmente se está preso é qualquer coisa que, dada a própria situação de finitude em que se está, de facto é inatingível, não tem condições para ser realizada.

Não quer isto dizer que se exclua a possibilidade de efectivamente haver uma condição, uma natureza fixa desta ordem ou que não se admita que dela faça parte uma estrutura permanente de finitude do ponto de vista, que desse modo se revista de um carácter definitivo, insuperável.

Não se tem nenhuma possibilidade de excluir isso, mas também

não se está--e este é um ponto decisivo-- de maneira nenhuma numa posição de acesso que permita afirmá-lo. A finitude da situação em que se está é de tal ordem que não proporciona nenhum acompanhamento real dessa natureza, se ela existe.

Aquilo a que de cada vez se acede no levantamento da finitude é meramente a verificação de que estas e aquelas restrições de acesso se verificam de facto. O que se apura são sempre só as falhas e os limites detectáveis na situação em que o ponto de vista de cada vez se acha, é a limitação do ponto de vista até ao momento em que se encontra. Não se têm meios para determinar antecipadamente de forma segura quais as possibilidades futuras do acesso que se tem, a que posições de desconfinamento pode ou não aceder.

O encontro de restrições--e sejam elas de que ordem forem--não autoriza nenhuma extrapolação da situação de finitude encontrada para o horizonte das possibilidades do ponto de vista, das situações em que no seu curso ulterior se pode vir a encontrar.

Por mais que essa situação de confinamento se confirme--por mais que perdure e indefinidamente persista, sempre e sempre ainda, sem qualquer alteração--nada disso permite excluir a possibilidade de virem a ocorrer transformações do ponto de vista e o seu acesso a uma situação em que tal confinamento desapareça.

Numa palavra, a finitude estabelecida não ultrapassa um plano estritamente de facto, pro tempore, relativo à situação em que de cada vez o ponto de vista se acha--e apenas a ela, sem qualquer antecipação sobre o que pode ou não pode alguma vez vir a ser atingido.

Cumpre vincar bem este ponto que também ele vai contra uma tendência profundamente arreigada do nosso ponto de vista--tendência que é preciso claramente isolar, pôr em relevo, e neutralizar na influência que costuma ter sobre nós.

Na verdade, como se observou, da compreensão global da finitude que naturalmente está constituída faz parte uma perspectivação da natureza permanente da finitude que nos marca, em conformidade

com a qual o nosso ponto de vista se compreende como intrinsecamente finito--como não podendo vir a deixar de sê-lo. A compreensão global da finitude não apenas estende o âmbito de ocorrência da finitude a todos os seres humanos mas liga a concepção do seu carácter inerente à antecipação irrestrita de uma conexão necessária entre o que somos e a finitude. De tal modo que, se nos for referida a possibilidade de hoje mesmo (daqui a uns minutos ou algumas horas), amanhã, daqui a uns tempos ou de qualquer modo ainda antes de acabar a nossa vida virmos a alcançar um acompanhamento absolutamente não retido, uma perspectiva absoluta que irrestritamente acompanhe aquilo que há, tendemos a rejeitar essa possibilidade como inadmissível, como totalmente de excluir e mesmo até como qualquer coisa de disparatado. O enraizamento da tese de finitude é tal que o ponto de vista só se concebe como finito e não conta senão com uma persistência da sua finitude.

Ou seja, do mesmo modo que, como se procurou mostrar, está inexplicitamente constituída uma antecipação que limita os limites, circunscreve a sua amplitude máxima possível, assim também está naturalmente estabelecida, de forma implícita mas dominante, uma antecipação que limita a possibilidade de desconfinamento, de supressão da finitude. De tal modo que o nosso ponto de vista é dominado pela evidência de que, quaisquer que sejam os progressos que nele se produzam, qualquer que seja a obtenção de acesso às coisas que nele se promova, persistirá sempre--e tem de persistir por força da sua própria natureza--uma imperfeição do acesso ao seu dispor.

Nos termos destas duas antecipações, a finitude constitui um domínio que pode crescer (por perda de acesso ou porque o escondimento se revela mais amplo do que parecia) ou decrescer (ter momentos seus eliminados através da obtenção de perspectivas em que se produz um novo alcance), porém sem nunca se expandir para lá de um máximo, sem nunca recuar para aquém de um mínimo. Por tal forma que,

com todas as variações que são de admitir, tem o carácter de algo estável, constante.

Sucede todavia que, do mesmo modo que a delimitação da amplitude máxima da finitude possível na verdade carece de um fundamento que a assegure (do mesmo modo que pode bem acontecer que a fixação dessa amplitude e a sua evidência não resultem senão de um condicionamento do olhar--nada permitindo de facto excluir que possa ser de outra forma), assim também a antecipação do quadro de imperfeição do ponto de vista como um quadro que sempre persistirá, definitivamente estável, carece de bases que efectivamente a legitimem, a permitam asseverar.

Assim, ao contrário do que naturalmente se me inculca, não tenho nenhuma possibilidade efectiva de excluir que (não só antes do fim da minha vida, mas até mesmo daqui a dois segundos) todo o conjunto de limitações que afectam a minha perspectiva desapareça sem deixar vestígio e ela se converta num ponto de vista de acesso absoluto. Teria de dispor de um domínio do futuro, de que na verdade não disponho--teria de ter um acompanhamento efectivo e apodíctico do que sou e do que é possível acontecer comigo, que é o que não tenho--para ficar assegurada tal exclusão.

Por mais longamente que se tenha mantido a situação de finitude, por mais que se desconheça qualquer caso em que de facto ela haja sido superada, por mais esmagadora, extraordinariamente esmagadora que seja a situação de finitude identificada no nosso ponto de vista e por mais que, em correspondência, não se vislumbrem quaisquer meios de suprimir a imperfeição a que se está sujeito--tudo isto diz respeito tão somente ao que foi até um dado momento (i.e., até ao presente em que de cada vez se está). Nada disto permite excluir que possa dar-se uma modificação, um desconfinamento radical, por que se aceda a tudo quanto sempre se manteve sem acesso--e até mesmo que esse desconfinamento possa vir a ser absoluto.

Toda a aparente "modéstia", toda a aparente sensatez da pers-

pectiva em que se vê o contrário não resulta senão dessa infundada antecipação de que o que é será, de uma inatenção relativamente à situação de finitude em que de facto se está, quer dizer de uma violação dos limites daquilo de que nela efectivamente se dispõe e pode estabelecer.[29]

Tão arreigada está esta tendência para a antecipação de que o que é será que mesmo averiguações da finitude (como, por exemplo, a da Crítica de Kant) em que justamente se põe em relevo que antecipações desta ordem não correspondem a um efectivo domínio, a uma efectiva detenção do facto de ter de ser assim e não poder ser de outro modo, caem, não obstante, na pretensão de identificar o apuramento que fazem da finitude como o apuramento de uma finitude inelutável, antecipável na sua inelutabilidade: como finitude definitiva.

Independentemente da forma peculiar como procuram produzir essa antecipação e justificar a sua possibilidade (forma que não cabe aqui analisar em pormenor), no fulcro dessa antecipação está de qualquer modo um inexplícito assentamento na constância da natureza em que estamos constituídos, excluindo a possibilidade de uma transformação, em virtude da qual se passe a ter uma apresentação das coisas inteiramente constituída de outro modo. Ora não só este é um assentamento, uma exclusão, a que de facto nada as habilita, mas, para além disso, são essas mesmas averiguações que revelam a situação em que se está como não autorizando tal exclusão: justamente se o ponto de vista que se tem está marcado pela finitude que esses apuramentos descrevem (e é isso que acontece, pois o ponto de vista que apura a finitude não é outro senão o próprio ponto de vista a respeito do qual ela é apurada), então não tem condições para determinar de forma assente e apodíctica o que lhe pode ou não pode vir a acontecer no seu futuro.

O que imperceptivelmente sucede nessas delimitações de finitu-

de inelutável é que o ponto de vista natural (com a sua tendência para estabelecer mais do que efectivamente tem fundamento para fazer e seguindo a óptica de acesso soberano que inexplicitamente se atribui), observa a finitude identificada como se, de uma posição de acesso não condicionado, assistisse a ela. E o que sucede é que, nessas condições, esquecendo-se de que a sua própria posição é a desse ponto de vista confinado, com todas as restrições que o limitam (e que justamente fazem que seja tudo menos um ponto de vista com um acesso soberano, não condicionado), emite um juízo de antecipação sobre o quadro de finitude que assim se lhe apresenta. Ou seja, o ponto de vista que declara a finitude (e que a declara com antecipação da sua total insuperabilidade) exime-se imperceptivelmente à finitude que declara (põe-se, sem dar conta disso, numa posição não restringida por ela--vê-a como se não estivesse imerso no seu meio, na opacidade que lhe corresponde e com as limitações, as incapacidades que ela traz).

Esta transgressão dos factos de finitude que de cada vez efectivamente estão documentados, ou seja, para o dizer numa fórmula já tornada clássica, esta transformação do facto do "ignoramus" na antecipação do "ignorabimus", carece de fundamento e tem de ser, por muito que tudo incline a ela, evitada--contrariada na tendência que sempre de novo tem para se introduzir.[30]

Neste sentido, embora o levantamento a que se procede identifique uma situação de finitude muito mais grave do que a que normalmente se reconhece, nenhum dos factos de finitude que nele se detectam--por mais extremos e esmagadores que sejam, por mais radicalmente que reduzam o campo de acesso, por mais inverosímil que façam parecer a possibilidade de nos evadirmos dessa finitude e por mais remoto e inencontrável que tornem qualquer caminho de saída dessa situação--permite excluir não apenas a possibilidade de um substancial aumento da amplitude e eficácia do acesso que se tem (levando a grandes modificações da forma da finitude), mas, pa

ra além disso, a possibilidade de uma muito radical e até mesmo da total supressão do escondimento--dando acesso a qualquer coisa como um ponto de vista irrestrito.

A situação em que se está a este respeito é de facto a de um inteiro não-saber, que não pode senão deixar isso absolutamente em aberto. E se, no curso do levantamento a que se procede, a detecção da situação de finitude leva a um agravamento drástico do confinamento que se evidencia e da extraordinária amplitude da modificação que seria necessária para a superar (fazendo ascender essa amplitude a dimensões de que a perspectiva natural não tem qualquer ideia), em nenhum dos seus passos deve ser entendida qualquer sugestão e muito menos qualquer tese a respeito das possibilidades do nosso ponto de vista e das situações de acesso a que pode ou não pode aceder.

Por outras palavras, e tendo em referência a distinção kantiana entre as noções de "crítica" e de "censura", de maneira nenhuma e em nenhum momento o que se procura aqui realizar tem o carácter de uma "crítica", no sentido próprio do estabelecimento de um não-acesso necessário, inelutável, mas somente o de qualquer coisa como uma "censura" da apresentação de que se dispõe.[31]

2 DA POSSIBILIDADE DE AS DIMENSÕES DA FINITUDE EXCEDEREM A FORMA NATURAL--LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO NO ÂMBITO DAS DIFERENTES MODALIDADES DA FINITUDE. A REVISÃO DA FORMA NATURAL E OS SEUS LIMITES---O "COGITO" COMO "RESÍDUO" DA FINITUDE.

Na exploração preliminar do sentido e das possibilidades de uma verificação da forma natural da finitude configurou-se como primeiro passo dessa verificação a tarefa de um levantamento sistemático das modalidades naturais de finitude, averiguando da amplitude do confinamento que, na situação em que de facto nos achamos, pode na verdade corresponder a cada uma.

Percorrendo sucessivamente as diversas modalidades identificadas (incompletude, finitude de erro, finitude modal, finitude de não-compreensão), tem de se tentar estabelecer em que medida cada uma delas pode ser descoberta com um alcance que excede, subverte, derroga o enquadramento em que naturalmente aparece inscrita (a circunscrição às dimensões de lacuna). E, no caso de efectivamente poder sê-lo, tem de se tentar estabelecer que outra relação entre a eficácia e a imperfeição do acesso corresponde a essas novas dimensões da finitude.

É a esse levantamento sistemático que se procurará proceder agora.

A análise das diversas modalidades naturais, que se trata de levar a cabo, tem por objectivo o esclarecimento do problema da forma da finitude.

Os quesitos que a orientam são os que correspondem a esse fim.

É conveniente fixá-los de forma expressa, na sua ordem e articulação, para desde o início se ter claramente presente que é que está em causa e que é que tem de ser estabelecido na investigação de cada modalidade.

1) O primeiro ponto, de que depende tudo, é claro: há que estabelecer, para cada modalidade, se de todo em todo é possível encontrar nela um volume de retenção que subverta, destitua o estatuto da imperfeição do acesso como lacuna, impondo uma modificação e mais precisamente, se assim se pode dizer, um alargamento da forma da finitude.

Não se apurando essa possibilidade, a averiguação sistemática das modalidades deixa exactamente no mesmo impasse para cuja superação foi apresentada como recurso. Por um lado, reconfirma o domínio da forma natural, mas por outro lado essa reconfirmação é ainda insuficiente para dirimir em absoluto o problema. Pois, mesmo admitindo que a averiguação sistemática das modalidades tenha sido rigorosa e mesmo que o resultado negativo do inquérito seja insusceptível de ser revisto, subsiste sempre ainda a possibilidade de a situação real de finitude não corresponder à forma natural por haver outras modalidades, de que não nos apercebemos naturalmente, com uma amplitude irredutível a ela.

2) Apurando-se, ao invés, que tal alargamento é possível e, nesse sentido, que a forma natural da finitude não se adequa à situação em que se está, não basta estabelecer assim a derrogabilidade da forma natural, é antes necessário obter uma definição, uma circunscrição da forma que de facto corresponda à situação de finitude do nosso ponto de vista na modalidade de cada vez em causa.

Por outras palavras, além de se apurar a erradicabilidade da forma natural, cumpre em cada caso determinar também se por sua vez a perspectiva que se abre com a respectiva erradicação corresponde já de facto à situação em que se está ou constitui ainda uma forma da finitude presa de um condicionamento análogo ao da forma natural que substitui (e tão constitutivo de uma finitude da apercepção da finitude quanto ela). A questão não é somente a de saber se a forma natural da finitude é ou não adequada, mas a de estabele-

cer qual é a forma da finitude realmente correspondente à situação em que se está. Mesmo determinada a destituibilidade da forma natural, é preciso sempre ainda averiguar a possibilidade ou impossibilidade de uma expansão ainda maior do campo de escondimento e estabelecer até que ponto pode ir em cada modalidade essa expansão, esse alargamento.

3) Não se esgota, porém, nestes dois momentos o quadro de quesitos que o levantamento sistemático das modalidades para esclarecimento do problema da forma da finitude tem de apurar. Há ainda um outro aspecto, que tende a passar despercebido, mas é de importância decisiva.

Formulada a questão da forma no modo como até aqui foi feito, a sua averiguação está ainda dominada por uma restrição (por uma exclusão) fundamental. Trata-se de uma exclusão tão óbvia que nem se dá por ela--nem aparece sequer como exclusão. Com efeito, mesmo que se considere a possibilidade de modificações--e até de grandes modificações--da forma da finitude, tende a manter-se imperceptivelmente assente, ao conceber-se o problema da forma da finitude, que (tenha ela este ou aquele traçado) há de qualquer modo, tem de haver, uma qualquer limitação do escondimento: se assim se pode dizer, um limite dos limites, que deixe livre de restrição pelo menos algum campo de acesso.

O que assim de antemão tende a dar-se por assente é que, mesmo que efectivamente a forma natural da finitude seja erradicável e o ponto de vista possa descobrir-se muito mais finito do que naturalmente concebe, em última análise não há a possibilidade de a alteração da forma da finitude fazer que o escondimento em que o nosso ponto de vista se descobre seja qualquer coisa como um escondimento integral. Por outras palavras, antecipa-se sempre já como estrutura indissociável do nosso ponto de vista a de o escondimento ser qualquer coisa para lá de um limite, aquém do qual há de qualquer modo um campo de efectivo, pleno acesso. E exclui-se a possibilida

de de o próprio campo de acesso vir a revelar-se também ele integralmente invadido por escondimento, de tal modo que o nosso ponto de vista, mantendo-se como um ponto de vista (uma posição de lucidez), fique inteiramente dominado por escondimento e não constitua senão a apresentação desse escondimento inteiro, sem qualquer resíduo, sem excepção.

Esta possibilidade, que à primeira vista de nenhum modo se lobriga como podendo sê-lo, antes aparece como totalmente descabida (como o aparentemente impossível ou pelo menos o cúmulo do improvável--do remoto), embora tenha deste modo tudo contra ela e não se vislumbre sequer a que é que corresponderia, não pode por outro lado ser excluída num processo sumário, de pura homologação da exclusão que naturalmente se sugere a seu respeito.

Por muito que pareça inverosímil, também relativamente a ela não se dispõe à partida de nenhum princípio, de nenhum fundamento que efectivamente legitime a sua absoluta exclusão. Por muito que pareça inverosímil, pode acontecer também que a evidência que de imediato a faz excluir resulte apenas de um condicionamento e seja ilusória. É necessário verificar que bases sustentam tal exclusão, se há algum fundamento que efectivamente a justifique, ou se, pelo contrário, ela constitui uma possibilidade real e até mesmo uma possibilidade que se verifica no nosso ponto de vista.

A exclusão desta finitude extrema, a ser legítima, terá de ficar estabelecida no próprio inquérito, se se encontrarem razões que a justifiquem e imponham. Até lá, também a possibilidade de se estar num escondimento inteiro, sem resíduo, é qualquer coisa que se mantém e tem de se manter em aberto, qualquer coisa que ainda tem de ser decidida numa verificação.

E esta não é de modo algum uma questão eventualmente a considerar no termo de tudo, por descargo de consciência ou mania da verificação a todo o transe, mas antes uma questão que de certo modo

até tem precedência relativamente a toda a tentativa de identificação de um limite do escondimento. Nesta supõe-se já esse limite como uma fronteira entre um campo de detenção e um campo de escondimento, ou seja supõe-se que o escondimento na situação em que nos temos justamente não é susceptível de vir a ser descoberto como total. Se, porém, a situação em que se está for mesmo (como à partida não se pode excluir que seja) a de um escondimento integral dessa ordem (e desse modo a forma da finitude efectivamente correspondente ao nosso ponto de vista for aquela em que se suprime qualquer antecipação de limites da finitude, qualquer circunscrição do escondimento e em que este tem um carácter total), então fica prejudicada, perde cabimento todo e qualquer traçado de fronteiras da finitude.

Deste modo, antes de se estabelecer que fronteira tem em cada modalidade a amplitude possível da imperfeição que lhe corresponde, é necessário estabelecer se de todo em todo há, tem de haver, uma fronteira (no sentido de um termo de contenção do escondimento)-- ou seja que na modalidade em causa não se verifica e não se pode verificar esse extremo da finitude do ponto de vista que é o do acesso integralmente tolhido por ineficácia, minado e desvirtuado por imperfeição.

*

Neste sentido, o empreendimento de verificação da forma da finitude através da análise sistemática das modalidades tem como primeiro momento, primeira instância crucial, a averiguação da possibilidade de uma expansão do escondimento para lá da forma natural e como segunda instância crucial a determinação da possibilidade ou impossibilidade de uma finitude absoluta do ponto de vista. No

32

caso de se verificar que esta na verdade não é admissível, deve então procurar determinar a fronteira para além da qual a finitude não pode ampliar-se e o reduto, totalmente refractário a qualquer penetração de escondimento, que resiste a essa ampliação.

2.1. Da INCOMPLETUDE do acesso que se tem e da irredutibilidade das suas dimensões à forma natural da finitude.Levantamento sistemático do escondimento do escondimento no âmbito da INCOMPLETUDE--a supressão do escondimento do escondimento e o "disparo" das dimensões da incompletude:a incompletude como uma incompletude imensa,esmagadora--como ABISMO.

Examinando a primeira modalidade de imperfeição do nosso ponto de vista (a incompletude), os resultados a que se chega dão uma resposta inequivocamente afirmativa ao primeiro quesito formulado, ou seja, relativamente à possibilidade de erradicação da forma natural da finitude.

Se, conforme se acentuou, a perspectiva que há sobre aquilo a que o nosso ponto de vista não tem acesso tende a ficar contida em pequenas áreas confinadas, no meio de um campo globalmente e no fundamental já acompanhado, esse confinamento, essa "pequenez" não resultam efectivamente senão de uma limitação do próprio ponto de vista na identificação do que lhe escapa e não correspondem à situação em que realmente se está, à extensão daquilo que, vendo como vemos, de facto fica fora do horizonte de acesso.

Por maior que seja a dificuldade que tende a impedir o nosso ponto de vista de perspectivar aquilo que lhe escapa com outras dimensões que não as de lacunas, é de facto possível encontrar, a partir da própria apresentação das coisas de que se dispõe, um horizonte tal de "não-tido", de coisas que lhe escapam, que por inteiro ultrapassa a capacidade que o quadro do visto, do detido, naturalmente tem de situar em si o campo do não-visto detectado.

Não fazendo mais do que seguir as próprias indicações que temos sobre o que há, o horizonte daquilo que não figura na apresentação de que dispomos e que faz incompleta essa apresentação revela-se absolutamente esmagador. Emerge como um abismo inteiramente a perder de vista, em relação ao qual o que se tem na apresentação em que se está surge com as dimensões de qualquer coisa ínfima, perdida no imenso inabarcável daquilo que falta. De tal modo que se invertem os termos da forma natural.

Para o perceber, porém, é necessário examinar com atenção e conseguir neutralizar os dispositivos de condicionamento que tendem a

travar a apercepção da incompletude e a manter o regime natural de compreensão dela com as dimensões de lacuna. O apuramento dos limites que efectivamente confinam o campo de acesso em que se está e a determinação das dimensões que realmente tem a incompletude não se podem fazer sem uma identificação desses dispositivos de condicionamento e sem uma evidenciação do seu carácter **deceptivo**, que abra a possibilidade de ver sem influência deles.

Procura-se realizar esta averiguação em duas etapas.

Num primeiro momento, analisam-se os **horizontes externos** do campo de apresentação (as regiões mais longínquas, para lá daquilo que de cada vez se tem propriamente apresentado) e os limites do acesso de que se dispõe relativamente aos domínios de realidade que, de acordo com a própria perspectiva que se tem, lhes correspondem.

Em segundo lugar, identificados, neutralizados os fenómenos que impedem a apercepção desses limites (e percebida a abissal incompletude, o esmagador confinamento em que de facto está presa a apresentação que temos das realidades correspondentes aos horizontes externos), procura-se pôr em evidência como, para além dessa abissal incompletude relativamente àquilo que de algum modo está longe, há ainda um abismo de incompletude da apresentação relativamente ao que se acha mais próximo, ao próprio campo de realidade sobre que o olhar de cada vez incide--quer dizer, relativamente àquilo para que se está voltado e que se tem perante.

2.1.1 O abismo da incompletude NOS HORIZONTES EXTERNOS

2.1.1.1 Análise preliminar da estrutura núcleo-de-incidência/horizontes--o real para lá do propriamente dado. O alheamento natural relativamente aos horizontes externos--o fenómeno do "território" do olhar. O alheamento natural e a possibilidade da sua supressão--focagens fragmentárias e focagem global dos horizontes externos.

O primeiro aspecto que há a ter em atenção para se levar a cabo a averiguação da incompletude é a estrutura do campo de apresentação, no que diz respeito ao modo como se "estende", como está organizada a sua amplitude.

No reconhecimento que desprevenidamente dele faço, não se desenham diferenças quanto à forma de apresentação de toda a realidade que ele inclui. O campo de apresentação afigura-se essencialmente homogéneo no modo como acompanha tudo o que se acha no seu horizonte--como se diferenças só as houvesse no que diz respeito às realidades que aparecem e às respectivas determinações.

Mas na verdade não acontece assim.

Há diferenças e diferenças muito siginificativas no modo de acompanhamento do apresentado, diferenças que normalmente não chamam a atenção mas que de facto se revestem de uma importância decisiva, sendo indispensável pô-las em relevo.

Assim, vendo bem, verifico que o campo de apresentação em que me encontro está sempre articulado, se assim se pode dizer, em dois planos, em cada um dos quais o acompanhamento do que neles se acha

está realizado de formas muito distintas.

Caracteriza-o por um lado a circunstância de ter de cada vez um domínio de incidência, um núcleo, com um determinado conjunto de apresentações actualmente dadas--de coisas que de cada vez efectivamente vejo, ouço, penso, etc.

Caracteriza-o por outro lado o facto de, assim sendo, e correspondendo esse núcleo apenas a um âmbito de realidade na verdade bastante restrito, a perspectiva em que me encontro, o campo em que me situo, que tenho ante mim, a que me reporto, não se esgotar nunca nesse núcleo: dispondo-se em torno dele, difundindo-se a partir dele, à sua volta, há sempre também horizontes de realidades circundantes que envolvem o núcleo de incidência e continuam a realidade para lá dele. Essas realidades não se acham vistas, dadas actualmente, numa apresentação que efectivamente as exiba, mas estão de qualquer forma ainda assim presentes, numa modalidade particular de notícia que, seguindo a denominação adoptada por Husserl, nas suas análises deste fenómeno, se designa por presença em horizonte.[33]

Sentado a escrever esta exposição, o que de cada vez efectivamente vejo, ouço, sinto, considero, etc.,aquilo que numa clara ostensão de si mesmo me aparece é, não obstante toda a sua complexidade (todo o grande conjunto de determinações que de cada vez comporta), uma muito pequena parte do que há no mundo à minha volta e mesmo somente uma muito pequena parte da casa em que estou e, para além disso, muitas vezes mesmo só uma pequena parte da própria sala em que me encontro.

O que efectivamente está dado é tão só uma parte da folha de papel sobre que escrevo, por exemplo, a minha mão vista de um dos lados, a parte do lápis que está voltada para mim, uma porção (e só uma porção) do tampo da secretária, uma área relativamente pequena da janela em frente e--numa presença muito vaga já, muito difusa--qualquer coisa do verde das árvores lá fora, diversas sensações tác

teis, o acompanhamento que tenho do meu próprio corpo, o ruído do lápis a deslizar na folha enquanto escrevo, etc.

É difícil realizar um inventário completo (devido à complexidade do conjunto de elementos de cada vez presentes na apresentação efectivamente tida, mas também porque é difícil discernir que é que de cada vez está efectivamente presente numa doação actual e destrinçá-lo do que não está presente dessa forma). Mas, por outro lado, um mínimo de focagem permite perceber sem grande dificuldade algumas características dessa esfera actual e do modo como se articula com o "resto".

Em primeiro lugar, percebo que (sem prejuízo da presença de algumas constantes--por exemplo de mim, do meu corpo) o domínio de apresentação actual sofre muito frequentes modificações, "transferências", consoante a direcção em que olho, o que me chama a atenção, etc. Está sempre constituída uma esfera de apresentação actual--mas varia com frequência aquilo que a ocupa. De tal modo que o que se tem é uma sucessão de apresentações actuais diversamente constituídas e há uma marcada "instabilidade", "irrequietude", desta esfera.

Em segundo lugar, percebo que, se a esfera de apresentação actual, por mais pequena que seja, comporta sempre uma numerosa multiplicidade de elementos, essa multiplicidade está sempre organizada de tal modo que também nela há de cada vez <u>um foco</u>, que incide sobre este ou aquele dos seus elementos. De sorte que os demais, embora efectivamente dados, presentes numa presença actual, não estão atendidos, considerados como aquilo que de cada vez se acha nesse foco, não têm o destaque que lhe está conferido (e têm em relação a ele uma presença apesar de tudo menos forte, constituindo o "fundo"--presente, sim, mas não atendido--que o enquadra, de que se destaca). Também este <u>foco de incidência</u> que assim constitui sempre o fulcro da esfera de apresentação actual é caracterizado por "ir-

requietude"--e de facto por uma "irrequietude" (por uma frequência de variação) ainda maior do que aquela que caracteriza a própria a presentação actual, sofrendo uma contínua derivação ou transferência.

Em terceiro lugar, também não há dificuldade de maior em perceber que, consoante o lado para que estou voltado e aquilo para que olho, etc., (consoante, por exemplo, olho para a sala onde estou, vou até à janela e estendo a vista pela realidade exterior ou, pelo contrário, estou sentado à secretária, curvado sobre ela e concentrado na folha de papel sobre que escrevo), a amplitude do que tenho propriamente dado, o campo de realidade coberto pela apresentação actual de que disponho sofre expansões e contracções muito significativas. Nuns casos nem sequer chega, por exemplo, a cobrir a totalidade daquilo que está em cima da secretária. Noutros casos chega a cobrir toda a rua que daqui se vê, estende-se ao céu e às nuvens muito ao longe, etc.

Em quarto lugar, é ainda possível perceber sem grande dificuldade que, independentemente de todas as variações de amplitude a que assim está sujeito, aquilo que de cada vez se me acha propriamente dado, propriamente apresentado numa efectiva exibição de si, fica muito longe de cobrir a totalidade daquilo que me rodeia. Por mais amplo e abrangente que seja, o assim apresentado constitui somente uma pequena parte dessa realidade, uma secção destacada no seu âmbito.

Mas, por outro lado, sendo assim, não tenho nunca uma perspectiva que se cinja absolutamente ao que de cada vez assim está apresentado numa efectiva exibição de si.

Se de cada vez a apresentação que tenho efectivamente se esgotasse nas apresentações desse tipo, então isso significaria logo que, na sucessão de diferentes apresentações desse tipo por que vou passando, teria cada uma dessas apresentações (a que de cada vez es

tivesse constituída) absolutamente isolada, sem qualquer menção das outras para além dela--de tal modo que, mesmo havendo sucessivas apresentações e passando o meu ponto de vista por elas, de cada vez estaria já perdida toda a referência das apresentações anteriormente tidas e não se teria ideia de nada a não ser do que efectivamente estivesse exibido numa apresentação actual. A mobilidade que caracteriza a esfera de apresentação ostensiva, directa, não é tal que as novas apresentações a que sucessivamente se acede se aponham às anteriores (alargando assim indefinidamente o campo de apresentação ostensiva). A sucessão não alarga o campo, é uma sucessão por substituição do que se apresenta, de sorte que os apresentados antes disponíveis em ostensão deixam de estar apresentados de forma ostensiva, cedem lugar aos conteúdos novos. E, assim, se não houvesse nenhum outro modo de apresentação além do da apresentação ostensiva, estar-se-ia de cada vez totalmente fechado no quadro de realidade dado em cada uma dessas apresentações (os apresentados de cada uma delas estariam absolutamente isolados uns dos outros, não constituindo nada em comum, não se integrando em nenhuma perspectiva conjunta--teria, por exemplo, alternadamente o que vejo quando volto a cabeça para a esquerda e o que vejo quando a volto para a direita, sem que ao ter uma dessas apresentações houvesse qualquer menção da outra e, desse modo, sem que sequer pudesse perceber como mudança a passagem de uma para a outra.)

Ora, de facto, não é nada disso que acontece--e não é isso que acontece precisamente porque a apresentação que de cada vez se tem não se resume à apresentação ostensiva (à apresentação que acusa claramente o seu apresentado e o põe perante numa clara exibição de si mesmo), porque há de cada vez uma margem de excesso sobre esse núcleo de ostensão, pela qual a apresentação vai além dele, tem apresentado mais do que aquilo que nele se inclui. Mesmo admitindo que esse excesso tem que ver apenas com as outras apresentações os

tensivas antes tidas e de momento já não disponíveis (resulta de algum modo delas, remete para elas--o que, entretanto, se verá não ser de facto o caso), de qualquer forma não se trata já dessas apresentações enquanto apresentações ostensivas sc. do seu conteúdo enquanto conteúdo efectivamente exibido (nesse caso ter-se-ia o que justamente não se tem--um campo de apresentação ostensiva alargado), tendo simultaneamente o que de facto só consigo ter em alternância.

Numa palavra, aquilo que de cada vez está tido em perspectiva não se atém à esfera do que propriamente se acha exibido (tem uma apresentação ostensiva de si). Aquilo que de cada vez está tido em perspectiva vai além dessa esfera--e esse "ir além" do conteúdo ostensivo implica a presença de um outro modo de apresentação, diferente do da apresentação ostensiva.

Este outro modo de apresentação caracteriza-se, em primeiro lugar, precisamente por não pôr o seu apresentado aí perante, acusado claramente na sua presença--impondo-a à consideração, fazendo-a sentir por tal forma que esse apresentado figura directamente na apresentação e é directamente encontrável nela. O apresentado deste modo de apresentação é discreto, inconspícuo, não está constituído de tal modo que ao percorrer o que se tem à vista seja directamente reconhecível nele. E é de tal modo assim--trata-se de um tipo de apresentação e de apresentado tão inaparente, que se acusa e aparece tão pouco--que vai mesmo ao ponto de parecer que pura e simplesmente não está presente, não tem lugar.

Por outro lado, porém, ainda que de facto a apresentação deste tipo se caracterize por toda esta inaparência (que faz a sua diferença relativamente à apresentação ostensiva), tal inaparência não a impede de ser efectiva, de desempenhar um papel--de fazer que a perspectiva que se tem seja precisamente o que não poderia ser se se reduzisse à apresentação ostensiva, com as características que

esta tem para nós. Por inaparente que seja, a apresentação deste tipo constitui de facto uma apresentação, põe de facto em perspectiva o seu apresentado, constitui-o como um factor real de conformação de perspectiva--algo que marca a apresentação que se tem, põe nela o seu cunho. E isto de tal modo que, como já se verá melhor, não só o seu apresentado (por mais inconspícuo e inaparente que seja) tem uma determinação própria, diferenciada, mas, para além disso, pode mesmo acontecer que o respectivo conteúdo seja altamente determinado, comporte uma determinação com um elevado grau de complexidade--sendo justamente determinações assim complexas as que são introduzidas na nossa perspectiva pela presença deste tipo de apresentação.

Não cabe aqui examinar as múltiplas particularidades deste tipo de apresentação, explorar todas as suas ramificações, todos os fenómenos que abrange e todas as teses ou fixações de determinação que podem estar estabelecidas deste peculiar modo. A seu tempo se considerarão outros aspectos. Mas o que de momento é relevante pôr em foco é como faz parte desta margem de apresentação não-ostensiva que sempre acompanha cada núcleo de ostensão uma completação do que nesse núcleo se apresenta. Ou seja, o que de momento mais importa é que não somente há sempre mais apresentação do que a apresentação ostensiva, mas que esse "mais" de apresentação inclui sempre a apresentação de mais campos de realidade do que os ostensivamente apresentados.

Semelhante completação diz respeito, antes do mais, às próprias realidades de que se tem apresentação ostensiva. Quando de facto vejo só uma parte da folha sobre que escrevo, nunca estou só com a parte que propriamente me aparece (com o peculiar objecto que corresponderia a essa parte se ela não fosse percebida sempre já justamente como parte--tendo em referência, completado, o resto da sua superfície, o outro lado, etc., que não vejo). Nunca estou só com

a parte da superfície da lapiseira que de cada vez está efectivamente à mostra na apresentação que tenho (como se essa superfície não fosse só parte de uma realidade que se estende para além dela). Nunca estou com isso como se se tratasse de uma realidade só superficial (sem nada por debaixo das superfícies que vejo) e acabando onde deixo de a ver: tenho sempre co-apresentado o que faz da caneta um sólido não oco--é sempre já assim completada, tendo em referência esse mais não ostensivamente apresentado, que a caneta me aparece. Se estou curvado sobre a secretária e percebo aqui e ali, entre as folhas, nesgas do tampo, não as vejo nunca como se a superfície castanha a elas correspondente se esgotasse no que assim se acha à mostra. Nunca vejo as coisas como se a solidez, a firmeza que sinto quando escrevo sobre as folhas fosse uma firmeza delas mesmas ou como se em parte fossem elas, em parte essa superfície castanha, que, pairando sem nenhum sustento, fornecessem o apoio que me é dado experimentar. Não. Vejo sempre já essas superfícies castanhas como algo que se estende também por debaixo das folhas, completadas por uma co-apresentação não-ostensiva do que conjuntamente com elas forma a superfície contínua, não interrompida, de um tampo. E por outro lado nunca estou apoiado neste plano firme sobre que escrevo como se ele pairasse no ar ou fosse um corpo maciço até ao chão--vejo isto sobre que me debruço sempre já como uma secretária: algo mais ou menos com o feitio de uma mesa--com pés, etc.. Não tenho apresentação ostensiva disso--não vejo como em pormenor são os pés, não penso minimamente nisso--mas percebo o que tenho sempre já de tal modo que a determinação mesa, com pés, etc., está permanentemente presente, co-apresentada.

Por outro lado, a <u>completação</u> a que assim sempre já estão sujeitos os conteúdos da apresentação ostensiva de que disponho não diz respeito apenas aos objectos de que me está ostensivamente apresentada alguma parte. Inclui sempre também uma co-apresentação

de realidades para lá desses objectos-e, em primeiro lugar, de realidades contíguas a eles. De tal modo que nunca a perspectiva em que me encontro se resume a esses objectos, sem nenhuma outra referência para além deles, e nunca vejo tais objectos como se eles fossem já "o mundo"--toda a realidade. Não. Os objectos de que tenho algo em ostensão apresentam-se-me sempre como objectos entre outros mais, que de momento não estão à mostra--mas que a qualquer instante podem passa a estar. E esses objectos de que de momento não há ostensão (mas que estão co-apresentados) não são objectos totalmente indeterminados quanto às suas características (de tal modo que se, ao voltar a cabeça, não encontrasse a continuação da sala mas objectos ao ar livre--ou não encontrasse uma parte da minha sala, antes uma outra, ou não encontrasse estantes, livros, etc., mas outros móveis--isso constituiria uma extraordinária surpresa relativamente à expectativa que, sem qualquer ostensão, já me anima ao volver o olhar nessa direcção). Nesse sentido, mesmo que a apresentação ostensiva tenha de cada vez um âmbito mais restrito, estou sempre já com a sala que continua atrás de mim, para os lados, acima e abaixo do que propriamente tenho.

E, por outro lado, também não é só relativamente às realidades que mais imediatamente me circundam que acontece esta completação. O próprio"todo" dessas realidades é por sua vez percebido como parte de uma realidade que se prolonga para lá dele.

Nunca vejo a sala como se a sala fosse tudo--tenho de algum modo comigo toda a minha casa, o resto do prédio, a rua. o bairro, etc..

Mas mais.

Tudo isto representa de facto apenas uma das"direcções" de continuação da realidade que estão sempre não-ostensivamente co-apresentadas na apresentação de que disponho. Na verdade a apresentação ostensiva também é restrita no que diz respeito ao tempo, de tal mo

do que só cobre um "espaço de tempo" bastante circunscrito e, estando ela própria afectada pela passagem do tempo, é insusceptível de abranger mais do que a muito curta duração do seu próprio presente. Mas, sendo assim, a perspectiva que de cada vez se tem (e que de cada vez dispõe de uma apresentação ostensiva assim limitada a um intervalo de tempo bastante reduzido) não está absolutamente fechada nesse âmbito temporal muito circunscrito--excede-o sempre de tal modo que, embora o tempo que ficou para trás (e o que esteve apresentado nele) já não esteja em nenhuma apresentação ostensiva, encontra-se todavia sempre tido em referência e a influir na determinação com que se apresentam os conteúdos da apresentação ostensiva. Assim, por exemplo, não vejo o que está propriamente dado na esfera de apresentação ostensiva (não vejo os objectos a que isso pertence, os objectos contíguos, a sala em que me encontro) como realidades "instantâneas", que agora mesmo começaram e são só de agora. Vejo-os sempre já como realidades que vêm de um passado, que continuam agora uma existência já anterior. Logo desde o primeiro instante em que "entram em cena", a determinação com que a grande maioria das coisas me aparece inclui já essa referência, que não é introduzida por nenhum acompanhamento ostensivo do passado dessas coisas--mas que nem por isso deixa de estar presente e constituir um elemento decisivo da perspectiva que se tem. E isto de tal modo que o passado assim co-apresentado não é só o de alguns instantes imediatamente anteriores, antes remonta além disso num prolongamento sem "balizas" mas que se estende indefinidamente por tal forma que põe <u>longe</u> esse começo. E de tal modo que, além disso, a co-apresentação inexplícita da continuação pelo passado afecta os próprios <u>horizontes</u> de continuação espacial da realidade para lá da esfera de incidência (de sorte que a respectiva co-apresentação como horizontes de continuação da realidade no presente tem por sua vez horizontalmente co-apresentada a extensão desses horizontes pelo passado fora).

Isto por um lado. Por outro lado, tal como não são "instantâneas" no sentido de terem começado mesmo agora, assim também as coisas que se apresentam na esfera de incidência não são vistas como "instantâneas" no sentido de não se deverem prolongar para lá do tempo em que estão a ser ostensivamente apresentadas (de haver uma total neutralidade quanto à sua continuação ou não continuação no futuro). De facto, a esmagadora maioria das realidades que tenho apresentadas não aparece como algo que só tem lugar agora, não depois (ou sequer que está deixado em aberto quanto à eventualidade de vir ou não a continuar no tempo que se segue). Não. Quer os diferentes conteúdos ostensivamente apresentados, quer os objectos de que fazem parte, quer os domínios de realidade correspondentes ao campo de incidência, quer ainda os próprios horizontes de continuação espacial da realidade para lá deles (ou seja, tanto os papéis, a secretária, o meu corpo, toda a sala e o que está nela, a rua lá fora, os prédios, etc.)--tudo isso está visto sempre já como qualquer coisa que está para continuar, cuja continuação futura se acha inexplicitamente co-apresentada (e aqui também não apenas uma continuação no depois mais imediato, mas uma continuação indefinidamente prolongada, tal que o cessar de tudo isto não aparece "à vista", fica longe). De sorte que, embora não haja nenhuma apresentação ostensiva disso tudo a ser aí num futuro assim indefinidamente prolongado, é a contar com essa continuação e é sempre já segundo ela que está apresentada cada uma dessas coisas.

Numa palavra, a apresentação comporta sempre um duplo excesso sobre o intervalo de tempo por ela própria efectivamente acompanhado e aquilo que ostensivamente expõe surge em trânsito de um antes indefinidamente extenso para um depois indefinidamente extenso, que excedem consideravelmente a esfera de ostensão. E, assim, a continuação que se tem de cada vez não-ostensivamente co-apresentada, em horizonte, é--muito mais do que à primeira vista se afigura--u-

ma continuação numa multiplicidade de direcções, de maneira nenhuma demarcadas, postas em destaque, mas que, com estarem como que "fundidas", nem por isso deixam todas elas de dar o seu contributo próprio para a perspectiva que se tem e de pôr nela a sua marca.

Tudo isto não constitui, de resto, senão uma parte das apresentações não-ostensivas que se incluem na perspectiva que tenho e não faz mais do que levantar a ponta do véu. Por outro lado, ao contrário do que o esboço agora feito pode sugerir, as apresentações de presença meramente horizontal estão muito longe de ser todas do tipo das referidas, dizendo respeito só à fixação da continuação da realidade nas várias "direcções" em que se estende. O conteúdo dessas apresentações pode dizer repeito a determinações muito diversas que, ainda que se situem nos horizontes de continuação da realidade, não se resumem à indicação dela. Assim, por exemplo, enquanto estou sentado à secretária a trabalhar na minha tese, não me acho na presença de ninguém, não tenho nenhuma apresentação ostensiva de outrem--não está mais ninguém em casa, estou sozinho. Porém, mesmo que em nenhum momento me lembre de ninguém, ninguém telefone ou chegue, e não pense uma única vez que não estou só no mundo (que há outros, etc.), em nenhum momento a presença dos outros deixa de ser viva na minha perspectiva--essa é antes uma presença que está sempre não-ostensivamente co-apresentada, em horizonte. Sem ela, não estaria aqui a redigir este trabalho, esforçando-me por o reduzir a escrito. De tal modo que todo o sentido do que faço ao estar aqui a escrever passa por essa presença, radica na notícia que dela tenho e com que continuamente estou, mesmo que não se acuse (não figure no que de cada vez tenho patenteado) e seja tão discreta, tão inaparente, que parece mesmo inteiramente ausente da apresentação com que estou.

A peculiar forma de organização que é característica da apresentação que temos inclui assim de cada vez um <u>núcleo de apresentação ostensiva</u> (e, dentro dele, um <u>foco de incidência</u>) e um complexo de <u>apresentações horizontais</u>, que compreende a completação dos objectos de que ostensivamente está dado algo (<u>horizontes internos</u>) e a co-apresentação de outras realidades para além dessas, de que de momento não há qualquer espécie de ostensão (<u>horizontes externos</u>).

Esta destrinça entre horizontes internos e horizontes externos depende em grande parte de critérios de diferenciação que têm o seu quê de artificial, introduzindo cortes num contínuo de completação horizontal em que de facto não estão marcados tais contrastes.

Em primeiro lugar, num certo sentido todos os horizontes são externos--externos àquilo que se tem ostensivamente apresentado. O que caracteriza os horizontes é precisamente o estarem <u>fora</u> do que é propriamente exibido, rodearem-no, envolverem-no, em campos a que a apresentação ostensiva não chega. E o que permite falar de horizontes internos é a circunstância de, como se referiu, o campo de apresentação não se achar pulverizado em "átomos" sem conexão (de tal modo que cada um é isolado e absoluto), antes estar organizado de tal modo que as multiplicidades de elementos, de focos de determinação presentes nesse campo estão organizadas a formar complexos dotados de unidade, constituídos em unidades colectivas e presididos por elas (de tal modo que os diferentes focos de determinação integrados nessas unidades perdem a sua identidade autónoma e reduzem-se a momentos dessas unidades colectivas. Sendo assim, uma parte da apresentação horizontal diz respeito a apresentados que, embora exteriores ao que está ostensivamente exposto, pertencem aos mesmos complexos de determinações (às mesmas unidades colectivas)

a que também pertencem determinações presentes no núcleo de apresentação ostensiva. E porque o que prevalece no modo como vemos são os complexos e as identidades dos complexos (livros, folhas, canetas, estantes, pessoas, etc.), essa copertença, essa inscrição do co-apresentado no interior das mesmas unidades a que também pertencem partes do núcleo de incidência, faz que a sua conexão com o exibido seja diferente da que caracteriza os outros horizontes que não estão nas mesmas circunstâncias--faz que esses horizontes, com serem horizontes, integrem as próprias realidades que são reconhecidas no próprio núcleo de incidência--e justifica a demarcação destes horizontes como horizontes internos, numa posição privilegiada de especial conexão com os conteúdos ostensivos. .

Por outro lado, esta ordem de considerações levaria então a pôr todos os demais horizontes (que não se incluem nas unidades a que pertence o que de cada vez se tem exibido) no mesmo pé--todos designados por horizontes externos. Na verdade, se por exemplo considerar os horizontes relativos aos objectos contíguos ao núcleo de incidência (no caso, os objectos do resto da sala, que de momento não tenho à mostra), eles não estão marcados por nenhuma relação de pertença aos mesmos objectos de que há apresentação ostensiva, correspondem já a outras unidades, diferentes dessas, exteriores a elas--e, segundo o critério enunciado, faria todo o sentido considerá-los pura e simplesmente como horizontes externos, no mesmo pé que quaisquer outros horizontes mais remotos, sem qualquer relação de contiguidade ao núcleo de ostensão. Todavia, não se adopta essa designação--usa-se o termo horizontes externos num sentido mais estrito, em que não é subsumível a apresentação horizontal de objectos como esses.

E a razão é a seguinte.

Vendo bem, caracteriza cada situação do nosso ponto de vista a circunstância de em cada uma haver como que um "raio de alcance",

no sentido em que para cada um há um conjunto de mudanças de incidência realizáveis de forma mais imediata, sem grande esforço. Sendo assim, ao conjunto de mudanças de incidência realizáveis deste modo corresponde um determinado sector de realidade que facilmente passa a ser tido em apresentação ostensiva. Por exemplo, enquanto estou aqui sentado à secretária, posso muito facilmente mover a apresentação ostensiva em todas as direcções daquilo que me rodeia, posso fazê-la percorrer diversos lados da sala (para a direita, para a esquerda, para cima, para baixo, para trás, etc.), posso ter apresentação ostensiva daquilo que (de onde estou) se vê pelas janelas, etc.,. Se me mover (como muito frequentemente faço e em condições normais posso fazer sem grande dificuldade), alguns sectores da sala que na posição inicial não se prestavam a uma apresentação ostensiva entram nela (e assim também outras realidades que se manifestam quando de outros ângulos olho pelas janelas para o exterior). Todas estas realidades constituem um campo que de forma mais ou menos imediata posso fazer entrar em apresentação ostensiva (ao contrário do que sucede com realidades mais remotas : por exemplo, com uma casa noutra parte da cidade, com uma rua em Viena ou em Nova Iorque, as quais podem eventualmente vir a ser convertidas em apresentações ostensivas--mas só mediante processos de transição bastante demorados e que envolvem um muito maior esforço).

Por outro lado, dada a frequente mobilidade dos núcleos de incidência (a forma como quase continuamente volvo o olhar para um lado e para outro, me desloco, mudo de posição, etc., esse campo de realidade que assim está mais ou menos ao alcance de conversão imediata em apresentação ostensiva costuma, em cada situação, estar frequentemente batido, explorado, "varrido" por sucessivas apresentações ostensivas. Ou seja, se em cada momento o que se tem ostensivamente dado é um núcleo de ostensão bastante mais restrito do que essa esfera de alcance, a irrequietude do olhar faz que em ca-

da situação tenda a deslocar o núcleo de incidência pelos vários sectores de realidade dentro do seu raio de alcance e a fazer, se assim se pode dizer, a "ronda" deles. De tal modo que nessas frequentes passagens os diferentes sectores dessa esfera de alcance estão sempre de novo a ingressar no núcleo de incidência, sempre de novo a "entrar em cena". E de tal modo que, mesmo que a cada instante o núcleo de incidência propriamente dito seja bastante mais reduzido que a esfera de alcance, e mesmo que os outros sectores integrantes dessa esfera tenham nesse momento uma presença de facto meramente horizontal, a presença que têm é a presença muito viva de coisas que agora mesmo estiveram em ostensão e num ápice podem voltar a está-lo (de coisas que nessa situação estão sempre de novo a passar no núcleo de incidência) e a sua conexão com o que está em ostensão é muito mais forte do que a dos objectos que na situação em causa estão fora de alcance. Com efeito, se os diversos elementos presentes no campo de apresentação se caracterizam pelo seu agrupamento em unidades colectivas (estantes, mesas, cadeiras, pessoas, etc.), não é esse o único agrupamento e a integração em unidades envolventes não se esgota aí. Os diversos objectos têm conexões entre si e estão organizados como elementos de unidades mais abrangentes (a minha sala de trabalho, a minha casa, os arredores da minha casa, etc.). Essas unidades podem ser mais ou menos abrangentes (integrando-se umas nas outras como momentos delas). Mas em regra os diversos domínios de realidade que integram uma esfera de alcance, no sentido referido, não estão unidos apenas pela circunstância fortuita de coexistirem nela, mas também pela copertença a uma dessas unidades, a um desses "contextos funcionais" da minha vida.

Nestas circunstâncias, faz todo o sentido diferenciar os dois tipos de horizontes, aqueles que de cada vez se situam no raio de alcance e estão frequentemente a entrar na esfera de incidência (sempre de novo a entrar e a reentrar nela) e que além disso se carac-

terizam pela sua inclusão nas unidades de contexto a que pertence o núcleo de incidência, e aqueles que têm uma posição mais remota, uma conexão mais frouxa com o núcleo de ostensão, uma presença menos viva--que são assim mais exteriores e afastados da esfera de apresentação ostensiva com que de cada vez se está. Reserva-se, por isso, a designação de horizontes externos para os horizontes exteriores ao raio de alcance de cada vez constituído. Designa-se como campo de incidência o campo correspondente a esse raio de alcance. E dá-se às apresentações horizontais que se situam no seu interior (e que não constituem horizontes internos, no sentido referido) a designação de horizontes do campo de incidência. [34]

Tudo isto permite ver com algum acréscimo de precisão a estrutura normal da apresentação que temos: a apresentação tem de cada vez um foco de incidência (aquilo que de cada vez é especialmente atendido), destacado no meio de um núcleo de incidência (ou de um núcleo de apresentação ostensiva) que cobre de cada vez um determinado número de objectos percebidos a partir da co-apresentação dos seus horizontes internos e do campo de incidência em cujo quadro se inscrevem, o qual por sua vez não fecha a apresentação que se tem, antes se integra na co-apresentação de um conjunto de horizontes externos.

Esta peculiar forma de organização é relativa a cada situação do nosso ponto de vista, no sentido em que para cada uma há um particular condicionamento, uma peculiar "distribuição" do que ocupa estas diversas "posições" estruturais. E dão-se frequentemente"trocas de posição", "transferências"--de tal modo que o que estava no foco de incidência deixa de estar, passa a estar só no núcleo de incidência ou cai mesmo numa posição meramente horizontal (ou ainda dentro do campo de incidência ou saindo mesmo já dele e passando para os horizontes externos).

Em circunstâncias normais as mudanças que se produzem podem afectar o foco de incidência, o núcleo de incidência, o próprio cam-

po de incidência. Mas, sendo assim, e registando o curso normal do nosso ponto de vista frequentes mudanças de todas estas esferas, as variações do foco e as variações do núcleo de incidência são muito mais frequentes do que as variações de campo de incidência e produzem-se muitas vezes no interior do mesmo campo--mantendo-se este mais ou menos constante. Ou seja, independentemente das diversas circunstâncias que podem travar ou acelerar as mudanças de incidência, a mobilidade tende a ser muito mais intensa no foco de incidência e a decrescer em relação ao núcleo de incidência e ainda mais em relação ao campo de incidência, que já pode gozar de uma considerável estabilidade. Posso estar horas, mesmo dias no mesmo campo de incidência--mas de modo nenhum assim com o núcleo de incidência e muito menos com o foco).Posso estar algum tempo (alguns minutos, pelo menos, mas até mais) inclinado sobre o papel a escrever, quase sem mexer o corpo e a cabeça, de tal modo que o núcleo de incidência se mantém sensivelmente o mesmo (uma esfera de realidade muito próxima de mim, que abrange o meu corpo, o espaço entre mim e o papel e uma parte do que está em volta sobre a secretária--nem sequer a totalidade disso). Mas não consigo estar tanto tempo a focar um só objecto dentro do núcleo de incidência e muito menos um único aspecto desse objecto.

Deste modo, variável quanto àquilo que o ocupa (aberta a toda a espécie de variações a tal respeito), esta estrutura é no entanto fixa quanto às diversas esferas de que consta, quanto à respectiva articulação e propriedades.

*

Configura-se assim um quadro de características da apresentação que temos bastante diferente do que desprevenidamente se sugere

(mas que ao mesmo tempo põe em evidência o que motiva essa diferença e faz que habitualmente não seja esse o quadro que se dá a conhecer).

A apresentação de que dispomos é em primeiro lugar sempre mais do que o que corresponde ao núcleo de apresentação ostensiva, declarada, de modo que há uma peculiar forma de não transparência da apresentação para si própria e ela está exposta à possibilidade de descobrir em si elementos cuja presença não detecta e que (não só à primeira vista mas também a um exame mais demorado) não se dão a descobrir, parecem não fazer parte dela. Esse "mais" (esse excesso sobre o núcleo de apresentação ostensiva) é ao mesmo tempo um mais de apresentação (mais apresentação--uma apresentação mais extensa) e mais apresentado do que tende a parecer.

Em segundo lugar, a despeito da inaparência desta apresentação e do seu apresentado, a despeito de tudo o que há nela de difuso e de indistinto, a sua presença é efectiva--e ela marca, influi sobre o modo como se vê e põe a nossa perspectiva em efectivo contacto com o que apresenta, fazendo que não esteja apresentado só o conteúdo ostensivo, que se junte a ele o conteúdo horizontal. Além disso, embora não fixe esse outro apresentado que é o seu de tal modo que apareça numa acusação de si (tendo à mostra, exposta, a determinação que é a sua), nem por isso deixa de constituir uma determinação diferenciada (definidamente isto e não aquilo, "fazendo agulha" para uma determinada conformação das coisas, fixando-a, prendendo a ela). E isto de tal modo que nem sequer há nada que obrigue a determinação assim introduzida a ser "pobre", simples, nada que a impeça de comportar uma multiplicidade de fixações e de ser bastante complexa. Verificou-se antes que as apresentações horizontais permanentemente constituídas na perspectiva normal se caracterizam pela simultânea marcação de uma multiplicidade de direcções de continuação da realidade (diferentes direcções no espaço +continuação

no tempo e, nele, continuação passada, continuação futura; continuação da continuação no espaço pelo passado, continuação da continuação no espaço pelo futuro, presença de outrem, etc.). E verificou-se também que, além disso, a cada uma dessas direcções de continuação corresponde uma sequência de indicações de continuação cada vez mais remota (de sorte que, por exemplo, a indicação do "para-lá" da apresentação ostensiva não se esgota na indicação da sala, nem da casa, nem da realidade imediatamente circundante desta, como também não se esgota na referenciação do tempo imediatamente anterior, nem só do tempo imediatamente anterior a esse, ou do tempo antecedente desse; como também não se esgota na indicação de um instante posterior, nem na do instante imediatamente subsequente a esse ou na dos próximos momentos, antes se prolonga numa multiplicidade mais vasta). Ainda que seja difícil entender como está constituída esta apresentação inconspícua e este apresentado inaparente, de que modo "funcionam", como podem ter uma determinação tão complexa, etc., as características da apresentação que sempre temos acusam a sua presença, documentam a sua efectividade e o papel que realmente desempenham.

Em terceiro lugar, essa apresentação horizontal, não-ostensiva, que assim constitui uma apresentação efectiva, com um conteúdo próprio para além do conteúdo ostensivamente apresentado não se introduz (e não introduz aquilo com que põe em contacto) em pura adição ao núcleo de apresentação explícita (como se os respectivos domínios se mantivessem apartados e o núcleo de apresentação ostensiva fosse autónomo, tivesse uma determinação totalmente independente da apresentação horizontal, neutra em relação a ela). Os horizontes (e, em especial, as indicações de continuação que introduzem) influem decisivamente no próprio aspecto do que se tem ostensivamente apresentado, de tal modo que a determinação com que se dá é uma determinação em grande parte dependente, subsidiária do que só

horizontal e inexplicitamente se encontra apresentado. Ou seja, não somente tenho sempre de algum modo já comigo, mesmo que não exibidos, esses horizontes de continuação da realidade para lá do que se me mostra, mas, além disso, aquilo que se me mostra é sempre ele próprio visto a partir desses horizontes, em inserção neles, transfigurado pela sua co-presença.

Sem os horizontes de continuação que não-ostensivamente a acompanham, a parte da sala que de cada vez me aparece teria um carácter completamente diferente do que tem: não me apareceria apenas como uma parte da sala, mas sim como a totalidade do real, ou seja "o mundo"--um mundo completamente diferente daquele que, passado como sempre já estou a uma perspectiva marcada pelo horizonte de continuação, de facto consigo conceber. Sem os horizontes de continuação, a parte da sala que de cada vez se apresenta seria precisamente isso tão diferente do que tenho e tão estranho que nem o consigo conceber. Mas, por sua vez, sem o horizonte de continuação que não-ostensivamente a acompanha, também a própria sala teria um carácter completamente diferente do que tem: não apareceria apenas como uma parte da realidade ao lado de outras, mas sim como a totalidade dela--o "mundo" (um mundo também nesse caso completamente diferente daquele que, passado como sempre já estou a uma perspectiva marcada por horizontes de continuação da realidade, de facto consigo perceber).Sem os horizontes de continuação, a própria sala seria isso (a sala=mundo) tão diferente do que tenho e tão estranho que nem o consigo conceber. E assim de novo para a própria casa de que a sala é parte, para o resto do edifício onde se situa e para a realidade circundante.

Por outra parte, sem o horizonte de continuação temporal no passado e no futuro que não-ostensivamente o acompanha, o "instantâneo" do tempo em que de cada vez me acho e que de cada vez tenho efectivamente apresentado teria um carácter completamente diferente

do que tem: completamente desligado de qualquer referência ao tempo antes e de qualquer referência ao "depois", estaria fechado no "presente" da apresentação como se só houvesse isso. Vendo bem, não só esse "presente absoluto" é tão diferente do que tenho que não sou capaz de conceber o que corresponderia a uma perspectiva desse género, mas essa situação não posta entre o que foi e o que será nem sequer seria propriamente uma situação no tempo--cairia completamente fora da conformação temporal que domina o nosso ponto de vista e, ao contrário do que pode parecer, nem sequer coincidiria com uma parte dessa conformação.

Desta forma, mesmo sendo inteiramente igual o conteúdo ostensivo da apresentação, a presença ou ausência dos horizontes e da determinação por eles introduzida modifica radicalmente o respectivo teor, convertendo a apresentação em apresentação de realidades completamente diferentes--totalmente alheias uma à outra. E a diferença é tal e está-se de tal modo dominado pelas apresentações horizontais e pela conformação de óptica que introduzem, que de facto não se consegue mesmo ter ideia, ainda que só aproximada, do que seria ter apenas a apresentação ostensiva totalmente isolada, sem qualquer interferência dos horizontes. [35]

*

Tudo isto, se permite ver já com alguma clareza o papel irredutível das apresentações horizontais e a importância de que na verdade se revestem para a conformação da nossa perspectiva, está, entretanto, ainda longe de as fazer emergir em toda a sua extensão e de tornar claro a que ponto vai a co-apresentação não-ostensiva de continuação da realidade que constitui um elemento permanente da apresentação que temos.

Se se observou que a apresentação horizontal pode ser comple-

xa, comportar uma multiplicidade de "direcções" diferentes e, dentro de cada uma, uma sequência de indicações de continuação cada vez mais abrangentes, não se viu até onde vai essa sequência. Deixou-se "morrer" o rastreio numa esfera de relativa proximidade ao núcleo sc. ao campo de incidência.

Ora, de facto, assim como (sem qualquer acompanhamento distinto ou minimamente articulado da multiplicidade de determinações a que corresponde) a apresentação habitualmente constituída comporta sempre essa complexidade de apresentações de continuação numa esfera de relativa proximidade ao campo de incidência, assim também comporta sempre já a remissão para a continuação da realidade além dessa esfera relativamente próxima--e além da que se situa na contiguidade dela--e de novo para além desta--e assim sucessivamente, num prolongamento indefinido.

Esta remissão--com este prolongamento dilatado--domina sempre já a apresentação horizontal que temos constituída, de tal modo que o enquadramento do núcleo de incidência nunca é só o da continuação imediata, nem só o de alguns "lances" de continuação para lá dela, mas sempre já (em todas as direcções) o de uma continuação indefinidamente prolongada, sem termo próximo, "à vista".

Isso mesmo se manifesta quando, por qualquer razão, se considera a continuação da realidade, se segue o seu "fio". Impõe-se então explicitamente esse prolongamento indefinido em todas as direcções--o horizonte de continuação desdobra-se em remissões sempre mais para lá, sem nunca chegar a nenhum termo. E isto de tal modo que tal desdobramento não constitui qualquer surpresa, não inova em relação à perspectiva em que já se estava antes de se dar senão pela forma diferenciada como permite identificar os campos de realidade em causa--de facto não faz mais do que explicitar a continuação com que justamente já se contava e cuja co-apresentação, sem que se atentasse nela, já conformava a nossa perspectiva.

Assim, por exemplo, em relação ao espaço e às realidades que nele se dispõem. Impõe-se-me o reconhecimento de que para lá da rua continua a cidade, de que para lá da cidade continua ainda a terra, de que avançando sempre mais nesta ou naquela direcção, segue sempre a haver mais realidade, sem que se chegue a um termo em que a continuação cesse. Mas assim também no que diz respeito ao tempo e às realidades que nele se situam. Impõe-se o reconhecimento não só do tempo próximo daquele em que se está, mas também de um tempo anterior a esse e, para além disso, de um tempo ainda mais remoto, até passados já distantes que por sua vez estão ainda muito longe de serem os "primeiros", antes têm ainda muito tempo atrás de si. E impõe-se também o reconhecimento não só do futuro mais próximo, mas também de um tempo posterior e de outro que lhe sucederá e assim por diante, sem que nenhum tempo de continuação futura seja já aquele em que a continuação se há-de quedar.

Em todas as direcções, o seguimento da continuação que se tem indicada (que espontaneamente se impõe a ser reconhecida--e que o é sem hesitação, com uma evidência que parece irresistível) leva a extensões muito remotas, incomparavelmente maiores do que os campos de incidência que de cada vez se têm já passados em revista.

Neste sentido, a apresentação horizontal sempre constituída está muito longe de representar apenas uma pequena margem, com um papel meramente complementar, aposta ao núcleo de apresentação ostensiva e formando em relação a ele qualquer coisa como um apêndice. Não. A amplitude da apresentação horizontal (se assim se pode dizer, o "volume" da apresentação horizontal que de cada vez se tem e dos horizontes por ela apresentados) é sempre incomparavelmente mais vasta do que a do núcleo de apresentação ostensiva. Sempre inserido no âmbito desta apresentação inexplícita colossalmente mais vasta e sempre de algum modo em contacto com ela, o núcleo de apresentação ostensiva tem o carácter como que de um foco no meio dos

horizontes, deslocando-se no terreno sempre já aberto deles--como que um cursor de lotação restrita movendo-se num domínio incomparavelmente mais vasto, de que não consegue cobrir senão uma muito pequena parte, mas de tal forma que tem sempre já alguma notícia da interminável continuação desse domínio para lá de si.

Mas mais. A apresentação em que nos achamos não se caracteriza somente por esse tão extenso excesso da perspectiva que tem sobre o núcleo de apresentação ostensiva de que dispõe em cada altura. Caracteriza-a além disso a circunstância de todas as extensões de realidade de que inclui referência remeterem sempre para lá de si. De tal modo que não só forma um campo de muito grandes dimensões mas constitui de facto campos sempre abertos.[36]

E de tal modo que é precisamente isto que a apresentação que se tem sempre é: uma apresentação aberta--não só extensa, mas nunca fechada (mesmo que fechada numa extensão de grande amplitude).

Assim desde os focos de incidência e núcleos de incidência com um alcance mais restrito até aos campos de realidade apresentada com dimensões mais amplas, desde domínios de realidade como a cidade de Lisboa, os últimos dois anos, a Europa ou os últimos 300 anos, até domínios muito mais vastos como os últimos 100 000 anos, toda a terra, etc., a apresentação que em qualquer caso se tem envolve de facto sempre uma inexplícita co-apresentação de horizontes envolventes, continuando a realidade para lá da amplitude considerada. Por maior que seja a extensão, de facto nunca aparece já como a realidade toda, cobrindo-a "de lés a lés", sem nada deixar de fora. I.e., por maior que seja a extensão, nunca é já "o mundo". Não, precisamente o contrário: independentemente da extensão de cada vez em causa--desde os núcleos de incidência, com a sua amplitude mais estrita, até aos enquadramentos mais amplos (e mesmo "astronómicos)--todos os campos de realidade apresentada aparecem sempre ainda como fragmentos no meio de uma realidade mais vasta que

os continua.

Esta é uma característica sempre presente na apresentação que temos, sempre introduzida pela componente inexplícita que comporta: qualquer que seja a sua amplitude, o apresentado é um fragmento, uma parte da realidade, entre outras mais. E a forma como está produzida esta marcação inexplícita, sempre presente, do alcance ainda somente "fragmentário" do apresentado reforça ainda mais o carácter não fechado da apresentação. Pois, de facto, a fixação inexplícita desse carácter de parte (de fragmento num horizonte de realidade ainda mais vasto) não está feita de tal modo que a parte em causa fique claramente desenhada na relação que tem com o todo em que se integra (e esteja definida quanta parte é, que posição ocupa nele, etc.). Havendo sempre uma decidida marcação do apresentado como parte, essa marcação é feita sem nenhuma definida apresentação do todo para que aponta, sem nenhuma delimitação dele. A inexplícita marcação do apresentado como parte da realidade faz-se pela co-apresentação de ainda mais realidade--mas deixando indeterminada qual a margem desse excesso (qual a amplitude do que ainda falta). E isto de tal modo que, por outro lado, se se estende ainda mais a amplitude do campo de realidade que se considera (entrando desse modo no que antes estava inexplicitamente referido como excesso sobre a parte considerada), também o novo âmbito, mais vasto, correspondente a tal extensão tem a característica de ser inexplicitamente apresentado como parte e de ter inexplicitamente co-apresentada uma continuação para lá de si--numa co-apresentação que tem exactamente as mesmas propriedades que tinha a remissão horizontal da apresentação relativamente à qual representa um alargamento. E assim sucessivamente. De tal modo que, por maior que seja o alargamento, sempre de novo se itera a presença inexplícita de uma remissão para realidades englobantes. E de tal modo que a parte apresentada é sempre parte de um todo adiado. E ao mesmo tempo que

opera sempre a referenciação do apresentado como parte, a componente de co-apresentação horizontal que integra a apresentação que temos opera sempre também esse peculiar adiamento, essa "fuga" do todo, fazendo que essa parte com que se está o seja sempre de um todo sempre ainda "ausente" e em-aberto.

Deste modo, a singular forma de constituição que é a que corresponde à permanente presença de horizontes na nossa perspectiva faz que a apresentação que temos nunca se quede efectivamente aonde chega, nunca fique totalmente contida no que efectivamente cobre--vá sempre já de algum modo além de si, ponha sempre já de algum modo em contacto com o que a ultrapassa. E por tal forma que, seguindo-se as remissões da co-apresentação inexplícita de horizontes, cada terminus ad quem tem ele próprio um enquadramento horizontal e constitui por sua vez o terminus a quo de novas remissões para lá de si. A singular forma de constituição que é a que corresponde à permanente presença de horizontes na nossa perspectiva tem assim a propriedade de "desencerrar" a apresentação que temos, fazendo dela uma apresentação sem "fecho", sempre "transbordante", totalmente aberta.

*

Entre as particularidades da apresentação em que nos achamos conta-se, entretanto, ainda uma outra, que de facto desempenha um papel decisivo no próprio exame que se acaba de efectuar, mas sem que nele tivesse ficado posta em relevo.

De facto, a apresentação em que nos achamos não é aberta apenas porque a componente de apresentação horizontal que sempre a integra se prolonga indefinidamente em remissões inesgotáveis--que nunca cessam, não têm termo. É aberta antes também porque há uma

irrestrita mobilidade da direcção do olhar no quadro dessa referenciação de horizontes totalmente aberta. Poderia ter-se uma remissão horizontal inteiramente aberta mas não se dispor de mobilidade nela--ter o foco de incidência preso de tal modo que não pudesse seguir esses horizontes, deslocar-se neles. Se assim fosse, a rigidez ou a mobilidade restrita do foco de incidência contrabalancearia a abertura da apresentação horizontal, impediria o confronto com ela e, sem anular a remissão implicada nos horizontes e o seu carácter aberto, manteria a nossa perspectiva sempre distraída dela. Mas não é isso que se passa.

O carácter aberto das apresentações horizontais é secundado por uma irrestrita mobilidade do foco de consideração no seu seio, que torna ainda mais efectiva, torna "palpável", essa total abertura e possibilita que nos confrontemos com ela.

É certo que, como se apontou, o foco e o núcleo de incidência têm uma amplitude máxima mais ou menos constante, bastante restrita, são insusceptíveis de qualquer significativo alargamento das suas dimensões. É certo também que, por outro lado, as deslocações do núcleo de incidência (do núcleo de apresentação directa, ostensiva)--e tanto quer dizer ao mesmo tempo: as deslocações pelas quais os campos de realidade em presença meramente horizontal saem dela (e passam a estar em apresentação directa, ostensiva) não são inteiramente livres, irrestritas. Em cada situação em que me encontro não tenho possibilidade de obter imediatamente apresentações ostensivas de uma grande parte (e de facto até da maior parte) dos campos de realidade que tenho apresentados em horizonte. Conforme foi sublinhado na análise da estrutura foco de incidência/núcleo de incidência/campo de incidência, para cada situação há um "raio de alcance" tal que é limitada a extensão dos campos de realidade que, numa deslocação mais ou menos imediata, podem entrar em apresentação ostensiva. Fora desse "raio de alcance" que corresponde à no-

ção de campo de incidência, a entrada em apresentação ostensiva só é possível de forma mediata, no termo de deslocações mais longas, que implicam um maior (e mesmo um muito grande) número de passos de mediação. De tal modo que para muitos campos de realidade (e cada vez mais à medida que se vai tornando mais remota a sua posição relativamente ao campo de incidência em que se está) os trâmites necessários para se aceder a uma apresentação ostensiva deles são por tal forma longos, implicam uma tão extensa sucessão de passos, que é praticamente impossível chegar a ela. E de tal modo que para muitos outros (por exemplo, o interior da terra, o que se passa em Urano a esta hora, o século XV, o século XXX, etc, a deslocação não tem mesmo qualquer meio de se realizar--é inexequível).

Porém, sendo assim, isso não impede a possibilidade de um outro tipo de "deslocações"--não deslocações da apresentação ostensiva, no sentido forte, próprio, do termo (em que se trata de apresentações do tipo da que tenho daquilo que de cada vez está ele mesmo na minha presença, directamente disponível, mostrando-se a si próprio na plenitude concreta das suas determinações), mas deslocações de uma fixação temática de outro tipo. Com efeito, se, estando por exemplo em casa, não posso obter imediatamente uma apresentação ostensiva do Rossio (ou da baía de Cascais a esta hora, de uma qualquer rua de Viena, do Mar da Tranquilidade, etc.), posso estar voltado para esses campos de realidade, tê-los convertidos em objectos de consideração, tornados temas de incidência. Ou seja, a mobilidade de que disponho não se resume à mobilidade dos núcleos de incidência (no sentido referido) ou dos focos de incidênca dentro deles. Tem-se também a possibilidade de, sem mudança do núcleo de incidência (do núcleo de apresentação ostensiva), fazer "evadir" a consideração para lá dele e (sem deixar de ter presente um determinado núcleo de apresentação ostensiva--dando o sítio onde se está, o que de facto nos rodeia, etc.) deixar de ter o foco de inci

dência fixado nesse núcleo e passar a tê-lo assestado para outras realidades sc. campos de realidade fora dele. Tem-se inclusivamente a possibilidade de quase "esquecer" esse núcleo de apresentação ostensiva do campo de realidade onde se está, reduzi-lo a uma presença quase-horizontal e embarcar, ficar quase inteiramente absorvido na consideração dos núcleos de incidência não ostensiva (de presentificação, etc.).

As características deste tipo de consideração temática (de fixação do foco de incidência fora da esfera de apresentação ostensiva) variam consoante os casos--podendo as apresentações que lhe correspondem ser mais determinadas e precisas (mais próximas de uma apresentação ostensiva, como acontece quando se trata da presentificação de campos de incidência já conhecidos, de que já se teve apresentação ostensiva) ou menos determinados e mais afastados da concretude e precisão que é própria dessas apresentações (como acontece quando se consideram campos de realidade desconhecidos, de que não se faz bem ideia). Mas trata-se em qualquer dos casos de apresentações cuja apresentado não tem a presença "anónima", despercebida, dos horizontes--antes está declarado, tido em referência explícita--que o acusa, olha, põe em foco.[37]

Ora este tipo de incidência não sofre as restrições a que está sujeita a incidência ostensiva. Não só não tem uma amplitude rígida, antes se caracteriza por uma irrestrita "elasticidade" (podendo pôr em consideração, arrancar da sua presença anónima, campos de realidade de todas as dimensões, desde os mais pequenos até aos mais amplos), mas as possibilidades de volvimento abertas por este tipo de incidência são irrrestritas.Neste sentido, tanto posso considerar o campo de realidade correspondente à mais imediata continuação do campo de incidência em que me encontro como os campos de realidade correspondentes às mais remotas regiões do espaço ou aos tempos mais recuados e mais distantes no futuro. Tanto posso consi

derar Lisboa, Portugal Continental, a Europa, como toda a terra, o sistema solar, os últimos 5 milhões de anos, toda a galáxia, etc.. Desta peculiar forma, a"circulação" nos horizontes externos ao campo de incidência--o percorrer deles e o arrancá-los à presença anónima que normalmente têm--é totalmente desimpedida, goza de liberdade total.

Esta irrestrita mobilidade, esta irrestrita possibilidade de seguir a pista das remissões horizontais que sempre já estão constituídas na apresentação que temos, permite então "bater", explorar os horizontes externos, levá-los a uma expressa consideração e, por ela, a uma capacitação das diferentes direcções em que se estendem, de quanto se prolongam, dos campos de realidade extraordinariamente vastos a que correspondem, etc.. De tal modo que, se a presença em horizonte, embora efectiva (não nula e efectivamente interveniente na forma como se vê) se caracteriza por essa presença difusa, que passa despercebida e não produz um reconhecimento distinto do que nela está presente, a mobilidade do nosso olhar--a faculdade que, da forma referida, tem de seguir irrestritamente os horizontes externos, mover-se neles e pô-los em consideração--permite ultrapassar essa presença só difusa, cria a possibilidade de ver "de frente" os horizontes externos e toda a extensão daquilo para que remetem as co-apresentações horizontais.

*

Entretanto, sendo assim--caracterizando-se a nossa perspectiva por uma tão irrestrita possibilidade de se mover por todos os horizontes para que está aberta--sucede todavia que de facto no curso habitual do nosso ponto de vista a mobilidade efectivamente exercida tende a ser muito menor do que aquela que é possível e a circunscrever-se a um âmbito na verdade bastante restrito.

Com efeito, não obstante a **possibilidade**, que nos assiste, de percorrer os horizontes externos na continuação inesgotável em que se prolongam, as deslocações de incidência que habitualmente se produzem no nosso ponto de vista e os percursos a que dão lugar tendem a situar-se todos só num determinado **sector** ou nalguns **sectores** desses horizontes, sem nunca se dirigirem além. De tal modo que a mudança de incidência, a conversão de apresentações meramente horizontais em apresentações temáticas (a focagem de campos de realidade correspondentes aos horizontes externos) se processa quase exclusivamente **dentro** desses sectores. E de tal modo que, embora haja flutuações frequentes (expansões e contracções, fazendo entrar ou deixando sair estes e aqueles domínios de realidade), o seu porte é na verdade relativamente reduzido e o sector restrito dos horizontes externos em que se move o foco de incidência manifesta em regra grande **estabilidade**.

Se atentarmos, verificamos na verdade que, embora o nosso ponto de vista esteja numa contínua ou quase contínua utilização da mobilidade de incidência de que dispõe, todas as modificações que normalmente têm lugar se quedam num domínio mais ou menos **fixo**, abrangendo fundamentalmente nós próprios, os sítios em que habitualmente se faz a nossa vida (a casa que habitamos, os caminhos que de ordinário percorremos, os lugares em que trabalhamos ou passamos tempo livre, as coisas e as pessoas com que costumamos lidar, aquilo de que normalmente nos ocupamos, os assuntos que nos interessam, etc.

Diversas circunstâncias podem determinar que seja maior ou menor a amplitude desse domínio e que tenha um maior ou menor grau de estabilidade (por exemplo, consoante se muda mais ou menos frequentemente de residência, se mantém ou não o mesmo trabalho, se tem um leque de interesses mais fechado ou mais aberto, se viaja muito ou pouco, se vive de forma mais activa--frequentando muitos meios, procurando conhecer "coisas novas"--ou, pelo contrário, se

leva uma vida mais retirada e mais pacata, convivendo-se só com um círculo restrito de pessoas, frequentando sempre os mesmos sítios, etc.). Mas, independentemente de ter fronteiras mais ou menos móveis e independentemente de a sua amplitude ser maior ou menor, esse domínio corresponde de facto sempre só a um pequeno sector dos horizontes externos--e mesmo só a uma ínfima parte deles. E, independentemente de ter fronteiras mais ou menos móveis, independentemente de a sua amplitude ser maior ou menor, as mudanças de incidência, não saindo de um sector ou de alguns sectores, caracterizam-se sempre por corresponderem a uma extraordinária <u>contenção</u> da mobilidade: à sua fixação numa determinada área dos horizontes, e a um crónico abandono (a uma crónica não-consideração) de outras áreas (e, na verdade, da esmagadora maioria dos horizontes externos) para que se poderia olhar mas que se mantêm sistematicamente fora de consideração, numa presença puramente horizontal, a que não se atende.

Assim, até pode acontecer que o nosso ponto de vista se caracterize por uma grande latitude de conhecimentos e experiência e por uma pronunciada "irrequietude" que nos leva a procurar o novo, a ter interesse pelo desconhecido, etc.. Mas, por mais abrangente que seja e por mais que se distinga por irrequietude, o sector dos horizontes externos habitualmente cruzado pelo nosso olhar fica sempre aquém--e de facto incomensuravelmente aquém--de corresponder a um percurso global dos horizontes externos (sulcando-os em toda a sua extensão ou sequer tendendo para isso). Não se produz nada que sequer se aproxime de uma efectiva consideração de todos os horizontes de continuação da realidade no espaço, de uma efectiva consideração de todos os horizontes de continuação da realidade no passado, de uma efectiva consideração de todos os horizontes de continuação da realidade no futuro--de um efectivo olhar para eles, capacitar-se da sua presença, daquilo a que correspondem, etc..

De facto, por mais amplo e "irrequieto" que seja, o domínio dos horizontes externos "batido" pelo foco de consideração nos percursos que habitualmente faz corresponde à fixação de determinadas "bolsas" dentro dos horizontes externos--de um quadro circunscrito de consideração (que até pode ser relativamente móvel e ter propensão expansiva, mas que tende a sê-lo e a ter essa propensão justamente só no desenvolvimento de uma ou de algumas linhas de interesse e, portanto, dentro de uma circunscrição fixa, que deixa de fora muitos horizontes--e na verdade a maior parte deles.Ou seja, independentemente da sua maior ou menor abertura, a consideração--o arrancar dos horizontes externos à presença anónima, inconspícua, que é a sua--não tende a produzir-se num espraiar do foco de consideração por esses horizontes fora, numa propagação aberta, seguindo todas as remissões horizontais, sem nenhuma deixar inatendida. Não. Embora haja a notícia aberta, que se referiu, dos horizontes externos e embora o nosso olhar pudesse efectivamente espraiar-se desse modo, numa propagação atenta a todos os horizontes, não retida nuns e esquecida de outros, a tendência é para que a mobilidade esteja, se assim se pode dizer, "estacionada" em áreas privilegiadas e circule só no seu domínio.

As numerosas mudanças de incidência que em regra têm lugar estão canalizadas para determinados sectores dos horizontes externos --são como que atraídas e absorvidas nesses sectores. De tal modo que são sempre esses os sectores frequentados pelo nosso olhar--as diversas mudanças de incidência que ocorrem seguem "trilhos" dentro desses sectores e os percursos realizados atêm-se a eles. Ou seja, as mudanças de incidência estão sujeitas a uma tendência para a concentração em determinadas áreas de amplitude comparativamente restrita--a uma tendência para "navegar" só nelas e para não passar as respectivas "colunas de Hércules". Por outras palavras, o exercício habitual da mobilidade de incidência tem uma tendência forte

mente centrípeta relativamente às regiões dos horizontes externos com que a esfera de incidência já tem "contacto". Em regra não há nenhuma propensão centrífuga das variações de incidência e a mobilidade está de facto restringida por uma como que "gravidade" dessas regiões (por elas constituírem como que uma"atomosfera" que de algum modo prende a si--de que se tende a não sair).

Em suma, no seu exercício de facto, a mobilidade do foco de incidência é sedentária em relação a alguns sectores dos horizontes externos, que não correspondem senão a uma pequena margem de todos aqueles de que se tem menção e que poderiam ser objecto de incidência.

Esse sector dos horizontes externos para que assim se mantém canalizada a mobilidade do foco de incidência, por tal forma que esta tende a exercer-se só no seu âmbito (sem nunca ou quase nunca sair dele) corresponde globalmente a uma esfera de proximidade. A proximidade em jogo na constituição dessa esfera é, por um lado, uma proximidade espacial e temporal relativamente à nossa própria situação. Mas não se define exclusiva ou directamente em função delas. Mais do que a proximidade espacial ou temporal é fundamentalmente a proximidade que tem tudo aquilo que está percebido como interferindo significativamente no curso da nossa vida, a proximidade que tem tudo aquilo que diz respeito às actividades com que normalmente se anda ocupado e é de algum modo relevante para elas. De sorte que tudo quanto tem uma relevância deste tipo integra essa esfera de proximidade (mesmo que espacial ou temporalmente se situe longe) e tudo quanto não tem tal relevância (mesmo que espacial e temporalmente perto e até mesmo muito perto) tende a ficar fora do seu âmbito.[38]

O foco de incidência tende a habitar, se assim se pode dizer, uma esfera de proximidade desta ordem, tende a deslocar-se nos seus "circuitos" e só nos seus"circuitos", de tal modo que se mantém fe

chado, preso nela. Achando-se as mudanças de incidência canalizadas para a esfera de proximidade e absorvidas nela, a referência dos demais campos de realidade em horizonte conserva-se inatendida. E em regra reina a seu respeito um total alheamento. De forma que no curso habitual do nosso olhar a maior parte dos horizontes externos está votada ao mais completo olvido.

Além de articulada pela estrutura foco de incidência/núcleo de incidência/horizontes externos (e, dentro destes, pela diferença entre aquilo a que se chamou campo de incidência e os horizontes que se situam para lá dele), a apresentação que temos constituída está assim marcada ainda por uma outra estrutura: o exercício da mobilidade de que dispõe tende a ater-se a uma província dos horizontes externos, está sujeito ao efeito de um campo de atracção muito mais restrito do que eles, em que de ordinário se queda. Numa palavra, há de cada vez constituído como que um <u>um território</u> do olhar, é nesse território que circula o foco de consideração, é esse <u>território</u> que se frequenta.

O <u>território</u> assim constituído excede muito amplamente o núcleo de apresentação ostensiva (o foco e o núcleo de incidência)--constitui também ele um horizonte e tem uma presença meramente horizontal. Por outro lado, excede igualmente o campo de incidência--e excede-o muito amplamente.Em terceiro lugar, se também o campo de incidência está de cada vez presente só como horizonte, a presença meramente horizontal de que goza é muito mais forte, muito mais viva, do que a de todo o conjunto de horizontes externos que de cada vez integra o território, no sentido descrito. Mas, sendo assim, sucede entretanto que estes horizontes pertencentes ao território tampouco têm uma presença do mesmo tipo da que costumam ter os campos de realidade mais remotos não pertencentes ao território (por exemplo, o que haverá à minha direita a 700 ou 2 000 ou 100 000 km de onde estou, o que se passará no lugar de Dublin daqui a 500 ou 2000

anos, o que há 3 000 anos havia onde estou, etc.). O território (os sítios que frequento, as pessoas com quem me dou, o mundo do meu trabalho, dos meus interesses,etc.) tem habitualmente uma presença viva, muito mais intensa, com muito maior peso na perspectiva em que de cada vez me acho. Se, de facto, quando estou em casa e não me lembro expressamente de nada disso, é tão puramente horizontal a faculdade onde trabalho (ou a parte de Lisboa a que costumo ir) quanto uma qualquer ilha desconhecida do Japão; se, enquanto estou sozinho e absorto a trabalhar são tão puramente horizontais as pessoas que conheço e estimo como os milhões de pessoas por esse mundo fora (que sei que há mas não faço bem ideia de quem sejam)--a ligação que tenho com uns e os outros desses horizontes (o modo como estão "acesos" e estão aí para mim enquanto não os considero) é completamente diferente. Ou seja, não obstante o carácter meramente horizontal da presença em qualquer dos casos, o relevo que têm no horizonte e o modo como rodeiam o campo e o núcleo de incidência e estão em conexão com ele não têm comparação. Num caso trata-se de horizontes com que a minha vida tem contacto, que constituem referências dela, desempenham papéis no seu curso, interferem nele, etc.. No outro caso, estão completamente arredados, sem nenhum ponto de inserção no meu "trem" de vida. Correlativamente é para mim muito mais "natural" passar à consideração da faculdade ou dos pontos de Lisboa a que costumo ir, lembrar-me das pessoas que me são familiares, do que passar à consideração do que acontece numa qualquer ilha desconhecida do Japão, ou do que haverá num qualquer lugar da terra daqui a 500 ou 1000 anos, etc.

Nada disto significa que, então, de ordinário não se tenha nenhuma notícia desses horizontes para lá do território. A remissão horizontal inclui-os e eles estão sempre de algum modo presentes na própria perspectiva que se tem dentro do território--que sem eles seria inteiramente diferente. O reconhecimento da sua realidade--de

que estão aí, de que o mundo se prolonga por eles fora--não é em nada inferior àquele de que gozam os domínios pertencentes ao território(ou o próprio núcleo de incidência). Simplesmente, ao contrário do que sucede com o sector dos horizontes externos que está constituído em território, a sua presença e a notícia que deles tenho em regra não os faz emergir como algo que se imponha à consideração--como algo para que esteja voltado, para que olhe. Podem passar-se semanas, meses, anos, sem que esses horizontes sejam lembrados, chamem de algum modo a si e entrem em consideração--semanas, meses, anos, em que me mantenho inteiramente absorto nos campos de realidade do território, na esfera estrita das coisas próximas com que lido, e só considero campos de realidade dessa esfera.

Ora de tudo isto resulta uma conformação muito peculiar do "ângulo de abertura" da apresentação que temos.

As diversas propriedades que sucessivamente ficaram identificadas no exame do modo como está organizada compõem como que um "jogo" de efeitos contrários que se contrabalançam entre si.

Assim, se a apresentação ostensiva de que se dispõe é fechada e na verdade de amplitude bastante restrita, a presença permanente de apresentações horizontais e as características de que estas se revestem desfazem esse fechamento--expandem, abrem a nossa perspectiva. E a irrestrita mobilidade do foco de consideração (a irrestrita possibilidade que tem de se deslocar e de pôr em foco quaisquer horizontes, independentemente das suas dimensões e do seu grau de afastamento em relação à posição que se ocupa) compensa as restrições de amplitude e de mobilidade a que está sujeita a apresentação ostensiva, secunda a abertura irrestrita introduzida pelas apresentações horizontais e cria a possibilidade de um confronto com essa abertura irrestrita. Mas, por outro lado, a peculiar forma de contenção que se verifica no exercício habitual dessa mobilidade (a relativa sedentaridade do foco de consideração e a sua circunscri-

ção a um <u>território</u>), se não anula esse carácter inteiramente aberto da nossa perspectiva, amortece em todo o caso o seu efeito e faz que de facto fiquemos muito aquém de seguir essa abertura irrestrita. A maior parte dos horizontes externos é deixada a constituir um <u>fundo</u> sempre inatendido daquilo para que se olha--um fundo que se mantém apagado, não se considera. De sorte que, embora haja apresentações horizontais inteiramente abertas e embora subsista sempre a possibilidade de volver o olhar na sua direcção, essa possibilidade não costuma ser actualizada e aquilo com que habitualmente se é posto em confronto pela apresentação que se tem é de facto um domínio bastante restrito com uma muito pronunciada tendência para se fechar sobre si mesmo, absorvendo em si toda a mobilidade do olhar e fazendo que a perspectiva aberta introduzida pelas apresentações horizontais e pela possibilidade que sempre há de as seguir fique neutralizada e como que suspensa.

*

Se assim é, se há na verdade esta <u>tendência</u> para a <u>fixação</u> da nossa perspectiva, nada disto significa por outro lado que seja totalmente impossível suspender esta absorção do olhar no seu "território". Trata-se só de uma tendência, não de uma característica absolutamente inelutável. E tenho efectivamente a <u>possibilidade</u> de fazer incidir o foco de incidência para lá do território sobre os campos de realidade mais remotos de que, dada a constituição horizontal do meu ponto de vista, também tenho referência.

É precisamente isso que tende a acontecer por exemplo se, solicitados a ilustrar de alguma forma a nossa convicção de finitude, procuro identificar algo não tido, que nos escapa. Então a notícia do remoto emerge do apagamento em que normalmente se acha, ofere-

cendo-se-nos à consideração horizontes que nele se situam--por exemplo, terras que nunca visitámos, constelações distantes que desconheço, ou qualquer coisa assim.

Há uma consciência, mesmo que somente uma consciência difusa, do território, desse domínio já explorado daquilo que é próximo, e uma "lógica" que leva a situar o escondido no distante, no que fica fora dele.

Não sendo frequente, este volvimento do olhar para lá do horizonte próximo, a que normalmente se atém, esta modificação da incidência por meio da qual o remoto sai do apagamento em que sempre se acha, pode produzir-se de diversos modos e com diversas amplitudes de evasão relativamente ao território e de aumento de abertura.

O mais das vezes queda-se na identificação de exemplos, de diversos campos de realidade remotos--exemplos soltos, avulsos, como os citados. E isso que normalmente ocorre quando, esporadicamente, a absorção na esfera de proximidade deixa de ser absoluta. Acodem-nos então estes ou aqueles lugares, estes ou aqueles tempos desconhecidos e fora de alcance. De tal modo que, por diversos e diversamente extensos que sejam os domínios do remoto que assim advêm à consideração, conservam um carácter disperso e isolado. E de tal modo que essas saídas do "território" tendem a não ter a natureza senão de incursões--rápidas surtidas, incidências que duram por momentos e a breve trecho se desfazem, regressando o olhar ao plano do mais próximo, reabsorvendo-se nos caminhos familiares do território --e recaindo o remoto no apagamento, olvido em que habitualmente se acha.

Realizando-se deste modo, a focagem dos horizontes externos exteriores ao território, a suspensão do fechamento nele, é somente parcial--e não produz nenhum confronto do nosso ponto de vista com a extraordinária abertura de que goza e com a extraordinária extensão dos horizontes para que está desperto. Embora rompa a fixação total

no campo do que é próximo, uma tal focagem deixa ainda completamente fora de consideração a esmagadora maioria dos horizontes, mantendo intacto o alheamento a seu respeito.

Mas, por outro lado, também não há nada que em absoluto impeça um outro tipo de focagem do remoto. Chamada a atenção sobre esse "para-lá" do território e seguindo-se a própria indicação que se tem daquilo que nele se situa, pode surgir a ideia de algo que em regra não ocorre empreender--a ideia de um levantamento conjunto, "sistemático", de tudo o que se situa para lá do território, dos horizontes exteriores a ele : a ideia de uma focagem tanto quanto possível integral dos horizontes externos e de uma identificação o mais completa possível dos campos de escondimento que na verdade lhes correspondem.

Semelhante focagem tem naturalmente tudo a opor-se à sua sugestão.

Contraria-a, em primeiro lugar, a própria absorção no território--e o correspondente alheamento em relação aos horizontes exteriores a ele. E depois, quando essa absorção de algum modo se suspende, contraria-a ainda uma tendência para a fixação, para a absorção do olhar no domínio ou domínios remotos de que se lembra (repare-se como, ao ser citado por exemplo o Japão, não se pensou no que em cada uma das direcções à sua volta o rodeia, em toda a realidade que se estende a partir dessa, não se voltou o olhar para tudo quanto há entre o sítio em que se está e essa terra distante; e atente-se outrossim no modo como, mesmo ao haver apercepção disso, se tende por sua vez a deixar inteiramente fora de consideração, por exemplo, tudo quanto se situa ao sul, ou por exemplo também a continuação da realidade acima de onde se está, ou seja como não se tende a alargar o âmbito de consideração de forma sistemática, seguindo a indicação de horizontes que se tem, sem descurar nenhum dos seus momentos).

Mas, estando assim dificultada (e tudo se conjugando deste modo para que não se suscite), a ideia desse levantamento pode, ainda assim, surgir. E a focagem pode produzir-se, suspendendo-se assim o alheamento em relação aos horizontes exteriores ao território, no seu conjunto.

Por um lado, podemos constituir perspectivas de consideração globalizada, seguindo sistematicamente a indicação das apresentações horizontais, tanto no que diz respeito ao espaço quanto no que diz respeito ao tempo (e aqui, quer relativamente à continuação da realidade no passado, quer relativamente à sua continuação no tempo a vir). Nesta forma de consideração, o âmbito estende-se progressivamente do mais próximo para o mais remoto, do menos amplo para o mais amplo. Posso assim deter-me a considerar Portugal, a Europa, os diversos continentes, toda a terra, o sistema solar, a galáxia, etc.. Posso deter-me a considerar os últimos 20 anos, os últimos 50, 100, 200 anos, o último milénio, os últimos 10 000,50 000, 100 000 anos, etc. E assim também no que diz respeito ao futuro.

Por outro lado, nada me prende à mediação deste alargamento progressivo e à passagem pelas suas etapas intermédias. Posso considerar sem mais a terra toda, a galáxia, os últimos 100 000 anos e outros campos de realidade ainda mais englobantes.

Ora--e este é o ponto decisivo--ao romper-se esse "véu" de alheamento em relação ao "maciço" de horizontes que se indicam para lá do território, ao suspender-se esse condicionamento que normalmente nos mantém afastados de o considerar em toda a sua amplitude (quer dizer, ao olhar-se "de frente" para os horizontes exteriores ao território, ao ser-se levado a um efectivo confronto com eles), as dimensões de escondimento,de incompletude, que se declaram são na verdade dimensões de abismo, dimensões de molde a pôr em causa a forma natural da finitude como lacuna.

Aliás nem sequer é preciso chegar-se a uma focagem muito cir-

cunstanciada e sistemática dos horizontes exteriores ao território para se produzir um tal efeito. Mesmo só a consideração avulsa de alguns campos de realidade exteriores ao território pode bastar para dar a perceber uma incompletude de grandes dimensões. De tal modo que, ainda que considere por exemplo somente Portugal, um mínimo de capacitação do campo de realidade em causa e da extensão do campo de realidade que já tenho explorado e tornado familiar permite-me perceber que é colossalmente mais amplo aquilo que não tenho acompanhado (não está coberto pelo acesso de que disponho) do que aquilo de que efectivamente tenho acompanhamento.

Desta forma, desenha-se em relação à incompletude qualquer coisa que parece fugir e fazer oposição ao que antes ficou descrito acerca da forma natural da finitude e do dispositivo geral de minimização e subalternização das falhas que a apoia.

Com efeito, enquanto (como quase sempre acontece) o nosso ponto de vista está totalmente absorto nos campos de incidência que fazem parte do seu território (de tal modo que não se consideram os horizontes exteriores a ele, reina uma total distracção a seu respeito e a indicação deles, embora nunca nula, só fugidiamente está presente--e não o suficiente para fazer sentir a sua amplitude), a própria distracção e o alheamento, a absorção no território, não deixam desenhar-se nenhum campo de escondimento de grandes dimensões. E assim, por efeito dessa distracção e absorção no território, os aspectos de incompletude efectivamente identificados correspondem à figura de aspectos esparsos, de âmbito circunscrito, a que é aplicável todo o dispositivo de minimização descrito e que se integram perfeitamente no modelo da falha lacunar.

Mas se--como de facto é possível--se suspende a distracção a respeito dos horizontes exteriores ao território e se chega a uma consideração deles, dá-se a perceber sem grande dificuldade justamente a imensa amplitude daquilo que não se acompanha e como essa

amplitude tem dimensões tais que, comparados com ela, todos os campos de realidade conhecidos são de facto diminutos, constituem uma pequena "bolsa".

Desta forma, mesmo que semelhante apercepção não seja algo que com frequência se imponha, mesmo até que tenha qualquer coisa de remoto (de tal modo que é muito o que inclina a manter a não-consideração dos horizontes exteriores ao território, a distracção em virtude da qual o problema não se põe), uma mudança de incidência que se pode produzir sem dificuldade de maior e que por vezes se produz no curso habitual do nosso olhar revela uma situação claramente inversa da que se apontou ao descrever a forma natural da finitude e o dispositivo geral de minimização e subalternização das falhas. Apontou-se então que um dos elementos fundamentais da compreensão das falhas como lacunas é a circunstância de as falhas de cada vez reconhecidas terem âmbitos de incidência estritos, disseminados num maciço, num campo compacto de acesso tido por eficaz--de tal modo que o que está em falha são fragmentos (como que peças soltas de um puzzle que no fundamental já está resolvido, identificado--dominado). Ora isso parece de facto aplicar-se às demais modalidades de finitude (à finitude de erro, à finitude modal e à finitude de compreensão)--mas não à incompletude. No que diz respeito a esta, a contenção das dimensões das falhas pode valer enquanto reina distracção e a indicação natural dos horizontes externos não está seguida. Mas, assim que se realiza uma focagem minimamente atenta dos horizontes exteriores ao território, tudo muda de figura, a situação inverte-se--e é o tido que aparece como um mero fragmento, enquanto o não-acompanhado, pelo contrário, ganha o aspecto de uma imensa mole, de um campo maciço, compacto, em que o tido se perde como um pequeno enclave (um pequeno foco de realidade já explorada no meio de um imenso domínio de realidade ainda a descobrir).

Neste sentido, a incompletude parece constituir uma excepção,

não se integrando bem no quadro da forma natural que se descreveu como algo que habitualmente domina toda a nossa perspectiva. Embora a situação de reconhecimento da incompletude em que mais comummente se está (a que corresponde à absorção no território do olhar e ao esquecimento dos horizontes que o excedem) seja perfeitamente conforme com a forma natural e todo o complexo de minimização e subalternização das falhas que lhe corresponde, a situação emergente da focagem desses horizontes cai em grande parte fora desse quadro. Todas os aspectos de minimização das falhas que dizem respeito à pequena dimensão que têm e à respectiva integração e enquadramento dentro de um maciço de acesso eficaz perdem completamente o seu efeito, ficam subvertidos e manifestam-se totalmente inaplicáveis no caso da incompletude. De tal modo que a incompletude do nosso ponto de vista parece facilmente reconhecível como uma incompletude muito mais do que lacunar. E de tal modo que os únicos elementos do dispositivo geral que parecem ter aplicação no caso da incompletude são os que dizem respeito ao condicionamento da anisotropia de importância, de presença, etc--que podem sem dúvida suavizar, amortecer o impacto da incompletude mais do que lacunar que se desenha com a focagem dos horizontes externos, mas que de qualquer modo não são suficientes para impedir uma clara ruptura com o modelo da falha lacunar e a declaração de uma margem de incompletude muito mais grave.

É isto que parece suceder e a verificação deste estado-de-coisas parece comprometer a validade geral da forma natural da finitude e do dispositivo de minimização e subalternização das falhas que se descreveu. A descrição feita parece resultar de uma considerável simplificação, de uma generalização abusiva. De sorte que a vigência da forma natural da finitude, que se descreveu sólida, profundamente implantada, é de facto muito mais precária do que se afirmou e tem no caso da incompletude--e especificamente na co-apre

sentação de horizontes exteriores ao território e na possibilidade que há de os focar--uma "brecha", um "calcanhar de Aquiles", por onde de forma relativamente fácil se presta a derrogação.

Porém, se tudo isto parece evidente, de facto tal evidência é aparente e não é isto que efectivamente se passa. Mesmo produzindo-se uma focagem dos horizontes exteriores ao território, mesmo que essa focagem leve a um reconhecimento das extraordinárias dimensões da realidade que lhes corresponde (do modo como se mantém inacessível e como, assim, o tido tem as dimensões de um pequeno enclave perdido no meio de um maciço de realidade não acompanhada), mesmo que tudo isto pareça corresponder já a uma clara inversão de óptica, essa inversão é, em virtude de um conjunto de fenómenos que importa agora analisar, totalmente inefectiva--e de tal modo inefectiva que a perspectiva que se tem no seu termo de facto observa a forma natural da finitude e é inteiramente conforme a todo o dispositivo natural de minimização e subalternização das falhas, em todos os momentos antes descritos.

Mas como é que é possível ser assim? Como pode acontecer que havendo essa capacitação da ordem de grandeza da incompletude--que vê já uma desproporção abissal entre o que se tem e o que falta acompanhar--de facto se continue a ter uma perspectiva para a qual a incompletude é de reduzidas dimensões? Como pode suceder isso que parece tão pouco crível: que a inversão da relação-de-forças acompanhado/não-acompanhado que essa focagem dos horizontes exteriores ao território tão claramente parece produzir de facto não seja efectiva--e de tal modo não que na verdade também o reconhecimento da incompletude resultante dessa focagem tem a vigorar em si todo o dispositivo geral de minimização e observa inteiramente a forma natural da finitude ? Que é que pode retirar efectividade à mudança de perspectiva introduzida pela consideração do exterior do território e fazer que, embora produzindo inovação, constitua apenas

uma variante dentro do domínio da forma natural--um mero avatar de la?

É isso que se procura esclarecer de seguida, num exame mais detido das propriedades que caracterizam o nosso ponto de vista em relação à perspectiva que tem sobre os limites do acesso e aquilo que se situa para lá deles.

2.1.1.2 Os horizontes externos e a possibilidade de haver apercepção deles sem que se manifeste nenhum abismo de incompletude. Análise e desconstrução dos fenómenos que possibilitam apercepções dessa ordem.

O sistema de condicionamento que torna possível tudo isto--que à primeira vista se afigura tão difícil de admitir--é um sistema bastante complexo, cuja identificação requer demorado exame. São diversos os fenómenos envolvidos e cada um deles comporta uma multiplicidade de aspectos sem cuja detecção o condicionamento em causa não chega a revelar-se em todas as suas implicações e na maneira como efectivamente torna possível que a modificação introduzida pela focagem do exterior do "território" não corresponda a uma real inversão de óptica relativamente à forma natural da finitude, antes se integre perfeitamente nela.

Estes fenómenos de condicionamento, específicos da incompletude e responsáveis por todo o reconhecimento natural da incompletude se integrar sem qualquer excepção na forma natural da finitude correspondem aliás a qualquer coisa que também se passa com as outras modalidades de finitude.

Se, como se apontou, há um dispositivo geral de minimização e subalternização das falhas que actua comummente para todas as modalidades de finitude, isso não impede que para cada uma delas haja, além disso, fenómenos específicos que criam condições para que cada uma se integre nesse dispositivo geral e tenha um reconhecimento conforme com a forma natural da finitude. Como mais tarde se verá, também no caso da finitude de erro, da finitude modal e da finitude de compreensão há condicionamentos específicos desta ordem,

próprios de cada uma, e que as articulam com o dispositivo geral e com ele colaboram na produção do efeito de total integração na forma natural da finitude. Nesse sentido, a descrição inicialmente feita do dispositivo geral de minimização constitui só uma primeira aproximação ao modo de funcionamento da forma natural da finitude--uma primeira aproximação que já surpreende alguns aspectos decisivos (os principais "operadores"da redução das falhas reconhecidas à condição de meras lacunas). Mas ainda não se apercebe daquilo que em cada uma das modalidades concretamente prende a nossa perspectiva a modos de ver adaptados a esses "operadores" e a põe em "sintonia" com eles.

São quatro os principais fenómenos identificáveis como factores deste condicionamento específico no caso da incompletude. Tem cada um deles um carácter e um efeito próprio. Mas, por outro lado, acham-se habitualmente associados numa conexão muito estreita--de tal modo que se sobrepõem numa conjunção de efeitos e reciprocamente se reforçam e apoiam. Referimo-los sob a designação de esbatimento dos limites da apresentação, representação inautêntica de totalidades, princípio de homogeneidade e princípio de relegação de importância.

No exame a que agora se procede não se trata de conseguir efectivamente perceber como é que esses fenómenos são possíveis, de obter um acompanhamento adequado deles. Tudo isso oferece uma dificuldade extrema. Trata-se tão somente de os "isolar", de os pôr em relevo. Trata-se de detectar a forma como produzem um decisivo efeito de travagem no reconhecimento da incompletude, mesmo onde este parece alargar-se--e até alargar-se desmedidamente. E trata-se de mostrar como estes diversos condicionamentos introduzem uma radical distorção na perspectiva que se tem sobre a incompletude e mantêm escondida (se assim se pode dizer, "tapada") a situação onde se está deveras. Em suma, trata-se de conseguir dar pela sua intromis-

são, onde intervêm, e anular a distorção de perspectiva que introduzem e que precisamente impede o nosso ponto de vista de perceber a situação em que efectivamente está relativamente aos campos de realidade consignados nos horizontes externos (e como essa situação corresponde de facto a uma outra forma da finitude, muito diferente da forma natural).

2.1.1.2.1 O fenómeno do ESBATIMENTO DOS LIMITES DA APRESENTAÇÃO. Análise preliminar--o esbatimento dos limites do campo de incidência. O contraste entre a marcação de limites dentro do campo de incidência e a ausência de limites do próprio campo. A especificidade do esbatimento dos limites como esbatimento dos limites DA APRESENTAÇÃO e a sua irredutibilidade a formas mais vulgares de defeito de atenção --o condicionamento próprio do esbatimento dos limites da apresentação, o seu enraizamento e capacidade de resistência. O esbatimento dos limites do campo de incidência e o apoio que tem na presença de um CAMPO DE FAMILIARIDADE. A constituição do campo de familiaridade e as suas características. As modalidades de presença do campo de familiaridade--os fenómenos de presentificação, a presença permanente do campo de familiaridade em co-apresentação horizontal e o regime de determinação que lhes corresponde. O esbatimento dos limites do campo de incidência, as propriedades do regime de determinação no campo de familiaridade e a FUSÃO dos dois campos na apresentação habitual. O esbatimento dos limites do campo de familiaridade e as suas consequências--contraste entre as perspectivas que se têm COM e SEM esbatimento dos limites do campo de familiaridade. Os fenómenos de ARREDONDAMENTO e de PROPAGAÇÃO INDEFINIDA do campo de familiaridade e o seu papel na neutralização do reconhecimento da incompletude em relação aos horizontes exteriores e na compatibilização desse reconhecimento com a forma natural da finitude.

Considera-se em primeiro lugar o fenómeno designado como esbatimento dos limites.

Um dos aspectos fundamentais da apresentação que habitualmente temos constituída é a forma como é pródiga em marcações de limites. Os diferentes apresentados com que põe em contacto estão claramente apartados por apercepções de onde acabam uns e começam outros, de tal modo que os contrastes, as "cesuras" de delimitação constituem uma das traves-mestras da organização do apresentado e da sua

fixação.

Mas, sendo assim, se entretanto se examinar a acuidade de que o nosso ponto de vista se reveste no estabelecimento dos limites (na identificação das linhas de demarcação entre o que reconhece como não sendo idêntico), verifica-se que essa acuidade não se apresenta homogénea. Verifica-se em particular que a acuidade da demarcação é relativamente forte no que respeita a muitos dos "conteúdos", das realidades de que o nosso ponto de vista tem apresentação directa (e que se encontram contrastados de forma mais ou menos clara), mas diminui a ponto de se esbater completamente no que toca aos limites do próprio campo de apresentação, quer dizer, aos limites entre aquilo a que propriamente se tem acesso e aquilo que na verdade se furta ao olhar, se mantém escondido dele.

Ou seja, os limites do campo de apresentação que efectivamente se tem não estão vincados, não se impõem à vista, ficam mesmo totalmente apagados, por traçar. De sorte que, enquanto as diversas realidades compreendidas nesse campo têm limites bem desenhados, começam e acabam definidamente neste e naquele ponto, tudo se passa como se o próprio campo de apreentação não tivesse uma extrema, não acabasse, em cada direcção, num determinado sítio, num determinado "conteúdo", num determinado momento--deixando de acompanhar o que se situa "para lá".

Descrito assim o fenómeno e feita deste modo uma primeira fixação daquilo em que consiste, o esbatimento dos limites do campo de apresentação não se evidencia logo no seu significado, nem no efeito que tem e na importância de que se reveste. Trata-se de um fenómeno cujo enraizado domínio sobre o nosso modo de ver passa precisamente pela forma discreta como interfere--por não se dar por ele. E não basta fazer-lhe referência para que saia logo dessa interferência anónima que é a sua e se dê claramente a conhecer. Para o identificar, é preciso olhar em direcções para que o nosso o-

lhar não tende, fitar o que (precisamente em virtude do fenómeno em causa) sistematicamente tendemos a não fitar. E só um progressivo processo de focagem permite detectá-lo e perceber claramente a sua presença.

Estou, por exemplo, sentado à secretária. Há um conjunto de conteúdos, de realidades a que tenho acesso. A partir de mim e à minha volta estende-se um campo que o meu olhar cobre e acompanha. Nesse campo, o que se apresenta tem contornos mais ou menos marcados, definidos.O tampo da secretária, por exemplo, e as canetas, os papéis o candeeiro, o telefone, as estantes, o espaço livre e o ocupado, etc., etc., demarcam-se definida e pronunciadamente uns dos outros. De tal modo que, independentemente do grau de precisão de que essa indicação se reveste e dos problemas que, levada a exame, possa levantar, a indicação de qualquer modo está presente e está posta em relevo na apresentação que se me dá. Vejo muito claramente onde acaba o tampo da secretária, onde tem termo a folha de papel, que limites configuram o candeeiro, as canetas, o telefone, as estantes, o espaço livre e o ocupado, etc.. E, assim, se me for imposta a tarefa de identificar quais os limites entre as diferentes coisas que tenho apresentadas, posso encontrá-los sem qualquer dificuldade. Não preciso mais do que "ler" directamente os limites que a apresentação já tem marcados, vivamente marcados, não preciso de mais do que percorrer o que já está no próprio apresentado, sem ser obrigado a nenhum esforço de procura.

Por outro lado, tenho também uma indicação de que a abertura, se assim se pode dizer, da apresentação que tenho na situação em que me encontro, ao estar aqui sentado, não é ilimitada, mas finita. Conforme se acentuou anteriormente, caracteriza as diferentes apresentações que se vão tendo no curso natural do nosso ponto de vista que em nenhuma delas o apresentado é tido como esgotando já a realidade (como sendo pura e simplesmente "o mundo"--tudo). Sucede

antes que em todas essas apresentações estão presentes horizontes, referindo inexplicitamente a continuação da realidade para lá do que se tem efectivamente apresentado--dando notícia dessa continuação.Ou seja, independentemente das variações de amplitude a que estão sujeitos (sejam eles tão reduzidos como quando estou, por exemplo, debruçado sobre a minha secretária, de tal modo que só tenho apresentação directa de uma parte do que está sobre ela, ou tão amplos como quando em campo aberto vejo uma paisagem do alto de uma torre), todos os campos de apresentação directa dão-se sempre como fragmentos de uma realidade ainda mais ampla que os excede.

Ora, nestas circunstâncias (tendo-se assim sempre o próprio apresentado e algo mais, de que falta apresentação,a que não se chega), se a marcação dos limites fosse homogénea (igualmente feita para todos os diferentes de que se tem notícia), em cada uma das situações por que sucessivamente se vai passando, o apresentado (o directamente apresentado no seu todo) teria sempre, não menos marcado do que os limites entre as diferentes coisas incluídas nele (tão vivamente vincado como os limites dessas coisas), o desenho da sua própria fronteira e, nela, vivamente marcado também o começo dos campos de latência--o começo do não-tido.

Mas a verdade é que, ao apresentar-se-me, o próprio campo de acesso não tem nenhum contorno definido, não é um campo que se estenda até um determinado ponto e assinale nele o seu fim. Sendo finita a apresentação que propriamente tenho, sendo somente fragmentária, não se acha claramente apartado, demarcado, o que se tem e o que não se tem, o que se apresenta e o que não se apresenta, onde acaba o alcance da apresentação e começam domínios não acompanhados, campos de latência. Ou seja, o campo de apresentação não está delimitado como o estão a folha de papel, o telefone, o tampo da secretária. Caracteriza-se precisamente por esta particularidade de, não sendo--como de algum modo sempre sei--um campo não finito, a-

companhando toda a realidade, não ter, apesar disso, traçada a fronteira do seu próprio alcance.

É isso que se manifesta se me vejo confrontado com a tarefa de fixar os limites do que propriamente tenho, os contornos do campo de apresentação directa em que me acho. Como anteriormente já se apontou, vejo-me então obrigado a um esforço de focagem, a um levantamento--tenho de examinar e reflectir, encontro dificuldade. Ao contrário do que sucede com os limites entre as coisas dentro do campo de acesso, os limites do próprio campo não se dão imediatamente a ver com nitidez, não estão já inteiramente assinalados de tal forma que não precise mais do que "lê-los" directamente da própria apresentação como sempre já a tenho.

Isso já acusa inequivocamente a não marcação dos limites do campo de apresentação. Mas, para perceber ainda mais distintamente a que ponto é assim, considere-se que é que corresponderia a ter efectivamente marcados os limites do acesso, que perspectiva resultaria disso--e em que medida a perspectiva que habitualmente se tem é ou não diferente dessa.

Se os limites da apresentação propriamente tida se achassem efectivamente marcados (e uma vez que, como se apontou, em toda a apresentação que se tem há horizontes externos e todas têm notícia do seu carácter meramente fragmentário), fosse qual fosse a amplitude do campo de apresentação directa de cada vez constituído, ele teria sempre de se ver como uma clareira mais ou menos ampla rodeada de campos de latência, confinando em todas as direcções com domínios de incógnita. De tal modo que, por mais amplas que fossem, da mesma forma que têm consigo aquilo que manifestam, as apresentações directas teriam também sempre consigo (tão fortemente presentes quanto as diferentes coisas no seu âmbito de alcance) esses campos de escondimento de que são limítrofes e ver-se-iam sempre sob o cerco deles, com eles à volta.

Ora não é nada disto que de ordinário se passa. De ordinário a apresentação directa não se vê como uma clareira fechada, cercada por domínios de incógnita, tendo desenhado o começo deles. Habitualmente a apresentação que propriamente se tem não se estende até um determinado ponto, declarando-se aí que ela acaba ("não vai mais") e que aí começa um campo de escondimento, a que o nosso ponto de vista não está a ter acesso. Vendo bem, costuma reinar antes uma omissão total a respeito deste aspecto, uma não-delimitação. E isto em todas as direcções em que o campo de apresentação se estende à nossa volta, num sistemático esbatimento do seu termo.

E deste modo o domínio de não-acesso, o campo de latência em causa na incompletude do ponto de vista, não tem habitualmente uma presença real no horizonte, não está aí em nenhum lado, numa concreta imposição de si.

*

Mas examinemos melhor as características desta peculiar omissão ou esbatimento e o modo como está enraizada nas perspectivas que habitualmente temos.

O primeiro aspecto a assinalar é que o fenómeno em causa é um fenómeno de esbatimento dos limites da apresentação ou do campo de apresentação. Por razões de economia a designação usada será muitas vezes a de "esbatimento dos limites", mas é preciso ter sempre em conta que essa é uma forma elíptica da expressão mais extensa e que, se se perde de vista o segundo complemento determinativo e aquilo que ele fixa, perde-se também de vista o fundamental do que está em causa no fenómeno.

Ao falar-se de esbatimento dos limites da apresentação ou do cam-

po de apresentação aquilo que está em causa são as fronteiras onde a apresentação acaba e onde, correlativamente, começam campos de latência. O que caracteriza o limite da apresentação ou do campo de apresentação enquanto limites da apresentação ou do campo de apresentação é precisamente essa particularidade de se definirem como fronteiras entre um domínio de patência (de acesso, de acompanhamento) e um domínio de latência, de não-acesso, escondimento. É disso que se trata e só um limite assim definido (i.e., que esteja traçado de tal modo que se apresenta assim, efectuando tal delimitação) é um limite da apresentação ou do campo de apresentação. De tal modo que, onde estejam traçados limites, mas estes não se apresentem como limites dessa natureza (acusando essa diferença entre acesso e escondimento, realizando essa delimitação), apesar de haver marcação de limites essa marcação é irrelevante e nula para efeitos de delimitação da apresentação e não faz que deixe de haver ausência de limites no que a esta diz respeito.

Só tendo claramente em vista isto é possível perceber bem a natureza peculiar do fenómeno de que se trata. O qual, de facto, difere de outras possibilidades de esbatimento (de não marcação de limites) com que se presta a ser confundido (por forma que faz perder inteiramente aquilo que ele tem de próprio).

Assim, por um lado, o esbatimento dos limites da apresentação não significa pura e simplesmente a total ausência de marcação de limites (ou uma grande fraqueza--um carácter muito "sumido"--da marcação de limites) nos "sítios" onde a apresentação de facto "acaba". O esbatimento dos limites da apresentação não significa a total ausência de notícia (ou o ter-se só uma notícia muito diluída, difusa) disso que de facto limita o campo de apresentação. Explicando melhor: Pode muito bem acontecer--e em regra até acontece--que o termo da apresentação propriamente tida coincida com limites de objectos apresentados nela. Por exemplo, o chão, as paredes, o tecto

da sala onde me encontro, as fachadas dos prédios fronteiros até aos quais se estende a vista que tenho da janela, constituem agora os limites da apresentação que propriamente tenho. Mas ao mesmo tempo correspondem justamente a limites de objectos no campo de apresentação--a limites que a apresentação tem sempre já traçados. Ao estar na sala, tenho sempre já assinalado o limite entre o espaço livre e o chão, os limites estre o espaço livre e as paredes, tenho claramente delimitado onde é que, em todas as direcções, acaba a sala, etc.. Esses diversos limites constituem mesmo elementos fundamentais da apresentação da sala, a que constantemente me reporto ao encontrar-me nela. Simplesmente, encontrando-se assim sempre já delimitados, estão-no precisamente só enquanto limites de objectos, realidades que a apresentação acompanha e não como limites da própria apresentação--onde esta acaba e começa aquilo que não se tem. E assim também para as fachadas dos prédios fronteiros, etc..

Neste sentido, o esbatimento dos limites do campo de apresentação é distinto do total esbatimento dos limites que efectivamente circunscrevem o campo de apresentação e pode muito bem coincidir com uma marcação (e até mesmo com uma muito viva marcação) desses limites. O mesmo limite pode estar marcado como limite de realidades apresentadas e totalmente esbatido como limite do campo de apresentação (e tanto quer dizer, início de um campo de escondimento). Trata-se de duas ordens de delimitação completamente distintas, de tal modo que a primeira não conduz à segunda e, em virtude de uma forma própria de condicionamento, pode haver nesta última uma total ausência de marcação de limites precisamente onde se tem plena e viva notícia de limites na esfera da primeira.

Por outro lado, isto é tanto assim que o esbatimento dos limites do campo de apresentação também não se produz só enquanto os limites em causa (no caso concreto, os limites das paredes da sala, do chão, das fachadas dos prédios que se vêem, etc.) estão traçados,

sim, claramente percebidos, mas não se acham fitados, não estão no centro do foco de incidência, antes numa presença meramente "periférica". Não (e esta é a segunda confusão a que a referência ao fenómeno se presta e que importa desfazer para o conseguir detectar na sua peculiaridade). De facto, muitas vezes o nosso olhar (o foco de incidência) está concentrado no meio do campo de apresentação, absorto nestas e naquelas coisas, nestas e naquelas tarefas, que o mantêm desviado de se concentrar na consideração da "periferia"--no caso, das paredes, do chão, etc.(posso olhar para pontos no chão, no tecto ou nas paredes, posso inclusivamente "varrer" partes dessas superfícies, mas só distraidamente,"de passagem",sem me deter neles, sem efectivamente os fitar, estando de facto absorto noutras coisas). E, nesse sentido, essas superfícies que efectivamente constituem os limites da apresentação que tenho enquanto estou na sala mantêm-se de facto a maior parte do tempo numa posição "periférica". Mas isso não impede que pelo menos ocasionalmente atente expressamente nas superfícies em causa, me concentre sobre elas, siga o seu traçado, as percorra demoradamente. Ora, mesmo nessas circunstâncias em que não somente os limites em causa estão traçados, mas, para além disso, reparo neles, esse reparar não implica de modo nenhum a percepção desses limites como limites do campo de apresentação. Posso olhar demoradamente o chão, as paredes,etc., deter-me nessa consideração, sem que minimamente me ocorra como a apresentação que propriamente tenho "para" aí, como aí começam domínios de realidade já fora de alcance--campos de escondimento, em relação aos quais a apresentação que tenho é incompleta. Numa palavra, posso fitar o que de facto constitui o limite do campo de apresentação e não o ver como limite do campo de apresentação--não ter minimamente fixado esse limite.[39]

O esbatimento dos limites do campo de apresentação (a tendência para ele) é tal que vai mesmo ao ponto de, estando produzidas

as delimitações que lhes correspondem e inclusivamente incidindo o foco temático sobre os limites correspondentes, não se produzir a auto-delimitação da própria apresentação--de tal modo que esta se mantém sem qualquer fixação de limites.

A não-delimitação (esbatimento dos limites) da apresentação é assim irredutível a uma simples falta de atenção ou distracção, é irredutível à simples manutenção dos limites numa posição "periférica", "longe" daquilo que se considera. Corresponde a um condicionamento de inatenção ou distracção, sim, mas (se assim se pode dizer --e a expressão é inadequada, pois de facto não há nenhum acto de selecção) a uma inatenção ou distracção "selectiva": a uma inatenção ou distracção que pode coincidir com a atenção aos limites em causa e só mantém de fora (em esquecimento, como qualquer coisa em relação à qual se está desatento e distraído) a própria delimitação do campo de acesso--e só ela.[40]

Em virtude deste peculiar condicionamento, havendo, como se apontou, todas as condições para que o acesso se perceba limitado, percebendo-se ele de facto como um acesso limitado--e havendo desse modo todas as condições para que identifique os seus limites e estabeleça onde começa aquilo que lhe escapa, essa delimitação-- justamente essa--não se faz nem se dá minimamente pela sua falta.

*

Em circunstâncias normais, é esta peculiar forma de esbatimento dos limites da apresentação que reina, há este peculiar alheamento, este condicionamento que faz não ver esses limites e em virtude do qual a própria apresentação constitui como que uma mancha sem contornos, que não tem um desenho definido dos seus fins e cor

relativamente também não tem desenhado em sítio nenhum a linha de contraste entre ela e o seu "exterior".

Tudo isto não significa, entretanto, que esta tendência para o esbatimento dos limites da apresentação, que assim é em regra dominante, seja absolutamente impossível de vencer--de tal modo que nunca se chegue a uma identificação de tais limites. De facto, como o próprio exame documenta, suscitando-se a questão e gerando-se reflexão a este respeito, é necessário algum esforço de focagem, sim, mas posso chegar a perceber que o que me está propriamente apresentado não vai, por exemplo, além das paredes da sala--que o que se situa por detrás das superfícies das paredes a que tenho acesso na verdade já escapa ao meu alcance : ou seja que aí se abre um espaço para além do campo propriamente acompanhado por mim na situação em que estou.Do mesmo modo, embora exija um esforço de focagem, não oferece dificuldade de maior perceber que, olhando pela janela, alcanço só até aos prédios fronteiros em que nunca estive e, destes, propriamente apenas as paredes e os vidros--tudo o mais constituindo igualmente um horizonte para lá do campo a que propriamente tenho acesso.

Estas são, naturalmente, apenas algumas das linhas de delimitação que, insistindo, é possível detectar. Mas esta mesma parcimónia, este não ir além de alguns exemplos mais ou menos soltos, é precisamente característico do que tende a acontecer quando se chega a tentar uma focagem dos limites da apresentação. Pois também aqui; como no caso mais geral da identificação de factores de finitude (e embora aqui já haja uma orientação mais definida para a procura, uma pista concreta que se dá a seguir--trata-se de determinar onde acaba a apresentação efectivamente disponível), a tarefa de identificação não se resolve de forma expedita, desenvolvendo-se sem impedimento do princípio ao fim, de tal modo que a breve trecho se obtenha uma integral detecção dos limites em causa, uma

total dissipação do seu esbatimento. Não. Também aqui não só se é sempre de novo obrigado a um esforço de focagem, mas regista-se também uma tendência para estacar e, uma vez encontrados já alguns limites, "deixar morrer a coisa", não procurar mais. Por outro lado, mesmo insistindo-se, há uma sistemática tendência para atender só a certas direcções e a certos tipos de limites (por exemplo, para procurar a delimitação da apresentação nos diversos quadrantes frente/trás, direita/esquerda, em percursos de desenvolvimento horizontal, e para esquecer os limites superiores e inferiores do campo de apresentação; ou, por exemplo, para atender somente aos limites que o campo de apresentação tem no espaço e para esquecer completamente aqueles que também tem no tempo). De tal modo que o esbatimento não se produz só enquanto não há reflexão a respeito dos limites da apresentação--mesmo tendo-se chegado ao ponto de procurar esses limites, os resultados a que se chega tendem a ficar aquém (e, como se verá mais tarde, de facto muito aquém) de uma total identificação dos limites da apresentação e a deixar ainda despercebidos muitos dos limites que efectivamente a circunscrevem.

Mas estes são só alguns aspectos e ainda não tocam o ponto decisivo da "resistência" que o esbatimento dos limites ainda opõe mesmo uma vez já desencadeada uma tentativa de identificação deles e de supressão desse esbatimento. O ponto decisivo está em que se pode muito bem ter já uma identificação global de limites da apresentação (de tal modo que se é capaz de indicá-los) sem que a isso corresponda uma efectiva auto-delimitação da apresentação, tal que no seu próprio curso tenha assinalado o seu fim em todos os pontos onde acaba e assinalado correlativamente aí também o começo de campos fora de acesso.

Com efeito, pode-se perceber já um determinado "traçado"--reconhecer o chão, as paredes, etc., como limites e estabelecer globalmente a sua correspondência aos limites da apresentação que pro-

priamente se tem. Isso não oferece uma assim tão grande dificuldade. Mas, de facto, por um lado a perspectiva assim constituída é ainda completamente diferente de ter seguidos esses limites em todo o seu curso (constitui já uma remissão para eles, mas não um acompanhá-los de tal modo que fique efectivamente desenhado e presente na própria apresentação o contorno que lhes corresponde[41]). E, por outro lado, vendo bem, ainda que já consiga seguir esses limites e tê-los todos vivamente"recortados", a perspectiva assim constituída tende justamente a segui-los somente como limites de objectos apresentados (o limite entre o espaço livre e um espaço "barrado" que corresponde à superfície das paredes,etc.) e não como limites da própria apresentação, onde ela se queda e começam campos de escondimento. Quer dizer, ainda que já haja uma tese de correspondência entre esses limites de objectos e os limites da apresentação, essa tese tende a não ser convertida, no concreto da apresentação que se tem, de tal modo que apareça efectivamente em todos esses limites o começo de uma esfera de latência. O condicionamento de não constituição concreta desse tipo de limites mantém-se mesmo nessas circunstâncias. E precisamente por isso, vendo bem, mesmo depois de já se terem em vista as paredes, o chão, as fachadas dos prédios (ou o que quer que seja que de cada vez circunscreva a apresentação propriamente tida) e de estar reconhecido que correspondem a limites do campo de apresentação, de facto continua-se ainda a ter uma perspectiva muito diferente da de ver o campo de apresentação como uma exígua clareira (como a exígua clareira que corresponde a esses limites) rodeada em todas as direcções por campos de escondimento. A esse respeito, a perspectiva que se tem depois desse tipo de detecção dos limites da apresentação não difere significativamente da que se tem antes. "Saber" desse modo que os limites da apresentação são estes e aqueles é assim muito diferente de ter a apresentação efectivamente limitada--vendo-se a si própria com os

limites que tem. Embora uma coisa tenda a confundir-se com a outra, é grande (corresponde a perspectivas muito diferentes) a "distância" que as separa--e é justamente uma distância difícil de vencer. Pois--e aqui é que está o elemento fundamental da resistência deste fenómeno, da sua pertinácia--por mais que saiba quais são os limites, sempre de novo há grande dificuldade em modificar a apresentação por tal forma que se integrem no próprio "tecido" da apresentação, apareçam desenhados nela e ela passe a surgir com um alcance fechado--e seja efectivamente vivida como uma clareira em todo o lado rodeada por horizontes vedados.[42]

Desta forma, mesmo produzindo-se já alguma mudança relativamente ao que habitualmente ocorre, mesmo estando já focado os limites da apresentação e postos eles em relevo de forma que contrasta com a omissão total a seu respeito, essa mudança não tem o significado que sugere e não basta para suspender o esbatimento até a respeito dos próprios limites que já foca. Ao contrário do que à primeira vista parece, tende mesmo a manter intacto esse esbatimento, de forma modificada, sim, mas que conserva o fundamental do seu efeito sobre a nossa perspectiva.

Por outro lado, ainda que se consigam vencer estas dificuldades e obter já uma efectiva modificação do estado de coisas, passando-se a ter limites efectivamente traçados no próprio tecido da apresentação e acusando-se já inequivocamente como limites dela, a modificação com isso introduzida pode ainda (e na verdade tende a) não traçar os limites de tal forma que se imponham plenamente num vivo efeito de confinamento do campo de apresentação, numa plena manifestação dos campos de latência com que faz fronteira.

Com efeito, além de poder persistir sob a forma de não "concretização" dos limites reconhecidos como limites da apresentação (efectivamente traçados nela e convertendo-a numa apresentação que definidamente, a partir destas e daquelas linhas de fronteira, cede

lugar a campos de latência), o esbatimento dos limites pode ainda subsistir em virtude de os limites assim traçados o estarem sem acuidade--sob esbatimento do seu sentido de limites.

O que é que se quer dizer com isto?

A perspectivação de um limite da apresentação (ulteriormente ver-se-á com mais vagar este problema) não é possível sem a notificação daquilo a que não se chega, daquilo que se situa para lá--parte dessa notificação, consiste propriamente nela. É na emergência disso e pela emergência disso que o limite assoma enquanto tal. Se é assim, por outro lado, também a acuidade com que o limite se apresenta depende decisivamente da acuidade, da nitidez, do "impacto" com que se apresenta o "para lá" a que se reporta.

E aqui reside o cerne da questão. Pois a apresentação e perspectivação do "para lá", do campo de latência ocorre tendencialmente em nós de tal maneira que precisamente neutraliza a manifestação do campo de latência enquanto tal.

Explicando melhor:

Quando, por exemplo, olho as paredes da sala onde me acho (ou vejo os prédios em frente da janela) e a perspectivação disso inclui a percepção de que para lá das paredes e por detrás das fachadas dos prédios há horizontes de realidade que a apresentação que agora tenho não acompanha, a perspectivação dos limites que aí ocorre radica na conjugação da apresentação que propriamente tenho--de tudo o que tenho até às paredes da sala, de tudo o que tenho até às fachadas dos prédios fronteiros--com uma notícia que de algum modo me refere o não-tido, o "para lá". Só que as duas formas de notícia aqui em causa (a do tido e a do não tido) têm uma força e um peso completamente diferentes.

Como se teve já ocasião de apontar, há em regra um condicionamento em virtude do qual a apresentação do não-tido não se reveste nem de perto nem de longe da nitidez, da presença, do impacto com

que se nos impõe isso a que efectivamente temos acesso, antes tem uma natureza vaga e de tal ordem que não se inscreve aí perante nós--com a presença, a importância, a concretude que aí têm as coisas de que dispomos---o "buraco", se assim se pode dizer, correspondente ao campo de latência cuja presença reconhecemos.

E, desta forma, havendo embora uma indicação dos limites e o correspondente desenhar de campos de latência, os campos de escondimento (e correlativamente os limites) não se apontam com suficiente "força" e acuidade--com uma "força" e acuidade suficiente para justamente se imporem de forma vincada e introduzirem no campo de apresentação que de cada vez se tem, com a mesma vivacidade, o mesmo "peso" das outras coisas que estão presentes nele, a configuração das "fronteiras" em que tem o seu fim. Ainda que já identificados limites e percebido já claramente o seu sentido como limites do campo de apresentação, na verdade o seu esbatimento mantém-se.

Essa é, entretanto, apenas uma das razões por que a notícia dos campos de latência para lá dos limites da apresentação efectivamente disponível (e, correlativamente, a própria marcação desses limites), mesmo uma vez detectados os limites em causa e claramente percebida a presença de tais campos de latência, se mantém enfraquecida, neutralizada, fazendo persistir sob outra forma o esbatimento dos limites da apresentação. Há ainda um outra (e fundamental) razão , que de facto também está "por detrás" dessa falta de "força", impacto, da notícia do não tido pela apresentação de que se dispõe. E essa razão é muito simplesmente a de que, por mais que reconheça que a apresentação que efectivamente estou a ter não vai além das paredes, das fachadas dos prédios fronteiros, etc., isso não me leva a ver as coisas como se, logo a seguir às paredes desta sala, ou logo a seguir às superfícies das fachadas que vejo, começassem campos de escondimento no sentido forte do termo--campos de incóg-

nita, de total incógnita, tais que conferissem ao acesso onde me a
cho o carácter de um pequeno enclave, perdido numa cercania de que
nada soubesse, a respeito da qual estivesse inteiramente "a zero".
A apresentação directa pode ter o alcance limitado em virtude do
qual de momento não acompanho mais do que a sala e o espaço que me
deia entre as janelas e os prédios até onde se estende a vista que
facultam. Mas isso não faz que se esgote aí o que sei da realidade
à minha volta, o património de acompanhamento de que disponho a seu
respeito.

Apontou-se antes que a mobilidade de incidência de que está pro
vido o nosso ponto de vista costuma ater-se a um determinado con-
junto de horizontes próximos, por tal forma que se tem constituído
como que um "território" do olhar--um conjunto de campos de reali-
dade que se frequentam, por que repetidamente passa o curso do olha
Ora a esse fenómeno não corresponde somente a insistência do olhar
num determinado conjunto de campos de incidência, como se se tra-
tasse somente de regularidades nos percursos efectuados, sem qual-
quer outra consequência. Nesses insistentes percursos do olhar, ba-
tendo os domínios de realidade que frequenta, constitui-se qualquer
coisa como um campo de familiaridade. Das explorações sucessivamen-
te feitas nas deslocações de incidência resulta um adquirido perma-
nente, uma fixação daquilo que há nos campos de realidade assim ex-
plorados--de tal modo que esses campos ficam perspectivados como es
tando já percorridos, postos a nu, dominados. Ou seja, à insistên-
cia do olhar sobre os campos de realidade que se integram na sua es
fera de proximidade está associada uma evidência de controlo desses
campos, de soberania do nosso ponto de vista sobre eles.

É assim que inexplicitamente tenho percebido o ambiente (os lu-
gares, os objectos, as pessoas) dentro do qual me movo na cidade on
de vivo, no sítio onde trabalho, etc.. E é isso que me falta na pri-
meira vez que estou numa cidade desconhecida--e é isso que imedia-

tamente começo a constituir quando chego a ela, explorando a sua área por forma a desvendá-la, a abrir nela uma esfera de familiaridade, a implantar nela o meu domínio.

O campo de familiaridade assim constituído corresponde à acumulação das apresentações actuais, dos sucessivos núcleos de incidência que foram sendo tidos, de tal modo que essas diferentes apresentações, embora já passadas e em grande parte perdidas, não estão totalmente desvanecidas sem deixar qualquer rasto--nada que acompanhe a apresentação actual (o núcleo de incidência ou o campo de incidência que de cada vez se tem disponível). As apresentações correspondentes a essas incidências já passadas estão desfeitas no sentido em que não as tenho comigo na forma como tenho o núcleo de incidência de cada vez constituído. Mas não estão desvanecidas no sentido de se ter perdido totalmente o apresentado nelas--de nada ter ficado em resultado de haverem ocorrido. Sucede antes que há retenção do já apresentado e que o que ficou de umas está agregado ao que ficou das outras, compondo um quadro de retenção conjunta, de acumulação de apresentados, muito para lá do que de cada vez se tem em incidência.

Essa conjugação tem um carácter muito peculiar. Não corresponde propriamente a uma acumulação (no sentido estrito) de todas as apresentações, de todos os núcleos de incidência, que no passado sucessivamente foram tidos, conservando todos e cada um deles na sua especificidade (por exemplo, cada uma das apresentações que já tive das ruas em volta da minha casa, das pessoas que conheço, do Rossio, etc.). Podendo embora haver estes e aqueles momentos da apresentação passada que de forma especial estão mantidos em relevo, a maior parte das diferentes apresentações sucessivamente tidas está como que "condensada" em apercepções que não fixam senão algumas características do apresentado--daquilo que nesses diversos percursos do olhar nos veio a encontro. De tal modo que o que fundamentalmente

está retido não é propriamente o percurso do núcleo de incidência (que, ao longo dos anos, se fixou primeiro nisto, depois naquilo, depois naqueloutro, etc.), mas antes um conjunto de determinações, de campos de realidade com que foi topando--que foram ficando postos a descoberto ao longo desse percurso.

Constituída assim, com relativo apagamento dos percursos efectivamente realizados e concentração nas características dos campos de realidade percorridos, esta peculiar forma de acumulação agrega uns aos outros os campos de realidade sucessivamente percorridos e compõe perspectivas alargadas de campos de realidade mais vastos, englobantes, em que cada um deles se integra. Por outro lado, em virtude de um complexo de teses (sobre a natureza mais ou menos constante das coisas, etc.), essas fixações relativas ao que se encontrou no passado não estão produzidas de tal modo que se atenham estritamente ao tempo em que efectivamente se teve apresentação daquilo a que respeitam (como fixações do que era nessa altura), mas como fixações de realidades, estados-de-coisas que ainda são--e que de facto não se estendem apenas até ao tempo em que se está, antes se prolongam ainda para além dele, numa projecção onde também o tempo futuro fica antecipado e estabelecido o modo como as coisas continuarão a ser. [43]

Ora, sendo assim, o que em regra sucede é que os campos de incidência onde de cada vez nos achamos estão precisamente situados no meio de campos de familiaridade desta ordem. De tal modo que aquilo que se situa para lá dos campos de incidência de facto não é algo relativamente ao qual se esteja "a zero", de que não se faça a mais pequena ideia, mas campos de realidade a respeito dos quais estão produzidas fixações daquilo que os ocupa.

Essas fixações têm um carácter peculiar, diferente do das que se impõem nos domínios de apresentação ostensiva.

Com efeito, se as apresentações directas anteriormente tidas não

se desvanecem sem deixar rasto, antes constituem um resíduo, que da forma descrita persiste e acompanha a apresentação ostensiva que de cada vez se vai tendo, não sucede apenas que os percursos efectivamente feitos (a sucessão de incidências por que se passou deveras) sofra um apagamento. Sucede também que a fixação de determinações (de características dos apresentados) em que as múltiplas apresentações tidas se condensam tem um carácter bastante menos preciso, bastante menos determinado do que aquele que costuma caracterizar as apresentações ostensivas (os núcleos de incidência).

Assim, mesmo que se trate da rua em que moro ou daquelas por que passo praticamente todos os dias, do lugar onde trabalho (ou de qualquer dos campos de realidade mais frequentemente batidos nos percursos habituais do meu núcleo de incidência), a fixação permanente de que disponho a seu respeito e que estou em condições de recuperar enquanto não se dão numa apresentação directa, ostensiva, é muito menos saturada de determinações, muito mais vaga e mais difusa do que aquilo que se manifesta na sua apresentação directa. Está fixado, por exemplo, que são ruas (não campos ou jardins), se são ou não interrompidas por transversais, têm ou não correntezas de casas dos dois lados, são mais ou menos largas, está fixado o tipo de edifícios que as marginam (que não são pagodes nem palácios, nem casas de madeira nem vivendas, mas prédios de determinado tipo, mais ou menos com esta e aquela altura, esta ou aquela mancha de cor, etc.). Mas já tenho muito mais dificuldade em encontrar cada um dos prédios e mesmo a configuração precisa de cada quarteirão, muito mais dificuldade ainda tenho em encontrar precisamente qual a traça dos prédios, precisamente quantos andares têm, qual é exactamente a posição das portas, como se distribuem e que formato têm as janelas, varandas, qual a combinação de cores, etc..

Mas mais. Se o regime de determinação vigente no campo de familiaridade se caracteriza por essa quebra de precisão relativamente

ao que se regista no núcleo de incidência, esse grau de determinação menos preciso de facto não corresponde senão ao máximo de determinação que o campo de fasmiliaridade pode atingir--sendo que a mais das vezes a determinação que o preenche é ainda menos precisa, mais difusa.

Com efeito, esse é o regime de determinação a que se chega nas presentificações do campo de familiaridade--quando, considerando-o expressamente, se percorrem aspectos desse campo em percursos de apresentação quase ostensiva. Tenho a possibilidade de, sem sair de onde estou, figurar o campo de familiaridade, deixar-me "transportar" até estes ou aqueles sectores desse campo, de tal modo que quase vejo como são, o que há neles. Estando aqui nesta sala, posso percorrer em presentificação o que há logo a seguir, se sair dela, o que há na continuação, se sair de casa, o que encontro até à entrada do prédio, a rua para que dá, as ruas circundantes, os sítios a que levam, todo o caminho daqui até à faculdade e as cercanias dela--e assim também relativamente a uma grande parte de Lisboa, etc..

Ora, de facto, o campo de familiaridade está muito longe de se reduzir ao que é seguido em tais percursos, nem tampouco "entra em cena" somente quando se torna de algum modo considerado e se produzem percursos desta ordem.

Vendo bem, os percursos de presentificação, em que com toda a evidência se documenta o domínio que se tem do campo de familiaridade têm sempre um âmbito restrito, cobrindo de cada vez só uma pequena parte desse campo. E não acontece que o domínio que temos da realidade para lá do campo de incidência cubra só o âmbito restrito que de cada vez está seguido deste modo. Por outro lado, semelhantes percursos de presentificação só ocasionalmente têm lugar. E não acontece de modo nenhum que, embora correspondendo a um resíduo permanentemente constituído, enquanto não se dão presentifica-

ções como as referidas (enquanto se está totalmente absorto no núcleo sc. no campo de incidência de cada vez constituído), esse resíduo (esse saber do campo de familiaridade) esteja completamente apagado, "adormecido" e sem qualquer função na perspectiva que se tem. Por maior que seja a concentração no núcleo de incidência, está-se sempre muito longe de ter só uma indicação de continuação da realidade para lá dele, totalmente vazia quanto àquilo que a preenche, totalmente neutra a seu respeito--com um "zero" de determinação, só com a "nua" indicação de que a realidade não acaba.

Assim, por uma parte, cada percurso de presentificação tem um carácter tal que também ele corresponde à deslocação de qualquer coisa como um "cursor"--um cursor de apresentação quase-ostensiva, com um "calibre"restrito, que sucessivamente cobre estes e aqueles "troços" (o vestíbulo da casa, passada a porta as escadas, lá em baixo o átrio, a rua, cada uma das outras ruas para que dá, etc.). À medida que o "cursor" da presentificação se desloca, os próprios domínios já percorridos (e que acabaram de ser apresentados com precisão quase-ostensiva) vão justamente ficando para trás e perdendo essa precisão.E os campos de realidade que de cada vez ainda não entraram em consideração nesse percurso ainda não estão apresentados de forma quase ostensiva, "caem fora" do cursor. De tal modo que o núcleo de presentificação tem sempre um âmbito na verdade bastante restrito--não muito diferente do que caracteriza a apresentação ostensiva propriamente dita. Porém, sendo assim, não acontece que esse núcleo se situe de cada vez num contexto completamente em aberto--a respeito do qual nada se sabe.Não.O núcleo assim de cada vez posto em foco não está rodeado por um campo de incógnitas--acha-se ele próprio de cada vez <u>situado num contexto de familiaridade</u>, sem que a fixação desse contexto familiar se faça por presentificação, por apresentações quase ostensivas dos campos de realidade que lhe correspondem e das determinações que as preenchem. Ou seja, a esfe

ra de familiaridade com que se está em contacto nessas presentificações não se esgota naquilo que de cada vez cai dentro delas--os conteúdos das presentificações acham-se inseridos em quadros de familiaridade mais amplos do que eles, que não estão a ser objecto de qualquer mostração quase-ostensiva, antes se acham co-apresentados de modo puramente horizontal.

Ora isto que assim se manifesta nas próprias presentificações --que o campo de familiaridade resultante das apresentações passadas pode estar implicado em co-apresentações horizontais e ter as suas determinações presentes, influindo, independentemente de qualquer referência expressa (ou seja, no modo próprio da presença em horizonte)--vale também para as situações em que não está produzida nenhuma presentificação do campo de familiaridade e em que a nossa perspectiva parece inteiramente absorta no campo de incidência e totalmente desligada do exterior.

De facto, por mais absorto que esteja no campo de incidência, não tenho de cada vez apenas a apresentação dele e uma indicação vazia dos horizontes de continuação da realidade. Ou seja, não há só uma co-apresentação de continuação da realidade para lá do campo de incidência que o acompanha sempre e faz que nunca se apresente como "mundo"--a esgotar a realidade. Para além disso, a co-apresentação horizontal inclui sempre um mínimo de definição do "paradeiro" do campo de incidência, de integração dele no quadro de um esclarecimento sobre a realidade, de um domínio dela, que ultrapassa bastante o âmbito do campo de incidência e aquilo que nele se encontra ostensivamente acompanhado.

De tal modo que, se falta essa orientação mais ampla ou se a margem de fixação com que está feita é pouco firme (hesitante) ou insuficientemente definida--se por exemplo o campo de incidência em que me encontro se situa numa região pouco conhecida (em que não me sinto bem orientado, em que me faltam referências), ou se pura e

simplesmente não sei onde fica o campo de incidência (que é que o rodeia, que ligação tem com os campos de realidade a respeito dos quais já estou orientado e onde normalmente se processa a minha vida), essa insegurança reflecte-se no próprio campo de incidência --e, mesmo que este se ache perfeitamente explorado e sob domínio, faz que a sua própria esfera fique invadida por essa nota de insegurança, "manchada" por ela.

Não temos habitualmente muita experiência de situações deste tipo, onde o campo de incidência não está inserto num campo de familiaridade e, por isso, aparece sem o apoio inexplícito dessa inserção. Felizmente não costumamos dar connosco, sem saber como, em paradeiros totalmente desconhecidos, "raptados" e deixados não sabemos onde. Mesmo que estejamos em sítios muito pouco conhecidos, há em regra sempre já um mínimo de exploração daquilo que rodeia, um mínimo de orientação no seu meio, qualquer coisa que estabelece a ligação entre esse paradeiro e o campo de familiaridade que já temos constituído, etc.. De sorte que a situação não é nunca bem de total privação de campo de familiaridade--não é nunca totalmente despojados dele e providos só de uma vazia indicação de continuação da realidade para lá de si que os campos de incidência se apresentam.

Por outro lado, ocorre ocasionalmente que, ao acordar, temos por momentos apresentação de um campo de incidência mas não a definição do seu paradeiro, da inserção que tem num quadro de realidade mais ampla. De sorte que, mesmo que só fugidiamente, temos alguma experiência do que seja estar num campo de incidência em total indefinição do seu enquadramento.

De todo o modo, quer nestas esporádicas situações de total indefinição do "para-lá" do campo de incidência quer naquelas outras em que não há total indefinição mas apenas uma relativa "rarefacção" das determinações que definem o paradeiro e uma diminuição do nível de domínio que se tem a seu respeito, verifica-se o mesmo tipo

de fenómeno : por mais pleno que seja o acompanhamento do próprio "conteúdo" da esfera de incidência (do campo de realidade que cai dentro dela), sendo insuficiente a definição do enquadramento, o próprio campo de incidência fica globalmente afectada por um índice de incógnita, com falta de algo decisivo que a apresentação dos diversos campos de incidência habitualmente tem. Ou seja, sendo insuficiente a definição do enquadramento, não é só a parte da apresentação correspondente aos horizontes de continuação para lá do campo de incidência que fica marcada por essa insuficiência de definição--de tal modo que só quando o olhar se dirige para lá do campo de incidência se faz sentir a falta de determinação a seu respeito. Não, a própria presença do campo de incidência, o seu aspecto, o nosso modo de estar nele é afectado por essa falta de enquadramento, ressente-se dela. E de tal modo que o que fica justamente perturbado e prejudicado com essa falta de enquadramento é a própria possibilidade de uma pacífica absorção no campo de incidência, tal como ocorre em condições normais: não estando definido o enquadramento, "resvala-se"sempre de novo para uma preocupação com ele, reina uma inquietação que "puxa" para fora do campo de incidência, em busca da definição que falta.

Acusa-se deste modo como a orientação (o estar-situado) que habitualmente reina nos campos de incidência não resulta única e exclusivamente de ser claro e estar "dominado" aquilo que neles se apresenta. Advém também--e decisivamente--de o seu enquadramento horizontal não ser totalmente indeterminado, vazio, antes estar marcado por um saber, por um preenchimento com determinações que o definem e fazem que não constitua de modo nenhum uma incógnita.

Ou seja, por mais absorto que se esteja no campo de incidência e por mais que se pareça estar esquecido de tudo para lá dele, a notícia que se tem, a perspectiva com que se está, nunca é só do próprio campo de incidência constituído em cada caso. É sempre também

uma notícia do paradeiro dele, uma notícia que nos orienta a respeito do seu contexto.

Isso significa desde logo alguma notícia sobre a cercania, sobre aquilo que mais imediatamente há em redor do campo de incidência e sobre as características da realidade que directamente o cerca. Mas não se resume a um saber da cercania mais imediata (como se o não haver total incógnita a respeito dela bastasse só por si para definir o enquadramento, situar o campo de incidência e fornecer uma base de não-desorientação). Passa antes por toda uma rede de realidades no espaço e no tempo, muito para além da cercania imediata, que constitui como que o "fio de Ariana" da minha vida.

Com efeito, o campo de familiaridade constituído no curso das apresentações passadas não corresponde a um mero "amontoado" de tomadas de conhecimento de realidades no espaço e no tempo, totalmente desgarradas umas das outras ou passadas em revista sem que o conhecimento delas e a fixação dos estados-de-coisas que lhes correspondem organizem mais do que um ficar a saber que há isto e aquilo. Não. O contacto que antes tive com a realidade e o que de cada vez globalmente ficou desse contacto levou à organização de um modo de vida em que estou instalado e em cuja "tradição" de cada vez me encontro. Os diferentes lugares, as diferentes pessoas, as diferentes situações por que já passei, as diferentes coisas que já compreendi, etc.. com diferentes contributos e papéis de maior ou menor protagonismo, entreteceram-se a compor um sistema de referências para o meu "trem de vida", organizaram um "curso normalizado" cujas linhas de sentido estão presas a estas e àquelas realidades, a estes e àqueles lugares, a estas e àquelas pessoas--a todo um quadro de realidade em que me sinto à vontade. Essa linha de desenvolvimento (e o quadro de referências a que está ligada) percorre os diferentes campos de incidência, transmite-se de uns para os outros, de tal modo que pode ser afectada por eles (transformada por aquilo que

neles se encontra), mas precede já o seu advento, perpassa a sua presença e é qualquer coisa em cujo quadro obviam e em cujo curso se integram. Neste sentido, a perspectiva que situa os campos de incidência não se esgota na definição da cercania imediata, nem somente na determinação de mais isto e mais aquilo para além dela. Prende-se com toda essa "tradição" do trem de vida em que estou instalado, com todo esse"fio de Ariana" que de cada vez já está constituído e que é justamente aquilo que pode situar os campos de incidência, se for para mim clara e definida a articulação que têm com ele.

E, de facto, vendo bem, por maior que seja a absorção no interior do campo de incidência em que me encontro, por mais que pareça inteiramente alheado de tudo o que não fica dentro dele, o sentido da própria ocupação com ele excede o campo de incidência onde estou, tem referências que o "transbordam". De tal modo que a própria concentração e "encerramento" no campo de incidência--o estar fechado e de momento só atento a ele (ou a algo nele)--radica num quadro de sentido muito mais amplo, numa compreensão da situação em que me acho e do que nela estou a fazer que não estão fechados no campo de incidência. O "encerramento" no campo de incidência, a ausência de qualquer "mirada" para o exterior, não resulta de estar totalmente desligado desse "para lá" (indiferente a ele e esquecido do que seja), mas sim de estar <u>ligado</u>, inexplicitamente ligado a isso, <u>posto a par</u> por uma apresentação inexplícita de domínio a seu respeito--tão firme, tão adquirida e (desse modo próprio) tão presente que me assiste sem que pense nela e não carece de qualquer focagem.

E aqui, tal como já também no caso da co-apresentação inexplícita da continuação da realidade, o facto de se tratar de uma apresentação meramente horizontal, inexpressa, cujo conteúdo não se acusa definidamente, não impede que o seu apresentado tenha um conteúdo

determinado e mesmo bastante complexo. A inexplícita apresentação do contexto que acompanha a apresentação do campo de incidência (e que em condições normais dá esse contexto como um contexto a respeito do qual se está à vontade, se domina)--essa inexplícita evidência de domínio do contexto que assim intervém e marca com o seu cunho a própria perspectiva que se tem no campo de incidência--não é uma evidência de domínio "abstracta", não se reduz a uma indicação de que estou orientado, igual nas diferentes situações, nos diferentes campos de incidência em que me encontro. Não. Essa co-apresentação não estabelece pura e simplesmente que não estou perdido, antes situado--é uma evidencia concreta: sem precisar de atender especialmente a isso, sem que esse conteúdo precise de se articular num desdobramento das várias determinações que envolve, sei de cada vez concretamente onde estou (que inserção concreta o campo de incidência em que me encontro tem no muito mais amplo quadro da minha "instalação" na vida e na muito mais ampla rede de realidades já exploradas em função das quais está feita essa instalação).

E o que com tudo isto se configura a respeito do campo de familiaridade, da sua presença, das determinações que o preenchem, é um estado-de-coisas bastante singular.

Como se verificou nas presentificações que deles podem ocorrer, os horizontes correspondentes ao campo de familiaridade estão preenchidos por fixações de determinação de nível consideravelmente mais vago, menos preciso do que as que caracterizam o núcleo e o campo de incidência. Mas, por outro lado, essa ordem de determinação menos precisa é aquela que ocorre quando há presentificações do campo de familiaridade. Ora a apresentação do campo de familiaridade só ocasionalmente tem lugar no modo da presentificação. E, de toda a forma, as presentificações cobrem de cada vez apenas uma pequena parte do campo de familiaridade.

Poderia acontecer que o campo de familiaridade comportasse todo

ele um decréscimo de nível de determinação no seu preenchimento, mas aparecesse de qualquer modo em toda a sua extensão e com todas as determinações que comporta--agregado ao campo de incidência e prolongando-o numa apresentação quase ostensiva. De tal modo que o que sei do campo de familiaridade aparecesse desenhado na continuação do núcleo ou do campo de incidência. Poderia acontecer assim--que tivesse a apresentação mais precisa do núcleo de incidência e que, para lá dela, no prolongamento dela, aparecesse projectado todo o conjunto de "lineamentos", de determinações mais vagas que fazem parte do resíduo da experiência passada e que se manifestam quando (em percursos sucessivos, fragmentários) presentifico troços do campo de familiaridade. Poderia ver as paredes e, na continuação delas, posto na posição que lhe é atribuída no meu património de saber e desenhado só com as determinações mais vagas de que disponho fora da apresentação directa, ter permanentemente presentificado o que sei da continuação da realidade para lá delas. Ou seja, a sinopse que tenho do núcleo sc. do campo de incidência poderia dar-se naturalmente inserta numa sinopse menos precisa, mais vaga, mas de qualquer modo desenhada do campo de familiaridade.
Mas não é isso que sucede.[44] Nunca tenho uma presentificação total do campo de familiaridade, nunca tenho mais do que presentificações fragmentárias, dando a ver "bocados" dele. Mas mais. Não somente não tenho uma presentificação desse tipo permanentemente constituída, mas também não sinto nenhuma falta dela. Justamente o condicionamento em causa no esbatimento dos limites faz que, acabando a apresentação directa, eu não siga em busca de fixar do mesmo modo aquilo que concretamente há na continuação de onde acaba. O mesmo condicionamento que produz o escondimento dos limites faz que "des-considere", se assim se pode dizer, sistematicamente o que há para lá, não procurando (nem me ocorrendo minimamente que haveria a procurar) nem determinações do nível das que há no campo de incidência

nem sequer determinações do nível correspondente às presentificações que posso ter do campo de familiaridade.[45]

Mas, sendo assim, também não acontece que de cada vez que estou num determinado campo de incidência e não penso minimamente no que há para lá dele nem presentifico nada do campo de familiaridade, este esteja totalmente fora de perspectiva e seja efectivamente de grau zero a perspectiva e a fixação de determinação que está presente a seu respeito. Não acontece que de cada vez que estou num campo de incidência, não penso minimamente no seu exterior nem presentifico nada do campo de familiaridade, o horizonte de continuação da realidade para lá desse campo de incidência seja, logo no que mais imediatamente o rodeia, totalmente vazio de outro conteúdo que não o correspondente à remissão para a continuação espácio-temporal. Ou seja, se não se desenha uma sinopse (e se, de facto, fora da ocorrência esporádica de presentificações como as descritas nenhum momento do campo de familiaridade aparece "de modo que se veja"), tampouco sucede que o campo de familiaridade esteja então totalmente ausente, sem sombra de presença e de tal modo que na apresentação assim constituída não se tem com ele qualquer espécie de contacto.

O que há é qualquer coisa de intermédio, que fica aquém do próprio grau de determinação diminuído (mas, ainda assim, bastante diferenciado) que se regista nas presentificações--qualquer coisa muito menos precisa, muito menos diferenciada do que isso--mas que por outro lado é muito mais do que a total omissão a respeito do campo de familiaridade, a total ausência de qualquer perspectiva dele e das determinações cuja fixação o constitui.

Assim, as fixações de determinação com que se está em contacto na presença puramente horizontal do campo de familiaridade não equivalem a nada que se pareça com um percurso daquilo que se sabe dele, com uma apresentação minimamente "desdobrada" desse patrimó-

nio de saber, mas por outro lado também não estão desligadas desse património, antes correspondem a uma forma peculiar, global, compacta, de contacto com ele (de evidência dele).

Se, como se disse, os diferentes percursos de exploração desses campos de realidade estão, no resíduo que deixam, "condensados" numa fixação só dos lineamentos fundamentais daquilo que foi encontrado nesses campos (de tal modo que as presentificações por que são recuperáveis não conseguem repor senão esses lineamentos), os diferentes elementos assim "condensados" acham-se, por sua vez, "condensados" numa perspectiva conjunta de domínio, numa evidência de saber o contexto--não numa evidência de saber puramente abstracta (igual para todos os sectores do campo de familiaridade, ou seja, quer se esteja neste quer naquele contexto), mas uma evidência de domínio diferenciada, que reflecte, leva simultaneamente em conta o quadro global de "instalação" que resulta de todo o campo de familiaridade e as determinações do enquadramento particular que cada campo de incidência tem no meio dele. De tal modo que essa evidência inexplícita e aparentemente sem conteúdo articulado não só é capaz de se desdobrar em presentificações das referências que ela própria só comporta de forma implícita, "compacta", mas tem ela própria sempre já o "matiz" particular que corresponde a ser a resultante dessas determinações que de cada vez definem o enquadramento do campo de incidência em causa e a sua posição relativamente ao sistema de referências do campo de familiaridade e ao fio de Ariana que nele tenho encontrado para a condução da minha vida. [46]

Desta forma, o regime de apresentação normal do campo de familiaridade (e o próprio regime em cujo quadro se inserem as presentificações que ocasionalmente nos dão fragmentos dele) já tem bastante pouco a ver com o tipo de apresentação e de fixação de determinações que é próprio das apresentações ostensiva e quase ostensiva. Mas, por mais inconspícuo e difuso que ele seja, há sempre des-

te modo um contacto com o campo de familiaridade, está sempre presente uma fixação do seu conteúdo e uma diferenciada localização do campo de incidência no seu seio. Por outras palavras, a apresentação horizontal da continuação da realidade para lá do campo de incidência, pelo menos no que diz respeito à esfera de familiaridade que habitualmente rodeia os campos de incidência onde se está, é uma apresentação com um conteúdo de facto muito mais determinado do que a pura indicação de continuação da realidade, totalmente aberta e "cega" quanto às determinações que esta possa ter: é uma apresentação horizontal preenchida com um conteúdo bastante definido. O qual conteúdo, mesmo sem que ocorra qualquer presentificação, é sempre já suficiente para que esses campos de realidade não apareçam como campos de escondimento mas de domínio.[47]

E isto tanto mais assim quanto no funcionamento normal desta evidência, desta apresentação horizontal do campo de familiaridade, de modo nenhum se dá a conhecer a natureza peculiar da fixação de determinação que lhe corresponde (a medida em que não somente é menos precisa e mais difusa do que as determinações do campo de incidência mas até menos precisa e mais difusa do que as determinações das presentificações--já de si menos precisas e mais difusas que as primeiras). No funcionamento normal, essa natureza particular passa mesmo completamente despercebida.

Vendo bem, isso é já assim no que diz respeito às próprias presentificações. Nelas, mesmo que por vezes haja consciência de não se conseguir recuperar isto ou aquilo a que se pretende "ir", essa consciência está em regra associada à compreensão da presentificação como ineficaz, não conseguida. Pelo contrário, quando a presentificação corre "o seu curso natural" e não sente nenhum obstáculo, tende a não ter consciência do ponto a que de facto é difusa e imprecisa, "embala" na impressão de uma quase ostensão (em que a restrição do "quase" perde força e não se vêem os hiatos, a imprecisão

das determinações que efectivamente se têm, não se dá pela falta de nitidez, não se sente a omissão do que está omitido, etc.). [48]

Ora isto que assim se manifesta em relação às próprias presentificações do campo de familiaridade é o efeito de um fenómeno que as afecta a elas e também à co-apresentação puramente horizontal que permanentemente há dele--uma diminuição do nível de acuidade e do nível de exigência com que são "recebidas" as determinações com que põem em contacto. De tal modo que, se na passagem do campo de incidência para o campo de familiaridade o grau de definição, o nível de determinação do que se apresenta cai, cai assim também e correspondentemente a acuidade da perspectiva que se tem sobre essas determinações e a exigência de determinação que enfrentam. [49]

Assim, se porventura me encontrasse num campo de apresentação directa cujo apresentado tivesse as falhas de determinação (o grau de indefinição, o conjunto de "hiatos") que se regista em qualquér presentificação, por mais perfeita que ela seja, isso chamaria a atenção, causaria perplexidade--e a fixação de determinação assim disponível seria sentida como deficitária, insuficiente. Mas muito mais assim se o apresentado fosse do tipo ainda mais difuso que corresponde à apresentação horizontal do campo de familiaridade. Porém no seu contexto próprio, i.e., para as presentificações e para a apresentação horizontal do campo de familiaridade, esse nível de determinação vale como plenamente suficiente e não é percebida sequer minimamente a margem de imprecisão que comporta. Analogamente, se, ao tentar obter presentificações, só se oferecessem determinações condensadas do tipo das que correspondem à apresentação horizontal do campo de familiaridade, isso seria inaceitável, ficaria percebido como falta de determinação e constituiria problema. Porém, como determinação da apresentação horizontal do campo de familiaridade é plenamente satisfatória--orienta, cumpre a sua função e não constitui qualquer problema.

Numa palavra, à anisotropia de grau de determinação entre o campo de incidência, as presentificações e a apresentação meramente horizontal do campo de familiaridade corresponde uma anisotropia do grau de acuidade e da exigência de determinação que os respectivos apresentados enfrentam--anisotropia esta que compensa os efeitos da primeira. De sorte que o modo como é vivida a fixação de determinação nestes diversos casos está igualmente marcado por um valor de suficiência e, em condições normais, não nos apercebemos de qualquer contraste significativo. A anisotropia funciona de tal forma que "apaga" o seu rasto, as diferenças não se acusam e tudo (o que se tem no campo de incidência, o que se tem em presentificações do campo de familiaridade e o próprio campo de familaridade que permanentemente está presente, mesmo que não se olhe para ele e não se percorra por presentificação o que está fixado a seu respeito) parece igualmente sabido e dominado. [50]

Este mesmo fenómeno de diminuição da acuidade na perspectiva que se tem dos horizontes correspondentes ao campo de familiaridade reflecte-se, aliás, na forma como tende a ficar perdido de vista que independentemente da perda de definição que afecta os conteúdos que os preenchem, os domínios de realidade correspondentes ao campo de familiaridade estão já expostos a uma considerável margem de escondimento.

De facto, por mais explorados que se achem, os campos de realidade que integram a esfera de familiaridade de cada vez constituída não estão efectivamente acompanhados naquilo que com eles se passa. Não apenas a fixação de determinação que há a seu respeito é uma fixação que fica bastante aquém da que é própria da apresentação ostensiva (de tal modo que há muitos aspectos da realidade que os preenche que se mantêm fora da apresentação disponível), mas, para além disso, enquanto os campos de realidade que de cada vez se acham no núcleo de incidência estão expostos de forma que permite se

guir e controlar o que está a acontecer neles, as realidades do campo de familiaridade estão subtraídas a esse controlo.

Por mais que saiba que coisas há em minha casa, na faculdade, etc., por muito bem que conheça estas e aquelas pessoas, se não estou a ter apresentação directa delas, não acompanho que é que de cada vez vai sendo de tais realidades--e pode passar-se toda a espécie de coisas sem que me aperceba disso.

A "cobertura" que se tem do campo de familiaridade resulta de uma projecção a partir de apresentações directas no passado--quando os seus diferentes sectores estiveram tidos no núcleo de incidência E todos os sucessos ocorridos fora do tempo em que se dispôs de semelhantes apresentações directas (todas as modificações produzidas desde a última apresentação que houve) escapam à perspectiva que se tem, mantêm-se inteiramente fora dela.

Neste sentido, não obstante tudo aquilo que sei a seu respeito, o campo de familiaridade é em larga medida já um campo de escondimento, que de facto escapa ao meu domínio e em relação ao qual a perspectiva de que disponho é "cega".

Porém, sendo assim (e podendo nós sem grande dificuldade ter a-percepção de que é assim), de facto a maior parte do tempo a referência ao campo de familiaridade não está minimamente afectada por qualquer marcação do escondimento que corresponde a este estado-de-coisas--não tem a mais leve sombra dela.

Visto isto, está-se finalmente em condições de perceber como se conjugam e que efeito produzem os diversos fenómenos detectados.

Registou-se um sistemático e enraizado esbatimento dos limites do campo de incidência. Registou-se a presença permanente do campo de familiaridade e a forma como a perda de nível de determinação que afecta o seu "preenchimento" é compensada por uma correspondente perda da acuidade e do nível de exigência que a fixação de determinação enfrenta (de tal modo que desaparece qualquer contraste

marcado entre o domínio que se tem do campo de incidência e o domínio que se tem do campo de familiaridade). Registou-se a forma como, por deficiência de acuidade, o campo de familiaridade é mantido totalmente afastado de qualquer identificação como campo de escondimento e tende a apresentar-se como algo inteiramente dominado, sem reservas. E regista-se agora ainda um outro factor até aqui não posto em relevo, mas que é também de importância neste contexto: a própria mobilidade que habitualmente me permite entrar no campo de familiaridade, converter livremente os campos de realidade que lhe pertencem em campos ostensivamente apresentados, sobre que recai o núcleo de incidência. O exercício desta mobilidade que continuamente é possível pôr em curso e de que muito frequentemente se faz uso confirma justamente a perspectiva horizontal (a antecipação) que já se tinha antes de chegar à apresentação ostensiva dos campos de realidade já familiar. E esta mobilidade (e a forma como em regra corrobora--sempre de novo corrobora--as fixações de determinação horizontalmente estabelecidas sobre o campo de familaridade) é justamente muito próxima daquela que, a partir dos núcleos de incidência por que sucessivamente se vai passando, constitui os próprios campos de incidência. Como se viu, o efeito de semelhante mobilidade é tal que faz apagar a diferença entre os sucessivos núcleos de incidência (faz que seja até difícil identificá-los separadamente, isolá-los), de sorte que se está sempre já nos <u>campos</u> de incidência e não apenas nas partes que de cada vez o núcleo cobre. Ora, embora as ligações entre os diferentes campos de incidência não sejam tão imediatas e tão estreitas quanto no interior de cada campo de incidência, também neste outro caso da relação entre os diferentes campos de incidência a mobilidade (o seu exercício e, mesmo quando não é exercitada, a impressão global de ser possível, de estar aberta e sempre "ao dispor") faz integrar cada campo de incidência na esfera mais vasta dos outros por que também circula, acen-

tua em cada um o carácter de mero elemento dessa esfera mais vasta (quer dizer, de mero elemento da esfera correspondente ao campo de familiaridade no seu todo).

Todo este concurso de circunstâncias leva a que, não obstante todas as diferenças, na sua presença habitual o campo de incidência e o campo de familiaridade surjam muito mais marcados por continuidade do que por descontinuidade. A falta de acentuação das diferenças entre eles, a paridade da impressão de domínio que há em ambos, são mesmo tais que, para todos os efeitos, o modo como aparecem habitualmente se aproxima muito de uma total fusão, indistinção. As muito significativas diferenças que se puseram em relevo não costumam marcar-se. E, mesmo quando qualquer razão faz que precisemos de uma apresentação ostensiva de algo que está no campo de familiaridade, mas não no campo de incidência, de tal forma porém que não há condições para passar a uma apresentação ostensiva disso (mesmo quando deste modo se dá a sentir a que ponto de facto são diferentes e a que ponto correspondem a "registos" diferentes de ter e não ter)--mesmo nestas circunstâncias a diferença acusa-se, tende a acusar-se somente a respeito daquilo que de cada vez está em jogo e a manter-se apagada, difusa, a respeito do demais.

Deste modo, na óptica distraída que normalmente reina a respeito de tudo isto, os dois, o campo de incidência e o campo de familiaridade confundem-se de facto--e aquilo em que nos vemos nunca é só a "clareira" do campo de incidência, mas sempre já a clareira, muito mais extensa, de todo o campo de familiaridade, onde aquele constitui um mero momento.

*

Todo este levantamento da presença disso a que se chama campo

de familiaridade, das suas características, dos seus efeitos, etc., teve como ponto de partida a análise do esbatimento dos limites do núcleo sc. do campo de incidência. O campo de familiaridade e o modo como preenche o para-lá do campo de incidência com determinações conhecidas, que se sabem, apareceu a desempenhar uma função adjuvante em relação ao esbatimento dos limites do campo de incidência--contribuindo decisivamente para que o exterior desses limites não apareça como um campo de total incógnita e para que, correlativamente, esses limites, ainda que se achem marcados, não surjam como limites entre a apresentação (uma esfera de domínio) e uma esfera de total obscuridade, de total incógnita.

Mas, se o campo de familiaridade desta forma veio a manifestar-se como um reforço do esbatimento dos limites do campo de incidência, por outro lado o esbatimento dos limites deste não é a única intervenção que o fenómeno do esbatimento dos limites tem na conformação da nossa perspectiva.

Vendo bem, com efeito, se o campo de apresentação não está demarcado do campo de familiaridade, funde-se com ele, sem qualquer efectiva delimitação de fronteiras (e, em especial, sem que a diminuição de eficácia do acesso que se tem relativamente ao campo de familiaridade apareça como tal e faça registar o início de qualquer campo de escondimento), por sua vez o campo de familiaridade também não se configura de tal forma que esteja efectivamente fixado onde é que concretamente acaba, quais são definidamente as partes dos horizontes externos que estão exploradas e não exploradas na experiência passada, quais aquelas cuja exploração se veio a converter num resíduo permanentemente.

O próprio carácter mais difuso do campo de familiaridade e a diminuição da exigência de determinação que, como se viu, reina a seu respeito propiciam essa indefinição e ajudam a que não se torne notada e passe completamente despercebida. Mas, de facto, se tiver de

indicar com precisão até onde se estende o campo de familiaridade, onde é que, concretamente, começam os campos de realidade não preenchidos por determinações de familiaridade, experimento ainda mais dificuldade do que no caso do campo de incidência. A princípio não se oferece senão como que um "vazio", uma total"indisponibilidade", que me obriga a ter de ir à procura desses limites. E, por outro lado, mesmo quando chego a encontrar algo, aquilo que encontro é de qualquer modo muito diferente do que corresponderia à finitude que reconheço para o campo de familiaridade. Com efeito, em nenhuma direcção (no espaço ou no tempo) concebo o campo de familiaridade como um domínio ilimitado--para todas a tese de finitude que tenho a seu respeito implica algures uma fronteira. Ora, mesmo quando chego a encontrar fronteiras do campo de familiaridade, o que consigo identificar são algumas linhas de demarcação, aqui e ali nesta e naquela direcção, ou seja, "troços" dispersos de fronteira--nada que sequer de longe se assemelhe ao traçado de uma clareira estendendo-se definidamente em todas as direcções até estes e aqueles pontos de limite. Quer dizer, mesmo que chegue a conseguir identificar limites do campo de familiaridade (e na maior parte dos casos não se chega a insistir o suficiente para que tal aconteça), o que se desenha não é mais do que "troços" soltos, perdidos num nevoeiro de indefinição, de ausência de linhas demarcadas de termo do campo de familiaridade e de começo dos campos de escondimento correspondentes à incompletude que se reconhece ser a sua. Há uma evidência de que o campo de familiaridade não esgota a realidade, cobre só uma parte dela. Mas, por outro lado, essa incompletude do campo de familiaridade que assim se sabe não está concretizada em nenhum traçado definido de fronteiras. [51]

Sendo assim, que efeito exerce este singular estado-de-coisas sobre a perspectiva que de cada vez se tem, a auto-avaliação do acesso em que de cada vez nos vemos?

O esbatimento dos limites do campo de familiaridade pode à primeira vista parecer uma particularidade de incidência meramente regional, dizendo respeito apenas à periferia desse campo e sem nenhuma consequência para lá da imprecisão que revela no acompanhamento desses sectores de periferia. Mas de facto constitui um factor que globalmente modifica todo o aspecto do campo de familiaridade, atribuindo-lhe uma **amplitude** muito, mas mesmo **muito diferente** da que de facto tem (muito para lá das suas reais fronteiras) e alterando-lhe por completo a configuração, quer dizer, conferindo-lhe uma **configuração aparente** completamente diversa da sua configuração real.

Assim, o campo de familiaridade em que de cada vez me vejo aparece-me normalmente como um campo **aberto** que se prolonga a partir de mim em todas as direcções numa extensão indefinida. Pese embora tudo o que tal caracterização tem de inadequado (e que começa desde logo pelo facto de justamente, como sublinhado, o campo de familiaridade se apresentar em regra sem quaisquer limites definidos e, por isso, não se prestar a ser convenientemente representado por uma figura), o campo de familiaridade tem inexplicitamente o carácter de qualquer coisa como uma esfera que tem o seu centro em mim (onde de cada vez me encontro) e que se prolonga indefinidamente a partir de mim, à minha volta. Por tal sorte que todo o conjunto de realidades compreendidas nessa esfera indefinidamente aberta está, no fundamental, varrido pelo acesso em que me encontro, exposto a ele--dado e sob domínio. Naturalmente que esta perspectiva não obsta ao reconhecimento de alguns aspectos que o meu ponto de vista não domina, que se lhe escondem, que desconhece ou não percebe. Esses aspectos surgem porém, como se procurou mostrar, com um carácter de lacunas num território absolutamente "conquistado", não restringindo de forma significativa esse aspecto de"espaço" indefinidamente aberto, estendendo-se em todas as direcções, que o campo de

familiaridade parece ter na apresentação de que normalmente disponho.

É assim, por exemplo, que, sentado à minha secretária, na casa que habito em Lisboa, tenho comigo a continuação do mundo à minha volta, o espaço da cidade que me rodeia. Sem que particularmente pense nisso, em virtude da não demarcação dos limites, perspectivo sempre assim o meu acesso à cidade como uma clareira indefinidamente extensa, como uma esfera que se estende igualmente em todas as direcções à minha volta e que não tem a pôr-lhe termo nenhum limite próximo, nada que refira a presença de campos de escondimento.

Pode parecer que a extensão dessa clareira não é assim tão indefinida ou não tem esse aspecto de propagação homogénea em todas as direcções que se pretende traduzir ao dizer que tem o aspecto de qualquer coisa como uma esfera.

Que é assim, porém (que costumo estar nesta globalização e extensão aparente do campo de familiaridade que me rodeia na cidade e que tal extensão tem uma amplitude ilimitada), isso percebe-se se se conseguir proceder a um mínimo de marcação dos limites do campo de familiaridade--percebe-se a partir da flagrante "mudança de óptica" que uma tal marcação traz consigo.

Com efeito, se é grande a dificuldade que se opõe à identificação dos limites do campo de familiaridade, não é, apesar disso, totalmente impossível conseguir pelo menos alguma apercepção de tais limites. E, ao conseguir de facto obter algum traçado deles, evidencia-se inequivocamente, por contraste, como a sua ausência na apresentação habitual produz efectivamente uma globalização e uma difusão aparente do campo de familiaridade, em virtude das quais parece muito mais compacto e muito mais extenso do que é.

Pois, a despeito de a realidade que me rodeia ser, se assim se pode dizer, a minha cidade, a despeito de desde sempre viver cá e a conhecer relativamente bem, ao empreender um traçado dos limites

aquilo que acompanho da cidade revela-se-me de facto incomparavelmente mais acanhado do que normalmente me parece e o campo de acompanhamento emerge com uma configuração muito irregular de que normalmente não tenho a mais remota ideia.

Na verdade, o campo de familiaridade que de cada vez tenho constituído no quadro da realidade que me cerca é extraordinariamente fragmentário, não apenas em relação a aspectos mais distantes mas mesmo em relação ao que é mais próximo. E isto numa amplitude que o apagamento dos limites na perspectiva habitual deixa completamente por adivinhar--quase faz parecer não ser possível.

Em primeiro lugar, muito próximo de mim, a muito pequena distância, abre-se, como se referiu, um abismo de real desconhecido, algo a que nunca tive acesso nem sei como é (e que se prolonga ele sim indefinidamente como um espaço de dimensões imensas escondido do meu ponto de vista): tudo (o que quer que seja) que se situa sob o chão, sob a terra--isso cuja escondida realidade quase sempre começa logo a muito poucos metros de mim, muitas vezes mesmo debaixo dos meus pés.

Se olhar a sério para o horizonte de escondimento que aí se abre, se conseguir libertar a correspondente notificação de não-tido do esbatimento em que por natural tendência se conserva presa, o aspecto global do meu campo de familiaridade e da forma como costumo sentir-me rodeado por ele modifica-se. Fica traçada muito próxima de mim uma fronteira com o desconhecido, abre-se um campo de latência de cuja presença normalmente não me apercebo.

O campo do que se situa debaixo do chão, esse campo que se me indica numa continuação sempre prolongada a partir do chão que vejo, é um campo em relação ao qual o acesso em que me encontro é inteiramente cego, que não tenho verdadeiramente acompanhado. Posso dispor de algumas noções de geologia e imaginar mais ou menos como será, mas nunca isto corresponde a um efectivo acompanhamento da

sequência concreta da realidade que se estende por debaixo desta sala, na continuação de quilómetros e quilómetros que se me indica, até ao outro lado da terra e para lá. Por efeito de um peculiar fenómeno, a perspectiva que normalmente tenho como que tem posto entre parênteses este horizonte, não o atende, está afectada por um particular condicionamento que a distrai e "cega" relativamente a ele (fazendo aparecer como horizontes de continuação fundamentalmente os horizontes em volta de mim--e, quando muito, mas só secundariamente, acima de mim). Mas, por outro lado, incidindo o olhar sobre ele e suprimindo-se esse total alheamento que normalmente reina a seu respeito, por mais que se procure sondá-lo, segui-lo, mantém-se o escondimento em que se acha. Esse não é um domínio que esteja explorado a partir de apresentações passadas nem é um domínio a que se consiga ter um acesso que o torne exposto. E o campo de latência que assim se configura e ganha presença é qualquer coisa de extraordinárias dimensões. De tal forma que em todo este "lado" de continuação da realidade que é o que se situa por debaixo de onde estou e por debaixo de tudo quanto tenho à minha volta se abre uma "frente" de escondimento, um campo de latência na verdade muito maior do que o campo de tudo quanto propriamente está coberto pela apresentação de que disponho.

Em segundo lugar, há também um limite próximo nos prédios fronteiros à janela--e de que conheço propriamente apenas as paredes, o revestimento exterior. Relativamente ao que se situa para lá disso, na verdade, o acesso que já tive não me dá de facto nada--nunca estive dentro desses prédios, o seu interior já não pertence ao campo de familiaridade que tenho constituído. E, mesmo que aqui ou ali já haja visto de relance alguma parte deles que é visível pelas janelas, isso não faz recuar senão um pouco as fronteiras do meu campo de familiaridade--em pequenas bolsas que não anulam o facto de, globalmente, a fachada dos prédios corresponder de facto a

um limite onde o meu campo de familiaridade tem o seu termo.

Mas se isso é assim relativamente ao quadrante do horizonte em que se situa a janela, de um dos lados da sala em que me encontro, não o é menos também dos outros lados, onde o espaço de que tenho acompanhamento (as diferentes ruas próximas por que tantas vezes já passei e que tão bem conheço) está igualmente contido por paredes atrás das quais se situam campos de realidade a que de facto também nunca tive acesso. E assim também, ainda mais próximo, à minha volta e acima de mim no próprio prédio que habito e nos outros prédios que lhe são contíguos. Embora se trate de campos de realidade muito próximos (de que estou, se assim se pode dizer, muito frequentemente "à beira"), também eles estão de facto fora do meu campo de familiaridade e constituem zonas "não acesas", para lá do acesso de que propriamente disponho.

Nos diferentes quadrantes a diferentes distâncias e com diferentes traçados, revela-se deste modo à minha volta uma série de fronteiras desigualmente distribuídas, em que começam campos de latência, também eles com dimensões variáveis mas de todo o modo significativas.

Mas estes são ainda só alguns aspectos.

Na verdade, se atentar ainda mais além, no horizonte de continuação da cidade, e fixar nitidamente aquilo que, bem vistas as coisas, tenho dele, a multiplicação de fronteiras, a declaração de campos de escondimento, a mudança da configuração relativamente à que naturalmente se desenha subvertem ainda mais o quadro naturalmente estabelecido, a perspectiva em que desprevenidamente e desde sempre me acho.

Pois não tenho da cidade à minha volta de modo nenhum o acompanhamento compacto, a visão abrangente, que naturalmente se me sugere quando estou em casa ou quando vou na rua. O que tenho da cidade são de facto só partes avulsas. É menos, incomparavelmente me

nos do que habitualmente (e em resultado de os limites se esbaterem) me parece.

Mais imediatamente ao pé de mim, rodeando a minha casa, está o bairro. Quando assim o foco, o bairro aparece justamente ainda como algo de familiar, a que globalmente tenho acesso. Na realidade, porém, se verificar, manifesta-se-me que o que dele tenho efectivamente acompanhado são apenas algumas ruas por onde habitualmente passo--para além das quais, de facto, não sei bem o que há, porque nunca lá fui. E, por outro lado, o próprio acompanhamento que tenho de cada uma dessas ruas que conheço dá acesso apenas a um domínio relativamente confinado, a qualquer coisa como um corredor, atrás de cujas paredes os quarteirões (toda a enorme multiplicidade de realidades que os compõem) se mantêm fora de acesso.

E assim também--e ainda mais--relativamente ao resto da cidade, que está muito longe de se achar tão explorado como o próprio bairro--e onde, desse modo, é menos sistemático, menos "denso" o acompanhamento de que disponho, mais raros, mais isolados os domínios efectivamente cobertos por uma apresentação.

De tal modo que, se tenho um campo de familiaridade e se esse campo de familiaridade é relativamente extenso (não se esgota na minha casa, estende-se para lá, pelo bairro e, para além dele, pela cidade--e mesmo ainda mais além, por diversos caminhos que dela partem, incluindo até outras cidades, outros lugares, no país e mesmo no estrangeiro), por outro lado o que constitui esse campo de familiaridade que tenho aberto na realidade à minha volta não são mais do que "bolsas" de acompanhamento num terreno que na sua maior parte se mantém fora de acesso, sob escondimento. Essas bolsas formam uma rede relativamente densa em determinadas zonas, são mais raras noutras e, na periferia, vão-se rarefazendo cada vez mais e tomando o carácter como que de caminhos de floresta, que param a meio (com a diferença, porém, que justamente está esbatida essa interrup

ção e, ao contrário do que acontece nos caminhos da floresta, tendemos a não dar por ela).

E este é precisamente o ponto decisivo da mudança de configuração que o campo de familiaridade experimenta quando se consegue suprimir, mesmo que não inteiramente, o apagamento dos seus limites. Todo o acompanhamento que propriamente tenho das coisas (a começar pelo exterior da minha casa, passando pelo bairro, pela cidade, pelos outros sítios que conheço no país,etc.) caracteriza-se precisamente por ser uma acumulação de perspectivas de "trilhos", de corredores, i.e.de horizontes que, podendo ser mais ou menos amplos, são relativamente estreitos--no sentido de estarem sempre marginados por barreiras, por limites atrás dos quais se furtam ao olhar horizontes envolventes incomparavelmente mais vastos.

Se me sentar aqui e impuser a mim mesmo um inventário de Lisboa como se dispõe à minha volta a partir do sítio em que vivo--como continua a realidade que me rodeia a norte, sul, este, oeste (e a nor-nordeste, nor-noroeste, etc.) do sítio em que me encontro--consigo identificar certamente muitas ruas, articulá-las na sua relação,etc.. Mas, por muitos que sejam os sectores da cidade que conheço, verifico que, já a muito pouca distância de onde me acho, começo a não ser capaz de identificar como continua a cidade, que quarteirões, ruas, praças,etc. se situam no seguimento do que conheço. Por outro lado, mesmo nas zonas mais familiares, em que conheço a maior parte das ruas (zonas que, vendo bem, são relativamente poucas), se tentar identificar o que há entre as diferentes ruas que me são familiares, começam a abrir-se espaços cada vez maiores de terrenos desconhecidos, espaços de que na verdade não tenho apresentação, não acompanho--já caem fora do meu campo de familiaridade.

Percebo então a que ponto (a que extraordinário ponto, tão diferente da impressão que naturalmente se sugere) aquilo que tenho

propriamente conhecido, patente, são apenas como que retalhos-- uma filigrana esparsa de caminhos e lugares a claro, perdidos na massa escondida da cidade.

Naturalmente que estes diversos trilhos ou corredores estão articulados entre si por uma perspectiva que os conjuga e integra num sistema global de articulação.

Mas também aqui a perspectiva em que se acham está longe, muito longe, da clareza que desprevenidamente suponho ser a sua, na determinação da posição recíproca dos diversos troços conhecidos, na sinopse que dela apesar de tudo me parece achar-se dada. Esse sistema não é de facto um sistema de distribuição precisa dos diversos "troços" no espaço da cidade no seu todo (como se de facto tivesse qualquer coisa como a perspectiva de conjunto que se oferece num mapa), mas antes somente um sistema integrado de itinerários, em que a localização dos espaços se faz fundamentalmente pelo caminho ou caminhos que a eles conduzem. Isto de tal modo que, em virtude do desconhecimento do todo e também por deficiente articulação entre os caminhos conhecidos, com alguma frequência se vem a descobrir que ruas, etc., que eram tidas por não próximas umas das outras (que estavam localizadas por caminhos muito diferentes e que por isso não tinham nada a indicar a sua proximidade) se acham na verdade muito perto. Isto vale para as ruas da cidade e vale também para os interiores (as escadas, os apartamentos,etc.) que nela conheço. Também aqui a visão global de que disponho corresponde ao domínio de um conjunto de itinerários, só parcialmente integrados, articulados, de tal modo que em relação a muitos prédios que, apesar de tudo, pelo menos em parte conheço, teria uma grande dificuldade em estabelecer com precisão a respectiva planta e a posição das suas dependências relativamente às partes que conheço da cidade (para que lado dá este e aquele quarto, em que posição está relativamente às ruas que conheço, etc.).

Resumindo, o que tenho de facto é esse conjunto de corredores, nuns pontos mais raros e dispersos, menos "batidos", com poucos elementos, noutros fornecendo um quadro mais denso, emaranhado; nalguns sectores mais claramente articulado, noutros menos--mas de qualquer modo no seu conjunto sempre apenas fragmentário, sempre marginado por campos de latência muito mais vastos do que as "bolsas", os filamentos de apresentação de que na verdade disponho.

De tal sorte que o horizonte da realidade efectivamente acompanhada tem--talvez assim fique mais claro o que se quer dizer--exactamente a configuração caprichosa, recortada e a amplitude relativamente estreita que caracterizam o horizonte de quem se move num labirinto. E de sorte que, como num labirinto, esse horizonte está continuamente marginado por limites próximos--onde começam campos de latência muito mais vastos do que as bolsas, os fragmentos de acompanhamento que acham constituídos.

Por muitas ruas que me sejam familiares, muitas mais são as outras em volta que estão fora do meu campo, e maior, muito maior ainda é o domínio de tudo aquilo que se acha entre elas.

Mesmo em cada rua que conheço, muito poucos são os prédios em que alguma vez entrei e, desses, só conheço a maior parte das vezes a escada e, quando muito, um apartamento. Nada mais. Tudo o resto, tudo o que se situa por detrás das paredes exteriores nessas ruas e tudo o que se situa na continuação da cidade, nas inúmeras ruas, bairros, que de todo não conheço, constitui, se assim se pode dizer, um mar de realidade a que não me está dado acesso, só aqui e ali interrompido por corredores já explorados. De tal modo que em qualquer sítio em que me encontre de todo o lado estou rodeado por limites do meu campo de familiaridade, que se estende em filigrana por diferentes "braços", "bolsas", sempre envolvidos por um horizonte a perder de vista de realidade que se furta ao meu acesso. 52

E se isto é assim em relação à cidade, é-o ainda muito mais se

considerar o âmbito de realidade que se estende para lá dela. Os corredores de acesso efectivamente aberto tornam-se aí ainda mais raros, em desproporção acrescida relativamente a um horizonte de realidade fora de acesso cada vez maior.[53]

Ora, sendo de facto esta a configuração que efectivamente tem o campo de familiaridade que de cada vez tenho aberto na realidade à minha volta, não é de modo nenhum assim que normalmente o vejo. Não tenho normalmente nenhuma apercepção deste carácter recortado, labiríntico do campo de familiaridade e da pequenez das suas dimensões, da sua estreiteza, da proximidade dos seus limites e dos campos de latência que deixa persistir em meu redor. Experimento, por isso, uma grande alteração--uma surpresa--quando deste modo se desenha a verdadeira dimensão e o verdadeiro formato do meu campo de familiaridade.

Esta alteração, esta surpresa--o contraste a que corresponde--permitem precisamente ver a extensão e o sentido do efeito produzido pelo esbatimento dos limites do campo de familiaridade : o modo como semelhante esbatimento altera o aspecto desse campo e lhe empresta determinações diferentes das que efectivamente são as suas.

Aquilo que em primeiro lugar chama a atenção é a mudança que corresponde à perda do carácter compacto que o campo de familiaridade desprevenidamente parece ter. Havendo um mínimo de marcação dos limites do campo de familiaridade, o que passa a aparecer é novo porque põe um carácter recortado onde não se fazia sentir nada desse género, porque põe estreiteza onde a impressão era de algo desafogado, largo, porque desenha uma configuração como que arborescente fragmentária, onde antes não se apresentava nada disso mas um campo perfeitamente cheio. Quer dizer, o esbatimento dos limites do campo de familiaridade tem um efeito como que de arredondamento do campo, fazendo desaparecer todos os hiatos, conferindo-lhe o carácter de algo sem interrupções, "preenchendo" e incorporando no cam-

po de familiaridade todas as esferas de latência que nele estão entremeadas (ou melhor, em que ele está entremeado, em cujo seio correm os seus "veios", as suas "ramificações"). De tal modo que o labirinto do campo de familiaridade não aparece como tal mas como um campo aberto, "varrido". É esse efeito de arredondamento que possibilita que o campo de incidência apareça de cada vez rodeado (em todas as direcções rodeado) pelo campo de familiaridade. De facto, o directamente apresentado é muito frequentemente confim de domínios de realidade nunca explorados (onde nunca se esteve, de que propriamente nada se viu). Mas, por força do esbatimento dos limites do campo de familiaridade e do efeito de arredondamento virtual que provoca esses domínios aparecem como que "contagiados" pela familiaridade dos troços já acompanhados que os ladeiam, fundem-se com eles, de tal modo que em todas as direcções me sinto rodeado por algo que domino, sem nenhuma menção de desconhecimento. 54

Isto por um lado. Por outro lado, ao produzir-se a marcação dos limites do campo de familiaridade a modificação que se experimenta equivale como que a uma extraordinária contracção, retracção desse campo, que recua para fronteiras muito mais próximas de nós: já aqui, mesmo debaixo de mim, no chão, ou a algumas dezenas de metros, nas paredes dos prédios aí em frente, ou nas próprias paredes e no tecto da casa em que me encontro (onde ela confina com as zonas desconhecidas do resto do prédio), acaba o campo de familiaridade, começam campos de latência.

Não significa isso que anteriormente o campo de apresentação tivesse um limite mais afastado, que assim se desloca para mais perto. De facto, antes da focagem dos limites, o campo de familiaridade em que me via não acabava definidamente em sítio nenhum, apesar de desde sempre se me apresentar como finito. Simplesmente, essa indefinição da fronteira do campo de familiaridade, essa omissão completa sobre a localização dos seus limites contitui precisamen-

te uma forma peculiar de extensão desse campo, traz consigo uma espécie de difusão, de alargamento dele, em virtude do qual parece muito maior do que o que na verdade se configura ao fazer uma delimitação minimamente rigorosa daquilo que efectivamente está e não está incluído nele. A ausência de marcação de limites resulta numa propagação ou dilatação indefinida do campo de familiaridade. Essa propagação ou dilatação tem uma índole singular, pois não se constitui por se seguirem distintamente as diferentes regiões a que se estende (definidamente mais esta e mais aquela), por não ter nada que ver com uma focagem dessas regiões. Dá-se precisamente na distracção e na desfocagem a respeito de até onde vai o campo de familiaridade--no não-olhar-para-isso. De tal forma, porém, que esse não-olhar e a ausência de limites demarcados que lhe corresponde produzem justamente o mesmo efeito que decorreria de uma indicação positiva de propagação. Numa palavra, a ausência de marcação de limites não equivale a nenhuma neutralidade relativamente às dimensões do campo, deixando totalmente aberta a respectiva fixação. Não estando delimitadas as fronteiras do campo de familiaridade, a diferença entre aquilo que está propriamente patente a partir das apresentações passadas e aquilo de que só se tem indicação como horizonte (não estando apresentado, manifesto) não se impõe, apaga-se, e o campo de familiaridade funde-se com os seus horizontes, como se se estendesse por eles fora. E é essa a razão por que, embora não corresponda a uma transferência das fronteiras de uma posição definida, mais afastada, para uma posição mais próxima, a delimitação do campo de familiaridade é sentida como um drástico recuo de fronteiras, uma drástica retracção do campo de familiaridade.

Torna-se claro a partir daqui a que ponto o esbatimento dos limites do campo de familiaridade está longe de dizer respeito apenas a pormenores do que se passa na periferia desse campo (à localização precisa dos seus limites, em posições mais próximas ou mais

afastadas, desenhando um campo ligeiramente mais ou ligeiramente menos amplo)--de tal modo que no fundo não tem relevância para a maneira como globalmente vejo as coisas, para o estatuto de que se reveste para mim a apresentação que tenho. Torna-se claro a que ponto o esbatimento dos limites do campo de familiaridade constitui de facto algo de decisivo para o modo como o meu ponto de vista de cada vez globalmente se percebe e percebe aquilo de que tem apresentação, algo de decisivo para o reconhecimento que tenho feito do acesso em que estou, da sua amplitude: esse esbatimento dos limites, o arredondamento e a dilatação indefinida que provoca é que introduzem a perspectiva de desafogo que normalmente domina a apresentação. Introduzida, em "primeira instância"pelo esbatimento dos limites do campo de incidência e pela fusão deste com o campo de familiaridade, essa expansão do que parece coberto e dominado pela apresentação de que se dispõe dá nesta "segunda instância" de esbatimento de limites um passo decisivo e, se assim se pode dizer, um "passo de gigante"--pois, na verdade, a "dilatação" que aqui se opera é uma dilatação indefinida, i.e., indefinidamente continuada, sem nada que a pare.

Pode isto parecer estranho e pouco consentâneo com um outro facto, que parece inegável: a noção, que sempre se tem, de que o campo de familiaridade é finito, não se estende por todos os horizontes--deixa uma grande parte (e até mesmo a maior parte deles) fora do seu quadro.

Precisamente aqui toca-se o ponto decisivo cujo esclarecimento permite pôr em relevo como o esbatimento dos limites contribui para neutralizar o reconhecimento da incompletude em relação aos horizontes exteriores e para congraçar esse reconhecimento com a forma natural da finitude.

De facto, o esbatimento dos limites do campo de familiaridade e a propagação indefinida do campo de familiaridade, que dele resul-

ta, não obstam a que haja reconhecimento da existência de um exterior do campo de familiaridade e até mesmo de que esse exterior é de dimensões incomensuravelmente superiores às do campo de familiaridade no seu todo. Os dois aspectos coexistem numa singular forma de articulação, que cumpre examinar no fundamental dos seus nexos.

O primeiro aspecto a ter em consideração é aquele que corresponde à propagação indefinida do campo de familiaridade.O que nela está em jogo é um adiamento indefinido do começo do exterior do campo de familiaridade, o qual, sem que se pense nisso, é afastado da posição em que se está, levado para fora da sua esfera de proximidade, posto longe. O "longe" de que aqui se trata é de uma índole peculiar,diferente da que mais imediatamente tendemos a supor--não é o "longe" de um afastamento definido, de uma distância claramente estabelecida de grandes dimensões, ou seja, não é o longe determinado a partir de uma sinopse do intervalo entre duas posições. É antes o "longe" constituído pela multiplicação indefinida de passos no "caminho" entre a posição onde se está e aquela de que esses passos nos separam, de tal modo que de onde se está até àquilo que assim fica longe há sempre ainda mais passos interpostos e de tal modo que, por mais que se avance, se está sempre ainda aquém disso e com um número indefinidamente multiplicado de passos a dar até chegar lá. Como se acentuou, é este tipo de perspectiva que caracteriza a perspectiva da continuação da realidade nos horizontes externos. E o que é próprio deste tipo de perspectiva é precisamente o facto de não apresentar nenhuma extensão definida, nenhum apresentado de "contornos" claros, antes "desembocar" como que num perder-de-vista (num deixar de seguir, numa suspensão e dissolução da focagem, que todavia não se sente como tal). Como se acentuou, trata-se de uma forma de apresentação que se caracteriza sem dúvida pelo seu carácter nebuloso, mas que nem por isso deixa de constituir um tipo peculiar de perspectiva e uma forma própria de determina-

ção.

Ora esta forma peculiar de perspectiva--é esse o aspecto que agora está em jogo e que importa especialmente pôr em foco--tem um tal efeito de óptica que é capaz de "infinitizar", se assim se pode dizer, intervalos reconhecidos como finitos. E é algo deste género que se passa no prolongamento indefinido do campo de familiaridade a que dá lugar o esbatimento dos seus limites. Embora haja a noção de que o campo de familiaridade é finito e embora uma elementar consideração dos horizontes externos leve a reconhecê-lo como um pequeno enclave no quadro de horizontes não acompanhados muito mais vastos, essa perspectiva carece de facto de qualquer efeito limitador do campo de familiaridade. Mesmo havendo o inequívoco reconhecimento de que o campo de familiaridade tem uma "abertura" finita (corresponde a qualquer coisa como um intervalo), essa peculiar forma de perspectiva que é a que corresponde à interposição de uma distância indefinida (de sempre ainda mais distância) entre a posição em que se está e o termo do campo de familiaridade "desfinitiza" de facto a extensão do campo de familiaridade de que nos vemos rodeados, multiplica indefinidamente o "interior" do intervalo a que corresponde, fazendo que o seu fim não esteja à vista, fique sempre num indefinido mais para lá.[55]

Desta forma, o campo de familiaridade surge com o aspecto de um acesso indefinidamente aberto e, por mais convicto que seja o reconhecimento de que há um exterior do campo de familaridade e de que esse exterior é de facto incomensuravelmente maior que ele, os horizontes correspondentes a esse exterior não começam em nenhum sítio à vista--e de facto não começam mesmo concretamente em lado nenhum.

Assim, o exterior do campo de familiaridade é reconhecidamente muito maior do que o próprio campo--reina uma evidência de que assim é. Mas, por outro lado, por força da dilação das fronteiras do

campo de familiaridade, esse exterior do campo de familiaridade carece de qualquer começo definido no próprio campo de apresentação em que concretamente se está e, por isso, não tem nenhuma presença efectiva nesse campo. Por outras palavras, o reconhecimento do exterior, o reconhecimento da grandiosidade das suas dimensões e da sua esmagadora superioridade em relação ao campo de familiaridade, como que "paira" sobre o campo de apresentação concreta, sem ter nada que lhe corresponda e lhe dê corpo nele.

O esbatimento dos limites e, com ele, o diferimento indefinido das fronteiras do campo de familiaridade faz que, por mais convicto e evidente que seja o reconhecimento de um exterior, continue sempre a não haver qualquer delimitação concreta que os ponha efectivamente em articulação um com o outro. As duas perspectivas mantêm-se em registos separados (e uma delas, a do reconhecimento do exterior do campo de familiaridade, totalmente privada de inserção na situação concreta em que me vejo). De tal modo que o exterior reconhecido em nenhum lugar "toca" o campo de familiaridade, em nenhum lugar assoma naquilo que me rodeia. E, se o reconhecimento de um exterior muito maior do que o campo de familiaridade parece ser suficiente para fazer desenhar uma relação de forças entre o acompanhado e o não acompanhado inversa da que corresponde à forma natural da finitude, na verdade, por força do esbatimento dos limites do campo de familiaridade (e do modo como "afasta"--indefinidamente afasta--o começo do seu exterior), o campo de latência que lhe corresponde (esse campo de latência muito maior do que o campo de familiaridade) não chega a tomar lugar em nenhum ponto do que concretamente nos rodeia, não chega a entrar em contacto com o campo de familiaridade e a estabelecer com ele, no concreto da própria situação (e tanto quer dizer: de forma que se faça sentir nela) nenhuma relação de forças.

Nesse sentido, em circunstâncias normais o esbatimento dos limi

tes do campo de familiaridade faz que o campo de apresentação onde concretamente me vejo esteja totalmente ocupado por um campo de familiaridade que em parte nenhuma cede lugar a campos de latência. Enquanto se mantém semelhante esbatimento dos limites é essa a situação de acesso em que de facto nos vemos.E só ilusoriamente a focagem dos horizontes exteriores, o reconhecimento das suas dimensões, etc., altera este estado-de-coisas e a óptica de irrestrição a que corresponde, rompendo com a forma natural da finitude.

Precisamente por isso, conseguindo-se contrariar a tendência para o esbatimento dos limites, conseguindo-se efectivamente produzir um mínimo de marcação concreta dos limites do campo de familiaridade, é muito grande a modificação de óptica que isso introduz.A retracção experimentada pelo campo de acesso é de grande amplitude (a fronteira "vem" de uma posição indefinida, indefinidamente afastada, e passa a situar-se muito perto--mesmo à beira). Cresce assim vertiginosamente o efeito de "constrição"correspondente ao facto da incompletude (antes, na verdade, nulo). Naturalmente que, enquanto as fronteiras efectivamente desenhadas são ainda só "troços" avulsos, soltos (não têm continuidade, não chegam a "fechar" o "espaço" de que são fronteiras), a dilação indefinida continua a produzir-se na maior parte dos diversos "quadrantes" do campo de apresentação--os limites marcados perdem-se nessa dilação indefinida em cujo campo se inscrevem e o efeito da sua marcação é de facto bastante reduzido. Mas, se se consegue uma marcação mais continuada, em que o esbatimento dos limites fique inibido pelo menos numa significativa parte desses quadrantes, então a transformação é radical--a incompletude começa a "tomar corpo" com dimensões, com uma "força de pressão", de que todos os reconhecimentos das suas grandes dimensões, feitos antes de os limites estarem marcados, na verdade não fazem a mais remota ideia.

2.1.1.2.2 O fenómeno da REPRESENTAÇÃO INAUTÊNTICA DE TOTALIDADES. A redução do esbatimento dos limites e a persistência de uma tese de adequação relativamente à ideia que se faz da extensão dos campos de escondimento nos horizontes exteriores. A aparente elasticidade da nossa capacidade de conceber grandes extensões--detecção do seu carácter ilusório a partir da análise da apresentação que se tem do território português.A perda de acuidade na representação de grandes dimensões, as representações inautênticas de totalidade e o seu efeito de ocultação da incompletude. O fenómeno da absorção de todas as representações de dimensões muito grandes numa mesma perpectiva de ângulo fixo--a representação inautêntica de totalidade e a neutralização do crescendo de ordens de grandeza na apresentação dos horizontes exteriores. Papel da representação inautêntica de totalidades como travão do reconhecimento da incompletude e factor de protecção da forma natural da finitude. A inibição das representações inautênticas de totalidade e o "disparo" das dimensões da incompletude.

Toda esta estrutura de condicionamento que assim está constituída com base no esbatimento dos limites do campo de apresentação (na dilatação aparente que daí resulta,etc.) não constitui, entretanto, o único factor responsável pelo carácter inefectivo que o reconhecimento da incompletude de facto ainda pode ter mesmo quando já se consideram expressamente os horizontes exteriores ao território. Nem tampouco sucede que, uma vez inibido esse condicionamento, o reconhecimento da incompletude se torne então, só por isso franco, livre de qualquer empecilho e já inteiramente emancipado da forma natural da finitude.

Há ainda outros factores de condicionamento--e em especial há um que é responsável por uma enganadora perspectiva que vigora quer quando o esbatimento dos limites e todos os seus efeitos se mantêm de pé, quer quando se consegue chegar a uma suspensão destes fenómenos.

Assim, por um lado, mesmo que em condições normais haja o condicionamento de sistemática dilação que se referiu (tal que os campos de escondimento reconhecidos não começam de facto em sítio nenhum e não entram em contacto com o campo de apresentação onde se

está), parece ter-se de qualquer forma uma clara apercepção da ordem de grandeza dos horizontes de realidade que ficam fora da esfera de familiaridade. Percebe-se bem como se multiplicam, agigantam, elevando-se a dimensões extraordinárias. Parece ser-se perfeitamente capaz de ter ideia dessas dimensões.

Por outro lado, se se suspende o esbatimento dos limites (e o arredondamento, a dilatação virtual que acarreta), as fronteiras do campo de familiaridade passam a traçar-se muito mais perto do que despreveniidamente se sugere: os campos exteriores ao território deixam de carecer de começo concreto, desenham-se ainda mais claramente na extraordinária amplitude de que se revestem e na forma como a sua dimensão é esmagadoramente maior do que a do campo de familiaridade (reduzindo-o a um pequeno enclave num maciço de horizontes cada vez maiores, que se prolongam indefinidamente, a perder de vista). De tal modo que já não parece restar lugar para nenhum "amortecedor", que retire efectividade a esse reconhecimento.

Em qualquer caso, parece haver condições para uma clara e inequívoca apercepção da incompletude em causa nos horizontes exteriores. Ainda que se trate de campos de realidade desconhecidos quanto àquilo que os preenche (e que, nesse sentido, se mantêm totalmente fora de acesso, constituem campos de latência), a notícia que temos desses campos de latência parece ser ao menos já inteiramente capaz de os ter em perspectiva quanto à sua amplitude.

Ora esta impressão de que se tem capacidade de fazer ideia da ordem de grandeza em causa nos horizontes exteriores ao campo de familiaridade (de tal modo que, então, uma vez inibido o esbatimento dos limites, já nada impede que se tenha uma apercepção da incompletude marcada por uma relação de forças entre o tido e o não-tido claramente inversa da que corresponde à forma natural) é uma impressão enganadora e injustificada. A plasticidade no seguimento da extensão dos horizontes e a capacidade de fazer ideia dela é de

facto muito menor do que assim se sugere. E a impressão de domínio que assim se tende a impor resulta de uma forma de condicionamento que, introduzindo essa aparência de abertura para as dimensões dos horizontes em causa, fecha justamente a nossa perspectiva e prende-a a um modo de ver que esconde essas dimensões e faz esquecer, perder de vista a amplitude de que na verdade se revestem.

*

Se observar que tipo de perspectiva se constitui quando volvo o olhar para o exterior do campo de familiaridade, verifico que, quer se fixe sobre um determinado horizonte, quer siga uma sucessão de âmbitos de incidência cada vez mais latos e mais abrangentes (Portugal, a Europa, a Terra, o Sistema Solar, etc.), aquilo que se oferece à consideração é de cada vez a apresentação de uma totalidade--de uma multiplicidade de entidades, acontecimentos, etc., que, por assim dizer, se reúnem na delimitação de um horizonte abrangente que os inclui.

Ao considerar esses horizontes assim constituídos, essas totalidades de grandes dimensões, a tendência natural do meu ponto de vista é para os perspectivar como se os acompanhasse na fixação do âmbito que lhes corresponde.

O apresentado que se constitui em correspondência a cada uma destas noções ("Lisboa", "Portugal", "a Europa", "a Terra", etc.) apresenta-se imperceptivelmente como sendo o próprio horizonte que de cada vez está em causa, como constituindo uma cobertura adequada dele (como se a perspectiva tida os percorresse, como se esses horizontes estivessem dominados e se achasse correctamente percebida a sua amplitude). Ou seja, a notícia que se tem das totalidades em causa vale como uma apresentação efectiva dessas totalidades--

como se tivesse um ponto de vista capaz de as enxergar, perfeitamente ciente da respectiva extensão. De tal modo que a menção desses horizontes não suscita qualquer apercepção de escondimento a respeito da sua dimensão e, independentemente do respectivo grau de grandeza, não faz que eu experimente qualquer ultrapassagem, qualquer incapacidade do meu ponto de vista relativamente àquilo de que se trata.

Isto é assim quando no curso normal da minha vida incido sobre estas totalidades (e, numa conversa, por exemplo, ao ouvir as notícias, ao ler o jornal, compreendo as indicações "Portugal","a Europa", "o Sistema Solar", a Galáxia, etc.). Mas isso é assim também--e esse é aqui o ponto decisivo--quando considero mais detidamente os horizontes em causa, quando já com alguma nitidez os percebo como horizontes que comportam escondimento e até mesmo quando essa percepção de escondimento já se apoia em identificações concretas do escondimento de que se trata.

Com efeito, quando, por exemplo, surpreendo no seu carácter escondido tudo quanto há em Lisboa mas se situa para lá dos fragmentos a que na verdade tenho tido acesso, a situação em que me acho relativamente a esse horizonte que reconheço oculto, a notícia que dele tenho, não equivale à indicação de um domínio em tudo transcendente relativamente ao meu ponto de vista, a uma indicação totalmente aberta, a uma apresentação inteiramente vazia ou que se sinta inteiramente cega para o seu objecto. Não. A perspectiva que tenho está como que dirigida e dominada por uma representação da totalidade do próprio domínio que reconheço oculto. E se, de facto, a totalidade em causa é percebida como a totalidade de algo que não tenho, que me escapa, ela é ainda, apesar de tudo, perspectivada como se a totalidade real que há fosse de algum modo essa totalidade que já concebo e tenho em vista, tivesse a sua envergadura--i.e., como se a compreensão que tenho da totalidade em causa e da sua en

vergadura fosse de qualquer modo já adequada.

Ou seja: quando, percebidos os limites do que propriamente me está dado, considero "o que me falta da cidade de Lisboa" e percebo que isso é algo que me escapa, nem tudo no domínio de escondimento que assim passo a ter desenhado está efectivamente constituído como uma total incógnita--como qualquer coisa de que nada sei, de que não faço a mais pequena ideia. O campo de escondimento aparece-me constituído numa totalidade e sou implícita, imperceptivelmente levado a aceitar que a totalidade que assim tenho em perspectiva corresponde já a uma apresentação adequada do horizonte de que se trata--como se eu estivesse já olhando esse horizonte e a ocultação, o escondimento em que se acha resultasse apenas de eu não conhecer propriamente o que há nesse horizonte--ie.como é que ele está preenchido, que determinações o ocupam no concreto.

Por outras palavras, embora os horizontes em causa apareçam referidos sob acusação de falta de acompanhamento, todo o "peso" dessa negação de acompanhamento cai sobre a realidade que neles haverá (sobre o "preenchimento" concreto dos campos de realidade que lhes correspondem) e não toca--deixa de facto livre de qualquer referência negativa--a própria perspectiva que define a amplitude dos horizontes em causa. De sorte que, inexplicitamente (sem que isso chame minimamente a atenção), a perspectiva sobre a própria amplitude passa sem menção de falha a seu respeito e vale como atingindo já aquilo de que se trata.

Ora esta perspectiva em que se concebe a totalidade dos campos de realidade do tipo referido como se houvesse uma proporção entre a apresentação que tenho e a realidade em causa--como se eu tivesse a capacidade de acompanhar a sua amplitude--é uma perspectiva inteiramente desajustada e que de facto esconde os campos de realidade exteriores ao território, esconde as dimensões de que (segundo a própria indicação que deles tenho) se revestem e esconde a si

tuação de acesso em que me encontro relativamente a eles. A aceitação implícita de proporção entre o "ângulo de abertura" do meu ponto de vista quando se apercebe da extensão dos horizontes exteriores à esfera de familiaridade e a amplitude efectiva dos campos de realidade em causa nesses horizontes não corresponde à relação que há entre esses campos de realidade e a perspectiva que tenho. E as representações de totalidade, pretensamente adequadas, em que naturalmente tendo a embarcar quando considero o exterior da esfera de familiaridade são representações espúrias, inautênticas.

Mas que é que permite qualificar assim essas representações ?

*

A evidenciação do carácter espúrio dessas representações é fulcral e dela depende a plena compreensão do abismo de escondimento que realmente se abre na continuação do real para lá do que tenho.

Considero, por exemplo, Portugal--o campo de realidade que lhe corresponde.

Que características determinam esta perspectiva? Há porventura nela alguma coisa de espúrio, de inautêntico?

Na verdade sim.

O tido na apresentação que assim se me dá compreende qualquer coisa como a circunscrição de uma área, com as determinações (de localização, de limites,etc.) pelas quais essa área se me define e diferencia de outras, juntamente com uma confusa noção "totalidade daquilo que há nela". Deixemos por agora a natureza confusa desta noção, e atentemos primeiro na própria delimitação do horizonte.

Essa delimitação opera-se por um lado através de uma localização relativamente a onde estou: Portugal é a terra que me rodeia, que se estende imediatamente na continuação de onde me acho. Por

outro lado, a delimitação está associada a uma configuração familiar, a uma forma mais ou menos parecida com um rectângulo, cujo recorte vi mil vezes desde a minha infância. Por último (não se leva aqui a cabo uma análise exaustiva da noção, procuram-se pôr em relevo apenas os traços que parecem mais fundamentais para a consideração do problema que nos ocupa), essa forma é situada num complexo de outras formas que também mil vezes vi desde pequeno e que dão o enquadramento da área "Portugal" no espaço das demais terras do planeta.

Esta delimitação normalmente não suscita qualquer problema. Parece perfeitamente determinada, perfeitamente "em ordem". Mas só aparentemente é assim.

De facto, se tentar transpor a forma sensivelmente rectangular, que conheço dos mapas, para o campo do que se estende à minha volta (e que é o que essa forma, no seu sentido, pretende retratar), i.e., se tentar traduzir numa continuação do horizonte em que me tenho essa forma que conheço dos mapas, se tentar delimitar neste horizonte um campo correspondente à forma em causa--não consigo, perco-me.

É como se, no território real a que o sentido "Portugal" corresponde, ao embrenhar-me para lá do campo em que o meu ponto de vista normalmente está e a que normalmente tem acesso, ao embrenhar-me para lá deste horizonte mais ou menos amplo que o meu olhar de facto abrange num conspecto, a capacidade de acompanhamento e perspectivação que em mim há se embotasse, de tal modo que, a partir de um determinado limite, já não sou capaz de ter directamente ante mim as totalidades cuja dimensão o excede.

Isso manifesta-se desde logo se considerar o problema do tamanho--que dimensões deve ter o horizonte que no concreto da situação onde estou--na continuação da realidade que me cerca--é aquele a que pretende dar expressão a forma mais ou menos rectangular que

conheço dos mapas?

O que tenho a este respeito é em regra apenas uma vaga indicação de "muito grande"--a que na verdade não corresponde nenhuma delimitação precisa.

Não é que faltem indicações--e indicações até muito precisamente quantificadas--da extensão do campo de realidade em causa. Portugal tem um comprimento máximo de cerca de 561 km e uma largura máxima de cerca de 218 km, perfazendo uma superfície de aproximadamente oitenta e nove mil quilómetros quadrados. Mas o problema persiste. A indicação tanto de quinhentos e tal quilómetros, quanto de duzentos e tal--e a fortiori também a de oitenta e nove mil quilómetros quadrados--perde-se ela própria, se a tentar traduzir aqui, no campo real que ante mim se estende, na perspectiva de um vago "muito extenso", de uma continuação muito prolongada, que não sou capaz de acompanhar num efectivo seguimento da extensão em que se devia traduzir.

De tal modo que, embora habitualmente não tenda a dar-me conta disso, não sou capaz de "construir" efectivamente a extensão correspondente ao território de 89 000 km^2 que é o de Portugal--não tenho ponto de vista para conseguir perceber em concreto a que é que isso corresponde, que aspecto tem de facto essa ordem de grandeza. Ou seja, não disponho de nenhuma efectiva sinopse da extensão em causa--da totalidade que assim tenho em referência.

Por mais que me concentre nisso e envide esforços para estender o meu alcance, a consideração de uma extensão como a do território português não dá lugar a uma efectiva "travessia" no acompanhamento dessa extensão, percorrendo a multiplicidade de espaço efectivamente correspondente a uma extensão dessa ordem e detendo-se só nos limites em que a sua totalidade se perfaz. E, por outro lado, isto não é assim apenas em vitude de um problema "técnico" de pormenor na concretização das indicações quantitativas de que disponho--co-

mo se fosse capaz de um grande alargamento, de uma efectiva dilatação de perspectiva (permitindo obter um conspecto aproximado dessa ordem de grandeza) e a dificuldade residisse apenas em conseguir parar precisamente nos limites da quantidade de espaço que efectivamente corresponde ao território português. O que se verifica é antes uma grande dificuldade em abarcar (em ver por forma que efectivamente a acompanhe) a extensão, a multiplicidade de espaço e mais espaço implicada nessa ordem de grandeza. De sorte que o acompanhamento desse campo de realidade (o acompanhamento da própria distensão espacial--se assim se pode dizer, da própria quantidade do campo de realidade em causa) se perde antes de o perfazer, de percorrer o seu domínio. Ao volver-se o olhar para a consideração dessas grandes dimensões, aquilo de que se trata excede a capacidade de acompanhamento que efectivamente se tem, transborda a capacidade de dilatação da nossa perspectiva. De tal modo que a perspectiva que se alcança a seu respeito difere, deixa ficar de fora, por cobrir, uma parte dessa extensão, é deficiente em relação a um efectivo conspecto, uma efectiva sinopse, dela.

Ao ver o meu quarto, uma praça, etc.,tenho--admitamo-lo por ora --uma perspectiva de sinopse em que a multiplicidade das componentes da totalidade em causa está dada ao meu ponto de vista, "coberta" por ele. Ou seja, a apresentação de que disponho não perde nada da totalidade em causa, não deixa nada que lhe pertença fora do seu campo. Mas é exactamente o contrário que acontece quando a realidade em causa é de maiores dimensões e ultrapassa aquilo a que naturalmente chamo o meu horizonte. Aí a perspectiva a que o ponto de vista acede prende-o, por assim dizer, num pólo de sentido no qual não está (ao qual falta) pelo menos uma parte dos "momentos" que constituem a totalidade de que se trata. O meu ponto de vista não tem, relativamente a realidades assim extensas, uma perspectiva de efectiva sinopse, de acompanhamento conjunto da respectiva totali-

dade. Não tenho naturalmente e não a consigo alcançar por mais que a procure.[56]

Independentemente da identificação exacta dos limites das extensões que sou capaz de acompanhar em sinopse efectiva (e independentemente de alguns aspectos que mais tarde se verão e que fazem que, mesmo onde parece haver um tal acompanhamento, o campo de realidade em causa seja na verdade muito maior do que me parece, mantendo grandes porções de si fora do meu alcance), o máximo de acompanhamento sinóptico que sou capaz de ter corresponde sensivelmente ao horizonte que em terreno livre de obstáculos se abre à minha volta --um horizonte com uma amplitude de alguns quilómetros. Toda a extensão maior e a fortiori toda a extensão muito maior do que isso constitui algo para que não tenho ponto de vista, qualquer coisa para cujo efectivo acompanhamento é preciso um "ângulo" outro que o que tenho--e que na verdade não consigo conceber, não está aberto para mim. Por mais que a procure acompanhar, chegar a ela, a minha perspectiva fica sempre aquém da extensão de que se trata, com uma parte dela fora ("ao largo") do que efectivamente consigo ter apresentado.

E, assim, se espontaneamente se constitui a respeito de um campo de realidade como o do território português uma perspectiva de totalidade que não tem a sua referência às dimensões desse território marcada pela acusação dessas dimensões como qualquer coisa que ultrapassa o seu alcance (ou seja, não afectada por nada que nos faça sentirmo-nos cegos para aquilo de que se trata, sem ponto de vista para isso), semelhante perspectiva de totalidade--acentue ou não a sua pretensão de alcance, acentue ou não o seu carácter de sinopse--constitui de facto uma pseudo-sinopse da extensão em causa, uma representação inautêntica da totalidade dela.

E a margem de perda (de excesso ou ultrapassagem da minha capacidade de acompanhamento pela envergadura do campo de realidade em

causa) não é uma margem escassa--como se houvesse algum "deficit", sim, mas apesar de tudo se produzisse uma significativa aproximação à extensão em causa. Não. Não é só uma pequena parte que é deixada por cobrir e excede a minha capacidade de "dilatação de ângulo". Na perspectiva que tenho de extensões dessa ordem é a esmagadora maioria do domínio que lhes corresponde que se mantém inteiramente para lá do que sou capaz de acompanhar--num excesso cuja amplitude se me indica como muito grande, mas que justamente me escapa.

Se me debruçar mais detidamente sobre o que significa a indicação que tenho do território português e das suas dimensões, verifico que ela aponta um espaço definido por uma multiplicidade de espaços (89 000 vezes um quilómetro quadrado). Ou seja, verifico que ela implica qualquer coisa como "espaço + espaço + espaço....+ espaço....,etc.". Essa multiplicidade tenho-a já, se assim se pode dizer, formulada, referida.

Prescreve-se no meu ponto de vista um espaço que corresponde à soma daquilo que corresponde a um quilómetro quadrado, mais outro que corresponde a um quilómetro quadrado, mais outro que corresponde a um quilómetro quadrado--e assim sucessivamente 89 000 vezes. Mas essa soma ou essa multiplicação (e portanto o que a fórmula, a notícia que em mim tenho fixa, indica) não a realizo, não a consigo realizar numa apresentação concreta, por mais que tente. Não sou capaz de dar um seguimento efectivo à operação de alargamento que assim se me indica, não sou capaz de obter uma apresentação real do que lhe corresponde. E de facto não só não sou capaz de a realizar até ao fim, mas perco-me logo no início do processo, muito, muito aquém do seu termo--aquém do acompanhamento efectivo sequer de 1000 km^2.

A transcendência do espaço "Portugal" relativamente ao meu ponto de vista não se dá assim somente a partir de um limiar que, apesar

de tudo, ainda abranja a maior parte ou pelo menos uma parte significativa da sua extensão. Dá-se por exemplo já relativamente ao domínio de 1000 km^2, que corresponde somente a $\frac{1}{89}$ desse espaço. E dá-se em relação a esse domínio já com uma total "perda de pé" nele : a ficar muito longe de conseguir ter efectivamente apresentada a extensão que lhe corresponde. Ou seja, a amplitude do excesso do espaço em causa sobre tudo o que sou capaz de perspectivar é esmagadora--tão grande que faz deixar de fora justamente a quase totalidade desse espaço e faz de toda a sua ordem de grandeza qualquer coisa que nem de muito longe sou capaz de imaginar--de que na verdade não tenho a mais remota ideia.

A transcendência da própria dimensão do campo de realidade "Portugal", a sua margem de irredutibilidade a toda a perspectiva de que sou capaz, o seu "extravasar" sobre as apresentações que tenho, atinge a esmagadora maioria dos 89 000 km^2 que definem esse espaço. De sorte que a situação em que estou retido a seu respeito é a de ter o meu olhar fechado, totalmente cego, para o que na verdade isso possa ser.

E isto não é assim só enquanto me mantenho no lugar onde estou e não realizo qualquer deslocação.

Poderia na verdade parecer que a circunstância de me ser dado deslocar-me nessas extensões, percorrê-las ("correr", por exemplo, Portugal de norte a sul e de leste a oeste) altera de algum modo este estado-de-coisas.

Mas não é assim.

Independentemente da dificuldade que obsta à realização de todos os percursos (repetidamente no eixo norte/sul e repetidamente no eixo este/oeste) que seriam necessários para chegar a cobrir efectivamente a área em causa, a realização de uma exploração dessa ordem pode levar-me a conhecer melhor o país, mas não a uma superação da retenção descrita e à obtenção de um efectivo conspecto do

espaço em causa (não preso a nenhuma distorção por representação inautêntica de totalidade). Se me deslocar, acedo a mais e mais espaço, sim. Mas na verdade mantém-se o ângulo de abertura: continuo a ter de cada vez o mesmo campo limitado de acompanhamento que tenho quando não me movo e a não ser capaz de realizar efectivamente a fusão das extensões que sucessivamente vão sendo percorridas.

Por outras palavras, também aqui, à semelhança do já anteriormente observado, a deslocação corresponde a qualquer coisa como a transferência de um cursor num domínio de amplitude incomparavelmente mais vasta do que aquela que o cursor pode de cada vez cobrir. De tal modo que o calibre deste se mantém constante e a sucessiva passagem por diferentes porções desse domínio incomparavelmente mais vasto não se traduz na constituição de uma perspectiva correspondente à junção das diferentes áreas sucessivamente cobertas na transferência do cursor. Não há retenção intacta das perspectivas sucessivamente alcançadas (nem nada que sequer se aproxime disso). Não há adição dos seus ângulos e das extensões por eles cobertas por forma a produzir um efectivo alargamento do acompanhamento da "quantidade" do território em causa e uma significativa diminuição do "deficit" em relação a uma efectiva apresentação da sua ordem de grandeza.

*

O que se encontra na apresentação dos horizontes exteriores ao campo de familiaridade e das grandes dimensões de que se revestem é, assim, uma muito peculiar modalidade de perspectiva.

Por um lado, aponta definidamente horizontes marcados por uma clara indicação da sua "quantidade", ordem de grandeza. E isso de tal modo que semelhante indicação de quantidade não suscita nenhuma perplexidade, nenhum estar perdido a seu respeito--não desenca-

deia tensão, nem dá lugar a esforço (a nenhum embater contra limites).A quantidade em causa não aparece como algo ainda a descobrir, em relação ao qual se é cego--de que não se faz ideia. Não. É justamente o contrário que sucede. A referência a ela tem um carácter resolvido, expedito."Arruma o caso" daquilo de que se trata--e permite "atravessar" rapidamente a consideração disso e passar adiante. Ao termos notícia desses horizontes, sentimo-nos já em contacto com a ordem de grandeza de que se trata, parece-nos perceber já a que é que corresponde. De tal modo que, mesmo se se aumentar a ordem de grandeza (passando-se de Portugal para a Europa, da Europa para a Terra, etc.), o alargamento do âmbito de consideração parece de cada vez fazer "saltar" a nossa perspectiva directamente para a totalidade em causa--para um tê-la já em vista a ela própria.

Mas, sendo assim, por outro lado, a perspectiva que tem todas estas características de desembaraço não se desenvolve (e fica mesmo muito longe de se desenvolver) num acompanhamento da multiplicidade correspondente à própria indicação de quantidade que comporta. Faz parte daquilo que apresenta esse sentido "totalidade" (e a referência, que implica, à multiplicidade de espaço de que essa totalidade o é). Mas isso de tal modo que, comportando esse sentido e essa referência, é algo diferente (e, como se viu, de muito diferente--que fica a uma enorme distância) de ter efectivamente em conjunção todos os elementos da multiplicidade que o seu sentido implica.

Deste modo, o carácter desembaraçado de que esta forma de perspectiva se reveste (o modo expedito como funciona e como a referência aos horizontes em causa e às suas dimensões fica absorvida, resolvida nela) encerra em si uma ocultação desses horizontes e da dimensão que efectivamente lhes corresponde.

A própria representação de totalidade esconde a totalidade que tem em referência, "tapa-a" e faz perder o rasto dela.

Não é o ser uma representação de totalidade que constitui este carácter tão peculiar e ocultante da perspectiva em causa. É a forma como essa perspectiva de totalidade está constituída e que precisamente justifica o falar-se de uma totalidade inautêntica.

O acompanhamento de uma totalidade--compondo-se esta da multiplicidade de cada um dos seus elementos e correspondendo à sua conjugação--deveria ser tal que a perspectiva dela não perdesse nada das partes de que consta, não as deixasse de fora, antes seguisse a totalidade em causa nos diferentes momentos que comporta. Se se tem uma totalidade, mas o tê-la é diferente de ter todas as suas partes, envolve o perder de vista algumas delas, então, por mais que aquilo que se tem esteja marcado pelo sentido "totalidade" (e pela referência às partes de que consta), não se tem efectivamente a totalidade em causa--o que se tem não é a totalidade que pretende ser, antes uma totalidade inautêntica. O correlato das apresentações assim constituídas tem um sentido "abrangente", colectivo, e propõe-se como qualquer coisa que inclui toda a multiplicidade das partes. Mas o que se tem nele difere da totalidade efectiva, é um núcleo de sentido na verdade não abrangente--que deixa partes do domínio de realidade em causa não encontradas nele, fora do que efectivamente se tem ao tê-lo (se assim se pode dizer, "submersas" em relação a si). Numa palavra, trata-se de uma totalidade virtual que, implicando no seu sentido a remissão para uma determinada multiplicidade, fica retida aquém da inclusão de todos os seus momentos; e que, propondo-se como algo que é já a própria totalidade em causa, de facto substitui-se-lhe, toma o seu lugar, impede qualquer percepção da respectiva diferença em relação a si--e desse modo apaga o respectivo rasto, corta qualquer contacto com ela.

E tudo isto de tal modo que a totalidade assim constituída é tanto mais puramente virtual, tanto mais inautêntica, quanto maior for a amplitude da diferença entre o que lhe corresponde e o efectivo a

companhamento de <u>todos</u> os momentos da multiplicidade em causa--ou seja, quanto maior for o volume do que deixa de fora, "submerso" em relação ao seu conteúdo. Volume que se viu precisamente ser já extraordinário para um horizonte como o do território português--tão extraordinário que é já virtual neste sentido, comporta já uma significativa margem de não-acompanhamento, de "perda de pé", a representação de totalidade que se tem de $\frac{1}{89}$ desse território. De sorte que o carácter inautêntico da representação de totalidade que tende a propor-se quando se considera o território português, a margem de escondimento introduzida por essa representação inautêntica, corresponde mesmo à <u>quase totalidade</u> desse território.

Esta não percepção da diferença entre o conteúdo que se tem ao volver o olhar para esses horizontes (e ao ter uma apresentação da sua totalidade) e um efectivo acompanhamento da totalidade para que o sentido desse conteúdo aponta (esta não percepção de que o conteúdo que se tem é só <u>simbólico</u>, de que não se alcança--de facto se está "cego"para--aquilo em relação ao qual o é, e esta não percepção da extraordinária amplitude dessa falta de alcance) só é possível porque também aqui se dá a interferência de um fenómeno que já antes apareceu a intervir fora do âmbito das apresentações ostensivas. Esse fenómeno é o da <u>perda de acuidade da apresentação</u>.

Ou seja, é a circunstância de o exterior do núcleo de incidência constituir um meio "turvo", marcado por uma considerável diminuição de clareza--é a circunstância de o que aparece nesse meio ter uma nitidez, um grau de definição diminuídos--que torna possível a representação inautêntica de totalidade e a "protege", fazendo que seja tão difícil dar por ela e "desmontar" a confusão pela qual se instala e absorve em si a referência aos horizontes a respeito dos quais se produz.

Isso mesmo se manifesta no caminho que se teve de seguir para conseguir ver claro o que se passa com a perspectiva que se tem do

território português. É-se obrigado a um expediente de focagem como aquele a que se recorreu (a consideração de como é já muito "deficitário" e de como é já uma representação inautêntica de totalidade aquilo que se tem mesmo em relação a uma pequena fracção do espaço em causa), precisamente porque de modo espontâneo não se manifesta que há uma retenção na representação da própria "quantidade" de espaço de que se trata, nem a que ponto vai o "deficit" e a que ponto a perspectiva que se alcança fica aquém de um efectivo acompanhamento dessa quantidade. Não se manifesta isso quando só fugidiamente considero o campo de realidade em causa e tenho referência da sua extensão. Mas também não se manifesta quando atento nele, quando a consideração é mais detida e a referência mais examinada --posso considerar e reconsiderar a notícia que tenho do território português sem que nada disso se manifeste de forma minimamente sensível (sem que essa notícia perca o carácter expedito, desembaraçado, que desprevenidamente tende a ter). E, mesmo que chegue a perceber alguma dificuldade (alguma margem de desacompanhamento, de perda), essa percepção é difusa e fica de qualquer modo muito aquém de corresponder àquela que se desenha a partir do expediente de focagem a que se recorreu.

Ou seja, além dos outros aspectos de quebra de acuidade já anteriormente referidos como característicos do exterior do núcleo de incidência, regista-se também este outro que afecta em especial a perspectivação da grandeza dos campos de realidade que aí aparecem. Ao transitar--como pode--para a consideração de grandes dimensões, ao alargar o seu ângulo de abertura para a perspectivação delas, o nosso ponto de vista sofre uma muito considerável perda de focagem, como que um "toldamento" (que não impede a constituição de perspectivas, mas que as enfraquece internamente, fazendo que vejam com muito pouca nitidez, nem sequer percebam como falta de nitidez a a falta de nitidez que as afecta e tenham uma capacidade de apre-

ciação e discernimento bastante grosseira).

As grandes dimensões apresentam-se assim num quadro de "lassidão" e como que de "entorpecimento", em que não se chega a fitar e distinguir bem o que se tem apresentado, em que por isso não se percebe a que ponto essas dimensões ultrapassam a nossa capacidade de acompanhamento e em que se aceita "gato por lebre" e se embarca sem qualquer reserva em representações inautênticas do tipo das descritas. [57]

*

Uma averiguação mais cuidada do que se passa com a apresentação das grandes dimensões revela, assim, uma situação muito diferente da que espontaneamente se sugere.

Como inicialmente se vincou, a consideração dos horizontes exteriores ao campo de familiaridade, reconhecendo que esses horizontes não estão cobertos pela apresentação de que se dispõe, tende a ter todo o "peso" deste reconhecimento de incompletude posto sobre o desconhecimento do que há nesses horizontes (a realidade que os preenche, o seu conteúdo) e deixa por tocar, não afectada, a própria definição da ordem de grandeza correspondente a esses horizontes. Mas o exame da apresentação que se tem de extensões de grande porte revela que esse reconhecimento assim unilateral da incompletude é injustificado e esconde a situação em que se está de facto.

Independentemente de todos os aspectos relativos ao que há nesses horizontes e ao modo como isso se mantém fora do acesso de que dispomos, a própria apresentação da extensão, da ordem de grandeza, desses horizontes é incompleta--tem uma incompletude que a falta de acuidade e a aceitação de representações espúrias de totalidade "tapam" e deixam fora do reconhecimento da incompletude, mas que nem por isso deixa de ser efectiva e de constituir um importante

factor de escondimento. Também a este respeito há limites, retenção--também a este respeito o ponto de vista que se tem não consegue ver, está fechado e preso. De tal modo que, até para uma ordem de grandeza como a de Portugal (ainda assim modesta, no contexto dos horizontes colossalmente mais vastos de que se tem indicação), o que ultrapassa, o que escapa é, como se apontou, mesmo só no que diz respeito às próprias dimensões, quase tudo. E de tal modo que a única apresentação autêntica que tenho dessa ordem de grandeza, a única que remete para ela e (mesmo que só negativamente) põe de facto "em contacto" com ela, é aquela que me vem de a perceber na sua transcendência e escondimento relativamente ao meu ponto de vista, i.e., como algo que totalmente o ultrapassa e de que na verdade não faz qualquer ideia. Toda a apresentação que se me proponha como sendo de algum modo já sinóptica (toda a apresentação que com visos de evidência me pareça alcançar já essa totalidade, tê-la já em vista)--mais: toda a apresentação que não aponte expressamente a transcendência da extensão de que se trata e que não ponha no seu centro justamente a acusação e capacitação dessa transcendência--fecha qualquer efectiva relação com a extensão em causa, põe, se assim se pode dizer, "de costas voltadas para ela": "embala" a nossa perspectiva em esquecimento daquilo que lhe corresponde. [58]

*

Esta primeira fixação do fenómeno da representação inautêntica de totalidade permite já ganhar o rasto do modo como esse fenómeno interfere na perspectiva que temos do exterior do campo de familiaridade. E permite também já descortinar como este fenómeno contribui para tirar "força" e efectividade à apresentação de campos de escondimento de grandes dimensões que, apesar de tudo, parece pro-

duzir-se claramente quando se chega à consideração desse exterior.

Com efeito, se a indicação de continuação da realidade, que normalmente temos e seguimos, aponta no sentido de grandes dimensões (de âmbitos cada vez mais abrangentes, num crescendo sem limites, que parece tornar pequeno e mesmo ínfimo a globalidade do campo de familiaridade), toda essa extraordinária multiplicação das dimensões do não-acompanhado, todo esse vertiginoso crescendo de dimensões e toda a esmagadora desproporção que parecem tornar manifesta, ficam de facto diminuídos e neutralizados pela peculiar modalidade de representação inautêntica que, como se procurou pôr em relevo, afecta a apresentação das grandes dimensões. A conversão de todo esse crescendo (de todas essas indicações de continuação cada vez mais ampla) em apresentações concretas dos campos de realidade a ele correspondentes (em apresentações desses campos na própria situação em que me encontro--como campos de realidade efectivamente presentes nessa situação, "rasgados", "desenhados" nela) é desviada para representações inautênticas de totalidade do tipo das referidas, absorvido em representações desse tipo e "desvirtuado", "diluído" na falta de acuidade que lhes é própria.

De tal modo que, embora haja noção desse crescendo e mesmo que a sua consideração impressione e chegue a dar ideia de uma imensa desproporção (de ser muito menos o que se tem do que aquilo que não se tem acompanhado), a essa impressão não corresponde um acompanhamento <u>diferenciado</u> das ordens de grandeza que estão em jogo nesse crescendo. E fica-se mesmo muito longe, colossalmente longe, de um acompanhamento diferenciado dessas ordens de grandeza.

Assim, as indicações tanto de 10 000 km^2 quanto de 20 000 km^2, ou 50 000 km^2, 89 000km^2, 100 000 km^2, 200 000 km^2, perdem-se todas elas, ao serem traduzidas <u>aqui</u>, no campo real que ante mim se estende, na <u>mesma</u> perspectiva de um vago <u>"muito extenso"</u>, de uma continuação muito prolongada--de tal modo que não sou capaz de dar <u>ex-</u>

pressão diferente a essas diversas indicações (cuja diferença, sem embargo, sou capaz de perceber).

Percebo naturalmente que 50 000 km^2 ou 89 000 km^2 são muito mais do que 20 000 km^2 ou 10 000 km^2. Mas, analisando o que de facto se me apresenta em correspondência a cada uma destas indicações (procurando perspectivar, por exemplo, 10 000 km^2 a partir de onde estou, fixando o que se me apresenta, e depois procurando perspectivar 50 000 km^2), verifico que a perspectiva em causa para qualquer delas não é senão precisamente essa imprecisa compreensão de "continuação muito extensa, indefinidamente prolongada até um limite muito longínquo"--para todos eles exactamente a mesma.

Considerando a coisa em abstracto, isso poderia significar ou que na apresentação de 100 000 km^2 há um enorme defeito ou que, inversamente, na representação de 10 000 km^2 há um correspondente excesso. Em abstracto poderia parecer igualmente admissível qualquer das duas hipóteses. Mas, na verdade, como resulta claro do que já se viu a respeito de extensões como 1 000 km^2, o que aqui se passa não tem nada a ver com a dificuldade de limitar a perspectivação das extensões mais pequenas mas sim com a ausência de uma capacidade de alargar a amplitude da extensão efectivamente acompanhada para lá de determinados limites--de tal modo que, a partir deles, as dimensões de que se trata são dimensões que excedem aquilo que sou capaz de abarcar na minha perspectiva, de ver por uma forma que o acompanhe. O facto de a apresentação correspondente a 10 000 km^2, 20 000 km^2, 50 000 km^2 ou 100 000 km^2, ser indiferenciada resulta da circunstância de qualquer desses espaços exceder o limiar do abarcável num acompanhamento efectivo, de tal modo que se situa no mesmo plano do "muito, muito grande" que, precisamente porque corresponde ao que excede já a capacidade do ponto de vista, é igual, não comporta distinções.

Passa-se a este respeito um fenómeno análogo àquele que se ve-

rifica com a capacidade de discriminação visual da distância a que se situam os objectos e da distribuição deles por diferentes planos mais e menos afastados. Até uma determinada distância (que é variável consoante a idade e outras circunstâncias, mas que não importa considerar mais detidamente, pois todos esses aspectos são irrelevantes para o que aqui está em causa) é-se capaz de fazer essa discriminação e a apresentação que se tem situa os objectos mais e menos afastados em posições que traduzem esse maior e menor afastamento. Mas, a partir de uma determinada distância, todos os objectos com uma posição mais afastada (mesmo que as diferenças de afastamento que há entre eles sejam maiores e até colossalmente maiores do que todas aquelas a que está dada expressão na apresentação que se tem) deixam de ser distribuídos por posições com diferentes graus de afastamento apresentado e aparecem todas situadas no mesmo plano --num plano extremo. Daí o fenómeno da "abóbada celeste" e o aparecimento de todos os diferentes astros como estando situados nela. [59]

Ora, assim também no que diz respeito à apresentação de campos de realidade de amplitude muito grande. Até uma determinada ordem de grandeza há uma efectiva capacidade de "alargamento" da perspectiva que se tem, consegue-se abri-la para campos de realidade cada vez maiores, de tal modo que a referência à respectiva diferença de amplitude se traduz efectivamente em apresentados de amplitude diferente. Mas, a partir de certa altura, embora se possa sempre transitar para a concepção de campos de realidade de dimensão cada vez mais ampla (e embora essa concepção não tenha nada que a limite), a perspectiva concreta em que somos capazes de traduzir a concepção dessa ordem de grandeza--o que se vê em correspondência a essas concepções--deixa de se alargar mais, fica presa numa apresentação indiferenciada, fixa, que de facto é a mesma por mais que se aumente a ordem de grandeza concebida e se considerem horizontes mais e mais englobantes e multiplicidades de cardinal cada vez mais

elevado.

A impressão de irrestrita "plasticidade" , "expansibilidade" do nosso ponto de vista no acompanhamento dos horizontes externos não é inteiramente infundada. A apresentação horizontal tem o carácter aberto que se referiu, comporta sempre uma remissão para lá de qualquer campo, seja qual for a sua ordem de grandeza. E por outro lado a essa remissão sem termo corresponde também uma irrestrita "elasticidade" da nossa capacidade de considerar e conceber ordens de grandeza cada vez maiores. Simplesmente essa é uma irrestrita elasticidade da capacidade de concepção, não uma elasticidade da capacidade de acompanhar aquilo que se concebe e se ter uma apresentação concreta do que lhe corresponde (daquilo para que aponta, para que remete a concepção). Quanto à faculdade de acompanhar, à conversão dos conteúdos concebidos em conteúdos concretos, que os traduzam, o que se verifica é algo de muito diferente dessa elasticidade irrestrita--é uma elasticidade bastante limitada, não só aquém mas muito aquém de acompanhar o que se está em condições de conceber, e uma elasticidade que desaparece por inteiro a partir de uma ordem de grandeza não muito ampla e dá lugar, de facto, a uma total rigidez.

O carácter irrestrito da remissão horizontal e a irrestrita plasticidade da capacidade de concepção mascaram esta rigidez, sugerem o contrário dela. E é essa sugestão que espontaneamente tende a prevalecer, de tal modo que nada parece impedir ou cercear a capacidade de que o nosso ponto de vista tem de pôr em perspectiva toda a sorte de grandes dimensões. Mas de facto o ângulo de abertura para as grandes dimensões é um ângulo fixo. Aquilo que efectivamente assoma quando se olha na sua direcção, aquilo que concretamente aparece a rodear o campo de familiaridade é sempre igual. Ao volver-se para as grandes dimensões, o nosso olhar fica como que pregado na mesma apresentação de uma extensão muito grande, não seguida num

desenvolvimento da multiplicidade que o seu sentido implica, não percebida no modo como fica por seguir (que não acompanha, mas também não vê que não acompanha). Ao volver-se para as grandes dimensões, o nosso olhar fica sempre preso nesta mesma apresentação em que a nitidez se dilui, o acompanhamento e fixação do apresentado é muito lasso--o ver se perde num "embotamento".

O tipo de retenção responsável pelas representações inautênticas de totalidade, a falta de acuidade que as possibilita e as protege, retêm todas as diferentes indicações de grandes extensões como que num mesmo horizonte aparente, numa mesma "abóbada" de apresentação dimensional. Diferentemente do que acontece com o horizonte visual (que tem um mínimo de nitidez), este outro caracteriza-se por essa lassidão, por essa dissipação da clareza. De tal modo que a sua determinação, os seus contornos não são nítidos, não correspondem a algo definidamente apresentado, mas precisamente a um "entorpecimento" da acuidade--a uma esfera de difusão e de obscurecimento (que todavia não se vê como tal).

Por outras palvras, ao volver-se para as grandes dimensões, o nosso olhar encalha, fica atolado nessa esfera de difusão. E ela trava o aumento, a dilatação que parece resultar da consideração de ordens de grandeza cada vez maiores: mantendo a aparência de dilatação, absorve-a em si, põe a nossa perspectiva a "marcar passo", sem nunca sair do mesmo sítio. De tal modo que não há nenhum crescimento real do que efectivamente se apresenta e a relação de dimensões entre o campo de familiaridade e o que se vê a rodeá-lo é, a despeito de toda a "evidência" em contrário, uma relação constante.

As diferenças de quantidade, embora indicadas, não têm nenhuma expressão concreta no próprio campo de apresentação onde se está. E, sendo assim, anula-se o efeito de formidável "disparo" das dimensões do campo de escondimento (e de extraordinário "esmagamento"

do núcleo acompanhado) que se produziria se efectivamente lhes fosse dada expressão concreta, se a indicação de dimensões cada vez maiores se traduzisse na presença nítida, efectivamente desenhada, das dimensões correspondentes e o campo de familiaridade surgisse contra o fundo da efectiva expansão dessas dimensões.

De facto, vendo bem, assim como na esfera visual as maiores distâncias ficam sem expressão (o quadro de diferenças marcadas--a maior das distâncias marcadas--é muito mais pequeno do que as diferenças de distância que ficam anuladas, de tal modo que aparecem todas "rebatidas" sobre um mesmo plano extremo), assim também todas as maiores diferenças de dimensão ficam inteiramente "tapadas" pela perspectiva que temos sobre as grandes dimensões (e todas elas "rebatidas" numa mesma apresentação, que as deixa completamente de fora). De sorte que, quanto mais nos julgamos a par da extensão de incompletude a que correspondem, tanto mais se perde o rasto dessas extensões, mais elas ficam completamente fora do horizonte (anulando-se, frustrando-se assim a remissão para elas que de facto--quer em virtude do carácter aberto das apresentações horizontais, quer em virtude da nossa capacidade de conceber ordens de grandeza cada vez maiores--está presente no nosso ponto de vista).

A representação inautêntica de totalidade e o complexo de fenómenos em cujo quadro se inscreve constituem assim importantes "amortecedores" da percepção da incompletude--"amortecedores" que, associados ao esbatimento dos limites e aos fenómenos a ele associados, reforçam consideravelmente o seu efeito, mas que, por outro lado, mesmo uma vez suspenso o esbatimento, fazem que a inversão da relação de forças entre o tido e o não-tido, que então já parece produzir-se, seja de facto muito mais aparente do que real.

Os diferentes aspectos sucessivamente analisados permitem agora, em balanço, ver a que ponto é assim.

Por um lado, a apresentação de grandes dimensões faz-se de tal

modo que a perspectiva que se tem a seu respeito é fortemente "deficitária" em relação a elas--deixa de fora não só uma parte das extensões que lhes correspondem mas a esmagadora maioria delas. A avaliação da ordem de grandeza dos campos de realidade em relação aos quais o acompanhamento que se tem é incompleto (e, consequentemente, a avaliação das dimensões da incompletude) fica deste modo aquém--e mesmo muito aquém--das dimensões efectivamente em causa, é redutora.

Por outro lado, todas as diferentes indicações de ordem de grandeza que se podem ter e o crescendo que lhes corresponde ficam retidos numa mesma perspectiva concreta (numa mesma esfera de difusão e perda de acuidade--onde, se assim se pode dizer, "todas as diferenças são pardas"). Poderia verificar-se o "deficit" primeiramente referido (e a avaliação redutora da incompletude, que lhe corresponde), mas, apesar de tudo, haver alguma conversão das diferenças entre as grandes dimensões em expressões concretas de algum modo diferenciadas. Mas não. Pelo que não só não se produz o crescendo que corresponderia a uma adequada capacitação das dimensões que se indicam, mas de facto não chega a haver nenhum real crescendo da ordem de grandeza com que se apresenta o campo de escondimento envolvente da esfera de familiaridade. O campo de escondimento que fica realmente "desenhado" tem uma dimensão constante, "surda" em relação a todas essas diferenças e à sua "espiral" de aumento de dimensões.

Finalmente, não só a ordem de grandeza com que concretamente se apresenta o exterior da esfera de familiaridade e o campo de escondimento que lhe corresponde é uma ordem de grandeza constante, mas, para além disso, a perspectiva que assim se mantem constante é justamente uma perspectiva difusa, marcada por uma grande perda de acuidade, cujo conteúdo é, se assim se pode dizer, um conteúdo de não se ver bem--ele próprio difuso, sem determinação vincada, níti

da. Poderia ser constante (e, nessa medida, extraordinariamente redutor) mas, apesar de tudo, configurar com nitidez, de forma bem desenhada, uma extensão bastante maior que o campo de familiaridade. De facto, porém, a extensão com que põe em contacto é vaga, diluída, indistinta. De onde resulta que aquilo com que o núcleo do já tido entra em confronto de dimensões não é nenhuma dimensão nitidamente definida, cuja extensão se acuse numa clara apresentação da sua amplitude--mas precisamente um apresentado difuso, não fitado --uma perspectiva lassa, frouxamente acompanhada e com uma presença fraca no campo de apresentação.

E, assim, não acontece só que, como se viu, em virtude do esbatimento dos limites e dos fenómenos de "arredondamento", etc., a ele associados, o horizonte exterior ao campo de familiaridade, por mais que esteja reconhecido como um horizonte muito maior do que aquele, seja um horizonte que de facto não começa em sítio nenhum--que em sítio nenhum entra em contacto com o campo do que parece ter-se e que em sítio nenhum começa a limitá-lo efectivamente (de tal modo que o deixa na verdade numa expansão indefinida, sem nada que o trave). Acontece ainda que aquilo que é contraposto à esfera acompanhada e entra com ela na definição de uma relação de forças, por muito que haja evidência de ser muito grande e mesmo incomparavelmente maior do que a esfera acompanhada, de facto não chega a ter uma grandeza verdadeiramente definida. E antes algo de difuso, vago, cuja ligação com a totalidade do que se apresenta tido fica muito longe de desenhar a relação de forças nítida e inequívoca entre duas ordens de grandeza bem delimitadas que à primeira vista parece constituir. De tal modo que, mesmo que o exterior do campo de acompanhamento seja reconhecido como maior e mesmo muito maior do que ele, o efeito efectivamente restritivo desse reconhecimento (a superioridade de dimensão do não-tido sobre o tido, que de facto introduz) é bastante vago e não produz concretamente a impres-

são de se estar numa pequeníssima clareira de acesso perdida, efectivamente perdida, num maciço esmagador de realidade em escondimento.

Por outro lado, ao mesmo tempo que permite uma mais plena compenetração dos factores de amortecimento que contribuem para neutralizar o reconhecimento da incompletude, mesmo quando este já tem em referência o exterior do campo de familiaridade, a detecção do fenómeno da representação inautêntica de totalidade abre também caminho para a suspensão do efeito deste fenómeno--para o desmascarar da sua presença e a desmontagem do condicionamento redutor que dele decorre.E, desse modo, tal como a detecção do esbatimento dos limites, também a focagem deste outro factor de amortecimento faz que a apercepção da incompletude "cresça", cria condições para se produzir efectivamente o "disparo" das dimensões da incompletude que o funcionamento indetectado do fenómeno neutraliza e torna inefectivo.

Como se observou, antes de detectado o fenómeno das representações inautênticas de totalidade e enquanto a nossa perspectiva está sujeita a ele, o que caracteriza o reconhecimento da incompletude é uma peculiar **ambiguidade**. Por um lado, reconhece-se o excesso da amplitude do real sobre a nossa capacidade de acompanhamento dele--reconhece-se um campo de escondimento, um "exterior" do acesso que se tem. Por outro lado, o próprio reconhecimento da incompletude (mesmo quando reconhece que ela tem extraordinárias dimensões) faz-se como se se tivesse uma perspectiva daquilo **em relação ao qual** o nosso ponto de vista é incompleto--como se se tivesse a noção e a "**medida**" disso.

Ou seja, na sua ocorrência natural há uma peculiar articulação interna do reconhecimento da incompletude, uma articulação tal que no próprio reconhecimento de que há realidade que escapa (que fica de fora, etc.) está inexplicitamente presente uma apresenta-

ção disso que escapa (uma apresentação que de facto se pretende já a par disso).

Ora, sendo assim, o que acontece é que esta apresentação daquilo em relação ao qual o nosso ponto de vista se reconhece incompleto é uma apresentação com características de representação inautêntica de totalidade--ou seja, sofre ela própria de incompletude (e de facto de uma incompletude colossal, de dimensões extremas). Porém, no reconhecimento natural da incompletude não se tem notícia desta outra incompletude, o funcionamento de representações inautênticas de totalidade escamoteia-a e deixa completamente perdido o seu rasto.

Ao produzir-se o reconhecimento da incompletude ele tem forçosamente de ter uma referência (um horizonte em relação ao qual é reconhecido o "deficit" da apresentação de que se dispõe). No reconhecimento natural essa referência parece dominada, parece algo que já se percebe bem, em que não se vê qualquer problema. De facto, porém, a referência em relação à qual é produzido o reconhecimento natural da incompletude não tem o carácter adequado que inexplicitamente se arroga, é ela própria incompleta (e tanto que, como se procurou mostrar, mesmo para campos de realidade de dimensões relativamente modestas, como Portugal, deixa apagada a quase totalidade desses campos).Mas o que é reconhecido no reconhecimento natural da incompletude é só a incompletude em relação a esta referência (uma incompletude percebida em relação a ela) e não a incompletude da própria referência. Esta última, sendo extraordinária, escapa inteiramente, é deixada completamente fora de vista em virtude da pretensa adequação da referência que se tem--a qual, valendo como adequada, fecha em si o horizonte para que está aberto o reconhecimento da finitude.

Por outras palavras, o reconhecimento natural da incompletude está limitado pela referência em relação à qual se produz e pela

representação inautêntica de totalidade que intervém no seu estabelecimento e faz que essa referência seja ela própria incompleta, colossalmente incompleta. Tal limitação mantém o reconhecimento da finitude numa base em que, apesar de tudo, parece estar-se a par da situação em que se está. De tal modo que se está orientado a respeito da incompletude, a incompletude surge "sob controlo" e é, se assim se pode dizer, qualquer coisa que se sabe.

Ora é justamente esta base de segurança, esta impressão de domínio, de estar a par (esta espécie de "sobrevoo" da situação de incompletude, que inexplicitamente parece ter-se enquanto reinam como referência representações inautênticas de totalidade) que desaparece quando é focado o fenómeno da representação inautêntica, quando fica percebido e suspenso o efeito de encobrimento que encerra e passa a estar a descoberto esta outra incompletude de extraordinárias dimensões que o regime normal de reconhecimento da incompletude deixa inteiramente despercebida.

O que daí resulta é precisamente um obscurecimento do horizonte, da referência em relação aos quais é feito o reconhecimento da incompletude, uma perda da medida desse horizonte e da incompletude que lhe corresponde (o desaparecimento do núcleo de apresentação ainda adequada que inexplicitamente é deixado a subsistir na perspectiva normal de fixação da respectiva amplitude). E, deste modo, o que daí resulta é uma perda de domínio da situação em que se está, a percepção de que a apresentação que se tem de facto não está a par e que a extraordinária amplitude da incompletude a que se está sujeito é qualquer coisa esmagadoramente maior que toda a medida que se tem ao tentar avaliá-la---algo sem medida, abissal, em que a nossa perspectiva se perde totalmente.

Isso mesmo é o que se manifesta em relação ao campo de realidade "Portugal".

Se habitualmente Portugal (e o campo de escondimento que reco-

nheço corresponder-lhe) me parece um campo de realidade de cujas dimensões faço bem ideia, a amplitude do que lhe corresponde e que para mim constitui um campo de latência revela-se na verdade, seguindo a indicação de que disponho e suspendendo a intromissão de representações inautênticas de totalidade, absolutamente esmagadora, com dimensões para que não tenho ponto de vista---de que não estou à altura. Portugal estende-se por aí fora à minha volta num horizonte que de todo em todo não abranjo, antes me escapa imensamente : algo aí, sim, mas não aceso numa manifestação de si---um campo de realidade muito para lá de tudo o que acompanho, um campo que mantém fechada para a apresentação de que disponho à esmagadora maioria daquilo que comporta, uma imensa maioria com dimensões extraordinárias e absolutamente insondáveis para o tipo de acesso de que disponho.

E, assim, os campos de latência que a supressão do esbatimento dos limites revela a começarem já muito perto de mim, pondo termo a domínios de acesso relativamente estreitos, revelam-se campos incomensuravelmente maiores do que à primeira vista parece--e continua a parecer mesmo uma vez obtida a marcação dos limites.

Se a suspensão do esbatimento destes revoluciona a conformação do acesso em que tenho a impressão de me encontrar (introduzindo a presença efectiva de limites e produzindo uma modificação--e, mais precisamente, uma"contracção"--da forma da finitude), por sua vez a neutralização das representações espúrias de totalidade traz consigo uma segunda "revolução" de perspectiva, fazendo "disparar", "explodir", se assim se pode dizer, a amplitude dos campos de latência--elevando-a a dimensões de que, naturalmente, a despeito da indicação da continuação sempre prolongada do real, não se faz a mais remota ideia. Com o que fica reduzido a dimensões comparativamente muito mais pequenas o domínio daquilo a que propriamente tenho acesso na apresentação de que disponho.

2.1.1.2.3 A TESE ESPONTÂNEA DE HOMOGENEIDADE a respeito dos horizontes exteriores ao campo de familiaridade. Exploração preliminar da sua presença. O conteúdo da tese de homogeneidade, o seu carácter simultaneamente aberto e fechado e a prevalência das determinações que fixa sobre a margem de indeterminação que deixa em aberto. A génese da tese de homogeneidade a partir do campo de familiaridade e a estrutura complexa da própria tese--a multiplicidade das determinações envolvidas na tese de homogeneidade, suas características e organização estratificada. A flexibilidade da tese de homogeneidade, o "núcleo duro" da tese e a sua capacidade de resistência. Papel da tese de homogeneidade no "preenchimento" dos horizontes exteriores--a tese de homogeneidade e a plena redução da incompletude nos horizontes exteriores à dimensão de um mero conjunto de lacunas. A natureza irrestrita da tese de homogeneidade e a forma como constitui uma APRESENTAÇÃO DO TODO.

Tudo o que se viu dá conta de alguns aspectos decisivos da forma como está organizada a apresentação que temos--e de como esta a presentação é capaz de neutralizar o reconhecimento da incompletude relativamente aos horizontes externos e é capaz de o integrar mum quadro compatível com o regime natural de compreensão das falhas como lacunas. Mas está ainda longe de facultar um acompanhamento de todo o conjunto de fenómenos que contribuem para que seja assim. Como, aliás, está também muito longe de dar já inteira medida do ponto a que vai essa neutralização do reconhecimento da incompletude e a sua compatibilização com a forma natural da finitude e o dispositivo geral de minimização e subalternização que lhe dá suporte.

Conforme se indicou no início, além do esbatimento dos limites da apresentação e das representações inautênticas de totalidade, há ainda outros fenómenos que intervêm neste contexto. E designadamente caracteriza também o nosso ponto de vista o facto de a perspec-

tiva que tem sobre os horizontes exteriores ao campo de familiaridade estar dominada por uma tese natural de homogeneidade, que os faz aparecer como tendo mais ou menos as mesmas características que os campos de realidade já explorada que integram a esfera de familiaridade.

Assim, observe-se o que sucede quando se chega a inibir o esbatimento dos limites do campo de familiaridade e se suspende a sua propagação indefinida.

Ao produzir-se a marcação de quaisquer limites do campo de familiaridade, esses limites significam que a apresentação alguma vez tida (ou que de qualquer modo se mantém em retenção) estaca neles, de tal modo que não se tem acesso àquilo que se situa para lá. Nesse sentido, a marcação de fronteiras do campo de familiaridade deveria fazer desenhar o campo de acesso em que nos vemos como uma clareira estendida justamente só até esses limites e cedendo neles lugar a campos de escondimento. Ou seja, deveria produzir o recorte de uma "bolsa" rodeada por domínios de total incógnita.

Ora não é isto que se desenha quando ficam marcados os limites do campo de familiaridade e se percebe que, para lá desta fachada, desta rua, deste ou daquele monte, deste ou daquele tempo, etc., não há nenhum acesso constituído, nada que efectivamente mostre as realidades que se situam nesse "para-lá". Por mais que nos capacitemos de que de facto é assim--de que não está disponível esse acesso e de que em última análise as realidades em causa são perfeitamente desconhecidas--a apresentação que se tem, a pretensão de se saber que se sustenta, não estaca de facto nesses limites, vai além deles. Na análise que se fez das representações inautênticas de totalidade começou-se já a ver como é assim--como há aspectos da perspectiva que se tem sobre o exterior do campo de familiaridade que envolvem inexplícitas pretensões de saber e fazem que o que aparece nesse exterior seja diferente de uma total incógnita. Mas o que então se considerou dizia respeito apenas à extensão, à dimensão

dos campos de realidade em causa--era neutro relativamente ao seu "preenchimento", à realidade que os ocupa, e deixava ainda admitido que a respeito de tal preenchimento não houvesse qualquer pretensão de saber e a nossa perspectiva sobre os horizontes exteriores ao campo de familiaridade fosse de inteiro não saber--inteiramente aberta.

Ora não é assim. No preciso momento em que se reconhecem limites do campo de familiaridade (e por mais agudo que já seja tal reconhecimento) o "para lá" deles também está preenchido com determinações, de tal modo que se tem ideia das realidades que o ocupam e, de facto, pese embora o reconhecimento de que se trata de realidades subtraídas a acesso, fora de alcance, esses campos de realidade ficam muito longe de equivalerem a totais incógnitas.

Mas como se constitui essa apresentação do exterior do campo de familiaridade, quando não há nenhum acesso documentável ao que nele se passa e quando já se tem clara consciência de que é assim ?

Tal apresentação constitui-se em virtude de uma implícita projecção de homegeneidade que antecipa os domínios de realidade exteriores ao campo de familiaridade como sendo afins da realidade conhecida desse campo.

Ao considerar, por exemplo, a realidade que haverá por detrás das fachadas dos prédios em que nunca entrei, percebo-a naturalmente como uma extensão da realidade que me é familiar e como correspondendo com certeza a conjuntos de casas de habitação ou talvez também escritórios, onde diversas pessoas passam parte da sua vida e há mobiliário e máquinas, com toda a probabilidade é falada uma língua que conheço, se vê televisão, as pessoas lidam umas com as outras e há entre elas teias de relações, etc.. E assim também, mutatis mutandis, para as demais fronteiras do campo de familaridade. Não é só com algumas delas que os horizontes exteriores de que são limítrofes estão assim de algum modo sabidos, de sorte que há "á-

-vontade" a seu respeito. Independentemente de variações quanto ao grau de determinação com que se apresentam fixados os diversos horizontes, em todas as direcções aquilo que se situa em volta do campo de familiaridade é antecipado como correspondendo a realidades que têm sensivelmente as mesmas características que a realidade a que se tem acesso, sem descontinuidades, cortes, em relação a ela. As características dos diferentes sectores do campo de familiaridade influem precisamente na pespectivação dos horizontes exteriores com que confinam, de tal modo que as urbanizações tendem a ser vistas como continuando-se em urbanizações do mesmo tipo, os bosques como continuando-se em bosques, o mar em mar, etc..

E, assim, mesmo que tenha vincadas as suas fronteiras, o campo de familiaridade nunca nos surge como uma "cápsula" de determinações conhecidas no meio de uma realidade envolvente efectivamente admitida como heterogénea relativamente a ela--e até totalmente heterogénea (de tal modo que, para lá das fronteiras do campo de familiaridade se conte realmente com a possibilidade de estar o totalmente desconhecido). Não. A porção de realidade conhecida não aparece nunca enxertada num enquadramento misterioso, tal que efectivamente se admita que para lá dela comece o completamente diferente--de que nada (absolutamente nada) se sabe. O que se inculca é antes que, tal como no campo de familiaridade, assim também para lá das suas fronteiras há casas, povoações, seres humanos, animais de diversas espécies, vegetação, montes, planícies, vales, rios, mares, etc.. E que é assim inculca-se justamente com toda a evidência --de forma inexplícita, sim (sem qualquer menção expressa, sem que sequer se pense nisso) mas de facto tambem sem qualquer reserva ou hesitação, sem nada que minimamente condicione ou restrinja a adopção desta tese.

Aliás o próprio curso habitual da experiência reforça esta perspectiva e a evidência de que espontaneamente se reveste. Ocorrendo com alguma regularidade aquisição de acesso a campos de realidade

antes exteriores à esfera familiar, essas aquisições confirmam normalmente a antecipação de homogeneidade já vigente antes de se dar e corroboram a evidência geral de homogeneidade. Mesmo que nesses campos de realidade haja alguns aspectos específicos surpreendentes (e até muito surpreendentes), esses aspectos dizem em regra respeito a determinações que não contendem com as antecipações vigentes antes da sua descoberta--o que se encontra corresponde na maior parte dos seus traços ao núcleo de determinações antecipado na projecção de homogeneidade : "preenche", "cumpre" a antecipação, documentando desse modo a sua justeza.E, por outro lado, ainda que num ou noutro caso até haja alguns aspectos de homogeneidade antecipada que se vejam infirmados (de tal modo que os campos de realidade a que se acede apresentam determinações contrárias à antecipação), essa infirmação não se produz globalmente a respeito de todas as determinações envolvidas na projecção de homogeneidade--e nem sequer acerca da maior parte delas, antes tão só acerca de um pequeno lote ou mesmo só acerca desta ou daquela determinação isolada, no meio de uma ampla rede de determinações antecipadas que também nesse caso alcançam confirmação.

A projecção de homogeneidade sobre os horizontes exteriores ao campo de familiaridade está, deste modo, sempre já tão consumada que não só não parece razoável pô-la em causa, mas não aparece sequer como uma projecção e naturalmente nem de longe nos "passa pela cabeça" considerar outra possibilidade que não aquela que fica consagrada com a sua adopção.

E isto não é assim só para os horizontes contíguos ao campo de familiaridade (a respeito dos quais os sectores do campo de familiaridade que com eles confinam funcionam como indícios) ou só para os horizontes exteriores ao campo de familiaridade que de qualquer modo ainda ficam próximos dele.

Não.

De facto, vendo bem, assim como o campo de familiaridade habitualmente não tem nenhum traçado de fronteiras e essa ausência de delimitação corresponde a uma propagação, a uma dilatação indefinida, assim também a projecção de homogeneidade sobre os horizontes exteriores à esfera de familiaridade não tem habitualmente nenhum limite definido e sofre o efeito desta ausência de demarcação. A projecção não está constituída de tal modo que se estenda só até um certo termo e a partir daí ceda lugar a uma perspectiva mais aberta, tal que os campos de realidade situados para lá apareçam como campos de total incógnita. Se logo a seguir aos limites do campo de familiaridade e numa relativa proximidade a ele não se espera nada de radicalmente diferente do que se conhece (e não somente não se espera mas a perspectiva que se tem é, inexplicitamente, de franca exclusão de tal possibilidade), não acontece que um pouco adiante (no espaço ou no tempo) ou sequer bastante mais adiante se suspenda essa perspectiva de exclusão e se passe a uma perspectiva efectivamente aberta. Não. O que caracteriza a projecção de homogeneidade e o preenchimento que faz do exterior do campo de familiaridade é precisamente uma total ausência de fronteiras (uma absoluta não marcação de limites) conduzindo a uma propagação indefinidamente prolongada, sem termo.

E isto em qualquer das diversas situações em que habitualmente se tem apresentação desses horizontes. A notícia que há do exterior do campo de familiaridade (notícia que se tem mesmo que este último não se ache marcado nas suas fronteiras e o seu exterior, desse modo, não comece definidamente em sítio nenhum) está sempre já, se assim se pode dizer, "injectada" com essa tese de homogeneidade indefinidamente prolongada sem qualquer peia. Tanto no caso da notícia global, mais abstracta, de que há um exterior do campo de familiaridade (de que este não esgota toda a realidade), quanto no caso de se produzirem tematizações em que expressamente se consideram estes e aqueles campos de realidade desse exterior, a apresentação

que se tem é completamente alheia a qualquer perspectiva aberta sobre o tipo de realidade que há nesse horizonte. No primeiro caso, não chega sequer a isolar-se definidamente qualquer campo de realidade, a apresentação que se tem desse exterior é muito difusa. Mas nessa difusão domina justamente a nota de homogeneidade e a perspectiva que se tem não comporta nada que ponha no horizonte, perto ou longe, sequer a possibilidade de quaisquer descontinuidades drásticas, de quadros de realidade completamente diferentes do que se conhece. E, por outro lado, quando se chega à tematização destes ou daqueles campos de realidade pertencentes a esse exterior, quer eles próprios quer os horizontes de realidade inexplicitamente apresentados como envolventes deles, mesmo que comportem esta ou aquela nota de alteração relativamente àquilo que nos é mais familiar (carácter desértico dos planetas,etc.), estão tidos numa perspectiva de que está arredada a heterogeneidade, no sentido próprio e forte do termo--numa perspectiva em que esta não entra e em que a ausência de qualquer menção a seu respeito corresponde justamente ao domínio de uma tese de homogeneidade.

A tese de homogeneidade está como que introduzida na própria remissão horizontal, "contaminando" a sua própria projecção, acompanhando-a. De tal modo que toda a co-apresentação horizontal já inclui em si a projecção de homogeneidade e esta vai tão longe quanto a própria co-apresentação dos horizontes.

Nada disto se processa de forma explícita--acusando-se a fixação de determinações que assim é feita, havendo consciência de que é assim. Mas tal não impede que a conformação de perspectiva assim introduzida sem clara consciência tenha efeito e prenda efectivamente a uma óptica completamente diferente da que corresponderia a uma perspectiva aberta sobre o exterior do campo de familiaridade. Como também não impede que a conformação de perspectiva assim introduzida seja muito decidida, assente. E tanto assim que, ainda

quando se formule e aceite tematicamente a possibilidade de um exterior do campo de familiaridade **heterogéneo** em relação à realidade conhecida deste, de facto a constituição de semelhante tese não faz suspender a projecção inexplícita de homogeneidade que de raiz está posta a vigorar no nosso ponto de vista.

Numa palavra, sem que se pense nisso e sem que haja qualquer formulação expressa da perspectiva assim constituída, o ponto de vista natural rege-se por um princípio como aquele que, em alusão a palavras de uma peça de Fatouville, Leibniz associou à figura de Arlequim: "que c'est toujours et partout en toutes choses tout comme icy". A vigência deste princípio é, como se observou, discreta e pode até não parecer muito enraizada--tão pouco enraizada, até, que pode admitir sem grande resistência a adopção temática de uma tese oposta. Mas, de facto, como mais detidamente se procurará mostrar, o carácter discreto da sua presença e a falta de resistência a teses contrárias não significa nenhuma diminuição da efectividade do princípio, nenhuma quebra do seu domínio absoluto sobre a forma como vemos.[60]

*

Feita deste modo uma primeira aproximação à projecção de homogeneidade que habitualmente domina a nossa perspectiva sobre o exterior do campo de familiaridade, a focagem conseguida é ainda insuficiente para levar a perceber a forma como essa projecção está constituída, a multiplicidade de aspectos que comporta, a capacidade que tem de resistir ao que a parece pôr em causa, etc.. O que se viu põe já na pista da peculiar perspectiva de que se trata, mas é indispensável um exame mais preciso, que torne distintas as características do fenómeno e torne mais reconhecível a forma como actua.

É isso que se procura agora empreender.

Se o que caracteriza a mais frequente apresentação do campo de familiaridade (aquela que se tem enquanto se está absorto no campo de incidência e não há qualquer presentificação de nada exterior a ele) é a extrema"condensação" a que equivale, é a ausência de perspectivas "desdobradas" sobre os diferentes campos de realidade que o integram, isso é ainda muito mais assim em relação ao exterior do campo de familiaridade e à apresentação que dele se tem. Também aqui podem ocorrer presentificações imaginativas, produzindo quase-ostensões destes ou daqueles campos de realidade. Mas, mesmo quando tematizamos alguns e os temos especialmente em consideração, toda a tendência é para não haver discriminação, seguimento diferenciado dos diversos momentos envolvidos, para se ficar numa perspectiva global. E, quando ocorrem presentificações (apresentações quase-ostensivas), elas têm um carácter ilustrativo (dando a ver uma determinada perspectiva, uma "amostra", do campo de realidade em causa, não fornecendo um percurso como aqueles que são possíveis no campo de familiaridade).

Numa palavra, no preenchimento dos horizontes exteriores ao campo de familiaridade, na evidência natural de que a realidade presente neles continua homogeneamente a realidade do campo de familiaridade, o que se produz é uma fixação colectiva e não se discrimina o leque de determinações implicado nessa fixação colectiva.

A evidência que domina é a de que para lá do campo de familiaridade há povoações, pessoas, rios, montes, planícies,etc., mas justamente sem que se cheguem a definir que povoações, que rios, que pessoas e com que propriedades, ao certo em que ocorrências e em que configurações concretas, ou seja, sem definição dos campos de realidade que concretamente dão corpo (e para que em última instância remetem) as indicações gerais de que se dispõe.

Quer dizer, o apresentado correspondente à projecção de homogeneidade tem o carácter de um colectivo amalgamado de determinações

--e é um colectivo amalgamado desta ordem que preenche os horizontes exteriores ao campo de familiaridade e faz que não sejam vazios ou totalmente vagos quanto ao seu conteúdo. [61]

O tipo de fixação de determinação (o tipo de preenchimento) em causa tem traços comuns com o do campo de familiaridade, mas difere consideravelmente dele.

O que tem em comum é a circunstância de, tal como no campo de familiaridade, a fixação de determinação de que aqui se trata ser feita por determinações gerais e num registo muito menos preciso, muito mais vago do que aquele que reina no núcleo (e a fortiori no foco) de incidência. Só que a diferença em relação a estes é ainda muito mais acentuada na projecção de homogeneidade, o registo de determinação é ainda menos preciso e mais vago (ou seja, é consideravelmente mais geral, menos específico) do que no campo de familiaridade. Neste--ainda que, como se viu, as determinações dos diferentes campos de realidade já explorados estejam retidas só nalguns traços mais fundamentais (estes e aqueles tipos de casas, de ruas, de campos, etc., sem captação da maior parte das determinações mais particulares) e ainda que, fora das presentificações que só esporadicamente ocorrem, os próprios conteúdos assim retidos estejam condensados num amálgama em que cada uma não tem presença distinta--o complexo de determinações que "preenche" reflecte, apesar de tudo, as características próprias dos bairros, cidades, campos, etc., de que se trata, tem ainda ligação com as configurações concretas dos campos de realidade tais e tais que nos são familiares. Pelo contrário, no preenchimento feito por via da projecção de homogeneidade, o colectivo carece justamente de ligação com configurações concretas, é muito mais "anónimo" e difuso.

Trata-se de uma perspectiva de índole muito peculiar e que conjuga um carácter aberto (ainda em suspenso, admitindo a novidade e o desconhecido) e um carácter fechado (já assente, antecipando a

não-inovação e o já fixo).

Por um lado, com efeito, deixa aberta uma margem de variação nos horizontes a que respeita. Não presume que a realidade nesses horizontes seja precisamente esta ou aquela--e em particular não presume que seja exactamente a mesma que no campo de familiaridade uma pura repetição do que se encontra nele). Ou seja, se estabelece uma ligação entre o conteúdo desses horizontes exteriores ao campo de familiaridade e o conteúdo deste, a ligação que se estabelece não é tal que o exterior do território fique reduzido a ser uma replicação indefinidamente repetida desse campo (como nas imagens virtuais de espelhos paralelos--de tal modo que o que há no campo de familiaridade fosse visto a iterar-se na continuação do espaço, a iterar-se sempre no passado, a iterar-se sempre de novo no futuro). Não. A perspectiva que se tem sobre o exterior do campo de familiaridade conta com o novo, o nunca visto, aquilo que se desconhece e que nem se consegue imaginar bem que possa ser. E conta mesmo com uma margem muito ampla de inovações e de desconhecido --de sorte que o que mantém em aberto e manifesta ainda por descobrir não é só um aspecto ou um lote restrito de aspectos mas um conjunto muito numeroso de aspectos (indefinidamente numeroso, mesmo, de cardinal irrestrito). Numa palavra, o que caracteriza a perspectiva sobre o exterior do campo de familiaridade é uma decidida admissão da diferença, uma evidencia do carácter diversificado da realidade, uma tese de variação.

Mas, por outro lado, se se caracteriza por comportar toda esta expectativa de variação e inovação (e pela correspondente manutenção de uma ampla margem de em-aberto), a perspectiva que se tem sobre o exterior do campo de familiaridade também não corresponde à total ausência de qualquer fixação das características da realidade que o ocupa, não tem uma expectativa totalmente aberta a seu respeito, que o deixe aparecer como uma total incógnita. Há fixações que travam esse em-aberto, que o restringem e que em larga me

dida o fecham. Mais precisamente, o em-aberto posto a vigorar nesses horizontes acha-se restringido por uma cláusula fundamental de afinidade com a esfera já conhecida, de tal modo que a variação (a surpresa) efectivamente admitida é uma variação no quadro da manutenção de um conjunto fundamental de traços e de tipos de realidade. Ou seja, a variação efectivamente admitida é aberta--mas é-o só dentro de um intervalo--dentro do intervalo que tem como limite a preservação desse núcleo de características fundamentais. Todas as diferenças admitidas, sendo numerosas e indefinidas quanto à especificidade do seu conteúdo, estão globalmente antecipadas como variantes novas, imprevisíveis e desconhecidas de formas de realidade já conhecidas a partir do campo de familiaridade.

De tal modo que o surpreendente que é admitido corresponde a especificações novas de géneros já conhecidos e fixos. E as realidades dos horizontes exteriores podem ser bastante diferentes das que estão disponíveis dentro do campo de familiaridade, podem ser insusceptíveis de antecipação no que têm de próprio (quanto ao teor da inovação que representam), mas de todo o modo são já antecipáveis na sua inserção dentro de tipos de realidade já conhecidos e também na forma como "forçosamente" observam determinadas propriedades fundamentais da realidade, de que já se está a par.

Este carácter misto de em-aberto (e tanto quer dizer--de escondimento, de não-saber) e de antecipação (de saber já constituído e já assente) é tornado ainda mais peculiar e intrincado por um fenómeno já detectado no exame do campo de familiaridade e que aqui volta a desempenhar um papel relevante. Poderia haver essa coexistência dos dois aspectos, mas com uma clara delimitação de um e de outro--de sorte que os respectivos domínios se achassem contrastados e ficasse claramente demarcado o lote do já antecipado (o já sabido, fixo) e os aspectos ainda em aberto (a respeito dos quais a apresentação que se tem ainda é cega). Mas não. Também aqui reina a

quela segunda modalidade de esbatimento dos limites referida em 2.1.1.2.1 e que não consiste no esbatimento das fronteiras entre o campo de realidade coberto e o campo de realidade não coberto pela apresentação que se tem, antes no esbatimento das fronteiras entre o núcleo de determinações já acompanhadas dentro de um dado campo de realidade e o conjunto daquelas suas determinações que ainda estão por acompanhar e se conservam em aberto.

Como se apontou, a fixação de determinações resultante da projecção de homogeneidade diz respeito a um conjunto de aspectos genéricos e deixa em aberto a respectiva especificação (estabelece que há casas, povoações, pessoas, campos, rios, mares, nações com a sua língua, etc., mas não fixa propriamente que casas, que povoações, que pessoas, que campos, etc., com que características, formando que espécie de campos de realidade concretos). A perspectiva que a projecção de homogeneidade constitui a respeito dos campos de realidade preenchidos apenas por ela vai só até certo ponto na fixação das realidades que ficam apresentadas deste modo, refere-as só em fixações colectivas que deixam em aberto e por seguir cada uma das realidades para que remetem e todas as determinações que todas elas tenham para lá do núcleo de homogeneidade e das determinações comuns que lhe correspondem. Nesse sentido, a perspectiva informada só pela tese de homogeneidade é cega relativamente a todos os conteúdos próprios de cada uma das realidades em causa, a tudo o que tenham de irredutível ao núcleo das determinações comuns, a todo o complexo das determinações específicas e singulares que porventura tenham. De tal forma que os horizontes exteriores preenchidos só por meio desta tese comportam ao mesmo tempo para todas e cada uma das realidades que neles se situam facetas já identificadas e facetas ainda por descobrir, um núcleo sabido e uma multiplicidade aberta de aspectos em relação aos quais é incompleta. Simplesmente, sendo assim, o que aparece ao ter-se apresentação destes horizontes não vem articulado numa nítida fixação do que se tem

e do que ainda falta e muito em especial não acusa a partir de que ordem de determinação começa a haver escondimento, a partir de que "momento" a fixação que já se tem começa a falhar e dá lugar a pontos cegos.

Mesmo que, tematicamente, quando se considera o exterior do campo de familiaridade, o que avulta, o que mais chama a atenção, seja a falta de acompanhamento que há a seu respeito, o modo como tudo isso ainda é desconhecido (sendo justamente esse um dos aspectos da diferença relativamente ao campo de familiaridade--onde o que naturalmente se impõe a ser reconhecido é a impressão de domínio, a evidência de acompanhamento), essa prevalência de destaque não significa que a marcação de desconhecimento domine efectivamente a perspectiva que se tem sobre os horizontes em causa. De facto, também aqui o reconhecimento de que não se acompanha é normalmente vago e o ainda-por-saber que lhe corresponde não começa definidamente em nenhum ponto (no misto de antecipação e de em-aberto que preenche toda a amplitude desses horizontes, os aspectos em falta não estão claramente identificados e não chegam a constituir nenhum vulto concreto).

Tudo isto--o carácter simultaneamente aberto e fechado da perspectiva que se tem sobre os horizontes exteriores ao campo de familiaridade, a coexistência do em-aberto e do antecipado e a forma como o primeiro aspecto se integra no quadro do segundo--pode, entretanto, tornar-se mais claro e reconhecível se se esclarecer melhor a forma como está constituída a projecção de homogeneidade e qual o conjunto de determinações que estão envolvidas nela.

O ponto de partida da projecção de homogeneidade feita sobre o exterior do campo de familiaridade é a própria homogeneidade que se verifica neste campo.

O que caracteriza o campo de familiaridade, tal como normalmente o temos constituído, é a circunstância de, comportando esse cam-

po uma multiplicidade muito numerosa de apresentados, essa multiplicidade não ser tal que cada um desses apresentados seja completamente diferente dos outros (nada tenha em comum com eles). Poderia ser assim, poderia acontecer que cada determinação presente no campo de familiaridade fosse absolutamente original, inteiramente inovadora em relação a todas as outras. Embora haja um vastíssimo leque de diferenças, a sua verificação está muito longe de impedir um conjunto também muito numeroso de afinidades entre os diversos apresentados--numerosas consistências comuns, numerosas determinações que se repetem em multiplicidades de ocorrências. Determinações como casa, homem, rio, mar, dia, cão, carro, caneta, livro, português, luz, laranja, vermelho, azul, quente, hora,etc., que se encontram no campo de familiaridade, não se esgotam num único exemplar daquilo a que correspondem--não são determinações singulares, ocorrendo uma só vez, mas determinações repetíveis, instanciáveis e de facto instanciadas numa grande multiplicidade de casos. Mas mais. De facto, não somente há determinações que assim se repetem numa grande multiplicidade de diferentes apresentados e que desse modo são comuns a todos eles, mas, para além disso, há ainda determinações que são comuns às próprias determinações comuns. De tal modo que também estas últimas constituem variantes de tipos mais abrangentes--e assim sucessivamente, numa organização que faz que toda a multiplicidade das determinações presentes esteja ligada por uma forte rede de ligações de afinidade. Homem, cão, ave, réptil,etc. (que de facto correspondem a determinações comuns e são especificáveis em diferentes determinações comuns--por exemplo, europeu, asiático, africano, etc, ou pardal, pombo, águia, etc.) correspondem a variedades da determinação comum "animal", a qual por seu turno constitui uma variedade da determinação comum "ser vivo", que partilha com outras formas de realidade diferentes dela a determinação comum "corpo".

Mas, para além destes tipos de realidade, dessas consistências re-

petíveis com um grau de determinação mais ou menos especificado e com uma amplitude de abrangência mais ou menos extensa (prédio, moradia, cabana--habitação humana; pinheiro, eucalipto, tília--árvore; animal, planta--ser vivo; ser vivo, ser "inanimado"--corpo,etc.) faz também parte do núcleo de afinidade entre os diferentes elementos do campo de familiaridade um conjunto de propriedades ou de estruturas fundamentais das realidades com que se tem contacto nele. Assim, a esmagadora maioria daquilo que se conhece do campo de familiaridade tem em comum o facto de ter lugar no espaço, de ter uma figura e uma dada dimensão. Caracteriza também a esmagadora maioria das realidades do campo de familiaridade o serem coloridas e uma determinada "paleta" de cores. Caracteriza-as também uma certa constância de propriedades (de tal modo que não muda "freneticamente" o aspecto das coisas e, havendo mudanças, elas não ocorrem continuamente em todo o lado, antes são lentas e, quando não, localizadas, e compatíveis com um padrão de constância). Caracteriza ainda a esmagadora maioria dessas realidades a circunstância de não corresponderem a "unidades soltas", de estarem antes organizadas em complexos de determinações com identidades fundamentais que a eles "presidem" e que dominam todas as demais determinações envolvidas nesses complexos, subordinando-as ao seu ascendente e reduzindo-as a momentos da identidade colectiva que definem. Caracteriza a esmagadora maioria dos apresentados do campo de familiaridade o facto de atravessarem o tempo preservando as respectivas identidades--o terem identidades diacrónicas. Caracteriza a esmagadora maioria do que se conhece no campo de familaridade o facto de ter uma existência própria, independente das demais e independente da apresentação que se tem dela. Tal como a caracteriza essa realidade assim provida de um estatuto de independência (e de independência relativamente à apresentação que dela se tem) o facto de, não obstante, se prestar a uma apresentação que adequadamente a alcança--que

a alcança sem distorção, exactamente como é "em si mesma", independentemente de haver apresentação. Caracteriza a realidade conhecida do campo de familiaridade o facto de estar sujeita ao tempo, envolvida nele e marcada por todas as relações de posição nele (de simultaneidade e de anterioridade ou posterioridade que lhe correspondem). Não cabe fazer um inventário exaustivo nem analisar a que ponto cada uma destas propriedades é quase universal, qual a margem de excepção que consente e como essa margem é reduzida e se articula com a esfera de domínio de cada propriedade. Mas de momento basta perceber como todas estas diferentes propriedades maciçamente comuns no campo de familiaridade se conjugam e compõem entre si um "padrão de realidade" dominado por elas--uma estrutura constante de organização da realidade em que todos os apresentados, mesmo aqueles que se subtraem a esta ou àquela das propriedades componentes, se integra.

Quer pelo que diz respeito à estreita rede de afinidade que há entre as diferentes consistências nele presentes, quer pelo que diz respeito às propriedades e à estrutura de organização da realidade que o integra, o campo de familiaridade é marcado por uma fortíssima homogeneidade dos seus diversos elementos e dos seus diversos sectores. De tal modo que pelo menos a esmagadora maioria das determinações presentes em cada apresentado dentro dele não tem um carácter único, antes está presente num grande número de outras. E de tal modo que entre cada duas realidades de entre as muitas presentes no campo de familiaridade, por maior que seja a respectiva diferença, por mais heterogéneas que se apresentem, há sempre algum núcleo (e na verdade um núcleo numeroso, "cheio") de determinações comuns. E de tal modo que, finalmente, não apenas há nexos de homogeneidade (e, de facto, multiplicidade de nexos) entre todos os momentos do campo de familiaridade, mas há mesmo uma esfera de homogeneidade universal dentro desse campo, um padrão constante da realidade presente nele, composto por uma multiplicidade de aspectos.

Ou seja, os nexos de homogeneidade não são puramente avulsos, não estão circunscitos a sectores, e a afinidade não é apenas parcelar, congrega o campo de familaridade num núcleo de determinações que o perpassam todo.

A tudo isto se terá de voltar em exame mais preciso--adianta-se só o que é estritamente indispensável para se isolar a projecção de homogeneidade e fazer um mínimo de ideia do seu conteúdo.

Ao acentuar-se o que há de comum e de homogéneo no campo de familiaridade não se pretende dizer que a apresentação que se tem dele privilegie justamente esses traços comuns, passe por cima de todas as diferenças e dê a ver precisamente isso--o que é comum, o homogéneo.

Em parte é de facto assim. Como se teve ocasião de sublinhar, a própria fixação do campo de familiaridade está organizada como uma experiência, no sentido estrito, oportunamente referido, e versa precisamente traços de afinidade--de tal modo que são precisamente determinações desta ordem que estão estabelecidas nela e os diferentes campos de realidade que se situam para lá da esfera de incidência aparecem desenhados só assim.

Mas isso não significa que a apresentação esteja exclusivamente votada à identificação dos traços de homogeneidade--que só eles apareçam--e nem sequer significa que o apuramento da homogeneidade esteja "levado até ao fim" por forma tal que de cada vez se achem claramente apurados todos os núcleos e toda a estrutura de afinidade entre as diferentes realidades presentes e se disponha já de uma recensão completa disso. Não. Se a fixação da maior parte do campo de familiaridade está feita num registo que privilegia o homogéneo (de tal modo que o apresentado--o que aparece--é dessa ordem e é isso mesmo que constitui o tema da apresentação quando está voltada para o campo de familiaridade fora do núcleo de incidência), o plano da fixação assim constituída privilegia determinações

comuns, sim, mas com um grau relativamente elevado de especificidade--e não vai além no seguimento do que é comum (nem no sentido das consistências mais genéricas, nem no sentido das propriedades que as diferentes realidades definidas pela fixação da sua "espécie" têm em comum). O quadro de afinidade não está explorado e estabelecido por tal forma que imediatamente se apresente e a perspectiva em que estamos tenha sempre pronto um conspecto de tudo aquilo que o campo de familiaridade comporta de comum. É aliás tão pouco assim que, para se conseguir identificar o núcleo de afinidade se é obrigado a um esforço demorado (e a um esforço que, como mais claramente se verá, não conduz a um inventário exaustivo, deixa escapar indetectados não poucos aspectos).

Porém, o facto de ser assim--de os traços de homogeneidade só até certo ponto estarem desenhados naquilo que se apresenta, de toda a afinidade superior a um determinado nível de determinações específicas não estar patente e destacada: parecer não figurar de todo na apresentação--impede que inexplicitamente estejam também fixados traços de afinidade mais abrangente do que aquela que assim aparece privilegiada nos conteúdos específicos com que está preenchido o campo de familaridade. Não. De forma que não precisa de ser expressa, está também constituído um "registo" desse outro "nível" de afinidade--e as diferentes "condensações"do homogéneo em que se baseiam as experiências dos diversos sectores do campo de familaridade estão por sua vez também elas atematicamente "condensadas" no registo do que há de homogéneo entre elas. E isto de tal modo que esta "condensação" mais abrangente não se fica por nenhum nível intermédio, não se limita a fixar aspectos ainda assim avulsos de afinidade mais englobante--ascende de facto à identificação do que há de constante entre elas todas. Essa identificação pode não ser plena (deixar escapar alguns e até mesmo muitos aspectos do que há de afim no campo de familiaridade). Mas, por pouco que pense nisso, por menos que se dê por ela, por mais que pareça ausente, está, de

qualquer modo, sempre já feita. E é precisamente isso que fornece a base para a projecção de homogeneidade sobre o exterior do campo de familiaridade.

Se o campo de familiaridade carecesse de afinidade, constasse somente de determinações irrepetíveis ou irrepetidas, totalmente heterogéneas umas às outras, não haveria qualquer base de projecção sobre o seu exterior--assim como cada um dos seus momentos seria completamente heterogéneo a qualquer outro, inteiramente novo quanto ao seu teor, assim também qualquer momento da realidade exterior a ele seria completamente diferente das determinações tornadas familiares a partir dele e totalmente desconhecido, totalmente insusceptível de ser antecipado a partir do seu conhecimento. E, por outro lado, se o campo de familaridade comportasse afinidade mas só em nexos soltos (formando núcleos completamente desgarrados), sem desenhar nenhum padrão global, nada de comum a ele todo, poderia haver alguma projecção, mas ela não poderia ser uniforme. Porém, é o contrário que sucede. Não há--e não é registada--apenas alguma afinidade. Há--e está sempre já registada--uma forte e estreita, uma apertada rede de conexões de afinidade perpassando todo o campo de familiaridade--de tal modo que o que domina é precisamente uma universal inserção dos seus elementos num padrão comum. De tal modo que não há nada que rompa totalmente com esse padrão, nada que não se inscreva em tipos (que por sua vez se inscrevem em tipos, que por sua vez se integram num tipo global de realidade)--e não há nada que não comungue na observância de um mesmo regime de proriedades fundamentais comum a todo o campo.

Numa palavra, a projecção de homogeneidade resulta da fortíssima afinidade globalmente registada no campo de familiaridade e tem de cada vez um conteúdo que reflecte esta última.

Trata-se de um estado-de-coisas complexo, que é preciso dilucidar nas suas conexões.

A tese de homogeneidade (a projecção de homogeneidade sobre o exterior do campo de familiaridade) não está incluída na verificação de afinidade dentro deste campo--constitui uma perspectiva própria, diferente dessa, e que representa um considerável avanço para lá do que nela se estabelece. Uma coisa é verificar a afinidade do campo de familiaridade. Outra, completamente diferente, é projectar o conteúdo dessa afinidade nos horizontes exteriores a esse campo e vê-los, com evidência, preenchidos por esse conteúdo. Mas, sendo assim, o conteúdo da segunda perspectiva não é outro senão a extrapolação do conteúdo da primeira e depende inteiramente dele. De tal modo que, se um dado núcleo de determinação está (inexplicitamente registado como constante no campo de familiaridade, é incluído na projecção e posto a preencher os horizontes exteriores, se não, fica de fora. Embora a formulação nestes termos introduza um aspecto que altera tudo (a expressão do que se passa inexplicitamente confere uma nitidez que justamente falta ao próprio fenómeno) tudo se passa como se a partir da detecção de um núcleo constante no campo de familiariddade se produzisse a sua extensão para fora dele, numa forma particular de experiência (no sentido estrito, que se apontou) que se instala tão enraizadamente que apaga o próprio rasto da "extrapolação" em que consiste, faz afastar completamente a atenção de si e reina absolutamente, com total mas discreta evidência, sem que se dê por ela.

Tanto o primeiro momento quanto o segundo têm, como se acentuou, um carácter inexplícito que dificulta a identificação das determinações que envolvem. Embora a "condensação" do núcleo de constância (a "depuração" e a "resenha" dos seus elementos) esteja de cada vez sempre já constituída e passada a uma projecção sobre o exterior do campo de familiaridade--embora isto se passe sempre já no nosso próprio ponto de vista, no próprio modo como vemos--nada disso se passa no plano temático e, como já se vai ver, podemos até ser surpreendidos com os conteúdos que encontramos integrados nes-

se núcleo e arrastados na projecção da tese de homogeneidade. Neste sentido--insiste-se--o levantamento que se fez não passa de uma exemplificação, pode haver muitos mais aspectos e o núcleo de constantes do campo de apresentação pode muito bem ter globalmente uma compleição de que o descrito só dá uma muito pálida ideia.

Porém, se assim é e se desse modo há dificuldade em conseguir realizar um inventário exaustivo desses conteúdos ou teses, é, no entanto, possível estabelecer globalmente as características desse conjunto de conteúdos ou teses e precisar desse modo o seu teor. As teses sc. as determinações arrastadas na projecção de homogeneidade são <u>todas</u> aquelas que, independentemente de diferenças de estatuto (do seu grau de determinação,etc.) estão inexplicitamente estabelecidas como constantes (determinações homogéneas universais dos campos de realidade já explorados).

Com isso se prende também o modo muito próprio como se realiza a projecção e se faz o preenchimento do exterior do campo de familiaridade.[62] A projecção de homogeneidade não se faz tese por tese, de forma diferenciada, mas <u>de uma assentada</u> e <u>por grosso</u> em relação a tudo aquilo que de algum modo esteja inexplicitamente percebido como característica comum, como determinação universal dominante em todo o campo de familiaridade. Por outro lado, essa projecção compacta não se produz a partir de uma avaliação dos conteúdos que envolve--ponderando a que ponto podem constituir características <u>regionais</u> dos domínios de realidade sobre que recai o campo de familiaridade. A inclusão de conteúdos na projecção de homogeneidade processa-se de forma sumária, "automática", sem qualquer exame desses conteúdos, sem que de qualquer forma se decida a inclusão, estando ela antes sempre já espontaneamente "decidida" e a dominar a forma como nos aparece o exterior do campo de familiaridade. Se um núcleo de determinação está inexplicitamente percebido como constante e se não há nenhum elemento que expressamente o in-

dicie como tendo um carácter estritamente regional, esse núcleo é "automaticamente" arrastado na projecção de homogeneidade, de tal modo que, sem nos darmos conta disso, efectivamente concebemos toda a continuação da realidade como algo que comunga na característica que lhe corresponde.

Por outras palavras, para que algo seja arrastado na projecção não precisa de ser destacado ou percebido à parte. Se é uma determinação constante no campo de familiaridade, basta que a sua constância seja inexplicitamente "sensível"--só não entra na projecção se houver alguma notícia que expressamente acuse essa constância como sendo somente regional e que faça retirar essa determinação do núcleo de constância. Aliás, como se verá, pode até haver já alguma notícia desse carácter puramente regional e ela não ser suficientemente forte, incisiva, para produzir semelhante suspensão.

Deste modo, a porção de realidade que cai dentro do campo de familiaridade funciona como "amostra" do que há para lá. De tal modo que o núcleo de afinidade detectada tende a propagar-se inexplicitamente num alastramento sem travagens, que preenche todo o exterior com os diversos conteúdos desse núcleo.

Neste sentido, caracteriza de raiz o nosso ponto de vista uma fortíssima tendência para ser "provinciano" e generalizar nesse alastramento até as propriedades de facto mais puramente regionais, desde que se apresentem comuns no campo de familiaridade que serve de base à projecção.

Deste modo, se, por exemplo, se têm poucos meios de informação, pouco contacto com o mundo, os outros seres humanos que vivem longe, fora do campo de familiaridade, tendem a ser concebidos sensivelmente com as mesmas características que se conhecem da região onde se vive (com os mesmos traços de tamanho e outras características físicas, o mesmo tipo de roupas, de costumes--e assim também as casas, a vegetação, as crenças, etc.). É certo que constitui uma característica pelo menos da cultura ocidental contemporânea o ha-

ver um grande número de informações que travam esta tendência da projecção de homogeneidade para ser global e nos tornam mais prevenidos a este respeito, mais informados das diferenças, mais prudentes a este respeito e com a ideia da possibilidade de ser somente regional o que se apresenta constante no campo de familiaridade a que temos acesso. Mas mesmo isso não impede que, para além dos aspectos que se acham expressamente acusados como diferentes consoante as regiões (e que desse modo são retirados da projecção de homogeneidade), haja ainda numerosos outros que também são (ou de qualquer modo podem muito bem ser) puramente regionais e que, não havendo ainda nada que os faça retirar do núcleo de determinações percebidas como comuns, são arrastados na projecção de homogeneidade que preenche o exterior do campo de familiaridade e postos a valer também para ele.

Assim, por exemplo, embora não se seja estranho à alternativa dia/noite (e a correspondente presença de luz ou escuridão sejam, nesse sentido, percebidos como determinações não universais), porque, por outro lado, a presença do dia ou da noite é de cada vez uma presença universal (a que pode haver a excepção de lugares às escuras ou de lugares alumiados, mas justamente só como excepções --como esparsas "bolsas" num maciço do oposto), enquanto é dia ou enquanto é noite no campo de realidade a que se tem acesso, a projecção de homogeneidade é inexplicitamente portadora das determinações correspondentes--de tal modo que se vê a continuação da realidade nos horizontes exteriores de cada vez mergulhada ou no dia ou na noite que reina no próprio campo de acesso. Semelhante projecção não é--aqui como em tudo o mais--explícita. E pode até parecer surpreendente. Mas de facto espontaneamente nunca se vê o meio de luminosidade em que se está (ou, quando é esse o caso, o meio de escuridão) como se constituísssem qualquer coisa como uma "cápsula" com essa determinação, rodeada de horizontes em contraste com ela,

marcados por determinações alternativas. É certo que não se constitui nenhuma perspectiva definida de continuação do dia ou de continuação da noite por todos os horizontes fora--acompanhando essa continuação, seguindo-a, ou mesmo só fazendo menção dela. A esse respeito não parece haver nada estabelecido, a perspectiva perde-se, deslassa-se, dilui-se em falta de acuidade e indistinção. Mas nessa indistinção não há neutralidade, domina de facto uma projecção de homogeneidade. A noite ou o dia estão longe de terem o aspecto de qualquer coisa como apenas uma "bolsa" onde estamos, rodeada de um meio heterogéneo em relação a si (uma bolsa de noite num meio diurno, ou uma bolsa de dia num meio noturno, ou um foco de dia ou de noite entre muitos outros de ambas as qualidades formando um numeroso e variegado conjunto de manchas). Não. Mesmo até sabendo que não é noite ou dia ao mesmo tempo em toda a parte, essa notícia tende a não ter de facto tradução na forma como as coisas me aparecem em concreto. E, de facto, a apresentação que tenho é sempre de novo atraída para ver de tal modo que é "o mundo" que aparece de cada vez mergulhado em ser de dia ou em ser de noite.

Análogo fenómeno se passa, por exemplo, com o sistema de fixação das direcções alto/baixo (com a diferenciação que introduz e com as determinações a ele relativas que põe em todas as realidades de carácter espacial que estão apresentadas). A fixação destas "regiões do espaço", para usar o termo de Kant,[63] constitui uma constante no campo de familiaridade. E é também, por isso, inexplicitamente arrastada na projecção de homogeneidade que se produz a partir dele. De forma que se introduz "subrepticiamente" em todo o exterior do campo de familiaridade--e todo ele aparece conformado pela mesma fixação que a este respeito reina onde me encontro. Ou seja, também o domínio desta fixação das regiões do espaço não surge marcado por nenhuma fronteira, não aparece como uma "bolha" mais ou menos grande no quadro de uma realidade envolvente já não afectada por ele (para a qual valha uma definição diferente da "posição" do

alto e do baixo). Também a este respeito a perspectiva que se tem sobre a continuação da realidade para lá do campo de familiaridade não está liberta do vínculo ao que reina nele, efectivamente disponibilizada para o preenchimento por alternativas. É o contrário que sucede. A fixação da diferença alto/baixo, a evidência que no campo de familiaridade em toda a parte reina acerca disso é indefinidamente propagada, sem nenhum limite (está injectada como determinação permanente, que "entra sem se dar por ela", de tal modo que nem se põe qualquer problema a seu respeito, nem se presta um mínimo de atenção a este aspecto--e essa ausência de problema, esse não-atendimento, trazem precisamente o seu domínio e a não abertura de qualquer margem para excepção). É, aliás, a tal ponto assim que também aqui, mesmo que se tenha notícia da esfericidade da terra, dos antípodas (e de todos os outros lugares a leste e a oeste onde o sistema de referências e de determinações dessa ordem não corresponde àquele que vigora onde me encontro e à absolutização que naturalmente o afecta), essa informação tende a manter-se sem influência real no aspecto com que concretamente se oferece o exterior do campo de familiaridade. A projecção de homogeneidade tende a incluir na mesma a fixação das regiões alto/baixo que vigora na apresentação que temos, a não ter nem um limite em que ela cessa e ceda lugar a uma outra nem um contínuo de progressivo afastamento em relação a ela. É certo que tampouco há qualquer clara marcação de uma sempre prolongada manutenção das mesmas regiões do espaço. Mas, na ausência de qualquer fixação a tal respeito, reina de facto a persistência da determinação estabelecida no campo de familiaridade. E a perspectiva pouco nítida que se tem sobre os horizontes exteriores não é neutra em relação a este aspecto, está dominada por uma assunção de homogeneidade também no que o concerne.

Da mesma forma constitui um traço comum do campo de familiaridade a circunstância de os objectos que nele se apresentam terem

dimensões que variam entre determinados limites e que se acham numa determinada proporção relativamente ao tamanho do nosso corpo. De tal modo que este ocupa uma posição intermédia entre objectos de dimensões mais pequenas e objectos consideravelmente maiores do que nós. E de tal modo que, por outro lado, há uma determinada frequência na distribuição destas diferentes dimensões--ou seja, não há um só objecto mais pequeno do que nós e todos os outros são colossalmente maiores, nem há um só objecto maior do que nós (ou do nosso tamanho) e todos os outros são "miniaturais","liliputianos". É isso (é esse leque de tamanhos e esse tipo de distribuição "equilibrada") que caracteriza o campo de familiaridade--e é também isso que, no modo como vemos, se acha inexplicitamente transportado para o exterior dele.Por mais que me esforce por admitir que a realidade fora do campo de familiaridade seja diferente e heterogénea em relação àquilo que conheço, as variações que concebo nesse esforço de perspectivação do heterogéneo tendem, vendo bem, a ser canalizadas para outros aspectos e a deixarem "aliviado", intocado este padrão de dimensões e da respectiva frequência. De tal modo que, ao conceber a continuação da realidade fora do campo de familiaridade, por mais remotos que sejam os domínios que presentifico e por mais estranhos e diferentes que tente admiti-los, tendo a concebe-los preenchidos por objectos com uma "distribuição de dimensões" (se assim se pode dizer, constituídos "numa escala") em tudo equivalente àquela que é comum no campo de familiaridade. Também este regime de dimensões não aparece como exclusivo de qualquer coisa como uma "cápsula", onde é assim, encastrada em horizontes de realidade constituída numa outra escala, onde tudo é liliputiano ou tudo é gigantesco--e onde sejamos, relativamente a tudo, ou anões ou gigantes.

Por outro lado, caracteriza o campo de familiaridade haver praticamente sempre um chão sobre que se está e, constituindo ele um limite da apresentação que se tem, reinar a seu respeito um siste-

mático fenómeno de esbatimento, que "apaga" a realidade debaixo de le. E caracteriza-o também a possibilidade de realização de percursos num eixo paralelo a esse chão--percursos que são possibilitados por haver espaço desimpedido, livre, uma determinada concentração de objectos (não um total "atravancamento"--não campos de realidade maciçamente sólidos ou de qualquer modo com uma elevada "densidade", que impeça a deslocação do núcleo de incidência. Ora exactamente este mesmo sistema de determinações domina a apresentação do exterior do campo de familiaridade (tanto a apresentação inexplícita, quanto as presentificações que ocasionalmente ocorrem). A tese de homogeneidade tende a fazer-se portadora deste regime de configuração da realidade apresentada e propaga-o inexplicitamente pelo exterior da esfera de familiaridade,. De tal modo que os campos de realidade no seu exterior tendem a ter chão (a ter esbatido o limite que lhe corresponde e apagada a realidade que fica por baixo), as deslocações nesses campos tendem a fazer-se só num eixo horizontal e o preenchimento com que se apresentam segue exactamente o regime de "densidade" (a existência de espaço desimpedido, o "não-atravancamento", etc.) que domina no campo de familiaridade. E aqui de novo, mesmo quando tentamos eximir-nos ao vínculo de homogeneidade e nos esforçamos por admitir campos de realidade muito diferentes dos que conhecemos, a projecção de homogeneidade introduz despercebidamente estes aspectos e faz que a sua antecipação domine internamente o próprio esforço de variação e de admissão do heterogéneo.

Naturalmente que, uma vez mencionado qualquer destes aspectos, podemos, com maior ou menor eficácia, suspendê-los--desligar a apresentação do exterior do campo de familiaridade da fixação de determinação que lhes corresponde. Mas antes de serem assim postos em relevo, mencionados, enquanto se mantêm despercebidos, de facto dominam a perspectiva sobre o exterior do campo de familiaridade (por

muito que ela se julgue já emancipada de qualquer assunção de homogeneidade e totalmente aberta à admissão do diferente). E, por outro lado, se vir bem o que acontece quando passo da consideração de cada um destes aspectos para a consideração dos outros, verifico que, ao atender a cada nova tese e ao procurar suspender o momento de projecção de homogeneidade que lhe corresponde, a perspectiva em que isso é feito na verdade tem já de novo a vigorar em si (e plenamente) os outros aspectos de projecção antes considerados e suspensos (de tal modo que, quando me concentro por exemplo no aspecto relativo ao regime de dimensões e procuro suspender a projecção de homogeneidade a seu respeito, a perspectiva em que isso se faz tem já refeita a projecção de homogeneidade a respeito das "regiões do espaço", do dia ou da noite, etc.).

Estes exemplos documentam assim bem a que ponto a projecção de homogeneidade pode descer mesmo até este tipo de aspectos (já tão de pormenor) e incluí-los, a que ponto o campo de familiaridade funciona efectivamente como "amostra" e a perspectiva que se tem sobre o seu exterior segue, mesmo que não tenha consciência disso (e, de facto, tanto mais quanto menos tem consciencia disso), o "princípio de Arlequim": "que c'est toujours et partout en toutes choses tout comme icy". [64]

*

Tudo isto permite ver a grande multiplicidade de aspectos que estão implicados no funcionamento da tese de homogeneidade, como o conteúdo de que se faz portadora é bastante complexo e corresponde a um "feixe" de numerosas determinações e teses, de teores e níveis de determinação bastante diversos. Esses diversos elementos não estão presentes de forma minimamente destacada--e, quando se olha para o exterior do campo de familiaridade e se vê segundo a tese de homogeneidade, nenhum deles se acusa em especial (e ainda que algum

se torne temático, não é isso que o faz "entrar em funções" nem é a ele que se reduz o conteúdo da projecção). As diferentes determinações envolvidas não se "desfiam", estão, como se disse, amalgamadas de tal modo que se perdem no "bolo" . A sua presença é confusa, cada uma está fundida na síncrese que a conjuga com as demais. E a peculiaridade do tipo de apresentação de que se trata é mesmo tal que nem sequer aparece claramente acusado o colectivo das determinações (o seu amálgama), constituindo um apresentado claro, destacadamente dado a ver. O sector do campo de apresentação em que todas estas fixações de determinação se passam é, como se tem vindo a insistir, um sector de apresentação menos precisa, marcado por um extraordinário abaixamento do nível de nitidez, onde não se vê claro, as apresentações são fugidias, lassas, e o que se apresenta não chega a ser fitado num efectivo confronto com a determinação que tem. Mas, se estão assim perdidas, se o próprio rasto de cada uma delas está como que apagado (e a tal ponto que é difícil identificá-las, conseguir ver claramente quais são--qual o conteúdo da projecção de homogeneidade, que é que está posto a preencher os horizontes exteriores), por outro lado essas fixações de determinação não estão perdidas de tal modo que a perspectiva que se tem careça de efectiva ligação com elas e não fique marcada pelo seu cunho--i. e., pelo cunho de cada uma dessas determinações.

Os próprios exemplos de aspectos mais "provincianos" que se consideraram documentam isso. A sua presença está tão diluída que é pelo menos remoto dar por eles e tendem a passar totalmente despercebidos. E, por outro lado, se tentar fixar concretamente que é que se apresenta para lá do campo de familiaridade (que é que concretamente vejo no seu exterior--que é que faz disso que tenho, quando volvo o olhar nessa direcção, algo de diferente de uma total incógnita), é extraordinariamente difícil fixar um conteúdo definido, "ver de frente", "face a face", esse conteúdo. Mas toda esta falta de nitidez, toda esta inaparência dos conteúdos em causa e todo o

carácter diluído, desfocado, da apresentação que se tem dos horizontes exteriores, não significa uma total ausência de determinação, que deixe tudo em aberto e não "faça agulha" para um determinado modo de ver, contraído na adopção destas e daquelas teses definidas e no estabelecimento de uma realidade com estas e aquelas características bem fixadas. Não . Essa falta de nitidez não somente encerra fixações e corresponde a uma perspectiva dominada por teses (decidida por umas determinações em detrimento de outras), mas está decidida por todas e cada uma das determinações do núcleo de constantes do campo de familiaridade--mesmo as mais despercebidas e menos óbvias (como nos exemplos considerados). De tal modo que todo o campo da realidade exterior fica conformado por cada uma delas.

Traçado este quadro relativamente à constituição da tese de homogeneidade, o que resulta é um peculiar estado-de-coisas, marcado ao mesmo tempo por uma certa flexibilidade dessa tese e por um aspecto fundamental de rigidez.

Tratando-se de um feixe de determinações e teses (sendo isso que a projecção de homogeneidade tira do campo de familiaridade a partir do qual se produz), o conteúdo concreto da projecção pode variar--e pode variar para o mesmo ponto de vista.

O próprio alargamento natural do campo de familiaridade (com a integração nele de novos lugares, de realidades antes desconhecidas,etc.) e a aquisição de mais notícias do exterior são susceptíveis de dar a conhecer casos de excepção relativamente àquilo que até um dado momento eram constantes e, desse modo, fazer que a projecção de homogeneidade perca conteúdos.

Por outro lado, podem-se também promover tentativas de identificação dos conteúdos envolvidos na tese de homogeneidade e pode-se promover a suspensão de cada um deles.

De facto, só assim, conteúdo por conteúdo, tese por tese (e não

"por atacado", numa suspensão sumária e global), se produzem alterações efectivas da tese em relação à maciça projecção de homogeneidade que espontaneamente está em vigor. Se a projecção de homogeneidade está constituída "por grosso", numa fixação conjunta que arrasta em si todos os diferentes conteúdos inexplicitamente registados como constantes dentro do campo de familiaridade (ou seja, se tem um carácter como que "automático"), já a sua suspensão carece dele. A constituição temática de uma tese suspensora da projecção de homogeneidade não se repercute em nenhuma alteração das diferentes projecções concretas que sempre já estão a vigorar de forma implícita. De tal modo que toda a suspensão sumária do princípio de homogeneidade, podendo parecer que introduz uma efectiva alteração do modo como encaramos a continuação da realidade, de facto não suspende nada, deixa todo o complexo de antecipação de homogeneidade a funcionar em pleno, sem a mínima "beliscadura".

Mas, sendo assim, a tomada de conhecimento de casos de excepção relativamente às constantes do campo de familiaridade costuma ser bastante esparsa. Mesmo admitindo que se repercuta sempre na suspensão da projecção do conteúdo a que respeita (e viu-se já que de facto não é assim), atinge só uma parte--e mesmo só uma muito pequena parte--do complexo de determinações envolvidas na projecção de homogeneidade, deixando incólume a maioria delas.

E, por outro lado, se de facto se pode tentar produzir uma identificação dos diferentes momentos do complexo, não só essa operação é difícil de realizar, mas, para além disso, cada uma das transformações reais que sucessivamente produz com a suspensão de cada aspecto de tese tem dificuldade em inscrever-se de forma permanente no nosso modo de ver--uma vez afrouxado o esforço da sua consideração temática (o que acontece justamente quando se passa à consideração de outros aspectos), a suspensão realizada perde o seu efeito, dissipa-se (reconstituindo-se a inclusão desse aspecto na antecipação de homogeneidade que sempre vigora). Também aqui se ve

rifica o fenómeno já por diversas vezes assinalado nas análises precedentes--o núcleo de incidência tem um calibre limitado (constitui como que um cursor) e as modificações produzidas no seu âmbito não têm repercussão fora dele. De tal modo que a amplitude da mudança realmente produzida deste modo é, também ela, bastante reduzida.

E, assim, quer se produza de um modo quer do outro, a suspensão de momentos da projecção de homogeneidade, embora possa conduzir a diminuições da "carga" de conteúdos envolvidos nela e embora essas diminuições possam ser já bastante sensíveis, não vai muito longe. E não é grande a margem de "folga" que se consegue obter em relação ao maciço domínio da projecção de homogeneidade na nossa perspectiva sobre os horizontes externos.

Envolvendo uma multiplicidade de teses e determinações, a projecção de homogeneidade--ao contrário do que tende a parecer--não cai por se suspender uma ou outra (ou até um conjunto significativo) dessas teses, nem tampouco cai quando se chegam efectivamente a experimentar diferenças relativamente à perspectiva habitual e se passa a ter efectivamente admitida a possibilidade de o exterior do campo de familiaridade estar preenchido por realidades que desta ou daquela forma contrastam com o que é conhecido desse campo. A efectiva suspensão de aspectos da tese de homogeneidade e a passagem a perspectivas significativamente diferentes, modificadas, a respeito do exterior do campo de familiaridade não impedem que continuem a subsistir, absolutamente incólumes e mantidas em plenitude de funções, todos os outros aspectos (todas as outras teses e determinações) que também estão envolvidos na projecção. De tal modo que as próprias realidades "divergentes" que chegam a ser concebidas estão de facto ainda conformadas por um grande número de antecipações que, em projecção de homogeneidade, estão postas a valer a seu respeito. E de tal modo que na verdade essas realidades "di-

vergentes estão mesmo já fixadas por uma maioria de determinações pertencentes ao núcleo de homogeneidade, em cujo quadro se inscrevem as "aberrações" admitidas--que assim só parcialmente o são e que, embora chamem mais a atenção para o que têm de novo (embora façam avultar justamente isso e produzam a impressão de se tratar já de algo absolutamente diferente), não só têm muito em comum com o que é familiar, mas têm mesmo muito mais em comum com ele do que de diferente.

Mas mais. A projecção de homogeneidade envolve uma multiplicidade de "estratos", incluindo desde aspectos mais ou menos acidentais e teses de elevado teor de determinação (relativas a pormenores da forma como as coisas se apresentam) até aspectos mais genéricos e teses sobre as estruturas fundamentais da realidade (que envolvem muito menos determinação e em relação às quais os aspectos de pormenor têm o carácter de variantes). A estas diferenças correspondem por outro lado também diferenças quanto ao grau de enraizamento e de resistência à suspensão e à efectiva admissão de alternativas. Posso com relativa facilidade admitir a ausência de casas ou de rios, a ausência de luz ou de pessoas. Mas é bastante mais difícil admitir efectivamente a ausência da identidade diacrónica das realidades ou (mais ainda) a total ausência do tempo. Ora, sendo assim (e podendo, como se disse, a revisão da tese de homogeneidade determinar diferentes composições do seu conteúdo--que ela perca, consoante os casos, determinações diferentes), sucede todavia que toda a tendência é para que as diferentes alterações que se produzem se situem no nível das determinações mais específicas e não toquem as fixações fundamentais da estrutura da realidade. Estas últimas são tão óbvias que tendem a passar sem que se dê por elas como conteúdos da tese de homogeneidade e, por outro lado, o seu enraizamento é de tal ordem que, mesmo que se chegue a considerá-los, resistem muito mais à suspensão e à efectiva admissão de alternativas.

FAC. DE CIÊNCIAS HUMANAS SERVIÇOS DE INFORMÁTICA

Desta forma, podem produzir-se alterações da tese de homogeneidade, sim, diferentes estádios de alteração dela, "abandonando" estas ou aquelas componentes da projecção que induz. Mas essas diferentes alterações não só deixam sempre um núcleo de persistência da projecção (e o "grosso" dela), mantendo assim o preenchimento e a fixação de determinação que opera nos horizontes exteriores e fazendo que não se chegue nunca a uma efectiva rarefacção do complexo de antecipações que vigoram a seu respeito (e que se mantenha muito grande a diferença em relação a uma total incógnita), mas não corroem senão aspectos mais ou menos periféricos, não entram a fundo nos aspectos fundamentais da fixação das características da realidade. No misto de antecipação já fixa, assente, e de em-aberto que, como se viu, caracteriza a perspectiva dominada pela projecção de homogeneidade, correspondem somente a pequenas expansões da margem de em-aberto dentro de fixações fundamentais totalmente intactas--e a própria concepção do heterogéneo é portadora desse núcleo de estruturas e de definição fundamental da realidade, que se mantém inarredável e resiste imperturbado às tentativas de modificação da sua rigidez.

Não se pretende dizer com isto que a suspensão da projecção de homogeneidade é absolutamente impossível. O que se verifica é apenas que tal suspensão é extraordinariamente difícil de conseguir, vai ao arrepio de tudo aquilo para que naturalmente se tende e fica muito longe de ficar realizada pura e simplesmente porque se homologa uma tese contrária à tese de homogeneidade ou por se conceber efectivamente a possibilidade de em relação a estes e àqueles aspectos o exterior do território estar preenchido por determinações inovadoras, diferentes das que se conhecem. É preciso muito para se obter uma real suspensão da tese de homogeneidade e a perspectiva em que normalmente nos achamos está de facto sempre dominada por ela e tem o exterior do território preenchido pelas determi-

nações que lhe correspondem e dessa forma convertido em qualquer coisa muito diferente de um campo de incógnitas.

*

Tudo isto permite perceber já com um mínimo de clareza o papel que a tese natural de homogeneidade desempenha na contenção do reconhecimento da incompletude, mesmo quando este já se tem de haver com a consideração do exterior do campo de familiaridade. Os efeitos de contenção da incompletude já produzidos pelo esbatimento dos limites da apresentação e pelo fenómeno da representação inautêntica de totalidades ficam consideravelmente reforçados por esta peculiar forma de "preenchimento" e de fixação de determinação que "espalha" o património do nosso "saber" para lá dos limites do campo de familiaridade--e de facto numa propagação que nada trava, cuja esfera de extensão não tem fronteira.

Neste sentido, a tese natural de homogeneidade (o "princípio de Arlequim" que silenciosa,"subrepticiamente" domina o nosso modo de ver e que está firmemente implantado nele) constitui um factor adicional de impedimento de que esse exterior apareça a cercar o campo de familiaridade como um avassalador horizonte de latência.

Mas, por outro lado, constitui precisamente um factor tal que, mesmo uma vez suprimido (e totalmente suprimido) o esbatimento dos limites da apresentação, mesmo uma vez suspensas (e totalmente suspensas) as representações inautênticas de totalidade e constituída uma perspectiva totalmente livre destes dois "amortecedores", é capaz de assegurar sozinho que o exterior do território não apareça como uma incógnita (apareça como algo de muito diferente disso) e que o campo de acesso não surja como um pequeníssimo enclave apertadamente cercado por um imenso maciço de campos de escondimento e totalmente esmagado, perdido nesse maciço.

O efeito produzido pela vigência do princípio de homogeneidade

é mesmo, a este respeito, um efeito em que ainda mais radicalmente põe a própria consideração dos horizontes exteriores em consonância com a forma natural da finitude e faz que, a despeito de todas as aparências em contrário, mesmo estando tematizados esses horizontes, a perspectiva que se tem corresponda plenamente a todos os aspectos do dispositivo geral de minimização e subalternização das falhas que inicialmente se descreveu.

Assim, se o esbatimento dos limites expande o "horizonte aparente" do campo de acesso numa dilatação indefinida e faz que o campo de escondimento correspondente ao exterior da esfera de familiaridade não comece concretamente em sítio nenhum, se os fenómenos associados à representação inautêntica de totalidades fazem que pareça haver já uma ideia adequada da extensão desse exterior, reduzindo extraordinariamente a sua ordem de grandeza e diluindo a respectiva percepção numa perspectiva lassa, sem um mínimo de nitidez, a tese de homogeneidade faz que o nosso ponto de vista tenha já uma captação, um domínio dos próprios conteúdos do exterior--ou seja, que este não seja uma incógnita nem sequer quanto ao seu teor. De tal modo que a margem de incompletude se atém à complementação, ao "enriquecimento" do preenchimento assim já produzido: a "enclaves" que, sem deixarem de ser abertos, estão reduzidos ao porte de meras especificações do que assim já se acha fixo, de lacunas ainda a preencher no quadro do que já se sabe. E de tal modo que, como se viu, o desenhar destas lacunas (a marcação do seu carácter ainda aberto, da falha e do escondimento que lhes corresponde) está diluída na falta de acuidade que caracteriza e reduzida a uma vaga referência (não se traduzindo na clara indicação de que falta este, este e aquele aspecto, de que ainda é indefinido e está por descobrir concretamente isto, isto, isto, etc.).

Ou seja, a tese de homogeneidade entra ainda mais decididamente por esse exterior adentro--não apenas o afasta, nem apenas gera am

bliopia em relação às suas dimensões--difunde-se massivamente, sem travagem, por todo o seu espaço, num preenchimento compacto, que não consente "locas" (que só conserva aberta a própria especificação daquilo que fixa, quer dizer que só mantém em aberto o próprio "interior" do seu domínio, nada deixando escapar à sua implantação e reduzindo a incompletude a pequenos redutos espalhados e pouco ou nada salientes no meio do que já se acha preenchido). A redução de âmbito da incompletude que assim se opera é muito mais radical do que aquela que resulta das representações inautênticas de totalidade, vai mais ao "âmago" da realidade em causa nesses campos e afasta-a muito mais de ser uma realidade incógnita. Só por si basta para que, não havendo nenhum esbatimento dos limites (e vendo-se muito bem quão perto começa o exterior do domínio de familiaridade), não havendo representação inautêntica de totalidades (e vendo-se com toda a nitidez a esmagadora dimensão dos horizontes exteriores), o que aparece nos limites do campo de familiaridade de facto não surja prevalentemente como um campo de escondimento, mas como um campo <u>de domínio</u> onde há bolsas de escondimento e onde tudo--até no que diz respeito à própria relação de forças entre o tido e o não-tido--é perfeitamente congruente com a forma natural da finitude e com todos os aspectos do dispositivo de minimização e subalternização da falha em que está apoiada.

Aliás, o "avanço" que a tese de homogeneidade representa em relação ao efeito e às esferas de alcance do esbatimento dos limites e da representação inautêntica de totalidade vai mesmo tão longe que (como resulta já do que se expôs, mas não ficou suficientemente sublinhado) a tese de homogeneidade tem mesmo um carácter <u>totalizador</u>--estende a sua fixação de determinação, a captação que faz da realidade, a <u>tudo</u> quanto há e constitui de facto a nossa perspectiva numa perspectiva que não se atém a nenhuma parte, antes comporta uma pretensão de alcance relativamente ao <u>todo da realidade</u>.

À primeira vista a asserção pode soar estranha. E parece coli-

dir com a evidência dos factos e com estados-de-coisas que inclusivamente foram postos em destaque no exame que se fez. Pois, como várias vezes se acentuou, não se tem (e há uma clara consciência de não se ter) acesso a tudo, não se faz ideia (e tem-se consciência de que não se faz ideia) do que seja o todo da realidade. Caracteriza mesmo o tipo de apresentação de que se dispõe (dada a co-apresentação, que sempre envolve, de horizontes externos) o facto de o seu apresentado, por mais abrangente que já seja, surgir sempre só como parte de um todo ainda mais amplo que sempre se mantém ainda para lá--que nunca se chega a ver (de tal modo que a apresentação que se tem é sempre uma apresentação aberta e envolve sempre qualquer coisa como uma ausência, uma "fuga do todo").

Mas, de facto, como oportunamente se apontou, a projecção de homogeneidade não tem nenhuma fronteira em que se quede, não encontra absolutamente nada que a trave. Reinando ela, não há nenhuma esfera de excepção que de algum modo se levante a conter o seu domínio. A projecção é totalmente infrene e não somente não comporta nenhuma marcação "positiva" de excepção, mas de facto inclui no seu sentido a implicação da ausência de excepção (o não contar com ela, o tê-la, para todos os efeitos, por excluída). Inexplicitamente o que fica estabelecido é ser sempre assim (sempre sem novidade que ultrapasse a margem de inovação que é consentida pela tese de homogeneidade). Este "sempre assim" não envolve o seguimento desse "sempre" (de toda a multiplicidade implicada nele). De facto não envolve sequer nenhum seguimento (nem mesmo somente começado) dessa multiplicidade. Mas "atira" globalmente para ela--produz uma fixação cuja esfera de validade está dirigida a ela toda, de tal modo que vai até onde ela for e não fica aquém de nenhum momento dela. [65]

Pode não se ter apresentação do todo, pode saber-se que não se tem--constituir-se uma muito clara consciência temática disso. Mas a consciência de falta de acesso ao todo (do desconhecimento dele)

não tem um estatuto diferente da consciência, que também há, de não se ter acesso aos horizontes exteriores que são só parte dele. E assim como pode haver um claro reconhecimento de que não se tem acesso a esses horizontes sem que isso impeça o inexplícito preenchimento deles por todo o complexo de fixações de determinação que corresponde à tese de homogeneidade, assim também o reconhecimento de que o todo escapa--e que é algo de escondido, a que não se chega--não impede a sua inexplícita afectação a esse mesmo complexo e o seu preenchimento por ele.

Não se sabe o todo, reconhece-se--o que isso seja permanece (e tem de ser deixado) em aberto : é "demais" para um ponto de vista como o nosso, se é que é abarcável por um ponto de vista. Mas é o em-aberto assim reconhecido um em-aberto efectivamente total, corresponde o que assim se declara fora de alcance a uma absoluta incógnita ? Não. Inexplicitamente está posto dentro do quadro de determinações correspondente à tese de homogeneidade, a admissão de em-aberto não inclui a sua suspensão e a subtracção a ele. Inexplicitamente o todo está antecipado por forma que o faz corresponder a uma nova e inimaginável variação do complexo de determinações que a tese de homogeneidade consagra. Mesmo sem ter o todo (e reconhecendo que não o tem) a nossa perspectiva tem-no já pelo menos nisto: nas determinações reconhecidas como constantes e na tese de homogeneidade que inexplícita mas decididamente o vincula a elas.

E, assim, se a remissão horizontal prossegue sem fim e faz de toda a apresentação que se tem, por mais extenso que já seja o seu apresentado, apresentação ainda somente parcial de um todo sempre "adiado" (a que nunca se chega), as características da tese de homogeneidade são tais que ela se introduz na própria remissão horizontal e se torna algo "transportado" por ela. De sorte que a tese avança com a própria remissão horizontal, vai tão longe quanto ela. E, sem prejuízo de se manter aberto o que essa remissão tem de a-

berto, fecha-a no quadro de determinações com que a "injecta", de tal modo que o em-aberto da remissão continuada é interior à esfera de determinações assente como fixa.

Resumindo: Tal como o campo de familiaridade sob o efeito do esbatimento dos limites, também o "campo de acção" do "princípio de homogeneidade" está sujeito a um prolongamento indefinido. Mas o prolongamento indefinido de que se trata no caso do "princípio de homogeneidade" tem um carácter absolutamente inclusivo que falta ao campo de familiaridade, por mais indefinidamente prolongado que apareça. Embora o esbatimento dos limites o estenda numa propagação indefinida, o campo de familiaridade está de raiz marcado por uma menção de finitude--o campo de familiaridade apresenta-se "desde sempre" como algo que tem um "para lá", que cessa algures e não se prolonga por todos os horizontes fora. O que acontece (e o que no seu caso produz o prolongamento indefinido) é que, embora haja menção de finitude e referência a um "para lá", os limites correspondentes a essa finitude nunca se chegam a marcar, o "para lá" não começa em nenhuma fronteira definida--do que resulta uma propagação sem fim. Pelo contrário, a projecção inexplícita de homogeneidade não está marcada por qualquer referenciação de ser limitada, de ter um "para lá", o que quer que seja a que não se estenda. Também aqui há uma não marcação de fronteiras--mas não por adiamento delas, antes por pura e simples ausência : por total ausência do que quer que seja que efectivamente ponha nela a nota de ser finita. E isto de tal modo que, ao contrário do que sucede no prolongamento indefinido do campo de familiaridade, o prolongamento indefinido da esfera de homogeneidade é irrestritamente englobante, inclusivo--tem um carácter integral (sem "resto", ou com "resto" só no seu próprio interior e sob o seu domínio).

E, assim, de forma discreta e perfeitamente compatível com todos os reconhecimentos de que não se tem acesso ao todo da realidade

(de que aquilo que se acompanha é só uma exígua parte, de que não se faz ideia do que seja o todo, etc.), a tese de homogeneidade que reina a respeito dos horizontes exteriores ao campo de familiaridade tem de facto um carácter totalizador, constitui já uma perspectiva de fixação integral da realidade e faz que no nosso ponto de vista haja algo que corresponde a um saber do todo.

2.1.1.2.4 A tese natural de RELEGAÇÃO DE IMPORTÂNCIA dos horizontes exteriores ao campo de familiaridade.O fenómeno da relegação de importância e as suas raizes. A relegação de importância dos horizontes exteriores e a pretensão de saber que tem implicada--a relegação como ANTECIPAÇÃO e a forma de "preenchimento" dos horizontes que lhe corresponde. A natureza simultaneamente aberta e fechada do conteúdo constituído pela tese de relegação de importância, o carácter "rarefeito" da fixação que produz e a sua capacidade para, não obstante, absorver em si todo o em-aberto que comporta e fazer que os horizontes exteriores não apareçam como incógnitas. A relegação de importância como segunda modalidade de APRESENTAÇÃO DO TODO e último reduto do dispositivo natural de "amortecimento" da incompletude em relação aos horizontes exteriores. O problema da FUNDAMENTAÇÃO da tese de homogeneidade e da tese de relegação de importância--as duas teses e o seu carácter de projecções insustentadas tornadas evidentes por desfocagem e falta de acuidade.

Sublinhou-se a dificuldade que obsta a uma suspensão global da projecção de homogeneidade e como ela tende sempre a subsistir pelo menos em relação a um núcleo fundamental de teses e determinações. De sorte que o exterior do campo de familiaridade só muito dificilmente pode deixar de ser preenchido pela projecção de homogeneidade e deixar de estar por ela afastado de constituir uma total incógnita. Mas na verdade não é apenas a tese de homogeneidade nem é apenas esse núcleo que assim se interpõe a fazer que o exterior do campo de familiaridade esteja de algum modo sabido, preenchido, e não apareça como um campo de puro escondimento e de incógnita.

Com efeito, mesmo conseguindo-se aproximar ao máximo de uma sus

pensão da tese de homogeneidade, para além do resíduo dela que sempre tende inexplicitamente a subsistir, há ainda um outro factor de preenchimento do exterior do campo de familiaridade, que desempenha um papel decisivo na constituição inexplícita de uma pretensão de saber a seu respeito, mesmo quando se reconhece que isso é qualquer coisa que não se acompanha. Ou seja, a tese de homogeneidade não é o único nem o último esteio de orientação relativamente aos horizontes para lá do campo de familiaridade.

E que assim é verifica-se se se examinar como se reage à possibilidade de as realidades que há nesses horizontes serem bastante diferentes de tudo o que se conhece.

Ao confrontarmo-nos de facto com essa possibilidade tendemos a ter uma reacção de indiferença a ela.Por mais diferentes que sejam os horizontes exteriores--é esta a atitude que tende a dominar--isso em nada muda a situação em que se está. Seja lá o que for que haja nesse "longe"--e por mais heterogéneo e surpreendente que seja--situa-se precisamente longe, não me diz respeito, não tem importância para a esfera em que se decide e com que se tem a haver a minha vida. De sorte que posso muito bem passar sem isso e o facto de isso ser desta ou daquela maneira, de ter ou não semelhança com aquilo que conheço, não altera em nada a realidade próxima com que tenho de lidar, o quadro em que se desenrola a minha vida.

Por outras palavra, por maior que seja a indefinição que reine a respeito dos horizontes exteriores (e, ao limite, mesmo que se aproxime de corresponder a um em-aberto total, sem qualquer restrição), não se tem nenhuma expectativa de que essa realidade muito diferente que porventura há no exterior do campo de familiaridade possa alterar significativamente a linha de orientação que se tem na vida--de tal modo que algo de decisivo fique suspenso do esclarecimento desse em-aberto, da sua definição. Os horizontes exteriores ao campo de familiaridade surgem como algo de remoto, cuja

determinação deste ou daquele modo não é concebida como susceptível de obrigar a qualquer revisão da orientação que já se tem. Seja lá o que for, não é com isso que se está em contacto e qualquer que seja o seu grau de diferença relativamente ao que é conhecido do campo de familiaridade, isso "não risca"--não pode "riscar"--no campo do próximo em que se jogam as nossas vidas, em relação ao qual nesse sentido, é totalmente irrelevante.

Este tipo de reacção enraíza em fenómenos já anteriormente referidos, mas que cumpre agora analisar a uma nova luz, focando aspectos que as análises anteriores deixaram por focar. O que se apresenta é de qualquer modo também um mero esboço, não analisando a fundo os fenómenos em questão e referindo apenas o que é estritamente indispensável para se perceber um último factor de amortecimento da apercepção natural da incompletude.

Ao estar-se constituído a ter uma apresentação das coisas na forma como temos, não é de absoluta indiferença a posição que se tem. Não se assiste "olimpicamente" àquilo que se apresenta, de modo que nada esteja em causa, que não nos toque as coisas serem deste ou daquele modo, que não nos interesse e não nos preocupe o que se apresenta, que sejamos completamente destituídos de zelo e de empenho a seu respeito. Mas, por outro lado, sendo assim, também não acontece que tudo aquilo com que se é posto em contacto na apresentação de que se dispõe nos toque, nos interesse e nos preocupe exactamente do mesmo modo, que por tudo tenhamos zelo e a respeito de tudo reine em nós empenho. Ou seja, não estamos constituídos de tal modo que tudo o que se encontra apresentado tenha para nós o mesmo grau de importância. E daí resulta que o campo de apresentação para que de cada vez estamos abertos, além das diferenças relativas à fixação da determinação dos seus apresentados (das suas diversas propriedades, consistência, etc.), comporte também diferenças quanto ao "índice" de importância de que os diversos apresentados se revestem e esteja organizado também numa multiplicidade de planos,

numa espécie de perspectiva, segundo uma complexa escala de índices de importância, de graus de instância, de que se tentou dar ideia em análises anteriores.

A distribuição destes índices de importância não está feita a esmo. Assenta numa determinada identificação do que está em causa onde nos encontramos--numa orientação global que nos define afinal que é isto de se estar desperto, como se está: de que é que se trata, que é que está "em jogo" ao encontrarmo-nos nela. Ou seja, a distribuição dos diversos índices de importância radica num reconhecimento, num "diagnóstico" global da situação, no facto de esse diagnóstico estar marcado por algo que nos torna <u>não indiferentes</u> (nos "<u>mergulha</u>" na não-indiferença). E radica também no facto de esse "diagnóstico" fixar uma determinada <u>orientação</u> da não-indiferença em que nos mergulha. De tal modo que é porque se acha feito um determinado diagnóstico global do que está em-jogo, é porque esse diagnóstico nos projecta numa determinada direcção de não indiferença e porque os diversos apresentados têm relações diferentes (ocupam posições diferentes, desempenham papéis diferentes em relação a ela), que pode haver e há diferenças de importância e toda a anisotropia de importância de que se fez um esboço. E de tal modo que, produzindo-se alterações desse diagnóstico (as quais podem ser mais e menos amplas, afectar um conjunto de aspectos mais ou menos numerosos desse diagnóstico, e alterá-los com uma margem de inflexão ou mais e menos lata), produzem-se também alterações dos índices de importância com que aparecem os diferentes componentes do campo de apresentação.

Sendo assim, caracteriza por outro lado a situação normal do nosso ponto de vista que este diagnóstico global da situação, este estabelecimento de não-indiferença e de uma determinada orientação de não-indiferença e todo o sistema, daí decorrente, de "distribuição" de diferentes índices de importância pelos diversos momentos do cam

po de apresentação, se achar sempre já decidido e consumado, instalado e assente numa base "sólida", com toda a sua "arquitectura". Ou seja, não acontece que costumemos dar connosco desorientados e perplexos acerca do que está em jogo no facto de aqui sermos ou se quer desorientados e perplexos acerca da importância de que, em face da orientação de não-indiferença que seguimos, têm ou não têm as diferentes coisas que aparecem. Por um lado não costumamos sentir perplexidade acerca da situação em que damos connosco (não costumamos estar sem orientação, com a vida inteiramente por decidir--perdidos em encruzilhadas de identificação e ainda "à nora" sobre que é que globalmente importa). Sucede antes que em regra estamos sempre já orientados, vamos sempre já plenamente em determinadas sendas, decididos por elas. Mas não só. Poderia ser assim, mas apesar de tudo estarmos de cada vez ainda a ter de decidir o grau de importância dos diferentes apresentados (ou de uma significativa parte deles), obrigados a uma ponderação, tendo aduc sub iudice a fixação disso. Ou poderia estar espontaneamente feita uma determinada distribuição de índices de importância, contemplando já a maior parte do campo de apresentação, mas essa fixação de importância ser pouco firme, ainda hesitante, marcada por um carácter provisório, sugerindo reapreciação, recomendando exame. Ora é justamente o contrário que sucede. A maior parte dos apresentados surge sempre já clara e decididamente classificada, clara e decididamente "arrumada" numa determinada ordem de importância. De tal modo que aparecem de facto sempre já marcados por ela, com o modo de presença que lhe corresponde--e com isso inteiramente assente, sem que se suscite qualquer questão a tal respeito, sem que haja hesitação ou o que quer que seja que afaste essa fixação de ser peremptória.

Sem dúvida que isto não é 100% assim--que há casos de hesitação, coisas cujo grau de importância se tem dificuldade em determinar, se pondera, etc. (e em certas circunstâncias até dificuldades de orientação mais graves). Mas, vendo bem, estas últimas são excepcio

nais, só raramente ocorrem, constituem justamente aquilo que não tende a acontecer. E assim também com as próprias hesitações acerca do grau de importância a atribuir a este ou àquele apresentado. Não só são excepcionais no tempo (de tal modo que só de quando em quando ocorrem), mas, mesmo quando se produzem, são relativas só a âmbitos muito circunscritos--a lacunas de indefinição a respeito disto ou daquilo no meio de uma apresentação que em todos os seus demais elementos já está perfeitamente resolvida e assente no que toca à determinação do valor de importância.

A fixação deste tipo de determinações é mesmo tão expedita, tão espontânea, que a maior parte das vezes mesmo as coisas mais novas e ainda pouco ou nada exploradas não tendem a ser sondadas numa averiguação da medida em que podem ou não ser importantes, mas antes a receber liminarmente uma determinada fixação de importância, num "processo sumário" que, apesar disso, tende a resultar em decisões firmes, totalmente assentes.

E isto é principalmente assim no que diz respeito à atribuição de índices de falta de importância e à adopção de uma atitude de indiferença, desinteresse (e do correspondente "não-acolhimento") em relação a todos os apresentados sobre que recaem índices desse teor.

Este é, aliás, um aspecto decisivo da anisotropia de importância que em regra caracteriza o campo de apresentação. Se, como se vincou, há uma multiplicidade de diferenças de importância, constituindo sucessivos "planos" de maior e menor acentuação, a estrutura dessa anisotropia está fundamentalmente marcada pela diferença entre um núcleo de importância (que se tem especialmente em vista e de que se cura) e um "fundo" de apresentados que até podem comportar entre si diferenças quanto ao seu grau de não-importância, mas que estão conjuntamente postos fora do núcleo e afectados por uma global relegação da importância de que se revestem. Ou

seja, está-se de cada vez orientado pela identificação positiva de um núcleo de "grande importância", "habita-se" primariamente a esfera desse núcleo--e tudo o que não está incluído nessa esfera tende a ficar abrangido pelo mesmo "voltar de costas" (de sorte que, sem embargo da existência de diversos cambiantes, é no fundamental de indiferença, de não real preocupação, cuidado, a atitude que se tem a seu respeito).

Finalmente, uma das "decisões" fundamentais que em regra conformam o estabelecimento deste núcleo de importância elevada e a relegação de tudo o "resto" é a que faz cair nessa relegação precisamente os horizontes exteriores--tudo aquilo que se situa para lá do campo de familiaridade.

Não significa isto que haja então uma total coincidência entre aquilo que constitui o núcleo na ordem da importância e o campo de familiaridade--nem no sentido de tudo o que está no campo de familiaridade ser maximamente relevante e pertencer a esse núcleo, nem no sentido de tudo quanto é exterior ao campo de familiaridade ser eo ipso irrelevante. Pode haver--e há--aspectos do campo de familiaridade totalmente irrelevantes, que não têm qualquer cabimento no núcleo de importância e são também objecto de relegação. Sucede mesmo que esses aspectos são bastante numerosos. E, por outro lado também pode acontecer que este ou aquele foco dos horizontes exteriores seja identificado como algo de importância--e até mesmo de grande importância, de tal modo que pertence ao próprio núcleo e tem uma posição central na ordem de importância. Mas, de facto, sem prejuízo destes desajustamentos, há uma coincidência ou melhor uma "intersecção" fundamental entre os dois domínios. De tal modo que a esfera daquilo que tem mais importância, mesmo que possa incluir estes ou aqueles focos dos horizontes exteriores, está sediada sobretudo nos campos de realidade já explorada, com que se está em contacto, com que já está estabelecida ligação. E de tal modo que, por outro lado, um dos sectores do campo de apresentação que

estão marcados pela relegação de importância é precisamente todo o exterior do campo de familiaridade. E o que o caracteriza, o que domina a sua presença, quer quando esse exterior é meramente horizontal, quer quando passa a ser considerado e se incide expressamente sobre ele, é essa decidida "exclusão" do núcleo de importância e a relegação de importância que lhe corresponde. Pode isto ou aquilo desse exterior ser eximido a tal relegação e incorporado no núcleo de importância. Mas, como se observou já nos esboços sobre a estrutura do "território" do olhar, quando isso acontece, os momentos exteriores ao campo de familiaridade que assim se destacam e assumem "protagonismo" correspondem só a uma pequena parte desse exterior e em nada alteram o facto de ele estar maciçamente votado a essa relegação, dominado por ela e reduzido a um papel de mero "fundo". É, assim, sem prejuízo dessas possibilidades esporádicas (e, de facto, raras) de excepção, os horizontes exteriores ao campo de familiaridade costumam estar afectados por uma global relegação de importância, consumada, decidida, inteiramente assente, que tende a não ser posta em questão e a valer de forma peremptória.

Este "arredar" dos horizontes exteriores ao campo de familiaridade produz-se, aliás, vendo bem, de duplo modo. Por um lado, os horizontes exteriores estão em bloco relegados, afastados das posições tónicas, atirados para posições átonas. A sua presença e todo o "contacto" com eles estão sempre já marcados por esse "rebaixamento" e pela atitude de fraca mobilização de interesse que lhe corresponde. Por outro lado, essa decidida "desclassificação" dos horizontes externos e da importância de que se podem revestir radica numa orientação global (e num diagnóstico, num reconhecimento global da situação em que se está e do que importa nela) que se acham constituídos a partir do contacto que de cada vez já se teve com a realidade--a partir da exploração que de cada vez já se fez dela. E isto de tal modo que o carácter assente do diagnóstico, da

fixação da orientação de não indiferença, etc. envolve a presunção de que os elementos recolhidos nesse contacto ou exploração já são inteiramente suficientes para produzir uma adequada identificação da situação em que se está e do que é importante e não-importante nela. Por outras palavras, a própria esfera de exploração da realidade a partir da qual se encontra produzida a diferenciação dos índices de importância está também ela fechada no campo de familiaridade. E o que está presumido é que, apesar do carácter parcial dessa esfera, a perspectiva que se tem só com o conhecimento dela basta para determinar a orientação e saber o que é importante e o que não o é--que o carácter meramente parcelar do acesso em que assenta não compromete essa determinação e que nada do que se situa no exterior da esfera já explorada (nada do que se poderia adquirir se houvesse acesso aos horizontes exteriores ao campo de familiaridade de cada vez já constituído) é de molde a obrigar a qualquer revisão significativa (e muito menos a uma revisão radical) da ordem de importância que se tem assente.

Tudo isto pode não parecer senão o retomar de aspectos já observados na análise do dispositivo geral de minimização e subalternização das falhas, não fazendo mais do que examinar com algum acréscimo de cuidado este ou aquele pormenor--de tal modo que pode até soar repetitivo. Mas de facto trata-se de focar qualquer coisa a que então não se atendeu e que mesmo agora pode tender a passar despercebida--a pretensão de saber que inexplicitamente está implicada nestas estruturas e o modo como também aqui está em jogo um preenchimento do exterior do campo de familiaridade, uma forma de fixação de determinação a seu respeito. Ou seja, não se considerou antes--e trata-se agora de pôr em relevo--como a perspectiva a partir da qual é possível esta global relegação de importância dos horizontes exteriores envolve uma tese de domínio desses horizontes que se reconhecem desconhecidos, uma antecipação que permite tê-los por captados e que só por si faz deles algo muito diferente de uma

total incógnita. Se antes ficou já fixado o efeito de "amortecimento" que resulta da anisotropia de importância, o "amortecimento" assim constituído podia aparecer ainda só como decorrente de uma forma peculiar de reacção ao não-saber, de condicionamento da perspectiva em que se manifesta (de diminuição da sua "força" e do seu "peso"). A subalternização da importância poderia constituir um "amortecedor" da incompletude, diminuir o efeito dos campos de escondimento que aparecem a dar-lhe corpo, mas não radicar num saber disso (numa perspectiva que envolve a pretensão de saber já isso) em relação ao qual desempenha essa função "amortecedora". Sucede, porém, que de facto tem essa raiz, envolve uma tal pretensão--e é esse aspecto que agora se procura pôr em relevo, mostrando como também aqui há um inexplícito domínio do que está para lá das fronteiras do campo de acesso reconhecido e uma determinação da realidade que reconhecemos escapar-nos.

Esta pretensão de saber, esta fixação de determinação, tem uma presença discreta, que escapa. A relegação manifesta-se justamente em toda a sua força pela forma como reagimos ao desconhecimento do conteúdo desses horizontes--ao reconhecimento da nossa ignorância a seu respeito. E mantém-se mesmo quando se diminui efectivamente o conteúdo da projecção de homogeneidade sobre esses horizontes e a perspectiva que se tem sobre eles mais se aproxima da efectiva admissão deles como puras incógnitas. De sorte que parece corresponder a uma forma peculiar de indiferença ao não-saber, a um puro e simples "encolher de ombros" (que documenta que o que primariamente nos preocupa não é saber ou não saber, que a nossa "vontade de saber" é limitada). E não chama a atenção--tende a deixar na sombra--o saber (a pretensão de saber) a que de facto corresponde, que a sustenta, "em nome do qual" se faz.

Mas de facto, por pouco que isso chame a atenção, há efectivamente uma pretensão de saber envolvida nisso. O estabelecimento da

falta de importância (da irrelevância, da indiferença--e sobretudo na forma decidida, peremptória, como está feito) constitui já uma forma de definição e controlo do que há aí, uma forma de diminuição do em-aberto a seu respeito--e mesmo uma formidável forma de restrição dele. Vendo bem, estabelece que, qualquer que seja a determinação da realidade que ocupa os horizontes exteriores, ela é totalmente indiferente e irrelevante--não tem, não pode ter qualquer importância para mim e é insusceptível de fazer rever a avaliação, o diagnóstico global que de cada vez já tenho estabelecido a respeito do que importa e do que não importa.

Ou seja, na relegação de importância está implicada uma captação disso em relação ao qual a relegação é posta a valer, uma antecipação restritiva a seu respeito, uma antecipação que se limita a fixar a sua determinação "funcional" de falta de importância (deixando em aberto tudo o mais), sim, mas que nem por isso deixa de constituir já uma fixação e uma efectiva forma de saber algo a seu respeito. Também aqui, tal como no caso da tese de homogeneidade, a perspectiva que se tem sobre os horizontes exteriores comporta uma peculiar conjugação de "em-aberto" e de uma cláusula de fixação (de qualquer coisa já inteiramente assente, estabelecida). A cláusula correspondente à mera relegação de importância é muito menos determinada (implica um muito menor número de elementos de determinação, um conteúdo muito menos "denso) do que no caso da projecção de homogeneidade. Mas, não obstante, estabelece de forma inteiramente decidida, rígida, um momento de determinação que é efectivo e que--embora muito mais "rarefeito" do que no caso da projecção de homogeneidade (muito menos "rico" e parecendo interpor só uma ténue "barreira" contra a total indeterminação)--tem, tal como no caso da projecção de homogeneidade, capacidade para envolver o em-aberto (todo o em-aberto) e reduzi-lo a uma variação dentro da sua própria esfera. Embora a margem de determinação seja muito mais estreita e pareça reduzida como que a um mínimo dos mínimos e embora

correlativamente a margem de em-aberto seja muito mais ampla (e vá já muito perto da total indeterminação), o "resto" de determinação que ainda subsiste não fica a "nadar" na indeterminação quase total com que se conjuga, não fica perdido nela, antes é de tal ordem que se impõe a toda essa margem de em-aberto, sujeitando-a à cláusula que fixa e prendendo-a à esfera da respectiva determinação.

A analogia de estrutura entre a tese de relegação de importância e a tese de homogeneidade não se esgota, aliás, neste aspecto fundamental, que tanto num caso como no outro faz que o que falta dos horizontes exteriores apareça como uma especificação do que já se tem.

Tal como a projecção de homogeneidade, também a tese de relegação de importância preenche maciçamente o exterior do campo de familiaridade e fá-lo "de uma assentada" ("de uma vez por todas"), sem que se dê por isso. Tal como a projecção de homogeneidade também a tese de relegação de importância produz esse preenchimento maciço por projecção a partir da própria esfera de acesso aberta no campo de familiaridade e a partir do que se sabe nela. Simplesmente, em vez de o fazer por meio de uma extensão que homogeniza o campo de familiaridade e o seu exterior (que labora na semelhança entre ambos e domina o exterior pela sua semelhança com o que já se tem), a tese de relegação de importância fá-lo lançando o núcleo de importância constituído no campo de familiaridade <u>contra</u> o "resto" e estabelecendo que, do ponto de vista da importância, há um <u>contraste</u>, uma <u>dissemelhança</u> entre os dois sectores. Esta dissemelhança diz respeito a aspectos diferentes daqueles que estão em jogo na projecção de homogeneidade--de facto, quanto maior for a semelhança do exterior ao campo de familiaridade tanto mais fácil e completamente a realidade que há nele carece de importância. De modo que este peculiar aspecto de dissemelhança não contraria em

nada a tese de homogeneidade e a fixação de determinação que faz--e pode perfeitamente coincidir com ela. Na verdade, a diferença que a tese de relegação estabelece entre o núcleo de importância, fundamentalmente sediado no campo de familiaridade, e o seu exterior não constitui este num horizonte aberto, incógnito--faz o contrário : "fecha-o", antecipa-o, assenta a seu respeito (permite já saber de algum modo que é que há nele). De forma que a semelhança introduzida pela tese de homogeneidade e a dissemelhança puramente funcional consagrada pela tese de relegação colaboram no estabelecimento de controlo sobre os horizontes exteriores, não são divergentes, antes convergentes. E, por outro lado, embora aqui o princípio uniformizador seja o contraste com o campo de familiaridade (e não a semelhança), tal como o "princípio de Arlequim" homogeniniza os horizontes exteriores e torna tudo de algum modo "igual", assim também a tese de relegação homogeniza esses horizontes numa comunidade de determinação--na determinação comum da indiferença, da irrelevância, da insusceptibilidade de alterar significativamente o reconhecimento da situação que já se acha feito. Trata-se de uma homogeneidade "funcional", se assim se pode dizer, relativa a mim, ao que está em jogo na minha vida, e que não tem que ver com o próprio conteúdo dos horizontes a que se aplica. Mas isso não a impede de ser também uma determinação desses horizontes, não torna "fraca" a forma como os preenche, nem faz que não possa constituir uma determinação de peso, proporcionando já uma definição e um domínio dos horizontes em que aparece posta--um saber deles mesmo na sua "indisponibilidade", na ausência de qualquer apresentação em que se exponham. O seu peso é tanto que essa determinação é capaz de se impor à indeterminação de todos os outros aspectos relativos à definição dos "conteúdos" e de "ditar" a sua conformidade ao que já estabelece.

A peculiaridade da forma de determinação em jogo na tese de relegação de importância não a impede de desempenhar todas estas fun

ções análogas às que são exercidas pela tese de homogeneidade. Como também não a impede de, dizendo respeito à minha própria vida, ao que importa e não importa nela (e, desse modo, a qualquer coisa de "particular"), constituir também ela uma apresentação do todo--de tal modo que justamente aqui se situa um segundo factor de totalização da nossa perspectiva, a juntar-se àquele que é introduzido pela projecção de homogeneidade.

Com efeito, à semelhança do que se verificou a respeito do princípio de homogeneidade, também a projecção de falta de importância não comporta nenhuma margem de excepção, não tem nada que a trave e que se levante a conter a sua propagação nos horizontes exteriores. E tal como na projecção de homogeneidade, também aqui esta ausência não tem o carácter de uma pura omissão (em si mesma neutra relativamente a qualquer das alternativas)--corresponde de facto a não se contar com nenhuma excepção, a tê-la efectivamente excluída na forma como se vê. Também aqui, mesmo que se produzam admissões temáticas do contrário, elas não se traduzem na efectiva abertura da possibilidade que lhes corresponde e não têm como efeito um mínimo de hesitação no seguimento do núcleo de importância já constituído e no relegar de tudo o que lhe é exterior. Qualquer folga no domínio da tese de relegação, qualquer admissão de um mínimo de excepção ao que estabelece (de que algures, nos horizontes exteriores pode haver algo de efectivamente importante) implicaria precisamente esse vacilar, essa perturbação da forma decidida, assente, como se conduz a vida. Mas é isso que em regra não acontece. Documentando-se com isso que a possibilidade de excepção "não figura", "não entra em conta", está totalmente anulada--e não é deixada a subsistir em sítio algum. A relegação--e a determinação de falta de importância que lhe corresponde--propaga-se indefinidamente pelos horizontes fora, sem nenhum termo, sem deixar nada fora de si. Ou seja, também a fixação de determinação operada pela tese de re-

legação de importância é irrestritamente "inclusiva", "englobante". De tal modo que, mesmo não se conhecendo o todo (e sabendo-se que não se conhece), mesmo não se fazendo ideia do que seja (e sabendo-se que de facto não se faz), está inexplicitamente já constituída uma antecipação dele quanto a este aspecto que é o da importância e está fixada e totalmente assente uma restrição da margem de "novidade" que pode comportar em relação ao que já se conhece : seja qual for a amplitude dessa"novidade", ela cai dentro do fixado neste assentamento: carece de importância, é insusceptível de infirmar a relegação.

Por outras palavras, também a relegação de importância "adere" à própria remissão horizontal, de tal modo que a domina "internamente" e, sem fechar o que ela tem de aberto, prende esse em-aberto a si e põe-no já todo sob o domínio do que faz saber. Tal como a tese de homogeneidade, também a relegação de importância não nos apresenta a totalidade da continuação da realidade, mas vai já, decidadamente, onde ela for, captando assim de antemão esse todo que ainda escapa e indo já, deste peculiar modo, até ele.

Só por si--mesmo admitindo a total ausência da projecção de homogeneidade e dos demais fenómenos que toldam e amortecem a percepção da incompletude da apresentação relativamente aos horizontes exteriores (ou seja, mesmo admitindo além da ausência da "tese de Arlequim", também a total ausência do esbatimento dos limites e a total ausência de qualquer representação inautêntica de totalidade)--esta segunda forma de saber o todo desses horizontes é capaz de assegurar um domínio deles--é capaz de fazer que o nosso ponto de vista se sinta ainda soberano a seu respeito. Conquanto represente a mais ténue (a menos densa, a mais rarefeita) das barreiras que se interpõem contra a total indeterminação desses horizontes, conquanto sozinha corresponda a uma colossal diminuição da compacta sobreposição de "amortecedores" que habitualmente está constituída no modo como vemos e costuma "filtrar" o aparecimento dos ho

rizontes exteriores, tornando-o concorde com a forma natural da finitude, é de todo o modo suficiente para um saber de todos esses horizontes e suficiente para fazer que fiquem significativamente aquém de se apresentarem como incógnitas.

Neste sentido, constitui como que um último "reduto" de propagação da nossa perspectiva para lá das fronteiras do campo de familiaridade, um último recurso que nos impede de nos vermos efectivamente cercados por campos de escondimento, um último esteio da pretensão de soberania do nosso ponto de vista.

*

Mas há ainda um aspecto que falta examinar e é de grande importância para a determinação da situação de incompletude onde se está e da forma da finitude que lhe corresponde. Viu-se oportunamente como o esbatimento dos limites do campo de apresentação e as representações inautênticas de totalidade são possibilitadas por defeitos de focagem e só podem produzir o seu efeito justamente num meio de falta de acuidade. Viu-se como esses fenómenos distorcem a situação em que se está e correspondem a perspectivas puramente "virtuais", sem outra base que não a desfocagem e o condicionamento que os produz. Mas a respeito quer da tese de homogeneidade quer da tese de relegação de importância, ainda que se tenha observado um ou outro aspecto de falta de acuidade implicado nelas, ainda não se examinou a que ponto também elas são meros produtos de falta de focagem e de condicionamentos que não resistem a uma efectiva focagem daquilo que está em jogo nessas teses ou, pelo contrário, são sólidas e têm suficiente fundamento--de tal modo que pelo menos nestes dois aspectos o complexo de "amortecedores" da incompletude é consistente e faz ver as coisas sem distorção.

Ora de facto, quer no que diz respeito à tese de homogeneidade quer no que diz respeito à tese de relegação de importância, o seu domínio sobre o nosso ponto de vista, embora seja firme e tenda a manter-se mesmo quando se produzem considerações temáticas, não resulta senão de se ter uma perspectiva pouco aguda sobre os horizontes em causa e sobre a situação de acesso em que se está a seu respeito.

Assim, por um lado--mesmo admitindo a tese de homogeneidade e não pondo em causa o seu fundamento--o domínio compacto, a "domesticação" que a tese faz dos horizontes externos não resulta só da relação de subordinação que põe a vigorar entre o núcleo das determinações constantes que já fixa e a margem das variantes disso que deixa ainda em aberto. Esse domínio compacto, essa "domesticação" total dos horizontes exteriores advém em grande parte também do peculiar esbatimento a que são sujeitos os focos de indeterminação ainda subsistentes. Como se acentuou, embora se tenha consciência de que há muitos aspectos deixados em aberto (aspectos que a perspectiva constituída pela tese de homogeneidade não atinge, deixa de fora), a apresentação deles reduz-se a referências globais, sumárias, distraídas. De tal modo que não se chegam a desenhar concretamente os "buracos", se assim se pode dizer, correspondentes a essas esferas de indeterminação. Reinando esta desfocagem relativamente aos focos de indeterminação ainda em aberto, aquilo que aparece a conter o esclarecimento produzido pela tese de homogeneidade (aquilo que aparece a limitá-la, a marcar a presença de escondimento no seu campo) é pouco e é difuso. E o domínio proporcionado pela tese de homogeneidade ganha assim, de forma inexplícita mas efectiva, um aspecto mais maciço do que aquele que teria se não reinasse esta falta de acuidade--um aspecto meramente "virtual", introduzido pela própria falta de acuidade.

Como, por contraste, fica claro, se se corrige, mesmo que só par-

cialmente, esta desfocagem--fazendo desenhar as manchas de indeterminação que a tese de homogeneidade deixa subsistir.

Assim, se considerar o campo de realidade que se estende logo atrás das frontarias dos prédios que normalmente fecham o meu campo de familiaridade na cidade onde vivo e se me concentrar na determinação precisa do que tenho e do que me está vedado a seu respeito, produz-se já uma alteração em relação à perspectiva com que isso me aparece enquanto não faço tal focagem. Mesmo que neste caso o conteúdo da projecção de homogeneidade se conte entre os conteúdos mais "carregados" que a tese de homogeneidade pode assumir (não se trata de um lugar remoto, mas da cidade cujas características tão bem conheço), e mesmo que eu saiba muito bem que o que aí há são habitações e também escritórios, com o tipo de recheio que lhes é próprio, onde muitas pessoas vivem ou trabalham e a maior parte fala português, etc. (de tal modo que o que me falta acompanhar são variantes, especificações, disto), de qualquer modo há aí algo que desconheço e a margem do que assim me escapa tem de facto uma amplitude muito grande--muito maior do que se manifesta quando só a considero de fugida. Por muito que saiba que há habitações ou escritórios, mantém-se escondido tudo o que concretamente há em cada uma ou cada um, o que neles se passa, as atmosferas particulares que neles se respiram. Por muito que saiba que moram ou trabalham lá pessoas, mantêm-se escondidas as pessoas que são, as perspectivas que as movem, as vidas que levam, etc.. Vista concretamente, a "mancha" do que escapa a despeito da evidência de homogeneidade cresce consideravelmente, assume uma presença e proporções nitidamente contrastantes com a presença difusa e a quase total diluição que têm na apresentação horizontal e na apresentação temática mas de facto distraída que em regra há desses horizontes.

E isto que é já assim para campos de realidade sobre que reina uma projecção de homogeneidade tão carregada (e onde a margem de em-aberto está reduzida ao mínimo) é ainda mais assim onde a projec-

ção de homogeneidade é menos densa e mais aberta.

Saindo da distracção e da fixação sumária, global, de que nos horizontes exteriores há muitos aspectos em aberto, passando-se a uma focagem concreta de quais são esses aspectos (tirando-os do anonimato dessa confusa representação de totalidade e fixando com nitidez esses aspectos) produz-se uma "contracção" da margem de domínio proporcionada pela tese de homogeneidade, um aumento muito significativo da "mancha" da incompletude--da retenção, do não-ver que efectivamente se sente. O que mostra como o efeito amortecedor que a tese de homogeneidade habitualmente tem--a sua amplitude de "penetração" nos horizontes externos e de "domesticação" dos campos de realidade que neles se situam de facto está habitualmente "arredondada" por um efeito de desfocagem e só é tão completa em resultado dele.

Mas este é apenas um primeiro aspecto. Por outro lado, se se vir bem como está estabelecida a relação de ascendente entre as determinações genéricas fixadas pela tese de homogeneidade e as especificações que são deixadas em indeterminação, verifica-se que efectivamente, além da pura relação de subordinação da espécie ao género (do ascendente que este tem sobre aquilo que constitui uma variante do seu próprio teor) interfere também um outro aspecto, que de facto não está implicado nessa relação, mas que, por efeito de desfocagem e falta de acuidade, se "cola" a ela e vale também onde ela vigora. Esse outro aspecto é o que diz respeito ao peculiar "efeito de óptica" em virtude do qual, vistas a partir de uma fixação do género, todas as possibilidades de variação dentro dele, todas as especificações de que é capaz parecerem <u>controladas</u> e insusceptíveis de produzirem qualquer surpresa relevante em relação à perspectiva que se tem sabendo o género.

A circunstância de a tese de homogeneidade vincular todas as determinações desconhecidas nos horizontes externos à observância

do núcleo de determinações por ela fixadas (de tal modo que só são admitidas como meras variantes do que se acha fixado nesse núcleo) constitui uma forma de prolepse (de captação antecipada) desse desconhecido. E, aceitando a tese de homogeneidade, semelhante prolepse tem fundamento--na medida em que, então, mesmo desconhecendo-se as realidades que ocupam os horizontes externos, há um conjunto de determinações delas e mesmo um conjunto de determinações fundamentais que já está captado e já se sabe. Neste sentido, se a tese de homogeneidade tem fundamento, ela proporciona de facto já algum controlo do que se passa nos horizontes exteriores.

Porém, esse controlo não é do tipo que, por um condicionamento de perspectiva, tende a parecer. E o que tende a parecer é que, se algo desconhecido tem uma inserção genérica conhecida, está vinculado a pertencer a um género já sabido e a constituir uma variante dele, então aquilo que tem de próprio e irredutível ao género a que pertence não pode constituir grande novidade em relação ao que de todo o modo já se sabe a partir do conhecimento desse género, não pode produzir nenhuma significativa surpresa que faça alterar o aspecto com que se apresentam as coisas. Por outras palavras--inexplicitamente, sem que haja qualquer formulação articulada desta ordem--sugere-se e fica assente que a aquisição das determinações específicas não pode romper a conformação de perspectiva correspondente à antecipação genérica, não pode pôr as coisas "num outro pé" que não aquele em que de toda a forma já estão postas pela perspectiva de antecipação.

Ora este total estrangulamento da possibilidade de a perspectiva correspondente à fixação das características genéricas vir a ser significativamente modificada pela descoberta dos aspectos específicos--este total "aprisionamento" e esvaziamento da possibilidade de surpresa, esta redução do intra-genérico a uma mera "ilustração" do que já fica antecipado no conhecimento do género--representa de facto uma subrepção, um "acrescento" subreptício em relação ao ti

po de ascendente do género sobre as suas espécies que efectivamente resulta de haver semelhante relação.

Sem prejuízo do nexo de especificação, o que se inscreve sob um género como variação dele pode ser completamente surpreendente em relação à perspectiva que se tem na antecipação genérica.

A própria experiência normal mostra inequivocamente que é assim. No curso dela tornam-se-nos manifestos lugares, pessoas, livros, alegrias e dores, etc., que correspondem ao preenchimento de antecipações já em vigor antes de entrarmos em contacto com cada um deles. Mas o facto de já estar antecipada a existência de uma numerosa multiplicidade de pessoas com características bastante diferentes não impede que as pessoas concretas que se encontram tenham aspectos extraordinariamente novos, de que na antecipação não se fazia a mais remota ideia e que mudam se assim se pode dizer o "panorama"--a impressão que se tem dos outros, a importância de que se revestem, o próprio aspecto do "mundo" que está marcado pela sua presença. Do mesmo modo, o facto de estar antecipada a existência de uma grande quantidade de livros ainda não lidos e de se ter uma antecipação global correspondente à própria fixação genérica do tipo de realidade "livro" não impede que alguns dos livros que se lêem tenham algo de extraordinariamente inesperado--rompam perspectivas, novas formas de ver, que nos deixam com uma visão das coisas muito diferente da que tínhamos enquanto esses livros ainda estavam "dissolvidos" no anonimato da antecipação genérica do tipo de realidade em que se inscrevem. Como também o facto de se ter antecipada a existência de dores (que é da nossa condição o estarmos expostos a elas, que elas podem ser bastante violentas, etc.) não impede que o contacto com estas e aquelas dores concretas faça aparecer realidades completamente imprevistas na antecipação genérica --que perturbam a perspectiva tida a partir dela e põem tudo num pé muito diferente do que lhe corresponde.

Em todos estes casos, as realidades concretas que assim provocam mudanças de perspectiva inscrevem-se perfeitamente no núcleo de fixação genérica que já precedia o seu encontro--preenchem, confirmam a antecipação estabelecida nele. Mas, justamente sem cortarem a concordância com o conteúdo antecipado (cumprindo a antecipação e, nesse sentido, não trazendo nada de novo), uma vez manifestas levam a uma visão bastante diferente da que dominava a própria antecipapação (e que não difere dela apenas pelo acrescento de ilustrações concretas do seu conteúdo)--a sua manifestação faz que "as coisas (o reconhecimento que temos da realidade) mudem de figura".

Ou seja, como a própria experiência normal claramente documenta, mesmo havendo "continuidade" do quadro de determinações genéricas, pode mudar e mudar muito significativamente a "fisionomia" daquilo que se tem apresentado. Dentro da constância genérica há lugar para a "contracção" em muito diferentes reconhecimentos da realidade. E o próprio reconhecimento que se produz a partir da pura fixação genérica corresponde só a uma dessas possibilidades de reconhecimento (a uma dessas "fisionomias") admitidas pela constancia genérica e relativamente às quais esta é, em si mesma, totalmente neutra.

Assim, por exemplo, uma coisa é saber, como sabemos, que há alegrias e misérias nos horizontes exteriores (ter incluído isso no conteúdo da projecção de homogeneidade). Outra coisa, completamente diferente, seria saber que há alegrias e assistir concretamente a todas as misérias. Embora não se tenha uma ideia mais do que distante do que corresponderia a uma tal perspectiva (traçada por analogia com o que sucede quando somos confrontados com mais intensas manifestações do que há de miséria), ela basta para vislumbrar como de facto seria diferente. Tal como, por outro lado, permite também perceber que se, inversamente, se tivesse uma apresentação genérica da existência de misérias e se assistisse concretamente a todas as alegrias, a perspectiva emergente seria bastante diferen-

te daquelas duas. E outra coisa ainda, completamente diferente de qualquer destas, seria ter um ponto de vista que ao mesmo tempo, numa efectiva sinopse, assistisse em concreto a todas as alegrias e a todas as misérias que têm lugar nos horizontes exteriores. Inscrevendo-se todas estas perspectivas num quadro de constância genérica (dentro das baias de uma mesma antecipação), nem por isso deixam de corresponder a quadros de realidade muito diversos, a modificações muito drásticas do aspecto como que globalmente as coisas se apresentam.

Ora isto (esta surpresa a partir do mais concreto) que assim se documenta na própria experiência normal, a partir dos alargamentos de âmbito, na verdade de alcance relativamente reduzido, que nela se produzem, não tem nada que o impeça nos horizontes externos que de cada vez ainda se mantêm fora de acesso, cobertos apenas pela tese de homogeneidade. Simplesmente, embora a experiência desta possibilidade esteja normalmente sempre já feita a este ou àquele respeito (e sempre tenha já verificado como o concreto do que antes ainda eram só horizontes externos e entretanto já entrou no campo de familiaridade pode, em muitos casos, ser surpreendente em relação à projecção de homogeneidade que o antecipava), a verificação disto na experiência passada tende a não ter qualquer efeito sobre a projecção de homogeneidade que de cada vez tenho feita e sobre a perspectiva em que vejo o que de cada vez ainda está nos horizontes exteriores e não tem outra determinação além da que é introduzida por essa projecção.

E, desta forma, a inexplícita perspectiva de domínio dos horizontes externos a partir do princípio de homogeneidade tem totalmente elidida a colossal possibilidade de mudança de aspecto que de facto está deixada em aberto na fixação de determinação operada por esse princípio. Embora a margem de possibilidade de modificação correspondente aos horizontes de cada vez ainda desconhecidos

seja ainda muito maior do que aquela que já foi experimentada a partir dos alargamentos de acesso de cada vez já ocorridos, a perspectiva que se tem sobre os horizontes externos costuma estar completamente inadvertida em relação a tal possibilidade e a ver tudo como se o facto de os aspectos desconhecidos serem variantes do que já se sabe proporcionasse um controlo da sua margem de variabilidade e permitisse ter já fixo, no fundamental, o quadro de realidade em que se inserem.

Também deste segundo modo o domínio que o princípio de homogeneidade parece dar dos horizontes exteriores está arvorado (virtualmente dilatado, tornado muito maior) em virtude de ser pouco aguda, desfocada, a perspectiva onde vigora. O conteúdo da projecção de homogeneidade não é visto no que tem de vago, na extraordinária multiplicidade de muito diferentes "fisionomias", quadros de realidade, que de facto comporta. E é isso--é este condicionamento de falta de acuidade e a subrepção a que dá guarida--que escamoteia a extraordinária margem de variação que, por mais que a tese de homogeneidade seja válida, de facto deixa ainda aberta e faz parecer já definido e "domesticado" o conteúdo desses horizontes. A eficácia do "saber" fornecido pela tese de homogeneidade, o seu poder de transformação dos horizontes exteriores em algo de muito diferente de uma efectiva incógnita assenta em grande parte nesta falta de acuidade e desfaz-se quando ela é suprimida.

Mas estes aspectos dizem respeito ao modo como o efeito do princípio de homogeneidade é "potenciado" por condicionamentos de falta de acuidade, não tocam a própria validade do princípio nem ligam a sua vigência no nosso ponto de vista a nenhum condicionamento dessa ordem.

Ora de facto a ligação entre a tese de homogeneidade e a falta de focagem não passa apenas por estes condicionamentos que "potenciam" o seu efeito, passa pelo próprio cerne da tese enquanto tal, pela sua constituição e implantação na nossa perspectiva.

Com efeito, não há nenhuma base suficiente para a projecção de tese de homogeneidade sobre os horizontes exteriores e para a evidência de que em regra se reveste e com que domina o nosso ponto de vista.

A projecção está tão consumada e domina tanto a forma como vemos que parece revestir-se de evidência e resiste a deixar-se suspender. De facto a sua instalação no nosso modo de ver é tão completa que a tese apaga o seu próprio rasto e faz perder de vista a "indução" que a sustenta. Deste modo, aquilo que tem de "projecção" feita sobre algo a que não se tem acesso desaparece, não figura como tal (e produz-se em vez disso a impressão de um acesso, de uma evidência tal que por ela ficam de algum modo expostos esses horizontes). Apagando-se assim também a pista da fragilidade que tem enquanto antecipação sobre o desconhecido--sobre aquilo que de facto se mantém fora de alcance.

É certo que, como se apontou, a tese é continuamente confirmada pelo próprio curso da apresentação. Embora se caracterize justamente pela contínua aquisição de apresentados novos, não somente nunca esses apresentados se põem inteiramente fora de qualquer correspondência ao princípio de homogeneidade, mas, para além disso, raramente obrigam a retirar um só que seja dos múltiplos conteúdos que normalmente estão implicados na sua projecção. Porém, se é assim, também isso não confere nenhuma base legítima à tese de homogeneidade--é totalmente insuficiente para a estabelecer numa base sólida. A antecipação de homogeneidade de cada vez vigente diz respeito ao que ainda está fora de alcance (não diz respeito ao que de cada vez está adquirido). E, por mais que neste sempre se tenha confirmado a justeza do "princípio de Arlequim", sem qualquer excepção (e numa confirmação quase integral relativamente a todos os seus aspectos), isso nada permite estabelecer acerca do que ainda não está posto ao alcance. Por mais que até um dado momento do nos

so contacto com a realidade se tenha verificado sempre o princípio de homogeneidade, esse facto diz respeito propriamente só ao campo de realidade que de cada vez já se acha percorrido.E, por mais longe que vá a verificação de homogeneidade nas apresentações que vamos tendo, de facto isso constitui sempre só uma muito pequena amostra em relação à extraordinária amplitude dos horizontes exteriores que de cada vez são objecto da projecção de homogeneidade.

Porém nem sequer é só em relação ao longínquo que a tese de homogeneidade assim ultrapassa as bases de que efectivamente se dispõe e constitui uma projecção carecida de fundamento. Mesmo quando já de algum modo se vislumbra a sua fragilidade, tende-se a reservá-la para as esferas mais remotas e a associar essa fragilidade à extraordinária amplitude dos campos de realidade em causa, deixando à distância como que um papel mediador entre a esfera de validade do princípio e aquela ou aquelas em que pode deixar de ter aplicação. Mas na verdade a tese carece de fundamento que a sustente, é infundada mesmo já a respeito do já próximo. E isto não apenas em relação aos aspectos mais especificados da sua carga de conteúdos (este o segundo aspecto de "abrigo" em que tende a refugiar-se e a resistir), mas mesmo em relação àqueles que constituem elementos mais genéricos e fundamentais da estrutura da realidade.

Por mais que repugne tal possibilidade e por mais que pareça evidente que está excluída, de facto não é em virtude de nenhum saber efectivo, de nenhum dado que garanta tal exclusão, que se exclui que logo aí "ao virar da esquina", onde se começa a não ter nenhuma outra apresentação para além da que é constituída pela própria projecção de homogeneidade, a realidade seja radicalmente diferente de tudo aquilo que é conhecido.

Quando assim se põe em causa o princípio de homogeneidade e se foca o carácter insustentado de que se reveste, a evidência que o apoia como que reage, invocando um conjunto de razões em seu abono. Importa ver pelo menos em esboço o fundamental desse tipo de apoio,

analisar as suas funções e o seu fundamento, para determinar a que ponto basta ou não para conferir fundamento à projecção de homogeneidade e fazer que o seu domínio não assente só em condicionamento de desfocagem, tenha uma base mais sólida do que isso.

Por um lado, o princípio de homogeneidade parece sustentado de forma positiva pela circunstância de, embora na verdade seja muito pequena a esfera da realidade que propriamente tenho acompanhada, em todo o caso haver todo um conjunto de relatos (orais, escritos, etc.) por meio dos quais os outros me comunicam aquilo que se passa nas esferas de realidade a que têm acesso. Quer em relação ao presente, quer em relação ao passado, a esfera de acesso em que me encontro pode ser alargada pelas diversas formas de comunicação em virtude das quais cada um não está absolutamente fechado no seu próprio campo de acesso, pode partilhar aquilo que está ou esteve manifesto para outrem.

Esta forma de fundamentação do princípio, embora à primeira vista possa parecer suficiente, é de facto completamente inadequada para lhe servir de base. E isto desde logo pela circunstância de haver uma extraordinária desproporção entre o que de cada vez tenho constituído como testemunho de outrem (os campos de realidade sobre que de cada vez tenho semelhante testemunho) e a esfera de aplicação do próprio princípio de homogeneidade. A aceitação desta fonte como princípio de fundamentação da tese de homogeneidade acusa precisamente o fenómeno de "arredondamento" para que se chamou a atenção e para a forma como esse fenómeno (que corresponde a uma perspectiva desfocada, pouco aguda) interfere mesmo quando se trata de perspectivas temáticas.Pois, com efeito, se proceder a um recenseamento de quais são as zonas dos horizontes exteriores sobre as quais efectivamente disponho informação positiva deste tipo, verifico que são de facto muito poucas quando comparadas com a extensão indefinidamente prolongada (no espaço e no tempo) que o princí

pio de homogeneidade preenche com a sua carga de determinações. E, se o princípio de homogeneidade não tem senão este fundamento, então a esmagadora maioria da sua esfera de validade carece tanto de base como se não houvesse um tal fundamento.

Esta dificuldade parece susceptível de ser contornada pelo segundo tipo de evidência para que a tese de homogeneidade também tende a apelar quando se vê posta em causa no seu fundamento. Trata-se de uma peculiar forma de **argumentum e silentio**, onde também desempenham um papel fundamental os outros. Nesta segunda forma, o que parece dar consistência à tese de homogeneidade não é a informação positiva que os outros nos fornecem a respeito dos campos de realidade a que têm acesso, mas a circunstância de não haver nenhuma notícia que assinale a irrupção de uma significativa heterogeneidade onde quer que seja.

Se alguém houvesse descoberto, no que para mim são horizontes exteriores, alguma esfera de realidade heterogénea (em efectiva ruptura com o quadro de homogeneidade que todas as informações positivas de que disponho sugerem estar confirmado pela experiência dos outros), então isso constituiria algo tão extraordinário que certamente me chegaria a notícia.

Desta forma, alarga-se a esfera de "cobertura" muito para lá dos "fragmentos" de informação positiva que de cada vez estão efectivamente ao dispor--alarga-se ao horizonte de acesso de toda a "comunidade" dos pontos de vista como o nosso no passado e no presente.

Esta segunda evidência, parecendo contornar as dificuldades que se opõem à primeira, embora ultrapasse uma parte delas, está também muito longe de fornecer uma base suficiente para a tese de homogeneidade. Com efeito, se a esfera de "cobertura" que fornece é incomparavelmente mais ampla do que aquela que corresponde à informação positiva (e fica menos aquém de corresponder à amplitude da projecção de homogeneidade), isso não significa que chegue efectivamente a corresponder-lhe e que não fique ainda <u>muito aquém</u> dela.

Mesmo admitindo que efectivamente tenho com toda a comunidade humana no passado e no presente um contacto tal que, se alguém descobrisse rupturas significativas na homogeneidade do real, a notícia certamente chegaria até mim, a totalidade da esfera de acesso com que assim estou posto em contacto não corresponde de modo algum a uma cobertura de toda a realidade, de facto não cobre senão uma parte dela--e uma parte que não é fácil de delimitar e cuja relação com o que lhe falta também não é fácil de estabelecer, mas que pode justamente ser apenas uma parte <u>muito pequena</u>. Desta forma, também aqui a fixação correspondente ao princípio de homogeneidade vai além do que pode ser sustentado pela base que se pretende identificar como seu fundamento--e, na verdade, dado o carácter ilimitado da validade do princípio, vai mesmo muito além disso. E também a aceitação desta segunda forma de evidência como princípio de fundamentação da tese de homogeneidade acusa o mesmo fenómeno de "arredondamento" (de dilatação por desfocagem) que interferia no primeiro caso. Por efeito de desfocagem, a esfera de acesso da comunidade humana é inexplicitamente convertida numa esfera irrestrita, de acesso total, em condições de assegurar a homogeneidade da realidade no seu todo.

Na melhor das hipóteses, o acréscimo de base obtido com a passagem da primeira para a segunda forma de fundamentação diminui a extensão da "parte" insustentada da fixação de homogeneidade, mas não faz que ela deixe de implicar uma projecção insustentada--e que seja por uma projecção insustentada (por um excesso sobre a base de que dispõe, de forma desproporcionada em relação a ela) que se constitui a maior parte da sua "esfera de acção".

Mas essa é justamente "a melhor das hipóteses". Pois, vendo bem, também o próprio "nervo" de toda esta forma de fundamentação da tese de homogeneidade está "montado" num meio de desfocagem e só funciona "eficazmente" nesse meio. Com efeito, a própria pressuposição

de que estou, mesmo que só "negativamente", em contacto com todos os pontos de vista humanos (de tal modo que qualquer violação do princípio de homogeneidade na esfera de alcance de qualquer um deles chegaria inevitavelmente ao meu conhecimento) corresponde a uma assunção infundamentada.Por um lado, essa assunção supõe de facto o próprio princípio de homogeneidade (recorre a ele no estabelecimento de um padrão homogéneo de comportamento para todos os pontos de vista--que os integra a todos nesse sistema de comunicação). De tal modo que nesta forma de "fundamentação" a tese recorre a si própria, num processo de petição de princípio, que só colhe justamente em condições de desfocagem e falta de acuidade. Por outro lado, "arredonda" infundadamente a minha própria relação com todo o patrimônio daquilo que foi "comunicado" por outros pontos de vista --fazendo ver as coisas como se eu tivesse um contacto tal com isso que pelo menos os aspectos mais relevantes do que está fixado nele não me pudessem escapar.

De todo o modo, a discussão deste tipo de "evidências" não toca as raízes do princípio de homogeneidade no seu funcionamento normal--passa totalmente ao largo dessas raízes. Pois, com efeito, nenhuma destas ordens de consideração constitui propriamente a base a partir da qual o princípio de homogeneidade se levanta e está naturalmente posto a preencher os horizontes exteriores. O "mecanismo" de constituição da tese de homogeneidade não passa por nenhum exame de "razões" dessa natureza--de tal modo que é tendo-as sopesado, mesmo que de forma mais ou menos inconsciente, que a tese é posta a valer. Estas são razões a que a evidência de homogeneidade recorre quando posta em causa--instâncias de recurso que acorrem a defendê-la e a corroborá-la, mas de tal modo que nem antes de se pôr o problema, nem sequer enquanto se consideram tais razões, são elas que de facto nos determinam à adopção da tese. Constituem como que um "escudo" protector na ordem temática, usado para "liquidar" qualquer contestação do princípio e "pôr uma pedra" sobre a sua discus

são. De tal modo que, embora possam desempenhar essa função protectora e haja tendência para recorrer a esse tipo de considerações se a tese de homogeneidade é posta em causa, aquilo que assim são chamadas a proteger é de facto autónomo em relação a todo o tipo de considerações desta ordem.

Por mais voltas que se dêem ao problema, o princípio de homogeneidade não tem meio de ser transformado noutra coisa que não uma extrapolação relativamente a algo que se mantém fora de acesso, uma extrapolação frágil, de facto insuficiente para retirar a isso sobre que se aplica o seu carácter de incógnita. O conseguir fazê-lo traduz precisamente falta de acuidade, só é possível no seu contexto. A evidência irrestrita de que o princípio goza, o seu domínio absoluto sobre a forma como vemos, assenta no distraído embarque nessa extrapolação, na não consideração da situação de acesso em que se está relativamente aos horizontes exteriores e do carácter precário, meramente supositivo, de toda a fixação que se faça a seu respeito. Nesse meio desfocado, pouco nítido, a projecção e o que tem de frágil não aparecem--e chega a parecer que a homogeneidade é um dado absoluto, que nada pode pôr em causa. Mas de facto não é assim. Por mais enraizada que seja e por mais que tenda ter visos de evidência, a tese de homogeneidade só tem segurança justamente enquanto é pouco aguda, desfocada, a perspectiva sobre o seu objecto. E de tal modo que quanto mais o princípio de homogeneidade parece inquestionável, evidente e firme, tanto maior a falta de acuidade de que se reveste.

Ao dizer-se isto, de maneira nenhuma se pretende sustentar a tese contrária ao princípio de homogeneidade--consagrando a heterogeneidade dos horizontes exteriores. Ao ser confrontado com a possibilidade de restrições à tese de homogeneidade, o nosso ponto de vista tende, mesmo sem que se dê por isso, a encarar a coisa como se se tratasse da substituição de uma tese por outra.Mas não é dis

so que se trata. A substituição (mesmo que correspondesse a pôr algo em aberto, desconhecido, no lugar dos conteúdos de homogeneidade) comportaria ainda em todo o caso uma fixação--arredando a homogeneidade, estabelecendo a heterogeneidade. E poria exactamente os mesmos problemas de fundamentação--teria o mesmo carácter "abusivo" --que a "tese de Arlequim". Ora o que de facto corresponde a uma visão não desfocada, aguda, dos horizontes exteriores é uma perspectiva que não escamoteie o seu carácter de incógnita, o não-acesso em que se está a seu respeito e a possibilidade aberta que equivale a isso: o não se saber a que ponto são homogéneos ou heterogéneos ao campo de familiaridade. É essa possibilidade aberta--simultaneamente disponível para as duas eventualidades, presa da falta de condições para dirimir o seu conflito--que de facto corresponde à incompletude a que o nosso ponto de vista está sujeito em relação aos horizontes exteriores. [66]

Isto em relação à tese de homogeneidade. Mas, se ela é deste modo precária e vale irrestritamente só por um efeito de desfocagem e de falta de acuidade na avaliação da situação de acesso relativamente aos horizontes exteriores (e na identificação daquilo que aparece a preenchê-los--do "saber" que efectivamente se tem a seu respeito), o mesmo se passa com a tese de relegação de importância e com a pretensão de saber que também ela tem implicada.

O estabelecimento sumário do princípio de relegação não tem nenhuma base sólida. A decidida assunção de que o que há nos horizontes exteriores não tem importância, a peremptória exclusão de que possa tê-la e a própria assunção de que o respectivo desconhecimento não fragiliza o modo como está estabelecida uma determinada orientação fundamental de não-indiferença (a "certeza" de que tudo o que se mantém desconhecido é absolutamente insusceptível de fazer rever essa orientação)--nada disto procede de um conhecimento do que há nos horizontes exteriores. Se esta circunstância não impede nenhum destes aspectos de se inculcar com toda a força e de

ter foros de evidência quase irresistível, tal sucede apenas porque a vigência da tese não passa por uma verificação do seu fundamento e porque, além disso, como posteriormente se terá ocasião de ver mais demoradamente, a evidência com que as teses se apresentam no nosso ponto de vista não tem nenhuma relação directa com o fundamento que as sustenta--e está muito longe de suceder que só gozem de evidência as teses que têm fundamento (e fundamento suficiente para a evidência de que gozam).

A esfera de aplicação do princípio de relegação é justamente aquilo que está fora de alcance, que a apresentação que se tem ainda não consegue expor. Nestas condições, não provindo o princípio de nenhuma fonte que ultrapasse essa falta de acesso (como de facto não provém), toda a fixação que faz assenta numa não consideração do que há de ignoto naquilo de que se trata.

Assim ,por um lado, mesmo partindo do princípio de que a orientação de não-indiferença que de cada vez já está adoptada na nossa perspectiva não padece de nenhuma fragilidade que a ponha em causa nem domina por efeito de nenhum condicionamento de falta de acuidade, dado que os horizontes fora do campo de familiaridade escapam a controlo e há pelo menos uma considerável margem de desconhecimento do seu conteúdo, não se dispõe de nenhum meio para determinar a que ponto o que comportam se reveste ou não de importância relativamente a essa orientação de não-indiferença e ao critério de importância e de falta de importância que lhe corresponde.

Mesmo admitida sem qualquer reserva a validade da orientação de não-indiferença que está adoptada, como se pode saber que não há nos horizontes exteriores coisas que justamente em função dela são da máxima importancia--que não há no complementar da incompletude algo (e até muita coisa) que seria decisivo ? Como posso saber que para lá do campo de familiaridade não há, não se estão a passar coisas decisivas para mim ? Como posso saber que nesses horizontes

exteriores não se situam realidades que, se tivesse acesso a elas, me permitiriam justamente chegar melhor àquilo que tenho por importante--encontrar o que procuro para a minha vida?

Considerando retrospectivamente, vejo que uma grande parte das coisas que pesaram e influíram no curso da minha vida se passaram, relativamente a mim, na mesma posição em que está agora tudo isso que se situa para lá dos limites do campo de familiaridade--no seu exterior. Como posso saber que agora mesmo nesse aí escondido não há, não se está a passar nada que é ou será marcante e decisivo para a minha vida ? E o próprio curso da experiência passada mostra também como muitas vezes foi justamente nesse exterior inexplicitamente tido por irrelevante--onde menos se esperava, onde "nem passava pela cabeça" que pudesse haver algo capaz de desempenhar qualquer papel a esse respeito--que se vieram a encontrar "chaves" para dar seguimento aos rumos de não-indiferença (aos empenhos, aos propósitos) que se seguiam.

Por muito que esteja definido um princípio de orientação para o estabelecimento da importância ou não-importância, a situação em que nos encontramos relativamente aos horizontes exteriores não é uma situação de controlo, antes de "cegueira", que da facto não está em condições de fixar sequer que relações efectivamente há entre o que lhe escapa e esse princípio de orientação que já tem definido.

Mas, sendo assim, por outro lado, também o próprio assentamento na orientação específica de não-indiferença que está adoptada e a forma como esse assentamento implica a exclusão da possibilidade de que para lá dos limites do campo de acesso haja o que quer que seja susceptível de provocar a sua revisão labora na mesma desfocagem em relação ao carácter incógnito desses horizontes sobre que não se tem controlo. De tal modo que também aqui a evidência e o carácter absolutamente resolvido de que tudo isto se reveste advém de uma crónica distracção relativamente às condições em que é esta

belecido e ao fundamento em que assenta.

Com efeito, como se pode saber que tudo o que é relevante para a orientação da vida já está captado a partir da esfera de acesso de que se dispõe? Como posso saber que um acompanhamento de tudo isso que fica fora dessa esfera, se o tivesse, não me permitiria compreender muito melhor a situação em que estou, a realidade que me cerca e com que me tenho a haver na minha vida ? Que me garante que não me faltam elementos decisivos? Que me garante que o ângulo de abertura à realidade, o acesso que já tenho, as possibilidades que concebo, os acontecimentos que testemunho, as coisas e as pessoas que conheço, já são suficientes para perceber "a vida" e que o decisivo--ou um grande número de aspectos decisivos--não se mantém justamente <u>ao largo</u> da perspectiva em que me encontro, justamente naquilo a que não tenho acesso? Como posso saber que as pessoas que aí há, as perspectivas que têm, as vidas que levam, não poderiam, se me fosse dado acompanhá-las, trazer-me algo de importante, ensinar-me coisas decisivas (de que na esfera de acesso que já tenho aberta ainda não faço a mais pequena ideia) ? Como posso saber que, se tivesse conhecimento dessas pessoas, do que sabem, etc., isso não abriria perspectivas novas, novas possiblidades para a minha vida, inteiramente diferentes daquelas que sou capaz de identificar e segundo as quais vivo na esfera mais fechada em que me tenho?

De facto, de vez em quando no curso do passado já aconteceu que a aquisição de perspectivas antes fechadas teve um efeito modificador da orientação de não-indiferença que era seguida, de tal modo que efectivamente se produziram revisões, houve preocupações e empenhos que desapareceram, outros que passaram a ter um papel que não lhes cabia, etc.. Essas revisões foram nuns casos mais amplas do que noutros (e pode inclusivamente acontecer que, por razões e de formas que ulteriormente serão objecto de estudo mais cuidado,

digam respeito apenas a inflexões, "modulações" dentro de linhas de orientação fundamental constante). Mas de qualquer modo documentam como também a respeito deste momento nuclear de toda a tese de relegação, os horizontes exteriores--a descoberta do que se mantém fora do campo de acesso de cada vez já constituído--podem efectivamente comportar elementos que levam a revisões da orientação de não-indiferença e de todo o critério de importância e de não-importância que a tem por suporte. E, mesmo que nesses casos as revisões produzidas tenham um carácter mais ou menos parcial, não se segue que as revisões eventualmente resultantes daquilo que ainda está deixado de fora pelo acesso que de cada vez se tem também só possam ser parciais e abalar a orientação de não-indiferença apenas a respeito de aspectos mais ou menos derivados, de especificação. Os alargamentos que ditaram essas alterações na experiência passada correspondem só a uma ínfima parte dos alargamentos que a incompletude do campo de acesso de cada vez ainda deixa subsistir como possíveis. E nada impede que de facto a margem de alteração eventualmente resultante de outros alargamentos possa ser muito maior do que essa e que aquilo que de cada vez ainda está por descobrir seja de molde a perturbar completamente a orientação que se tem assumida e a provocar a seu respeito uma total revolução. [67]

Em todos os seus aspectos deste modo, a tese de relegação de importância que domina o nosso ponto de vista em relação aos horizontes externos "procede" como se estivéssemos <u>inteirados</u>--quando de facto é isso justamente que não estamos. A tese está profundamente enraizada, sim, mas não porque tenha fundamento e resulte de outra coisa que não uma falta de acuidade no discernimento do que efectivamente constitui o "saber"que se arroga. Esse seu enraizamento resulta justamente de uma não consideração e não focagem, de ela valer e afectar o nosso ponto de vista sem que se chegue a olhar bem para ela e a verificar que é que a legitima, a que é que de facto corresponde.

fortes contrastes de anisotropia é "homogéneo", destituído de contrastes que chamem a atenção ou de que minimamente nos apercebamos.

Ou seja, se a apresentação que se tem nunca se reduz ao núcleo de incidência ostensiva (e se, desse modo, vemos sempre mais do que ele), a esfera de apresentação que rodeia esse núcleo está marcada por uma pronunciada ambliopia--por uma ambliopia que não se percebe como tal, mas que nem por isso o é menos e torna o ver que afecta menos diminuído.

A "clareira" de determinação mais precisa, de mais aguda capacidade de acompanhar e de mais elevada exigência de determinação--que é a do núcleo de incidência de cada vez constituído--está rodeada por um "anel de falta de acuidade, por um campo de apresentação menos lúcida, como que "toldada", formando uma região de "sombra" quanto ao grau de determinação, à exigência dela e à capacidade de discernimento. Fora do núcleo de incidência dá-se como que um "espessamento" do "meio", um "obscurecimento", uma "perda de transparência". Há apresentação mas marcada por isso, conformada às condições desse meio. De forma que o núcleo está sempre rodeado por esse "anel" de ambliopia", em que toda a apresentação está marcada por uma perda de acuidade. E o que vemos além do ostensivamente apresentado vêmo-lo nessas condições e sob o seu efeito.

E isto de tal modo que esse "anel" de ambliopia não actua só enquanto a apresentação da periferia se mantém exclusivamente horizontal (na situação desprevenida de total absorção na esfera de incidência, onde não ocorre qualquer tematização dos horizontes exteriores). Actua também quando se produzem tematizações--e até mesmo quando essas tematizações se realizam com cuidado e fazem tudo para ser rigorosas. De tal modo que, sem se darem conta disso, também o que a elas se apresenta está afectado por uma drástica perda no grau de definição, também elas estão consideravelmente diminuídas no grau de discernimento com que acolhem esse apresentado e do-

A relegação assenta numa tese que escamoteia como que "por decreto" o ignoto daquilo a que respeita--o desconhecido que isso de facto constitui. Focado este, a relegação perde a sua base, mostra esse seu carácter de decreto--e evidencia-se que na situação em que se está os horizontes externos podem de facto ter importância. A tese de relegação não muda em nada a cegueira em que estamos relativamente à importância ou não importância do que não acompanhamos. Não produz nenhum ver que efectivamente a ultrapasse--é apenas uma cegueira que pretende não o ser (cega, além do mais, para si própria) e que constitui uma evidência puramente aparente, sem outra consistência que não um "como se".

2.1.1.2.5 Balanço. A articulação dos diferentes fenómenos examinados e a estrutura de organização de perspectiva em que se inserem. O OBSCURECIMENTO da apresentação para lá do campo de incidência--a ambliopia, a falta de acuidade e a progressiva dissolução do grau de definição do apresentado tanto na apresentação horizontal quanto na apresentação temática dos horizontes externos. A dissolução da acuidade e do grau de definição do apresentado e a sua diferença relativamente a uma total ausência de apresentação e de determinação. A implantação do esbatimento dos limites, das representações inautênticas de totalidade, da tese de homogeneidade e da tese de relegação de importância como factores de determinação e conformação de perspectiva no meio AMBLIOPE da apresentação dos horizontes exteriores--a ambliopia como "habitat" natural e factor de preservação destes fenómenos. A colaboração e assistência mútua entre eles. A organização de sectores no campo de apresentação (núcleo e campo de incidência/campo de familiaridade/horizontes exteriores) e o sistema de anisotropias concordantes que esbatem a diferença entre eles e nivelam todo o campo num mesmo "registo" de domínio. O resultado do sistema de condicionamento analisado--a apresentação que se tem, mesmo quando se consideram os horizontes externos, como uma apresentação não só de algum modo DE TUDO, mas que de facto pretende já saber O FUNDAMENTAL DE TUDO.

Com a tese de relegação de importância completou-se o exame do conjunto de factores que fazem que o reconhecimento da incompletude, mesmo quando se produz com expressa consideração dos horizontes

exteriores e quando, por isso, já parece advertido da extraordinária dimensão daquilo que falta e consciente de uma incompletude muito mais do que meramente lacunar, de facto se mantenha muito longe de qualquer efectivo abandono da forma natural da finitude e totalmente dominado por ela.

Considerado assim, um por um, cada um destes factores e feito o exame da forma como interfere na apresentação habitual dos horizontes exteriores ao campo de familiaridade, importa agora focar melhor a articulação que todos eles têm entre si--o modo como coexistem e colaboram na constituição de um tipo de perspectiva completamente integrado no regime da forma natural da finitude. Embora se tenham visto já alguns aspectos do seu relacionamento, não ficou focada com suficiente nitidez a "rede" que formam, a "lente" de escondimento da incompletude que conjuntamente constituem e que naturalmente se interpõe em toda a perspectiva que se tem dos horizontes exteriores.

Observou-se inicialmente que a apresentação que se tem está constituída de forma muito particular, de tal modo que comporta sempre um núcleo ostensivo, mas nunca se esgota nele, antes compreende uma componente de co-apresentação inexplícita da realidade que o envolve. Observou-se que esta co-apresentação tem sempre uma amplitude vasta e é de facto uma apresentação aberta, cuja cadeia de remissões se prolonga indefinidamente, sem ter termo. E observou-se que, por pouco que dê conta disso, a apresentação em que nos achamos inclui sempre toda esta extraordinária amplitude de "visão periférica". Ocorrem frequentes mudanças de incidência, o conteúdo da apresentação vai sendo sucessivamente outro e outro, alteram-se estas e aquelas propriedades da apresentação--mas a inclusão deste peculiar fenómeno é uma constante. Assim como há sempre um núcleo de incidência e as diversas alterações da apresentação mantêm esta estrutura, de tal modo que constitui como que um "cursor" (cujo conteúdo muda sem que se alterem as suas características), assim tam-

bém é precisamente uma característica constante desse "cursor" a sua inserção no quadro de uma "visão periférica", que assim constitui uma estrutura inerente à apresentação que temos, passível de transformações de conteúdo mas não de ser eliminada. Observou-se, finalmente, que, embora não possamos desprender-nos desta forma de organização que reduz o núcleo de incidência a um âmbito muito estreito, podemos em todo o caso volver o olhar para a periferia da apresentação, passar a considerá-la, fazer que deixe de ter uma presença meramente implícita e se torne objecto de consideração expressa. E, tanto de uma forma como da outra, a periferia é algo de que se tem notícia, não inteiramente ausente e apagado--e de que se tem uma notícia não só minimamente determinada, mas envolvendo mesmo bastantes determinações.

Mas, se logo à partida ficou desenhada esta peculiar forma de presença da periferia, o que a pouco e pouco se veio a tornar manifesto é que o acesso que assim se tem à periferia não difere do acesso que se tem no núcleo de incidência apenas pelo seu carácter inaparente, pela circunstância de ser inexplícito ou, mesmo quando explícito, não ostensivo--como se, embora presente de outra maneira, o que comporta de definido tivesse o mesmo grau de definição que os apresentados do núcleo ou o que houvesse de diferente a tal respeito passasse apenas pela diferença entre o explícito e o inexplícito e se dissipasse com a constituição de incidências temáticas.

Não. A diferença é maior e de uma outra ordem. Como a pouco e pouco se veio a documentar, há uma anisotropia <u>de acuidade</u> na apresentação. E um dos contrastes mais vincados desta anisotropia de acuidade passa justamente na "fronteira" entre o núcleo de incidência e a periferia da apresentação. Ou seja, a anisotropia de acuidade tem uma organização tal que o máximo de acuidade e determinação coincide com o núcleo de incidência e há grosso modo um eleva-

do nível de acuidade e determinação em todo o núcleo de incidência de cada vez constituído--mas essa acuidade e o nível de determinação diminuem consideravelmente na continuação da apresentação para lá dele. E isto de tal modo que, se é já grande a diferença na passagem do núcleo de incidência para o campo de familiaridade, essa diferença torna-se ainda mais acentuada na transição do campo de familiaridade para os horizontes exteriores a ele.

À medida que se afasta do seu "centro" (do centro que de cada vez é constituído pelo núcleo de incidência ostensiva) o nível de determinação (o grau de definição do apresentado) que a apresentação é capaz de proporcionar diminui drasticamente--o apresentado perde nitidez, torna-se difuso, indistinto, "esfumado", deixa de ter traços bem marcados, perde-se num "não-se-ver-bem" e torna-se mesmo tão esbatido e tão lasso que raia a total dissipação de qualquer apresentado efectivamente constituído como tal e é difícil de encontrar em que é que difere da total ausência de algo dessa ordem.

Por outro lado, como também a pouco e pouco se foi manifestando, embora seja assim e do centro para a periferia se dê este drástico empobrecimento e perda de definição, habitualmente não nos apercebemos deste estado-de-coisas. Vendo nós sempre de algum modo o centro--o núcleo de incidência ostensiva--e a periferia, não vemos o campo de apresentação marcado por este empobrecimento, tendo estes contrastes minimamente marcados. E, como se procurou mostrar, isto é assim justamente porque esta perda de definição é acompanhada por uma perda da acuidade no discernimento, no acompanhamento do que se tem apresentado e por um "abaixamento" do nível de exigência (da exigência de determinação) a cuja luz é visto aquilo que se apresenta). De tal modo que a diferença do grau de definição equivale à diferença da capacidade de discernimento e do nível de exigência, o segundo aspecto de anisotropia equilibra o primeiro, compensa-o--e o resultado aparente das apresentações marcadas por tão

minadas por uma exigência de determinação muito inferior àquela que se tem no núcleo de incidência. E de tal modo que, embora a tematização produza apresentações da periferia diferentes das apresentações puramente horizontais dela, essa diferença não altera significativamente as formas de anisotropia que aqui estão em causa e, no sentido referido, as perspectivas de consideração temática não tendem a ser menos ambliopes (e menos ambliopes em relação à sua ambliopia) do que as apresentações puramente horizontais.

Assim, não é apenas uma parte da apresentação exterior ao núcleo de incidência que cai nesse "anel" de falta de acuidade que o rodeia. Toda a apresentação desse tipo--tudo o que temos para lá desse núcleo, por mais temático que seja--cai nessa região de lucidez diminuída e tende a manter-se preso dela. De sorte que, mesmo estando focada nos horizontes a que se refere, expressamente referida a eles e produzindo a impressão de considerar já aquilo que lhes corresponde (por tal forma que pareceria ter de dar pela eventual falta de definição do seu apresentado), de facto não tem apresentados nítidos, claramente definidos, é muito frouxa no acompanhamento (no discernir) daquilo que efectivamente tem consigo e tanto assim (e tão pouco exigente quanto ao seu grau de determinação), que nem sequer se dá conta dessa falta de definição, do carácter difuso e lasso. Numa palavra, também quando estamos tematicamente dirigidos ao exterior do núcleo de incidência o nosso ver é um ver "enfraquecido", "toldado", afectado por uma dissipação da sua consistência--em que a nossa relação com aquilo que se tem apresentado é de certo modo muito mais a de não ver do que a de ver.

Em qualquer dos casos (seja na visão periférica que sempre acompanha e enquadra o núcleo de incidência ostensiva, seja nas apresentações temáticas que ocasionalmente ocorrem), aquilo a que leva o nosso ver para lá do ostensivamente apresentado é essa "região" de falta de acuidade e é um acesso ambliope desse tipo, que não se percebe como tal.

Porém, sendo assim, e caracterizando-se a apresentação da periferia por essa progressiva perda de acuidade que faz dela um "ver em dissipação" (que se perde na sua própria desfocagem e mais não vê do que vê o seu apresentado), toda esta ambliopia está, ainda assim, muito longe de corresponder a uma total ausência de apresentação ou a uma nula fixação de determinação.

A desfocagem que a afecta tem as características que se apontaram, sim. Mas o que produz é uma apresentação-em-esvaimento, muito "frouxa"--não uma apresentação vazia, nula, absolutamente "igual a zero".

E, de facto, a esfera de perda de acuidade que assim rodeia a clareira da apresentação mais nítida, ainda que se caracterize por essa tão pronunciada ambliopia, encerra justamente ainda determinação. E não só encerra determinação, mas a determinação que encerra corresponde mesmo a uma "carga" bastante complexa, envolvendo um grande número de fixações. Ou seja, a dissipação da acuidade fora da esfera de incidência ostensiva não equivale a uma perspectiva completamente aberta sobre o que há fora dessa esfera (uma perspectiva disponível para todas as possibilidades de determinação, neutra em relação a todas elas). Não. Essa dissipação da acuidade é justamente portadora de um conjunto de fixações do que aparece para lá do núcleo de incidência, fixações que decidem por determinadas conformações disso, lhe conferem um determinado aspecto, fazendo que aquilo com que se está ao dispor de uma notícia desse exterior do núcleo de incidência tenha certas características (muito diferentes de outras que poderia ter). E não só a dissolução da acuidade (a natureza frouxa, desfocada, da perspectiva que se tem) é portadora dessas conformações, mas é justamente ela que lhes confere "solidez" e faz que estejam perfeitamente assentes e que a sua fixação seja peremptória e firme.

Assim, além da própria remissão horizontal (com todo o muito vas

to complexo de determinações que se procurou mostrar que implica), a dissolução da acuidade na perspectiva que se tem do exterior da esfera de incidência ostensiva encerra em si a peculiar conformação que corresponde a estar-se rodeado por um campo de familiaridade que se declara "sob controlo"--onde nos sentimos à-vontade, "senhores da situação". A dissolução da acuidade encerra também em si um sistemático esbatimento dos limites da apresentação. E, por força desse esbatimento dos limites, encerra em si a peculiar conformação em virtude da qual a esfera de incidência não surge "recortada", não tem "desenho", sofre uma inexplícita dilatação. De tal modo que, faltando a marcação da diferença entre ela e o campo de familiaridade, se produz a fusão de ambos. O mesmo esbatimento dos limites gera ainda o "arredondamento" do campo de familiaridade, fazendo que tenha um aspecto compacto, e produz também um indefinido adiamento das suas fronteiras, em virtude do qual não acaba em nenhum termo definido, não tem fim (e, mesmo que se saiba que há um exterior dele, esse exterior não tem pontos concretos de inserção, não começa definidamente em parte alguma). De tal modo que o acesso em que se está surge sempre perfeitamente "desafogado" e até mesmo com um ângulo de abertura indefinidamente aberto. Mas mais. De facto a dissolução da acuidade na perspectiva que se tem do exterior da esfera de incidência encerra ainda em si a peculiar conformação que corresponde ao domínio de representações inautênticas de totalidade, que fazem parecer que se tem uma perspectiva adequada das grandes dimensões, prendem em apresentações de quantidade de facto muito difusas e constituem um horizonte fixo de apresentação das grandes dimensões (um "tecto" da apresentação de ordens de grandeza, também ele difuso e desfocado) onde a remissão horizontal se perde, fica retida,"encalhada" e "a marcar passo". A dissolução da acuidade encerra em si o domínio da tese de homogeneidade a respeito dos horizontes exteriores, com todo o complexo de determinações que de cada vez envolve e a indefinida dilatação da sua esfera de domínio,

a decidida exclusão de excepções, que fazem dela, como se viu, uma tese "totalizadora", de antecipação "total". E a dissolução da acuidade encerra também em si a tese de relegação da importância dos horizontes exteriores, preenchendo também a seu modo estes horizontes--constituindo uma forma (de resto também englobante, "totalizadora") de os saber e de os ter dominados.

A dissolução de acuidade na perspectiva que se tem sobre o exterior do núcleo de incidência encerra em si <u>ao mesmo tempo</u> todos estes factores de conformação de perspectiva, de tal modo que a perspectiva que se tem está simultaneamente conformada por <u>todos eles</u>. Viu-se inicialmente como o carácter inaparente das apresentações inexplícitas não impede que comportem uma multiplicidade de determinações--e mesmo uma multiplicidade bastante complexa. Vê-se agora, por um lado, a que ponto a complexidade deste tipo de apresentações sempre presentes no nosso ponto de vista não se esgota na complexidade das próprias indicações de continuação--a que ponto de facto não se têm nunca meras indicações de continuação, completamente despidas de qualquer outra determinação para além delas, a que ponto há uma muito densa multiplicidade de conformações que determinam o modo como nos vemos no meio dessa continuação, o aspecto que ela tem, o que a ocupa (fazendo que, mesmo que não tenhamos consciência disso, nos apareçam como campos de realidade sabida,dominada). Mas, por outro lado, vê-se também que a própria circunstância de haver uma dissolução da acuidade, seja em apresentações horizontais, seja em apresentações temáticas--essa circunstância que, em maior e menor grau, marca toda a apresentação do exterior do núcleo de incidência--também não é impeditiva de haver uma multiplicidade de determinações e mesmo uma multiplicidade muito complexa. A dissolução de acuidade envolve sem dúvida, como se acentuou, uma perda do grau de definição do apresentado, uma dissipação da determinação com que se apresenta. Mas não uma dissipação total--que a-

nularia o apresentado para lá do núcleo de incidência e, com ele, também toda a perspectiva além da que nos dá esse núcleo. E o que acontece é que todas estas determinações que perpassam a dissipação da acuidade na perspectiva sobre o exterior do núcleo de incidência (e que, por assim dizer, "vingam" nela) são justamente determinações de falta de acuidade, constituídas nela, por ela, que têm nela o seu "meio". Não se trata de determinações agudas, claramente definidas, que de algum modo conseguissem subsistir na falta de acuidade, entrar na respectiva esfera e exercer nela o seu efeito. Não. Todas as conformações que perpassam a nossa perspectiva ambliope, desfocada, do exterior do núcleo de incidência (todas as determinações que--desde o esbatimento dos limites até à relegação da importância dos horizontes exteriores--essa perspectiva ambliope encerra em si) são justamente determinações "ambliopes", produzidas e sustentadas pela falta de focagem, que a têm implicada no seu próprio teor.

E, desta forma, o nosso ponto de vista, tendo sempre notícia do exterior do núcleo de incidência (e tendo nela uma referência fundamental a que sempre se reporta), vê esse exterior como que por uma "lente"de ambliopia, que tem sempre aposta, e que o faz ver mal esse exterior e que ao mesmo tempo o faz ver de determinada forma. O "ver-mal", com desfocagem e perda de definição, não é uniforme (não tem um só modo de se produzir). E o ver mal que afecta a nossa perspectiva sobre o exterior do núcleo de incidência está "decidido" por todos estes factores que se descreveram--a "lente" de ambliopia que se tem aposta está marcada por esses diferentes aspectos de refracção produtora de desfocagem a que corresponde uma determinada imagem desfocada desse exterior. Não há nada de necessário nesta peculiar forma de perspectiva--poder-se-ia ver bem, sem desfocagem, o exterior do núcleo de incidência, poder-se-ia ver mal mas de outro modo (por exemplo, percebendo-se a desfocagem como tal, ou sem algum ou alguns destes fenómenos). Mas de facto é

assim que se vê, são estes os princípios de refracção que operam na "lente" dessa ambliopia--é esta peculiar sobreposição de factores, resultando numa apresentação simultaneamente marcada por esbatimento dos limites (e pelos seus diversos efeitos), por representações inautênticas de totalidade, por um princípio de homogeneidade,etc., que domina, "molda", o nosso ponto de vista.

Os diversos factores de conformação de perspectiva que assim condicionam a apresentação do exterior do núcleo de incidência estão sobrepostos de tal modo e cada um deles tem um tal grau de complexidade na interferência que produz que há a possibilidade de ocorrerem múltiplas "suspensões", múltiplas "correcções" do seu efeito refractor sem que no fundamental deixe de estar aposta a lente dessa ambliopia e o núcleo de incidência deixe de estar rodeado por esse anel de falta de acuidade em que o reconhecimento da incompletude é posto a concordar com a forma natural da finitude. Por um lado, como já se apontou mas ainda mais claramente se mostrará na continuação, quer o esbatimento dos limites, quer a representação inautêntica de totalidade, quer a tese de homogeneidade comportam uma multiplicidade de momentos e de efeitos--de tal modo que a detecção da presença destes fenómenos e a inibição destes e daqueles entre os seus momentos ou efeitos não arrasta a inibição de todos os outros (tende antes a deixá-los subsistir inteiramente intactos). Ou seja, a suspensão de cada um dos diferentes factores de "refracção" na "lente de ambliopia" tende a ser somente parcial--e mesmo a não afectar o fundamental das funções que exerce e da conformação que põe no que aparece. Por outro lado, mesmo admitindo que a suspensão de cada um destes factores chegue a ser total e a anular inteiramente os seus efeitos, a perda de algum ou de alguns deles deixa ainda de pé os outros--que bastam para produzir uma impressão de "desafogo"e de domínio sobre o exterior e para manter a nossa perspectiva afastada de se perceber numa situação de cerco pela

incompletude.[68]

E, assim, normalmente reina todo este sistema de condicionamento, numa intervenção "compacta", sem nenhuma "folga". Quer enquanto não há tematização dos horizontes exteriores quer quando a tematização já se produz, estes diversos "modos de ver" actuam conjuntamente sobre a nossa perspectiva, num domínio pleno, que a total ausência de qualquer apercepção deles só torna ainda mais férreo e completo. Mas, quando se chega a obter alguma"folga"no domínio deste sistema de condicionamento, essa "folga" tende a ser apenas parcelar, a alterar apenas alguns dos aspectos do sistema e a manter globalmente o seu efeito redutor sobre o reconhecimento da incompletude.

A própria ambliopia que afecta a apresentação do exterior do núcleo de incidência joga a favor da manutenção de todo o estado-de--coisas. Pois o sistema de condicionamento (a peculiar conformação de "óptica") de que aqui se trata tem nela o seu "meio", está naturalmente posto a vigorar nesse "ver mal" que de raiz é o nosso no que diz respeito ao exterior do núcleo de incidência. Ao passo que a suspensão mesmo só de uma mínima parcela desse sistema (qualquer folga, qualquer afastamento do seu domínio pleno) envolve um esforço de discernimento, um conseguir ver claro onde naturalmente não se vê claro--um vencer da ambliopia. De tal modo que o embarque no sistema de condicionamento e o desembarque do que quer que seja dele não constituem alternativas equipolentes, com o mesmo peso, mas alternativas naturalmente desequilibradas (primeiro porque a própria possibilidade de desembarque naturalmente nem sequer está desenhada, o condicionamento não se acha reconhecido como tal e não se tem ideia de que possa haver alguma alternativa; depois porque, mesmo uma vez detectado o condicionamento, a persistência nele é muito mais fácil do que o contrário--não é preciso fazer nada para continuar "cegamente" sob o seu efeito, requer grande diligência chegar a vê-lo e ir contra ele).

A mesma circunstância faz também que, estando todos estes diversos factores de condicionamento (esbatimento dos limites, representação inautêntica de totalidade, princípio de homogeneidade, etc.) presentes "de um só golpe", numa presença contínua e na "simplicidade" (na "paz", na ausência de esforço) de cada momento da apresentação que se tem, seja tão penosa e demorada a detecção deles. Com efeito, os dois modos de estar com esses diferentes factores (o ver segundo eles e o dar por eles) são completamente diferentes. A identificação deles implica justamente pelo menos algum desfazer da inacuidade--conseguir surpreendê-la, sim, mas de um modo que justamente já a ultrapassa e que não é possível enquanto ela se mantém "em bruto". A identificação deles faz-se num outro plano já diferente do da ambliopia natural e onde se introduzem aspectos que lhe são estranhos (conferindo a tudo um carácter destacado, uma nitidez e uma articulação que de facto não tem no seu funcionamento normal). A detecção dá presença distinta àquilo que se caracteriza por estar privado dela e por ter na sua ausência o "habitat" onde naturalmente se produz. A detecção desdobra aquilo que não é desdobrado e faz aparecer uma multiplicidade de "instâncias", todo um sistema de diferentes "conteúdos", de diferentes momentos de perspectiva, onde naturalmente não figura nada disso e onde sempre de novo é difícil--enfrenta resistência e implica esforço--ver claro e reconhecer a sua presença.

Mas, de facto, nessa aparente "simplicidade" e nessa ausência onde naturalmente não se vê nada disto--onde não figura nenhuma referência directamente reconhecível ao campo de familiaridade, nenhum sinal de esbatimento dos limites, nenhum arredondamento e dilatação do campo de familiaridade, nenhuma representação inautêntica de totalidade, nenhum princípio de homogeneidade, etc.--está presente e está "em operação" tudo isto. De tal modo que o facto de não aparecer de forma que o torne reconhecível (o total "apagamento" a que

naturalmente está sujeito) não prejudica, antes favorece a sua intervenção e o pleno funcionamento dos "óculos" que todos estes diferentes factores de conformação de perspectiva põem na apresentação que temos do exterior do núcleo de incidência.

E que assim é--que a perspectiva que se tem está cunhada por esses factores de conformação, puxada a um modo de ver que lhes corresponde--isso documenta-se no próprio contraste que se produz quando se introduzem perspectivas alternativas a cada um desses aspectos. Se não se tem um campo de familiaridade rodeando o núcleo de incidência, a apresentação fica perturbada com a sua ausência e percebe-se privada de um factor de orientação que habitualmente, por pouco que se dê conta disso, está ao seu dispor e constitui um esteio da orientação que tem. Se se produz uma marcação dos limites da apresentação, isso resulta numa significativa modificação em relação ao que havia antes dela. E essa modificação surge precisamente com o carácter de uma "contracção" de qualquer coisa que parecia mais"larga", tornando "filiforme", "recortado" o que o contraste mostra que era compacto, etc.. Se se focam as grandes dimensões dos horizontes exteriores e se se chega a uma capacitação da extraordinária amplitude daquilo a que correspondem (e de como essa amplitude rompe completamente a nossa capacidade de acompanhar e é qualquer coisa de que de facto nem de longe conseguimos ter ideia), então essa noção de ultrapassagem revela-se completamente nova em relação a toda a perspectiva anterior e faz ver, por contraste, como, mesmo comportando já uma referência a grandes dimensões, essa perspectiva tinha em vista ordens de grandeza muito mais pequenas do que aquelas que assim se desenham e estava completamente inadvertida (num estado de "inocência") em relação a estas. Se se consegue abrir efectivamente a possibilidade de os horizontes exteriores serem heterogéneos em relação ao campo de familiaridade (mesmo só a respeito destes e daqueles aspectos de determinação), o em-aberto que com isso se rasga, a relativa incógnita em que esses ho-

rizontes assim se convertem, aparecem como qualquer coisa de inteiteiramente inusitado--pondo campos de escondimento onde não havia nada dessa ordem. E cada aspecto de heterogeneidade que passa a ser efectivamente admitido mostra por contraste como, antes de se dar a sua admissão (e de se rasgar o espaço de escondimento e falta de domínio que lhe corresponde) não havia nem sombra de falta de domínio desse género--havia um domínio e um domínio proporcionado precisamente por uma presunção de homogeneidade. Se se admite efectivamente a possibilidade de no desconhecido dos horizontes exteriores haver o que quer que seja de efectivamente importante (de uma importância que pode mesmo ser decisiva), então isso aparece justamente como algo de inteiramente novo, abrindo uma tal possibilidade onde de forma nenhuma estava aberta, perturbando um sistema de avaliação de importância que antes estava marcado por uma orientação completamente diferente e de facto contrária a tal possibilidade.

Ou seja, o cerco por campos de escondimento muito próximos, o aparecimento do campo de acesso efectivamente constituído como um enclave desenhado, caprichosamente recortado, que acaba já bem perto, etc. que a marcação dos limites faz emergir--e o absolutamente novo, a extraordinária modificação que tudo isso representa--acusam, por contraste, como antes dessa marcação de limites e do esforço de focagem que a produz o que há é justamente um <u>não-cerco</u> por campos de escondimento, <u>desafogo</u> do campo de acesso, ausência de qualquer desenho dele, um viver dele como compacto e prolongado, etc. A total "perda de pé" nas dimensões dos horizontes exteriores que resulta da focagem das ordens de grandeza que lhes estão atribuídas, a capacitação que então se produz de que se trata de qualquer coisa absolutamente desmedida, para que não se tem ponto de vista, em relação à qual se é cego (de tal modo que a incompletude não diz respeito apenas àquilo que ocupa esses horizontes, mas à

própria ordem de grandeza)--tudo isto e o que isto traz de absolutamente novo, quando se declara, acusam, por contraste, como antes de se produzir uma tal focagem da própria indicação das dimensões reina inexplicitamente uma tese de adequação relativamente à ideia que se faz das dimensões, todo o peso da incompletude reconhecida está "canalizado" para o conteúdo dos horizontes em causa, as ordens de grandeza de que se tem notícia carecem de qualquer carácter efectivamente desmedido e são na verdade muito mais modestas e inofensivas do que aquelas que se rasgam uma vez produzida a focagem.

E assim também nos demais casos. Aquilo a que a realização de focagem conduz faz contraste com a perspectiva que se tem antes de ela ocorrer. E não apenas faz contraste, mas faz um determinado tipo de contraste que acusa o seu primeiro termo (a situação anterior à focagem) como não sendo neutra relativamente aos aspectos que a focagem toca--como tendo de facto, apesar do seu aparente silêncio a tal respeito, uma determinação tal e tal.

*

Alojados deste modo na "atmosfera" de falta de acuidade que é a de toda a apresentação que temos para lá do núcleo de incidência, coexistindo nela de tal modo que estão simultaneamente em funções e moldam conjuntamente a nossa perspectiva sobre a continuação da realidade fora desse núcleo, os diversos factores analisados não estão meramente sobrepostos, em pura adição dos seus efeitos, como se cada um tivesse a sua esfera própria de actuação e não houvesse entrosamento entre eles. O isolamento a que se teve de proceder para os conseguir identificar pode sugerir uma separação dessa ordem. Mas, de facto, embora sejam irredutíveis uns aos outros e autóno-

mos (não havendo nenhuma implicação pela qual resultem uns dos outros), assistem-se reciprocamente na produção dos seus efeitos e estão como que coligados num reforço mútuo.

Assim, vendo bem, a existência de um campo de familiaridade com as características descritas e a verificação do fenómeno do esbatimento dos limites estão associadas de tal modo que se ajudam e reforçam reciprocamente o seu efeito. Por um lado a circunstância de haver um campo de familiaridade (fazendo que o que está imediatamente para lá do campo de incidência não seja uma total incógnita) propicia o esbatimento dos limites da apresentação e faz que, mesmo marcando-se os limites do campo de incidência, eles não apareçam como limites entre um campo de acesso e um campo de escondimento. A anisotropia de acuidade entre o campo de incidência e o campo de familiaridade faz que não apareça qualquer "quebra" no nível de determinação e ajuda a produzir a impressão de continuidade da apresentação e o desaparecimento de fronteiras. Mas, por outro lado, o próprio campo de familaridade cuja presença assim assiste o esbatimento dos limites da apresentação ostensiva está ele próprio sujeito a um esbatimento dos limites. E de tal modo que, não fosse o esbatimento dos limites a que está sujeito e a dilatação, o arredondamento que provoca, o campo de familiaridade não teria o carácter compacto de que aparentemente se reveste nem pareceria rodear a esfera de apresentação ostensiva em todas as direcções e ter uma amplitude larga, desafogada, como parece. É porque reina esbatimento dos limites na constituição da sua presença (e mais especificamente é porque está dominado pelas duas formas de esbatimento dos limites que se estudaram) que o campo de familiaridade tem esse aspecto e pode assim tão eficazmente apoiar o esbatimento dos limites do campo de incidência.

Por outro lado, o facto de o exterior do campo de familiaridade estar preenchido por efeito do "princípio de Arlequim" ajuda e reforça o esbatimento dos limites do campo de familiaridade e faz

que, mesmo chegando-se a uma efectiva marcação destes, de facto não apareçam como fronteiras entre apresentação e não-apresentação, entre o conhecido e o incógnito. Mas, por outro lado, se em relação à esfera de influência do princípio de homogeneidade o esbatimento dos limites não desempenha essa função de dilatação que tem para o campo de familiaridade--a projecção de homogeneidade estende-se indefinidamente sem qualquer peia, acompanhando a própria indicação dos horizontes, não carecendo por isso de nada que a dilate--a verdade é que também em relação a ela funciona e tem um papel decisivo a outra forma de esbatimento dos limites que já interfere na conformação do campo de familiaridade : a que consiste na não marcação de fronteiras entre a margem de determinação já fixada e aquela que se mantém ainda em aberto (na confusão que faz que justamente não se desenhem as esferas do que falta apurar e que os campos de escondimento que lhes correspondem não cheguem a ter contornos concretos). Deste modo peculiar o esbatimento dos limites é também responsável pelo carácter compacto com que a esfera de homogeneidade se apresenta e pela ausência de qualquer mancha de escondimento detectado com dimensões mais do que lacunares.

Por sua vez, a tese de homogeneidade, se se constitui a partir da experiência do campo de familiaridade e se tem como principal efeito de contenção da incompletude aquele que resulta da sua projecção sobre o exterior desse campo, não está reduzida a essa esfera de aplicação. Vendo bem, o próprio campo de familiaridade, tal como habitualmente o temos constituído e tal como desempenha funções em todo este complexo de contenção da incompletude, assenta também ele em projecções de homogeneidade que fazem valer que o que é <u>agora</u> (e o que continuará a ser) nos campos de realidade a que anteriormente tive acesso corresponde no fundamental à continuação das constantes registadas nesse acesso pretérito. De sorte que, a despeito do passo adicional que representa a extensão aos

horizontes exteriores, há uma continuidade entre a projecção de homogeneidade que é constitutiva do próprio campo de familiaridade (e sem a qual este se reduziria à realidade do passado e não teria qualquer efeito de domínio sobre o presente) e a projecção que faz parecerem dominados os horizontes exteriores.

Se, entretanto, se considerar a representação inautêntica de totalidade, verifica-se que de facto não entra em funções somente no que diz respeito ao exterior do campo de familiaridade. Embora seja em relação a ele que desempenha o fundamental do seu efeito "amortecedor" e de contenção do reconhecimento da incompletude, como mais claramente será posto em relevo, o tipo de apresentação colectiva que lhe corresponde e o modo como essa representação colectiva difere de um efectivo acompanhamento dos diferentes elementos do colectivo em causa já interfere na própria fixação do campo de familiaridade. A extensão deste já está seguida no modo difuso que é próprio da representação inautêntica de totalidade. Como, por outro lado, têm o carácter de representações inautênticas de totalidade os horizontes exteriores a que se aplicam os princípios de homogeneidade e de relegação de importância.

Finalmente, como se assinalou, conquanto a tese de relegação de importância não dependa do princípio de homogeneidade e possa muito bem subsistir na sua ausência, o facto de vigorar uma tese de homogeneidade sobre os horizontes exteriores ao campo de familiaridade reforça a tese de relegação de inmportância (quanto maior é a semelhança entre o que falta descobrir e o que já se tem, tanto maior é a evidência da sua total indiferença e irrelevância). Mas, por outra parte, se os focos de em-aberto que a tese de homogeneidade deixa subsistir são subalternizados em virtude da própria tese de homogeneidade e do modo como esta reduz o respectivo estatuto ao de meras variantes do núcleo de determinações constantes já sabido, a tese de relegação de importância reforça essa subalternização e apoia desta forma a impressão de se ter domínio desses fo-

cos (de tal modo que sobre eles convergem os efeitos redutores acumulados da própria tese de homogeneidade, da segunda forma de esbatimento dos limites e do princípio de relegação de importância). Aliás, a tese de relegação de importância não se limita a apoiar assim a tese de homogeneidade nem tem aplicação só no exterior do campo de familiaridade. Por um lado, intervém já no próprio interior dele (não apenas fazendo que muitas das suas partes também estejam permanentemente sob efeito de relegação, mas fazendo que de cada vez--consoante aquilo que de cada vez está em causa--grande parte dele esteja de algum modo relegada a favor daquilo que de cada vez tem candência). Por outro lado, o facto de essa relegação e a fixação de importância a que está associada tenderem a retirar "peso"--pelo menos momentaneamente--àquilo que não está no campo de incidência e o facto de isso se reflectir também numa diminuição da força de presença (globalmente mais forte para o exterior do campo de familiaridade, mas fazendo sentir já o seu efeito dentro dele) propicia e ajuda o esbatimento dos limites quer na transição do campo de incidência para o campo de familaridade quer na transição deste para o seu exterior. Pois, como se observou, a marcação de limites depende da própria "força" da presença daquilo que separam e, se um dos lados (como a relegação faz que suceda) tem uma presença fraca, isso atenua e enfraquece a própria vivacidade do limite.

Os diferentes factores de determinação que marcam a nossa perspectiva sobre o exterior do núcleo de incidência estão assim estreitamente "entrelaçados" e envolvidos uns nos outros, constituindo como que uma trama, solidamente implantada e firmemente entretecida, onde se corroboram e continuam uns aos outros.

Essa trama resulta, por um lado, de um conjunto de modos de ver que são dominantes no meio de falta de acuidade onde se dá a apresentação do exterior do núcleo de incidência--modos de ver que re-

correntemente interferem nessa apresentação e a prendem às determinações ("lassas", pouco definidas, mas de todo o modo diferenciadas) que lhes correspondem: esbatimento dos limites, representação inautêntica de totalidades, projecção de homogeneidade. Mas, por outro lado, essa trama resulta também de um complexo de anisotropias da apresentação (e, antes do mais, da anisotropia que corresponde à diferença entre o campo de incidência e o campo de familiaridade e entre este e os horizontes exteriores). Também esta orgazação anisótropa reina "silenciosamente" num meio de apresentação pouco aguda e sob uma forma muito peculiar. Tão peculiar que, por um lado a diferença entre estes três domínios do campo de apresentação é bastante vincada, tem constantemente efeitos, traduz-se a todo o instante em diferenças na forma como se reage, no modo como se tem, no que se exige,etc., consoante se trata do campo de incidência, do campo de familiaridade ou do seu exterior; mas, por outro lado, não é uma diferença vincada no sentido de estes três sectores aparecerem claramente demarcados e de nos vermos de cada vez com um campo de incidência, um campo de familaridade e horizontes exteriores nitidamente diferenciados e repartindo o campo de apresentação desta e daquela maneira.

O principal operador desta inaparência da anisotropia entre os três sectores é a anisotropia de acuidade--ou melhor um aspecto dela. Conforme se assinalou, a anisotropia de acuidade resulta por um lado de não ser igual o grau de definição com que se apresentam os diversos elementos do campo de apresentação, mas resulta, além disso, de não ser igual o grau de discernimento com que são "recebidos" e a exigência de determinação a cuja luz são vistos e adoptados. Ora é justamente este aspecto que decisivamente contribui para que a diferença entre os diferentes sectores do campo de apresentação tenda a ter uma presença muito discreta. A diminuição do discernimento na transição do núcleo de incidência para o seu exterior faz que precisamente não se dê pela diferença (faz que não se

dê pela perda do grau de definição, que não se dê pelo que separa o campo de familiaridade do seu exterior)--numa palavra, instaura o meio de ambliopia em que os diferentes fenómenos descritos têm con-
69
dições para se produzir e de que todos constituem "ramificações".

Mas esta é ainda uma descrição insuficiente. Pois a anisotropia de acuidade não se esgota na diferença de grau de definição entre o núcleo de apresentação ostensiva e o seu exterior. Paralelamente à diferença entre campo de familiaridade e exterior dele corre também uma anisotropia de acuidade--de tal modo que, embora o campo de familiaridade e os horizontes exteriores comunguem numa considerável diminuição de acuidade relativamente ao núcleo de incidência e se situem ambos já na esfera de ambliopia, não resulta daí que estejam equiparados na falta de acuidade, tenham igual nível de falta de determinação e igual nível de diminuição da exigência dela e de perda de capacidade de discernimento. Observou-se já a diferença no que diz respeito ao grau de definição, mas ainda não se examinou com suficiente cuidado como há também uma significativa diferença quanto à exigência de determinação.

Se, como se procurou mostrar, o princípio de homogeneidade basta para produzir um preenchimento (uma fixação de determinação) nos horizontes exteriores ao núcleo de incidência, então pareceria que, mesmo que qualquer circunstância fizesse que a apresentação ostensiva não estivesse rodeada por um campo de familiaridade, o simples funcionamento do princípio de homogeneidade bastaria para que o exterior da esfera de incidência não tivesse o carácter de uma incógnita e para que o campo de incidência só a partir disso ficasse situado num contexto dominado. E, sendo assim, pareceria que é totalmente indiferente para a apresentação estar ou não estar no meio de um campo de familiaridade--que a presença deste constitui um pormenor na forma como o exterior do núcleo de incidência se acha preenchido, um pormenor sem qualquer papel relevante na constituição de

uma perspectiva de domínio a respeito desse exterior. Porém, não é assim. Não é o mesmo estar num campo de incidência cujos arredores já estão explorados e constituídos em campo de familiaridade e estar num campo de incidência para lá de cujos limites não há outra fixação de determinação senão a que corresponde ao princípio de homogeneidade (com o carácter muito mais vago que o caracteriza). No segundo caso, sente-se um deficit de orientação, o campo de incidência não se apresenta suficientemente localizado--percebe o que o rodeia com um carácter de incógnita e é perturbado por isso. Tudo se passa como se, embora os "arredores" do campo de incidência pertençam já aos horizontes externos, os quesitos de orientação e de fixação da situação onde se está nunca se atenham só à esfera estrita do mais imediatamente perante nós, antes respeitem também à própria cercania. De tal modo que, embora não ostensivamente e não com o mesmo grau de precisão que é requerido para o próprio núcleo de incidência, está implicado nos quesitos de definição do próprio campo de incidência um quesito de definição da sua cercania e de tal modo que esse quesito reclama um grau de definição na sua "resposta" que o tipo de fixação de determinação assegurado pelo princípio de homogeneidade não está em condições de satisfazer. Por outras palavras, a constituição de um domínio da situação onde se está exige uma clarificação do terreno em que se situa o campo de incidência e para essa clarificação é demasiado vaga a fixação de determinação correspondente ao princípio de homogeneidade--é requerida uma determinação mais precisa, reina uma exigência de determinação acima do grau de determinação a que o princípio de homogeneidade corresponde. De tal modo que esse grau de determinação é suficiente para os campos de realidade mais remotos (não afectados por um índice de proximidade em relação à situação em que se está) e satisfaz inteiramente a exigência de determinação constituída a seu respeito, bastando para os converter em não incógnitas), mas não chega para os campos de realidade mais próxima sobre que impen

de o quesito de definição da cercania.

O núcleo de incidência, o campo de familiaridade e os horizontes exteriores não são apenas sectores diferentes do campo de apresentação nem têm somente diferenças quanto ao grau de definição daquilo que neles se apresenta. Estão também marcados por diferenças quanto ao grau de exigência de determinação que reina a seu respeito--e de tal modo que as diferenças quanto ao grau de exigência de determinação equivalem às diferenças quanto ao grau de definição e estas estão "sintonizadas" por aquelas.

E aqui toca-se justamente uma outra componente fundamental de todo este dispositivo. O que o constitui não é só um conjunto de diversas anisotropias (as diversas esferas de apresentação ostensiva e não ostensiva, o exterior mais imediato e o exterior mais longínquo, as diversas esferas da anisotropia de grau de definição do apresentado, as diversas esferas da anisotropia do grau de discernimento e de exigência de determinação que o apresentado enfrenta, as diversas esferas da anisotropia de importância, as diversas esferas da anisotropia de força de presença). O que o constitui é também--e é decisivamente--o facto de estes diversos aspectos de organização em anisotropia estarem justamente marcadas por correspondências--por uma estrutura global de "concordância" entre elas, que faz que grosso modo corram paralelamente.

Ou seja, estando o campo de incidência sujeito a um nível mais elevado de exigência de determinação e a uma mais aguda capacidade de discernimento, em regra não acontece que na sua apresentação figurem elementos com um grau de definição que não esteja ao seu nível. Estando o campo de familiaridade por sua vez sujeito a um determinado nível de exigência de determinação, em regra não acontece que a apresentação que se tem claudique no fornecimento de elementos suficientes para satisfazer essa exigência.Os momentos de tónica e os momentos átonos das diversas formas de anisotropia co-

incidem--não numa isomorfia perfeita, sem qualquer margem de desajustamento, mas em todo o caso por tal forma que não há conflitos de peso entre as diferentes acentuações e não-acentuações que introduzem. A apresentação está marcada por um "acerto", por uma harmonia global das diversas facetas de anisotropia--de tal modo que em regra o fortemente importante não se situa numa posição inacessível, os horizontes exteriores não têm uma grande força de presença, etc.. Ocasionalmente ocorrem casos de conflito, sim. Mas justamente só num quadro de excepção, reduzido a focos muito circunscritos, que não fazem perigar o regime geral de correspondência entre os diversos aspectos de anisotropia e a forma como esse regime mantém o nosso ponto de vista concentrado num determinado sector do campo de apresentação e tendo de tudo o mais a forma peculiar de apresentação não aguda (e o peculiar tipo de conformação de perspectiva) que se tentou pôr em evidência.

*

Visto isto, falta finalmente ainda considerar uma particularidade de todo este sistema de factores de conformação de perspectiva, cujo meio é a falta de nitidez e que se introduz com ela, moldando toda a apresentação do exterior do núcleo de incidência.

Trata-se de uma particularidade que radica neste "jogo" de concordância entre as diferentes facetas de anisotropia da apresentação e que contribui decisivamente para tornar plena a impressão de domínio (a inexplícita pretensão de saber) que o nosso ponto de vista tem mesmo acerca daquilo a respeito do qual se reconhece incompleto. Mais: trata-se de uma particularidade que contribui decisivamente para fazer que, mesmo havendo tal reconhecimento de incompletude (e produzindo-se ele com consideração dos horizontes exteriores e atendendo a aspectos concretos da incompletude que lhes corresponde), a perspectiva que temos se mantenha ainda assim com

um estatuto na verdade próximo daquele que se disse ser o seu quando não há apresentações concretas de finitude: o estatuto de qualquer coisa como um ponto de vista absoluto.

No exame dos diferentes "amortecedores" da incompletude encontraram-se diversos factores em virtude dos quais, se o reconhecimento da incompletude em relação aos horizontes exteriores parece pôr-se já a uma grande "distância" de um ponto de vista absoluto, de facto essa "distância" é bastante menor do que parece. Mas há ainda uma particularidade que resulta justamente da conjunção dos diferentes "amortecedores" e que só pode tornar-se manifesta agora, uma vez que estão identificados e já se tem uma uma visão global do seu complexo.

Para a perceber, é necessário voltar a considerar um aspecto de anisotropia que foi referido na análise do dispositivo geral de minimização e subalternização das falhas, mas que, embora esteja presente naquilo que se tem estado a examinar, não tornou a ser apreciado--a anisotropia de subordinação entre as identidades fundamentais dos complexos de determinações e as determinações que lhes estão subordinadas. Com efeito, como oportunamente se assinalou, constitui uma característica da apresentação que se tem o facto de, comportando sempre, por mais restrito que seja o apresentado, uma multiplicidade de elementos, esses diversos elementos estarem organizados em torno de núcleos fundamentais de identidade, que presidem a multiplicidades de elementos apresentados, retirando a cada um a sua identidade própria e reduzindo-os a momentos dessas identidades fundamentais. A multiplicidade dos apresentados não tem o carácter de um conjunto de unidades atómicas totalmente soltas, desgarradas, está antes sempre organizada em complexos, em unidades colectivas, de tal modo que o que primariamente aparece são essas unidades colectivas de determinações. E por outro lado na fixação dessas unidades os diferentes elementos de determinação que nelas

entram não têm o mesmo peso, não desempenham as mesmas funções--antes há para cada complexo uma identidade fundamental, uma identidade-chave, a que todas as outras determinações se subordinam e em relação à qual têm um carácter subsidiário (constituindo apenas aspectos <u>disso</u> que é definido por essa identidade fundamental).

Esta forma de organização corresponde também ela a uma forma de anisotropia com um papel muito relevante na organização da apresentação que temos. E, nesse sentido, quando um pouco atrás se recapitularam as diversas facetas de anisotropia que a pouco e pouco se foram revelando no curso desta investigação, a recapitulação ficou incompleta. No entanto, essa omissão tem a sua razão de ser, pois trata-se aqui de um tipo de anisotropia diferente dos outros então mencionados e cujas funções no sistema de condicionamento que se tenta analisar são também diferentes das deles. Com efeito, enquanto os outros aspectos de anisotropia então referidos dizem respeito a variações de propriedades consoante as grandes regiões do campo de apresentação (de tal modo que as diferenças de propriedades correspondentes a essas formas de anisotropia separam grandes regiões--e em cada região assim diferenciada domina globalmente <u>uma</u> dessas propriedades), a anisotropia aqui em causa é uma anisotropia que não tem nada que ver com diferenças entre regiões--que se faz sentir igualmente em todas, não as diferenciando entre si. A anisotropia resultante da subordinação da multiplicidade das componentes dos complexos a núcleos fundamentais de identificação que os polarizam e têm postos sob a sua égide caracteriza todo o campo de apresentação, todos os seus sectores. De tal modo que, independentemente de os apresentados se situarem no núcleo ou no campo de incidência, no campo de familiaridade ou no seu exterior, independentemente de serem importantes ou não, de estarem apresentados com maior ou menor grau de acuidade, etc., todos estão organizados em complexos deste tipo, marcados por este tipo de anisotropia da multiplicidade de determinações que comportam. Ou seja, esta outra

forma de anisotropia diz respeito a diferenças de propriedades dentro de cada uma das diversas regiões do campo de apresentação--e, mais propriamente, dentro de cada uma das diversas unidades colectivas, dos diferentes complexos de determinações que se apresentam nelas. E constitui deste modo uma constante de toda a apresentação que se tem.

Mas, por outro lado (e este é o ponto decisivo que falta considerar), se constitui uma propriedade comum do campo de apresentação o haver em todo ele complexos de determinações postos sob a égide de núcleos de identificação fundamental, isso está longe de significar que as características dos núcleos de determinação que desempenham tal tarefa nos diferentes sectores do campo de apresentação sejam sempre do mesmo tipo. De facto é o contrário que sucede. As características dos núcleos de identificação fundamental constituídos nos diversos sectores do campo de apresentação variam justamente em função das outras formas de anisotropia (se assim se pode dizer, das anisotropias "regionais" para que antes se chamou a atenção). De tal modo que, conforme se trata de complexos de determinação presentes no próprio núcleo de incidência (ou no campo de incidência), no campo de familiaridade ou no seu exterior, consoante o nível da anisotropia de acuidade (da anisotropia de grau de definição e de exigência de determinação) em que o apresentado se situa, assim também varia o tipo da determinação que funciona como identificação fundamental para os complexos de realidade que aparecem e fornece a chave para se saber de que é que se trata neles--variando correlativamente também aquilo que é requerido para que essa identificação fundamental pareça produzida de forma eficaz, de orientação e valha como suficiente.

Assim, aquilo que no foco de incidência desempenha funções de núcleo de determinação tem um carácter muito mais determinado do que o que desempenha tais funções no campo de familiaridade e ain-

da muito mais determinado do que o que desempenha tais funções no exterior deste. Mas não só isso. Poderia ser assim, mas de tal forma que, se por acaso aparecessem no núcleo de incidência determinações muito menos definidas, elas pudessem desempenhar nele, sem nenhum problema, funções de determinações fundamentais de identificação. Porém não é assim. De facto os requisitos que têm de ser satisfeitos para que a identificação pareça eficaz e se tenha uma evidência de domínio dos complexos de determinações (se tenha a evidência de ter já a "chave" do que neles está em jogo) são muito mais exigentes no núcleo e no campo de incidência do que no campo de familiaridade e, como se viu, também mais exigentes neste do que relativamente aos horizontes exteriores.

A disposição anisotrópica do campo de apresentação faz que fixações de determinação que seriam totalmente insuficientes para desempenhar as funções de núcleo de identificação e assegurar a identificação dos apresentados no núcleo (ou no campo) de incidência--ou, por exemplo, em relação a outros apresentados sobre que recaia a tónica de importância--possam desempenhar tais funções a respeito de apresentados no campo de familiaridade e no seu exterior--ou para quaisquer apresentados que se achem numa posição átona na escala de importância.[70]

Vendo bem, a diferença afecta até a própria "dimensão" dos complexos, que são muito mais amplos e abrangentes no campo de familiaridade do que no campo de incidência e muito mais amplos e abrangentes no exterior do campo de familiaridade do que neste. Ou seja, a diferenciação de unidades está muito mais desenvolvida, é muito mais "fina", no núcleo de incidência do que no campo de familiaridade. De tal modo que uma multiplicidade que no campo de incidência aparece diferenciada num grande número de complexos diferentes --uma multiplicidade como a desta sala, que aparece desdobrada nas unidades correspondentes a cada um dos diferentes móveis, a cada uma das coisas que encontram neles, etc.--está, no campo de familia

ridade agregada de tal modo que não chega sequer a constituir ela própria uma unidade diferenciada, antes está "dissolvida" e reduzida a um mero momento das unidades mais abrangentes que aí estão diferenciadas, a saber : prédios ou mesmo quarteirões que nem sequer chegam a ter distinguidos os prédios de que constam). E assim de novo--e de forma ainda mais acentuada--na passagem do campo de familiaridade para os horizontes exteriores.

Tudo isto--toda esta peculiar forma de conjugação entre a organização do apresentado em unidades colectivas postas sempre sob a égide de um núcleo de identificação fundamental e o conjunto das diversas formas de anisotropia que, em sintonia umas com às outras, estruturam o campo de apresentação--torna possível que, embora haja grandes variações de grau de determinação entre os apresentados dos diferentes sectores do campo de apresentação (de tal modo que se sabe incomparavelmente mais a respeito de uns do que a respeito de outros) e embora para a maior parte do campo de apresentação (já para o próprio campo de familiaridade mas sobretudo para os horizontes exteriores) seja muito grande a margem do que se desconhece, de facto relativamente a todos os sectores do campo de apresentação pareça alcançada a identificação fundamental dos complexos de realidades que comportam. As determinações disponíveis no campo de incidencia aparecem a fornecer "chaves" para a respectiva identificação, as determinações menos precisas que preenchem o campo de familiaridade também aparecem a fornecê-las para as realidades que os integram, as determinações ainda menos definidas correspondentes à tese de homogeneidade e à tese de relegação de importância também bastam para identificar os complexos de realidade que aparecem nos horizontes exteriores. De tal modo que para todos igualmente parecem adquiridas "chaves" que os fazem figurar como estando perfeitamente identificados--como estando já disponível a determinação fundamental relativamente à qual todas as outras têm uma posi-

ção subordinada, secundária.

Ao limite (embora em condições normais nunca se chegue a verificar tal situação, porque está sempre também a vigorar pelo menos uma parte da projecção de homogeneidade, com o seu alcance irrestritamente inclusivo e englobante) a própria determinação de relegação de importância, mesmo que se suspenda o princípio de homogeneidade e os horizontes exteriores se tornem totalmente indefinidos, totalmente abertos quanto ao seu teor, tem capacidade para desempenhar essas funções e servir de chave (de determinação identificante) para os horizontes exteriores a respeito dos quais vigora. De sorte que, mesmo que a única fonte de determinação para esses horizontes seja a própria tese de relegação de importância (com tudo o que tem de "pouco denso", com toda a extraordinária margem de em-aberto que comporta), não só ela é suficiente para fazer desses horizontes algo completamente diferente de uma total incógnita, mas basta inclusivamente para fazer que em relação a eles se tenha a evidência de saber já o fundamental daquilo de que neles se trata--o fundamental relativamente ao qual tudo o mais que se possa saber é acessório e supérfluo.

Desta forma, não só a perspectiva de que se dispõe tem (por força da tese de homogeneidade e da tese de relegação de importância, como se viu) o carácter de uma apresentação <u>total</u>--espraiando-se sem limite, da forma referida, numa fixação que nada deixa de fora e que inexplicitamente já sabe de algum modo <u>tudo</u>--mas, para além disso, essa é uma apresentação que vale para si própria como já sabendo de tudo justamente o <u>fundamental</u> do que há a saber.

Sob a capa da "modéstia" para que naturalmente propendemos a respeito do alcance da apresentação que temos (sob a capa da tese permanente de incompletude e da evidência de que o nosso acesso à realidade é muito incompleto, sob a capa de todos os reconhecimentos temáticos que fazemos disso) está, deste modo, algo de completamente diferente, que de facto não tem nada de modesto. No "silêncio"

da apresentação inexplícita do exterior do núcleo de incidência, no silêncio de uma aparente omissão e neutralidade a respeito de tudo o que não seja o mais imediato, passa de facto esta extraordinária pretensão de já ter sabido o fundamental de tudo.

E, desta forma, mesmo quando estão focados os horizontes exteriores e a sua consideração parece fazer inverter a relação de forças correspondente à forma natural da finitude, a perspectiva que se tem está muito longe de corresponder de facto a semelhante inversão. Sem dúvida que não corresponde a um ponto de vista absoluto no modo como o faz a apresentação não marcada por qualquer falha ou limite concreto. Sem dúvida que comporta já um afastamento em relação ao estatuto de uma apresentação com essas características. Mas tem de qualquer modo uma pretensão colossalmente maior do que parece. E, se não equivale a um ponto de vista absoluto e tem clara consciência da sua distância relativamente a um acesso desse tipo, tal distância é aos seus próprios olhos e pelas razões expostas pouco relevante. E a perspectiva de auto-avaliação em que se acha põe-na assim de facto, pese embora tudo o que parece, muito próxima de um ponto de vista absoluto.

Ainda que a esfera de apresentação ostensiva seja bastante restrita e apesar da própria consciência que sem grande dificuldade se tem disso, a peculiar forma de organização do nosso ponto de vista, a ambliopia que caracteriza toda a apresentação para lá do campo de incidência e os condicionamentos de perspectiva que dominam nessa ambliopia fazem que, por mais fragmentário que seja o acesso de que efectivamente se dispõe, ele esteja constituído por tal forma que sempre tem o carácter de qualquer coisa como um fragmento globalizado--e globalizado deste modo tão peculiar, que quase "absolutiza" a sua perspectiva.

2.1.1.3 Análise sistemática dos horizontes externos no espaço.

Os horizontes englobantes do horizonte Portugal na óptica da inibição das representações espúrias de totalidade. A recorrência de representações espúrias na perspectivação dos horizontes englobantes.Sua desconstrução.A multiplicação dos campos de latência como multiplicação de abismos--a amplitude do escondimento como amplitude correspondente a ABISMOS DE ABISMOS.

Os horizontes englobados pelo horizonte Portugal (a região, a cidade, o bairro, o quarteirão, o prédio) na óptica da inibição das representações espúrias de totalidade--a amplitude inabarcável dos campos de escondimento correspondentes à região, à cidade, ao bairro, ao quarteirão, ao prédio. A remultiplicação do abismo de incompletude a partir dos horizontes menos extensos.

Condições para uma apercepção não distorcida das dimensões da incompletude do ponto de vista relativamente à realidade no espaço. Sinopse: o ABISMO DE ABISMOS DA INCOMPLETUDE relativamente à realidade no espaço.

Todo o exame que precede constitui ainda só uma primeira aproximação ao conjunto de fenómenos que são responsáveis pelo escondimento de segundo grau no caso da incompletude.A sua realização não significa de maneira nenhuma que fique alcançada já uma plena apercepção dos fenómenos em causa. Com o que se viu não fica assegurado que se identifiquem esses fenómenos sempre e onde quer que ocorram. Tampouco fica garantida já a detecção de toda a amplitude da sua interferência.E ainda não ficam criadas condições para passar a perspectivas totalmente livres do seu condicionamento. De facto está mesmo muito longe de ser assim.

E isso pode ver-se desde logo, por exemplo, em relação às representações inautênticas de totalidade.Se puser de parte todos os outros fenómenos passados em revista e voltar a considerar justamente o campo de realidade que foi objecto de focagem no primeiro exame, verifico que os resultados obtidos estão de facto muito longe de pôrem a nu todo o condicionamento de representação inautêntica que a-

fecta a minha perspectiva desse campo de realidade e muito longe também de abrir caminho para uma avaliação da incompletude já inteiramente livre do efeito redutor deste fenómeno.

Vendo bem, o que se alcançou foi ainda só uma tímida folga em relação ao domínio habitual das representações inautênticas de totalidade, uma folga ainda insuficiente para suspender completamente a interferência do fenómeno--e na verdade tão insuficiente que, mesmo uma vez já obtida essa detecção do fenómeno (e o desmascarar, a "desmontagem" dele que daí resulta), semelhante modificação coincide de facto com a sua persistência e a continuação do seu efeito de condicionamento, em interferências que conseguem passar indetectadas.

Para o perceber bem considere-se o seguinte. Aquilo que se viu na análise inicial das representações inautênticas de totalidade dizia respeito apenas às dimensões dos campos de realidade que se situam no exterior da esfera de familiaridade--no caso analisado, à pura extensão do território português. Se, entretanto, se passar à consideração das próprias realidades que preenchem essa extensão, esse território, e se se fixar o foco no horizonte "tudo aquilo que há em Portugal", constitui-se uma determinada perspectiva. E se se averiguar que é que se passa com essa perspectiva, quais as suas características, etc., verifica-se que, estranhamente, embora se tenha realizado uma identificação das representações inautênticas de totalidade e a partir dela se pudesse (e "devesse") estar alerta para a sua intromissão, nada disso impede que esta perspectiva embarque em representações inautênticas de totalidade e que o fenómeno apareça aqui de novo aceite, sem que se detecte a sua presença e se esteja em condições de o prevenir e de o pôr fora de funções.

Mas vejamos a que ponto é assim.

Ao voltar-me para o horizonte assim focado ("aquilo que há em Portugal"), a perspectiva que se forma está naturalmente dominada pela tese de homogeneidade (que para efeitos do que agora se procu

ra pôr à mostra pode ser deixada a vigorar, sem qualquer questionação do seu fundamento).

A respeito da realidade que há em Portugal tenho teses de acordo com as quais o seu território está preenchido por diferentes acidentes corográficos, montes, vales, planícies, rios, ribeiros, florestas, estradas, caminhos de ferro, casas, povoações e cidades, animais e plantas, seres humanos, etc.. Sei isso, mesmo no que toca ao espaço para lá das pequenas "bolsas" que efectivamente conheço (e que de facto, como se procurou mostrar, elas próprias não têm o carácter compacto de que aparentemente se revestem mas antes uma configuração muito recortada, labiríntica, de corredores interrompendo o maciço do latente.

Posso perceber isto assim e deixar "morrer" neste pé a consideração do campo de realidade em causa, passando adiante. Ou posso insistir numa consideração mais demorada, que percebe como nesta ainda reinam representações inautênticas de totalidade, que apagam o extraordinário volume daquilo de que se trata e a forma como ultrapassa a nossa capacidade de acompanhamento. Evidencia-se-me então mais claramente que aquilo que concretamente há nesse território são conjuntos de paisagens, situações climáticas, plantas e animais de diversos géneros, acontecimentos a ter lugar, diferentes tipos de pessoas, vidas correndo, dificuldades, alegrias, costumes, perspectivas,etc.,etc., que o meu ponto de vista não tem apresentados, relativamente aos quais não tenho acesso, que ultrapassam (e de longe) todas as multiplicidades que sou capaz de imaginar--e tanto que, ao conceber eu tais multiplicidades, por mais amplas e abrangentes que as procure perspectivar, a maior parte das realidades em causa se mantém na verdade completamente fora de perspectiva.

Desenha-se deste modo qualquer coisa já diferente da apresentação expedita que mais naturalmente se sugere. Desenha-se uma ina-

barcável multiplicidade de acidentes corográficos, rios, ribeiros, vales, montes, planícies, arribas, praias de conformação diversa, a imensa variedade de espécies vegetais e o ainda mais extraordinário e extraordinariamente diversificado conjunto de exemplares dessas espécies, cada um com as suas características próprias. Desenha-se a multiplicidade a perder de vista de espécies animais e a ainda mais fantástica multiplicidade dos seus exemplares, habitando os bosques, os prados, os rios, etc.. Desenham-se os milhares de povoações diferentes, com o seu estilo, a sua "atmosfera" própria--e, nelas e fora delas, os milhares e milhares de casas, com o seu aspecto próprio, o seu ambiente característico, o pequeno mundo que cada uma delas alberga, a multiplicidade inabrangível de coisas diferentes, de objectos das mais diversas naturezas. Desenham-se os milhões de pessoas com um rosto, olhares, uma personalidade, uma história própria, a inabrangível multidão das mais diversas relações que há entre elas, as conversas que aí têm lugar, os sofrimentos, as experiências de morte e de doença, os entusiasmos e os encantos que se experimentam, a inabrangível multiplicidade das coisas que se fazem, etc.,etc.Desenha-se tudo isso. E tudo isso aparece como um "mar"de determinações que de todo em todo não consigo acompanhar de forma adequada--que se me indica a partir da notícia que há em mim, mas que se mantém fechado para o meu olhar, vedado, fora do campo a que tenho acesso.De tal modo que, por mais que saiba que há uma multiplicidade de árvores, terras, rostos, vidas, sofrimentos,etc., não disponho de um acompanhamento das determinações que fazem essa diversidade--as determinações das diferentes árvores, das terras, das múltiplas habitações, do que se passa nas diferentes vidas, dos incontáveis sofrimentos e alegrias que há,etc..

Focando assim, desta forma mais detida e que envolve já uma modificação relativamente à apresentação expedita que mais imediatamente tende a sugerir-se e a "resolver o caso" da realidade correspondente a"Portugal", tem-se uma determinada perspectiva desse cam

po de realidade--uma perspectiva que já está afectada pela noção de que há um defeito de inautenticidade na representação desse território e de que também não se tem capacidade de acompanhar as diferentes realidades que os preenchem. Mas, de facto, se se distancia já do puro e simples embarque numa apresentação expedita totalmente dominada por representações inautênticas de totalidade e se já está marcada por uma forte marcação do carácter transcendente do campo de realidade em causa na sua relação com a capacidade de acompanhamento do meu ponto de vista, por outro lado também nesta nova forma de encarar continuam a interferir e a passar despercebidas representações inautênticas de totalidade, que "cegam" para a diversidade e dimensões do que me escapa e fazem que toda esta apercepção de como o campo de realidade"Portugal" ultrapassa a minha perspectiva seja de facto ainda bastante redutora.

Para perceber a que ponto é assim, verifiquemos que é que acontece se, em vez de percorrer sumariamente cada um dos diferentes tipos de realidade (rios, casas, animais, etc.), como se fez na focagem que agora mesmo se levou a cabo, se atentar bem na multiplicidade correspondente a cada um desses tipos, para, a partir daí, focar a multiplicidade correspondente à conjugação deles todos.

Se eu fixar, por exemplo, apenas a indicação dos rios e dos ribeiros--que não constituem mais do que uma pequena porção do que aí há no território em causa--não somente não consigo nem de perto nem de longe acompanhar toda a sua multiplicidade num conspecto que não perca nenhum deles, mas, para além disso, mesmo atendo-me apenas aos maiores, que de algum modo conheço, estou muito longe de os poder seguir em toda a sua extensão, num acompanhamento em que nada me escape da realidade que lhes corresponde. De facto, mesmo apenas desses rios mais importantes, de que tenho menção e com que até me foi dado já algum contacto, o mais que consigo acompanhar, quando os considero, são apenas alguns troços, aqui e ali, nunca a totali-

dade do seu curso no território português. Por muito que me esforce por o conseguir recuperar numa apresentação a ele proporcionada, verifico que se mantém fora da apresentação de que disponho a maior parte desse curso, num excesso sobre aquilo que tenho cujas dimensões não sou capaz de avaliar senão pela percepção de que excede incomensuravelmente tudo o que se me oferece. Isso já assim para cada rio, numa perda que se avoluma imensamente se os considerar conjuntamente a esses rios mais importantes, e ainda mais a perder de vista se considerar para além disso que abrange também uma multiplicidade muito numerosa de outros rios, ribeiros, etc.,numa desproporção que não se deve já somente à circunstância de na verdade ficar fora da apresentação que efectivamente tenho a maior parte do curso de cada um, mas radica também na circunstância de se manter inteiramente fora de perspectiva, sem qualquer apresentação, nem mesmo parcial, a maior parte dos cursos de água em causa.

Assim também, por exemplo, no que diz respeito à costa, no seu traçado de norte a sul e, no sul, de oeste a leste. Por mais que me esforce por o seguir, tudo o que tenho, vendo bem, são sempre só fragmentos, algumas bolsas em aberto, fora de cuja perspectiva se mantém a imensa maioria das realidades que lhes correspondem--uma imensa maioria que se me indica, mas que é maior, muito maior do que tudo aquilo que dela consigo vislumbrar.

Assim também no que diz respeito, por exemplo, às estradas. Observando bem a minha situação relativamente a este conjunto de realidades (não me perdendo eu em figurações--de qualquer modo também incompletas--em que represento as estradas como linhas na pequena superfície de um mapa, antes fazendo volver o meu olhar para a própria realidade que corresponde a isso na continuação do campo onde me encontro), tudo o que consigo conceber, o que efectivamente se apresenta, são alguns troços de algumas estradas. Fica fora não só a muito maior realidade do todo das estradas que me ocorrem, mas, para além disso toda a ignota realidade das demais estradas, que se

me indicam muito numerosas.

O mesmo também no que diz respeito por exemplo a parcelas aparentemente tão pequenas e insignificantes no todo do território em causa como sejam, por exemplo, o conjunto das instalações eléctricas que há em Portugal ou a rede telefónica que percorre o país. Por muito que constituam uma ínfima parte da realidade que o território português comporta (a tal ponto que a sua menção pode parecer ridícula), constituem ainda assim um conjunto de realidades que incomensuravelmente excede tudo o que sou capaz de acompanhar numa apresentação efectiva. Por mais que me esforce por seguir esse conjunto, ele mantém-se, na sua maior parte (numa maior parte que se me indica como sendo muito, muito mais do que tudo o que consigo conceber) fora do alcance do meu ponto de vista.

Seguindo todas estas indicações, multiplicam-se as "frentes" de ultrapassagem do olhar pelos horizontes de que tem indicação. De tal modo que em cada domínio (cursos de água, costa, estradas,etc.) o horizonte real de que se trata transborda de muito longe, num "longe" para mim de facto inabarcável, todas as apresentações que dele consigo ter. E de tal modo que, por outro lado, a respectiva conjugação faz emergir campos de latência com dimensões cada vez mais inacompanháveis (numa acumulação de "ainda maior","ainda maior "ainda maior",etc.). E todavia tudo isso é só uma pequeníssima parte do que há no território português, uma rede filiforme num campo de realidades incomparavelmente mais vasto. E a "ultrapassagem" do olhar, o excesso sobre a apresentação tida, que já lhe corresponde, é ainda ínfimo se comparado com o que resulta das demais realidades.

Percebo essa ultrapassagem muito maior se considerar, por exemplo, os pinhais que há em Portugal ou o conjunto de vinhas que se encontram espalhadas pelo seu território. Em correspondência a qualquer destes horizontes multiplicam-se as dimensões da realidade a

extravasar aquilo que dela sou capaz de acompanhar de uma forma efectiva. Embora também aqui se tendam a interpor representações espúrias que esbatem a diferença, trata-se na verdade de domínios muito mais vastos do que os que estão em causa na costa, nos cursos de água, nas estradas, etc.. E todavia também eles constituem ainda apenas uma pequena parte do que cobre o território português, uma parte que, ainda quando a acompanhasse, deixaria fora de si a maioria desse território.

A focagem do horizonte "Portugal" feita pela consideração mais detida de horizontes como estes faz desenhar campos de escondimento para que a perspectiva anterior, mesmo que já advertida em relação ao fenómeno da representação inautêntica de totalidade e já marcada por uma apercepção de como não consegue acompanhar o domínio de realidade de que se trata, de facto ainda não se achava atenta. E, por outro lado, as dimensões com que se desenham esses campos de realidade que na perspectiva anterior correspondiam só a fugidios momentos de momentos (e não estavam desenvolvidos em apercepções concretas da dimensão que corresponde a cada um e da medida em que ultrapassa a nossa capacidade de acompanhamento), revelam-se dimensões inabarcáveis.

Mas isto é ainda apenas um começo.

Ainda não está, por exemplo, equacionada a extraordinária dimensão de realidades que representa o conjunto dos animais que vivem no espaço "Portugal"--milhares e milhares e milhares de animais diferentes. Também aqui tudo o que de cada vez sou capaz de focar indica-se apenas, vendo bem, como uma pequeníssima parte do horizonte de realidades em causa, que transborda imensamente todas as minhas perspectivas a seu respeito. Numa indicação, aliás, que está ainda muito longe daquela que se levanta se considerar separadamente, por exemplo, o conjunto dos répteis, dos insectos, das aves, dos mamíferos e se neles descer à focagem das respectivas classes. Em cada um destes casos indica-se-me, vendo bem, uma multiplicida-

de avassaladora de mais e mais realidades, em total desproporção relativamente à amplitude das apresentações que sou capaz de ter--uma multiplicidade para cuja envergadura o meu olhar é cego. E a perspectiva que se constitui a partir da focagem das diferentes classes e da verificação do seu incomensurável excesso sobre tudo o que consigo acompanhar (a perspectiva que se desenha com a justa posição de todos os horizontes incomensuravelmente transbordantes que assim se perfilam) é de facto bastante mais esmagadora do que a que se constitui tendo como fio condutor o horizonte "animais", numa compreensão não especificada--é, se assim se pode dizer, uma perspectiva com que esta ainda nem "sonhava".

Revelando-se deste modo como a própria apercepção do carácter transbordante dos horizontes de realidade que se consideram, mesmo que se eleve já à perspectivação de dimensões esmagadoras, pode estar de facto ainda muito aquém de uma eliminação de representações espúrias de totalidade--mantendo ainda escondidas, inadvertidas, as ainda muito maiores dimensões do horizonte incomportável, transbordante, de que de facto se trata.

Além disso, ao ver assim todo este volume de realidade aí escondida, em imensa desproporção relativamente à capacidade do meu ponto de vista, o que está a ser considerado são, apesar de tudo, ainda só "parcelas" da realidade que há em Portugal. Mantêm-se ainda fora de consideração, por exemplo, todas as casas que há. Aqui, de novo, por mais longe que procure levar a minha perspectiva, a multidão daquilo que se me indica ultrapassa incomensuravelmente tudo o que sou capaz de focar numa apresentação efectiva. Por um lado, não tenho meio de seguir senão uma muito pequena parcela do conjunto de unidades que assim se define. Na sua quase totalidade (numa totalidade que percebo esmagadoramente maior do que o que tenho), por mais que me esforce por ampliar o campo do que sigo, esse conjunto transborda todas as apresentações que sou capaz de obter.Por

outro lado, acresce ainda toda a amplitude dos complexos de realidade correspondentes a cada uma das casas que aí há, complexidade que faz que, mesmo relativamente àquelas casas que minimamente consigo acompanhar, não o faça relativamente a toda a complexidade de realidades de que constam, mas somente numa parte delas. De tal modo que o campo daquilo que, neste particular, se mantém de facto ao largo do meu ponto de vista tem também uma amplitude absolutamente a perder de vista, esmagadora em relação a todas as dimensões de apresentação de que disponho.

E assim, finalmente ainda, olhando de frente a indicação que tenho dada de cerca de 10 milhões de pessoas vivendo neste território. O que corresponda a tal realidade, mesmo sem ter em atenção a extraordinária complexidade do que seria preciso para acompanhar efectivamente cada uma, é qualquer coisa que de todo em todo não sei qual possa ser--para que nem de longe, na verdade, a minha perspectiva tem amplitude. Dez milhões de pessoas: isso ultrapassa tudo o que efectivamente sou capaz de acompanhar--e ultrapassa-o numa margem que não consigo conceber senão pela apercepção de que excede esmagadoramente tudo o que se me apresenta. E isto com uma dimensão de excesso, de ultrapassagem, que se acentua ainda mais extraordinariamente se coequacionar a complexidade das circunstâncias em que cada uma vive, das perspectivas e problemas que tem, do "mundo" que cada uma dessas pessoas traz em si (e que, ainda que tenha, como se diz, um carácter "subjectivo", é também ele uma realidade a ter lugar aí no território português), etc..

Realizando-se a focagem deste modo, por este progressivo "desdobramento" dos diferentes tipos de realidades, que não os deixa perdidos em horizontes de definição mais englobante (como meros elementos deles, só fugidiamente referidos ou até totalmente desprovidos de menção), a medida em que o campo de realidade correspondente àquilo que há em Portugal se revela transcendente e incomensurável relativamente à apresentação de que disponho ascende a dimen-

sões muito mais extraordinárias do que as já extraordinárias dimensões com que se apresentava nas focagens iniciais dessa transcendência. Enquanto não "desce" à consideração das diferentes componentes (dos diferentes campos de realidade sectoriais), por muito que já perceba transcendência e por muito que já corresponda a detecção e inibição de repreentações inautênticas de totalidade, a perspectiva que se tem continua a albergar representações inautênticas de totalidade no reconhecimento que faz das totalidades que concebe e a ter, desse modo, uma avaliação redutora da incompletude a que está sujeita. E o que se verifica é que, embora antes de se "descer" à focagem dos diferentes sectores, já houvesse a indicação de qualquer coisa como uma ultrapassagem a perder de vista (uma transcendência em que a nossa perspectiva totalmente se perde), tal indicação não era de modo nenhum aquela que resulta deste novo procedimento de focagem--ficava de facto ainda muito aquém de la. Numa palavra, o que se verifica é que, mesmo estando-se já alerta para as representações inautênticas de totalidade, há apercepções de transcendência (de incomensurável ultrapassagem da apresentação) e apercepções de transcendência--e que a diferença entre elas pode de facto ser uma diferença muito grande.

A própria focagem da inabarcável multidão daquilo que escapa pode (e, de facto, tende a) quedar-se em representações espúrias de totalidade, que, mesmo já dando alguma ideia do modo como essa multidão se avantaja esmagadoramente sobre tudo o que sou capaz de percorrer num acompanhamento efectiva, ficam em todo o caso muito longe das dimensões que realmente são as suas.

De tal modo que é sempre de novo necessário um esforço de focagem que fixe o sentido da indicação dos horizontes e neutralize as perspectivas inautênticas que tendem a tolher o seu reconhecimento, deixando escondidas as dimensões extraordinárias e incomportáveis do que se aponta na indicação.

Isto vale aliás também para a própria perspectiva ganha pelo esforço de focagem aqui levado a cabo. Por um lado, vendo bem, todo o percurso efectuado move-se ainda no quadro de uma ainda só incipiente especificação do campo de realidade "tudo o que há em Portugal", descendo a algumas subtotalidades, num processo de desdobramento ainda só esboçado, que se queda, se assim se pode dizer, a meio caminho.

Levando mais longe essa especificação (perspectivando a dimensão dessa totalidade a partir da verificação do excesso que já se põe em causa em cada uma das muito numerosas classes em que é divisível), a evidenciação de ultrapassagem do meu ponto de vista pela realidade que há no território português assumiria dimensões de desproporção ainda mais esmagadoras. E por outro lado o próprio "inventário" deixa justamente ainda fora de perspectiva muitas formas de realidade que haverá no território português e de que não tenho indicação ou cuja referência de momento pura e simplesmente não me ocorre.

*

Revelando-se desta amplitude o campo de escondimento correspondente a Portugal, o âmbito esmagador que assim se revela perfila-se por outro lado apenas como uma parte relativamente pequena daquele que corresponde à indicação "Europa"--e esta por sua vez apenas como uma pequena parte do horizonte que se indica no sentido "Continentes".E este por sua vez apenas uma parte do horizonte "superfície da Terra". E este por sua vez apenas uma pequena parte do próprio Planeta no seu todo. E assim sucessivamente.

Mas, se assim é, também aqui há que estar atento à interposição de representações inautênticas de totalidade que se insinuam na perspectivação dos âmbitos mais vastos. Também aqui há que es-

tar atento à propensão que o nosso ponto de vista tem para embarcar em formas de perspectiva que fazem perder de vista a extraordinária amplitude do aumento de ordem de grandeza que está em jogo na transição para horizontes cada vez mais abrangentes e a extraordinária amplitude dos horizontes que passam a estar em causa com essa transição.

Como se procurou mostrar, a circunstância de se perceber já relativamente ao horizonte "Portugal" o carácter inautêntico da representação que dele se tende a ter não significa de maneira nenhuma que a interposição, a aceitação de representações espúrias de totalidade esteja inteira e definitivamente suspensa. A neutralização delas não é, como o próprio caso do horizonte "Portugal" claramente documenta, nada fácil. Requer antes um grande esforço de focagem.

E assim é também com os demais horizontes--e em particular, para já, no que diz respeito aos horizontes maiores, envolventes desse.

De facto, se atentar, verifico que, ao realizar agora mesmo o volvimento por meio do qual transferi a incidência de Portugal para a Europa, da Europa para o conjunto dos continentes, do conjunto dos continentes para a Terra no seu todo, a despeito da advertência em que já estou para a inabarcabilidade do horizonte "Portugal" opero saltos que me fazem não acompanhar o extraordinário alargamento de âmbito de que se trata.

Se considerar mais atentamente e realizar o alargamento de forma mais gradual, atenta aos diversos passos que de facto implica, a perspectiva a que chego é na verdade diferente.

Compreendo então como Portugal é apenas uma parte, e relativamente pequena, da Península Ibérica (cujo campo de realidade ultrapassa muito a já inabarcável envergadura do território português) e que a Península Ibérica por seu turno é apenas uma parte relati-

vamente pequena da Europa--cujo campo de realidade corresponde então a numerosas vezes todo esse horizonte ainda mais extraordinariamente inabarcável do que Portugal, que dessa forma se desenha ser o da Península; mas que, por sua vez a Europa, constituindo um horizonte ainda mais extraordinariamente inabarcável do que o da Península, representa entretanto tão somente uma bastante pequena parte da totalidade dos continentes que há na terra, que desta forma constituem então um horizonte que ainda mais extraordinariamente transborda tudo o que sou capaz de acompanhar; mas que, por sua vez, o conjunto dos continentes constitui somente uma porção relativamente pequena do campo de realidade correspondente a toda a superfície do planeta, onde assim emerge um campo de latência com dimensões ainda mais transcendentes do que as já anteriormente em causa; e que, enfim, por seu turno, a superfície do planeta não representa senão uma pequena parte do planeta no seu todo (tem com ele a relação que há entre a superfície e o volume de um sólido).

Perspectivando assim, o reconhecimento do horizonte de excesso do campo de realidade correspondente à Terra ganha um vulto completamente diferente daquele com que inicialmente se perfilava o horizonte "Terra" ao ser mencionado no início deste ponto--um vulto incomensuravelmente mais esmagador.

E o que assim se acusa é que na mudança para a consideração de horizontes maiores, o alargamento de âmbito tende a fazer-se por saltos, desconsiderando a amplitude extraordinária dos "crescimentos" que estão em causa na passagem aos horizontes mais latos--i. e., perdendo de vista como cada passagem significa uma inabarcável, absolutamente inacompanhável **multiplicação do já inabarcável**, uma multiplicação do que já por si significa um imenso abismo em relação ao qual o meu ponto de vista não tem capacidade (para que sou cego). E a perspectiva que se forma tende, deste modo (e em conformidade com o que se referiu quando se falou de um "tecto" da representação de grandes dimensões), a perder-se na indistinta compreen

são "algo muito, muito grande"--compreensão confusa em que fica neutralizada a extraordinária "violência", incomportabilidade, das dimensões de que na verdade se trata nos horizontes englobantes que temos indicados.

Para não cair no logro que resulta da interferência de representações inautênticas de totalidade, é necessário, por isso, estar atento ao sentido das extensões que se acham implicadas na continuação da realidade para lá do horizonte "Portugal" e, tendo em vista o abismo de inabarcabilidade, de excesso sobre tudo o que sou capaz de conceber, a que Portugal na verdade já corresponde, enfrentar o "quase impossível" sentido que é o de esse abismo, esse total abismo que esmagadoramente ultrapassa o meu ponto de vista, ser apenas uma parte de algo bastante maior--a Península Ibérica. É necessário tendo em vista o assim a fortiori inacompanhável, esmagador abismo que, através dessa relação de todo/parte e dessa relação de grandeza, se indica como correspondendo ao horizonte "Península Ibérica", enfrentar o por maioria de razão "quase impossível" sentido que é o de este outro, ainda mais extraordinário e inacompanhável abismo ser por sua vez também uma pequena parte de algo ainda muito maior --a Europa. É necessário, tendo em vista por sua vez este mais esmagador abismo, enfrentar o "quase impossível" sentido que é o de ele não ser mais do que uma pequena parte de algo ainda muito maior --o conjunto dos continentes. É necessário, tendo em vista por sua vez este horizonte incomportável, enfrentar o "quase impossível" sentido que é o de tudo isto por sua vez não ser senão uma pequena parte da superfície da Terra, e de esta por seu turno não constituir senão uma parte relativamente pequena de algo ainda muito mais amplo--o planeta no seu todo.

E assim sucessivamente. Ou seja, é necessário, tendo em vista isto que já constitui um abismo de abismos, enfrentar o ainda mais vincadamente "quase impossível" sentido que é o de tudo isso, por

sua vez, ser apenas uma pequeníssima parte do sistema solar e de este, por seu turno, não obstante a violência incomportável do excesso que representa sobre o abismo de abismos que já corresponde ao horizonte de realidade "Terra", não constituir por sua vez senão uma muito pequena parte da Galáxia--e de esta também ser apenas, no seu todo, uma pequena parte de algo envolvente, muito, muito maior. E assim sucessivamente, numa progressão para que não se vê nenhum termo.

Só assim, não numa remota figuração daquilo de que se trata num plano mais ou menos imaginário (em que de algum modo me parece ver a Terra e a Galáxia,etc.), mas antes transcrevendo a indicação que tenho dos horizontes e das suas relações de grandeza no concreto da minha situação, no campo aberto da realidade em que me situo, e percebendo a extraordinária violência do que se indica (como tudo isso pulveriza todos os enquadramentos de que disponho, num excesso sobre o excesso sobre o excesso, etc.), se abre na verdade alguma perspectiva desperta para esses horizontes, com uma efectiva notícia, uma notícia não neutralizada deles, em que efectivamente ganham presença no meu campo--presença como algo com dimensões para mim absolutamente inconcebíveis; presença como algo para que estou cego,inteiramente para lá de tudo o que sou capaz de acompanhar efectivamente; presença como algo que em todas as direcções à minha volta me rodeia.

De tal modo que o meu ponto de vista se percebe numa posição completamente diferente daquela que normalmente se lhe inculca ser a sua: como uma pequeníssima clareira--se assim se pode dizer, como o espaço iluminado por uma luz de fósforo no meio de uma imensa e esmagadora noite, com proporções que em absoluto não abarco e que indefinidamente se prolongam sem parar.

*

Mas ainda aqui, onde a perspectivação do que não tenho já o percebe no seu esmagador carácter de abismo, a compreensão em que me acho está de facto ainda dominada por representações espúrias de totalidade que distorcem a visão daquilo que me escapa e impedem que ele seja percebido nas suas verdadeiras dimensões.

Se tenho Portugal, a Europa, os Continentes, a superfície do planeta e o seu todo, o sistema solar, etc., numa incidência que, pelo menos em grande parte anula a seu respeito a interposição de representações espúrias de totalidade, de tal modo que os percebo no seu vulto esmagador, inabarcável, isso não significa que a interposição de representações espúrias de totalidade não continue a processar-se relativamente aos espaços mais pequenos. Na verdade, é isso precisamente o que acontece.

Percebo a ultrapassagem do meu ponto de vista relativamente, por exemplo, a Portugal. Mas nessa perspectiva está ainda apagado o abismo de escondimento em que se mantém vedado ao meu olhar o espaço de toda a Estremadura, da parte de Portugal mais próxima de onde estou, e o conjunto de tudo aquilo que há no seu território. E, todavia, examinando a indicação que tenho desse espaço, verifico que também ela remete para qualquer coisa que imensamente ultrapassa tudo o que sou efectivamente capaz de acompanhar--para uma inabrangível multidão de entidades, de acontecimentos que esmagadoramente transbordam a minha perspectiva. Não obstante ser consideravelmente mais pequena do que Portugal, a região da Estremadura, considerada não como uma figura que posso acompanhar no mapa, mas como o campo concreto de realidades a que essa figura se refere, constitui por si só já um campo a perder de vista, tanto na sua extensão, quanto na insondável multiplicidade de tudo aquilo que em si comporta.

Percebo então o abismo de escondimento correspondente a esta re

gião, na avassaladora ultrapassagem, no extraordinário excesso que tem sobre o que efectivamente me está apresentado. E percebo como estava ainda longe de me aperceber de quanto é assim quando já tinha uma compreensão do abismo correspondente ao horizonte "Portugal". Mas nesta perspectiva em que a região da Estremadura aparece na total desproporção que tem relativamente às apresentações de que disponho, está por sua vez ainda apagado ou pelo menos de modo nenhum visto em todas as suas proporções o horizonte de escondimento que corresponde mesmo só à cidade em que me encontro.

E todavia, examinando a indicação que se me dá do espaço que é o seu e da realidade que comporta, verifico que ainda aqui aquilo de que se trata excede imenso o que efectivamente tenho apresentado, constitui um campo inabrangível de diferentes espaços que não me estão dados (que excedem o que sou capaz de perspectivar) e de realidades e realidades a que o meu olhar não chega e cuja multidão é para mim absolutamente inabrangível. O campo de escondimento correspondente à cidade revela-se muito maior do que implicitamente se perspectivava ao perceber-se já o abismo correspondente a Portugal ou mesmo à região da Estremadura. Manifestando-se como nessa perspectiva ainda reinava uma representação espúria de totalidade relativamente a Lisboa e às diferentes partes da região da Estremadura.

Entretanto, nesta percepção da amplitude do campo de escondimento correspondente à cidade nada se diz acerca da amplitude com que há uma perda de conteúdos na constituição do meu ponto de vista relativamente, por exemplo, ao meu bairro, ou mesmo, mais próximo já, relativamente ao quarteirão em que se situa a minha casa, ou, ainda mais próximo, relativamente ao próprio prédio em que resido.

Este silêncio relativamente a estes campos mais próximos deixa a dominar no meu ponto de vista acerca deles uma representação

inautêntica da totalidade disso. De tal modo que, sem me dar conta, sem que isso se ponha em relevo em mim como uma tese, o meu ponto de vista a esse respeito se perspectiva ainda de facto como um ponto de vista no fundamental proporcionado ao que aí há, adequado a isso. Por muito que perceba já quão surpreendentemente imensos em relação ao meu ponto de vista se revelam os grandes espaços (que naturalmente reconheço na sua grande dimensão, mas sem me aperceber da inabarcabilidade, do imensamente-para-lá-de-tudo-o-que-tenho que essas extensões realmente significam), continuo inexplicitamente a perspectivar os espaços mais próximos e de menor dimensão como se, pelo menos relativamente a eles, o meu ponto de vista não estivesse preso e não houvesse uma enorme perda na apresentação de que é capaz a seu respeito.

Ora na verdade, também relativamente a estes espaços aquilo que de facto tenho é um muito pequeno núcleo de conteúdos, de tal modo que a imensa e esmagadora maioria do que neles há, do que os compõe, fica completamente para lá, fora do meu ponto de vista.

Tendo por exemplo a noção "o que há neste quarteirão" e tendo a apresentação de que disponho em relação a isso, fico completamente aquém do complexo de acontecimentos que a noção refere--de tal modo que ao meu ponto de vista escapa todo o verdadeiro mar de realidades diferentes (dos lugares que há, das vidas que correm, das coisas que são, dos acontecimentos que se sucedem) no espaço assim definido.

Verifica-se aqui a mesma ambiguidade que caracteriza a notícia que em mim há de Portugal. Por um lado o quarteirão indica-se-me como um conjunto de vários prédios, todos de numerosos andares, que não estão vazios e que é habitado por um conjunto relativamente grande de pessoas. Sei isso. Tenho essa apresentação, com que vivo, que homologo, e que se reveste naturalmente para mim de um grau elevado de certeza. Por outro lado, porém, se procurar verificar que é que desta multiplicidade me está propriamente dado e acompanho,

se, a partir de um qualquer ponto deste quarteirão tentar precisar a disposição do que nele há (o que é que se segue a o quê), se procurar traçar por assim dizer o mapa integral do quarteirão, ponto por ponto, num acompanhamento claro de "o quê" e "quem" está "aonde", rapidamente sou levado ao encontro da minha imensa ignorância a seu respeito.

De facto, para além dos alguns aspectos a que tenho propriamente acesso (e que, por muitos que sejam, constituem apenas uma pequena parte da multiplicidade real que se me indica), o que tenho do quarteirão é, por assim dizer, uma espécie de "nebulosa" em que não estão apresentadas as pessoas que aqui habitam e os mundos que em si trazem, os apartamentos que aqui há e o que neles se encontra, etc.. Não estão apresentadas nem as casas todas (cada uma delas), nem (isso muito menos) a multiplicidade imensa das coisas que nelas se situam. Não estão apresentadas nem as pessoas todas (cada uma delas), nem (isso muito menos) a vida que nelas corre, os mundos que em si trazem, a muito complexa teia de relações em que estão envolvidas. E isto de tal modo que, se volver o meu olhar para esse campo de realidade que assim me escapa, as dimensões com que se me indica, o volume da multiplicidade constitutiva desse campo excedem imensamente tudo o que sou capaz de figurar ao tentar concebê-lo.

De facto, isso acontece mesmo já, vendo bem, relativamente ao prédio em que moro, aos seus diversos andares e a tudo o que há neles. Acontece aliás relativamente aos apartamentos ao lado, neste andar, mesmo que a eles cinja o âmbito de consideração. Tudo o que posso figurar a seu respeito revela-se, se o submeter a exame, uma confusa nebulosa, que na verdade deixa escondida a realidade a que se reporta (e só consegue captar muito pouco dela). E a amplitude desta perda avoluma-se se alargo esse âmbito ao primeiro andar, ao segundo, e assim sucessivamente até ao prédio todo.

Por outro lado, se isto acontece relativamente ao meu prédio,

não só sucede também relativamente a cada um dos outros prédios deste quarteirão, mas inclusivamente é já confusa a própria apresentação desse conjunto: nem sequer aquilo que tenho nessa apresentação constitui um efectivo acompanhamento de todas as unidades "prédio" que compõem tal conjunto--não tenho sequer uma apresentação precisa que acompanhe mesmo só no seu número os prédios que compõem o lado do quarteirão em que a minha casa se situa (quanto mais os seus diversos andares, quanto mais os diferentes apartamentos de que constam, quanto mais as diversas realidades que há em cada um). Tudo isto de tal modo que, estando assim concentrado num dos lados da rua (e havendo já todo este volume de perda no próprio lado sobre que me concentro), é ainda mais difuso o acompanhamento dos prédios do outro lado dela--e ainda muito mais difuso o acompanhamento que tenho das restantes ruas deste quarteirão.

Sem os conseguir acompanhar (de modo tal que o meu ponto de vista é precisamente posto em confronto com a avassaladora ultrapassagem de si pelos horizontes a que ele mesmo abre), encontro assim na notícia que tenho do quarteirão em que moro--se a considero realmente, se se suspende aqui o ilusório funcionamento da representação de totalidade como um acompanhamento, uma exibição real da totalidade em causa--a indicação de uma multiplicidade de momentos de realidade que,na sua imensa maioria,me escapam, ficam totalmente fora do domínio que acompanho realmente. Ou seja, além do quarteirão que tenho, que me está dado, revela-se, se assim se pode dizer, um outro quarteirão, um conjunto de acontecimentos como que submersos relativamente à minha perspectiva, exterior ao que nela se acha dado, e que só é acompanhável a partir de um ponto de vista que não tenho.

E se este excesso do que há sobre aquilo que por mim é visto tem já no âmbito restrito do quarteirão em que resido, estas proporçõe verdadeiramente esmagadoras, muito mais esmagadoras se tornam essa proporções quando o horizonte considerado passa a ser o do bairro,

no seu todo. E imensamente mais esmagadoras se tornam essas proporções alargando o âmbito para a cidade de Lisboa.E ainda mais esmagadoras se tornam essas proporções relativamente a toda a região da Estremadura. E mais ainda alargando o âmbito para o território continental de Portugal. E assim sucessivamente num crescendo.[72]

*

Só a partir daqui, só considerando desta forma, numa clara percepção do volume avassalador de escondimento que campos aparentemente tão triviais, familiares, e tão pouco extensos, como os considerados, já comportam, fica de facto excluída a interposição de representações espúrias de totalidade e possibilitada uma compreensão não distorcida da amplitude de escondimento que cerca a ínfima clareira do que efectivamente se detém.

Tal como só se torna clara a amplitude da "perda" que afecta o meu ponto de vista relativamente ao quarteirão quando essa amplitude é concebida a partir da compreensão daquela que atinge já a própria apresentação do prédio, assim também só se percebe bem o escondimento em que se acha o bairro a partir da compreensão da amplitude de perda correspondente ao quarteirão. E assim sucessivamente.

Só focando deste modo,nesta perspectivação ascendente dos horizontes da realidade que escapa ao nosso ponto de vista,se consegue desfazer a distorção, a desfocagem a que, por interposição de representações inautênticas de totalidade,a perspectivação dessas realidades naturalmente está sujeita.

Assim, os horizontes mais extensos(por exemplo,o horizonte Portugal) apresentam-se ainda mais extraordinariamente esmagadores na sua transcendência sobre o meu ponto de vista do que é possível reconhecer numa apreciação que não parta de um escrutínio do volume

de escondimento já envolvido nas partes muito mais pequenas.

A exclusão de perspectivas inautênticas que tendem a esconder o escondimento a que se está sujeito e a sua amplitude tem de se fazer nas duas frentes em que essas perspectivas continuamente tendem a interpor-se: na concepção dos próprios domínios menos extensos, que os domínios mais extensos conglobam, por um lado; e por outro lado na perspectivação da passagem do âmbito desses domínios menos extensos para o dos campos de realidade que de algum modo correspondem à soma de numerosas multiplicidades de domínios como esses (prédio->quarteirão, quarteirão->bairro, bairro->cidade, cidade->região, região->país, etc.). Tudo isto tendo sempre em conta a necessidade de se especificar o mais possível a perspectivação das diversas realidades presentes em cada um dos espaços considerados, por forma a evitar a interferência de representação espúria de totalidades na sua perspectivação.[73]

Considerando deste modo, avoluma-se progressivamente numa presença real, numa efectiva imposição do seu vulto e por outro lado com dimensões absolutamente surpreendentes, insuspeitadas, atordoantes, o horizonte daquilo que nos escapa.

Evidenciam-se deste modo não apenas o extraordinário abismo de escondimento que já afecta as unidades mais pequenas, mas a ainda mais extraordinária e abissal multiplicação do abismo que representa cada uma das passagens para campos maiores e o impensável, o quase impossível esmagamento que através delas se configura.

*

Se a supressão do esbatimento dos limites leva à emergência do campo de apresentação com os limites próximos e a configuração irregular que acima se procurou pôr em evidência, a inibição das re-

presentações espúrias de totalidade como que solta a contenção, a redução a proporções dominadas,abarcáveis, em que aquelas representações mantêm os campos de escondimento correspondentes aos horizontes externos. As dimensões dos campos de escondimento "explodem" se assim se pode dizer mesmo já no mais próximo, alcançando proporções avassaladoras e desvelando o horizonte de escondimento como um abismo inabrangível, ou melhor como um abismo de abismos... de abismos de abismos de abismos inabrangíveis, em relação ao qual o meu olhar inteiramente se perde.

Com esta dupla supressão de desfocagem, pela marcação dos limites do campo de apresentação efectiva e pela inibição das representações inautênticas de totalidade, transforma-se completamente a situação de escondimento/não-escondimento em que me percebo. Aquilo que se apontou na análise preliminar do esbatimento dos limites, das representações inautênticas de totalidade, etc., verifica-se ainda mais claramente do que então, com mais premência.

O inacessível, o horizonte de escondimento que corresponde à incompletude do ponto de vista deixa de ser qualquer coisa de remoto ou de vazio, sem presença real no campo em que me vejo. Converte-se em algo que aparece no concreto da minha própria situação.

Mas mais do que isso. Não só o horizonte de escondimento ganha assim uma presença real no horizonte em que me encontro, mas, para além disso, ganha essa presença como algo que, a partir de uma fronteira muito próxima, em todas as direcções me rodeia, envolve. E de tal modo que é isso, justamente isso, que avulta na abertura às coisas em que estou, é o horizonte de escondimento que ocupa a esmagadora maioria da realidade ante a qual estou posto. A começar pelo prédio em que vivo, pelo bairro a que pertence, passando pela cidade onde se situam, pela região, pelo País, pela Península, e sempre mais além, pela Europa, pelos diversos continentes e pelos mares, pelo planeta, pelo sistema solar, etc., a realidade que se me indica pertence esmagadoramente a esse horizonte, que se configura

como um horizonte absolutamente avassalador, de dimensões inconcebíveis, imensamente ultrapassando o imenso, em relação ao qual a apresentação de que disponho tem as dimensões de um quase nada.

Contra o horizonte restrito do que tenho propriamente acompanhado (o conjunto de "corredores", "bolsas" a que se reduz), os horizontes de continuação da realidade (esses domínios que sabemos que há, mas que não temos de facto acompanhados, antes estão escondidos) emergem assim, ao serem considerados realmente--com uma efectiva marcação dos limites e sem interposição de ilusórias perspectivações de totalidade--como um campo imenso, inabarcável, incomensuravelmente mais vasto do que aquele que tenho, e em relação ao qual este não representa senão um ínfimo enclave.

O acompanhamento que se tem corresponde a qualquer coisa como o que do bairro ou da cidade se teria se deles só se conseguisse acompanhar um milímetro cúbico, sem se ter nenhuma apresentação do que se situa para além dessas dimensões. Com a diferença de que mesmo esta compreensão analógica e a concepção do campo de acesso como um ínfimo enclave é inadequada, uma vez que se concebe ainda esse enclave em relação a um imenso que de algum modo ainda se figura--quando o imenso não-tido de que se trata excede absolutamente qualquer conteúdo representado, é totalmente irredutível a qualquer figuração.

Focando deste modo os horizontes de continuação da realidade para além do campo de apresentação que se tem, a compreensão do tido e do não-tido pelo meu ponto de vista sofre uma alteração radical, perspectivando-se de modo completamente diferente a incompletude que o afecta. Sobretudo, se além da suspensão do esbatimento dos limites e das representações inautênticas de totalidade conseguir também pelo menos alguma margem de desvinculação em relação à tese de homogeneidade e à tese de relegação de importância--cuja persistência, embora não o impeça totalmente, neutraliza em grande

parte o efeito destas alterações.

Se, antes de se inibirem os fenómenos de desfocagem e distorção que "tapam" a apercepção desses horizontes, a incompletude do ponto de vista é inexplicitamente compreendida segundo a forma natural da finitude (como algo cujas dimensões correspondem às de um conjunto de lacunas), a situação real que assim se descobre inverte justamente este estado de coisas: não são as esferas de incompletude que constituem "bolsas" no maciço da realidade acompanhada pelo nosso ponto de vista, mas o domínio de acompanhamento de que dispomos que constitui somente um ínfimo enclave de muito pequenas "bolsas"no maciço de um horizonte esmagador de escondimento, em relação ao qual o ponto de vista não tem acesso.

Focando assim os horizontes externos, a forma natural da finitude cai, numa modificação drástica da compreensão global da situação de finitude. O ponto de vista tido perde o carácter absolutamente aberto, soberano, com que naturalmente se apresenta (o seu carácter de horizonte livre, sem peias), revelando-se antes um ponto de vista esmagadoramente preso, circunscrito, fechado.

O que se me apresenta não é senão uma ínfima parcela, um ínfimo "canto"do que há, e em todo o lado abre-se um abismo de realidade escondida, a que não consigo ter acesso.

2.1.1.4 A incompletude no horizonte do TEMPO. Análise preliminar do horizonte temporal--núcleo de incidência e horizontes no âmbito do tempo.

Esta transformação radical da configuração do campo em que me encontro não é possível apenas no modo que se apresentou, ou seja, relativamente aos horizontes de continuação da realidade no espaço. Modificação paralela ocorre se, em vez de considerar, como se fez até aqui, o horizonte inabrangível do que há no tempo em que de cada vez me acho, passar a considerar também a outra forma de continuação do real para lá daquilo a que tenho acesso: aquela que resulta da sua distensão no tempo.

Também a este respeito, na verdade, conforme se indicou na análise preliminar, a perspectiva em que de cada vez nos encontramos está estruturada num núcleo ou campo de incidência e num sistema de horizontes que ficam fora desse núcleo (ou desse campo) e que configuram uma continuação temporal da realidade para lá do núcleo em que de cada vez se incide. Isto tanto no sentido do tempo que o precede--do seu passado--quanto do tempo que lhe é posterior--do seu futuro.

A realidade temporal nunca se inculca como acabando nos limites do núcleo de incidência ou do campo de incidência em que o ponto de vista de cada vez está focado. Impõe-se antes, com evidência, que continua antes desse tempo e depois dele, e mesmo antes e depois de qualquer tempo.

Sem que se pense nisso, sem precisar de o ter de algum modo atendido, considerado, está-se sempre com essa continuação do tempo nesses dois sentidos, tem-se sempre já como horizonte essa continuação.

Esta estrutura, em conformidade com a qual o campo temporal é sempre um campo indefinidamente prolongado para lá do núcleo do tempo que propriamente está focado, tem uma natureza muito peculiar Centra-se no presente, ou melhor numa esfera próxima do presente

(mais tarde ver-se-á melhor este aspecto), sem nunca perder esta referência central. Mas isto de tal modo que esse centramento, que na verdade nunca se desfaz, permite também a fixação do olhar em âmbitos de incidência no passado e no futuro, por forma que me deixo absorver neles e quase pareço esquecido do próprio tempo em que estou, distraído dele, "transportado" para fora do seu quadro.

Esta peculiar transferência do foco de incidência, mantendo apesar de tudo um centramento no tempo próximo daquele em que se está (por mais que me perca em rememoração do passado mais remoto ou na prospecção de um futuro ainda distante, não desaparece nunca a referência central ao tempo próximo, ao tempo iminente em que me acho), tem uma estrutura muito complexa que não cabe analisar e que não é de importância decisiva para o que aqui está em causa. Importante é, sim, que, à semelhança do que acontece com o espaço, havendo deste modo uma mobilidade do olhar, que permite dirigi-lo para qualquer destes horizontes temporais para que o nosso ponto de vista constitutivamente está aberto, essa mobilidade está em regra travada por uma inércia tal que, mudando embora com frequência a esfera de incidência temporal, essa mudança realiza-se sempre dentro de determinados horizontes. O olhar está em regra absorvido pelo tempo mais próximo do presente em que se acha, ou então com tempos do seu próprio passado, do passado que viveu, ou do futuro a que se dirige. Não saindo habitualmente deste domínio. Ou seja, também no que diz respeito ao tempo há qualquer coisa como um "território" do olhar, no sentido referido, que pode ter esta ou aquela configuração, ser mais ou menos amplo, ma tem sempre uma dimensão restrita, muito aquém da das remissões horizontais que há tanto na direcção do passado quanto na do futuro.

De sorte que, contrariando-se esta inércia, este alheamento que em regra caracteriza o nosso ponto de vista na sua relação com os horizontes temporais externos (quer dizer com aqueles que se situam

fora deste campo habitual de incidência, deste "território" temporal) e chegando-se a focar esses horizontes, produz-se uma modificação radical do panorama, da situação de escondimento em que o ponto de vista se vê--uma modificação da amplitude não menor do que a que resulta da consideração dos horizontes externos no espaço, e até mesmo uma modificação mais ampla do que essa.

2.1.1.5 O horizonte do PASSADO.Análise preliminar do seu carácter de realidade.O esquecimento do passado no quotidiano e as possibilidades da sua supressão.Diferentes modalidades de notificação do passado livres de qualquer manifestação de escondimento.Análise e desconstrução dos condicionamentos que as possibilitam.As representações espúrias de totalidade e a compreensão do horizonte do passado--exposição do carácter inautêntico das representações de grandes extensões de passado relativamente à própria multiplicidade temporal e relativamente à multiplicidade dos campos de realidades que "ocuparam" esse tempo. O passado como ABISMO e ABISMO DE ABISMOS.

Relevante neste contexto é em primeiro lugar a distensão correspondente à continuação do real pelo passado.

Na verdade,a despeito do problema que há relativamente ao estatuto de realidade daquilo que já foi (e que justamente já não é --está de alguma forma suprimido,aniquilado), o passado aparece de tal modo que não posso considerá-lo como se fosse nulo e a realidade ante cujo facto estou se reduzisse por inteiro àquilo que ora é. A circunstância de o passado estar agora suprimido, de ter de o reconhecer como algo que agora não é nada, de modo algum obsta a que, dada a apresentação do mundo em que me acho, por outro lado não possa deixar de reconhecer também a peculiar forma de não-nulidade que é justamente essa de ter sido.

Isso que já foi, não obstante o seu presente aniquilamento, não se reduz a nada, é diferente. Tem em comum com aquilo que é essa diferença decisiva e com ele partilha também o carácter de ser-si-

-próprio, de ter a sua própria posição, a sua própria identidade--ou seja, de constituir algo que levanta o facto, a diferença de si e desse modo se põe na alternativa entre estar ou a descoberto, acompanhado, ou escondido, fora do campo que se tem.

Aqueles que já foram (os meus avós, os seus contemporâneos e os que os precederam), a era glaciar, o império romano, a reconquista cristã da península, as navegações dos séculos XV e XVI, a revolução francesa, a segunda guerra mundial e, no quadro da minha própria vida, as aulas no colégio, o verão de 1975, eu na faculdade em 1982, ou, mais recentemente, o almoço de hoje--nada disso está agora em parte alguma, tudo isso é, agora que olho para estas linhas enquanto as escrevo, pura e simplesmente inexistente. Mas por outro lado, se as coisas são como eu as tenho (se efectivamente os meus avós estiveram aí antes de mim, houve todos esses acontecimentos "históricos" que se me referem e eu fui, como se me apresenta, antes de agora), a cada um destes enunciados que agora tenho--e a que não equivale nada do que agora há--correspondem posições diferentes de nada, de algum modo reais, agora já perdidas, sim, mas que não são nulas--e que, ou me estão dadas e eu as acompanho, ou, não o estando, introduzem escondimento em relação ao meu ponto de vista, fazendo que não coincida com o real em que me situo.[74]

Ora a realidade do passado, como assim se apresenta, acarreta qualquer coisa como uma muito ampla multiplicação do real. Se em cada instante, e nomeadamente neste em que agora me acho, o conjunto daquilo que há tem as extraordinárias dimensões que os parágrafos anteriores põem em relevo, por outro lado a adjunção de outros momentos de tempo no passado representa, em cada um deles, o acréscimo de um outro plano de realidade, de dimensões em tudo equivalentes.

E, assim, ao que há, por exemplo, no espaço da cidade de Lisboa como é hoje junta-se todo o imenso conjunto de realidades que tiveram lugar neste espaço durante os últimos anos, em que já cá es-

tive e nos últimos 50, 100 e 200 anos, e durante os últimos oito séculos, e durante os últimos 2000 anos, e nos 10000 e 50000 anos que os antecederam, etc.--numa multiplicação de planos de realidade que nunca mais tem termo.

E o que assim sucede com este espaço relativamente restrito vale para todos os horizontes de realidade de que tenho notícia, numa multiplicação de si pela diversidade dos diferentes tempos que houve.

Porém, não é logo o problema das dimensões de toda a realidade no tempo que passou mas sim o <u>da própria extensão da multiplicidade dos momentos</u> que é em primeiro lugar decisivo e tem de ser considerado na averiguação da situação de acesso e não-acesso em que me encontro relativamente ao passado.

Tal como se me inculca, o passado estende-se a partir do tempo em que agora estou, passando pelo tempo em que até aqui vivi e prolongando-se a partir dele numa continuação indefinida que remonta ao tempo dos meus pais e dos meus avós, ao século XIX e, a partir deste, regredindo, aos séculos precedentes--e assim sucessivamente, sem parar.

De todo este passado, de toda esta realidade tenho notícia. Por tal forma, porém, que não é na sua extensão total que o meu olhar normalmente incide. Ou seja de tal modo que, como se apontou, há também qualquer coisa como um <u>"território" temporal</u> do meu ponto de vista, um "território" a cujo domínio o curso do olhar normalmente se atém.

Da multiplicidade de planos que se estendem pelo passado, em regra não figuram no meu campo de apresentação senão aqueles que mais próximo se situam do presente em que de cada vez estou. É certo que de quando em quando, e com alguma regularidade, evoco episódios ou épocas do meu passado. É certo que algumas vezes ocupo-me mesmo a percorrer a sucessão do tempo em que fui, desde a infância, numa

revisão mais ou menos sistemática do que foi sendo de mim, que acompanha de forma continuada um conjunto relativamente extenso de sucessivos planos temporais. E, por outro lado, com uma frequência que depende dos livros que leio, das reflexões que faço,etc., dirijo o meu olhar para zonas do passado mais remoto, em incursões de que emergem, por exemplo, troços da vida das pessoas mais velhas, as primeiras duas décadas deste século, os últimos quatrocentos anos na Europa, o tempo de Platão, o Mesozóico, etc.. Mas estas incursões não fazem a regra. Ocorrem só espaçadamente numa perspectiva que normalmente está absorta num domínio mais próximo do presente, e em que todo o passado para que o ponto de vista se acha aberto está na verdade mais esquecido que outra coisa.

Sendo assim, esta é uma circunstância que entretanto me parece compensada pela mobilidade que, se quiser, sempre posso imprimir ao meu olhar--deslocando-o livremente por todo esse horizonte.

O meu campo de incidência no tempo não é fixo. Posso estendê-lo e muitas vezes estendo-o pelo passado fora, sem que nada pareça limitar a minha capacidade de o fazer.

E deste modo, se é verdade que também relativamente ao tempo em regra me atenho a um "território" e a perspectiva temporal de que disponho é muito circunscrita, por um lado disponho de uma total mobilidade do olhar, que me permite pôr em foco qualquer tempo passado e faz que o meu ponto de vista esteja irrestrita, absolutamente aberto a este respeito.

Todavia,se é este o reconhecimento da minha situação que naturalmente tendo a fazer, ele não corresponde à situação em que na realidade estou relativamente ao horizonte do passado.

Se reparar mais atentamente no que me oferece quando mobilizo o olhar na direcção do pretérito, verifico que as modificações de incidência que dilatam o meu campo de apresentação pelo passado e dão um acesso alargado ao horizonte do que foi na verdade se circunscrevem apenas a fragmentos do passado de que tenho indicação

(do passado que, se a indicação que tenho é verdadeira, houve deveras).

Assim acontece com todas as incursões que, deixando o horizonte de "lida" na esfera mais ou menos restrita do imediato, em todo o curso do meu ponto de vista fiz até aqui--até considerar expressamente, como agora faço, o problema do acesso em que me encontro relativamente ao tempo que já foi e ao campo da respectiva realidade. Quer incidam sobre um lapso de tempo relativamente curto (como quando rememoro passos da minha vida), quer abranjam longas extensões (como quando, por exemplo, perspectivo os últimos quatrocentos anos ou todo o Mesozóico), o alargamento do horizonte que nelas se produz é em cada caso um alargamento parcial, i.e. um alargamento que mantém completamente fechados(se assim se pode dizer, apagados, fora de acesso) outros horizontes do passado diferentes daqueles que se põem em foco (mas não menos reais do que eles).

Quando me volto para o curso da minha infância, quando perspectivo os últimos quatrocentos anos ou considero os milhares e milhares de anos do Mesozóico, o meu ponto de vista--desperto então para estes domínios temporais--mantém tão fora de si, tão excluídos do seu campo o tempo da baixa idade média, o pleistocénio, o paleolítico superior, ou o século V A.C., por exemplo, quanto excluídos, fora de acesso se achavam e voltam a achar aqueles tempos que então foco (a minha infância, os últimos quatrocentos anos, etc.)na situação de absorção pelo seu horizonte imediato em que o meu ponto de vista normalmente se encontra.

De tal modo que mesmo quando exercida a mobilidade de que o ponto de vista goza, e em virtude da qual parece não estar preso a um "território" temporal, deixa habitualmente fora do campo de apresentação que se tem, apagados, por focar, âmbitos muito significativos do passado (e mesmo a maior parte dele).

Mas, se é assim, se é esta a situação de ocultação do passa-

do em que normalmente me acho, mesmo quando movo a incidência do meu olhar sobre ele--se é esta a situação em que me mantive até considerar o problema do escondimento ou não escondimento em que o passado se mantém relativamente ao meu ponto de vista--não é verdade que estou aqui perante uma forma de escondimento que é ultrapassável, que posso eliminar?

Se as perspectivações do passado que normalmente realizo são apenas parciais e se revestem das características apontadas, nada há que me prenda ao âmbito circunscrito dessas perspectivas, posso precisamente conjugar os âmbitos que nelas são focados isoladamente e alargar o âmbito de incidência do meu ponto de vista em conformidade com toda a indicação do passado que nele se acha. Que me impede de considerar sistematicamente os últimos trinta anos, desde que "cá estou", os anos que os precederam até ao princípio do século, e os quatro séculos precedentes, mais os 1500 anos até ao começo da nossa era, e os milhares de anos até ao paleolítico superior, e daí remontando até ao proterozóico, e assim sucessivamente, sem hiatos, nem perda ou esquecimento de nenhuma extensão do tempo que houve ? Aparentemente nada. E, deste modo, é possível ultrapassar o carácter meramente fragmentário da incidência, estendê-la por forma a que acompanhe toda a indicação do passado de que disponho.

Mas será mesmo assim?

Observando mais atentamente, verifico que o alargamento sistemático do horizonte de passado sob focagem tem uma grande dificuldade em processar-se por forma a ser verdadeiramente englobante e a não deixar de fora nenhum tempo. Posso alargar o âmbito de consideração do último milhão de anos para três milhões de anos, de três milhões de anos a dez milhões de anos--e assim sucessivamente, sem limite. Mas de cada vez o âmbito alargado deixa ainda por abarcar extensões de tempo anteriores àquelas que compreende. E por mais que faça regredir o horizonte, nada me garante que não continue ce

go relativamente a tempo que houve, nada me garante que a realidade desse tempo não se mantenha escondida relativamente ao meu olhar.

Mais ainda: não só nada me garante que isso não aconteça, mas pelo contrário é a própria indicação do tempo, com que me acho, que irrecusavelmente inculca que fica tempo ainda para lá daquele a que sucessivamente me vou reportando, tempo e mais tempo relativamente ao qual o esquecimento, o meu não-o-olhar têm ainda de vir a ser suprimidos.

Mas não somente isso: não só se me inculca que há ainda mais extensões de tempo por focar e que o empreendimento de focagem de cada vez ainda não esgota todo o horizonte do tempo que tenho indicado como passado, mas também nada garante que esse tempo que sempre continua ainda por focar não tenha dimensões tais que, relativamente a ele, todos os milhões de anos já focados não representem senão uma pequena parcela do passado.

De forma inexplícita sugere-se-me o contrário. Essa não é uma possibilidade que naturalmente se me apresente--tendo a não ver assim a situação. Manifesta-se nisso a forma da finitude naturalmente dominante no meu ponto de vista, em função da qual, na ambliopia que caracteriza toda a minha perspectiva a respeito dos horizontes externos, tendo a encarar isso que de cada vez reconheço em falta como parte complementar de um todo que já tenho (e não como um todo de que o já conseguido seja só uma pequena parte).

75

Mas na verdade pode muito bem acontecer que assim seja e é até mesmo o que a tese natural, implicando o reconhecimento de um tempo sempre antes de qualquer tempo dado, sugere que aconteça. De tal modo que só aparentemente consigo cobrir de uma forma efectiva todo o passado cujo horizonte se me indica.

Desenha-se assim, para lá do escondimento do passado em que naturalmente estou, quando não me preocupo com o problema, um escondimento que persiste, inelutável, mesmo quando procuro enfrentá-lo

e dissipar o esquecimento em que se mantém. A indicação de horizontes de passado "transborda" sempre a consideração deles a que chego.

*

Não é este, porém, o ponto que decisivamente desfaz a aparente solubilidade, a aparente susceptibilidade de supressão com que naturalmente tende a apresentar-se o confinamento do ponto de vista relativamente ao passado, quando desta forma fica apercebido. Nem é este o ponto que verdadeiramente põe em evidência como a posição do ponto de vista a este respeito é a de um confinamento esmagador.

O ponto decisivo é antes um outro, de cuja ponderação resulta claro que toda a perspectivação do problema desse confinamento, tal como até aqui se realizou, é inteiramente insuficiente, está viciada, não permitindo ver nas suas verdadeiras dimensões o abismo de escondimento em que o passado na verdade se acha.

Este outro ponto decisivo diz respeito aos dois fenómenos anteriormente identificados, o fenómeno do esbatimento dos limites e o fenómeno de representação espúria de totalidades, que aqui desempenham um papel não menos marcante do que na perspectivação da continuação da realidade no espaço.

Considere-se, em primeiro lugar, como também aqui o fenómeno da perspectivação inautêntica de totalidades se insinua na consideração dos horizontes do passado, desvirtuando-a e introduzindo escondimento do escondimento.

Do mesmo modo que na representação dos horizontes de continuação da realidade no espaço, para lá do campo de apresentação de que disponho, também na perspectivação dos diversos tempos que já foram o ponto de vista é polarizado por representações espúrias, por

meio das quais facilmente foca uma totalidade de quaisquer dimensões, por maiores que sejam (centenas, milhares, milhões, biliões de anos,etc.)--de tal modo que, ao fazê-lo, parece estar levado a essa totalidade, acompanhando-a, numa posição de franco acesso a e la. Quando de facto semelhantes representações deixam inteiramente fora da multiplicidade, do conjunto de diferentes momentos reais em cuja indicação consistem, a que o seu sentido corresponde.

Assim, posso sem qualquer dificuldade considerar o último milhão ou mesmo trilião de anos, ou extensões de tempo ainda mais vastas. Ao fazê-lo, tenho uma certa consciência de isso ser qualquer coisa que de algum modo me ultrapassa, mas nenhuma verdadeira notificação concreta de insuficiência (e muito menos de total insuficiência) na ideia que faço dessa dimensão de tempo. Pelo contrário, o meu ponto de vista perspectiva-se como estando aberto para esse período de tempo, como se o acompanhasse, por assim dizer, por ele fora e, ao considerá-lo, o cobrisse e o tivesse dado a si. Falo e ouço falar de um milhão de anos, como falo e ouço falar de qualquer outra coisa. É familiar a noção de tempos assim imensos, compreendo-a sem sequer me deter nela. E quando o faço, não emerge da notícia que assim tenho nenhuma apercepção de a minha noção disso ser inadequada, de estar envolvido no tempo assim indicado um abismo esmagador de escondimento.

Se, entretanto, atentar melhor no que de facto me está dado quando assim concebo, e se confrontar esse dado com a própria indicação que tenho do que isso (um milhão de anos, por exemplo) significa, o que verifico é que não acompanho a imensa duração, a imensa multidão de posições de tempo que aí está significada e ainda menos a imensa multidão de posições de realidade--de entidades e acontecimentos--que tiveram lugar nesse período. Ou seja: verifico que, se o meu ponto de vista de facto se pode de algum modo voltar para esse tempo e ter notícia dele, a notícia a que tem acesso é de tal ordem que de facto deixa por completo fora de si própria (e, por con

sequência, para lá do que se tem, em escondimento, retiradas, oclusas)--extensões muito consideráveis e, na verdade, a quase totalidade da multiplicidade de momentos e a quase totalidade da ainda mais avassaladoramente imensa multiplicidade de entidades, de acontecimentos a que a perspectivação desse período se refere.

Na verdade, se o que está fixado no sentido "um milhão de anos", por exemplo, é uma extensão de tempo bem precisa (essa e não outra, com uma duração determinada e a que tem de corresponder uma multiplicidade definida de posições temporais, completamente diferente da que estabelece, por exemplo, o sentido"cinquenta biliões de anos" ou o sentido "cem mil anos--ou mesmo, já mais próximo de "um milhão de anos", o sentido "um milhão e cinquenta mil anos"), o que tenho quando perspectivo um milhão de anos de passado não é senão um conteúdo muito vago, qualquer coisa como uma perspectiva de continuação indefinida, de prolongamento quase sem fim pelo passado fora--ou melhor, uma confusa representação de grandeza desmedida, de uma imensidade de tempo tal que todo o prolongamento, todo o recuo que se perspectiva a partir do momento em que estou fica muito aquém de a esgotar ou sequer de se lhe aproximar de longe.

Ora este conteúdo vago (este "muito, muito tempo") dá-se-me na verdade exactamente o mesmo em correspondência ao sentido "o último milhão de anos", ou 50 biliões de anos, ou cem mil anos ou um milhão e cinquenta mil anos.

É certo que, confrontando os diferentes sentidos em questão, tenho uma clara noção da respectiva diferença e percebo, por exemplo, que 50 biliões de anos excedem em muito cem milhões. Mas o que faz perceber essa diferença não é a perspectiva que em cada caso tenho dessas extensões de tempo mas a compreensão da diferença da "fórmula" que as indica, a compreensão da diferença da própria indicação. Assim, se tentar focar o último milhão de anos e se fixar o conteúdo a que desse modo acedo, e se, por outro lado, separadamente ten-

tar focar os últimos cinquenta biliões de anos e de novo fixar a perspectiva a que chego, ao fazê-lo, e se comparar as duas perspectivas, encontro na verdade exactamente o mesmo.

A fórmula de sentido que em cada caso aponta e circunscreve as extensões de tempo referidas é diferente. Mas essa fórmula não se traduz e não é capaz de se traduzir ("desenvolver") em correspondência ao seu sentido e de tal modo que se tenha o que nela está indicado. Nos diferentes casos, a remissão para o próprio tempo em causa, para esse tempo de extensão determinada (remissão em que a fórmula, a indicação consiste) é como que tolhida e absorvida num mesmo fenómeno de apresentação de "muito, muito tempo" que é sempre o mesmo e que não corresponde à indicação formulada. Assim, às diferenças abissais entre as extensões de tempo consideradas (por exemplo entre um milhão e cinquenta biliões de anos: 49 biliões e 900 milhões de anos--ou, não indo tão longe, entre um milhão e um milhão e cinquenta mil anos: cinquenta mil anos,etc.) nada, absolutamente nada corresponde na perspectiva a que a focagem desses tempos leva--a perspectiva é, como se procurou mostrar, exactamente igual.

De tal modo que há biliões e biliões sc. milhões e milhões de anos que de todo em todo estão sumidos nas perspectivas que assim tenho--de que, não obstante o rigor da quantificação que lhes está associada, estas perspectivas estão perdidas.

Poderia talvez pensar-se que a igualdade do que efectivamente se perspectiva num milhão de anos ou num bilião de anos não resulta forçosamente da redução a um padrão mais pequeno na concepção do tempo mais vasto--que essa igualdade poderia também radicar num excesso na concepção das mais pequenas, nada obrigando assim a que a inadequação em causa corresponda a uma perda.

Mas não.

Por mais que me esforce por traduzir numa multiplicidade efectivamente acompanhada por mim um período com as dimensões de um mi

lhão de anos, perco-me infinitamente aquém disso, como se não conseguisse dilatar a minha perspectiva na imensidão-de-vezes-todas-as-durações-que-conheço a que na verdade percebo que corresponde.

Compreendo o sentido do que se me indica em "um milhão de anos" o suficiente para, atentando bem no que aí se me aponta, compreender precisamente essa incomensurável ultrapassagem, a inatingível transcendência disso em relação a todo o tempo, a toda a duração que sou capaz de abarcar no meu ponto de vista.

Isto, por um lado, em relação à própria duração enquanto tal, à própria multiplicidade de momentos correspondentes a um tal tempo. Mas, por outro lado, e a fortiori, em relação à absolutamente inabarcável multiplicidade de realidades que tiveram lugar nesse tempo--ou seja à multiplicação do incomensurável, do imenso que, como se viu já, há em cada tempo, pela incomensurável imensidão dos diferentes tempos em que realidades dessas dimensões podem ter sido no espaço de um milhão de anos.

De tal modo que, se já é assim relativamente a um milhão de anos, à multiplicidade temporal e ao horizonte de realidades a que isso corresponde, é-o por outro lado ainda mais, incomensuravelmente mais, no que diz respeito a um bilião de anos, em que a imensidão do tempo correspondente a um milhão de anos imensa, inabrangivelmente aumenta. Assim no que diz respeito à própria multiplicidade temporal de que se trata. E assim ainda muito mais, inconcebivelmente mais, no que toca às realidades que todo esse tempo que já foi pôde ter em si.

Todos estes períodos de tempo, assim tão extensos, ultrapassam de modo avassalador tudo o que sou capaz de acompanhar efectivamente e, por mais que alargue o ângulo de perspectivação em que procuro vê-los, o que logro alcançar não é senão uma pequenissima parte do tempo que está em causa na respectiva indicação. De tal modo que o que fica de fora (num horizonte que não tenho ponto de vista pa-

ra ver) é precisamente a quase totalidade desse tempo--uma totalidade que não sei, justamente não sei a que é que corresponde, em que é que consiste--que constitui antes um abismo que não sou capaz de abarcar.

2.1.1.6 Análise sistemática dos horizontes do passado. Os horizontes mais próximos e de mais pequena dimensão na óptica da supressão do esbatimento dos limites e das representações espúrias de totalidade--os últimos 1000,500,100,50,20,10, 5 anos,o último ano,os últimos 4 meses, o último mês,os últimos 15 dias,os últimos dias,o último dia, as últimas horas,a última hora,a última meia-hora,os últimos 5 minutos: apuramento do carácter inabarcável,abissal do escondimento correspondente a todos estes horizontes.Condições de uma apercepção não distorcida do campo de latência correspondente ao passado.O ABISMO DE ABISMOS DE ABISMOS do passado inacessível.

Entretanto, se é assim relativamente a extensões de tempo "astronómicas", como essas, também aqui o fenómeno não ocorre somente porque, segundo se me inculca, o passado se estende com a amplitude esmagadora de milhões e biliões de anos.

Poderia parecer na verdade que, se tenho de reconhecer finitude relativamente a esses tempos muito extensos, apesar de tudo disponho de um horizonte de acesso ao que foi ainda assim muito amplo --muito aquém sem dúvida dessas astronómicas extensões mas de todo o modo com dimensões consideráveis.

Mas não. Vendo bem, não é isso que sucede.

Exactamente o mesmo que ocorre na perspectivação de milhões ou biliões de anos passa-se também, por exemplo, na consideração dos timos milénios. Também aqui a perspectiva que se me dá de facto nã "leva"ao tempo para que a indicação remete, é outra que a multipli cidade a que esta se refere--um fenómeno vago a que o tempo em cau sa se mantém exterior, um fenómeno em cuja detenção a multiplicida de real desse tempo permanece oclusa, sob escondimento.

Se separadamente focar os últimos mil anos e os últimos dois mil anos, o fenómeno que se me apresenta de facto não difere--à diferença de mil anos entre as duas extensões nada corresponde no fenómeno dado.

Também aqui são imensas, a perder de vista, as extensões de tempo de que se trata. E também relativamente a elas o meu ponto de vista não tem de facto uma "abertura" que lhe permita dilatar-se, se assim se pode dizer, para as acompanhar de forma adequada, em correspondência às indicações de que dispõe. Também aqui são imensas, a perder de vista, ultrapassando tudo o que sou capaz de conceber, as extensões de tempo que me escapam, que a perspectiva que tenho deixa fora do seu âmbito, perde. E também aqui, se isto é assim no que diz respeito à própria extensão do tempo, a amplitude da perda cresce ainda muito mais em tratando-se dos domínios de realidade que nela se situaram. Pois as dimensões do que então se trata ascendem a qualquer coisa equivalente à multiplicação das dimensões da continuação da realidade no espaço (como em 2.1.1.2 e 2.1.1.3 se tentou focá-la) pela inabarcável multiplicidade dessas muito longas extensões de tempo.

Mas por outro lado o campo de perda, de não acompanhamento, não se detém nessas extensões de tempo ainda assim vastas. Estende-se mais perto, a extensões mais pequenas.

Pois, vendo bem, exactamente o mesmo acontece ainda se forem somente de quinhentos, duzentos ou cem anos as extensões de tempo que considero.

A interposição de representações inautênticas de totalidade que ilusoriamente dão o passado, mas que na verdade o escondem--e, por outro lado, a incapacidade de traduzir, desenvolver a indicação que tenho (de aceder ao que está indicado, mesmo quando percebo a natureza inautêntica das representações que se interpõem e procuro perspectivar de forma adequada--não afectam apenas o passado remoto e imensamente extenso, verificam-se também relativamente

a tempos como esses, menos extensos e que tenho como relativamente próximos.

Mas ainda aqui a percepção do fenómeno da representação espúria de totalidades do passado continua dominada pelo próprio fenómeno que detecta. E de tal modo que se queda muito longe de perceber na sua verdadeira dimensão o escondimento que na verdade impera.

Com efeito, ainda que se tenha vindo progressivamente a evidenciar que não é só relativamente a tempos de dimensões astronómicas que o fenómeno da representação inautêntica tem lugar, a perspectiva alcançada continua ainda a compreender a inacessibilidade do passado como algo que tem fundamentalmente a ver com a inabarcabilidade de grandes extensões de tempo (como ainda são, por exemplo, cem, duzentos anos).

É de facto completamente omissa e deixa ainda indeterminado o que acontece com as extensões de tempo mais pequenas, isto é com aquelas cuja acumulação constitui as extensões de tempo relativamente extensas cuja transcendência já percebe.

Isso deve-se por um lado ao fenómeno de esbatimento dos limites. Do mesmo modo que relativamente ao espaço, também relativamente ao passado a perspectiva em que naturalmente me encontro caracteriza-se por não se achar nela concretamente assinalado até onde remonta a apresentação de que disponho, onde acaba o seu alcance e onde começa um domínio a que o olhar não chega. E, do mesmo modo que relativamente ao espaço, também relativamente ao passado esse esbatimento dos limites produz uma difusão do campo de apresentação, uma propagação dele para além dos limites que propriamente o confinam. Por tal forma que me compreendo numa abertura indefinidamente ampla, e na verdade (como já se verá) muito mais ampla do que aquela em que efectivamnete estou.

E, se na situação normal este esbatimento dos limites faz que

na verdade o acesso ao passado não apareça concretamente limitado, a percepção de limites no acesso a extensões de tempo relativamente grandes deixa a vigorar o esbatimento dos limites, a não-demarcação definida do que se acompanha e do que não se acompanha, em todo o horizonte para aquém dessas grandes extensões.

Concomitantemente, e por outro lado, verifica-se aqui o mesmo fenómeno de "inércia" do ponto de vista já evidenciado no exame do que acontece com a interposição de representações espúrias de totalidade relativamente à consideração da realidade no espaço.

Explicando melhor:

Ao perceber, por exemplo, como a minha perspectiva de um milhão de anos é espúria e como esse tempo não se dá, transcende o meu ponto de vista, nada se acusa relativamente à natureza do acesso que tenho ao tempo de um milénio; e quando se manifesta a dificuldade do acesso a um milénio, nada se acusa relativamente à posição de acompanhamento ou não acompanhamento em que estou relativamente ao tempo de cem anos. Há uma espécie de "inércia" do meu ponto de vista, em virtude da qual se queda na verificação da sua finitude relativamente às extensões de tempo de cada vez em causa e não passa à averiguação da medida em que o mesmo fenómeno se verifica ou não nos tempos menos extensos--i.e. à averiguação de "onde" deixa de ocorrer a interposição de representações inautênticas de totalidade, onde deixa de ser transcendente e estar escondida a multiplicidade real do tempo que se me indica (onde é que, por assim dizer, tenho na verdade um acompanhamento do tempo que já foi, um verdadeiro estar-com-ele em posição de efectivo acesso).

Ora o que acontece é que exactamente o mesmo regime de interposição de representações inautênticas e de incapacidade de "recuperação" do tempo que já foi aparece sempre de novo, por mais que reduzamos o âmbito, por mais que estreitemos a dimensão de tempo considerada, até ao mais pequeno e ao mais próximo do tempo em que se está.

A inércia mediante a qual fica em aberto, por determinar, onde, por assim dizer, se "perde o pé" no contacto com o que foi faz que, de facto, percebendo-se a inautenticidade dos apresentados que se têm relativamente às totalidades de tempo mais vastas (um milhão, mil, cem anos,etc.), se mantenham ainda assim em funcionamento representações espúrias de totalidade relativamente a extensões de tempo internas a esses todos (consoante os casos, respectivamente representações de milénios, séculos, décadas, anos, meses, semanas, dias, e até mesmo horas, etc.)--representações espúrias que, dominando o ponto de vista, escondem o escondimento em que as multiplicidades temporais assim referidas de facto se encontram na posição de acesso em que me tenho.

Ora, tal como relativamente a extensões como a dos últimos cem anos, também relativamente a 50, 20, 10 ou 5 anos, e de facto também relativamente ao último ano, aos últimos 4 meses ou ao último mês há na verdade um horizonte de escondimento--e o horizonte de escondimento que há é de grandes dimensões.

À primeira vista não parece poder ser assim ou de qualquer modo não se manifesta a medida em que o é. Mas pode-se pôr em evidência a extraordinária amplitude de que também aqui o escondimento se reveste.

Considero, por exemplo, o último mês. Ao fixar-me na consideração dele, o meu ponto de vista não tem a seu respeito nenhuma notificação de escondimento. Este mês vivi-o eu próprio, foi-me dado, está ainda "fresco" na memória. E se quiser, posso desenrolá-lo ante os meus olhos--começou assim, passou-se isto e aquilo, depois aqueloutro, e assim sucessivamente. O mês lembrado e o mês real como que se identificam por completo--ou, quando não, havendo alguma falhas na memória que dele tenho, são de qualquer modo muito pequenas, reduzem-se a um porte meramente lacunar as falhas que assim têm cabimento a seu respeito.

O que normalmente acontece com a notícia do mês que assim passou é, entretanto, que não me concentro nela. Ocasionalmente volto-me, debruço-me sobre essa notícia. Mas o que, mesmo assim, em regra faço com ela, quando dessa forma emerge, é passar adiante, à consideração de outras coisas que me ocupam.

Se o não fizer, porém, se atentar no que nela tenho, encontro também nela uma grande ambiguidade.

Sei, por exemplo, que atendi o telefone um número indeterminado de vezes, que almocei e jantei 60 vezes, que me deitei 30, que saí e entrei em casa muitas vezes mais, que me sentei e levantei desta secretária com uma frequência ainda maior, etc.. Mas não encontro estas 60 refeições, uma a uma, as vezes que me sentei à secretária e me levantei dela, etc.. Posso esforçar-me e consigo recuperar ainda algumas, mas fico sempre muito aquém daquilo que sei que teve lugar.

E se por outro lado tentar reconstituir o mês, segui-lo no seu curso, começando pelo seu primeiro dia e percorrendo o que sucessivamente foi vivido, depressa compreendo que me restam apenas como que pequenos troços do que houve, emergindo aqui e ali, dispersamente, como clareiras, de um horizonte muito mais vasto, que já não sou capaz de"preencher", de reconstituir naquilo que comportou. Do mês que foi, a maior parte está na verdade perdida para o meu ponto de vista--já transcende.

Mas não é só por essa enorme perda de conteúdos, se assim posso dizer, relativamente ao mês que houve, por essa incapacidade de recuperar as determinações que efectivamente obviaram nesse tempo, que a apresentação do mês que naturalmente tenho disponível se revela como uma apresentação espúria de totalidade. Poderia haver esse "esfumar"dos conteúdos, essa como que dissolução da sua maior parte num "limbo" de indistinção, mas por forma tal que eu tivesse da própria distensão temporal que foi o mês em causa um acompanhamento adequado, que ma desse.

Mas não. Também aqui, se pura e simplesmente, sem atender a mais, procurar recuperar a "duração" que foi, a multiplicidade real do tempo em que fui sendo, o que tenho de facto é um confuso dado de tempo relativamente extenso, de tal modo que não se me apresenta a própria multiplicidade dos momentos, da duração em causa, ou seja, de tal modo que o conteúdo que se me oferece deixa fora de si (e, assim, estando ele dado, escondida, fora de acompanhamento) a sucessão do mês que vivi na realidade. Por mais que procure acompanhar o tempo correspondente a um mês, ter uma visão adequada da sua multiplicidade, pôr perante mim, em toda a sua amplitude, o intervalo que lhe corresponde, fico sempre muito aquém de o conseguir preso numa apresentação que de facto não se consegue dilatar por forma a abarcar essa totalidade de momentos.

A situação do ponto de vista em que me encontro caracteriza-se precisamente por esta ambiguidade da notícia que em si tem do mês que foi. Por um lado, compreende esse mês, tem notícia dele--de tal modo que pode justamente perceber que o que o constitui transcende a notícia que dele tem. Por outro lado não consegue anular a transcendência, não consegue alcançar isso de que tem notícia e, nesse sentido, compreendê-lo verdadeiramente.

76

*

Mas, entretanto, aquilo que acontece relativamente ao último mês acontece também na verdade já relativamente à última semana.

E do mesmo modo, vendo bem ,mesmo já relativamente a um só dia --ao meu dia mais recente: ao dia que agora mesmo passou.

Se tentar reconstituir o curso das últimas vinte e quatro horas, tenho sem dúvida um acompanhamento mais "fresco" e mais preciso do que aquele que me está dado do que aconteceu há vinte e qua-

tro dias, em relação ao qual já sei muito pouco ou quase nada de preciso. Mas, por outro lado, vendo bem, não consigo ainda assim se não recuperar alguns troços, com muitos hiatos. Estou muito longe de conseguir reconstituir tudo o que fiz, tudo o que vi, tudo o que se passou comigo nestas vinte e quatro horas, começando pelas 11h 45m de ontem, e seguindo instante a instante até à mesma hora de hoje, em que agora estou. E, para além disso, independentemente dos conteúdos que preenchem esse tempo, não estou de facto também em condições de recuperar o que é a duração de 24 horas, a própria "travessia do tempo" que isso constitui.

Passei vezes sem conta períodos de 24 horas, tenho experiência a este respeito. Mas isso não me habilita a ter na sua "dimensão" o período considerado. Pois a "travessia" de durações como essa--e de durações muito maiores--faz-se sempre na verdade com o mesmo ângulo de abertura em que estou agora (acompanhando de cada vez uma determinada extensão de tempo mais próxima e não tendo do demais tempo que já se percorreu senão representações inautênticas da sua totalidade). De tal modo que ter atravessado tempos de 24 horas ou muito mais do que isso não constitui nunca uma autêntica sinopse desses períodos de tempo. Vivendo sempre a vinda de tempo e de mais tempo, essa travessia nunca proporcionou um acompanhamento pleno do tempo por que passou, manteve sempre o olhar fechado no quadro do tempo de cada vez mais próximo, só com uma apresentação "horizontal" do tempo já antes percorrido--com uma apresentação que fica muito longe de um efectivo acompanhamento dos diferentes momentos que o compõem.[77]

Mas, para além disso, aquilo que acontece com um dia acontece também, mesmo que numa outra medida, ainda relativamente a uma extensão de tempo tão "pequena" como é a da última hora que passei.

E assim também, por mais que à primeira vista não pareça crível, relativamente aos últimos cinco minutos.

Sei que nos últimos minutos procurei por várias vezes focar e ter em evidência a fuga e escondimento do passado, sei que escrevi sobre o papel algumas frases, que movi as mãos, olhei para a janela, vi as horas, pensei num telefonema que aguardo a todo o instante, verifiquei se o aquecimento estava a funcionar, ouvi distintamente a chuva. Mas não encontro tal como foram (tenho já, por assim dizer, desvanecidas) essas tentativas, ainda há pouco feitas, de perceber o escondimento do passado, não as consigo já recuperar. Não tenho presentes já quais propriamente as frases que escrevi (e muito menos os diversos momentos, as diversas fases da sua composição, do esforço que a elas conduziu). Não encontro os meus diversos gestos com as mãos e os demais movimentos do meu corpo. Não encontro os meus olhares pela janela e especificamente o que é que vi. Não consigo determinar quando, ao certo, me desloquei até ao aquecimento, quantas vezes e em que circunstâncias se me tornou distinto o bater da chuva,etc..

E se, por outro lado, procurar reconstituir os cinco minutos em causa a partir do seu primeiro momento (que não sei bem, de resto, onde se situa), se tentar segui-los no seu curso, passo a passo, como foram, na multiplicidade dos momentos e acontecimentos que neles vivi, depressa compreendo que dos cinco minutos que ora foram me restam apenas como que "episódios" soltos, emergindo aqui e ali de um "entre-eles" mais vasto, que de algum modo sei, mas que não encontro, que já não sou capaz de "reconstituir".

Mas mais ainda. Se atentar por sua vez nestes episódios que não estão apagados, que ainda assim retenho, verifico que também relativamente a eles a apresentação que se me dá não recupera o acontecimento em causa, antes padece de uma espécie de perda de nitidez, de uma perda de elementos, de uma "contracção" relativamente ao que de facto o constitui, ao complexo de realidade que representa.

Tenho, por exemplo, uma clara perspectiva de me ter aproximado

do aquecimento para ver se estava a funcionar. Sei que foi uma só vez, só não a sei situar exactamente na sucessão de momentos antes e depois. Procuro focar o mais precisa e o mais completamente possível a deslocação que então fiz e fixo o que assim se me apresenta. Se, entretanto, me levantar de novo e me dirigir ao aquecimento pelo caminho que então forçosamente mais ou menos tive de seguir, o que acontece, o conjunto de momentos e apresentações que corresponde a este movimento surge como algo de longe muito mais complexo, na diversidade de momentos e de apresentações que inclui, que a perspectivação que tenho da deslocação passada. Ou seja ,a apresentação que tenho da deslocação que fiz ainda há pouco surge--ao ser confrontada com a experiência, que ora faço, de uma deslocação que, segundo as minhas teses, é análoga--como um núcleo impreciso, desvanecido, de que está ausente a maior parte da multiplicidade (tanto de tempos, quanto de determinações) que pertence a uma deslocação como a que está em causa. É como se da deslocação realizada tivesse ficado apenas qualquer coisa como uma súmula, uma condensação da determinação fundamental que caracteriza a sua vivência; como se de algo de concreto, de várias dimensões e com um grau elevado de complexidade, ficasse só qualquer coisa como um escorço, uma versão contracta. E assim também relativamente aos outros episódios que retenho deste período.

Mas isto que acontece relativamente às vivências concretas por que passei nestes 5 minutos verifica-se também, **mutatis mutandis**, no que concerne à própria duração, ao próprio intervalo de tempo de que se trata.

Sem dúvida que cinco minutos não constituem uma duração muito longa mas qualquer coisa que até passa relativamente depressa, sem se dar por isso. Sem dúvida que acabo agora mesmo de atravessar um tempo assim, como o fiz aliás incontáveis vezes antes. De tal modo que não me falta experiência de tempos com estas dimensões. Mas,

por outro lado, se vir bem, verifico que, apesar disso, não consigo ter de cada vez uma perspectiva que acompanhe este intervalo em toda a sua amplitude. Verifico que o efectivo acompanhamento de duração que de cada vez consigo obter é de facto muito mais curto. Começo a acompanhar o intervalo de tempo correspondente a cinco minutos, a multiplicidade de tempo e mais tempo a que corresponde--e a meio caminho perco-me. Não consigo acompanhar numa efectiva sinopse a continuação do tempo por cinco minutos a partir de um determinado momento inicial. E se por outro lado seguir os diversos momentos na sua sucessiva adjunção depressa começo a perder,a deixar de ter efectivamente seguida, acompanhada, a multiplicidade que fica para trás desde o começo.

Isto não significa que esteja de cada vez fechado num horizonte de duração muito curta, aquém de cinco minutos. Tenho sempre um horizonte mais vasto, mesmo muito para lá de cinco minutos na direcção do passado. Mas, se tenho sempre um horizonte de tal ordem e se faço a travessia de cinco minutos (e de tempos ainda muito mais vastos), se esse é um "atravessar o tempo" que sempre de novo (como agora mesmo) realizo, verifico como de facto, por outro lado em cada momento dessa travessia tenho na verdade um acompanhamento efectivo consideravelmente mais estreito, reduzido a um âmbito muito pequeno. O que "alarga" o horizonte é uma forma peculiar de perspectiva de continuação do tempo para lá desse pequeno intervalo que efectivamente se acompanha, uma perspectiva que,parecendo dar-me um acompanhamento adequado também desse tempo, na verdade vê-o, se assim se pode dizer, como que "de longe", numa óptica de súmula de contracção, em tudo correspondente àquela que se verificou dominar na retenção das próprias vivências. De tal modo que há uma muito significativa perda da multiplicidade de que realmente se trata já no próprio intervalo correspondente a esses escassos 5 minutos --e, por maioria de razão, em intervalos maiores.

A "condensação", a perda da multiplicidade temporal e do que a

preenche cresce muito significativamente na passagem para o último quarto de hora, e a fortiori na passagem para a última meia-hora, e muito mais na passagem para a última hora, para as últimas três, seis, doze horas, ou o último dia, etc..

O passado não se perde só porque é apeado e substituído, se assim se pode dizer, na posição em que estamos--quer dizer, porque fica para trás, deixa de ser presente. Poderia acontecer assim e manter-se todavia uma notícia "incólume" do assim apeado. Mas não. O passado perde-se também porque, ao deixar de ser presente, ao converter-se em passado, a notícia, o acompanhamento do que assim fica para trás em larga medida se desfaz, se apaga.

Muito mais do que natural e desprevenidamente alguma vez suponho, deste modo, na contínua modificação que em mim e no que tenho faz o tempo que se vai, sobrevém também, mesmo relativamente ao mais recente, um contínuo apagamento do real com que estive em contacto, que foi "do" meu ponto de vista.

O abissal escondimento do passado "aperta-se"deste modo até ao mais próximo. Não são de maneira nenhuma apenas os tempos remotos, é o tempo mais imediato que se revela escapando-se-me, em recusa. O campo de escondimento relativamente ao passado começa logo directamente antes de onde estou e estende-se a partir daí, em crescendo, no sentido do passado mais remoto.

*

Mas, finalmente, também não é só porque assim faz estreitar o "cerco" do escondimento no horizonte do passado que a percepção deste volume de perda (de incompletude do acesso) no próprio domínio do que agora mesmo foi modifica o panorama, a situação de acesso em que nos vemos relativamente ao passado. Resulta dela ao mesmo tem-

po,na verdade, uma transfiguração das próprias dimensões do escondimento relativo às extensões de tempo mais vastas, que a partir daqui se apresentam ainda mais inabarcáveis do que já antes.

À semelhança do que se verificou na relação entre espaços mais pequenos e espaços maiores a inibição de representações inautênticas de totalidade relativamente aos tempos mais breves constitui um factor de expansão relativamente às durações mais longas (que correspondem a muitas, a inabarcavelmente muitas vezes esses tempos), fazendo modificar a compreensão da respectiva amplitude. Uma vez percebido o que me escapa só em cinco minutos, passo a ver de modo diferente a amplitude do que me escapa numa hora. Percebendo esta, passo a ver de modo diferente a amplitude do que me escapa em correspondência a um dia; e percebido isso, passo a compreender de modo completamente diferente o volume do escondimento correspondente a uma semana--e assim em multiplicações sucessivas, a partir das quais emergem com um novo e ainda mais esmagador vulto as extensões de tempo correspondentes a décadas, a séculos, a milénios, a milhões e biliões de anos,etc..

Tal como se apontou ao analisar o problema das representações espúrias de totalidade a respeito dos horizontes de continuação da realidade no espaço, também aqui, para se suprimir a interposição de tais representações, é necessária a satisfação de dois requisitos. Por um lado, é necessário que o reconhecimento do campo de escondimento se faça a partir dos horizontes temporais mais próximos e de mais curta duração (os últimos minutos), perspectivando a partir deles o escondimento relativo aos intervalos temporais mais extensos, numa focagem <u>ascendente</u>. Dessa forma impede-se que, ao detectar-se o fenómeno das representações espúrias de totalidade e operando-se essa detecção directamente sobre os horizontes temporais mais extensos, se mantenham em funcionamento representações inautênticas relativamente aos horizontes internos que constituem partes daqueles em relação aos quais a inautenticidade da representação

que se tem é posta em evidência.

E em segundo lugar, requer-se que essa focagem ascendente seja progressiva e esteja atenta aos saltos para que se tende na passagem dos horizontes de menor dimensão para os horizontes mais vastos, ou seja à extraordinária multiplicação do já muito amplo que corresponde à transição do campo de escondimento correspondente a cinco minutos para o campo de escondimento relativo a um quarto de hora e deste para o campo relativo a uma hora, e deste para o campo correspondente a algumas horas, e deste por sua vez para o campo correspondente a um dia--e assim sucessivamente numa imensa multiplicação do que não se acompanha, abrindo abismos e abismos de abismos, que se estendem em correspondência a décadas, séculos, milénios, milhões e biliões de anos de passado. Não se tendo em atenção tudo isto, perde-se a extraordinária amplitude dos campos de escondimento correspondentes aos intervalos mais vastos e, mesmo percebendo-se de algum modo que as extensões maiores não são de facto acompanháveis, a própria apercepção da transcendência desses domínios mantém-se sujeita à influência de representações espúrias de totalidade, ficando muito aquém de se aperceber das extraordinárias dimensões de que se revestem. De tal modo que deixa ainda a subsistir um muito amplo escondimento do escondimento, da incompletude, que de facto reina relativamente ao passado.[78]

*

Mas ainda aqui, ao produzir-se este esforço de focagem não distorcida das dimensões em que a extensão do passado se prolonga, não se está inteiramente desperto para o inconcebível volume do campo de escondimento que lhe corresponde. Há um aspecto decisivo que imperceptivelmente escapa e cuja consideração introduz mais um fac-

tor de multiplicação das dimensões desse campo.

Na verdade, se a perda, a retenção do meu ponto de vista relativamente ao real já tem as dimensões referidas no horizonte daquilo que ocorreu na minha própria vida (daquilo que eu mesmo de algum modo tive e se passou no meu "pequeno mundo"), muito maior se revela ela se, em conformidade com as teses que naturalmente sigo, perspectivo todo o vasto mundo da totalidade daquilo que foi nos diferentes momentos do passado, nas dimensões imensas em que este se estende. Esse mundo tem a cada instante as dimensões esmagadoras, da ordem das que se procuraram pôr em evidência em 2.1.1.2 e 2.1.1.3. Mas, além disso, a mudança de tempo multiplica pelas dimensões do próprio tempo a imensidão inabarcável do que há a cada instante.

Assim, se é já muito significativa a margem de escondimento correspondente aos últimos cinco minutos que vivi, muito mais significativo é o escondimento correspondente a esses cinco minutos nas vidas das diferentes pessoas que conheço; e muito mais extraordinário ainda relativamente à totalidade daquilo que durante esse tempo aconteceu na cidade em que me encontro; e incomensuravelmente mais inabarcável se passar a considerar o que em todo o país teve lugar nesses 5 minutos; e ainda mais inconcebível ao ter em vista esses 5 minutos em toda a Europa; e esses 5 minutos em todos os continentes; e em toda a superfície da terra; e no todo desta, etc etc..

Mas, se isto é assim, por outro lado ainda muito mais esmagadora se torna a perspectiva do não-tido se não for esse o intervalo de tempo considerado mas sim as últimas 24 horas. E ainda muito mais esmagadora se considerar a última semana. E muito, muito mais se passar a estar em causa o último mês. E ainda muito mais se passarem a estar em causa os últimos 6 meses, o último ano, e os últimos 10 anos--e assim sucessivamente. [79]

Considerando assim--e só assim, em simultânea redução das re-

presentações espúrias de totalidade relativamente à continuação da realidade no espaço e relativamente às dimensões do tempo, se consegue inibir a distorção para que se tende na perspectivação da realidade do passado, se consegue anular o escondimento do escondimento que nela se tende a impor--o volume do campo de escondimento que se abre na direcção do passado, logo a partir do mais próximo, do "agora mesmo" mais imediato que vivi, e que se estende por toda a inconcebível multiplicidade do que em mim e para além de mim houve no passado mais remoto, atinge proporções verdadeiramente inabarcáveis, incrivelmente esmagadoras, em relação às quais é quase nada aquilo que efectivamente sou capaz de acompanhar na minha perspectiva.

*

Com esta subtracção no acompanhamento daquilo que já foi é em primeiro lugar um conjunto importante de elementos do meu mundo que se me subtrai e mantém encoberto.

Isto, antes do mais, em relação a mim próprio, no muito grande horizonte do meu passado--que, vendo bem, a despeito de tudo aquilo de que tenho memória, descubro que se me esconde. Se me concentrar à procura de o ter ante mim, de o ver claramente no que foi, consigo levantar, sem dúvida, muitos momentos do seu curso. Mas, vendo bem, são apenas episódios (e episódios que, para além do mais, tenho numa apresentação abstracta, que deles também deixa escapar a maior parte da imensa multiplicidade a que correspondem) num horizonte incomparavelmente mais vasto que não se me dá, se me mantém escondido. Se ponho este horizonte em perspectiva a partir do que verifico já escapar-me apenas nos últimos momentos que ora foram e se projecto a partir daí a forma como a dimensão do que me escapa se alarga relativamente aos últimos 10, 20, 30 minutos, ao últi

mo dia, às últimas semanas, e assim sucessivamente até ao último mês, dele para vários meses e para um ano, dele para vários anos e destes para décadas, o campo de escondimento que passa a desenhar-se , mesmo que não vá além de três décadas, apresenta-se não obstante como qualquer coisa imensa e inabarcável--como algo que, por mais que procure coligir o meu passado, alargar o acompanhamento que dele tenho, excede esmagadoramente o meu ponto de vista, deixando fora de alcance a maioria de tudo aquilo que nele houve.

De tal modo que, se quiser verdadeiramente ver o que foi a minha vida até aqui, não encontro senão um amontoado de fragmentos, organizados num punhado de contrastes (que vivi aqui e ali, morando nestas e naquelas casas, que até um determinado momento e a partir daqueloutro convivi mais ou menos permanentemente com estas ou aquelas pessoas de que me lembro, que segui este e aquele percurso escolar e profissional, que nunca estive neste ou naquele lugar ou fiz esta ou aquela coisa, etc.). Mas a cada um destes aspectos que assim sei do meu passado corresponde um horizonte de dias e dias, meses e meses, anos e anos, que, procurando-o, se mantém fora da minha perspectiva--que não consigo encontrar nem na extensão que efectivamente teve (no que fui eu a passar por todo esse tempo) nem nas determinações da realidade que em todo esse tempo por mim foi vivida. De dias e dias, meses e meses, e mesmo de anos e anos,não consigo recuperar absolutamente nada--ou de qualquer modo encontro apenas muito pouco. Por mais que procure, assim,o meu próprio passado, não consigo recuperar dele senão troços dispersos, subsistem esses grandes intervalos sem preenchimento, que tendem a passar despercebidos, mas que na verdade constituem a maior parte. De facto não consigo sequer acompanhar efectivamente o que foi durar cerca de 30 anos, o que foi eu viver todo esse tempo.

Vendo bem tudo isto, a "posse" evidente do meu passado, em que normalmente me sinto constituído, sofre uma perturbação--e o que eu mesmo fui emerge como algo em grande parte indisponível, que me es-

capa. Emergindo deste modo um escondimento não de qualquer coisa a lheia e mais ou menos remota, mas, por estranho e inadmissível que pareça, um colossal **escondimento de mim mesmo** relativamente ao meu ponto de vista.

Mas, se isto é assim relativamente a mim mesmo e ao meu passado, é-o ainda muito mais relativamente aos sessenta e tal anos da vida dos meus pais, a que em grande parte, pelo menos, só tenho acesso por relatos soltos.

E é ainda muito mais assim a respeito dos cerca de noventa anos da vida dos meus avós.

Também aí se abrem campos de escondimento absolutamente a perder de vista, mantendo-me inacessível o tempo que cada um deles foi--e ao dizer-se assim procura-se pôr em evidência um aspecto que, ao considerar tudo isto, salta aos olhos, com estranheza: que não ter esse tempo que eles foram traz de algum modo (mas em todo o caso de um modo efectivo, indespedível, que não se deixa eliminar, que levanta de facto uma barreira) não os ter a eles--um escondimento deles próprios.

Ao mesmo tempo, são também todas as apresentações por que me oriento a respeito do passado, quando dele me ocupo, e através das quais naturalmente me parece dispor de um acesso a ele, que emergem a uma luz completamente diferente. Apresentações como "o século XIX", "o século XV", "a idade média", "o império romano", "a civilização egípcia", "o paleolítico superior", e mesmo apresentações de âmbito mais restrito como "a segunda guerra mundial", "a revolução francesa", "o reinado de D.João II", "o tempo de Cristo", etc. evidenciam-se no carácter ilusório da sinopse que naturalmente parecem fornecer e na extraordinária amplitude da perda, do campo de escondimento que tê-las, mesmo que com uma grande acumulação de dados, de conhecimentos a seu respeito, de facto deixa subsistir. 80

E por mais que se desça a uma especificação, circunscrevendo o

âmbito, o excesso, o formidável, inconcebível excesso das realidades do passado, como se indicam, mantém-se não somente em relação a tudo o que fica fora do âmbito circunscrito, mas para além disso também no que diz respeito a ele. Sendo já em relação a mim e ao meu passado, mesmo o mais próximo, tão ampla a margem de escondimento que limita o meu acesso, é-o **a fortiori** em relação a qualquer outro foco do passado correspondente aos outros que aí foram e cresce desmedidamente na multiplicação inabarcável desses focos. Mesmo supondo condições óptimas de acesso, todas as apresentações de que disponho, por mais abrangentes que pareçam ser, cobrem na verdade apenas âmbitos fragmentários, episódicos--pequenas bolsas num campo de escondimento de dimensões inconcebíveis. E, para além disso, têm um carácter"infinitamente" condensado relativamente às multiplicidades reais de tempo e de determinações a que se referem, deixando fora de si a esmagadora maioria delas.

Quer esteja com uma indicação não actualizada do horizonte do passado, em alheamento relativamente a ele, quer essa indicação se actualize e foque o passado (em focagens abrangentes e "informadas daquilo que nele teve lugar), em todo o lado, mesmo naquilo que foco, pululam campos de escondimento--e o excesso dos domínios de realidade em causa sobre aquilo que efectivamente acompanho é sempre esmagador, irrepresentável.

De tal modo que não é só no horizonte espacial que o campo de apresentação tem uma conformação caprichosa, irregular, que o fenómeno do esbatimento dos limites disfarça, "arredonda"--por tal forma que nos perspectivamos como se a conformação do campo fosse a de qualquer coisa como uma grande clareira à nossa volta, com limites que em todas as direcções nos são distantes e não estão à vista nem definidamente situados em parte nenhuma. Também no que diz respeito ao horizonte do passado o que efectivamente tenho comigo apresentado, são bolsas de acompanhamento, "filamentos" de tempo de realidade acompanhada, aqui e ali, num horizonte a que não te-

nho acesso. E isto de tal modo que esse horizonte de opacidade começa logo muito próximo de mim--no passado mais recente, e no meu passado--e se estende em dimensões inabrangíveis pela realidade passada fora da minha própria vida e no tempo anterior a ela. Numa extraordinária desproporção relativamente à amplitude do que sou capaz de acompanhar, que cresce cada vez mais extraordinariamente quanto mais distantes no tempo e mais amplos são os domínios do passado, e mais esparso, ínfimo, o acompanhamento que se tem deles.

2.1.1.7 O abismo de escondimento do FUTURO. Discussão preliminar da sua natureza peculiar como domínio de realidade. Desconstrução dos fenómenos que ocultam o escondimento que reina a seu respeito. A antecipação do futuro--análise da sua estrutura. O carácter escondido do futuro antecipado na perspectiva da destruição de todas as representações espúrias de totalidade. Condições para uma apercepção não distorcida do campo de realidade correspondente ao futuro. A fragilidade da antecipação natural do futuro e a peculiaridade do seu modo de escondimento: o futuro como "ὄπισθεν".

É esta a amplitude do escondimento que se revela ao conjugar o horizonte da continuação do real no espaço e o horizonte do tempo que houve antes daquele em que estou.

E o que assim se perspectiva tem já uma dimensão esmagadora, ante a qual o campo daquilo a que propriamente tenho acesso surge como um ínfimo enclave.

Mas, se isto é assim, por outro lado, por mais completa que seja já, a respeito desses horizontes, a supressão do esbatimento dos limites e a supressão das representações espúrias de totalidade, reina ainda imperceptivelmente neste reconhecimento daquilo que se esconde um fenómeno de apagamento de limite, um complexo de representações espúrias de totalidade, que subtraem à vista um âmbito, na

verdade não menos esmagador e não menos escondido, de continuação da realidade para lá do que me está imediatamente dado.

Esse âmbito é o do futuro.

Não cabe aqui analisar em todos os seus momentos o complexo de problemas que corresponde a esta noção. Trata-se apenas de mostrar como também "deste lado" do tempo se abre para o ponto de vista uma fronteira, e de pôr em realce os fenómenos que impedem que essa fronteira apareça na plenitude do seu porte, no abismo de escondimento que também nela confina com o campo da apresentação que na verdade temos disponível.

*

Se considero o futuro e a possibilidade de nele também haver um campo de escondimento de dimensões esmagadoras, para que, no modo como normalmente vejo e sempre tendo a ver, não estou alerta, duas dificuldades se suscitam que parecem pôr em causa essa possibilidade.

Por um lado, e à semelhança do que acontece com o passado, também no caso do futuro não se trata propriamente de uma realidade que de alguma forma se encontre a ter lugar, e que, estando a passar-se, escape ao alcance do ponto de vista. Aquilo que será ainda não tem, em cada momento em que se está, nenhuma realidade. Constitui antes qualquer coisa que justamente ainda não é--e que, portanto, no sentido próprio do termo, não está, não pode estar escondida.

Por outro lado, uma segunda dificuldade diz respeito a esse alegado apagamento do futuro como domínio de escondimento e levanta-se por parecer que, ao contrário do que se sugere ao falar-se de um apagamento do futuro como campo de escondimento, o escondimento do futuro é algo que desde sempre já se sabe, é naturalmen-

te um dado adquirido e mesmo trivial, que não constitui nenhuma novidade para o ponto de vista em que habitualmente se está.

Consideram-se em primeiro lugar estas dificuldades, para, depois, examinar a "frente de escondimento" (a esmagadora frente, muito para lá do que naturalmente se concebe) que o horizonte do futuro na verdade encerra.

No que diz respeito à primeira dificuldade, se de facto no momento em que de cada vez me encontro a realidade do futuro ainda não está constituída, ainda não "veio a si"--e se, neste sentido, o futuro propriamente nunca é, ele próprio não existe (o que tem lugar não é senão de cada vez um presente novo, que advém, que se levanta--e o futuro não constitui senão a expectativa que se tem desse presente antes de ele se dar, a posição em que aparece quando justamente ainda não é)--por outro lado, mesmo sendo assim, essa expectativa e, com ela, esse domínio do presente que ainda não é (ainda a vir), é qualquer coisa que já está a fazer diferença na abertura às coisas em que nos achamos. É qualquer coisa que desse modo já está constituída e forma um peculiar campo de continuação da realidade com que me tenho, tão integrante dela e tão importante como os outros.

Conquanto não constitua uma realidade que em si própria já é aquilo que é, o futuro também não se reduz a nada, a um inteiramente nada que, como tal, também não pode estar escondido (não pode constituir algo em relação ao qual o ponto de vista tem uma falha de acesso).

O futuro constitui um horizonte, qualquer coisa de próprio, diferenciado--que, mesmo ainda não sendo, sempre já impende," vem aí", e em relação ao qual posso já dispor de um domínio, de um acesso, ou, pelo contrário, estar numa situação de não-acompanhamento, de "cegueira".

O que acontecerá no resto da minha vida, por exemplo, é qualquer coisa que neste momento de todo em todo ainda não é, ainda não está

constituída. Tal não impede, porém, que isso seja na verdade irredutível a um absoluto nada, que isso constitua uma "frente" de realidade em relevo no meu horizonte, uma realidade diferenciada, distinta de outras, com o seu carácter e o seu peso próprios no campo de realidade em que me movo. E tal não impede também que em relação a isso, a isso que virá, o meu ponto de vista possa estar ou numa posição de acompanhamento, de prévio domínio das determinações que serão as suas, ou, pelo contrário, numa posição de escondimento, numa posição tal que isso se mantém inacessível e o futuro para que vou é qualquer coisa que a minha perspectiva não cobre, não tem revelado.[82]

No que toca à segunda dificuldade, naturalmente que nada há mais trivial do que este escondimento daquilo que será (tantas vezes e de tão diversas formas expresso na linguagem comum--"ninguém sabe o dia de amanhã", "o futuro a Deus pertence", etc.).Tudo isto constitui mesmo um lugar-comum. Mas de facto, a despeito de toda a compreensão que comummente se tem (e com que de algum modo sempre se está) de que assim é, a <u>verdade</u> disso é algo para que o meu ponto de vista no seu curso normal <u>não está desperto</u>. Esse reconhecimento vulgar do carácter escondido do futuro corresponde normalmente apenas a um distraído saber que é assim, a uma perspectiva que na verdade nem chega propriamente a <u>olhar</u> para o futuro e fica muito distante de uma apercepção viva, aguda, desse escondimento e da amplitude, do porte de que se reveste. De tal modo que também aqui, não obstante esse reconhecimento, essa tese corrente sobre a insondabilidade do futuro, <u>não tenho nenhuma real apresentação de escondimento</u>, nenhum efectivo confronto com ele.

*

Assim, antes do mais, quando desta forma se reconhecem as incertezas do futuro, tudo o que ele tem de imprevisível e a impossibilidade, em que se está, de arredar esse seu encobrimento, o que na verdade se perspectiva tem um carácter tal que, por um lado, compreende a apercepção de que não se pode saber exactamente o que acontecerá na continuação do tempo (i.e. que muito provavelmente acontecerão coisas que não se prevêem e não se podem prever na situação do presente em que se está). Por outro lado, coequaciona-se também aí a impossibilidade de excluir absolutamente que, mesmo no que toca àqueles aspectos que de algum modo já podem ser previstos e se prevêem, tudo se venha a passar afinal de modo diferente daquele que é previsto, com que se conta.

Ora na realidade acontece que esta habitual compreensão do desconhecimento do futuro coexiste com um conjunto de antecipações do que nele terá lugar que só parcialmente, e de forma bastante restrita, estão coarctadas por essa compreensão. De tal modo que de facto se está inexplicitamente numa perspectivação do futuro para a qual este figura como algo que fundamentalmente já se sabe, já se"vê"--e não como um domínio verdadeiramente não sabido, inacessível e em relação ao qual se esteja efectivamente "a zero".

Assim, por muito que compreenda e até medite a incerteza que paira a seu respeito, não tenho habitualmente uma perspectiva neutra em relação ao futuro "para que vou", ou seja uma perspectiva correspondente a uma completa incerteza, a um estar inteiramente "em branco" acerca dele. Não: ainda que de uma forma implícita (sem que pense nisso, sem que o que assim se perspectiva constitua algo sobre que me detenha, em que o meu olhar incida), reina uma antecipação de que depois ainda estarei vivo como até aqui, e de que este estado-de-coisas se manterá assim ainda um tempo considerável, reina uma antecipação de que continuará a haver pessoas à minha volta, como até aqui, que se manterá a sucessão dos dias, meses, anos, que persistirá mais ou menos o conjunto das realidades que me

são familiares,etc..

É complexo e difícil de fixar exactamente o conteúdo deste conjunto de antecipações (mesmo porque em muitos aspectos não tem uma determinação inteiramente definida, precisa, mas sobretudo pelo seu carácter implícito, não temático).Mas **grosso modo** pode dizer-se que a antecipação vigente corresponde à perspectivação de uma <u>persistência</u> das coisas no futuro, sensivelmente <u>iguais</u> àquilo que foram no passado--perspectiva que está como que confirmada, reforçada pela homogeneidade que justamente caracteriza todo o passado percorrido até ao momento em que se está, i.e. pelo facto de a antecipação dessa continuação das coisas que antes já havia relativamente ao que então ainda era o futuro ter sido preenchida, verificada na experiência da realização desse futuro(agora já descoberto, já passado).

O reconhecimento, a que sempre estamos dispostos, de que há uma imprevisibilidade do futuro, e de que mesmo relativamente aos aspectos que parecem mais certos em última análise não é possível excluir absolutamente que o que se prevê não se venha a confirmar na realidade, deixa de facto completamente intacto este núcleo de antecipações inexplícitas que sempre já dominam a nossa perspectiva.

Ao olhar a próxima semana, o próximo mês, o próximo ano, a continuação da minha vida, cada um desses campos apresenta-se sem dúvida como algo relativamente ao qual há em mim algum desconhecimento, sim, e mesmo uma margem de desconhecimento relativamente ampla Mas domina de facto em mim a evidência de tudo isso como uma continuação daquilo que tem sido, preenchida por acontecimentos, episódios que ainda desconheço, mas que no fundo não equivalem senão à multiplicidade de modalidades de <u>especificação</u> concreta dessa natureza, desse conteúdo fundamental de <u>continuação</u>, a partir do qual o futuro está apercebido, e na verdade vale como sabido, dominado já pela perspectiva de que disponho.

Assim, por mais que tematicamente predomine o reconhecimento do escondimento em que está o futuro, no plano não-temático subsiste uma perspectiva de saber a seu respeito, que, pelo facto de ser inexplícita, não deixa na verdade de se impor e de conformar o modo como vejo aquilo que "aí vem".

Mas não somente isto. Com efeito, não acontece apenas que coexistam na minha perspectiva um reconhecimento de ignorância (de não-acesso) e por outro lado uma presunção de saber relativamente ao futuro--como se estes dois aspectos pura e simplesmente se sobrepusessem, não se afectassem mutuamente. Pelo contrário. Há uma articulação entre ambos. E essa articulação não é tal que dela resulte de algum modo um predomínio da apercepção de escondimento relativamente ao futuro, funciona antes de tal modo que, não obstante o seu carácter implícito e discreto, é a antecipação positiva do que será, é o saber do futuro que prevalece em nós sobre a perspectiva que se tem da sua opacidade, do seu encobrimento. A tal ponto que esse saber enquadra e absorve em si o reconhecimento do não-ter,do escondimento em que o futuro se acha.

Por discreta, por inconspícua que seja (e tanto que quase não se dá por ela), a antecipação que se acha estabelecida constitui de facto qualquer coisa como um conhecimento fundamental do que será, profundamente arreigado no meu ponto de vista e que nele se inculca como dando do futuro já um acompanhamento, um saber fundamental. Não somente não há uma total ausência de perspectiva e o futuro é antes algo que de algum modo já se tem à vista, pelo menos nalguns aspectos não despiciendos, mas, para além disso, na verdade os aspectos que assim se inculcam como já estando "cobertos", apercebidos, constituem de facto, na perspectivação que se tem do futuro, o núcleo do que é decisivo nele, o quadro fundamental da sua natureza, daquilo que haverá--relativamente ao qual aquilo que ainda se desconhece e ainda está em aberto tem o carácter de um conjunto de especificações no âmbito desse quadro, de tal modo que o seu des

conhecimento é sentido de facto também no regime da lacuna dentro de um horizonte globalmente e no essencial já dominado.

Tem-se deste modo uma noção de que falta saber muitos aspectos do futuro (o que se passará na próxima semana, em todo o mês que vem, daqui a um ano,etc.) e percebe-se que não há qualquer possibilidade de conhecer antecipadamente isso, que pertence à natureza das coisas que tal permaneça e tenha de permanecer oculto até que justamente deixe de ser futuro e se converta em realidade. Mas esta inequívoca restrição no acesso ao futuro é de facto reduzida no seu alcance, relegada para um plano secundário, postergada pela perspectiva do saber fundamental que já se tem a seu respeito, de tal modo que olho o futuro e vou na sua direcção, a caminho dele, sem que aquilo para que assim me encaminho, e de que tenho apercepção, efectivamente me apareça como um campo de escondimento, que desconheço, para que sou cego.

O enraizamento deste saber do futuro é tão profundo que, mesmo quando, considerando a questão, sou levado a reconhecer que os próprios aspectos que aparentemente podem ser e são objecto de antecipação em última análise nada têm que os garanta absolutamente, não havendo nenhum meio de anular a possibilidade de subitamente, de uma forma inesperada, tudo, mesmo o mais certo, passar a ser de outro modo (a vida não continuar, a luz desaparecer de vez, deixarem de ser coisas que antes sempre foram), a evidência de que tal constitui efectivamente uma possibilidade tende a não mudar, a não afectar minimamente a antecipação de uma continuação mais ou menos igual do que já foi, de tal modo que é com ela que o ponto de vista na verdade conta e de tal modo que o futuro é visto como se essas outras possibilidades de facto em absoluto não subsistissem e a total continuação das coisas (a vida não terminando amanhã ou hoje, nem tão depressa, e as coisas no fundamental sempre tal qual como as conheço, etc.) fossem totalmente certas.

Deste modo, se à primeira vista parece estar-se sempre já plenamente a par de que o futuro constitui um domínio de escondimento, na verdade essa apercepção de escondimento está em grande medida neutralizada. E assim não há nenhuma verdadeira imposição do horizonte do futuro como um domínio fechado, completamente fora de alcance.

*

Mas se o quadro de compreensão do escondimento é normalmente aquele que assim se procurou definir--e se nesse quadro o escondimento percebido é circunscrito e reina de facto uma tese de domínio do futuro (uma perspectiva para a qual este é fundamentalmente transparente)--o que se apura olhando na direcção deste horizonte e examinando o que nele se abre tem características completamente diversas, é um horizonte de escondimento com outras--e muito mais abissais--dimensões.

Em primeiro lugar, e à semelhança do que já se verificou acontecer com os restantes horizontes externos, a perspectiva que se tem do futuro está marcada por um fenómeno de esbatimento dos limites, em virtude do qual não se acham fixadas as fronteiras entre o campo de efectivo acompanhamento e o domínio do que escapa. Por um lado, não está marcado de uma forma clara onde começa o futuro que não sei. Por outro lado, não se acha definido numa clara apresentação o conjunto de aspectos que, mesmo embarcando em pleno nas antecipações que temos constituídas, não se incluem no que elas já permitem antever--e permanecem sob encobrimento, em aberto.Toda a perspectiva que se tem a este respeito é uma perspectiva difusa, sem contornos, uma perspectiva, se assim se pode dizer, meio adormecida, em que não tenho um acompanhamento preciso mas por outro lado não vejo claramente a imprecisão do acompanhamento de que disponho, estou "insensibilizado" para ela. Em resultado disso, tal como nos

casos anteriormente considerados, está produzida uma expansão aparente do campo de acompanhamento de que se dispõe, que neste caso faz que se tenda a ver como escondido só o futuro mais remoto (perdendo-se de vista o escondimento que afecta mesmo o mais imediato) e que pareça muito menor do que de facto é a margem de aspectos do futuro não determinados nas antecipações que há.

Em segundo lugar, a perspectiva que se tem do plano de continuação da realidade no futuro está também ela tolhida por representações espúrias de totalidade. De tal modo que a apresentação normalmente tida deixa fora de si, não acompanhada, a esmagadora maioria da multiplicidade que a própria indicação de que se dispõe aponta corresponder ao domínio do futuro. E isto, por outro lado, de tal forma que, apercebendo-me eu do carácter inautêntico das apresentações que me estão dadas, por mais que procure vencer esta restrição, ela mantém-se, não a consigo ultrapassar.

Assim, exactamente as mesmas dificuldades que se levantam a respeito do acompanhamento das extensões de tempo passado (puramente enquanto tais, i.e. mesmo sem entrar em linha de conta com a abissal multiplicidade de conteúdos que preenchem cada um dos "momentos" de que constam tais extensões) manifestam-se também no que toca às extensões de futuro. Ao conceber o horizonte dos próximos cem anos, por exemplo---e por maioria de razão ao conceber extensões de futuro ainda mais latas--aquilo que tenho representado e que desprevenidamente me parece cobrir, dar uma perspectiva sensivelmente adequada desse tempo, revela-se na verdade, se o examinar imensamente aquém de acompanhar a extraordinária multiplicidade de posições temporais para que a indicação dessas extensões remete. O que consigo acompanhar não é senão uma ínfima parte do intervalo de tempo de que se trata.

Também aqui funcionam normalmente representações espúrias a tapar a inabarcabilidade dos horizontes de que se tem indicação. E

também aqui a percepção do carácter espúrio dessas representações deixa o nosso ponto de vista na apercepção de uma transcendência total desses horizontes em relação a tudo aquilo que é capaz de ver, na apercepção de que "não está à altura" desses horizontes, não tem ângulo de abertura para eles.

Por outro lado, essa completa ultrapassagem do ponto de vista pela multiplicidade do horizonte temporal, que não consegue acompanhar, não se produz de maneira nenhuma apenas nessas extensões relativamente dilatadas, antes também em campos temporais mais restritos.

Se considerar apenas o tempo--já significativamente inferior a esse--que, mesmo na mais larga das hipóteses me resta para viver, e se atentar bem no que se me oferece quando concebo as algumas dezenas de anos a que isso corresponde, verifico que tenho precisamente apenas uma confusa noção de muito tempo, mas em que de maneira nenhuma se apresenta a multiplicidade correspondente de posições temporais--que na verdade nem de longe consigo acompanhar. Muitas vezes tenho comigo uma imagem desse resto da minha vida, em presenças mais ou menos fugidias, mais ou menos focadas e insistentes. E habitualmente parece-me dispor de uma sinopse--como se visse isso, como se isso se pusesse de algum modo ante os meus olhos. Mas na verdade, mesmo só atendendo à pura multiplicidade da duração que esse tempo todo representa, não consigo de maneira nenhuma fazer uma ideia minimamente próxima desse tempo, não consigo ver que é que efectivamente, se durar esse máximo do que julgo ser possível, será passar ainda umas dezenas de anos, "atravessar" esse tempo.

E assim também se considerar apenas os meus próximos dez ou cinco anos, os meus próximos dois anos ou apenas os doze, os seis, os três próximos meses, os próximos trinta e os próximos quinze dias, a próxima semana, os próximos dois dias, as próximas vinte e quatro, doze ou duas horas, a próxima meia-hora ou mesmo os próximos quinze minutos da minha vida.

Em qualquer destes casos--e mesmo até onde a extensão temporal em causa, sendo mais pequena e trivial, à primeira vista parece perfeitamente abarcável e susceptível de ser acompanhada sem dificuldade--se tentar fixar a multiplicidade que de cada vez se indica como havendo de ser, verifico que não sou capaz de focá-la efectivamente e por tal forma que a correspondente extensão de tempo futuro propriamente me apareça.

À semelhança do que sucede relativamente aos outros horizontes externos, também aqui só me apercebo verdadeiramente das dimensões do que assim me ultrapassa a partir da compreensão do excesso e escondimento que já se verifica nas mais pequenas extensões de tempo futuro (i.e.percebendo o escondimento que já afecta o horizonte dos próximos cinco minutos, e a partir deste o que tem lugar relativamente ao próximo quarto de hora, e a partir dele o que se reporta à próxima meia hora, e em função desse o escondimento relativo à próxima hora, e por ele o que corresponde ao horizonte das próximas horas, e de um só dia, e dos próximos dias, e de uma semana, e a partir daqui o que corresponde às próximas semanas da minha vida, e assim sucessivamente em relação a meses, anos,etc..

Mas, se isto é assim no que diz respeito à pura extensão temporal, é-o ainda mais relativamente à multiplicidade concreta do que terei comigo nesse tempo: daquilo que viverei ao passar por ele. Essa multiplicidade corresponde à extraordinária complexidade do que há comigo a cada instante e à imensa multiplicação que produz sobre a própria diversidade da extensão do tempo, constituindo um domínio muitas vezes mais inabarcável do que o dela. Se tendo a conceber a margem de não-acompanhamento que tenho em relação à minha vida futura como prendendo-se fundamentalmente com a circunstância de não saber <u>que é que</u> se passará nela, o horizonte do que concretamente terei a preencher a minha vida na verdade não me escapa apenas por me faltarem ainda as determinações concretas que serão,

mas também porque, com uma margem ainda mais extraordinária do que relativamente à pura extensão do tempo em causa, é incomensuravelmente transcendente em relação a tudo o que concebo a própria amplitude da multiplicidade real em causa.

Desta forma, não é apenas o campo da minha vida passada que (como se procurou mostrar, e ao contrário do que naturalmente, numa ilusão de domínio e transparência, me parece) está, se assim se pode dizer, fechado numa peculiar inacessibilidade que não o permite ver senão com apagamento, perda da esmagadora, da abissalmente esmagadora maioria daquilo que (segundo a própria indicação que tenho) o constitui. Também a minha vida futura, o horizonte daquilo que serei, mesmo admitindo que a antecipação de continuação se confirmará e ainda quando não houvesse (como há) outros factores de escondimento, é qualquer coisa em que se passa exactamente o mesmo e que não consigo ver de forma que efectivamente a acompanhe.

Sendo a perder de vista, assim, já no que diz respeito apenas ao horizonte da minha vida, o campo de escondimento correspondente ao futuro eleva-se a proporções cada vez mais esmagadoras relativamente ao futuro para lá dela, tanto no que diz respeito ao futuro depois de mim (aos próximos duzentos, trezentos, quinhentos, mil anos, aos próximos cinco, dez, vinte mil anos, e assim por diante num crescendo de abissais multiplicações de abismos), quanto no que concerne o futuro fora do campo circunscrito em que se move a minha vida: os próximos cinco minutos na cidade em que estou (constituindo um horizonte de realidade muito mais inabarcável do que o dos cinco minutos que eu próprio viverei), e essa mesma extensão de tempo em toda a região, e, para além disso, em todo o país, e na Europa, e em todos os continentes, e na globalidade do planeta, etc.-- num crescendo onde o campo de escondimento ascende a proporções cada vez mais extraordinárias. E assim ainda muito mais para os próximos dez, vinte, trinta minutos, na cidade, na região, no país, na Europa, nos continentes todos, etc., e similarmente para as próximas

horas, para os próximos dias, semanas, meses, etc., em âmbitos cada vez mais latos, onde as dimensões do campo de escondimento se elevam a proporções cada vez mais desmedidas e incomportáveis, a cada vez maiores abismos de abismos.

As dimensões do campo de escondimento que o horizonte do futuro comporta são deste modo completamente diferentes do que à primeira vista se nos antolha e do que está apercebido no reconhecimento natural do futuro como campo de escondimento. A distracção em que normalmente se está também relativamente a este horizonte externo faz escapar, passar despercebido este estado-de-coisas. Mas suprimindo essa distracção, focando o domínio do futuro numa verificação do que nele está e não está ao alcance, é este quadro de extrema restrição que se põe a nu.

*

Toda esta apercepção de escondimento do futuro move-se ainda, porém, no terreno de uma pressuposição, de um assentamento a seu respeito, que não permite ver exactamente a posição de reserva em que efectivamente se acha em relação ao nosso ponto de vista. Os aspectos considerados têm a ver com uma limitação da capacidade de abrangência do nosso modo de ter as coisas--que parece estar só dimensionado para um acompanhamento do horizonte próximo, daquilo que imediatamente o rodeia, e não tem amplitude para abarcar os horizontes que ultrapassam esse âmbito restrito (sejam eles espaciais ou temporais)--numa palavra, se tudo isto é assim por efeito de uma estreiteza, de um acanhamento global do campo de acesso, a verdade é que, por outro lado, há ainda um factor adicional de ocultação do futuro (e que de um outro modo ainda mais radical encobre o seu horizonte, constituindo-o num abismo de escondimento).

Este factor adicional prende-se com a fragilidade da antecipa-

ção do futuro, tal como naturalmente se acha constituída e domina o nosso ponto de vista. Ou seja, com a fragilidade da fixação, que sempre já está constituída e nos domina, de que o futuro terá o carácter de uma continuação homogénea daquilo que tem sido--por uma forma tal que só deixa em aberto as especificações, as modalidades concretas em que tomará exactamente corpo essa continuação.

Conforme referido, não oferece dificuldade de maior reconhecer o carácter não absolutamente certo de todas as antecipações que tenho feitas. É relativamente fácil perceber que o campo do futuro é qualquer coisa sobre que o meu ponto de vista "não tem mão", que não domina--de tal modo que, em última análise, não posso absolutamente excluir que tudo aquilo sobre que incidem as minhas antecipações venha afinal a revelar-se completamente diferente do que nelas se prevê.

Mas, na verdade, e tal como também se acentuou, por efeito de um peculiar fenómeno, esse reconhecimento de uma fragilidade de princípio na antecipação que assim de antemão capta o futuro tende a não afectar efectivamente o irrestrito domínio que a antecipação exerce sobre a forma como se vê.

Reconhece-se que em última análise a antecipação do futuro pode falhar. Mas não se suspende o"funcionamento"de facto de uma certeza do futuro, de um efectivo contar com ele tal como está fixado na antecipação. E de tal modo que, relativamente a este "funcionamento" da antecipação, a esta adesão a ela, a incerteza reconhecida não vale senão como qualquer coisa de remoto, abstracto, inefectivo--que não afecta o modo como se vê e na verdade não "pesa", não muda nada.

Reconhece-se, por exemplo, ser possível, não se poder excluir, que a vida acabe já no momento que se segue. Percebe-se ser essa a situação em que se está. Mas não se leva a sério essa possibilidade. Mantém-se antes de facto uma irrestrita adesão à antecipação de

que, pelo contrário, se "estará cá" ainda algum tempo, e na verdade ainda bastante tempo.

Isto é assim por duas razões.

Por um lado, em virtude precisamente do modo puramente abstracto como a insondabilidade do futuro, a possibilidade de vir a diferir das antecipações, é reconhecida. Essa possibilidade, o "em aberto" que lhe corresponde, não chega efectivamente a ser levada a sério como algo que realmente impende na situação em que se está. E desta forma a antecipação da matriz essencial do futuro como continuação homogénea do que tem sido, o "embarque" nessa antecipação, a adesão a ela, mantêm-se num funcionamento pleno, imperturbado.

Mas, por outro lado, isso é assim também por uma outra razão que interfere mesmo quando o reconhecimento da opacidade do futuro ultrapassa esse registo abstracto (que não atinge, não move efectivamente a posição de antecipação em que se está) e se produz uma efectiva apercepção de escondimento. Essa outra razão tem a ver com a circunstância de a antecipação ter um conteúdo múltiplo e estar constituída de uma forma implícita, não temática.

Resulta daqui que o ponto de vista, mesmo estando envolvido na antecipação, "embarcado nela", não se apercebe distintamente de todo o complexo de aspectos em que tem antecipado o futuro e a sua homogeneidade relativamente ao que tem sido. Com isso possibilita-se que o espectro dos momentos de antecipação atingidos pela compreensão de incerteza não cubra todo (e na verdade tenda normalmente a cobrir apenas numa reduzida parte) o complexo de antecipação, deixando a funcionar em pleno (inapercebido, mas dominando o ponto de vista e pondo nele um inexplícito saber do futuro) todo o resto do complexo.

E isto justamente de tal modo que os aspectos da antecipação que normalmente são atingidos são precisamente aqueles aspectos menos profundos, que respeitam à especificação, à sobredeterminação da matriz fundamental da antecipação--que, essa, se mantem inaperc

bida e inalterada.

Os aspectos mais profundos tendem a passar despercebidos, intocados--sem que se manifeste também em relação a eles a fragilidade da antecipação que os dá por assentes. Retém-se assim a compreensão da opacidade no quadro de aspectos secundários da antecipação que está constituída. De tal modo que, ainda quando o futuro é claramente percebido como um domínio de escondimento e se julga ser precisamente de reconhecimento desse carácter escondido a convicção que se tem a seu respeito, na verdade mantêm-se de pé os momentos decisivos em que o inexplícito saber do futuro fundamentalmente se apoia, está enraizado.

Se, conforme sublinhado, a tese de antecipação do futuro como continuação homogénea do que foi comporta uma multiplicidade de momentos, i.e. constitui um complexo de teses, as diversas teses envolvidas nesse complexo não têm um grau homogéneo de enraizamento. Há-as, pelo contrário, mais e menos arreigadas, mais e menos susceptíveis de serem revistas--quer dizer, mais ou menos susceptíveis de se suscitar questão acerca delas e de se aceitar a suspensão da sua vigência.

Desta forma, por exemplo--e só para bosquejar a complexidade da estrutura aqui em causa e os diversos graus de enraizamento que comporta--mesmo quando reconheço que todas as antecipações que tenho podem falhar, não só posso, mas inclusivamente tendo a continuar implicitamente a antecipar o futuro que me espera como uma continuação do meu quotidiano, uma continuação tal que estarei ainda para a semana na cidade em que me encontro, seguindo o meu horário habitual de trabalho, levando avante a redacção desta tese. Não conto que nada venha impedir esta continuação. Não conto que aconteça alguma coisa que interrompa o curso do meu quotidiano, me faça ter de ausentar da cidade ou parar o trabalho de redacção da tese. Por outras palavras, tendo a reconhecer a insondabilidade do

futuro sem aplicar isso mesmo que reconheço a esta expectativa concreta de continuação, em que não penso explicitamente, mas que de facto se mantém a vigorar.

Por outro lado, considerando a questão, posso perceber e experimentar efectivamente como possível que também esta antecipação venha a ser infirmada--e que na verdade aconteça qualquer coisa inesperada em virtude da qual venha a ser de facto uma semana muito diferente.

Mas, assim sendo, por outro lado, ao aperceber-me disto, não apenas pode, mas na verdade tende a manter-se inexplicitamente ainda intacta a antecipação por meio da qual conto de todo o modo com uma continuação da minha vida.

E se, por outro lado, também aqui, considerando a questão, me é dado reconhecer como possível que esta antecipação venha a ser infirmada, o reconhecimento da possibilidade de qualquer imprevisto vir a tornar diferente a semana que vem (a efectiva aceitação disso como uma possibilidade real, que na verdade impende) dá-se com muito mais facilidade do que a efectiva aceitação da possibilidade de a minha própria vida acabar em breve--amanhã, ainda hoje, ou mesmo dentro de momentos.

Se também posso chegar ao reconhecimento (e a um reconhecimento não abstracto, efectivo) de que em princípio tal possibilidade tampouco é susceptível de ficar excluída, o grau de enraizamento d tese de antecipação que a exclui é mais profundo. E há em mim uma maior resistência a deixar efectivamente de contar com a continuação da minha vida como algo certo :a aceitar deveras a possibilid de de estar já vivendo os meus últimos momentos.

Mas por outro lado, mesmo tendo levado a apercepção do escond mento do futuro ao ponto de tocar a própria antecipação da continuação da minha vida, mantém-se, tende a manter-se ainda de pé e tocada a antecipação segundo a qual continuará a haver toda a realidade que me cerca, o mundo como o conheço e sempre tem havido a

té aqui.

Se se suscitar questão acerca disso, a possibilidade de vir a ser infirmada esta antecipação afigura-se ainda muito mais remota do que todas as anteriores. Tende a parecer inteiramente adquirido, "necessário" que, depois, estando eu ainda vivo ou não, continue a haver mais ou menos as mesmas coisas que houve até aqui (a cidade em que estou, ou pelo menos algumas cidades, outras pessoas, florestas e montanhas, mares, os dias vindo, etc.). É, se assim se pode dizer, mais admissível a suspensão da minha existência do que a supressão da continuação da realidade que me rodeia.

E, finalmente, mesmo admitindo a possibilidade de grandes transformações dessa realidade (desaparecer a cidade em que me encontro, serem substituídas muitas das coisas que conheço, etc.), tende ainda a manter-se de pé (e, suscitando-se a questão, a parecer inquestionável) a antecipação de que as variações que pode haver respeitarão de qualquer modo as estruturas fundamentais da realidade tal como me são familiares (continuar a haver coisas com o mesmo carácter de realidade que conhecemos, com uma determinada localização, uma determinada duração no tempo, com as estruturas de permanência e de identidade que até aqui sempre tiveram, etc.).

Independentemente de serem justificadas ou não estas diferenças (e ver-se-á já que na verdade não o são, correspondem apenas a um condicionamento), os múltiplos momentos do complexo de antecipação que está sempre já a dominar a nossa perspectiva têm de facto estes diversos graus de enraizamento. E a apercepção da opacidade do futuro, a compreensão de que não se pode excluir que a antecipação falhe, tende a deixar ilesos os momentos mais profundos, mais óbvios, da antecipação (respeitantes à estrutura do mundo, à matriz fundamental do modo como está constituído) e a afectar apenas os aspectos mais específicos, mais de pormenor.

Um núcleo fundamental de antecipação tende a impor-se sempre ain

da atematicamente como perfeitamente óbvio, subtraindo-se a todo o reconhecimento do não-alcance do ponto de vista a respeito do futuro.

*

Mas se há esta multiplicidade de teses de antecipação, e se por tendência só as teses menos profundas são afectadas pela apercepção do carácter escondido do futuro, pesem embora todas as resistências que deste modo se opõem a uma efectiva admissão da fragilidade de toda a antecipação, na verdade não é apenas relativamente às antecipações mais específicas, mais de pormenor, que há opacidade do futuro, mas relativamente a <u>todas</u> as suas determinações, incluindo aquelas que parecem mais antecipáveis e insusceptíveis de serem postas em causa.

Ou seja, e seguindo a própria escala fixada nos exemplos dados não é apenas relativamente ao conteúdo específico da minha vida na semana que vem (ou a qualquer outro conteúdo específico equivalente) que a antecipação em que me tenho pode falhar.

Vendo bem, tendo a conceber a possibilidade de uma modificação da minha vida na semana que vem, a possibilidade de ela ser diferente da continuação do quotidiano que normalmente tenho antecipada, ainda dentro de um quadro muito restrito, que se circunscreve a um conjunto de possibilidades que de algum modo já me são familiares. Mas na verdade não é somente desse tipo de possibilidades que se trata. Não posso excluir a possibilidade de virem a acontecer coisas inteiramente diferentes de tudo aquilo de que tenho noção. Não posso por exemplo excluir a possibilidade de vir a acontecer algo de extraordinariamente bom, para lá de tudo o que sou capaz de conceber agora, algo que transfigure completamente a minha existência, abrindo-lhe possibilidades inteiramente novas. Não posso excluir a possibilidade de, pelo contrário, vir a acontecer al-

go de extraordinariamente perturbante, para lá de tudo o que sou capaz de conceber agora, e que me esmague e desarticule o modo como estou adaptado à vida. Tendo a excluir, mas na verdade também não posso excluir a possibilidade de vir a alterar-se radicalmente a perspectiva segundo a qual compreendo as coisas (me percebo a mim próprio e àquilo que me rodeia), de tal modo que se transfigure por completo o reconhecimento que tenho feito disso, o aspecto com que se me oferece, impõe.

E por outro lado não é apenas em relação à minha vida continuar-se deste e daquele modo (com ou sem inovações revolucionárias ou de monta) mas também relativamente à própria continuação enquanto tal (e à possibilidade de vir a haver somente uma continuação muito curta ou mesmo nenhuma continuação) que há opacidade do futuro e que a antecipação que em mim domina, não obstante todo o ascendente que tende a exercer, é frágil. Posso mesmo estar a viver agora os meus últimos momentos. Não tenho possibilidade nenhuma de excluir que assim seja e que a antecipação de continuação da minha vida, em que tendo a embarcar, se venha na verdade a provar desajustada.

Mas mais do que isto. Na verdade não é só relativamente à possibilidade de a minha vida se extinguir, continuando porém o mundo mais ou menos com as mesmas realidades que lhe conheço, que o futuro se mantém sob reserva, não está sob domínio. Essa possibilidade verifica-se também relativamente à antecipação que tenho sobre a própria natureza da realidade a que estou habituado, e à possibilidade de, com ou sem extinção do meu acontecimento, tudo sofrer transformações drásticas no modo como é--deixar de haver os sítios que me são familiares, a luz, as cores que conheço, outras pessoas, a terra e o céu, como sempre tem havido,etc..

Mas mais ainda. A possibilidade de as coisas virem a ser de outro modo que não aquele que tendo a antecipar abrange mesmo as pró

prias estruturas que, independentemente de ela ter esta ou aquela determinação, enformam globalmente a realidade que conheço. Ainda que me pareça que essas estruturas são inerentes e que, mude o que mudar, tem de continuar por exemplo a haver sempre coisas, diferentes umas das outras, com um carácter de permanência, integrando um "mundo" como uma relativa coerência, pode de facto vir a desarticular-se todo este quadro que sempre se manteve, podem emergir formas de realidade "aberrante", inteiramente outras relativamente a tudo o que conheço--formas que justamente não sou capaz de conceber, mas cuja possibilidade nem por isso estou em posição de excluir.

E tudo isto, por sua vez, não apenas para um futuro mais ou menos remoto--daqui a muito tempo, ou só para a semana, ou, quando muito, amanhã--mas para cada instante novo, já a seguir, para cada futuro próximo, imediato--que justamente pode ser já o de uma modificação muito significativa de todo o quadro da minha existência, que pode ser já o da sua supressão, que pode ser o de um desaparecimento das pessoas e das coisas com que naturalmente conto, que pode ser o de uma modificação radical do regime, do estatuto e estrutura do que há--por formas que justamente não imagino, não sou capaz de imaginar: que me ultrapassam por completo.

Se de acordo com a "lógica" do ponto de vista natural (em que, conforme assinalado, há diversos graus de admissibilidade da infirmação do que está antecipado relativamente ao futuro) não parece razoável ter assim uma expectativa da possibilidade de tão grandes transformações da realidade em cada tempo a haver, admitindo-se somente modificações menos drásticas, a verdade é que não há nenhum fundamento que sustente essa diferenciação de admissibilidade, nada que permita excluir modificações plenas, irrestritas, inovações absolutamente inimagináveis em cada tempo a vir.[84]

A perspectiva que se tende a ter sobre o futuro é uma perspectiva muito restritiva, em que é muito reduzido o domínio das possi

bilidades reconhecidas como estando em aberto. Mas o"em-aberto"das possibilidades que o futuro alberga, das possibilidades que não tenho nenhum meio de excluir e que é perfeitamente admissível que de facto se venham a verificar, **não tem na verdade nenhum limite** que se possa estabelecer a partir do meu ponto de vista.

No tempo a vir, e já mesmo a partir do próximo momento, pode acontecer **o que quer que seja**.

Sem dúvida que também não posso excluir que haja na própria natureza das coisas factores de condicionamento, de limitação das possibilidades que efectivamente podem advir .Mas não disponho de nenhum acesso que me permita decidir se é assim ou não, e, sendo, que possibilidades estão ou não estão admitidas. A posição em que me encontro no meu ponto de vista não tem nada que fundadamente permita restringir esse "em-aberto".

Por outra parte, não apenas há assim um pleno "em-aberto"de-possibilidades relativas ao futuro, no sentido de nada me habilitar a restringir o seu campo e de eu não saber de antemão (não ter meio de decidir) que possibilidades é que de facto se vão realizar e por que ordem, etc., mas, para além disso, o próprio campo das possibilidades que subsistem, o "em-aberto" que assim tem de ser reconhecido é **opaco** relativamente ao meu ponto de vista. Com efeito, não domino essas possibilidades em todo o seu "leque", não disponho de uma apresentação que me permita abarcá-las em toda a sua amplitude. A minha posição não é uma posição de pleno acesso ao domínio das possibilidades que subsistem, como se acompanhasse bem todo o seu espectro e só não tivesse meio de decidir quais delas se realizarão na sucessão do tempo. Não. Estou **imensamente** longe de conseguir discernir o horizonte de possibilidades que o futuro, a cada momento seu, mesmo o mais próximo, pode vir a realizar. Neste sentido, o poder-ser que na verdade corresponde a todo o horizonte do futuro é em larga medida algo que **não vejo**, algo para que, por

mais que olhe na sua direcção e tente ver, sou como que cego. [85]

E assim todo o horizonte do futuro, a começar pelo mais próximo, tem de facto um carácter de insondabilidade, que a antecipação, nos múltiplos registos em que tende a subsistir, oculta, mascara. Todo o horizonte do futuro é qualquer coisa absolutamente em aberto--e absolutamente em aberto a cada instante, em cada a-seguir. A incompletude do ponto de vista, a falta de um acompanhamento, de um acesso é, deste "lado" da continuação da realidade para lá do propriamente dado, praticamente integral.

*

Um dos principais focos de resistência à plena apercepção deste estado-de-coisas reside na circunstância de no passado, quando aquilo que agora já se tornou presente e já ficou para trás ainda era futuro, ter vigorado em mim a seu respeito um complexo de antecipações idêntico ao que agora também reina em relação ao que agora ainda é futuro e de esse complexo de antecipações, no seu núcleo fundamental, se ter visto confirmado ao vir o tempo a que dizia respeito. Por outras palavras, a tese de continuação homogénea constitui qualquer coisa que toda a experiência do meu ponto de vista no essencial confirma. E isso parece retirar toda a plausibilidade, todo o cabimento, à possibilidade de no futuro as coisas se passarem de outro modo.

Se assim parece, porém, não é assim.

Sem dúvida que a antecipação de homogeneidade que anteriormente havia sobre o futuro que entretanto "já veio" teve nele uma total confirmação, quando o atingi, revelando-se assim como uma antecipação adequada, correspondente à realidade que de facto veio a haver. E sem dúvida que a cada instante essa antecipação vai sendo confirmada numa experiência de manutenção da homogeneidade.

Mas tudo isto é em absoluto irrelevante para o futuro que de cada vez ainda o é e relativamente ao qual, de facto, o quadro de possibilidades é inteiramente aberto.

A antecipação da persistência, do futuro como continuação homogénea tem uma função ocultante relativamente ao futuro enquanto tal, i.e. faz perder de vista a posição própria do futuro enquanto ainda é futuro, no que ela envolve, tem de peculiar. Nesse sentido, ao contrário do que parece, não é mais verdadeira a antecipação de homogeneidade que antes houve em mim relativamente, por exemplo, aos momentos que acabaram de passar, por isso que nestes momentos a homogeneidade de facto se verificou, confirmando a antecipação.

Retrospectivamente, e porque na verdade a expectativa de continuação homogénea sempre se confirmou e o futuro veio como se previa no essencial da antecipação que dele estava feita, parece à primeira vista que na verdade era a expectativa de continuação homogénea das coisas a mais adequada apresentação do futuro. E cada instante em que de novo tudo continua vem confirmar à saciedade que assim é. Parece deste modo que, por muito que, enfim, se tivesse tido e tenha a cada instante de admitir, dadas as circunstâncias da situação em que se está, a eventualidade de uma mudança radical de tudo no tempo que de cada vez sobrevém, não faz sentido insistir na consideração dessa eventualidade, que é remota. A perspectivação do imenso horizonte de possibilidades apresenta-se como uma complicação inútil, quando sempre de novo é a simples antecipação da continuação homogénea das coisas que vem a ser confirmada no desenrolar do tempo. A expectativa da possibilidade de mudança não se verifica nunca. Se a tivesse adoptado em todo esse tempo que passou já na minha vida, teria estado sempre numa prospectiva errónea do futuro que me veio.

Todos estes aspectos parecem sólidos, de peso. Mas na verdade não alteram em nada aquilo que se sublinhou.

Em primeiro lugar, a perspectivação do futuro na possibilidade aberta que lhe corresponde não significa de maneira nenhuma ter a expectativa de que vai efectivamente ter lugar uma radical mudança, de que tudo vai ser diferente. De tal modo que a ocorrência real de uma continuação das coisas no tempo anteriormente antecipado constitua uma infirmação, um "desmentido" dessa expectativa. Não se trata na verdade de antecipar que vai haver mudança, mas antes tão somente de ver a fragilidade de qualquer antecipação, num sentido ou no outro--ou seja de ver o futuro no carácter de possibilidade aberta que lhe inere e no escondimento, no abismo de escondimento que corresponde a esse carácter.

É verdade que no seu núcleo fundamental a antecipação de continuidade sempre se viu confirmada no passado. Mas isso nada diz acerca do futuro que de cada vez ainda o é--e até ao mais próximo. No que diz respeito a este, sempre pode acontecer que tudo mude, de tal modo que seja a antecipação de continuidade a ver-se infirmada.

Por outras palavras, há na perspectiva normal uma ocultação do escondimento do futuro na peculiar modalidade de uma perda do sentido do futuro como futuro, i.e. na peculiar modalidade de uma perspectivação que o dissocia da possibilidade aberta a que por natureza corresponde, vendo-o como algo no essencial assente, cujo curso, nos seus traços essenciais, de facto já se sabe.

*

Configura-se assim uma situação relativamente ao futuro substancialmente diferente da situação que uma série de condicionamentos faz ser aquela em que naturalmente me vejo.

Esta nova situação, em que o futuro surge num escondimento e numa tensão que normalmente estão esbatidos, não se impõem, é tradu-

zível de um modo particularmente apropriado por meio de uma forma peculiar de designação do futuro que está documentada em diversas línguas e nomeadamente no grego antigo.

Entre várias outras, aparece nessas línguas uma modalidade de designação do futuro e do passado através de advérbios de lugar que é exactamente "a inversa" da que para nós é mais corrente e parece mais óbvia. Enquanto tendemos a dizer que o passado está atrás de nós e que o futuro está à nossa frente, encontra-se nessas línguas o contrário, i.e.,o futuro designado como aquilo que está atrás (em grego ὀπίσσω , ὄπισθεν) e o passado referido como aquilo que se situa à frente (em grego πρόσσω , πρόσθεν).[86]

Esta forma diferente de caracterização, à primeira vista estranha e desconcertante, é objecto de alguma controvérsia a respeito do seu significado.

E são no essencial duas as possibilidades de entendimento que se oferecem.

Numa delas, a atribuição ao futuro de uma posição atrás e ao passado de uma posição à frente tem a ver com a posição dos diferentes momentos do tempo uns em relação aos outros, na ordem por que avançam, se "desenrolam", enquanto o tempo passa: o tempo que precede vem à frente, o tempo ulterior sucede-lhe, vem atrás desse (numa relação como a que por exemplo se acha expressa na locução portuguesa "atrás de tempo tempo vem"). No seu caminho ao nosso encontro, os tempos mais antigos vieram à frente, o que se seguiu veio atrás disso, o futuro virá atrás do que ora chega, e atrás do futuro mais próximo virá ainda o futuro mais remoto.[87]

Na outra dessas duas possibilidades de interpretação, de resto já a adoptada pelos escoliastas antigos, a posição do futuro como "ὄπισθεν" tem a ver com o facto de o futuro estar escondido, como algo que se situa atrás de nós, onde não o podemos ver, enquanto o passado, pelo contrário, se estende perante o nosso ponto de vista, como algo que se situa à nossa frente e desse modo está bem à vis-

ta, disponível para ser percorrido pelo nosso olhar.

Todas estas possibilidades de caracterização daquilo que se situa para lá do presente por meio de advérbios de lugar-- 1) o passado atrás de nós e o futuro à nossa frente, 2) o passado à frente e o futuro atrás na sua posição um em relação ao outro e 3) o passado à frente e o futuro atrás na sua posição relativamente ao nosso ponto de vista e à posição de patência ou latência em que se encontram a seu respeito--não são propriamente antagónicas. Radicam em diferentes aspectos, em diferentes acentuações da experiência do tempo. No primeiro caso o que é acentuado é o passado como terminus a quo e o futuro como terminus ad quem da deslocação no tempo--em analogia com o que acontece quando se vai para qualquer sítio e o que se deixa, os lugares a partir dos quais a deslocação ocorre, ficam para trás e aquilo para onde se vai está à frente. No segundo caso, ao referir-se o passado como o que vem à frente do futuro e o futuro como o que vem atrás, acentuam-se as relações que os dois planos têm um com o outro (o "atrás" em causa é o do futuro atrás do passado, o "à frente" em causa é o do passado à frente do futuro--e não o estarem atrás ou à frente de nós). O que aqui está em causa é o "movimento" e a ordem do próprio tempo, ao vir, e não a "deslocação" que sofre quem se encontra nele. No terceiro caso, finalmente, o que se acentua é a posição de visibilidade ou invisibilidade em que se encontram o passado e o futuro, a situação onde se acham relativamente aos nossos "olhos", relativamente àquilo que se vê. O "atrás" e o "à frente" são o atrás e à frente que resulta de não termos no espaço, de cada vez, um ângulo de acesso com 360° --de vermos apenas num quadrante, na direcção do que se situa à nossa frente. O que está em causa é que o futuro nos vem como que de um quadrante para que temos as costas voltadas, de tal modo que não vemos o que vem; ao passo que o passado já está descoberto e como que à disposição para ser percorrido pelo olhar. Temos de algum mo

do à nossa frente, visível, o que foi--já vindo a lume, já "definido", já à mostra. Está completamente atrás de nós (num "atrás" para que não nos podemos virar e que não vemos) aquilo que virá.

Enraizando-se assim em acentuações diversas de múltiplos aspectos que são identificáveis no modo como o futuro e o passado se dispõem um em relação ao outro e em relação a nós, as diferentes formas de designação passadas em revista têm todas elas fundamento--têm todas elas a sua legitimidade. E a nenhuma se pode reconhecer maior adequação que a outra.

Por outro lado, na discussão sobre o sentido da designação do passado como "πρόσθεν" e do futuro como "ὄπισθεν", há quem sustente que a interpretação dos escoliastas (quer dizer, a que equivale à terceira forma de acentuação) é rebuscada, corresponde a uma perspectiva bizarra, pouco natural, da relação com o futuro, devendo por isso ser fruto de uma interpretação tardia e não corresponder de facto à origem das expressões.[89]

Não nos importa aqui entrar na discussão filológica sobre qual a compreensão que efectivamente esteve na origem desta peculiaridade vocabular do grego antigo e de outras línguas. Essa é uma questão que tem o seu interesse, mas que não importa ao que para nós se acha em causa. Mas tem de se acentuar que, ao contrário do que há quem sustente, esta perspectiva de compreensão do tempo, que se encontra já claramente explicitada nos escólios a Homero, não tem absolutamente nada de rebuscado ou artificial--podendo muito bem ter constituído a origem das expressões em causa. Se a constituiu ou não--isso não importa para o que aqui está em causa. Importa sim que, independentemente de tais questões de índole histórica, esta peculiaridade de denominação, entendida como os escoliastas o fizeram, expressa na verdade uma possibilidade da experiência da posição do futuro e na verdade a posição em que o futuro se apresenta quando se atende de facto à situação de acesso em que se está a seu respeito.

E importa-nos ao mesmo tempo sublinhar a própria tese sobre o carácter alegadamente artificial e rebuscado desta perspectiva, o facto de ela poder parecer assim tão estranha, tão pouco natural. Ele documenta a que ponto pode estar enraizada a não-apercepção do futuro como horizonte de escondimento--a um ponto tal que a interpretação dos escólios (a compreensão do futuro como campo de escondimento com uma posição análoga à do que se situa atrás de nós: onde não se vê) pode ser tomada como qualquer coisa de bizarro, de pouco natural, a que não se reconhece um mínimo de verosimilhança.

Isto quando, a partir da compreensão do futuro na opacidade de que efectivamente se reveste, não apenas parece natural, mas mesmo quase inevitavelmente se sugere justamente essa expressão do futuro como algo para que se vai de costas voltadas: como algo que, dirigindo-nos nós ao seu encontro, se mantém sempre aonde não o vemos--atrás de nós.

Isso mesmo se acha expresso, de forma particularmente aguda, num passo do Journal en Miettes de IONESCO: "Nous avons le passé derrière nous, l'avenir devant. On ne voit pas l'avenir, on voit le passé. C'est curieux, car nous n'avons pas les yeux dans le dos".[90]

Assim, independentemente de, na origem da expressão("wie es eigentlich gewesen"), ter ou não estado de facto esta perspectiva, e independentemente de no mundo grego, por exemplo, se ter feito ou não a experiência do futuro que lhe corresponde (e muito é o que indica que ela constituiu de facto uma das experiências fundamentais nele realizadas[91]) a possibilidade de designação do futuro como "ὀπίσω" expressa de modo particularmente claro a posição em que o futuro efectivamente está relativamente ao nosso ponto de vista e traduz também o próprio contraste dessa posição com a forma como naturalmente, e em virtude do condicionamento descrito, o futuro aparece.

Neste sentido, se, como se apontou acima, as diversas formas de

expressão do futuro têm a ver com a acentuação de diversos aspectos identificáveis no modo como se apresenta, gozando assim de igual legitimidade, por outro lado, olhando bem a situação em que se está relativamente ao futuro, o que **domina**, o que é mais saliente e traduz o fundamental da situação, é a compreensão do futuro como algo que está atrás de nós, numa posição de atrás relativamente ao ponto de vista, num" quadrante" para que não está voltado e não se consegue voltar. Enquanto não se tem apercebida a opacidade do futuro, é mais ou menos indiferente o aspecto que se acentua ao considerá-lo. Mas, a partir do momento em que se percebe plenamente a incógnita que de facto constitui, impõe-se precisamente a percepção do futuro como "ὀπισθεν" e do nosso constante encaminhamento para ele como um ir de costas voltadas para aquilo a que se dirige--que em absoluto não acompanha, não vê para onde vai.

*

Resumindo:

Também relativamente ao futuro, deste modo, reina na perspectiva normal uma ocultação de escondimento,que "tapa", se assim se pode dizer, a **incompletude** da cobertura que o nosso ponto de vista fornece da realidade ante a qual estamos situados.

A supressão desta ocultação do escondimento, no que diz respeito ao horizonte do futuro, implica ao mesmo tempo a inibição das representações espúrias de totalidade que estão projectadas sobre esse horizonte e a inibição do complexo de antecipações implícitas que o prevêem como continuação homogénea do que tem sido (antecipações que escondem a opacidade a insondabilidade que de facto tem para nós, o total **em-aberto** das possibilidades que todo o futuro, desde o mais próximo, comporta). Só por conjugação destes dois aspectos se abre uma perspectiva não distorcida sobre o futuro, na posição que de facto tem relativamente à situação de acesso em que

nos encontramos.

Conjugando-se a apercepção destes dois aspectos, o futuro ganha presença no horizonte de modo completamente diferente daquele em que de ordinário o temos referido.

Por um lado suprime-se uma certa desfocagem que há a respeito do seu horizonte. Ele surge aí, impondo-se, com um relevo, uma clareza, uma indicação de si muito mais fortes do que os que normalmente tem.

De facto, se sempre já está constituída uma referência do futuro, acontece que,à semelhança do que se verificou passar-se com os demais horizontes, de ordinário essa indicação não está seguida e o campo do futuro permanece num relativo apagamento. A partir dos aspectos considerados, pelo contrário, emergem aí, num não-apagamento, os próximos cinco, dez, trinta minutos, as próximas horas e os próximos dias, os próximos meses, os próximos dois, três, quatro, cinco, dez, vinte, cem, quinhentos anos, e todo o demais tempo a haver, como se todo este campo deixasse de estar esbatido e se descobrisse, em toda a extraordinária amplitude que é a sua, tudo aquilo que em mim e para lá de mim, por esse mundo fora (na cidade, na região, no país, na Europa, nos continentes, na globalidade do planeta,etc.) ainda não é, mas há-de ser: vem aí.

Por outro lado, o que assim surge com um novo relevo, emergindo do "limbo" de esbatimento em que naturalmente se queda, estende-se em dimensões absolutamente esmagadoras e como algo que, mesmo deixando no seu domínio a tese de antecipação de homogeneidade naturalmente constituída, não se concede ao meu olhar, não está de modo nenhum dentro daquilo que consigo acompanhar no campo de apresentação de que disponho.

Numa palavra, o futuro aparece como um imenso campo de escondimento, um campo não menos extraordinariamente esmagador do que aquele que corresponde ao passado.

Constituindo tudo isto uma amplitude de reserva, um estar-fora

do-que-vejo, que mais ainda se acentuam com o segundo aspecto, com a apercepção da fragilidade da tese de antecipação naturalmente constituída e do carácter irrestritamente em-aberto de tudo aquilo que de cada vez ainda está para vir.

Neste segundo aspecto, ficam postas em causa as antecipações de continuação homogénea que de facto estão na base da primeira forma de apercepção de transcendência do futuro (onde na realidade se segue ainda sem reserva a perspectiva segundo a qual o futuro trará pura e simplesmente uma continuação do mundo, mantendo no fundamental os traços que dele já conheço). Mas a percepção da fragilidade das antecipações e da possibilidade de não se virem a verificar não destrói o horizonte esmagador que a supressão do esbatimento dos limites e a inibição das representações espúrias de totalidade abre no campo do futuro, antes o integra no ainda mais esmagador horizonte das possibilidades ilimitadamente em aberto para todo o futuro--horizonte relativamente ao qual o ponto de vista está numa situação de ainda maior retenção, de ainda mais acentuada cegueira.

De tal modo que à imensa inabarcabilidade do campo de realidade de que se trata no futuro vem juntar-se a total insondabilidade do seu âmbito--a circunstância de ele constituir para nós algo para que nunca nos conseguimos voltar por forma a vê-lo: algo para que vamos de costas voltadas, sem na verdade nada saber acerca dele.

2.1.1.8 Sinopse: o abismo de escondimento do horizonte temporal; o abismo do escondimento do horizonte espácio-temporal.

Perspectivando desta forma o campo de escondimento relativo aos horizontes do tempo, fica posto em evidência o extraordinário abismo de incompletude que, nos dois sentidos em que o tempo se prolonga para lá do presente, cerca o campo de acompanhamento de que se dispõe.

Por um lado, no campo do passado, o horizonte de escondimento começa já em relação à minha própria vida nos seus últimos momentos, cresce a proporções inabarcáveis relativamente às últimas horas, estende-se a ainda muito mais inabarcáveis dimensões no que diz respeito aos últimos dias--e assim sempre mais, numa multiplicação avassaladora, relativamente aos meses mais recentes da minha vida, aos anos mais próximos e aos mais recuados, etc..

O acompanhamento que tenho do meu passado abrange somente pequenas bolsas, pequenos filamentos, mais ou menos alargados, no maciço esmagador do que houve comigo. Tudo o mais, não obstante ter sido meu, não obstante tratar-se justamente de algo a que tive acesso, por que passei, está vedado, inacessível para o meu ponto de vista.

E as dimensões desse escondimento--consideradas sem interposição de representações espúrias de totalidade, i.e. de tal modo que não se apague o escondimento que já há relativamente aos tempos mais breves e mais próximos (os últimos cinco minutos, as últimas

horas, etc.) e por outro lado também não se salte na passagem para os âmbitos mais abrangentes (dos minutos para as horas, das horas para os dias, dos dias para as semanas, das semanas para os meses, etc.)--elevam-se a uma dimensão inconcebível, a abismos de abismos de passado inabarcável, muito para lá do que consigo acompanhar efectivamente.

Tudo isto com uma amplitude que se multiplica ainda mais e ainda mais inconcebivelmente em relação à esfera do passado que teve lugar não apenas no próprio curso da minha vida mas nos horizontes da realidade que se situa para além dela, i.e. relativamente a tudo aquilo que houve mas a que não assisti: os últimos cinco minutos na cidade, em todo o seu território; os últimos cinco minutos em toda a região; os últimos cinco minutos no país, na Europa, na Europa e na América, em todos os continentes, em toda a terra, em todo o sistema solar, etc.. E assim também para os últimos dez minutos, a última meia-hora, as últimas horas, os últimos dias, o último mês, o último ano, os últimos dois, cinco, dez anos, etc., etc., no país, na península, na Europa, na Europa e na América, em todos os continentes, em toda a terra, em todo o sistema solar, etc..[92]

O campo de escondimento que assim se perfila tem dimensões já superlativas, dimensões que de muito longe ultrapassam tudo o que sou capaz de conceber e dimensões em relação às quais é ínfimo o domínio daquilo que acompanho de uma forma efectiva. Mas essas dimensões elevam-se a um excesso "infinitamente" ainda mais esmagador se, mantendo a inibição de efeitos de desfocagem, conseguir recuar mais no horizonte do passado--aos últimos cinquenta, cem, duzentos, quinhentos e mil anos, na cidade e na região, no país, na península e na Europa, etc.. E muito mais ainda se agigantam as dimensões em causa ao considerar os últimos cinquenta e cem mil anos nesses diversos espaços--e assim sucessivamente, num alargamento, numa multiplicação de abismos de abismos de realidade passada a que não tenho acesso, que indefinidamente se prolonga sem um termo.

Tudo isto de tal modo que o abismo de escondimento que assim se descobre não somente ultrapassa, mas na verdade ultrapassa em muito o já de si extraordinário abismo que se viu corresponder à continuação da realidade no espaço. Se este último só por si se revelou já de uma amplitude formidável, absolutamente inacompanhável (ultrapassando desmedidamente tudo o que se é capaz de perspectivar de forma efectiva), por outro lado, como se procurou mostrar, a multiplicação de planos de realidade, que corresponde à diversidade de tempos no passado, faz que o abismo de escondimento que se desenha no seu domínio equivalha não apenas ao abismo de escondimento da continuação da realidade no espaço, mas a várias, a muitas vezes esse abismo. Aumentando desse modo o esmagamento, a extraordinária desproporção que caracteriza a relação entre o pequeno enclave de que se dispõe ao ver como vemos e o campo de escondimento que o cerca.

Por outro lado no campo do futuro, como se acabou de ver, é também um abismo de opacidade, escondimento, aquele que se descobre a suprimir os "mecanismos" de desfocagem a que normalmente este campo está sujeito.

Em primeiro lugar, mesmo admitindo a adequação das antecipações que faço em relação ao tempo que virá, regista-se também aqui a mesma fuga, a mesma inabarcabilidade até nas extensões mais breves e mais próximas da minha própria vida. Ultrapassa-me, como se viu, de facto já a amplitude dos meus próximos cinco minutos, da minha próxima meia-hora, do tempo que passarei de hoje até amanhã, a amplitude da próxima semana, da duração da minha vida até Julho, ou, mais para lá ainda, até Dezembro. Ultrapassa-me ainda muito mais a amplitude dos meus próximos dois, três, quatro anos--e assim sucessivamente, num horizonte de escondimento que se expande a dimensões cada vez mais avassaladoras e inabarcáveis no futuro que concebo haver de ter ainda depois.

Em segundo lugar, também neste domínio tudo isto vem a hiper-dimensionar-se ainda mais, e de forma ainda mais extraordinária, numa formidável multiplicação de abismos, ao passar do âmbito da minha própria vida para o campo de realidades mais vastas: os próximos cinco minutos na cidade, na região, no país, na Europa, nos diversos continentes, em toda a superfície da terra e em todo o globo, etc.. E assim também relativamente aos próximos dez minutos, à próxima meia-hora, às próximas horas, aos próximos dias, etc., nesses domínios cada vez mais alargados de realidade no espaço. Numa multiplicação de abismos que progride ainda mais desmesuradamente se alargar a perspectiva aos próximos cinquenta, cem, duzentos anos, e ao próximo milénio, aos próximos dois, três, cinco mil anos em cada um desses domínios--e por aí fora, em cada vez mais extraordinária multiplicação, ao alargar-se tanto o campo de realidade em causa (terra, sistema solar, etc.), quanto a extensão de tempo de que se trata (dez, vinte, trinta mil anos, etc.).

Acresce a tudo isto, entretanto, em virtude da particular índole do horizonte de que se trata no futuro, toda a opacidade que decorre de as antecipações que estão feitas a seu respeito serem na verdade incertas e de o horizonte do futuro constituir, como se procurou mostrar, um campo "ὄπισθεν": o mais próximo já, e tudo o que se segue, e a que, sem excepção, me dirijo como a um abismo de realidade incógnita, para que vou sem de todo em todo a poder ver.

Tudo isto de tal modo que também no plano do futuro o abismo de escondimento que assim se descobre não somente ultrapassa, mas ultrapassa em muito o já de si extraordinário abismo que corresponde à continuação da realidade no espaço.

A mesma ordem de razões que permitiu mostrar como a extensão da realidade no passado representa um multiplicação do abismo que já é identificável somente no horizonte do espaço, antes de se co-equacionar a extraordinária diversificação da realidade que é introduzida pelo tempo, faz desenhar exactamente o mesmo tipo de mul

tiplicação no campo do futuro. Por inabarcável e mesmo até sem termo que seja, no momento em que agora escrevo, pelo espaço fora, a continuação da realidade que há aí ao mesmo tempo, muito mais amplo desmesuradamente mais amplo é o horizonte da realidade no futuro.[93]

Contra estes dois planos de escondimento esmagador, cercado por eles, tenho apenas o campo de alguns momentos propriamente acompanhados.

É verdade que este campo se estende aqui e ali em evocações de "bolsas" do que foi. Mas por outro lado tudo isso não corresponde a mais do que a pequenos enclaves do passado, de facto perspectivados em representações inautênticas de totalidade, em perspectivas contraídas, de resumo, a que na verdade correspondem multiplicidades reais que não abarco. E é verdade que esse campo se estende também em antecipações disto e daquilo que será. Mas tais antecipações têm também elas o carácter de representações inautênticas (a que correspondem multiplicidades de duração, e de realidades nela, que na verdade não sou capaz de abranger); e para além disso são antecipações que estão presas da possibilidade de vir a ser de facto outro, inteiramente diferente do que nelas se prevê, o tempo futuro a que se referem.

Por outro lado, é também verdade que para lá deste núcleo de efectivo acompanhamento, para lá de todo este conjunto de bolsas, está sem dúvida aberto, em qualquer das direcções do tempo, um horizonte de continuação--e um horizonte que de facto nada limita, que se caracteriza precisamente por se prolongar indefinidamente para lá de todo e qualquer "antes" e de todo e qualquer "depois". Mas a perspectiva que assim se estende sempre mais além, os horizontes indefinidamente prolongados que assim sempre já se acham abertos, também estão muito longe de proporcionarem um efectivo acompanhamento do que neles se refere. Há referência, remissão para isso, mas também em apresentações que o dão de forma extraordinariamente

resumida, contracta--apontando-o, mas sem desenvolverem e sem serem capazes de acompanhar a própria remissão que comportam. De tal modo que deixam de fora a esmagadora maioria do esmagador e inabarcável campo de que assim dão notícia.

Para lá do próprio tempo em que me encontro, logo relativamente ao "ainda há pouco" e ao "já a seguir", a apresentação que tenho é assim--é sem excepção--uma apresentação contracta, "em perspectiva", que encurta extraordinariamente, por distorção de óptica, o domínio de realidade com que tem a ver.

Havendo em horizonte o tempo todo, esse horizonte está submetido a esta óptica de distorção que, mesmo uma vez identificada, não se consegue superar, não se consegue resolver numa óptica de acompanhamento efectivo.

Em certo sentido, como se teve ocasião de assinalar, estou sempre já numa perspectiva que de algum modo concebe o horizonte todo do que foi, na sua continuação indefinida, estou sempre já numa perspectiva que o tem em referência, remete para ele. Além disso, estou sempre já também numa perspectiva que de algum modo refere o horizonte todo do que será, numa continuação a que não está assignado nenhum termo, estou sempre já numa perspectiva que remete para esse horizonte. Mas essa remissão--que naturalmente parece fornecer um domínio do tempo em todo o seu curso, uma posição soberana a seu respeito--não corresponde na verdade nem de perto nem de longe a uma efectiva apresentação do "antes" e do "depois"a que se refere.

Se o horizonte em que me acho é sempre já o da "totalidade" do tempo na sua continuação indefinida, o que tenho efectivamente não são senão ínfimas parcelas, tanto no que diz respeito ao tempo para lá de mim (no mundo que me precedeu e que haverá quando eu já não for), quanto no que diz respeito ao próprio tempo da minha vida, àquilo que fui e houve comigo e àquilo que serei e com que me terei de haver. Para além desses fragmentos, a minha perspectiva é

míope--uma perspectiva que não vê, que não alcança, deixa fora de si a esmagadora maioria do passado e do futuro, uma maioria "infinitamente" maior do que tudo o que sou capaz de conceber.

E se, como apontado, o campo de escondimento que se abre em cada um dos horizontes de continuação temporal da realidade, no passado e no futuro, ultrapassa já em muito o abismo que corresponde à continuação da realidade no espaço, o domínio de escondimento que se desenha na conjunção de todas estas "frentes" de incompletude vai ainda muito mais longe nessa ultrapassagem. [94]

Configura-se assim qualquer coisa que a princípio, ante as fantásticas dimensões do abismo de abismos correspondente à continuação da realidade no espaço, tal como em 2.1.1.3 foi posta em evidência, não pareceria possível--desenha-se um abismo em relação ao qual esse mesmo, o abismo da continuação da realidade no espaço, não obstante as suas extraordinárias proporções, não constitui de facto senão uma parte relativamente pequena.

Deste modo, a desproporção das dimensões do campo de acesso relativamente às dimensões daquilo que fica fora dele, o predomínio do não-tido sobre o tido, a margem da incompletude e do esmagamento do ínfimo enclave de que propriamente se dispõe sofrem ainda um extraordinário incremento, "disparam", se assim se pode dizer, "explodem" para lá das já de si formidáveis dimensões com que se configuravam na consideração do horizonte de continuação da realidade no espaço. A ínfima clareira do acompanhamento de que se dispõe perfila-se como prodigiosamente ainda mais pequena do que já antes parecia. E emerge como prodigiosamente maior o volume do que não se atinge, da incompletude do acesso que se tem.

2.1.1.9 Conclusão:
O modelo da sucessão das formas da finitude e a sua verificação no levantamento dos horizontes externos.A forma da finitude correspondente à incompletude do acompanhamento dos horizontes externos.A aparente impossibilidade de um maior alastramento da incompletude--o campo de realidade sobre que de cada vez o olhar incide como resíduo absoluto da incompletude.

Descobertos os horizontes externos espácio-temporais no escondimento que efectivamente os afecta, aquilo que não se dá ao acesso de que disponho, aquilo que se recusa e se mantém para lá do seu alcance, emerge como um abismo, ou melhor como abismos de abismos que em todas as direcções rodeiam, cercam o campo a que propriamente tenho acesso.

A incompletude que desse modo se descobre a marcar o meu acesso àquilo que há é algo de inteiramente diferente daquela que naturalmente, e de forma distraída e inautêntica, estou pronto a reconhecer para o meu ponto de vista.

Por um lado, o não-tido que se esconde por ser limitado o acesso de que disponho surge agora numa presença concreta, real. Impõe-se-me numa percepção de que está, esteve ou vem aí e eu não o vejo, numa evidenciação de que o meu olhar, por mais que se esforce por fazer-se a ele, não o alcança. Deste modo, o acontecimento de acesso em que estou constituído não tem apenas uma vaga noção de que não é perfeito. Apercebe-se antes efectivamente preso e incapaz, tolhido numa espécie de cegueira, que não se consegue superar.

Por outro lado, as dimensões do que assim se manifesta como escapando ao acesso em que me encontro emergem como imensas, avassaladoras, numa multiplicação de abismos e de abismos de abismos.

Desenham-se horizontes e horizontes de escondimento que de todo em todo e esmagadoramente me ultrapassam.

Um novo reconhecimento dos horizontes remotos fá-los aparecer com uma configuração e um porte inteiramente diferentes dos que naturalmente lhes atribuo. E, para além disso, os campos de escondimento revelam-se a "invadir" até aquelas áreas de realidade que tenho como mais próximas e que na evidência natural me parecem obviamente dominadas (o bairro, o quarteirão, o próprio prédio em que moro, o passado que ainda há pouco foi o meu, até ao mais recente e imediato, e o futuro, mesmo o mais próximo, a que me dirijo).

O campo a que propriamente tenho acesso revela-se como "infinitamente" circunscrito, acanhado, com abismos de real inacessível começando logo pertíssimo de mim, de onde estou (tanto no espaço, quanto no tempo), e continuando-se indefinidamente em abismos cada vez maiores, numa vertiginosa multiplicação do que se esconde, em que o não-tido cada vez mais e mais se avoluma e agiganta, e o tido cada vez mais revela dimensões de um pequenissimo foco, de uma ínfima parte acesa e posta a nu na esmagadora "noite" do que escapa e se mantém fora de alcance.

De tal modo que não é o não-tido que tem o carácter de um pormenor do que já se tem, mas tudo o que se tem que aparece como um pequeno "canto", um ínfimo pormenor daquilo que há, numa perspectiva que completamente subverte a configuração das dimensões do tido e do não-tido que naturalmente está fixada.

Por outras palavras, ao focar-se o exterior do campo de incidência que de cada vez se acha aberto (ao olhar para isso vencendo a ambliopia que tende a toldar o que se enxerga nessa direcção e conseguindo dissipar minimamente os fenómenos de desfocagem que conformam a nossa perspectiva desse exterior), a forma da finitude do nosso ponto de vista, a relação de forças em cuja equacionação ela consiste, inverte os seus termos. O que originalmente tinha um carácter lacunar passa a ter o de um maciço inabrangível, de que a perspectiva que se tem não é capaz. E o que inexplicitamente tinha o carácter de um maciço, de algo indefinidamente propagado, assum

o de uma ínfima bolsa, perdida no abismo de abismos do que não se tem.

*

A modificação da forma da finitude, que naturalmente parecia inadmissível, revela-se assim na sua **possibilidade**. Tal como o exame dos horizontes externos a descobre, a situação em que se acha o meu ponto de vista parece corresponder na verdade a uma **outra forma da finitude diferente da forma natural**.

Mas mais do que isso.

O exame dos horizontes externos não apenas patenteia que é possível **uma** modificação da forma da finitude, mas, vendo bem, evidencia mesmo que essa modificação pode ser **múltipla** e corresponder justamente à estrutura de **sucessão de diferentes formas da finitude** cujo modelo se delineou no ponto 1.1.2. Essa estrutura tinha então de parecer ainda como que desencarnada, abstracta, mas agora ganha um carácter "palpável" e concreto.

Com efeito, examinando bem a transformação de perspectiva que a focagem dos horizontes externos trouxe consigo, verifica-se que não ocorre nela pura e simplesmente **um** recuo da antecipação das dimensões possíveis do limite (antecipação que constitui a forma da finitude), mas uma **sucessão de recuos** dessa antecipação--recuos que de cada vez modificam **globalmente** a situação em que o ponto de vista se vê, a apercepção que tem da sua eficácia e da sua imperfeição, e tanto quer dizer a forma da finitude do ponto de vista.

Dada a natureza implícita que em cada caso caracteriza a antecipação, não é porventura imediatamente claro que assim suceda. E, por outro lado, pode também parecer que nos sucessivos passos de análise dos horizontes externos há sem dúvida uma expansão da "quantidade" de finitude detectada, mas que essa expansão não tem

o carácter de uma sucessão de formas, mas apenas o de uma exploração dos horizontes de escondimento correspondentes à forma da finitude em que a relação de forças é a inversa da forma natural (o tido não constitui senão um enclave e o não-tido tem o carácter de um maciço inabrangível, de um abismo).

Torna-se por isso necessário pôr em evidência como é de facto uma sucessão de formas que no progressivo levantamento dos horizontes externos se acha percorrida.

*

Se considerar a modificação de perspectiva correspondente à compreensão efectiva da transcendência que tem, relativamente ao meu ponto de vista, o campo de realidade correspondente a "Portugal", ou seja, se considerar a modificação de perspectiva que corresponde à inibição, relativamente a esse horizonte de realidade, de todos os fenómenos que mascaram ou reduzem a incompletude (esbatimento dos limites, representação inautêntica de totalidade, princípio de homogeneidade, princípio de relegação de importância), verifico que essa modificação constitui já uma subversão da forma natural do ponto de vista, a abertura de um horizonte de escondimento que rompe o enquadramento lacunar do escondimento correspondente à forma natural.

Mas, por outro lado, verifico também que, em virtude da peculiar inércia que caracteriza o nosso ponto de vista e da tendência para a manutenção de todos os fenómenos responsáveis pela finitude de segundo grau no caso da incompletude, posso (e tendo mesmo a) realizar esta viragem de perspectiva de um modo tal que, não obste a sua ocorrência, se mantêm em vigor todos esses fenómenos relativamente aos horizontes externos do horizonte "Portugal".

Isto é, percebia já o efeito de toldamento resultando desse com-

plexo de fenómenos e promovia já alterações atinentes à respectiva suspensão. Compreendia já, a partir delas, como o domínio "Portugal" envolve já uma extraordinária transcendência relativamente ao meu ponto de vista. E era também claro que esse não é de modo algum um domínio de dimensões inexcedíveis mas sim apenas uma pequena parte da realidade que há. Mas tudo isto ainda não levava a realizar a transformação de perspectiva correspondente à imensa, à abissal multiplicação do abismo de escondimento (e à correlativa contracção da amplitude relativa do campo de apresentação) que, nessas condições, a circunstância de haver esses campos de realidade imensa, indefinidamente maiores que o domínio "Portugal" tem implicada em si.

Se examinar o que se passou comigo quando cheguei à percepção da transcendência do horizonte "Portugal", verifico que foi precisamente isso que aconteceu.

De toda a extraordinária multiplicação do abismo de escondimento que corresponde a esses horizontes externos do horizonte "Portugal" e de toda a ainda maior contracção da amplitude relativa do campo de acesso, que ela acarreta (tal como se põem à vista quando inibo a interposição de representações espúrias de totalidade--e os demais fenómenos responsáveis por finitude de segundo grau--e foco a multiplicação de abismos correspondente à passagem Portugal-->Península Ibérica, Península-->Europa, Europa-->todos os continentes, todos os continentes-->toda a superfície da Terra, superfície da Terra-->o planeta terrestre no seu todo, etc.) continuava de facto sem fazer nenhuma ideia quando já percebia que o campo de realidade "Portugal" equivale de facto a um abismo de escondimento.

Ora este inatendimento, esta ignorância desses outros horizontes como campos de um muitas, muitas vezes mais abissal escondimento constuía então na verdade uma <u>restrição da imperfeição</u> (da incompletude) para que se estava desperto--da imperfeição de incom-

pletude com que então de facto contava, que então tinha como possí vel.

Com efeito, não se trata apenas de eu não ter tido então uma a percepção efectiva desses novos horizontes na extraordinária ampli tude do seu escondimento, mas sem que por outro lado houvesse vigo- rado em mim uma exclusão da respectiva possibilidade. Sem dúvida que eu não tinha então nenhuma tese a excluir explicitamente a pos sibilidade de amplitudes de escondimento dessa ordem. Mas na verda de não tinha semelhante tese precisamente porque tais amplitudes eram então qualquer coisa que estava completamente fora do meu ho- rizonte. Não sustentando tal exclusão de forma explícita, encontra- va-me todavia de facto numa óptica de exclusão--de uma exclusão que com ser implícita, nem por isso era menos decidida e menos real.

Ao contrário do que pode parecer, na verdade, não me achava en- tão numa posição neutra relativamente à possibilidade desses no- vos abismos. Não estava numa pura posição de não saber serem eles possíveis ou impossíveis--numa posição que deixasse em aberto tal possibilidade. A omissão a seu respeito fazia que de facto, e deci- didamente, não contasse com eles. E nesse sentido a amplitude de e condimento que, depois, uma vez inibido o funcionamento de represe tações espúrias de totalidade, etc. relativamente aos horizontes e ternos do horizonte "Portugal", se veio a pôr a nu, estava efecti- vamente excluída, fora de causa. Havia ainda, mesmo que desta mane ra discreta, uma restrição da totalidade do escondimento percebido como admissível, uma restrição que, sendo menos apertada que a vi- gente na forma natural, ficava ainda muito aquém de comportar na ó tica que estabelecia o extraordinário volume do domínio de escondi mento que a efectiva focagem desses horizontes veio a revelar.

Caída a antecipação natural do horizonte possível de imperfei ção, subsistia deste modo uma antecipação da totalidade do limite, i.e., uma forma da finitude, que por sua vez veio justamente tambe a cair--modificando com isso globalmente a perspectiva em que se

percebe o meu ponto de vista--ao produzir-se a apercepção da multiplicidade ilimitada de abismos de escondimento que correspondem aos horizontes externos do horizonte "Portugal".

Por outro lado, constituída entretanto esta nova apercepção, ela mantinha-se por sua vez ainda tão cega relativamente aos abismos de escondimento que na verdade correspondem aos horizontes internos do horizonte"Portugal" (região, cidade, bairro,etc.) quanto a primeira compreensão do abismo correspondente ao domínio "Portugal" o era relativamente aos horizontes externos, mais vastos, que o englobam. Continuavam ainda a subsistir fenómenos de esbatimento dos limites e representações espúrias de totalidade,etc., encobrindo a abissal incompletude da apresentação de que se dispõe relativamente a esses domínios.

Ou seja, também aqui reinava, ao descobrir-se uma determinada "frente" e uma determinada amplitude de escondimento, uma total omissão, uma total não-consideração da possibilidade de outras"frentes" de escondimento com amplitudes ainda maiores, não-consideração que constitui de facto uma exclusão de tal possibilidade--e tanto quer dizer, uma limitação, mesmo que somente implícita, da amplitude possível da incompletude.

Sendo esta limitação que justamente veio a cair, ao produzir-se a apercepção dos inabrangíveis horizontes de escondimento que correspondem a esses domínios de mais pequena dimensão e mais próximos de mim. E isto de tal modo que esta nova apercepção não apenas juntou aos abismos já apercebidos (Portugal e os seus horizontes externos) novos planos abissais de escondimento, mas, conforme acentuado, fez reperspectivar nas suas dimensões todos os abismos anteriormente percebidos, numa imensa remultiplicação da sua amplitude. Modificando-se assim uma vez mais, e de forma drástica, a situação em que o ponto de vista se percebe, o grau do esmagamento em que reconhece o campo de apresentação de que dispõe.

Entretanto, se com a compreensão cabal da incompletude do ponto de vista relativamente aos horizontes externos no espaço, o volume de realidade detectada como ficando fora de acesso se elevava a dimensões inabrangíveis, reduzindo o campo de acesso a um ínfimo enclave na imensidão abissal do não-tido, isso não significa por sua vez que então em absoluto tivesse deixado já de haver uma antecipação restritiva dos limites da incompletude. Verifica-se antes que, à semelhança do que acontecia entre os sucessivos planos de apercepção da incompletude relativa aos horizontes espaciais, a perspectiva que se tem quando já se acha realizada uma apercepção cabal dessa incompletude--e por mais avassaladora e perturbante que ela se revele--é por tendência ainda inteiramente cega relativamente ao escondimento que afecta os horizontes de continuação da realidade no tempo, e nomeadamente, por exemplo, relativamente ao escondimento que afecta o domínio do passado.

Ou seja, da mesma forma inexplícita que se tentou pôr em evidência, no termo do exame dos horizontes do espaço, continuava a haver na minha perspectiva uma não-admissão, uma exclusão da possibilidade desse escondimento, que de facto restringia o âmbito da incompletude então admitida como possível, constituindo uma antecipação da sua totalidade em que as dimensões do escondimento no passado (e o imenso "disparo"da incompletude, que acarretam) de todo em todo ainda não figuravam.

Tudo isto de tal modo que o desvelamento da incompletude abissal do acesso ao tempo que já foi e às realidades que houve nele não se limitou a corroborar a figura do campo de apresentação como um ínfimo enclave no horizonte inabrangível, abissal, daquilo que se mantém fora de acesso. Não. O desvelamento da abissal incompletude do acesso ao passado afundou, se assim se pode dizer, o ponto de vista num confinamento imensamente mais esmagador que o esmagador confinamento posto a nu relativamente à continuação da realidade no espaço, modificando globalmente a situação em que se percebe

o meu ponto de vista. Ao perspectivar o abismo da continuação do real no espaço, numa perspectiva a mais aguda, a mais desperta para a "infinita" pequenez do acesso que tenho à realidade, persistia por inteiro o esbatimento dos limites do alcance temporal do meu ponto de vista e a interposição de representações inautênticas de totalidade, etc., que, no modo referido, difundem, produzem uma expansão aparente do campo de acesso e fazem que não perceba, me mantenha completamente fechado para a extraordinária amplitude do abismo de escondimento que vigora a seu respeito.

Mas, por outro lado, quando, num passo ulterior, veio a manifestar-se, em toda a sua extensão e acuidade, o abismo de escondimento que se desenha na "frente"do futuro, tornou-se claro quão incompleta e restritiva era ainda a perspectiva sobre o escondimento, o reconhecimento da incompletude da apresentação disponível em todo o plano de consideração em que até aí se estava (e onde a identificação do escondimento se voltava ainda só para as dimensões do presente e do passado). Tornou-se visível ainda como em todos os reconhecimentos anteriores, a despeito de toda a esmagadora amplitude do escondimento que já revelavam, continuava a subsistir ainda um apagamento de limites e a funcionarem inalteradas representações de pretenso acesso, escondendo uma outra imensidão inabrangível, abissal, de escondimento, que também margina, muito próxima, o campo de acesso de que se dispõe.

E isto de tal modo que também aqui, vendo bem, a descoberta desta nova "frente" de escondimento que afecta o meu ponto de vista não se limita a acrescentar mais um horizonte de escondimento, mantendo no essencial a situação global do ponto de vista, na configuração que já antes tinha. Não. Aqui, de novo, o que se produziu ao enfrentar-se efectivamente a abertura do campo de escondimento de que se trata não foi apenas a emergência de mais um aspecto de finitude, de que se tomou conhecimento sem que isso modificasse de

forma significativa a posição em que o ponto de vista se sente, a avaliação da eficácia do acesso em que se está. O que se produziu foi uma espécie de <u>afundamento</u> global da perspectiva, modificando todo o aspecto da situação em que me vejo, passando a montar de forma qualitativamente diferente, mais apertada, o "cerco" do escondimento em torno do núcleo apresentado, esmagando este com uma ainda maior desproporção da sua relação de forças com aquilo que se mantém de fora e em recusa.

*

É certo que a perspectiva emergente no termo de <u>todas</u> estas modificações, a perspectiva correspondente ao reconhecimento do abismo de abismos de escondimento que constitui o horizonte de continuação espácio-temporal da realidade, é descrita exactamente nos mesmos termos que aquela que corresponde à primeira modificação e ao resultado de cada uma das que se lhe seguiram: um ínfimo enclave de acompanhamento efectivo das coisas contra um abismo avassalador de escondimento.

Mas o grau de esmagamento, as proporções ínfimas do enclave e a posição em que correspondentemente o ponto de vista se vê mudam drasticamente com a acumulação e multiplicação das "frentes"de incompletude.

Na formulação ("ínfimo enclave contra um abismo de escondimento"), o que se tem é de cada vez o mesmo. Na perspectiva real que experimenta essas sucessivas aberturas de novos horizontes de escondimento o que se tem é <u>substancialmente diferente</u>.

E a diferença não é meramente quantitativa, não concerne apenas o facto de o escondimento que se regista ser significativamente maior. Diz antes respeito ao próprio modo como globalmente de

cada vez me tenho a mim e àquilo que aparece, mais precisamente ao modo como nos diferentes momentos da apercepção da incompletude está "atacado", posto em causa o acesso em que me vejo.

Não é de modo nenhum a mesma coisa (nem difere somente por uma diversa amplitude do escondimento que se regista) a compreensão da transcendência do horizonte "Portugal", feita ainda sem redução das representações espúrias de totalidade que afectam a representação dos seus horizontes externos e internos, e a apercepção plena de todo o horizonte de escondimento no espaço, perspectivada sem interposição de representações espúrias de totalidade, a partir da amplitude de escondimento que já há nos domínios mais pequenos e com plena apercepção do abissal salto, da abissal multiplicação de abismos que a passagem para espaços cada vez mais amplos na verdade representa.

Não é de modo nenhum a mesma coisa, nem difere somente por uma diversa amplitude da quantidade de escondimento que se regista, essa compreensão da esmagadora incompletude em que o ponto de vista está relativamente à realidade no espaço e a perspectiva que se levanta com a acumulação das três grandes "frentes" de escondimento nos horizontes externos, conjugando a incompletude relativa à continuação da realidade no presente, por esse mundo fora, e a ainda muito mais ampla incompletude relativa à sua continuação nas dimensões do tempo que já foi e daquele que virá.

E assim também, embora com desníveis menos pronunciados, relativamente aos estádios intermédios.

O que muda não tem a ver com uma pura tomada de conhecimento de que a quantidade de escondimento tem estas ou aquelas dimensões, como se pura e simplesmente se acrescentasse algo ao campo de escondimento e se verificasse que afinal é maior do que se pensava. O que muda tem de cada vez a ver com uma modificação do carácter, da qualificação global que tem para mim o acesso em que me acho, com uma alteração do modo como o escondimento reina no horizonte

e limita, estabelece como que uma impotência do olhar, ou com uma modificação do grau de esmagamento do campo de apresentação ante o maciço de escondimento em cujo seio constitui um ínfimo enclave.

Mesmo sendo já de imensa desproporção as relações que se reconhecem entre o campo do tido e do não-tido--tal como passaram a ser a partir dos primeiros passos de apercepção de transcendência no domínio dos horizontes externos--podem ainda manter-se restrições implícitas, limites na perspectivação do abismo de que se trata no campo de escondimento, limites em virtude dos quais ele não é projectado nem tão extraordinariamente grande, nem tão extraordinariamente esmagador quanto na verdade depois se vem a revelar.

E a margem em que é possível este excesso dos abismos de escondimento que realmente têm lugar sobre os abismos de escondimento já descobertos, já projectados num reconhecimento do carácter esmagador da incompletude, não é apenas, como se tende a considerar (dado que à partida, antes das expansões em causa, já se trata de um abismo), uma margem da ordem do "alguma coisa mais", do "um bocado maior", etc., mas antes uma margem tal que os planos de abismo que permanecem indetectados--e de que depois se produz apercepção--podem muito bem ser, são planos em relação aos quais os abismos previamente detectados não constituem senão pequenas e mesmo ínfimas partes.

E assim reiteradamente, ou seja, de sorte que o abismo em relação ao qual o primeiro detectado não representa senão uma pequena parte constitui por sua vez também uma ínfima parte de campos de escondimento que se revelam ao levar mais longe o apuramento da incompletude; e de sorte que estes por sua vez se vêm a revelar também somente uma ínfima parte de campos de escondimento mais vastos que se descobrem, etc..

É isto que mostra o percurso feito no exame dos horizontes externos. Mesmo produzindo-se subversões da forma natural, reperspec

tivando o volume de escondimento reconhecido e elevando-o a um porte extraordinário, isso não significa, por mais longe que já vá, que se esgote a possibilidade de alteração da forma da finitude.

E assim, mesmo não descendo a uma análise exaustiva de todos os desníveis que o progressivo levantamento dos horizontes externos, como se fez, comporta em si (deixando-se fora de consideração, por exemplo, as descontinuidades que, à semelhança do que acontece no horizonte do espaço, também afectam o processo de apercepção do escondimento no campo do passado e do futuro), a diversidade das formas da finitude por que o nosso ponto de vista é susceptível de passar revela-se já uma diversidade numerosa, e tanto quer dizer ao mesmo tempo: o volume de escondimento do escondimento, da finitude relativamente à finitude que comporta em si, revela-se já de uma amplitude muito vasta.

*

Percebido assim como no curso do levantamento dos horizontes externos se acha percorrida uma sucessão de modificações da forma da finitude, põe-se ao mesmo tempo em evidência um conjunto de peculiaridades do fenómeno da forma, que, de passagem, importa também pôr em foco.

Ao tentar caracterizar a forma da finitude (a antecipação da totalidade da finitude possível) que está vigente, por exemplo, uma vez percebido o horizonte de escondimento correspondente ao domínio "Portugal", experimento uma grande dificuldade quando a situação em que me encontro ainda não inclui a descoberta de novas frentes de finitude. Não se manifesta claramente que antecipação restritiva aí ainda vigora--e tende mesmo a inculcar-se-me que não há nenhuma antecipação restritiva aí ainda em vigor.

Vendo, porém, a situação emergente da descoberta do horizonte de

escondimento correspondente ao domínio "Portugal" a partir do termo do levantamento sistemático dos horizontes externos, ou seja a partir de um ponto de vista para que estão abertos todos os abismos de escondimento que esse levantamento põe a nu, percebo a extraordinária constrição do campo de finitude possível que então de facto estava antecipado, percebo como é apertada a restrição do escondimento que de facto aí se admitia como possível e de que modo correspondia, no silêncio das suas decisões puramente implícitas, a uma grande quantidade de exclusões de campos de incompletude.

Ou seja, a partir do resultado da análise dos horizontes externos vejo como, ao reconhecer a transcendência do horizonte "Portugal", e ainda só ela, há :

1)um fechamento da minha perspectiva para a possibilidade dos extraordinários abismos de escondimento que correspondem aos seus horizontes externos;

2) um fechamento da minha perspectiva relativamente à possibilidade dos abismos de escondimento que correspondem aos seus horizontes internos e à extraordinária remultiplicação do abismo no espaço que de facto representam;

3) um fechamento da minha perspectiva relativamente ao horizonte de escondimento correspondente ao passado, e

4) um fechamento da minha perspectiva relativamente ao horizonte de escondimento atinente ao futuro.

A exclusão é mesmo tão completa que ocorre sem que faça a menor ideia de que está a ter lugar--em absoluto não me passa pela cabeça que possa haver esses horizontes de escondimento .E por isso nã preciso sequer de os excluir de forma expressa.

E o mesmo, **mutatis mutandis**, para cada estádio intermédio no curso do levantamento realizado. Embora com o avanço vá diminuindo o âmbito das exclusões ainda persistentes e cada vez mais domínios vão sendo invadidos pela declaração de abismos de incompletude, ma

tem-se em cada caso ainda fechamentos de perspectiva, antecipações restritivas, em virtude das quais continua a haver escondimento da incompletude a que o ponto de vista está sujeito.

Com tudo isto põem-se a nu de uma forma mais clara, e a partir de elementos concretos, aspectos referidos na caracterização preliminar do fenómeno da forma da finitude--e nomeadamente:

1)a antecipação que a constitui é inexplícita, inconspícua; não tenho ideia de que ela está a ocorrer; é tão óbvia a pretensão de alcance, a eliminação da possibilidade de escondimento e está tão profundamente implantada que, embora de facto se esteja a dar em muitas frentes e sejam múltiplos os campos de escondimento que assim esconde, não chama minimamente a atenção, passa inteiramente despercebida;

2)sendo assim, nem por isso deixa de condicionar, dirigir o olhar, e nem por isso é menos férrea, menos dominante, mantendo a nossa perspectiva afastada de toda e qualquer consideração da possibilidade de haver ainda mais amplos campos de escondimento para lá daqueles que já tem admitidos--de tal modo que, mesmo quando se está empenhado num levantamento, numa exploração dessa possibilidade, tende a sugerir, a inculcar como óbvio, uma vez dado qualquer passo, que o percurso possível acaba aí, que não há mais possibilidade de alargamento da incompletude;

3)as formas que sucessivamente se vão substituindo no percurso de supressão do escondimento do escondimento correspondem à sucessiva eliminação de exclusões implicitamente constituídas no nosso ponto de vista; de tal modo que a primeira, a forma natural, corresponde à acumulação de todas as exclusões implícitas cuja queda --de cada vez ainda somente parcial--constitui a multiplicidade das outras formas;

4)correlativamente, verifica-se nesta sucessão de formas que o que a possibilita, na multiplicidade relativamente numerosa que comporta, é a circunstância de serem possíveis diversas modificações, e

modificações relativamente drásticas, "catastróficas", da pretensão de alcance do nosso ponto de vista, sem que com isso deixem de persistir aspectos do ponto de vista natural, i.e. da pretensão de eficácia que o caracteriza;

5) a forma tende a só aparecer plenamente numa evidenciação da sua presença e do seu domínio a partir da experiência da sua derrogação, da sua queda--e por contraste com ela; mas, por outro lado, ao dar-se uma modificação da forma da finitude não é todo o complexo de exclusões constitutivo dela que se torna identificável, manifesto. Quando há uma modificação da forma, a forma da finitude anteriormente implantada descobre-se somente naqueles seus aspectos que são objecto de derrogação explícita, mantendo-se despercebida (e correlativamente vigente) nos demais, i.e. naqueles que continuam em vigor na nova perspectiva. Assim acontece que a forma natural, ao cair com a apercepção do escondimento que envolve "Portugal", não se revela em todas as outras exclusões de escondimento, de que agora, uma vez explorados os horizontes externos, já tenho notícia. E a forma que ainda condiciona o ponto de vista após a descoberta do escondimento do domínio "Portugal" não se percebe então ainda como forma da finitude, no mesmo sentido em que percebe então a forma natural. Só a pouco e pouco, à medida que vão sendo derrogadas diferentes antecipações restritivas, diferentes exclusões que comporta, a forma da finitude se torna manifesta, persistindo sempre a possibilidade de se manterem inapercebidas exclusões e de a respectiva vigência, não verificada, não posta à prova, acarretar ainda um escondimento da incompletude a que na verdade o ponto de vista está sujeito.

*

Entretanto, se as características da forma da finitude são precisamente estas, levanta-se o problema de saber se a posição a que se está chegado no termo do exame dos horizontes externos equivale já a uma plena identificação e a uma plena derrogação das antecipações restritivas da totalidade da incompletude admissível no nosso ponto de vista, das antecipações que escondem o escondimento a que ele está sujeito. Levanta-se o problema de saber se essa posição, a perspectiva que assim se alcança, corresponde efectivamente já à situação de incompletude em que se está (e constitui qualquer coisa inderrogável, inconcussa) ou se pelo contrário, tem ainda exactamente a mesma natureza que as diversas formas entretanto percorridas--e que se verificou comportarem escondimento do escondimento e serem ultrapassáveis, susceptíveis de erradicação.

Mas que antecipações restritivas da incompletude podem ainda estar a subsistir quando os horizontes externos estão transfigurados na referenciação de um tão extremo abismo de abismos e o campo de apresentação que o ponto de vista reclama como seu domínio se confina a um pequeno âmbito à minha volta, de tão reduzidas dimensões, como aquele que subsiste uma vez suprimido o esbatimento dos limites relativamente aos horizontes externos ?

O único plano sobre o qual parece manter-se uma pretensão de acompanhamento é justamente o do campo de incidência para que se está voltado, de que efectivamente se tem apresentação.

Por pequeno que seja em face do que se descobre como não tido (e por muito que a sua configuração se apresente agora diversa da que oferece sob o efeito do esbatimento dos limites relativos aos horizontes externos), pelo menos em relação a este campo parece estar-se numa posição de acesso, dispondo-se de uma apresentação no fundamental adequada.

Por exclusão de partes, e porque este parece constituir o único domínio sobre o qual persiste uma pretensão de acompanhamento eficaz, posso sem grande dificuldade perceber que sobre ele vigora

uma antecipação restritiva, uma exclusão da possibilidade de escon dimento que ultrapasse as dimensões de mera lacuna.

Assim sendo, identifica-se aqui qualquer coisa que parece cons tituir um último bastião da pretensão de eficácia que naturalmente é sustentada pelo nosso ponto de vista.

Isto é, persiste a convicção de que, pelo menos na área ou áreas para que de cada vez estou voltado, sobre as quais o meu olhar in- cide, o meu ponto de vista tem um alcance correspondente à tese que naturalmente sustenta sobre a repartição e dimensões respectivas da quilo que tem e daquilo que lhe escapa. Parece que, apesar de tudo, pelo menos em relação a esta parte restrita da realidade, ao <u>domí- nio do espaço de que tenho apresentação directa e no lapso de tem- po em que a própria apresentação se produz</u>, aquilo que me está a- presentado corresponde de facto à esmagadora maioria do que há no campo de realidade em causa e tudo o que me escapa corresponde a meros pormenores--tem dimensões de <u>lacuna</u>.

De tal modo que, caída, derrogada, relativamente ao horizonte glo bal a que naturalmente se reporta, a compreensão natural do não-ti- do como lacuna parece apesar de tudo ter algum fundamento neste âm bito, muito mais restrito, do campo de realidade que de cada vez tenho ante mim, propriamente apresentado, e valer sem restrições dentro deste âmbito mais restrito.

Posso achar-me num não-acompanhamento de proporções imensas re- lativamente ao horizonte do real que continua para lá do domínio sobre o qual o meu olhar incide--e pode esse horizonte ser infini- tamente maior do que aquilo a que tenho acesso. Isso em nada afec- ta o facto de, no âmbito do próprio campo de incidência, o acesso que se tem ser soberano e não deixar por acompanhar senão pequenos pormenores, lacunas, num domínio globalmente posto a descoberto, globalmente visto <u>como é</u>.

Os limites do campo de apresentação desenham-se muito próxi-

mos, os horizontes de escondimento cercam-no até ao quase imediato no espaço e no tempo. Mas, de qualquer modo, aquém destes limites, há uma porção de realidade que a posição de acesso em que me encontro, se assim se pode dizer, varre, tem em transparência. De tal modo que dela efectivamente só muito pouco se pode eximir ao meu olhar.

Entretanto, se deste modo é reconhecível uma antecipação restritiva vigorando ainda no termo de todas as transformações produzidas na análise dos horizontes externos, se é reconhecível uma exclusão da possibilidade de escondimento, que subsiste no termo do levantamento realizado e de todas as transformações que opera, esta antecipação restritiva, esta exclusão da possibilidade de escondimento parece diferente de todas as anteriormente consideradas, não parece ser susceptível de qualquer derrogação--parece ter tudo a seu favor. Por mais que lhe "dê voltas" e procure vislumbrar a possibilidade de vir a ser derrogada, esta exclusão parece escudada numa evidência imbatível, numa impossibilidade absoluta, óbvia, de não ser assim como nela se inculca.

De sorte que no que diz respeito à averiguação da modificabilidade da forma da finitude o levantamento da incompletude parece esgotado, chegado ao seu termo.

*

Será porém de facto como assim se inculca? Não terá também esta evidência, a despeito da irrecusabilidade quase absoluta com que se impõe, um carácter condicionado, resultando também ela de um efeito de ilusão, de uma tese que se tem e tende a dominar o nosso olhar, mas que não corresponde à situação de facto--e que desse modo esconde o escondimento a que efectivamente estamos sujeitos ?

Por muito grande que seja a força com que se inculca a evidência de que pelo menos a apresentação do que está directamente apre-

sentado é eficaz, adequada, é necessário pôr à prova essa apresentação, verificar a exclusão da possibilidade de escondimento mais do que lacunar a respeito do domínio de realidade a que se reporta.

Pode também o campo do real para que estou voltado, sobre o qual o meu olhar incide, comportar em si um abismo ou abismos de realidade a que o meu ponto de vista não me dá acesso e que, estando aí, ficam na verdade completamente para lá daquilo que tenho, escondidos, inacessíveis para o meu olhar ?

Pode haver também aqui uma incompletude desta ordem, de tal modo que nem sequer neste âmbito restrito tenha cabimento a tese natural de soberania do acesso, a compreensão do escondimento como lacuna ?

É este o problema em que se fica deposto no termo do exame dos horizontes externos espácio-temporais.

2.1.2 O domínio de realidade correspondente ao CAMPO DE INCIDÊNCIA e a aparente impossibilidade de uma incompletude mais que lacunar da sua apresentação. Verificação sistemática das dimensões da incompletude possível neste domínio--análise da incompletude da apresentação da realidade presente na própria SALA EM QUE SE ESCREVE.

Ora, na verdade, se no resultado da exploração preliminar dos horizontes externos está vigente ainda uma tal restrição relativamente à amplitude do escondimento admissível para o domínio de realidade correspondente ao próprio campo de acompanhamento que de cada vez está constituído, um exame cuidadoso deste domínio evidencia, pelo contrário, uma amplitude muito vasta e mesmo uma amplitude abissal de escondimento subsistindo nele, não obstante o acesso que se tem a seu respeito e que parece dá-lo de uma forma plena.

Ou seja, mesmo neste âmbito restrito e aparentemente dominado, é possível encontrar "fugas", horizontes de incompletude do acesso, análogos àqueles que o exame dos horizontes mais ou menos distantes põe em evidência--horizontes sem dúvida mais pequenos do que esses, mas que nem por isso deixam de constituir qualquer coisa de absolutamente inabrangível para o nosso ponto de vista: qualquer coisa com uma tal dimensão que também aqui, não obstante a circunscrição do âmbito, é esmagadoramente mais aquilo que escapa do que aquilo que é tido.

De sorte que, por estranho e inverosímil que pareça, para que se produza uma alteração radical da compreensão naturalmente constituída sobre as relações entre o que temos e o que escapa, não é indispensável realizar a alteração de focagem em virtude da qual se contraria a tendência para a fixação do ponto de vista no seu território e se põem sob incidência os horizontes externos. Mesmo sem se produzir esse volvimento, olhando apenas o que mais imediatamen

te se tem "perante os olhos" no mais próximo, no próprio campo de a presentação directa que de cada vez se tem, é detectável uma massa de escondimento em relação à qual aquilo de que propriamente se dis põe também se acha numa posição de mero **enclave**.

E isto de tal maneira que, não obstante o volume do que assim se esconde ficar aquém daquele a que ascendem os campos de escondimen to nos horizontes externos, porque por outro lado os **abismos** de in completude que desta forma se manifestam têm lugar **nisso mesmo pa ra que olho** (que tão absolutamente parece transparente para o meu olhar), o **efeito de perturbação** que a descoberta desta nova frente de finitude traz consigo é porventura ainda mais forte, causa um maior transtorno e põe em causa de modo ainda mais drástico as pre tensões de alcance, de eficácia, nutridas pelo ponto de vista natu ral.

*

Atentemos então no **campo de acompanhamento** como--por maior que seja a"contracção", o recuo de fronteiras que a supressão do esba timento dos limites traz consigo--apesar de tudo o nosso ponto de vista sempre tem constituído. Correspondendo somente a uma ínfima clareira de patência no meio de um avassalador horizonte de escon dimento, o campo do **tido** que de qualquer modo sempre há tem ainda assim alguma amplitude.

Não é, como se viu, fácil de delimitar. O seu carácter recorta do no espaço e no tempo (com múltiplos"corredores", "bolsas", numa distribuição irregular), o fenómeno de tendencial esbatimento dos seus limites e de difusão aparente da amplitude de que se reveste e, finalmente, a própria **mobilidade**, labilidade que o caracteriza (o facto de se estar continuamente a modificar, ganhando novos do mínios e perdendo outros, consoante o tempo que passa, aquilo para

que olho e a que atendo, o que me chama à atenção, o que me vem à ideia, etc.) fazem que seja difícil determinar rigorosamente em cada momento da minha lucidez qual a sua configuração exacta (o "mapa" de todos os "corredores", de todas as "bolsas", de todos os "filamentos" que o meu acesso às coisas tem efectivamente abertos, "batidos" no campo da realidade).

Se assim é, há por outro lado a possibilidade de identificar no complexo de apresentação de que disponho e que constitui a pequena clareira do que está verdadeiramente acompanhado pelo meu ponto de vista, um núcleo, algo que tem de cada vez uma posição central no seu quadro e em torno do qual se dispõem estes diversos "corredores", "bolsas" que também comporta.

Este núcleo de apresentação é constituído por aquilo que de cada vez me está actualmente dado numa detenção directa, no presente em que de cada vez me acho. Não somente constitui o "foco" em que de alguma maneira o olhar está centrado, mas para além disso é também aquele em que há condições óptimas de acesso, aquele em que o acesso parece ser mais completo, mais livre de restrições, mais pleno.

Como se teve ocasião de observar, para cada situação onde se está, além do núcleo de apresentação ostensiva (do núcleo de incidência) que assim de cada vez se acha constituído, há também uma esfera de alcance, um campo de realidade que de cada vez pode ser imediatamente convertido em apresentações ostensivas, entrar no núcleo de incidência. De tal modo que, caracterizando-se o núcleo por uma forte mobilidade, em circunstâncias normais percorre com frequência os diversos sectores desse campo, tem as diferentes apresentações ostensivas assim constituídas fundidas, integradas, por tal forma que constituem em comum um campo de contacto directo--o campo de incidência.

Ao escrever isto, por exemplo, constitui este campo de inciden

cia a sala em que me encontro e que, sentado à secretária, num dos seus extremos, voltado para ela, abarco quase globalmente com o meu olhar.

Sem dúvida que não se reduz a esta sala tudo o que tenho do que há. Sem dúvida que há mais coisas de que me está dado acompanhamento e que conjuntamente constituem o campo de familiaridade que de cada vez tenho aberto. Disponho, por exemplo, de apresentações do resto da minha casa, da escada que lhe dá acesso, da saída para o exterior, das ruas que conduzem à universidade, de outras ruas, de outras casas, do rio, de diversas pessoas que conheço, de momentos do meu passado, etc.,etc.. Mas o acesso em que tenho estes outros focos de realidade tem neste momento um carácter "fraco", difuso, se o comparar com aquele que me está dado relativamente à sala assim à minha frente. Conheço por exemplo muito bem o rosto, as feições de um número significativo de pessoas. Mas, mesmo das pessoas que mais conheço e cujo rosto, estando aqui sozinho nesta sala, quase vejo, não tenho dadas as feições de um modo comparável àquele em que posso acompanhar qualquer das realidades agora à minha frente nesta sala. Tanto das outras casas que me são familiares, como das ruas que melhor conheço, ou da própria entrada do meu prédio, da escada e mesmo do resto da casa onde me encontro nada tenho dado de forma comparável àquela em que acompanho as realidades que agora aí tenho na sala, perante mim. A nitidez, a completude da apresentação que tenho dada da realidade presente nesta sala excedem as de todos os outros horizontes que também tenho de alguma forma disponíveis. A sala, neste instante em que a vejo, constitui aquilo a que mais adequadamente tenho acesso, o campo de acompanhamento κατ' ἐξοχήν --dentro do qual precisamente não parece haver lugar para um acesso meramente fragmentário, mas antes obviamente só para um acesso maciço, integral ou quase.

E assim, se algum domínio há em que a tese natural de autocom-

preensão do acesso como soberano efectivamente parece valer e ser inexpugnável, então a sala que neste momento claramente vejo, o campo de realidade aí ante os meus olhos é, enquanto o vejo, esse domínio. Se a realidade se esgotasse nele, se não se prolongasse mais além no espaço e no tempo, seria inteiramente adequada a forma natural da finitude como mera lacuna.

Toma-se por isso o quadro da realidade presente nesta sala, com tudo o que inclui, e procura-se verificar se também neste aparente "bastião" do acesso óptimo há cabimento para uma incompletude esmagadora--ou se na verdade, pelo menos em relação a este âmbito restrito, a tese do acesso soberano adoptada na forma natural da finitude corresponde efectivamente à situação em que se está.

*

Isolo-me na sala em que me encontro. Não a considero senão a ela, deixo fora de perspectivação tudo o mais--como se esta sala fosse a única coisa existente e só relativamente a ela se tivesse de determinar a "relação de forças" entre a eficácia e a imperfeição do acesso de que disponho. Isolando-me deste modo, procuro detectar qual o âmbito do que, neste espaço assim restrito, escapa ao meu ponto de vista--à apresentação em que a sala me está dada.

À primeira vista, como assinalado, a apresentação tida inculca-se como uma apresentação que acompanha o acontecimento da sala e de tudo o que nela se acha, sem excepção. Na apresentação que continuamente se me dá não se incluem espontaneamente quaisquer menções de não-tido, quaisquer notificações em que se me apresente algo que me escapa. Trata-se na verdade da minha sala de trabalho, que há muito me é familiar, que tão bem conheço. A sua apresentação é da ordem da que se referiu acima nos pontos 1.1.1 e 1.2.1--uma apresentação

em que a total ausência de menção do que quer que seja que nos escape faz que a perspectiva que se tem a si mesma se apresente como irrestrita, absoluta, plena.

Por outro lado, e tal como também anteriormente já foi referido, posso, por um esforço de focagem, operar uma transformação da minha perspectiva, mediante a qual passo a detectar aspectos do que há na sala que de algum modo me escapam. De tal forma que, vendo mais atentamente, o meu acompanhamento da realidade da sala se revela de facto menos irrestrito e perfeito do que à primeira vista parece ser--um acompanhamento em que na verdade há falhas.

Posso perceber, por exemplo, que não sei o peso desta secretária em que escrevo (e na verdade de nenhum dos inúmeros objectos que se encontram na sala), que não tenho bem presentes os livros que estão na segunda fila desta e daquela prateleira de uma estante, tapados pelos que se encontram à sua frente, etc.. Recorrendo às noções mais ou menos vagas que tenho das perspectivas adquiridas pelas ciências ou a aspectos que, reflectindo, eu próprio percebi não dominar, pode ocorrer-me que de todo em todo desconheço a composição química da tinta com que escrevo ou o processo de volatilização que a faz secar rapidamente, que não acompanho na verdade o modo como a planta que há num vaso cresce ou como é que a realidade a que chamo luz atravessa o vidro das janelas, etc..

Com maior ou menor dificuldade, e identificando um conjunto mais ou menos amplo, sou de cada vez capaz de detectar estes e outros aspectos de realidade que está a ter lugar nesta sala, mas que não se me acha dada na sua apresentação, que o acesso de que disponho não alcança, deixa fora de si. Posso ser mais ou menos persistente no esforço de focagem e levar mais ou menos longe a identificação.

Mas, por um lado, como também já no ponto 1.2.1 se procurou mostrar, sendo numerosos os aspectos detectados, não se produz, tende a não se produzir uma efectiva acumulação deles--uma acumulação ta

que na apresentação da sala, a par de tudo aquilo que nela se manifesta, apareçam também, numa notificação da sua transcendência, todos os momentos de escondimento que sou capaz de identificar. Sucede antes que os aspectos que foram anteriormente identificados como que se desvanecem na passagem do foco de incidência para os que posteriormente se tornam objecto de atenção. De tal modo que se repõe rapidamente a perspectiva natural a respeito dos momentos de realidade a que respeitam (perspectiva em que não há qualquer menção de escondimento).

Por outro lado, quando assim me esforço por identificar aquilo que está na sala mas que a apresentação de que disponho deixa ainda escondido, acontece em regra que, uma vez detectado um punhado de aspectos desta ordem, o inventário tende rapidamente a propor-se como exaustivo, completo--como se a possibilidade de descobrir persistência de escondimento no quadro da sala que tenho diante de mim se esgotasse. Tendo a considerar o escrutínio assim realizado como mais ou menos exaustivo--e a deixar cair o problema. E, se bem que sem dificuldade admita haver ainda mais focos de escondimento por descobrir, concebo de facto esta possibilidade de tal modo que estes outros focos de escondimento são e só podem ser do mesmo tipo que os já detectados, ou seja, momentos disseminados aqui e ali, como pequenas lacunas, no quadro de uma sala que, no seu todo e na esmagadora maioria da sua realidade, está obviamente acompanhada, posta a descoberto.

Desta forma, a sala, como normalmente e desde sempre a tenho, mantém-se sempre como o padrão da sala tal como efectivamente está a ter lugar. Continuo a compreender a sala que aparece como algo que globalmente coincide com a sala que na realidade aí há, como algo que a tem "assimilada", integrada em si, num acompanhamento que no fundamental é adequado.

A circunstância de a apresentação que tenho da sala não trazer

consigo, deixar fora de si, alguns momentos da realidade que de facto está aí a ter lugar não altera em nada o facto de a sala como me aparece ser para mim, deste modo, toda a sala como há. De ta forma que isso que reconheço como permanecendo escondido é percebi do precisamente como um conjunto de aspectos da sala que já apare-ce, da sala que já está a descoberto--ou seja, aspectos em que, se aceder a eles, a sala como já a tenho se mostra e determina ainda mais precisamente do que de todo o modo sempre já o faz. O não-ti-do diz respeito a aspectos de pormenor do já tido. É qualquer coi-sa relativa a ele que só pode ser percebida a partir das determina ções fundamentais que na verdade já se acham dominadas.

Numa palavra, o que falta da sala que se acha à minha frente são apenas lacunas, pormenores, cujo carácter intersticial, se assim s pode dizer, não afecta a adequação fundamental entre a sala, tal c mo eu a tenho, e a sala em que efectivamente estou, a sala que há.

A "cobertura" que a minha perspectiva tem da sala caracteriza-s deste modo aos seus próprios olhos por uma correspondência global entre o que é tido por mim e o que há nela, uma proporção entre o visto e o que há--uma proporção tal que a sala vista e a sala que há se correspondem, são um e o mesmo, salvo alguns aspectos de por menor a que não tenho acesso, mas que não põem em causa a corres-pondência, a proporção que globalmente está assegurada.

*

Tudo isto inculca-se com uma quase irrecusável evidência, for-mulem-se ou não de uma forma explícita as teses a que corresponde.

Mas se assim é, quer dizer, se é assim que as coisas se tendem a apresentar, sucede todavia que, se realizar um exame mais detido do que propriamente tenho dado, se seguir nas suas consequências teses que naturalmente tenho adoptadas como óbvias e as indicações

que a própria compreensão que tenho desta sala dá sobre tudo o que se encontra nela e lhe pertence, sou conduzido a uma visão inteiramente diferente da real amplitude da cobertura que o meu ponto de vista tem da sala, da relação entre aquilo que dela me está efectivamente apresentado e aquilo que dela me escapa, permanece inacessível à apresentação que tenho.

E essa transformação é mesmo tal que não somente não se verifica a proporção entre o tido e o que há, que naturalmente se inculca (manifestando-se antes uma desproporção, uma não-correspondência entre os dois domínios), mas inclusivamente também aqui, neste âmbito restrito, a desproporção que se configura é uma desproporção absolutamente abissal, uma desproporção tal que o que efectivamente há na sala, a sala que efectivamente há se vem a revelar como qualquer coisa inteiramente diferente da sala tal como se me apresenta: com muito mais do que aquilo que me está dado na apresentação de que disponho e com um mais de natureza totalmente irredutível ao quadro da sala como está naturalmente apresentada.

Não cabe, nem de longe, percorrer todas as perspectivas em que se revela, desenha tal desproporção. Mas cumpre precisar alguns momentos, que permitam vislumbrar o abismo da sua amplitude, a desproporção total de que se trata.

2.1.2.1 O escondimento do INTERIOR dos corpos opacos.O esbatimento dos limites, a representação inautêntica de totalidades e o escondimento dos INTERIORES. Levantamento sistemático dos campos de latência correspondentes a esta forma de escondimento presentes no âmbito da sala. Detecção e inibição de diferentes fenómenos que dificultam a apercepção da imensa multiplicidade de realidades que se incluem nesses campos.

Em primeiro lugar, se bem que a perspectiva que se tem da sala se apresente como uma perspectiva que cobre a totalidade do que está compreendido entre as quatro paredes,o tecto e o chão (num acompanhamento que parece percorrer todo o espaço contido dentro desses limites, não deixando por acompanhar nenhuma das realidades presentes nesse espaço), na verdade o que se tem efectivamente dado dos diferentes corpos presentes na sala, e que são opacos, não é senão um conjunto de superfícies (e de cada vez, na verdade, só uma parte delas).

Sem dúvida que essas superfícies não se apresentam como realidades "soltas", antes se acham sempre já compreendidas como limites de"interiores" que envolvem, que cobrem (de que são justamente apenas o "exterior"--uma parte). Sem dúvida que estão assim sempre já associadas a uma notícia, a uma apercepção dos interiores em casa. Mas, vendo bem, se procurar determinar que acompanhamento efectivamente me está dado desses interiores, verifico que relativamente a eles a apresentação que tenho é na verdade omissa, está em hiato.

As colunas das estantes, por exemplo, podem ser interiormente feitas de outros materiais que não o do seu revestimento de superfície, podem ter espigões ou outros elementos de ferro ou de qualquer metal para reforçar a sua resistência, etc.. Mas não tenho uma apresentação que as acompanhe como são de facto--a determinação que lhes corresponde está escondida. Idêntica indeterminação caracteriza igualmente o interior das prateleiras. E, mutatis mutandis,

o mesmo se passa por exemplo também com as capas encadernadas dos livros (que podem ser de cartão desta ou daquela cor, desta ou daquela qualidade, composto destes e daqueles elementos de papel, cola, etc.) e a que na verdade não me está dado acesso.

Ainda que tenha já uma quantidade de indicações, de teses, sobre a realidade que corresponde a esses interiores, e ainda que essas teses permitam fazer já uma ideia (e uma ideia relativamente definida) dessa realidade, há de qualquer modo um âmbito dela, uma esfera de determinações suas que se mantém fora do que tenho--de determinações, de momentos de realidade que estão aí (aí mesmo, nas estantes, muito próximas) mas subtraídas à apresentação em que me encontro.

Os interiores, vendo bem, são focos a que não tenho acesso, para os quais sou "cego", relativamente aos quais o meu ponto de vista está retido. E isto de tal modo que, se há teses, antecipações sobre a realidade a que correspondem, inclusivamente as próprias antecipações que tenho constituídas a seu respeito podem na verdade ser inadequadas, passar "ao largo" das determinações que neles de facto estão a ter lugar.

*

Tendo a conceber os focos de realidade assim não apresentada, estas "manchas cegas" do acesso de que disponho que correspondem aos interiores dos corpos opacos presentes na sala como se constituíssem algo de amplitude muito reduzida, quase despicienda.

Mas na verdade não é assim. Se considerar mesmo só uma parte dos interiores--aquela, por exemplo, que corresponde às estantes--verifico que essa amplitude é tudo menos reduzida.

Sucede antes que de cada vez (quer dizer, em cada coluna, em cada prateleira, em cada livro,etc.) o que assim se mantém fora da a-

presentação de que disponho é uma numerosa multiplicidade de enti-
dades diferentes, uma numerosa multiplicidade muito para lá da su-
mária e indeterminada representação que dela tendo a ter.

A redução da amplitude aparente do campo de escondimento que co
responde aos interiores deve-se ao concurso de dois fenómenos com
que já se travou conhecimento nas análises relativas aos horizonte
externos--o fenómeno do esbatimento dos limites e o fenómeno da re
presentação inautêntica de totalidades. [95]

À semelhança do verificado relativamente ao esbatimento dos li-
mites do núcleo sc. do campo de incidência, também aqui, na inter-
ferência que o fenómeno tem dentro do seu próprio quadro, o esba-
timento produz-se de diversos modos, normalmente acumulados e uns
mais enraizados do que os outros (de tal modo que têm a possibili-
dade de persistir mesmo quando, em relação aos outros, o esbatimer
to já está ultrapassado). Assim, o esbatimento dos limites passa e
primeiro lugar pela circunstância de as superfícies dos objectos
pacos não estarem marcadas no seu contraste com o que está por tr
delas--de tal modo que, quando se percorre o campo de incidência,
não se acusam com nitidez, não se asinalam todos os interiores ta-
pados: não ficam claramente delimitados, "recortados", no "tecido
da realidade apresentada. Em segundo lugar, o esbatimento passa t
bém pela circunstância de, mesmo havendo já pelo menos algo que s
aproxima de uma atenta identificação desses interiores (que não o
deixa passar despercebidos e os vê já claramente de forma contras
tada), haver ainda assim grande dificuldade em conseguir vê-los e
fectivamente como limites do campo de apresentação, de tal modo
que as superfícies dos objectos apareçam realmente como termos on
de a apresentação fica retida e onde começam campos de escondimen
to. Ou seja, o esbatimento passa pela circunstância de haver um fo
te condicionamento que leva a não ver o campo de apresentação efe
tivamente povoado pelos hiatos correspondentes à não exposição do

interiores.

Por outra parte, e à semelhança do que sucede com os horizontes externos, também no quadro do campo de incidência a intervenção de representações inautênticas de totalidade afecta não só a apresentação desprevenida, distraída, que normalmente se tem do conjunto dos interiores presentes na sala, mas atinge a própria perspectiva que se tem quando é chamada a atenção para o problema e passam a estar focados os interiores, parecendo constituir-se já uma identificação conjunta deles. E essa intervenção produz-se em dois planos. Por um lado, afecta a própria identificação dos diferentes interiores tapados presentes na sala, fazendo que se quede em representações colectivas, sumárias, onde fica perdida de vista uma grande parte de cada um dos interiores efectivamente presentes. Dessa forma, colabora com o esbatimento dos limites no mister de deixar anónimos (despercebidos, não "recortados") muitos desses interiores e dos campos de escondimento que lhes correspondem. Por outra parte, como mais claramente se verá, interfere também na avaliação das dimensões, do volume de realidade que se mantém subtraída em cada um dos interiores tapados, fazendo que apareçam reduzidos e pareçam ter uma amplitude muito menor do que aquela que de facto têm. 96

A presença deste complexo de fenómenos e as propriedades que os caracterizam fazem que também aqui se tenha de despender o mesmo tipo de esforço de focagem (e de vencer o mesmo tipo de dificuldades) que em relação aos horizontes externos. Mas, por outra parte, também aqui, conseguindo-se um mínimo de neutralização destes fenómenos, aquilo que aparece é completamente diferente do que naturalmente se sugere e está assente.

De facto, a multiplicidade das esferas de realidade tapada que efectivamente correspondem aos interiores dos corpos opacos mostra-se já bastante numerosa, consideravelmente mais numerosa do que à primeira vista tende a parecer, se se considerarem os diferentes focos onde se detecta escondimento desta ordem no complexo de rea-

lidade que se situa nas estantes--as diferentes colunas, as diferentes prateleiras, os diferentes conjuntos de livros.

Isto é: conseguindo-se suprimir o esbatimento de limites e focar as diferentes "bolsas" onde há interiores fora de acesso na região das estantes (nesta, naquela e naqueloutra prateleira, e na verdade em cada uma delas; nesta, naquela, e naquela, e naquela--e em cada uma das colunas; nestes e naqueles grupos de livros, mas de facto também naqueles outros--e na verdade em todos quantos se encontram nas diferentes estantes), conseguindo-se suprimir assim o apagamento de todos os limites em que começam interiores desta ordem e focar todas as bolsas de escondimento que lhes correspondem, a multiplicidade de momentos de latência na região das estantes revela-se muito mais numerosa do que desprevenidamente parece ser.

De facto, mesmo uma vez já desperta a consciência do escondimento dos interiores, tende a produzir-se somente uma identificação distraída dos diferentes focos em que ele se regista--tende a passar-se por cima de muitos (e mesmo da maior parte) desses focos. O que faz diminuir muito a amplitude do domínio de escondimento cujo reconhecimento a apercepção do escondimento dos interiores traz consigo. Mas, conseguindo contrariar esta tendência, o campo dos focos desta ordem aparece muito mais amplo, muito mais numeroso, muito mais denso do que a princípio se sugere, afectando profusamente a região das estantes--afectando-a na quase totalidade do seu domínio.

Mas este é apenas um primeiro passo. Vendo bem, este horizonte da realidade não acompanhada correspondente aos interiores revela-se de dimensões ainda muito mais significativas--de dimensões que na verdade fico já bastante longe de conseguir acompanhar--se focar este escondimento de interiores não só sem apagamento de nenhum dos interiores que assim se escondem (marcando bem todos os limites em que começam domínios de escondimento desta ordem), mas também con-

seguindo inibir todas as representações inautênticas de totalidade que interferem a seu respeito. O que significa não somente não me deixar iludir pelas representações espúrias de totalidade que tendem a fazer perder de vista a amplitude da própria multiplicidade dos diversos interiores que se mantêm escondidos, mas por outro lado também não me deixar iludir pelas representações inautênticas que tendem a esconder a amplitude real da multiplicidade de entidades, de momentos reais que ficam fora de alcance em cada foco identificável (no interior de cada livro, de cada prateleira, etc.) e tendem a manter despercebido como essa multiplicidade é de facto muito numerosa e absolutamente irredutível a todas as representações que dela tenho.

A este respeito a situação é em primeiro lugar tal que aquilo que tenho--por exemplo, ao ver os livros como os vejo--fica muito longe de me permitir acompanhar a diversidade das folhas que os compõem e que se situam por detrás das superfícies deles a que na verdade tenho acesso. Isso é assim não somente no que diz respeito à totalidade das folhas presentes na sala, mas, vendo bem, mesmo já para cada livro.

O que tenho apresentado é na verdade um núcleo de sentido vago, que fica muito longe de corresponder ao acompanhamento de todas e de cada folha que há no complexo de realidade de que se trata. Por mais que me esforce por tornar a apresentação que tenho tanto quanto possível abrangente e tanto quanto possível atenta à numerosidade do diverso de que se trata, o conjunto de folhas realmente existente mantém-se sempre na verdade outro que a representação vaga e sumária que dele sou capaz de obter. O conjunto de folhas realmente existente é algo que fica muito para lá de todas essas apresentações--algo que é muito, muito mais complexo que todas essas apresentações--e que me escapa, continua sempre a escapar quando delas disponho.

Em segundo lugar, passa-se com os livros que, mesmo no que diz

respeito apenas a cada folha, mesmo que a considere somente a ela, aquilo que na verdade dela tenho é, no máximo (em condições óptimas de acesso que de cada vez só ocorrem para uma pequena parte das folhas), propriamente apenas as duas superfícies maiores que normalmente estão impressas e três das superfícies finas, quase lineares, que nas extremidades fecham o espaço entre aquelas.

Desprevenidamente tendo a conceber todo o interior, que também aqui tem lugar, como se quase não fosse, como se o que há entre as duas superfícies maiores e as superfícies quase lineares do sólido que na verdade cada folha constitui não fosse nada. Mas na verdade também aqui se trata, mesmo só no quadro de uma folha, e por pequeno que pareça o espaço em que o interior em causa se aloja, de uma grande multiplicidade de realidades diferentes, irredutível a esta representação de quase nulidade que tende a dominar a minha concepção desse interior e irredutível também a todas as representações sumárias que dele consigo constituir ao tentar segui-lo na multiplicidade dos momentos que comporta.

O que está entre as diferentes superfícies constituindo o interior da folha não é um nada mas um conjunto--e um conjunto numeroso de realidades diferentes. É qualquer coisa que está aí, no campo de realidade à minha frente. Mas de tal modo que não o tenho incluído na apresentação de que disponho, não tenho ponto de vista para o acompanhar. E, mesmo quando ponho a folha à minha frente, mesmo quando olho directamente para ela e a considero, é uma realidade, um não-nada aí, que sempre de novo se mantém fora da apresentação em que me encontro--que nunca chega a ele e, para além disso sempre de novo tende a considerá-lo como se na verdade de nada se tratasse. De maneira que mesmo neste âmbito tão restrito, como é o de uma só folha de um livro, a multiplicidade real das entidades que correspondem ao interior de que se trata (todas as numerosas multiplicidades de "conteúdos" que se acham por detrás das super-

fícies disponíveis, e além disso também a quarta superfície quase-linear que, por causa da encadernação está escondida) é de facto algo com uma amplitude já significativa--sendo assim também significativa a amplitude da perda da incompletude que a apresentação tida comporta relativamente à realidade em causa.

Tudo isto significa então que, mesmo supondo que conseguisse acompanhar todas as folhas dos livros presentes na sala, sem perder de vista nenhuma delas, aquilo que teria da realidade que lhes corresponde equivaleria de facto apenas a uma parte, e a uma parte relativamente pequena dessa realidade--sendo muito mais amplo aquilo que dela escapa do que o efectivamente tido a seu respeito.

Pois, por exíguo que pareça o espaço correspondente ao interior das folhas, a sua amplitude é sempre bastante maior do que a daquilo que delas acompanho. A folha é na verdade um sólido, e a amplitude do seu interior corresponde à relação entre a área das cinco superfícies a que tenho propriamente acesso e o volume do espaço que definem, com os numerosos planos que nele têm cabimento.

Mas se isto é assim, o não-acompanhamento, a perda, a eliminação de conteúdos reais, presentes no âmbito da sala mas não incluídos na apresentação de que se dispõe, assume uma amplitude muito maior em se tratando não de uma folha isolada ,mas da totalidade das folhas de um livro que esteja aí na estante. Pois, como se acentuou, a apresentação que tenho das numerosas folhas de um livro é uma apresentação vaga e imprecisa, que sem dúvida aponta o facto de as folhas serem muitas, mas de tal modo que esta remissão fica inteiramente aquém de um acompanhamento real da multiplicidade de folhas que compõem efectivamente um livro.

Mas, por outro lado, se isto é assim já no que diz respeito a um só livro, é por sua vez ainda muito maior e assume proporções ainda mais extraordinárias em se tratando não já da totalidade das folhas de um livro mas da totalidade das folhas dos livros que há numa prateleira. E ainda muito mais extraordinária em se tratando

da totalidade das folhas dos livros de uma estante. E muito mais extraordinário ainda em se tratando das folhas de todos os livros que há na sala em que me encontro. [97]

Aqui, de facto, junta-se à de qualquer modo já significativa perda, desacompanhamento da multiplicidade das realidades componentes de cada folha não apenas a perda relativa à multiplicidade real das folhas pertencentes a cada livro (em que folhas inteiras ficam perdidas de vista) mas para além disso também uma perda, um desacompanhamento relativo à multiplicidade real dos próprios livros (em que livros inteiros ficam perdidos). Pois tal como na apresentação da totalidade das folhas, também o acompanhamento que tenho das centenas e centenas de livros que há na sala é um acompanhamento vago e impreciso, que sem dúvida remete para o facto de os livros serem muitos, mas de tal modo que esta remissão de modo nenhum leva a uma captação da realidade de cada livro presente na sala, antes fica muito aquém da multiplicidade real de livros que aí há, com muitos deles perdidos de vista.

Um estado-de-coisas análogo é também o que se verifica ao considerar tudo aquilo que se acha impresso nestes livros, os diferentes textos, gravuras, fotografias, esquemas gráficos, etc. que se encontram nas superfícies das suas folhas, todo o imenso conjunto de enunciados neles expressos, etc.. Também eles, sendo realidades que estão aí, tão próximas, tão à mão, constituem um domínio escondido por detrás das superfícies a que propriamente tenho acesso, um campo de realidade interior na verdade submerso relativamente ao meu ponto de vista (a que posso de cada vez aceder numa muito pequena parte do seu âmbito, abrindo este e aquele livro, nesta e naquela página, mas que na sua esmagadora maioria permanece nessa posição submersa).

E por outro lado também eles constituem um domínio que, com estar contido neste espaço relativamente pequeno, visível de relance

que é o da sala (e, em particular, o da região das estantes), corresponde a uma diversidade imensa de realidades, a uma diversidade de extraordinária amplitude.

Por muito que conheça os livros que aí há, por muito que já os tenha lido, etc., aquilo que agora deles tenho efectivamente acompanhado, no que diz respeito à multiplicidade do que se acha impresso nas suas folhas, é extraordinariamente restrito, extraordinariamente contracto em relação à realidade de que efectivamente se trata. E, por outro lado, podendo eu começar a percorrer os diferentes textos, por muito longe que leve esse percurso, é muito mais, incomensuravelmente mais o que se mantém de fora da apresentação constituída. A clareira que se vai abrindo através desse percurso nunca equivale a mais do que a uma pequena parte do complexo de realidade em causa. E tanto mais assim quanto está muito longe de ser uma clareira que pura e simplesmente se vá alargando, numa linear adição de novos elementos, antes é também aqui algo que se volta a fechar, em perda do já adquirido, à medida que o próprio percurso se vai efectuando. [98]

Assim, em virtude da peculiar retenção que afecta o meu ponto de vista relativamente aos interiores dos corpos opacos aquilo que efectivamente tenho do campo de realidade correspondente aos livros presentes na sala é na verdade apenas uma pequena parte de tudo o que, olhando atentamente a própria indicação que dele tenho, sou obrigado a reconhecer como realidade neste campo.

E então, considerando simultaneamente o interior das diferentes componentes das estantes (colunas, prateleiras)e toda a realidade coberta, tapada, que integra o campo de realidade correspondente aos livros que aí estão, considerando tudo isso sem que o olhar se deixe transviar pelo inatendimento dos limites e pelas representações inautênticas de totalidade que sempre de novo tendem a insinuar-se, o campo à primeira vista dominado, que é o da região das estantes, esse campo de dimensões relativamente pequenas, reve

la-se de facto como um inabrangível campo de escondimento, no qual há uma imensa multiplicidade de realidades em excesso sobre o que se tem na apresentação--e é de facto mesmo muito mais o que se mantém fora dela do que o que nela está deveras incluído.

*

Mas não é só no domínio das estantes que se dá este escondimento dos interiores, este muito amplo "transbordar" da realidade que lhes corresponde, este muito amplo excesso dela sobre todas as representações de que se dispõe a seu respeito.

Análoga não-detenção ocorre ainda, por exemplo, no que diz respeito ao aparelho de som ou às colunas que o ladeiam.

Relativamente a eles disponho também somente de uma apresentação puramente exterior, praticamente "a zero"sobre as suas componentes, as peças que os constituem e através de cujo funcionamento como dizemos,trabalham.

Também aqui nenhuma determinação precisa define o que está coberto pelas superfícies a que tenho acesso. E se, ao ter o aparelh aí, quotidianamente, entre as restantes coisas (quer quando a minh atenção não incide sobre ele, quer quando o faz e o utilizo, me oc po com ele,etc.), nada na sua apresentação me notifica escondimento a seu respeito, isso não acontece de maneira nenhuma porque nele na verdade nada haja subtraído à apresentação de que disponho. É exactamente o contrário que sucede. Quer no que diz respeito ao interior por que "funciona" (ao que tem dentro de si, para lá dos revestimentos), quer no que diz respeito ao modo como a partir des se interior o aparelho emite sons (em correspondência ao traçado dos discos, ao registo magnético das cassetes ou às ondas-rádio),o acompanhamento que tenho do aparelho é completamente omisso. E não

pode ser caracterizada senão como uma compreensão "mágica" a compreensão que normalmente tenho do que nele há e do que nele acontece. Estou muito longe de acompanhar o que está encerrado no aparelho e como pode acontecer que reproduza música, vozes, etc.. É pura e simplesmente aceito, é "sabido", está assente que de algum modo a partir do interior do aparelho (cujo desconhecimento não se assinala, tende a passar inteiramente despercebido) são produzidas músicas, vozes, etc.. Tudo isto a ponto tal que, considerando, chega a parecer estranho que a pobreza manifesta da compreensão que se tem do aparelho e o óbvio e facilmente verificável escondimento do que nele há e do que nele se passa normalmente em absoluto não se façam sentir.

A realidade que há no aparelho de som e nas colunas, a realidade que há para lá das superfícies a que tenho acesso, é nesse sentido uma realidade que, na sua esmagadora maioria, permanece fora daquilo que deles me está dado na apresentação de que disponho. Por muito que figure peças, mecanismos, circuitos electricos, tudo isso fica muito longe de me fornecer um acompanhamento real das entidades que de facto estão aí no interior do aparelho e de tudo aquilo que nele acontece quando o ligo.

Do mesmo modo que na zona das estantes, também aqui há uma esfera de "resistência" ao meu olhar, de opacidade, de escondimento. E a realidade que assim me escapa, a realidade que transcende a apresentação de que disponho, é de novo uma multiplicidade muito ampla de entidades diferentes, que de muito longe ultrapassam todas as apresentações que sou capaz de atingir, por muito que sobre ela me concentre, tentando acompanhá-la na sua amplitude.

De tal modo que também aqui se desenha no âmbito da sala um campo de realidades em que o horizonte de escondimento é muito maior que o que está efectivamente apresentado numa manifestação de si (um campo de realidades para que a apresentação que tenho é cega, um campo de realidades que, mesmo que tente, não consigo acompanhar

--e que é totalmente irredutível ao núcleo de sentido que na apresentação que tenho tende a figurar como já o dando).

*

Mas o mesmo fenómeno se verifica ainda, vendo bem, na perspectivação do meu próprio corpo--perspectivação em que a compreensão das superfícies vistas como superfícies envolventes de um "interior" não traz consigo, de facto, nenhuma efectiva apresentação do interior que assim é perspectivado.

Na verdade, a ideia que naturalmente faço desse interior revela-se, se a examinar e a puser à prova, como tendo um carácter extraordinariamente indefinido, como algo que se caracteriza por uma completa ausência de elementos precisos, por uma integral omissão a respeito do que concretamente preenche o seu espaço.

Pode causar estranheza a asserção. Mas que assim é, isso manifesta-se claramente se me obrigar a descrever a minha própria conformação anatómica.

Revela-se então que a perspectiva em que naturalmente se está é uma perspectiva que fica muito longe de acompanhar aquilo que realmente aí está, no interior do corpo, coberto pela pele. Revela-se que tudo quanto sou capaz de determinar a este respeito é extraordinariamente incompleto e em grande parte errado, constituindo de facto uma "anatomia fantástica", substancialmente diferente daquela que o estudo da anatomia humana estabelece. Não tenho a mais pequena ideia de um número a perder de vista de tendões, músculos, ossos, cartilagens, vasos, válvulas, nervos, glândulas, membranas, gânglios, etc.. E mesmo os órgãos que de algum modo conheço não os sei localizar exactamente, nem determinar correctamente na sua for

ma, estrutura, aspecto, etc..

E revela-se também, em segundo lugar, que, para produzir uma determinação, mesmo que assim "fantástica", da configuração anatómica do meu próprio corpo, tenho de recorrer, mediante um esforço de presentificação, a conhecimentos anteriormente adquiridos (na escola, ao folhear tratados de anatomia, ao ver modelos anatómicos ou fotografias de órgãos,etc.). E que só a partir desse esforço constituo de facto uma imagem ou um conjunto de imagens definidas do interior em causa.

Antes, mesmo havendo já coligido os elementos que por esse esforço passam a ficar presentificados, esses elementos não estão de maneira nenhuma transcritos no modo como se me apresenta o meu corpo. Essa apresentação faz-se sem qualquer recurso a eles. O que significa que na presença quotidiana do meu corpo a mim (nessa presença permanente do corpo como algo que sempre de algum modo vejo--como algo que sempre está aí, sempre tenho comigo) estranhamente não há na minha perspectiva nenhuma anatomia realmente constituída, nenhuma representação definida, mesmo que fantástica, inadequada, do que preenche o interior em causa.

Assim, a apresentação que tenho do meu corpo é de natureza muito peculiar. Incluindo sem dúvida constantemente uma apresentação do interior do corpo (tenho-o sempre já notificado, está-me sempre já referido em co-doação com as superfícies que propriamente me estão apresentadas--de tal modo que justamente as vejo como superfícies desse interior[99]), por outro lado, esta co-doação permanente do interior é de tal ordem que, se a tentar fixar, estabelecer, não sou capaz de extrair dela um conteúdo definido, uma "versão", um "mapa" desse interior.

Nela não encontro, vendo bem,senão a evidência de que há esse interior e a imposição, sem nenhum conteúdo real desse saber, de uma evidência de acordo com a qual ele é sabido, está dominado--uma

evidência que "resolve" se assim se pode dizer a questão desse interior, me faz saltar sempre já sobre o interior, passar sempre já por cima dele, sem que esse interior se ponha em foco.

Isto por um lado. Por outro lado, também a respeito desta área de realidades interiores ao espaço da sala que corresponde ao meu corpo, o núcleo daquilo que é de facto acompanhado, detido pelo meu ponto de vista é muito menor do que o campo das realidades que na verdade têm lugar.

Disponho tão somente de uma visão de superfícies. O meu ponto de vista fica completamente fora do que há para além delas no espaço que limitam (do interior que cobrem). E o que há nesse espaço interior é na verdade uma multiplicidade de momentos, de determinações incomparavelmente maior do que aquela que está acompanhada na apresentação, que tenho, das superfícies. De tal modo que, tal como com o complexo de realidade correspondente às estantes e ao aparelho de som, a esmagadora maioria dos momentos de realidade que têm lugar em mim, nesta mesma realidade que me pertence, com que me identifico, está completamente "ao largo", fora do que é tido na perspectiva em que o tenho visto, em que me está dado.

Sendo assim, sucede entretanto que, embora haja na situação normal do meu ponto de vista referências a partir das quais seria possível detectar o complexo de realidades correspondente ao interior do corpo no seu escondimento, na sua irredutibilidade ao que tenho apresentado (na muito significativa margem de escondimento que comporta, essa referência não está atendida--e aquilo que se apresenta dá-se totalmente livre de qualquer menção de escondimento, vale inexplicitamente como proporcionando um acompanhamento pleno. Dessmodo, as realidades dos interiores em causa são realidades que normalmente me escapam por inteiro: realidades de que, estando elas a muito próximas, e mesmo estando sempre aí (trata-se na verdade do meu próprio corpo), não tenho a mais pequena ideia (realidades que se mantêm tão ocultas, tão fora de apresentação como o mais distan

te).

E por outro lado, tal como nos casos anteriormente referidos, também aqui aquilo que permanece sob escondimento, arredado da apresentação que tenho, é de uma amplitude absolutamente irredutível a todas as representações que dele faço, mesmo quando me esforço por focar os horizontes em causa e acompanhá-los. Trata-se de multiplicidades de realidades muito mais amplas e muito mais complexas do que de cada vez se me apresenta no núcleo de sentido (de apresentação colectiva, sumária) que se forma quando as considero--multiplicidades que se mantêm inteiramente perdidas de vista, "submersas" ao ter esse núcleo. [100]

*

O que assim se manifesta nos casos considerados é, entretanto, qualquer coisa que se verifica igualmente em cada um dos diversos corpos opacos presentes na sala.

Passa-se também com as diferentes peças de mobiliário, com a secretária em que escrevo, as mesas e cadeiras, com as canetas, o sofá, o relógio, as minhas próprias roupas, etc.. [101] De cada vez, verificando o respectivo interior e a posição de acesso ou não-acesso em que se encontra (ou seja, suprimindo o esbatimento dos limites que correspondem às superfícies expostas e inibindo as representações inautênticas de totalidade que tendem a resolver--e de facto a encobrir--a multiplicidade do que se acha para lá delas), revelam-se domínios subtraídos à apresentação que tenho, zonas de escondimento pululando, disseminadas por muitas das regiões da sala e com uma amplitude muito mais significativa que aquela que despreveni-damente, e mesmo quando já me apercebi de que há escondimento dos interiores, tendo a reconhecer.

E, deste modo, constituindo já um contraste flagrante com a forma como o campo de realidade da sala à primeira vista se apresenta, emerge no seu domínio um conjunto já bastante numeroso de zonas onde o ponto de vista está muito longe da posição de soberania, de "varrimento" total ou quase total do horizonte, que naturalmente se arroga (e que, mesmo depois da descoberta dos abismos de escondimento dos horizontes externos, continua a arrogar-se) a respeito desta realidade tão próxima, aí tão imediatamente ante mim, que é a da sala.

*

Experimentamos alguma dificuldade em compreender esta margem de escondimento na sua efectividade e no seu alcance. Hesitamos em reconhecê-la, em aceitá-la. E isto em virtude de determinados fenómenos e de determinadas convicções que tendem a manter-se arreigados e que, mesmo quando de algum modo percebemos que relativamente ao interior dos corpos opacos há escondimento, incompletude da apresentação de que dispomos, neutralizam a experiência desta falta, velam-na nas suas dimensões, anulam o seu impacto--permitindo assim a persistência da compreensão natural, de acordo com a qual a apresentação é globalmente proporcionada à realidade a que se reporta.

Importa por isso precisar alguns pontos a este respeito, por forma a desfazer os condicionamentos que impedem uma plena apercepção do escondimento que afecta os interiores, e a ganhar uma ideia mais precisa da desproporção de que se trata.

*

Em primeiro lugar, a "fuga", o não-acompanhamento em causa no escondimento de interiores, não é uma"fuga", um não-acompanhamento eliminável por uma simples "abertura"dos corpos que se nos apresentam fechados, por meio da qual ganho acesso ao seu "interior".

Realizando-se essa "abertura", regista-se sem dúvida uma aquisição de novas perspectivas anteriormente não tidas, uma "entrada" no que para a perspectiva anterior a essa "abertura" era um "interior" sob escondimento, não manifesto. Posso, por exemplo, ficar a saber se o interior das colunas da estante é ou não é oco, constituído por este ou aquele material, com ou sem estruturas de metal que o reforcem; posso ganhar acesso a páginas e páginas destes e daqueles livros,etc..

Mas essa aquisição significa na verdade apenas uma aquisição de novas superfícies, que por sua vez se propõem como superfícies envolventes de um interior que, esse, continua ainda por acompanhar.

Ou seja, a"abertura", a "entrada"no interior dos corpos opacos, por mais longe que seja levada, quer dizer, por mais que eu empreenda novas "aberturas" dos corpos resultantes das"aberturas"já realizadas, apenas conduz a um aumento do número de superfícies cobertas pela minha perspectiva, deixando ainda sempre por acompanhar os interiores de que elas por sua vez se apresentam como limites.

Ora isto significa na verdade que o que fica por acompanhar continua a ser sempre muito mais do que aquilo que é deveras visto, acompanhado, e por outro lado que,tal como anteriormente, a amplitude do que se mantém fora de acesso continua a ser inabrangível e absolutamente irredutível a todas as representações que dela tenho. A desproporção mantém-se sempre imensa, a relação visto/aquilo que há sempre a inversa daquela que naturalmente perspectivamos, ou seja, sempre uma relação tal que não é o não tido que se reduz a pequenos "pedaços" no maciço do que se tem, mas o que se tem, relati-

vamente aos corpos em causa, é que constitui um conjunto de pequenas "bolsas" perdidas num maciço de realidade não acompanhada, que transcende.

Em segundo lugar, não me apercebo naturalmente de que assim é, experimento mesmo uma grande resistência a aceitá-lo, por força de um fenómeno que continuamente tem lugar e em virtude do qual, ao ter a sala perante mim, completo a sua representação. De tal modo que as partes dela que não me estão propriamente dadas (e designadamente aquelas que, enquanto interiores, estão cobertas por algo que as tapa) me parecem de algum modo acompanhadas, dadas na apresentação de que disponho.

Tocou-se já este fenómeno, de fugida, ao analisar o escondimento do interior do nosso próprio corpo. Mas não se descreveram detidamente os seus traços nem se pôs em evidência, com suficiente clareza, o papel que desempenha. É isso que importa agora fazer.

Quando vejo um qualquer corpo opaco, a perspectiva em que me encontro é tal que por um lado só tenho propriamente dadas superfícies, por outro lado vejo justamente um corpo--um corpo com interior. Para que assim aconteça, é indispensável que aquilo que se situa por detrás das superfícies esteja de algum modo apresentado, figure de algum modo na apresentação. Ora, dada a situação em que de facto me encontro a seu respeito, deveria figurar como algo de escondido, a que não se tem acesso. Mas é precisamente isso que em regra não acontece.

Quer dizer: o campo de apresentação inclui o interior em causa, mas de tal modo que a diferença, a fronteira entre o propriamente tido e o propriamente não tido se esbate inteiramente--e sinto-me, ao estar perante o objecto de que se trata, como se o acesso de que disponho perpassasse, varresse por igual, de forma homogénea, o campo de que se trata.

Esta homogeneização do campo de apresentação não acontece em vir-

tude de uma eliminação dos interiores em causa, da sua exclusão do campo de apresentação (há uma notícia dos interiores!).Mas tampouco ocorre através do preenchimento do interior não visto por conteúdos imaginários, mas concretos (do mesmo nível de determinação que as superfícies), que "substituam" os conteúdos reais e sejam confundidos com eles.

Não.

O interior é preenchido, a aparição completada (de maneira que de modo algum aparece como imperfeita, incompleta). Mas aquilo que preenche, aquilo que completa não é senão de cada vez qualquer coisa como uma evidência de acesso, de domínio, um valer-como-sabido, que não comporta um conteúdo determinado como o das superfícies, não corresponde a nenhuma versão precisa do interior em causa (definindo que ele tem este ou aquele conteúdo, é deste ou daquele modo). A completação processa-se porque a apresentação que tenho, tão precisa e exigente no que toca às superfícies visíveis e aos seus caracteres, está de tal modo condicionada que a respeito dos interiores que de cada vez se acham cobertos se caracteriza por uma peculiar falta de exigência e se satisfaz com estes quase-conteúdos, com este valer-como-sabido--com esta evidência na verdade bastante indeterminada.

Tudo isto, naturalmente, sem que os quase-conteúdos que assim preenchem os interiores se achem de algum modo postos em destaque (como na descrição acontece, forçosamente tem de acontecer)--antes pelo contrário, de tal modo que esta peculiar forma de preenchimento se acha associada precisamente a uma total inconspicuidade dos interiores e assegura justamente que a seu respeito não se levante qualquer questão (que eles se mantenham num relativo apagamento, numa posição discreta que não solicita o olhar, não se impõe de nenhum modo a chamar a atenção sobre si).[102]

Assim no curso normal da experiência, quando desprevenidamente lido com os objectos, enquanto a pergunta pelo possível escondimen

to dos interiores não se levanta.

Mas também quando esta pergunta se levanta, também aí desempenha este fenómeno um papel importante--e mesmo o papel decisivo.

O seu domínio sobre o meu ponto de vista é na verdade de tal ordem que, mesmo quando de algum modo sou levado a pôr à prova o acompanhamento que tenho dos interiores em causa, o meu ponto de vista tem uma tendência quase indeclinável para se deixar conduzir por estes quase-conteúdos, para compreender os interiores à luz da sua evidência--que esconde o escondimento em que de facto se acham. E isto mesmo até quando de algum modo compreendo já que esta evidência não corresponde efectivamente a uma determinação definida, e que, se a tentar explicitar, não fornece nenhuma apresentação precisa dos interiores em causa.

Sem dúvida que, quando assim se suscita a questão, surgem ainda outros fenómenos, de que já se procurará dar conta. Mas é na verdade muito menos importante o papel que desempenham, um papel que de facto se reduz à circunstância de corroborarem, confirmarem no plano temático a evidência natural do quase-conteúdo, que de modo nenhum depende deles, de modo nenhum os tem por suporte, antes os pode perfeitamente dispensar. O decisivo continua sempre ainda a ser este fenómeno do valer-como-dominado, que de raiz introduz no modo como vejo uma espécie de "cegueira" relativamente ao escondimento dos interiores.

Trata-se de um fenómeno de tal ordem que a própria apercepção do escondimento dos interiores (quando consigo perceber que na verdade não estão dados mas sim fora de acesso), tende a ser neutralizada no seu peso, a não conseguir suspender este condicionamento, este "Als-ob" do domínio dos interiores que de raiz domina o nosso olhar. E assim é este fenómeno que importa acentuar na sua função ocultante, pois constitui o principal obstáculo a uma efectiva compreensão do escondimento que os interiores envolvem.

No que diz respeito aos outros fenómenos que intervêm quando se produz uma tematização do que está para lá das superfícies, trata-se de modos de apresentação que, ocasionados pelo suscitar da questão acerca dos interiores, ocorrem ou podem ocorrer a partir dela, fenómenos em que o conteúdo perspectivado é já mais determinado e que desse modo parecem poder suprir o carácter vago e impreciso dos quase-conteúdos.

Assim sucede que, por exemplo, posto em causa o que há nos interiores, tendo a conceber o interior dos objectos por uma projecção a partir das determinações do seu exterior--de tal modo que, e. g., em muitos casos (mas não necessariamente em todos) tendo a conceber o interior de um objecto vermelho ou cinzento como sendo também ele vermelho ou cinzento.

Assim acontece também que quando já tive acesso ao interior de determinados objectos tendo a conceber o interior de objectos exteriormente idênticos ou parecidos como correspondendo ao interior dos que já explorei na sua determinação.

Além disso, disponho sempre também da possibilidade de constituir uma presentificação do interior em causa--de o figurar, se assim se pode dizer, ante os meus olhos, numa apresentação imaginativa, em que como que percorro os seus momentos, as suas notas, como que as vejo, as considero em si mesmas e nas conexões em que se acham. De tal modo que me parece fazer assim, de forma figurada, aquilo que faria se efectivamente visse o que está no interior. Ou seja, de tal modo que me parece que, se na verdade viesse a ter um acesso directo ao interior em causa, aquilo que então se me poria à mostra corresponderia no fundamental àquilo que de qualquer modo já se me apresenta na presentificação.

Assim, posso presentificar que, por debaixo ou por detrás de um determinado ponto das superfícies a que tenho acesso, a realidade se continua num momento A, a que, numa determinada direcção do espaço, se segue o momento de realidade B, e na mesma direcção um momen

to de realidade C. Posso presentificar que ao lado desses momentos de realidade há, em várias direcções do espaço, outros momentos de realidade, e por sua vez por debaixo destes ainda outros momentos de realidade, ao lado e atrás dos quais se seguem ainda outros--e assim sucessivamente.

Acresce a tudo isto, finalmente, que tenho já algum acesso a determinações que inerem ao interior que está coberto e aos diferentes momentos que o compõem, e que posso presentificar essas determinações--sei ou julgo saber, por exemplo, que a realidade desse interior é pesada, colorida, que é impenetrável, etc.. Sem dúvida que me faltam ainda muitas determinações da realidade em causa. Mas, por outro lado, e em conformidade com o que se assinalou oportunamente, elas só valem como sobredeterminações por cujo apuramento o interior em causa pode tornar-se mais conhecido, conhecido com mais precisão, e que só podem ser compreendidas a partir daquilo que de qualquer forma já se acompanha. De tal modo que o conteúdo presentificado torna já acessível o interior do objecto no fundamental daquilo em que consiste.

Mas, por muito que só forneçam elementos acerca dos interiores de que se trata, todas estas formas de perspectivação (desde os quase-conteúdos que naturalmente dominam a nossa perspectiva, até às mais completas e determinadas tematizações, figurações dos interiores das coisas), dando embora a ilusão de um acompanhamento da realidade em causa, têm como seu perspectivado núcleos de sentido que de facto não atingem, ficam muito aquém dos interiores, dos complexos de realidade que efectivamente têm lugar por detrás ou por baixo das superfícies vistas.

Em primeiro lugar, aquilo que em qualquer dos casos está representado como o interior do objecto em causa é sumário, ficando muito aquém da numerosa multiplicidade de entidades que na realidade o constituem. Sem dúvida que há nos conteúdos assim constituídos

algo que aponta tal multiplicidade, que remete para o facto de o interior em causa se compor de toda essa multiplicidade de momentos (é justamente isso que permite que eu de todo em todo tenha ideia dela). Mas isso ocorre de tal forma que a própria multiplicidade que assim se aponta fica inteiramente para lá da indicação que a refere--do mesmo modo que, por exemplo, a noção de 250 ou a noção de 2500 ou 5000 ou a noção "totalidade dos ouvintes das minhas aulas até hoje" (que, sem mais, a qualquer momento posso formular) não acompanham efectivamente os conjuntos de diferentes pólos de realidade que por elas mesmas se definem--e constituem, cada uma delas, um núcleo de sentido que, remetendo embora para esse conjunto que nela está em causa, o faz todavia por tal forma que o próprio conjunto excede, é outro, situa-se num outro plano que não o da fórmula que o concebe (num plano irredutível a ela).De sorte que a "posse" da fórmula, da indicação, o facto de ela estar produzida, fica muito longe de constituir um acompanhar das diferentes realidades do conjunto em causa.

Em segundo lugar, aquilo que tanto o quase-conteúdo da apresentação não-temática quanto os conteúdos figurados da presentificação temática fixam como sendo a realidade do interior em causa é qualquer coisa de bastante vago--e isto por muito que inclua já determinações e mesmo um complexo relativamente amplo de determinações.

As determinações em causa tanto num caso como no outro permanecem na verdade algo puramente imaginado, e algo que não constitui nenhuma concreção real--algo que se mantém exterior à esfera de concreção que é a da realidade que efectivamente há aí, no "aí" do interior de que se trata. O que me está dado em qualquer destes conteúdos (nos quase-conteúdos ou nos conteúdos figurativos) não é de facto nenhum dos focos de realidade, nenhuma das entidades reais que efectivamente estão lá no interior em causa, não é de facto nenhuma dessas entidades apresentando-se efectivamente no acontecimen

to de si própria, tal como é.

E as coisas passam-se mesmo de tal forma que justamente enquanto cuido que através de tais conteúdos alcanço a realidade de que se trata, justamente então é anulada, desvirtuada, neutralizada a capacidade de remissão, de efectiva indicação da multiplicidade real em causa que a apercepção natural dos interiores apesar de tudo comporta em si. Prendendo-se essa indicação nos quase-conteúdos ou nos conteúdos figurados, deixando-a fechar-se neles e perdendo-se a noção da distância que ainda têm relativamente à realidade a que se referem, produz-se um desvio da indicação relativamente a esta e o que ela conserva de escondido (a realidade que está aí sem se expor) fica perdida de vista, sem "rasto".

Numa palavra, qualquer destes modos de apresentação mantém-se de facto preso de uma forma de perspectivação que não é suficientemente abrangente nem suficientemente penetrante para atingir o complexo de realidade que se situa no interior dos objectos. Por um lado, a multiplicidade dos momentos reais que efectivamente constituem o interior mantém-se transcendente a todas as perspectivas a que sou capaz de aceder (mesmo quando procuro seguir essa multiplicidade de momentos, vendo bem, nunca vou muito longe nesse acompanhamento, não tardo a perder-me--e isto de tal modo que não sou capaz de seguir sequer uma pequena parte de cada interior). Por outro lado, o que de cada vez se tem nestas perspectivas mantém-se na verdade fora do interior em causa e não oferece na verdade nada do que lhe pertence.

De tal modo que, apesar de todas as aparências em contrário, aquilo que se situa para lá das superfícies a que tenho acesso, tapado por elas, é de facto um complexo de realidade irredutível à apresentação que no-lo apresenta, em excesso, excentricidade relativamente a essa apresentação. E por outra parte a relação entre o que assim excede a apresentação, fica fora dela, e o domínio do que

ela inclui é uma relação tal que o que assim fica de fora é na verdade bastante mais do que o que nela se acha propriamente posto em acesso.

*

Embora naturalmente, desta forma, tudo me incline a pensar o contrário, a apresentação da sala em que me acho tem, assim, pelo menos relativamente ao "interior" dos corpos opacos que nela têm lugar, a natureza de qualquer coisa como uma visão imensamente míope--de uma "miopia" muito maior e muito mais difícil de corrigir do que aquela que, tomando como padrão a visão normal, naturalmente como tal concebemos e somos capazes de reconhecer.

Tal como no olhar de um míope, a visão que se tem não integra uma parte dos diferentes momentos de realidade presentes no campo de realidades sobre que incide, deixa-a inteiramente fora do seu horizonte. Tal como no olhar de um míope, a visão que se tem constitui em si, como reconhecimento ou "imagem" desse campo, uma totalidade diferente daquela que nele de facto tem lugar--qualquer coisa que se apresenta como sendo a totalidade, mas de que estão excluídos precisamente todos os momentos que não enxerga (e que, desse modo, é, por assim dizer, excêntrica relativamente àquilo de que a visão pretende ser visão).

Assentamos naturalmente nos limites que de facto tem a nossa perspectiva sobre as coisas. Tomamos esses limites como qualquer coisa necessária, natural (da mesma forma que um míope de nascença toma como natural e própria a forma como vê os objectos). "Canonizamos", por assim dizer, a impossibilidade de ver o "interior" do que é opaco. E a visão "de fora", assim restrita, tende a apresentar-se como forma adequada de acesso às realidades de que se trata.

De tal modo que temos dificuldade em reconhecer o modo como vemos na "falta", na defectividade que o caracteriza, na inadequação,

na desproporção que tem relativamente à realidade que efectivamente há e na correlativa possibilidade de uma outra e mais adequada forma de perspectivação daquilo de que se trata--de um ponto de vista de Linceu, que acompanhasse todas as diferentes realidades que assim nos escapam.

Mas tudo isto, toda esta "canonização" da forma de perspectivação que é a nossa e toda esta dificuldade em conceber uma outra forma de acompanhamento mais adequado não resultam senão de naturalmente vermos assim e estarmos sempre fechados neste modo de ver. A apresentação de que dispomos do interior dos corpos opacos nada tem que de facto a justifique na sua pretensão de proporção, de adequação à realidade de que se trata. A forma como vemos não é de modo algum a única possível τῇ φύσει --não há nada que permita afirmá-la como tal. E também não é verdade que uma apresentação que alcançasse o interior dos corpos opacos tivesse algo de "excessivo", para lá do natural. Que conseguíssemos ver o interior dos corpos opacos, sem que nos escapasse nenhum dos elementos da realidade que lhe corresponde, não seria mais fantástico, mais extraordinário que o conseguirmos ver, como aparentemente conseguimos, coisas que aí há fora do nosso próprio acontecimento--não seria mais fantástico que este extraordinário arrancar do escondimento, esta supressão dele que instante a instante está a ocorrer em nós. Ou seja, se de facto é aquilo por que naturalmente o tomamos, todo o ver corresponde já a um singular conseguir ter alcance do que é exterior e, nesse sentido, os interiores dos corpos opacos não são mais exteriores a nós do que as suas superfícies. A pretensão de uma adequação entre o modo como vemos os corpos opacos (esse modo que está marcado pelo não acompanhamento dos interiores) e a própria realidade de que se trata neles não pode de maneira nenhuma escudar-se na impossibilidade absoluta de um acesso melhor, na tese de que a imperfeição que a afecta é inerente. Tal pretensão carece de qualquer fundamento.[104]

Por outro lado, ao contrário do que naturalmente se inculca, não acontece de maneira nenhuma que, ainda que de facto haja algo que me escapa, o que assim me escapa seja de ínfimas dimensões--uma coisa quase despicienda, sem significado.

Já se avançaram alguns elementos para se mostrar que não é assim, mas é necessário examinar melhor por que é que se tende a ver as coisas deste modo e por que razões essa perspectiva é inadequada.

Sem dúvida que o interior dos diferentes corpos opacos presentes na sala constitui apenas uma pequena parte de realidade presente na sala e um domínio de realidade com dimensões relativamente pequenas. Isso não impede, porém, que a realidade que corresponde a essa pequena parte--a isso que na apresentação que tenho surge como muito pouco--equivalha a uma muito ampla multiplicidade de entidades diferentes que me escapam.

Tendo a compreender o interior que me escapa como um horizonte cujo âmbito e estrutura são antecipáveis a partir da apresentação de que já disponho--e em especial a partir da apresentação que tenho dos limites que o circunscrevem. De tal modo que, escapando-me algo, disponho já do quadro, do enquadramento em que se insere aquilo que me escapa, acompanho já as respectivas dimensões. E de tal modo que, por outro lado, se obtivesse um acesso adequado a ele, aquilo que dessa forma passaria a ter não seria mais do que o preenchimento, com determinações efectivamente tidas, de uma "dimensão" que já tenho adequadamente definida, delimitada.

Mas não é assim. De facto, o domínio daquilo que "fica de fora", "se perde", pela retenção que deste modo prende o meu ponto de vista fora de realidades que efectivamente estão aí a ter lugar, não

constitui apenas um horizonte ou conjunto de horizontes cuja posição, cuja estrutura sejam antecipáveis e estejam antecipados, dominados, na forma de perspectiva que já tenho da sala.

A "dimensão" daquilo que me escapa por esta "fuga" é uma "dimensão" que de modo algum acompanho na perspectiva em que, tal como a vejo, me está dada a sala: é uma "dimensão" totalmente outra que todas aquelas que perspectivo--é uma "dimensão"que ela própria me escapa.

Para o compreender, ou melhor, para se ter uma ideia dessa "fuga" da própria "dimensão" (de como o campo, que a descoberta do escondimento dos interiores revela, na verdade é irredutível a todas as formas que tenho de estimar a sua amplitude, de o ter delimitado), considere-se o seguinte.

A totalidade das posições em causa, a "dimensão" em que essa totalidade se situa não correspondem à dimensão do "interior" que como tal é perspectivado ao ter o objecto dado por algumas das suas superfícies--visto de fora.

Ao considerar um qualquer corpo opaco--por exemplo, a minha mão, um livro--compreendo a dimensão do interior em causa de tal modo que ela parece já suficiente, adequadamente determinada pela delimitação que as superfícies externas fazem do espaço desse interior. Cuido ter já um acesso a esse espaço, pela circunstância de ter delimitado assim o seu volume. Acontece porém que esta representação pretensamente adequada do espaço em causa, de que já disponho ao ver o objecto de fora, num acompanhamento das suas superfícies, envolve em si uma aparência, uma componente deceptiva--uma aparência sem dúvida profundamente enraizada e muito difícil de erradicar, mas uma aparência que de qualquer modo induz em erro.

Pois quando assim concebo um espaço através das superfícies que o delimitam, tende justamente a escapar-me na sua amplitude a extraordinária multiplicidade de momentos diferentes que pertencem

ao espaço assim delimitado. O meu olhar é absorvido numa determinação que de relance fixa os limites desse espaço e que fica muito longe de levar a um acompanhamento adequado da multiplicidade real compreendida dentro desses limites. Se analisar cuidadosamente o que acontece na perspectiva a que assim sou conduzido, verifico que, ao representar o espaço de cada vez assim delimitado, como que salto de um limite para o outro, sem percorrer, sem ser capaz de percorrer efectivamente todos os diferentes momentos que medeiam, que se situam entre eles.

Assim, por exemplo, em se tratando de um dedo da minha mão. Consigo delimitar o interior de que se trata. Mas não consigo ver efectivamente e acompanhar a multiplicidade do espaço assim delimitado e da realidade que o ocupa. Salto sempre por cima desta multiplicidade (e isto mesmo quando já se trata somente de acompanhar um plano que seccione o dedo, mas muito mais ainda no que diz respeito a todo o espaço tridimensional que corresponde ao dedo no seu todo). Por outro lado, ao tentar (mesmo que sem sucesso) percorrer efectivamente a multiplicidade do interior em causa, sucede na verdade que me tenho de concentrar em determinadas partes desse interior, acontecendo que com isso se mantém fora de foco, inteiramente desacompanhado, tudo o mais--toda a muito grande multiplicidade das outras partes para lá das que efectivamente consigo ter focadas.[105]

Assim, a perspectivação das dimensões do interior dos corpos, tal como naturalmente ocorre (e precisamente na medida em que parece totalmente eficaz e é triunfante) está ela própria também já submetida a um condicionamento e presa de uma limitação. De facto, o que com ela se apresenta deixa fora de si a esmagadora maioria da realidade de que se trata. E isto não só relativamente à totalidade do interior em causa, mas mesmo já na perspectivação de qualquer pequena parte dele.

A percepção de tudo isto é dificultada pela ideia de pequenez

que domina a compreensão que tenho destes âmbitos de realidade e que faz que tenda a ver as coisas como se a multiplicidade de momentos de realidade pertencentes a interiores desta ordem não possa de qualquer modo ser muito numerosa. Mas na verdade a circunstância de algo nos parecer pequeno ou mesmo muito pequeno não impede que o volume da realidade que alberga em si (e que se mantém escondido, fora da apresentação de que se dispõe) seja na realidade de grande amplitude.

Tudo isso se manifesta claramente se, como foi feito acima, analisar o que acontece quando vejo uma folha de papel. De facto vejo a folha de papel de tal modo que na perspectiva que tenho não cabe entre os dois lados nenhuma multiplicidade de realidades, e muito menos uma multiplicidade numerosa. No modo como vejo, tende a inculcar-se, de forma inexplícita mas nem por isso menos efectiva, que não há entre os dois lados espaço para nada. E todavia uma folha de papel é algo muito diferente de um plano--é muito mais do que uma realidade meramente bidimensional. Uma folha de papel é um sólido, um corpo. E o que preenche o seu interior é muito diferente de nada--é uma multiplicidade de momentos de realidade diferentes, de facto mais ampla do que as próprias superfícies que de cada vez tenho apresentadas. O que acontece é apenas que a minha perspectiva está constituída de tal forma que não sou capaz de seguir a multiplicidade de realidades que medeiam entre os dois lados da folha e que fazem dela justamente um corpo, um sólido. Está até mesmo constituída de tal forma que não vejo efectivamente possibilidade, cabimento para coisa nenhuma. De tal modo que elimino completamente essa multiplicidade.

Ora o que assim sucede relativamente a estes interiores mais pequenos acontece muitas e muitas vezes--de forma muito multiplicada --em relação aos interiores maiores. E o volume da realidade que está aí presente no próprio campo de incidência, na sala, mas não e

incluída na apresentação que dela tenho, assume desta forma dimensões muito grandes.

A impressão que tenho de dominar a dimensão dos interiores em causa--de ter já qualquer coisa como uma sinopse deles--advém, deste modo, de falta de focagem. E toda a perspectiva que naturalmente tenho a este respeito é uma perspectiva retida, finita, incompleta, que fica muito aquém das dimensões realmente em causa--só que precisamente cega para a sua incompletude e presa de uma evidência de adequação que esconde inteiramente essas dimensões.

De facto, o campo de realidade efectivamente correspondente aos interiores dos corpos opacos que há na sala é qualquer coisa que só se me tornaria acessível se a forma como vejo se transformasse de tal modo que:

1) eu conseguisse ultrapassar esta incapacidade de acompanhar efectivamente os diferentes momentos da multiplicidade real que pertence ao interior dos corpos, isto é conseguisse libertar-me deste prendimento do meu olhar a perspectivas "de relance" (que saltam por cima da multiplicidade realmente existente).

2)esta aquisição dos diferentes momentos, que na compreensão que naturalmente tenho são "saltados", não implicasse (como da maneira em que agora vejo a atenção à parte implica) uma tal concentração sobre o pormenor que, com ela, fica fora de vista o todo; quer dizer, o acompanhamento teria de ser tal que abrangesse tanto os momentos singulares quanto o seu todo, sem perder nem no pormenor nem na abrangência.

3)correlativamente, ficasse totalmente suprimido o ver de-fora, como em nós ocorre, por forma a não deixar subsistir nenhum interior envolto, tapado.

Isso quer dizer, por exemplo relativamente à caneta com que escrevo, não somente ter acesso à sua superfície exterior, na totalidade dos seus momentos, mas, para além disso, também não me escaparem todos aqueles momentos de realidade que imediatamente se lhes

seguem no interior da caneta, e todos aqueles que imediatamente seguem esses, e assim sucessivamente, sem perda de um único momento de realidade até ao centro da caneta. E tudo isto de tal modo que, ao falar-se de cada um dos momentos de realidade, não se está a falar, como sempre de novo se tende a conceber, de corpos opacos, que, por mais pequenos que sejam, ainda envolvem e escondem dentro de si realidades não expostas, não acompanhadas, mas antes da multiplicidade dos momentos correspondentes à total supressão do desacompanhamento que o ver-de-fora implica.

Aquilo que corresponde a esta transformação é por um lado um horizonte muito mais amplo, muito mais abrangente, do que os conteúdos da apresentação de que disponho--um horizonte de dimensão inteiramente irredutível ao apresentado da apresentação natural da caneta e também irredutível a tudo o que consigo conceber, por mais que me esforce. Em segundo lugar, os "conteúdos" para que remete a total supressão do "de fora", do encobrimento de interiores, são algo de completamente diferente de todas as determinações que encontro na apresentação que tenho--conteúdos que não sou capaz de encontrar na sua determinação, de imaginar a que é que podem equivaler.

Os interiores (a realidade que lhes corresponde) escapam, deste modo, à perspectiva em que me encontro--mantêm-se maciçamente "ao largo" dela. Assim já em significativa margem para o dedo, para um livro ou para a caneta. Mas muito mais ainda em relação ao numeroso conjunto de interiores tapados que está presente nesta sala. De tal modo que a dimensão do campo de realidade fora de acesso que está em causa nesse conjunto é qualquer coisa de que na verdade nem de longe consigo fazer ideia--qualquer coisa que inteiramente me escapa.[106]

Ao considerar assim, a sala aparece de modo diferente daquele por que o faz na apresentação quotidiana, que é inteiramente livre ou quase inteiramente livre de menções de escondimento.

Surgem nela diversas regiões em que na verdade o acesso que se tem não chega e reina escondimento. Há realidades, complexos de realidade que permanecem fora da apresentação, da sala que aparece--complexos que, por mais que se tente obter acesso a eles, se conservam sempre ainda inacessíveis, oclusos.

Logo por assim dizer "à minha volta", mais imediatamente em torno de mim, na minha cabeça--e logo aí já com grandes dimensões--começa um campo de escondimento, um domínio subtraído à apresentação, um horizonte de realidades fora de acesso. Esse horizonte continua por todo o meu corpo, nas roupas que me vestem, no relógio, na cadeira em que estou sentado, na secretária a que escrevo, nas canetas e nos lápis, nas folhas de papel, em todas as cadeiras, no sofá, nos candeeiros, na outra mesa, nas plantas, nas estantes, nos conjuntos de livros que as ocupam, etc..[107]

Corresponde deste modo a uma rede bastante numerosa de "bolsas" de escondimento de interiores, de que cada "bolsa" equivale a um horizonte muito amplo, a uma ampla multiplicidade de momentos de realidade, que excede, é irredutível a todas as representações que dela faço.

De tal modo que ao cerco de escondimento que, como se viu, começa logo por detrás das superfícies das paredes, do tecto, do chão--ao cerco de escondimento correspondente aos horizontes externos--deixa de se opor, no campo da sala, uma cidadela compacta de transparência e soberania do olhar. Desenhando-se nela o que naturalmente não parece ser possível: numerosas e amplas regiões de não acompanhamento, uma muito densa rede de falhas, de incompletude da apresentação (um bastante amplo "transbordar" da realidade para fora da

apresentação, um claudicar desta em relação àquela, de tal modo que fica aquém dela e é de grande amplitude o que assim deixa de fora.

2.1.2.2. O escondimento no domínio das próprias SUPERFÍCIES VISTAS. A apresentação à distância como factor de escondimento. O carácter meramente "horizontal" da apresentação da maior parte das superfícies e as insuficiências decorrentes de a apresentação da maior parte das superfícies ser sempre só desta ordem. O fenómeno da "simplificação" no próprio foco de incidência e a imensa amplitude do conjunto de realidades não acompanhadas na apresentação das superfícies.

Vendo bem, no entanto, esta modificação de perspectiva, introduzindo embora já núcleos de encobrimento no campo da sala (e fazendo que ele deixe de se poder apresentar como um domínio onde em absoluto não há ou só cabe uma muito reduzida margem de imperfeição do acesso), fica ainda muito longe de alterar a óptica de soberania, a persistência da forma natural da finitude no âmbito restrito que é o da sala.

Na verdade, se considerar as superfícies que me estão apresentadas (as superfícies da secretária, das estantes, do meu corpo, etc. a que aparentemente tenho um irrestrito acesso), verifico que não oferecem qualquer possibilidade de também a seu respeito se alterar a relação de forças entre o tido e o não-tido que corresponde à forma natural da finitude. Trata-se de realidades que estão inteiramente à mostra, perfeitamente atingidas, disponíveis e "entregues" na apresentação de que disponho.

E por outro lado o mesmo acontece também com todo o resto da sala, com tudo aquilo que não é superfície vista nem interior--com aquilo que se situa entre as estantes e a secretária, entre o chão e o tecto e todos os demais objectos presentes na sala : o espaço livre. Caracteriza-se ele precisamente por uma total transparência,

de tal modo que nenhum dos seus momentos esconde, tapa outros. E, desta forma, está inteiramente manifesto para o meu olhar, inteiramente "varrido" pelo acesso de que disponho, parecendo com toda a evidência excluir a seu respeito a possibilidade de se vir a descobrir nele uma invasão de escondimento e a inversão da relação de forças em causa na forma da finitude.

E assim, por amplos e numerosos que sejam os domínios de escondimento correspondentes aos interiores dos corpos opacos presentes na sala, a verdade é que a esmagadora maioria da realidade da sala (a realidade das superfícies vistas e do espaço livre--de longe muito maior que todo o complexo dos interiores) está acompanhada num acompanhamento que verifica inteiramente a tese natural da porporção entre o tido e o que há, a tese de soberania do olhar própria da forma natural da finitude.

No que diz respeito ao âmbito da sala, a desproporção entre o tido e o que há, a inversão da relação de forças naturalmente pressuposta, cinge-se aparentemente, então, aos interiores. Ou seja, circunscreve-se a um conjunto de focos que, por amplo que seja o volume de realidade que lhes corresponde, não têm, no quadro da sala, mais do que o carácter de um conjunto de sectores parcelares, de falhas sectoriais, emergindo aqui e ali, intersticialmente, no meio da sala globalmente exposta, globalmente dada em adequação pela apresentação de que disponho.[108]

Assim parece suceder.

Mas na verdade, examinando de forma mais atenta esses outros campos de realidade presente na sala (tanto as superfícies de que tenho apresentação quanto o espaço livre, transparente), verifica-se que esta aparente impossibilidade de também eles comportarem escondimento mais que lacunar justamente não é senão uma aparência.

De facto, olhando detidamente a realidade que, segundo a própria indicação de que dispomos, há nesses campos, emerge também a-

qui um escondimento de grandes dimensões que subverte o enquadramento lacunar do escondimento e a relação de forças tido/não tido que corresponde à forma natural.

*

Consideram-se em primeiro lugar as superfícies vistas, para depois se examinar o espaço livre e as dimensões respectivas da completude ou incompletude do acesso que a ele se tem.

Se relativamente às superfícies apresentadas o acompanhamento parece ser e só poder ser um acompanhamento pelo menos próximo do perfeito, verifica-se também aqui que uma grande parte, e mesmo a maioria disso que as compõe se mantém de facto fora das apresentações a que tenho acesso. De tal modo que também a este respeito o nosso ponto de vista é marcado por um fenómeno de "miopia", e as superfícies vistas correspondem a qualquer coisa como um excerto das superfícies reais--um excerto que toma em si uma grande multitude de elementos, mas que deixa de fora, não acompanhados, ainda muitos mais, constituindo totalidades diferentes das totalidades reais, e que só se constituem justamente por este processo de elisão, de simplificação. E isto de tal modo que, à semelhança do que se apontou acontecer com os interiores das coisas, o enquadramento e a estrutura das totalidades assim constituídas são inteiramente insusceptíveis de absorver em si, como simples completações, os complexos de elementos que não estão incluídas na apresentação.

*

O primeiro ponto a partir do qual isto se manifesta diz respeito à circunstância de uma grande, e mesmo a maior parte, das super-

fícies que me estão apresentadas se acharem vistas à distância.

No regime normal de apercepção das coisas que há na sala, e em particular do conjunto das superfícies nela presentes, não me dou conta de uma grande diferença entre o modo como se me apresenta aquilo que está relativamente próximo e aquilo que está relativamente distante.

Mas essa diferença existe.

Quanto mais afastado se acha aquilo de que me está apresentado tanto mais "pequena" é na verdade a "apresentação"--o que efectivamente tenho dado nela.

É certo que esta formulação é ainda por demais simples para dar conta do complexo fenómeno de que aqui se trata--mas toca já o núcleo de uma diferença que normalmente passa despercebida e que introduz uma significativa não coincidência entre o que tenho e aquilo que há.

A afirmação de que aquilo que é visto de longe tem, grosso modo, uma apresentação "mais pequena" não é adequada na medida em que o que é visto ao longe não se apresenta de maneira nenhuma como mais pequeno, ou, mais precisamente, está muito longe de ser percebido tão pequeno como de facto se apresenta--de tal modo que normalmente não tenho a mínima ideia de quão pequeno (ou melhor, de quão mais pequeno do que parece) é na verdade aquilo que me está dado a apresentar a realidade de que se trata.

Posso experimentar sem grande dificuldade que é assim, ao fazer como algumas vezes fazem as crianças--ao comparar a apresentação que efectivamente tenho de uma coisa ao longe com aquilo que tenho apresentado numa posição próxima. Por exemplo: ao medir com o indicador e o polegar as dimensões das estantes ou dos livros mais distantes, da porta ao fundo, de uma cadeira, etc., tal como me estão dados na sua apresentação à distância, verifico que essas dimensões são de facto surpreendentemente, incrivelmente mais pequenas do que me parecia antes de fazer tal "medição"--e do que de novo me

volta a parecer logo que a suspendo. E verifico que as relações de grandeza entre as estantes, a cadeira, a porta e a minha mão, como figuram na apresentação que tenho, as relações de grandeza entre aquilo que efectivamente está dado em correspondência a cada um destes objectos, surgem completamente diferentes daquelas que se inculcam na experiência natural (e que tenho reconhecidas como reais).

Desenha-se aqui um fenómeno complexo. Por um lado, o dado que na verdade apresenta o objecto que há ao longe apresenta-o de facto muito mais pequeno do que o julgo ser. Por outro lado, a apresentação de que disponho não se atém a isso que na verdade se acha dado e como que o transgride--de tal maneira que o que se acha propriamente dado(a dimensão real do que tenho ante os olhos, na apresentação) como que desaparece. E a tal ponto que não sou normalmente capaz de ver o que está propriamente dado, tal como se acha dado, e vejo sempre já algo passado a dimensões consideravelmente maiores.

Não cabe examinar mais detidamente este fenómeno,que corresponde a qualquer coisa como aquilo que se acha descrito por Husserl nas análises em que descreve e dilucida a estrutura"Hyle/Auffassung".[109]

A sua natureza ambígua é, vendo bem, muito difícil de compreender. E, correlativamente, não é também susceptível de ser determinado, assim sem mais, de que tamanho é realmente o apresentado das apresentações de que disponho.

A circunstância de o acesso que tenho àquilo que se situa numa relativa distância estar afectado por este tipo de fenómeno é de importância para a averiguação da incompletude na medida em que, quando vejo objectos mais pequenos do que na realidade são, há uma parte da realidade que lhes pertence que se mantem fora da aparição que tenho constituída, e que assim permanece escondida, para lá de tudo o que tenho.

Que assim é, isso não resulta imediatamente manifesto, assim sem mais, e requer, antes de se ir mais longe, uma evidenciação.

Ao dizer-se que aquilo que na sua apresentação figura mais pequeno mantém fora da apresentação uma parte ou partes de si, não se quer dizer que dele não aparece uma ou alguma partes determinadas, ao passo que as demais estão patentes, no modo como isso acontece por exemplo quando um qualquer objecto está parcialmente coberto por outro, ou quando algo--v.g. a Terra-- é tão grande que dele só sou de cada vez capaz de acompanhar partes, e sempre ainda partes.

Não. O ficar-escondido, o permanecer-fora-da-apresentação de que aqui se trata é de uma índole completamente diferente e de tal modo que por um lado deixa aparecer a (ou melhor uma) totalidade do objecto em causa (que assim figura na integralidade da sua forma, com todas as partes que a definem), e, por outro lado, em resultado disso, é muito mais discreto,inconspícuo, tende a passar despercebido.

Neste caso, o que desaparece,o que do objecto permanece escondido, sem apresentação, distribui-se homogeneamente por todo o objecto, de tal modo que a cada um dos momentos distinguíveis na apresentação que dele está dada corresponde, no próprio objecto, um horizonte de realidade consideravelmente mais amplo do que esse momento singular que aparece--um horizonte "submerso" relativamente à apresentação,que permanece escondido.

Assim sucede, por exemplo--para mais cabal compreensão, ilustre-se aquilo de que se trata a partir de um caso extremo--quando vejo a face visível da lua cheia. Tenho aí o objecto na sua totalidade, na integralidade da sua forma,não estando tapada, não faltando, nenhuma parte da superfície em causa. Mas, por outro lado, a cada momento daquilo que me está dado nesta apresentação corresponde, no próprio objecto, um campo de realidade que é na verdade muito maior não só do que tudo o que na apresentação que tenho corresponde à

lua mas, para além disso, mesmo muito maior do que todo o campo de apresentação directa de que disponho, ou seja muito maior do que tudo aquilo que vejo quando estou aqui sentado e tenho perante mim uma parte da cidade e dos montes circundantes (e a lua ao longe é apenas uma pequena componente do que enxergo). De tal modo que, quando vejo a lua ao longe, a esmagadora maioria daquilo que na realidade constitui a superfície dela (essa mesma superfície a que tenho acesso) me escapa inteiramente--e a amplitude do que assim permanece para lá do que tenho, fora de apresentação, é imensa, inconcebível.

Mas esta desproporção, esta fuga, esta perda de realidade na apercepção que dela está constituída não é um exclusivo da apresentação de objectos tão distantes como a lua. A mesma perda que neste caso, vendo bem, salta aos olhos (a partir do momento em que se tem noção de que o tamanho com que a lua aparece é função da distância a que se encontra) tem também lugar onde quer que, dado à distância, algo apareça mais pequeno do que na verdade é. Só que a desproporção, a perda não é sempre assim tão grande, tão flagrante. Em muitos casos oferece muito mais dificuldade a sua detecção--e ela tende a passar inteiramente despercebida.

Ora, no que diz respeito à sala e às superfícies que nela me estão apresentadas, o carácter ambíguo que se acentuou caracterizar a apresentação à distância não permite afirmar que as coisas vistas ao longe (no longe relativo que as dimensões da sala comportam) apareçam mais pequenas do que na verdade são. Pois, ainda que aquilo que propriamente se acha dado na apresentação dessas coisas seja, efectivamente, como sempre de novo posso comprovar, mais pequeno (e mesmo consideravelmente mais pequeno) do que a realidade que lhe corresponde, as coisas passam-se de tal modo que eu não apenas sei que os objectos em causa têm estas ou aquelas dimensões, diferentes das daquilo que se acha propriamente dado na apresentação

(o que de qualquer modo compensaria já o defeito, a redução de dimensões no dado de que efectivamente disponho), mas, para além disso (e, como acentuado, a despeito das reduzidas dimensões do dado de que efectivamente disponho), vejo sempre já o objecto com as dimensões correspondentes a esse meu saber. De tal modo que, por muito mais pequeno que seja o próprio dado que tenho constituído, o resultado, aquilo que em sentido próprio vejo, tem suprimida toda a redução, toda a perda deste tipo e corresponde inteiramente às dimensões efectivas dos objectos.

Assim parece ser.

No entanto, se, em vez de suspender a consideração do problema neste ponto e continuar pura e simplesmente a lidar com os objectos, atentar detidamente neles e nas características da sua apresentação, então verifico que o estado-de-coisas que aqui tem lugar está muito longe de ser tão simples como desse modo se sugere.

Sem dúvida que eu tomo sempre os objectos apresentados à distância por muito maiores do que aquilo que tenho propriamente dado a apresentá-los. Sem dúvida que, para além disso, os vejo sempre já muito maiores, com uma "correcção" das dimensões (e uma "correcção" tal que as dimensões efectivamente dadas desaparecem sem que minimamente me aperceba delas). Mas a questão está justamente em determinar se este sabê-los-maiores, e mesmo este vê-los-maiores é suficiente para recuperar inteiramente as dimensões reais dos objectos em causa. Ora isso é justamente o que não acontece.

Se, por exemplo, olhar para um edifício qualquer do outro lado da rua, então sei que se trata de algo relativamente grande, muito maior do que eu, muito maior do que a sala em que me encontro, muito maior do que a minha casa. E não apenas sei isto, mas vejo também em conformidade com esse saber.

Mas este excesso sobre o dado efectivamente disponível tem, por assim dizer, um carácter indeterminado. Isto é, com ele não fi-

cam precisamente delimitadas as dimensões reais do objecto. Esse excesso, essa transgressão tem uma natureza peculiar, em virtude da qual a remissão para as dimensões reais do objecto em causa não conduz a uma apresentação precisa do campo de realidade correspondente a essas dimensões, antes o mantém numa certa indefinição--numa indefinição em que justamente se tendem a manter perdidas de vista as próprias dimensões reais. E assim, se sair daqui, atravessar a rua e me dirigir ao edifício em causa, se entrar nele, percorrer os diversos andares, etc., aparece-me uma multiplicidade, aparecem-me dimensões de realidade que de todo em todo não figuravam (para que na verdade não estava desperto) na apresentação anteriormente tida, ao ver o edifício de longe, daqui onde me encontro nesta sala.

Sem dúvida que nada do que me possa aparecer assim, quando me aproximo do edifício em causa e entro nele, constitui para mim uma surpresa--aquilo a que assim passo a ter acesso corresponde de algum modo à expectativa que resultava da própria apresentação à distância. Mas, vendo bem, verifico que, sendo assim, tal não significa de modo nenhum que aquilo que passa a aparecer com a aproximação, a amplitude do campo de realidade que assim assoma, já estavam efectivamente desenhados, apercebidos, na apresentação à distância. Se eu não me tivesse aproximado, a apercepção tida ficaria muito aquém das dimensões que na verdade tem o complexo de realidade em causa, e esse complexo, as suas dimensões, teriam na verdade permanecido "submersas" relativamente ao meu ponto de vista--tal como normalmente, em virtude do modo distraído como ocorre (sem levar em consideração a distância a que está e a redução que ela acarreta), na verdade acontece por exemplo com a aparição da lua.

*

Levanta-se entretanto a questão de saber se tudo isto, por mais

que seja assim, tem algum significado também para a sala e para o complexo de realidade que nela tem lugar. Pois a sala e tudo quanto há nela são, apesar de tudo, algo que se situa relativamente perto, a distâncias consideravelmente menores que as que estão em causa nos exemplos considerados. E, se também no quadro da sala se verifica que o que propriamente se acha dado dos objectos à distância é, grosso modo, mais pequeno do que os próprios objectos, por outro lado não é menos verdade que já conheço a sala e cada um dos seus objectos a partir de apresentações próximas--já estive ao pé das estantes, das paredes, das cadeiras, dos quadros,etc., que neste momento, na posição em que me encontro, estão relativamente distantes. De tal modo que é familiar, já foi experimentado, o aspecto que todos estes objectos têm quando vistos de perto--tudo aquilo que se patenteia na sua apresentação próxima. E é na verdade já em correspondência a isso (e, portanto, sem significativa perda--de forma adequada) que os vejo mesmo quando, como agora, só se apresentam a uma relativa distância.

Assim parece, é certo. Porém, observando mais atentamente, as coisas revelam-se bastante longe de serem efectivamente deste modo.

Pois, na verdade, de quase todas as realidades presentes na sala não tenho senão uma experiência à distância.

Com efeito, as coisas mantêm-se normalmente àquela distância que é apropriada para a sua utilização, o seu manejo. Essa distância pode ser maior ou menor, conforme os objectos e o modo como os utilizo. Mas é de qualquer modo, em regra, alguma distância, e mesmo uma distância significativa.

Assim, se tomar um livro e o aproximar muito dos meus olhos, o livro assume uma dimensão inusitada. Se fizer o mesmo com a minha mão, também ela surge com dimensões diferentes das que de ordinário estão reconhecidas.

Dá-se uma aproximação que normalmente nunca tem lugar.E o li-

vro,a mão surgem-me como algo consideravelmente maior do que aquilo a que estou habituado na apresentação que deles tenho.

Ou seja, a apresentação habitual do livro ou da mão é de facto uma apresentação à distância--uma apresentação à distância de algo cuja apresentação verdadeiramente próxima em regra não se chega a constituir, não me é familiar.

De tal modo que na experiência que quotidianamente tenho desse livro (quer quando está na estante,quer quando jaz sobre a mesa, ou mesmo quando o leio, ou consulto qualquer coisa nele) e na experiência que quotidianamente tenho da minha própria mão (quando com ela manuseio as mil diferentes coisas que seguro, pego, movo, etc.)---de acordo com o que se pôs em evidência acima---uma parte das dimensões reais do livro e da mão, uma parte do complexo de realidade que lhes corresponde se mantém subtraída à apresentação, sob escondimento.

E assim também com qualquer outro dos objectos presentes na sala.

*

Porém, mesmo sendo assim, não é este um defeito, uma imperfeição do acesso que posso sem qualquer dificuldade suprimir? Não me é dado aproximar-me de todo e qualquer objecto aqui presente e obter assim uma apresentação efectivamente próxima,- e nessa medida adequada, de todos eles?

Assim parece.

Na verdade, no entanto, está muito longe de ser assim.

Posso com certeza aproximar-me de numerosos objectos. Mas, por um lado, esta é uma tarefa muito mais complexa e difícil de executar do que parece à primeira vista, se na realidade se trata de suprimir esta redução de dimensões para todos os objectos que se encontram nesta sala.E, por outro lado--e este é o ponto decisivo--a

contece aqui uma vez mais que, uma vez aproximado um objecto e apercebido adequadamente nas suas dimensões próprias, ao passar a focar outro ou outros, perde-se, desvanece-se o que se havia obtido com a focagem dele, repondo-se a perspectiva inadequada, não devidamente dimensionada que normalmente há a seu respeito. Em resultado do que a amplitude do defeito de dimensão no acompanhamento da totalidade dos objectos, a amplitude da "perda", da diferença entre o tido e o que efectivamente aí tem lugar, se conserva sensivelmente constante.

Esta é uma desproporção que, vendo bem, afecta praticamente todos os diferentes objectos presentes na sala, em todas as regiões do seu complexo de realidade (e mesmo aquelas que me são relativamente mais próximas, não apenas as mais afastadas). É uma desproporção que afecta praticamente todas as superfícies que tenho apresentadas, de tal modo que todas elas estão apercebidas de uma forma que, em virtude desta outra peculiar "miopia" do acesso envolve perda de dimensão, supressão, não aparecimento de uma parte da multiplicidade que de facto as constitui.

Se, de facto, só relativamente a partes soltas do que há na sala consigo de cada vez eliminar a distância, anular a redução de dimensões, por outro lado, se considerar os complexos de realidade mais amplos que se manifestam quando suprimo a distância e se projectar a justaposição, a integração dos complexos de realidade dessa ordem que correspondem a todos os objectos presentes na sala (não só a minha mão nas dimensões que mostra quando a aproximo, mas todo o meu corpo, todos os objectos sobre a secretária, toda a secretária, todas as estantes e todos os livros, todo o chão, todas as paredes, todo o tecto, etc.), verifico que, embora justamente não consiga realizar uma tal justaposição, o que por ela se aponta é qualquer coisa de muito mais amplo, de muito mais vasto do que a sala como de cada vez a vejo. De tal forma que a sala vista emerge

como correspondendo globalmente a uma **deformação das dimensões**, a b9bis uma **grande redução** da sala que efectivamente aí está a ter lugar.

O conjunto de superfícies (paredes, chão, tampos, lados de móveis, livros sc.lombadas de livros) que me aparecem em toda a sala constitui na realidade um complexo de realidades irredutível àquilo que tenho na apresentação disponível. Aqui de novo o que efectivamente está **aí**, no aí da sala, fica em parte fora do aí a que tenho acesso na apresentação. Sendo esta, aliás, uma perda que não diz respeito apenas às superfícies, antes afecta igualmente, como é bem de ver, os próprios interiores dos objectos, fazendo redimensionar a amplitude do campo de escondimento antes identificado só a partir da verificação da respectiva inacessibilidade.

*

Tudo isto, entretanto, está ainda muito longe de esgotar o escondimento, a falha da apresentação que tenho das superfícies que me estão dadas no âmbito da sala.

No modo como normalmente vejo as coisas (e isto mesmo agora que a experiência da incompletude começa a lançar a sua sombra sobre o acesso de que disponho) cuido que a perspectiva que tenho ao ter as coisas à minha frente é uma perspectiva de **sinopse**, quer dizer, uma perspectiva que tem em simultâneo e de forma adequada a **totalidade** e cada uma das partes da realidade de que se trata.

Tenho o campo de apresentação relativo à sala reconhecido de tal modo que me parece que, quando assim a vejo a partir de um dos seus extremos, o **núcleo** da apresentação abrange **toda** a sala, e os **horizontes**, a apresentação **meramente horizontal** (aquilo que não se acha propriamente dado, mas que de qualquer modo se acha **referido** e de alguma maneira está presente na perspectiva que se tem) começa a partir dos limites da sala, dizendo respeito só **ao seu exte-**

rior.

Com toda a evidência, a sala está-me dada no seu todo ou quase no seu todo. E parece absolutamente excluído que as coisas possam passar-se de outro modo. Com a modificação de perspectiva introduzida pelo exame da situação relativa aos interiores, semelhante perspectiva modifica-se--mas não no que diz respeito ao acompanhamento das superfícies expostas. E por outro lado o que se viu sobre a perda correspondente à apresentação à distância, se põe em causa já as próprias superfícies, deixa subsistir no fundamental o carácter abrangente, sinóptico, da respectiva apresentação.

Aliás, no próprio exame que se fez da organização do campo de apresentação (e onde se distinguiu o foco e o núcleo de incidência, os horizontes internos, o campo de incidência, o campo de familiaridade, etc., e se chamou a atenção para as diferenças de grau de definição, etc., que há entre aquilo que está presente no próprio foco de incidência e aquilo que está apenas no núcleo de incidência), as coisas foram deixadas num pé tal que ficou sugerido (ou, de qualquer modo, admitido) que essa diferença entre o foco e o núcleo de incidência diz respeito a qualquer coisa como um acréscimo (um suplemento) de precisão no foco, não a um defeito no grau de definição e na acuidade com que se acham apresentados os conteúdos do núcleo de incidência não pertencentes ao foco. Nesse exame, a tónica estava ainda posta na diferença entre o domínio da apresentação ostensiva e o da co-apresentação horizontal. E a esfera ostensiva era considerada "em bloco", no contraste que faz com a apresentação horizontal, e sublinhando globalmente o carácter ostensivo, de exposição directa, das apresentações que comporta.

Na verdade, porém, semelhante perspectiva simplifica muito aquilo que de facto se passa e não vê ainda com suficiente clareza as características da apresentação ostensiva e a complexidade do modo como está organizada.

Pois, de facto, não se verifica que dentro do núcleo de incidência não haja nada da ordem da apresentação horizontal--não se verifica que, descontando os problemas relativos à apresentação ao longe, todas as superfícies expostas no quadrante da sala para que de cada vez estou voltado se encontrem, em todos os seus momentos, num acompanhamento homogeneamente ostensivo, não comportem nada cuja apresentação tenha características horizontais. E não só não se verifica isso, mas verifica-se justamente que a maior parte das superfícies expostas está presente em apresentações com essas características. De tal modo que, embora haja uma diferença entre o "registo" correspondente ao núcleo de incidência e o "registo" correspondente aos horizontes, essa diferença não corresponde a uma heterogeneidade absoluta (a duas formas de apresentação totalmente diferentes, que ocorram, se assim se pode dizer, em estado puro), mas antes uma diferença de grau. E de tal modo que o ser assim passa justamente pela circunstância de as apresentações ostensivas do núcleo de incidência de facto não serem tão puramente ostensivas quanto parecem.

Não é fácil evidenciar que é assim. E isto porque na apresentação que tenho constituída os limites entre o que se acha propriamente dado e os horizontes que o circundam estão, como se acentuou, esbatidos, custando a demarcar, distinguir claramente os dois domínios.

Já no que diz respeito aos horizontes externos, como se mostrou, a discriminação oferece dificuldades. Mais dificultosa ainda se mostra, como ainda há pouco se pôde comprovar, ao tratar-se dos interiores das coisas que estão no campo de incidência e da demarcação dos horizontes que lhes correspondem. Mas essa discriminação atinge um extremo de dificuldade quando o que está em causa é o carácter "horizontal" de domínios de realidade como os das superfícies expostas, que com toda a aparência estão claramente perante o olhar, exibidas, ostensivamente tidas, "à mostra".

Sem dúvida que, relativamente ao conjunto de superfícies que propriamente estão à mostra na apresentação da sala, não é apenas uma parte dessas superfícies que aparece mas o seu todo--as diferentes superfícies das diferentes realidades, dos diferentes objectos que "enchem a sala". Neste sentido há certamente uma sinopse.

Mas este ver-na-totalidade não significa de maneira nenhuma que eu tenha um verdadeiro e adequado acesso a tudo aquilo que pertence à totalidade em causa, a todas as realidades de que consta. Não. A totalidade a que de cada vez sempre já estou levado ao ver a sala (as superfícies expostas da sala) tem ela própria um carácter de horizonte, uma constituição meramente horizontal. E a apresentação meramente horizontal implica, como se acentuou anteriormente, que o campo de realidade que assim se apresenta--estando sem dúvida mencionado, referido, presente na perspectiva de que se dispõe--a despeito da referência, da presença em que assim já se acha, não tenha aquilo que efectivamente o constitui posto à mostra, acompanhado na multiplicidade de momentos de que consta mas antes em grande parte submerso relativamente à apresentação, não seguido e revelado nela.

Considere-se, por exemplo, o que acontece quando vejo a superfície desta folha de papel, posta ante mim. Segundo toda a aparência vejo-a no seu todo. De tal modo que, se me cingir à superfície que aparece, a folha constitui um domínio do qual tudo está propriamente dado e exibido, nada tem uma presença meramente horizontal.

Mas, examinando com mais cuidado, verifica-se que de facto não é assim. O que de cada vez tenho propriamente dado da folha de papel à minha frente são quando muito algumas palavras, fragmentos de linhas. O demais está certamente aí, copresente na apresentação que de cada vez tenho, mas justamente de forma meramente horizontal. As palavras que imediatamente rodeiam as que se acham propriamente dadas, a parte da superfície de papel que as circunda, estão

de algum modo ainda co-dadas como mancha de cor, mas as letras que as constituem, os momentos de realidade concreta correspondentes à configuração precisa dessas letras, à distribuição delas e do branco sobre a superfície da folha--isso já não.[110]

Sem dúvida que posso alterar o modo de incidência, ganhar mais distância e olhar precisamente para a folha no seu todo. Mas então acontece que deixo de ter propriamente vistas essas palavras que se achavam focadas na incidência anterior (e a fortiori as letras que as constituem). E todas as palavras (o que há de próprio em todas as palavras, em todos e cada um dos caracteres que formam o texto, a determinação das suas frases) passam a figurar na apresentação de modo meramente horizontal, sem acompanhamento dos campos de realidade correspondentes a cada uma.

Ou seja, as coisas passam-se de tal modo que para que possam aparecer propriamente, numa apresentação de si, as diferentes realidades singulares da superfície, o todo (e tanto quer dizer a maioria dessas realidades) mergulha, tem de mergulhar no domínio de uma apresentação meramente horizontal. E, inversamente, para que o todo apareça, para que haja um conspecto, as diferentes partes componentes não podem estar uma apresentação própria de si, antes têm de permanecer numa forma de presença que tem todas as características da presença em horizonte. De tal modo que a totalidade tida, a superfície no seu todo, tal como sou capaz de a ter, é na verdade algo de diferente da totalidade, em sentido próprio, das diversas partes, dos diferentes momentos de realidade, que efectivamente compõem a superfície da folha.

A mobilidade do nosso olhar parece, entretanto, ser de molde a alterar este estado de coisas. Dado que gozamos da faculdade de mudar de incidência, de passar da focagem destes e daqueles momentos de superfície para outros, e da consideração de momentos singulares para a do todo, é-nos possível percorrer as diferentes componentes da superfície--e desse modo superar o fechamento, a retenção

a que de cada vez (em cada instante) estamos sujeitos no acompanhamento dela.

Mas na verdade, embora sem dúvida diminua a restrição e faça que a situação em que me tenho seja consideravelmente diferente do que seria se o olhar fosse fixo (não tivesse esta possibilidade de modificação do seu "enfoque"), o percurso efectivo dos diferentes momentos da folha é muito mais difícil do que à primeira vista parece.

Por um lado, uma focagem efectiva de todas as diferentes componentes da superfície da folha,de tal modo que nenhuma fique fora de apresentação, é uma tarefa extraordinariamente complexa. Não apenas requer que se percorram todas as linhas, e em cada linha todas as palavras, e em cada palavra todas as letras, e em cada letra todos os momentos que a compõem (pois, na verdade, quando vejo muitas linhas, as diferentes linhas singulares só aparecem no modo de horizontes; e quando considero cada linha, então as próprias palavras de que consta ainda só aparecem no modo de horizontes; e quando atendo às palavras, as diferentes letras de que são formadas aparecem ainda só horizontalmente,etc.).Requer, para além disso, que se percorram igualmente os (na verdade muito mais amplos) espaços em branco, que de cada vez aparecem também somente no modo de horizontes (de tal modo que a muito numerosa multiplicidade de momentos diferentes que os compõem se mantém subtraída à apresentação de que disponho). E isto por tal forma que, à semelhança do que se viu já noutros casos, também aqui, ao entrar-se no horizonte e ao passar-se a ter acesso ostensivo a aspectos que antes só estavam presentes de maneira horizontal, por mais longe que se leve esta exploração dos horizontes (e por muito que chegue a ser o que assim se acompanha efectivamente), é sempre ainda muito mais o que permanece numa posição meramente horizontal--e desse modo não efectivamente seguido, acompanhado na determinação que tem.

E, por outro lado, também aqui, ao progredir de foco para foco e ao penetrar nisso que antes só aparecia no modo de horizonte, o meu olhar não retém, sem nenhuma perda, o acompanhamento anteriormente tido dos domínios de realidade sobre que esteve focado--de tal modo que o campo do propriamente dado se expanda, numa pura acumulação dos elementos sucessivamente percorridos. Sucede antes que, com a passagem à consideração de outros pontos, os momentos da superfície anteriormente considerados recaem numa presença meramente horizontal e no desacompanhamento, no escondimento que isso significa.[111]

Resultando daí que não se constitui nenhuma verdadeira sinopse--a grande maioria da realidade que efectivamente há na superfície da folha conserva-se por apresentar, para lá do que na verdade está propriamente tido pela minha perspectiva.

É certo que tendo a considerar a superfície da folha de papel de tal modo que parece indiferente ou menos relevante o desacompanhamento que assim se desenha.

Tendo na verdade a ver a superfície da folha de papel como se se tratasse de uma superfície absolutamente plana e por outro lado como se, pelo menos no que diz respeito às partes brancas, onde nada está inscrito, fosse uma superfície totalmente homogénea, indiferenciada.

Acontece no entanto que esta perspectiva deixa inteiramente fora de si todo um conjunto de realidades diferentes que estão presentes na superfície--e praticamente em cada um dos seus momentos. A superfície da folha de papel não corresponde a um plano, tem antes, e quase continuamente, um relevo bastante acidentado, com numerosos vincos, "altos e baixos", rugosidades, etc.. E por outro lado comporta também numerosas manchas, matizes de coloração, que assim passam despercebidos. E, se cada um destes acidentes é de reduzidas dimensões, a verdade é que por outro lado são acidentes que se espalham por toda a superfície da folha. De tal modo que consti

tuem um conjunto bastante amplo de realidades diferentes.

O "aplanamento" e "homogeneização" que dominam a perspectiva horizontal que tenho fazem que todas essas realidades diferentes estejam normalmente fora da minha perspectiva, submersas relativamente a ela. Mas, além disso, se for na sua pista, verifica-se aqui de novo uma limitação da capacidade de acompanhamento, uma limitação tal que, ao procurar segui-las, só um pequeno lote fica efectivamente coberto.

*

Mas quando isto é assim a respeito desta superfície relativamente pequena, que é a da folha de papel, muito mais o é no que respeita ao conjunto das diferentes superfícies que me estão apresentadas no quadro da sala.

O volume de desacompanhamento é muito maior no que diz respeito ao conjunto de superfícies que me está dado das diferentes estantes, com os seus livros--cuja área corresponde a muitas vezes a superfície da folha de papel à minha frente, e onde, portanto, a desproporção entre o efectivamente acompanhado e o que permanece não apresentado (só em horizonte) é ainda muito maior.

Mas muito maior é ainda o volume de desacompanhamento no âmbito de todas as superfícies visíveis das paredes, do tecto e do chão, de facto muitas vezes mais amplas do que as que estão em causa nas estantes. E ainda muito maior é o volume da desacompanhamento em causa se a tudo isto se juntarem ainda todas as demais superfícies (dos outros móveis, dos objectos sobre eles, do meu próprio corpo, das minhas roupas, etc.) e se assim passar à consideração da totalidade das superfícies que se acham expostas nesta sala.[112]

A despeito da sinopse de que aparentemente disponho, e agra-

vando muito consideravelmente a amplitude da restrição que se desenhava a partir da questão das dimensões, também deste modo se manifesta a respeito das superfícies apresentadas uma peculiar "miopia" do acesso de que disponho, em virtude da qual uma grande, e mesmo a maior parte da realidade que efectivamente está aí a ter lugar, se mantém para lá da apresentação que tenho constituída--não exposta, não manifestada nela.[113]

*

Mas importa acentuar ainda um aspecto de restrição do acesso relativo às superfícies, um aspecto que não tem a ver com as partes que não aparecem senão no modo de horizontes, mas antes com aquelas mesmas que de cada vez estão postas no próprio foco de incidência, e que--pelo menos elas!--parecem estar adequadamente dadas no acesso de que disponho.

Quando vejo (incido expressamente sobre) uma qualquer superfície--por exemplo aquela em que aqui se acha inscrita a palavra superfície ou mesmo aquela em que se acha inscrito o "s" com que começa esta palavra--aparece-me uma multiplicidade, uma "constelação" de realidades que conjuntamente formam a superfície em causa.

E levanta-se a questão de saber qual a natureza do acesso que tenho a estas diferentes realidades--i.e. se a posição de acesso em que estou a seu respeito é na verdade de acompanhamento ou desacompanhamento.

Ora com toda a evidência parece-me dispor de um conspecto, de uma apresentação adequada de todas estas entidades. Estão diante de mim, no próprio foco da apresentação. A sua ostensão é plena. Parece-me inteiramente excluído que me possa escapar aqui o que quer que seja. E ainda muito mais excluído se me inculca que o que eventualmente escape possa ser muito.

E alguma vez possível que esta evidência de acompanhamento, de

domínio, seja ilusória? Pode porventura haver algo de escondido no domínio de realidade correspondente à superfície onde está inscrita a palavra "superfície", ou àquela em que se acha inscrita a sua primeira letra? E, se na verdade subsiste algo escondido, escapando à apresentação de que disponho, pode alguma vez isso ser muito?

Ponhamos ante nós um livro, de tal modo que apresente um dos lados em que a totalidade das suas folhas forma uma superfície. Também aqui, quando foco um qualquer momento desta superfície, tenho a impressão de dispor de um conspecto (e um conspecto inteiramente adequado) de toda a realidade que há na superfície em causa. Porém, atentando mais, verifico que, ao focar assim uma porção dessa superfície, ao ver o seu todo, estou muito longe de ter um acompanhamento de todas e de cada uma das folhas que aí há e que constituem a própria superfície (se, por exemplo, tirar algumas folhas, não noto qualquer diferença, a superfície aparece-me tal qual a mesma). E o que acontece assim com folhas, acontece ainda (por maioria de razão) com a própria multiplicidade que compõe a superfície quase-linear que cada folha apresenta de lado (ou seja, com a multiplicidade que constitui a realidade bidimensional--com comprimento e largura) de cada lado das folhas.

Também aqui o ter da totalidade (que indubitavelmente tenho) ocorre sem que na verdade signifique também um ter de cada uma das componentes de que ela consta. Também aqui o acompanhamento da totalidade ocorre mantendo desacompanhados, não incluídos na perspectiva que se tem, muito dos elementos que estão nela.

Tudo se passa como se a "rede" com que capto a multiplicidade em causa não fosse suficientemente apertada para captar toda a multiplicidade, todos os momentos de realidade muito "fina" de que aqui se trata. De tal modo que esta multiplicidade, o conjunto relativamente amplo de entidades diferentes de que se trata, fica fora da minha perspectiva, a escapar-me.

A superfície focada aparece-me como qualquer coisa muito mais simples do que de facto é. Correspondendo ela de facto a um complexo, uma grande parte do seu complexo pura e simplesmente não está registada, acompanhada, na apresentação de que disponho.

Ora exactamente o mesmo que assim sucede com o livro acontece também com a superfície onde está inscrita a palavra superfície, ou a própria letra s--mesmo que aqui seja mais difícil detectar que assim é (que ocorre esta perda no acompanhamento, esta subtracção de realidade, por simplificação do complexo a que corresponde e "desaparecimento" dos diferentes elementos que compõem a multiplicidade de que consta.

A superfície em que está inscrita a palavra "superfície", ou aquela em que figura a letra "s" não é composta de quinhentos, nem de mil, mas de um número maior, para mim indeterminado, de momentos de realidade diferentes, a que na verdade não tenho propriamente acesso. A perspectiva que tenho não é suficientemente aguda, tem como que um defeito de nitidez relativamente à multiplicidade que eu próprio compreendo como devendo corresponder aos constituintes dessa superfície--ou seja, tem o carácter daquilo a que tradicionalmente se chama uma "representação confusa", que não segue e não é capaz de seguir a plétora, o "emaranhado" do que ela própria representa.[114]

Sem dúvida que a apresentação de uma superfície, por mais pequena que ela seja, é uma perspectiva em que se desenha uma multiplicidade. Sem dúvida que vejo as superfícies que tenho apresentadas e focadas, como todos--e tanto quer dizer como algo que consta de uma multiplicidade. Mas a verdade é que a multiplicidade que de alguma forma tenho apresentada e que está a determinar aquilo que vejo não é uma multiplicidade totalmente desenvolvida nos seus elementos--é em grande parte uma multiplicidade formulada, esboçada, indicada, mas sem que esta indicação se resolva numa apresentação própria e adequada de tudo aquilo que indica.

Explicando melhor: se considerar a superfície em causa, sou capaz de distinguir nela partes e partes de partes. Mas essa capacidade de discernimento não é irrestrita--pára a certa altura. E aquilo em que pára tem um carácter muito peculiar, porque por um lado corresponde a um limite na minha capacidade de diferenciar e já não consigo desdobrá-lo em nenhuma multiplicidade de elementos distintos, mas, por outro lado, não é ainda de facto algo verdadeiramente simples, que já não comporte nenhuma multiplicidade. A multiplicidade dos momentos da superfície "pára", para mim, nesta peculiar forma de "quase simples", de "quase-ponto", que de facto não é simples e não é um ponto--corresponde a uma multiplicidade de cardinal indefinido que se mantém "submersa" para a minha perspectiva, que não consigo seguir nesse seu carácter de multiplicidade. De tal modo que onde vejo "simples" (quase-simples) está, mas mantém-se fora de vista, uma multiplicidade que em última análise pode até ser bastante numerosa. Isto para cada "ponto" ("quase-ponto") da superfície que vejo, mas muito mais assim (formando uma multiplicidade de cardinal muito mais numeroso) para o conjunto de muito numerosos "quase-pontos" que constitui uma superfície, por mais pequena que ela seja. Tanto mais quanto na sua apresentação não se perdem de vista apenas as multiplicidades que ficam fora porque a minha capacidade de discernimento pára no limiar do "quase simples"--perde-se também de vista o próprio conjunto dos "quase-pontos" que poderiam ser distinguí_dos nessa superfície, i.e. não se tem sequer um acompanhamento "um a um" do "tecido" desses "quase-pontos".

Deste modo, o que tenho propriamente acompanhado na apresentação de superfícies como essa, por muito que refira a multiplicidade em causa, por muito que remeta já para ela, permanece aquém dessa multiplicidade, como algo de outro, em cuja detenção a multiplicidade em causa na verdade não está tida--permanece oculta, sob re

serva. E este é um facto que em nada fica alterado pela circunstância de a superfície em causa ser uma superfície percepcionada, vista, intuída--e não meramente figurada, concebida. É a própria intuição que se tem que não é suficientemente aguda e que se conserva presa da representação não desenvolvida, como que embotada, das multiplicidades em causa.

De sorte que também no próprio foco de incidência--aí mesmo onde parece absolutamente impossível--reina um desacompanhamento, uma perda relativamente à realidade que efectivamente está a ter lugar e tem cabimento uma diferença entre o tido (o conteúdo da apresentação de que se dispõe) e aquilo que na verdade há no campo de realidade que pretende apresentar.

E de sorte que também aqui é bastante amplo o horizonte do que se subtrai à apresentação . A "pequenez", o "não muito" que se tende a sugerir e a impor a seu respeito, corresponde já a uma perspectiva condicionada do acesso finito, que está afeito a este modo de ter, não conhece outro e tende a tornar absolutos os limites que nele reinam. Como se apontou, de facto nada impede que o volume de incompletude em jogo nestes âmbitos mais pequenos envolva, já para cada "quase-ponto", um grande número de momentos de realidade--e que, então, para o conjunto deles que corresponde a uma superfície, mesmo pequena, esse volume de perda alcance dimensões muito grandes. Por tal forma que, considerado em focagem ascendente, o volume de desacompanhamento que se desenha para todo o conjunto de superfícies expostas presentes na sala ascende a dimensões absolutamente extraordinárias. Pois, sendo assim já muito significativa no âmbito do foco de incidência, a margem de incompletude correspondente a esta limitação da nossa forma de acesso faz por outro lado redimensionar a amplitude do escondimento cujo cabimento tem de ser reconhecido a respeito de todas as superfícies e, para além delas, de toda a realidade da sala--que toda ela está perspectivada neste regime de insuficiente acuidade no acompanhamento das multiplicida

des constituintes, regime que em cada momento da apresentação vê como simples complexos de realidades que são amplos, multiplicidades de facto bastante numerosas.

Por mais abrangente e aguda que seja a compreensão de escondimento que já tenho antes de considerar esta forma de "fuga" (de desacompanhamento da realidade) que se verifica no próprio foco de incidência, enquanto não atendo a esta peculiar forma de incompletude da minha perspectiva, tendo sempre ainda a compreender o horizonte global da superfície (e dos interiores) como se, se porventura eu tivesse relativamente a todos eles um acesso como aquele de que já disponho no próprio foco de incidência, então haveria uma proporção entre a apresentação para mim constituída e a realidade.[115]

Mas na verdade nem mesmo nesse âmbito restrito há uma tal adequação. A desproporção, a "perda" de realidade na constituição da apresentação que tenho, penetra inclusivamente nele. E a incompletude do ponto de vista relativamente à realidade da sala não se deve apenas ao facto de nem toda a apresentação que dela tenho ser do tipo da que há no foco de incidência (como se, caso porventura toda a apresentação da sala se achasse feita desse modo, então não houvesse lugar para qualquer incompletude). Não, a incompletude é mais radical e passa pelo facto de todo o regime de apresentação, mesmo no próprio núcleo de incidência, estar marcado por uma retenção, por uma falta na forma como acompanha a realidade que pretende apresentar.

Considerando deste modo, o volume de escondimento relativo às superfícies--já bastante grande ao ter-se em conta a deformação, a redução de dimensões sob cujo efeito me estão apresentadas, tornado ainda maior pela percepção de como, para além disso, a realidade das superfícies transborda a só aparente sinopse de que disponho a seu respeito--torna-se ainda muito maior ao perceber-se o escondimento que tem cabimento no próprio foco de incidência.[116]

Mesmo admitida a superação das retenções anteriormente consideradas (superação de que, de qualquer modo, o nosso ponto de vista se acha muito longe), a cada "quase-ponto" da apresentação de que disponho pode corresponder uma multiplicidade (e uma multiplicidade bastante numerosa) que não capto, que o meu ponto de vista não é suficientemente agudo para discernir.

*

A multiplicidade a perder de vista que assim se desenha (a multiplicidade correspondente a toda a "massa" do que está perdido em virtude das características da apresentação à distância, a multiplicidade correspondente a tudo aquilo que se mantém fora de vista em virtude do carácter de facto não sinóptico da apresentação das próprias superfícies e a multiplicidade correspondente a tudo aquilo que fica de fora em virtude das limitações que afectam o próprio foco de incidência) está aí, perante mim, no campo da sala. Ela é absolutamente irredutível ao que tenho (às superfícies tal como estão dadas na apresentação de que disponho). E, vendo bem, já não tem um carácter meramente lacunar, não é algo que se possa efectivamente integrar como nota adicional na apresentação de que já disponho. Corresponde antes a horizontes com um carácter inteiramente diferente, cuja integração na nossa perspectiva requeriria uma transfiguração completa da perspectiva que tenho da sala--implicaria que o ponto de vista ascendesse a um outro regime de apresentação dos campos de realidade em causa.

Não é então somente no campo dos interiores que a relação real entre o tido e o não-tido pelo meu ponto de vista é a inversa daquela que naturalmente se me inculca como óbvia.

Idêntica inversão se verifica também, por impossível que pareça, relativamente às próprias superfícies vistas.

E assim a subversão da forma natural alastra no campo da sala, neste campo de realidade que desprevenidamente parecia constituir um domínio onde o escondimento, a ter lugar, seria e só poderia ser de pouca monta.

2.1.2.3 O escondimento no domínio do ESPAÇO LIVRE que há dentro da sala. A apresentação do espaço como VAZIO e o saber do espaço como OCUPADO. O escondimento das realidades presentes no espaço livre e a sua insuperabilidade. O espaço livre como domínio de uma inabrangível multiplicidade de realidades latentes.

Mas, se assim é, levanta-se entretanto a questão de saber o que se passa relativamente ao terceiro domínio de que consta o complexo de realidade da sala--o espaço livre entre os diversos objectos.

O espaço livre representa por um lado--e de longe--a maior parte da realidade da sala. Por outro lado é um domínio que prima precisamente pela sua transparência, pela circunstância de não comportar em si nada que encubra realidade--nada que tape. Além disso, distingue-se ainda pela peculiaridade de parecer justamente um espaço onde nenhuma ou muito pouca realidade tem lugar--e onde, portanto, nada ou muito pouco está, pode estar escondido.

Ora, sendo assim, mesmo que no domínio dos interiores e das superfícies vistas a relação tido/não-tido seja de facto, como se apontou, a inversa da que naturalmente está suposta, a verdade é que, ainda assim, o espaço livre (a grande maioria do complexo de realidade correspondente à sala--esta grande maioria relativamente à qual os interiores dos corpos opacos e as suas superfícies têm dimensões relativamente pequenas) é uma zona de domínio, de soberania do olhar.

E, deste modo, com o que em todo o caso ainda há de acompanhamento dos diferentes corpos e com o domínio que se tem do espaço livre, a posição de acesso à sala, mesmo havendo essas zonas onde o que escapa excede o apresentado, mantém-se ainda globalmente no plano de uma supremacia do acesso, de um predomínio do tido sobre o não-tido.

Sem dúvida que resulta claro das análises empreendidas a respeito do acompanhamento das superfícies, pela óbvia aplicação que igualmente têm ao espaço livre entre os objectos, que o acesso a e le também não está isento de condicionamentos e não é tão livre e irrestrito como parece à primeira vista.

Com efeito, e em primeiro lugar, se no que diz respeito às superfícies se verifica a incompletude resultante do modo como se produz a apresentação à distância (e há uma muito significativa perda de elementos em virtude de as apresentações disponíveis ficarem aquém das dimensões que efectivamente têm os objectos), exactamente o mesmo se passa igualmente com o espaço livre presente na sala --que, também ele, na sua esmagadora maioria, não está acompanhado numa apresentação próxima, mas apresentado somente à distância.

Em segundo lugar, se a esmagadora maioria da realidade correspondente às superfícies vistas se mantém sempre numa presença meramente horizontal, com toda a amplitude de perda que se procurou pôr em evidência que isso acarreta, muito mais é assim e ainda muito maior é a amplitude dessa perda no que toca ao domínio do espaço livre entre os diferentes objectos. Pois na verdade este último equivale, como espaço tridimensional que é, a muitas e muitas vezes todas as superfícies antes consideradas, envolvendo, por consequência, uma muito maior amplitude de desacompanhamento da multiplicidade dos diferentes momentos que o compõem.

Em terceiro lugar, se em relação às superfícies se verifica que no próprio núcleo da apresentação reina uma "miopia", que mantém desacompanhada, faz perder de vista a multiplicidade de diferentes momentos envolvidos nas realidades que se apresentam (de tal modo que o que na verdade é uma diversidade muito numerosa nos aparece como simples ou quase-simples) e se em relação às superfícies toda a apresentação disponível está sujeita a esta considerável simplificação e à grande incompletude que lhe corresponde, exactamente o

mesmo defeito da apresentação afecta também o acompanhamento do espaço livre.

Mas, se todos estes aspectos detectados na análise da apresentação que se tem das superfícies se verificam também a respeito do espaço livre entre os objectos--mostrando que também aqui a apresentação fica aquém daquilo a que se refere e que o que efectivamente aí está a ter lugar é mais, bastante mais do que o que tenho acompanhado--por outro lado a circunstância de se tratar de um espaço onde pouca ou nenhuma realidade ocorre faz que este desajustamento, mesmo sendo considerável, não pareça ter consequências de maior.

Ainda que apenas de uma forma implícita, o carácter "inocupado", vazio do espaço em causa tende a retirar peso a qualquer desajustamento que aqui haja, fazendo que pareça totalmente indiferente.

*

Atentando mais, porém, também isto--também esta aparência "inocupada" do espaço entre os objectos--se evidencia como resultando de um condicionamento.

E também aqui, precisamente aqui, neste aspecto vazio, "inocupado" com que aparece o espaço livre, se revela uma frente de incompletude da apresentação de que disponho.

E de tal modo que a incompletude relativamente ao espaço livre que há na sala se vem a descobrir muito mais ampla do que pareceria poder ser.

*

A perspectiva que normalmente tenho da sala não apresenta nada a ocupar o espaço livre. Apresenta-o de facto como um espaço in

teiramente vazio.

Posso sem dúvida saber que não é inteiramente assim, que se trata de um espaço em que há algo.

Posso, por exemplo, saber que há nesse espaço algo de que preciso para viver--essa realidade (esse não-nada) que respiro. Posso, além disso, saber mais em pormenor que isso de que a minha respiração depende é um gás, o oxigénio, e que juntamente com ele há também no espaço em causa dióxido de carbono, que liberto, azoto e vapor de água, partículas de diversa natureza em suspensão, bactérias, etc..

Posso saber tudo isto e mesmo muito mais.

Mas esse saber não corresponde a um real acompanhamento das realidades a que se refere, fica muito aquém de um efectivo acompanhamento e detenção delas.

Por um lado, não vejo no espaço em causa nenhum oxigénio, nenhum azoto, nenhum dióxido de carbono. Por muito que saiba e reconheça que aí estão, vejo, continuo a ver esse espaço livre de qualquer realidade que o ocupe.

Por outro lado, vendo bem, na verdade nem sequer sei o que é que corresponde a cada uma destas noções, que espécie de entidade é a que designam. Não sei, por exemplo, o que seja um átomo de oxigénio, não tenho nenhuma apresentação concreta e diferenciada disso. Não sei o que seja uma molécula de dióxido de carbono, etc.. Normalmente, e mesmo quando estas entidades se acham em referência temática, não me dou conta de que é assim. Mas isso significa apenas que a apresentação de que disponho a seu respeito é tão pouco um efectivo ter (acompanhar) disso de que se apercebe que, não sabendo eu concretamente que realidades são essas que reconheço, a focagem nelas é tão distraída, tão insuficiente, que até isso passa inteiramente despercebido.

E por outro lado, mesmo que a noção que consigo obter das reali

dades em causa (da sua natureza, da sua configuração, das suas determinações próprias) seja mais precisa, mais adequada, a minha perspectiva mantém-se ainda muito aquém de um efectivo acompanhamento das realidades que reconhece, porque não as consegue focar no próprio aí em que se situam, ou seja porque ocorre sem que aquilo que concebo como preenchendo o próprio espaço livre ante mim esteja efectivamente constituído, apresentado como uma entidade aí, como uma posição real neste espaço à minha frente--do mesmo modo aí que a secretária, as cadeiras, as minhas mãos, os candeeiros, as estantes,etc..

Se se achasse efectivamente constituído como uma posição real, aí, no espaço à minha frente, então apareceria, teria de estar a aparecer aí, justamente como o fazem essas coisas (não é de facto menos realidade do que elas e em nada se acha menos neste espaço). O que faria que a sala me aparecesse com um aspecto inteiramente diferente do que tem.

Pois, na verdade, se o espaço de alguma forma me estivesse dado como um espaço preenchido, que algo ocupa, então ver-me-ia como que imerso num mar de entidades, de posições reais, rodeando-me de todos os lados (denso já logo à minha frente, imediatamente, junto dos meus olhos, e em toda a minha volta, em torno do meu corpo). As coisas que me aparecem como corpos não se destacariam do modo como o fazem na perspectiva que tenho da sala, antes estariam elas próprias imersas num denso mar de realidades diferentes, cheias de contrastes, onde seriam tantas as realidades contrastantes que essas constituiriam apenas mais umas na grande multiplicidade das demais e só se distinguiriam por serem as únicas a oferecer uma resistência sensível de impenetrabilidade.

Diferentemente do que acontece na apresentação que tenho da sala, o seu aparecimento não estaria polarizado,protagonizado exclusivamente pelos corpos opacos de dimensão relativamente grande (i.e.a minha perspectiva da sala, a minha compreensão das realidades

que nela há, seria completamente diferente da que agora tenho--e que, vendo bem, muito claramente se expressa na resposta que sempre tenderia a dar se me fosse perguntado o que há nesta sala: uma secretária, cadeiras, uma mesa, estantes, um aparelho de som, eu próprio, etc.).

Ora este outro modo de apresentação, inteiramente diferente do que naturalmente tenho constituído, e que seria necessário para se acompanhar todo o conjunto de realidades que de facto ocupam o espaço em causa, é precisamente algo a que não tenho acesso, que se me mantém inteiramente fora de alcance--algo a que, por mais que me esforce, não consigo passar.

Mesmo quando percebo, reconheço, que o espaço em causa se acha na verdade preenchido, que há realidade ocupando esse espaço, continuo sempre preso a uma perspectiva para a qual esse espaço de facto aparece como vazio.

Todas as tentativas que realizo no sentido de fazer estender o campo do detido por mim às realidades que preenchem o espaço livre em causa não conduzem, assim, a nenhuma perspectivação em que essas realidades efectivamente se dêem ao meu ponto de vista--em que elas sejam deveras alcançadas. O perspectivado da minha perspectiva queda-se inteiramente ao largo, fora, dessas realidades que reconheço. De tal modo que a realidade em causa na verdade se mantém inteiramente submersa relativamente à apresentação que tenho, inteiramente para lá de tudo o que alcanço no ponto de vista em que estou constituído.

Mas se isto é assim, por outro lado, de acordo com a própria indicação que tenho, nas mais pequenas partes do espaço livre de corpos opacos há uma multiplicidade muito significativa das mais diversas entidades, que permanecem fora da apresentação que tenho.

E aqui todos os aspectos considerados na análise das superfícies (e que, como se acentuou, afectam também a apresentação que

se tem do espaço livre entre os diferentes objectos) ganham um novo relevo--deixando de se repercutir apenas no deficiente acompanhamento de um espaço vazio e passando a fazer evidenciar a extraordinária amplitude, a extraordinária multiplicidade do conjunto de realidades que estão eliminadas na apresentação que tenho do espaço "livre".

Não só no conjunto desse espaço e em cada uma das suas partes há realidade fora da apresentação de que disponho, mas o volume dessa realidade é muito maior do que naturalmente tendo a conceber--porque há perda de amplitude na perspectiva que tenho do espaço apresentado à distância (e apresentado à distância está quase todo ele); porque há perda no acompanhamento da multiplicidade do espaço que se encontra em presença meramente horizontal (e é em presença meramente horizontal que quase todo ele se encontra); e porque há perda das multiplicidades implicadas nos próprios focos de mais pequena dimensão, sobre que de cada vez o olhar incide (e que, parecendo simples, comportam na verdade uma multiplicidade que não consigo acompanhar, dando cabimento a um numeroso conjunto de realidades).

Em cada sítio do espaço que me está dado falta deste modo muita coisa. Não há nenhum momento do que me aparece a que não corresponda uma margem muito ampla de escondimento. E a totalidade das entidades que de facto se acham no espaço que me aparece como vazio é um horizonte inteiramente inabrangível que se mantém fora da sala a que tenho acesso.[117]

Também em relação ao espaço livre, deste modo, se verifica uma peculiar forma de "miopia", com eliminação de um grande conjunto de realidades e constituição de uma "totalidade", de uma apresentação com pretensões de totalidade, muito diferente da totalidade real, muito mais simples do que ela, e que mantém completamente fora de perspectiva uma grande parte do conjunto de realidades efectivamente presente na sala. E também em relação ao espaço livre a amplitu-

de do que assim fica fora da apresentação, a margem de incompletude do acompanhamento de que disponho, é bastante mais ampla do que a própria apresentação disponível--o conjunto daquilo que é efectivamente acompanhado.

*

A peculiar "miopia" que se começou a manifestar relativamente ao interior tapado dos corpos opacos e que, assumindo outras formas, veio a alastrar às superfícies vistas, afecta assim também o próprio espaço livre e manifesta-se na verdade como uma "miopia" abrangente--tal que toda a apresentação da sala, sem excepção de nenhuma das suas diferentes áreas,está afectada por ela.

E isto de tal sorte que o não-alcançado correspondente às diversas formas desta peculiar "miopia" manifesta-se como sendo tudo menos uma mera lacuna.

Nenhum dos diferentes campos de realidade que se encontram na sala à minha frente está, assim, livre de escondimento, de subtracção de realidade na constituição da apresentação que tenho disponível.

E para cada um destes campos, sem excepção, o horizonte de escondimento tem, vendo bem, dimensões muito grandes, a perder de vista, que ultrapassam, e muito, as do próprio campo de apresentação "aceso", "aberto" no acesso de que dispomos.

A sala como a tenho revela-se em todos e cada um dos seus momentos como equivalendo a qualquer coisa como um excerto--fora do qual, para lá do qual permanece escondido, sem apresentação, mais, bastante mais do que aquilo que se dá.

A sala escondida transborda a sala apresentada e de tal maneira que a cada um dos momentos identificáveis nesta última corres-

ponde uma multiplicidade na verdade bastante numerosa de elementos fora de alcance--de realidades não expostas pela apresentação que se tem.

2.1.2.4 Avaliação preliminar das modificações introduzidas pelas análises anteriores--o inabrangível campo de latência detectado e a possibilidade de detecção de uma incompletude ainda maior.A sala INERTE e a imensa multiplicidade de ACONTECIMENTOS, de TRANSFORMAÇOES que nela ocorre. Análise de diversos horizontes de ACONTECIMENTOS fora de acesso no campo da sala.

De tudo isto resulta desde já que, se no termo da focagem dos horizontes externos o campo de realidade correspondente à sala parecia constituir um domínio de acesso maciço à realidade (um bastião onde se mantinha de pé a pretensão natural de eficácia do olhar e o regime de redução da incompletude a dimensões meramente lacunares), a situação de acesso em que na verdade se está relativamente ao complexo de realidade presente na sala fica muito longe de confirmar aquela perspectiva.

O volume da incompletude que afecta a apresentação da sala revela-se muito grande--e mesmo inabrangível.

E, ainda que só houvesse esta sala, ainda assim--é o que se estabelece--a relação entre o tido e o não-tido estaria muito longe daquela que se acha consagrada na forma natural da finitude.

O meu olhar achar-se-ia mesmo assim marcado por uma imensa incompletude, numa posição tal que é consideravelmente mais a realidade que o ponto de vista não atinge, deixa fora de si, do que a realidade que tem deveras coberta, acompanhada. Por amplo e complexo que seja o conjunto de momentos de realidade cobertos pela apresentação que tenho (e mesmo que para todos os fins práticos ele já

pareça mais do que suficiente), em comparação com o próprio complexo de realidade de que se trata esse "muito", esse "já suficiente" é muito pouco.

Mas, se assim é, se isso se manifesta já a partir dos aspectos passados em revista, tal não significa de maneira nenhuma que com eles esteja esgotado, inteiramente identificado, percorrido, o domínio de tudo aquilo que há, está aí a ter lugar na sala, mas não se encontra posto à mostra na apresentação que dela se tem.

Do mesmo modo que no ponto de vista habitual não há qualquer menção dos horizontes de escondimento, das realidades não vistas que as análises realizadas põem em evidência, assim também é possível que à perspectiva de reconhecimento do não-tido a que se está conduzido no termo dessas análises escape ainda um número considerável de outras realidades presentes na sala mas que não estão manifestas na apresentação que dela tenho.

E assim sucede de facto.

Mais ainda: o horizonte dessas realidades, desses campos de escondimento que continuam completamente insuspeitados na perspectiva a que já se chegou é de facto de proporções muito maiores, muito mais "fantásticas" do que aquelas para que os exames efectuados já remetem.

Verifica-se aqui, uma vez mais, como a pouco e pouco mais claramente se porá em evidência, a tendência do nosso ponto de vista para considerar esgotado o apuramento da sua imperfeição, para excluir a possibilidade de haver ainda mais realidade que lhe escape e que "afunde" ainda mais a sua incompletude.

E verifica-se também que a esta conclusão apressada, a este não-ir-mais-além, não corresponde de facto um limite absoluto, uma impossibilidade de levar efectivamente mais longe a descoberta da retenção em que se está.

Persistindo na averiguação das realidades que se me indica haver na sala, evidenciam-se mais e mais frentes de escondimento, nu

ma multiplicação prodigiosa, que ainda muito mais extrema a incompletude do acesso em que se está, a posição de confinamento em que se revela achar-se o meu ponto de vista.

*

Assim, por exemplo, e em primeiro lugar, percorrendo aquilo que naturalmente se apresenta como espaço livre, onde a análise realizada detecta um numerosíssimo conjunto de entidades não acompanhadas pelo meu ponto de vista (oxigénio, vapor de água, etc.), verifico que há, para além desse, todo um conjunto de realidades inteiramente diferentes dessas, ou pelo menos do que naturalmente tendo a conceber em correspondência a essas noções, e que não menos do que elas me escapam.

De facto, ao seguir a pista dos horizontes de escondimento que as análises efectuadas põem em evidência no espaço em causa, todo o conjunto daquilo que dessa forma se indicia e passo a reconhecer na sua presença inacessível tem um carácter inteiramente inerte, estático.

Os horizontes de escondimento para que passo a estar atento são horizontes de coisas em repouso, horizontes totalmente parados, horizontes de entidades que pura e simplesmente estão--em que nada muda, nada acontece.

Tanto o espaço livre, tal como naturalmente o vejo, quanto o espaço livre percebido no escondimento que subsiste com a sua apresentação, o espaço livre surpreendido na circunstância de constituir de facto um espaço ocupado por realidades que estão fora de acesso, têm este carácter inteiramente estático.

Ora na verdade, de acordo com o que reconheço estar a ter lugar no espaço em causa, esse espaço é, pelo contrário, um espaço povoado por uma miríade de acontecimentos, de transformações que con-

tinuamente se produzem.

*

Considere-se, por exemplo, o que acontece com o rádio incorporado no aparelho de som que está ao fundo da sala.

Alterando a sua sintonização, obtenho uma série numerosa de diferentes emissões de som, que compreendo como resultantes de diferentes feixes de ondas-rádio, emitidas algures fora desta sala, e que, atingindo o aparelho, são por ele convertidas nas múltiplas sequências de sons que dele obtenho.

Em conformidade com esta compreensão, o "espaço livre", onde aparentemente nada acontece, é pelo contrário um espaço continuamente percorrido por feixes de ondas--por pelo menos mais de duas dezenas de feixes diferentes (em correspondência às mais de vinte diferentes emissões que sou capaz de captar com o aparelho), cada uma das quais, por sua vez (em correspondência à sequência de sons que obtenho em cada programa sintonizado) está em contínua transformação.

Todas estas emissões capto-as também com um rádio em qualquer ponto do espaço em causa, de tal modo que, aparentemente, cada região deste espaço, sem excepção, é percorrida pelos feixes em causa--por todo este complexo de acontecimentos diferentes, continuamente a ter lugar.

Sendo assim, então, qualquer que seja a área desse espaço, ela não apenas está ocupada pelas diferentes realidades inertes que a preenchem, que aí estão, mas para além disso acha-se também percorrida por esses diferentes feixes--compreende uma multiplicidade de realidades que se movem e para além disso de realidades que estão sempre a vir modificadas, diferentes, numa constante renovação.

Tudo isto de tal modo que, por um lado, todo este imenso conjun

to de realidades em movimento e em mutação constante se caracteriza por estar completamente ausente da apresentação que naturalmente tenho da sala. A apresentação natural deixa-o escondido, fora de perspectiva. Ainda que há muito tenha alguma notícia da forma como o rádio funciona, a apresentação normal da sala não comporta absolutamente nenhuma referência a este conjunto de realidades. E por outro lado esta multiplicidade imensa de movimentos, de transformações, que, reflectindo, posso passar a ter em consideração, é qualquer coisa que, mesmo uma vez já advertido para a sua presença, mesmo quando, tornando-me eu ciente da complexidade de que se reveste, me esforço por a focar (por não perder de vista tal complexidade, por realizar a transformação de perspectiva necessária para a acompanhar), persiste ainda nesse escondimento, numa posição inacessível.

Trata-se aqui uma vez mais de uma multiplicidade muito numerosa, muito complexa, completamente irredutível a todas as representações que dela faço, uma multiplicidade que inabarcavelmente "transborda" todas essas apresentações--uma multiplicidade na verdade tão imensa e tão complexa que, mesmo quando me apercebo da sua imensidade e complexidade e procuro estar atento, não esquecido dela, a esmagadora (a incomensurável) maioria da realidade de que consta se mantém ainda assim submersa e inacessível para o meu olhar.

Mais ainda: trata-se de uma realidade tão fora de acesso que, mesmo quando sei da sua presença e tento aperceber-me dela no espaço aí à frente, não tenho na verdade nenhum acesso, nenhuma apresentação dela--nem sequer num momento, numa parte só que seja do seu complexo.

Trata-se de qualquer coisa que está aí--aí mesmo em frente dos meus olhos, em torno de mim, mas que constitui um aí fora do que tenho.

De tal modo que também em relação a esta forma de realidade o

aí que pareço dominar por inteiro, o aí que me parece dado de uma forma adequada e integral, revela-se, não obstante as pretensões naturalmente sustentadas, algo que permanece fora do acesso de que disponho. Por forma tal que, neste sentido, não está aí perante mim.

*

Em segundo lugar, por outro lado, para além de todo este conjunto de contínuas modificações relacionadas com o rádio, o espaço livre é também percorrido por um outro complexo de modificações que continuamente têm lugar: aquele que se prende com a difusão pela sala da luz que entra pelas janelas e ilumina os diferentes objectos que aí estão.

Deixam-se de lado todas as questões relativas à sua índole e composição e à própria dificuldade que obsta ao acompanhamento do movimento que lhe é próprio, em virtude da irrepresentabilidade de que reveste para mim a velocidade extrema que sei ser a sua (ao tentar perspectivar esse movimento, o que se apresenta é sempre um movimento de velocidade muito mais reduzida, que na verdade nada tem a ver com o movimento em causa, fica inteiramente fora dele). Deixa-se de lado, portanto, toda a imensa margem de não acompanhamento, de transcendência, da luz que resulta já somente da consideração dessas questões. E atende-se somente ao simples facto desse contínuo fluxo de algo pela sala--a essa passagem de um complexo de acontecimentos, que continuamente se renova e atravessa todo o espaço livre à minha volta, em cada um dos seus momentos (de tal modo que qualquer que seja e por mais pequena que seja, a meus olhos, a "porção" desse espaço que considere, ela compreende em si esse complexo de mutações em curso contínuo).

Esse simples facto, só por si, constitui na verdade algo de completamente diferente de tudo quanto tenho na apresentação de que

disponho: algo de inacessível que fica completamente fora da sala como se me dá.

Não somente, na verdade, para a apresentação natural (a despeito de se saber de algum modo sempre já que a luz "entra"--que, fechando as persianas, deixa de haver luz na sala) a luz não é algo que se move, mas algo que está--ou seja, não somente a perspectiva natural está completamente fechada, é completamente cega para o complexo de modificações a que a presença de luz na sala se acha ligada--mas, para além disso, qualquer tentativa de integração desse complexo de modificações no campo do meu ponto de vista, qualquer tentativa de captação, de acompanhamento delas, fica presa fora desse complexo, em formas de perspectivação cujo tido na verdade se queda aquém do complexo de que trata.

Assim, mesmo que a tentativa incida apenas sobre um espaço restrito (uma pequena secção daquele que há na sala)--por exemplo, o espaço no interior de um copo de água à minha frente, sobre a secretária--aquilo que se alcança ao tentar seguir o conjunto de acontecimentos, de modificações atinentes à luz, o conteúdo que, no sentido kantiano, se me propõe como exibição desse complexo de modificações, não é na verdade senão uma figuração vaga de movimentos--figuração na qual na verdade não aparece nem a luz como movimento, nem o movimento que a cada instante está a ter lugar em cada um dos momentos do espaço no interior do copo, nem o movimento de que se trata como um movimento que sem cessar se renova, numa sequência contínua (de tal modo que a cada "raio" de luz que vem se segue imediatamente um outro, e a este um outro, e assim constantemente sem parar).

O volume de perda é já extraordinariamente grande neste domínio restrito que é o do espaço no interior do copo de água. Tão grande mesmo que, por um lado, do complexo de realidade de que se trata na verdade não aparece a bem dizer absolutamente nada na a-

presentação de que se dispõe. E tão grande que, por outro lado, se bem que se trate de um espaço relativamente pequeno, vendo bem, a multiplicidade dos diferentes acontecimentos que estão a ter lugar nele, mas que assim se mantêm para lá do que se apresenta, tem dimensões absolutamente já a perder de vista, inabarcáveis.

Mas quando passo a considerar não apenas este domínio restrito mas todo o espaço livre à minha frente, então o horizonte daquilo que deste modo se mantém escondido estende-se a dimensões muito, muito maiores--e de facto verdadeiramente abissais.

E de tal forma que também aqui, ao olhar de frente aquilo que assim está a passar-se aí, perante mim, mas se mantém escondido relativamente ao meu olhar (fora, inteiramente fora de tudo aquilo que vejo) o perturbante desenhar-se do inacessível, que todavia está aí mesmo à minha frente, perante mim (onde aparentemente tudo está ou "devia estar" em acesso) ataca de novo, invade o terreno do mais familiar e do mais próximo--daquilo que segundo toda a aparência mais inteiramente se acha dominado pelo meu ponto de vista.

*

Em qualquer destes aspectos toca-se de perto qualquer coisa que já várias vezes esteve em jogo, mas sem que tivesse chegado a ser equacionada: a circunstância de a apresentação que se tem estar balizada por aquilo a que se dá o nome de limiares.

Se naturalmente reina a convicção de se dispor de um acompanhamento irrestrito, "sensível" a toda e qualquer realidade compreendida no domínio de incidência, a situação do ponto de vista é de facto tal que, pelo menos relativamente a algumas formas de realidade, só cobre um intervalo. De tal modo que todas as determinações, todas as realidades que se situam para lá dos limites desse intervalo pura e simplesmente não figuram na apresentação de que se dis

põe, estão eliminadas dela.

Assim, por exemplo, como nos casos agora apreciados, há um limiar máximo de velocidade dos movimentos, das transformações de que me apercebo. Todas as transformações, todos os movimentos com velocidade superior a um determinado limite, tudo o que se passe aí com uma rapidez superior a ele, não tem eco, não é registado na apresentação que tenho constituída--é qualquer coisa que para mim não está aí a ter lugar.

E do mesmo modo todos os movimentos, todas as transformações com velocidade inferior a um determinado limite--como os que correspondem ao crescimento das plantas que aí estão, ao amarelecimento de algumas das suas folhas, à oxidação que ocorre com diversos objectos de metal, ao crescimento dos meus cabelos, das unhas ou da barba, etc;--estando embora aí a ocorrer, constituem realidades que a minha perspectiva não acompanha e que, mesmo que esteja advertido para elas e as procure acompanhar, se mantêm inteiramente para lá de tudo quanto tenho.

Só acompanho movimentos de velocidade não excessivamente lenta e não excessivamente rápida. E o que assim se pode situar para lá do que acompanho tem uma amplitude perfeitamente incontrolável, que nada me permite restringir.

Da mesma forma, só acompanho também realidades que se continuem por um determinado período de tempo, com uma duração não inferior a um determinado limiar. Todas as realidades que possam estar a ter lugar aí em ocorrências muito breves, inferiores a esse limite, acham-se completamente eliminadas da apresentação de que disponho. De tal modo que é perfeitamente possível que, instante a instante, haja aí na sala multiplicidades muito amplas de realidades breves, de acontecimentos a que o meu ponto de vista é "insensível", e que, com serem breves nem por isso são menos reais do que aquelas que registo--constituindo um horizonte de realidade "submersa" de di-

mensões provavelmente muito amplas e para mim perfeitamente incontroláveis.[118]

Com a focagem destes fenómenos correspondentes à noção de limiares a inflexão relativamente à tese natural desenha-se ainda com mais nitidez. Por um lado, põe-se mais claramente em evidência como são campos inteiros de determinados tipos de realidade que ficam fora da apresentação que se tem. Por outro lado, esses campos de realidade desenham-se como campos <u>abertos</u>, cuja amplitude não temos nenhuma possibilidade de circunscrever. Assim, não há meio de determinar qual o conjunto de movimentos cuja velocidade cai fora do intervalo que acompanho, como também não há nenhum meio de determinar o conjunto de realidades de duração subliminar que ocorrem no espaço da sala, etc.. Pode haver realidades desse tipo em toda a parte, essas realidades podem povoar a sala--nada há que me permita restringir o seu cabimento. Finalmente, configura-se com "contornos" mais distintos qualquer coisa que a pouco e pouco tem vindo a "tomar forma" no exame feito: que a apresentação que tenho da própria sala pode estar como que "sintonizada" só para determinadas "frequências" de realidades e passar completamente "ao lado" de outras para que não está "sintonizada"--ou seja a possibilidade de a apresentação que tenho da própria sala corresponder a uma espécie de <u>selecção</u>, privilegiando uma parte do que está presente no seu campo de incidência e desconsiderando totalmente (abandonando) outras. Como a pouco e pouco se tem vindo a tentar mostrar e o fenómeno dos limiares de novo põe em evidência, esta possibilidade de a apresentação estar constituída de raiz no modo do "<u>deixar-de-fora</u>" (da "selecção" e da eliminação) é uma possibilidade totalmente <u>irredutível</u>, quer no que diz respeito à ocorrência de alguma eliminação dessa ordem, quer no que diz respeito à sua amplitude e à admissibilidade de aquilo que desse modo é deixado de fora ser muito amplo e mesmo muito mais do que aquilo que é incluído.

*

Em terceiro lugar, e abrangendo não apenas o espaço livre entre os objectos, mas também pelo menos uma parte dos próprios objectos que há na sala (todos aqueles que vejo, que ouço--que de alguma forma me estão dados na apresentação de que disponho), é detectável, por exemplo, um outro complexo de contínuas modificações, acontecimentos. Este complexo de modificações, acontecimentos situa-se naquilo que se pode designar como o horizonte do "entre" que medeia entre as coisas que há à minha volta, na sua própria posição, no seu acontecimento, e a constituição em mim de um ponto de vista que, como naturalmente entendo, os "reproduz", lhes corresponde.

Vejamos mais precisamente o que se quer dizer com isto.

No modo como naturalmente entendo as coisas, o acesso de que disponho acha-se compreendido como um acesso àquilo que aí está.

Esta é uma evidência que está copresente na apresentação daquilo que se me apresenta, uma evidência que domina a compreensão que tenho do que se passa no acontecimento de apresentação em que encontro e de tudo que nele se me acha dado.

Esta evidência não está normalmente posta em destaque como uma tese expressa. Acha-se porém de qualquer modo sempre aí, no centro da minha apercepção de tudo aquilo que se me apresenta, determinando decisivamente a apresentação que tenho, o seu sentido.

Não faz parte dela, por outro lado, nenhuma explicação da possibilidade deste acesso--do modo como se processa, tem lugar.

É precisamente característico da evidência em causa a circunstância de ter como "conteúdo" pura e simplesmente o facto do acesso--o puro facto de ser assim, de haver um tal acesso (e isto justamente de tal forma que de todo em todo não se põe em causa, fica

prejudicada como questão secundária que não é preciso levantar e não se levanta, a determinação mais precisa da **possibilidade** do acesso, do **modo** como se realiza).

Suscitada, porém, esta questão, então o acesso de que disponho (que de qualquer forma vale como tal em virtude dessa evidência naturalmente constituída--e não em virtude das apercepções mais pormenorizadas que **então**, e só então, se constituem), dá-se a perceber de tal modo que os conteúdos que estão dados no horizonte do meu ponto de vista se inculcam como **resultando** de algum modo daqueles que, fora de mim, independentemente de mim, há na sala.

Ora essa concepção dos conteúdos da apresentação que tenho como qualquer coisa que **resulta** daquilo que aí há independentemente da apresentação comporta em si a implicação de haver aí um campo de acontecimentos definido por ter as coisas elas próprias como **terminus a quo** e os conteúdos que tenho apresentados como **terminus ad quem**: o campo disso em virtude do qual as coisas elas próprias não se limitam a ocorrer em si, no seu próprio acontecimento, mas "produzem" a partir de si, e em conformidade consigo um **resultado** (a apresentação que delas tenho); e ao mesmo tempo o campo disso em virtude do qual os conteúdos que me estão dados não são também um acontecimento absolutamente isolado em si, mas um acontecimento que precisamente **deriva**, **decorre** (e mais precisamente deriva daquilo que, independentemente da doação ou não-doação desses conteúdos, está aí na sala).

Por outras palavras, concebendo eu a relação entre o que tenho e o que há na sala da maneira como a concebo (sustentando eu, como parte integrante da minha tese de correspondência entre os meus conteúdos e aquilo que aí há, qualquer coisa como uma tese de **causalidade** entre ambos), acontece que na perspectiva em que me acho vejo as coisas, mas vejo-as completamente amputadas disso que se passa com elas e que leva aos meus "conteúdos", e por outro lado tenho os meus "conteúdos", mas tenho-os completamente amputados dis

so que se passa com eles e que é o estarem de algum modo a advir a partir do que aí há--a resultar a partir dele..

Mais propriamente:

Tenho algo que se me propõe simultaneamente como a coisa ela mesma e como meu "conteúdo". Mas está completamente ausente do meu horizonte o que quer que seja do campo de passagem de um ao outro, da transformação da coisa mesma em "conteúdo "meu--dessa passagem, dessa transformação que a minha compreensão da unidade, da correspondência "coisa ela mesma"/meu "conteúdo" no entanto supõe.

E todavia este "entre" (e todos os acontecimentos que lhe pertencem) está aí a ter lugar na sala, conta-se entre a realidade presente no seu âmbito.

Se é exacta a compreensão, para que tendo, de acordo com a qual o aparecer da sala, e de tudo o que vejo nela tem, lugar por meio de um processo, então manifesta-se aqui, de novo, que na sala efectivamente aí há de facto muito mais do que aquilo que aparece.

Topo de novo com uma peculiar "miopia", com uma peculiar "cegueira" da perspectiva em que me acho, com mais uma elisão de campos de realidade na apresentação da sala--com mais uma frente de desproporção entre o que tenho e aquilo que efectivamente aí há, aí se passa.

Não se cura aqui de averiguar qual a natureza do processo de realização dessa "passagem", para cada um dos conteúdos que constituem a sala como a tenho.

Esse processo pode ser um processo imensamente complexo, implicando para cada "conteúdo" um conjunto muito numeroso de acontecimentos de mediação (fora do que eu mesmo sou, no espaço exterior da sala, ou dentro de "mim", no complexo de entidades e acontecimentos meus a que chamo o meu corpo)--de tal forma que a cada conteúdo tido corresponde nesse horizonte de passagem um verdadeiro mar de acontecimentos diferentes.

Ou esse processo pode ser mais simples, de tal modo que seja possível acompanhar, relativamente a cada "conteúdo", todos os passos de que depende a sua constituição como algo dado.

Mas, mesmo que seja simples ou relativamente simples--tão simples que seja possível acompanhar de forma adequada todo o processo conducente à constituição da apresentação destes ou daqueles conteúdos que se me apresentam (por exemplo, de cada momento cromático de cada uma das letras que me aparecem nesta folha de papel em que escrevo), a verdade é que de qualquer forma continuaria ainda assim a ser inabrangível, de uma complexidade a perder de vista, o conjunto de todos os processos envolvidos na apresentação de todos os outros momentos da apresentação que tenho.

E isto mesmo se se tratar somente da superfície desta folha de papel, com tudo o que vejo nela, com todo o conjunto dos diferentes momentos cromáticos que estão envolvidos na sua apresentação.

Mas muito mais assim no que diz respeito a tudo quanto me aparece nesta sala.

De tal modo que aqui, uma vez mais, em cada momento, em cada parte da sala como a tenho, se anuncia um horizonte que não apenas escapa inteiramente à apresentação natural da sala (e de tal modo que, se bem que a ideia deste processo me seja de há muito familiar, normalmente não tenho qualquer apercepção, estou completamente "a leste" do horizonte que lhe corresponde), mas, para além disso, mesmo quando me volto para ele e procuro alcançá-lo, permanece escondido, inacessível--para lá de todas as representações que dele possa ter.

O "perante mim" da realidade presente na sala revela-se uma vez mais subtraído, não perante mim. Olho para a região em que tudo isto se deve estar a passar, mas permaneço completamente cego para todo o campo da realidade em causa e continuo na verdade a ver como se nada disto estivesse a ter lugar aí e só a realidade inerte de que tenho apresentação estivesse a ocorrer na sala.

*

Em quarto lugar, e abrangendo não apenas o espaço livre entre os objectos, nem apenas uma parte dos objectos, mas tudo aquilo que se encontra na sala, sem qualquer excepção, é também detectável um outro complexo de modificações que escapa por completo à apresentação que me está dada da sala e a todas as tentativas que empreendo no sentido de o procurar acompanhar: o complexo de modificações cujo reconhecimento decorre da tese sobre o movimento de rotação da terra, por um lado, e, por outro lado, da "revolução copernicana", da passagem de uma perspectiva geocêntrica a uma perspectiva heliocêntrica.

Na verdade, embora reconheçamos e façamos nossas as teses sobre os movimentos de rotação e translação da terra (e essas teses integrem o património elementar do "saber" de cada um de nós, já desde a infância), a apresentação das coisas em que vivemos (e, em concreto, a apresentação de tudo o que há na sala em que me acho) pertence por inteiro e sem qualquer reserva a um universo ptolemaico. A sala que tenho, as cadeiras, as estantes, eu próprio--tudo isso é apresentado e visto como absolutamente imóvel, completamente livre de qualquer alteração de posição. Apenas os objectos que se deslocam no quadro da sala--eu a andar de um lado para o outro, a minha mão e a caneta movendo-se sobre o papel em que escrevo--são apresentados como móveis e, nesse caso, num movimento completamente diferente daquele que tem a ver com a rotação e translação da terra.

Quer dizer, o reconhecimento das teses em causa deixa absolutamente intacto o sistema da realidade com que vivo, a que todavia diz respeito. Pois, pelo seu sentido, essas teses concernem e afectam o campo dessa realidade, sem qualquer possibilidade de mitiga-

ção dos efeitos de subversão que sobre ele têm. As teses sobre os os dois movimentos afirmam, relativamente à sala, qualquer coisa que na verdade não é compatível com aquilo que se me apresenta--qualquer coisa de outro, de diferente daquilo que tenho na apresentação em que me encontro.

O estranho é que, mesmo quando considero as teses em causa, de modo nenhum me salta à vista que, de acordo com elas, cada um dos objectos que tenho na apresentação da sala é qualquer coisa através de cuja apresentação na verdade não chego ao que efectivamente está a ter lugar na sala. Pois de facto o que o reconhecimento das teses traz consigo é a implicação de que cada uma das realidades presentes no horizonte da sala em vez de, como é apresentada, estar imóvel, sofre continuamente não um movimento, uma deslocação no espaço, mas justamente dois movimentos diferentes. Ou seja: por cada uma das realidades que aí tenho dadas, e envolvendo-as produzem-se continuamente, de acordo com as duas teses em causa, duas séries diferentes de acontecimentos de modificação que totalmente me escapam.

O que quer dizer que tantas quantas as realidades que tenho como constituintes da sala no seu todo são as modificações que, encarando as teses sobre os dois movimentos, emergem como ocorrendo nela fora do meu ponto de vista, do horizonte que nele tenho dado. Ou melhor: por cada realidade que aí tenho dada emergem dois momentos de realidade submersos, exteriores ao ponto de vista--mais precisamente ainda, não dois momentos de realidade, mas duas séries de modificações que continuamente estão a ter lugar.

Este constante movimento duplo da sala no seu todo e de cada uma das coisas que nela se acha escapa inteiramente à apresentação de que disponho. E a sua relação com aquilo que me aparece não é de maneira nenhuma apenas a relação de uma determinação que falta, de uma determinação que sem mais se pode verificar, sem mais pode vir a apresentar-se e a integrar-se como complemento no quadro da

apresentação da sala que de todo o modo sempre já se tem. Não. Em primeiro lugar acontece aqui de novo que, por mais que procure pôr a descoberto a sala e cada uma das coisas que nela há nos movimentos que dessa forma as caracterizam, estes movimentos permanecem fora de alcance, inteiramente escondidos, subtraídos. Passa-se também aqui que o meu saber dos movimentos em causa não constitui nenhum autêntico ter deles, é antes um saber para o qual o seu sabido, aquilo a que se reporta, na verdade constitui qualquer coisa de escondido (algo a que não se tem ainda propriamente acesso). Por outro lado--e este é o ponto decisivo--todo o duplo movimento em causa não pode pura e simplesmente ser acrescentado como uma nota adicional ao que de qualquer modo já aparece, à apresentação sem ele de que já se dispõe--i.e. à sala imóvel que naturalmente tenho dada. Aquilo que aparece como imóvel não pode pura e simplesmente ser já o que está envolvido num duplo movimento, por mais que lhe seja semelhante, igual. I.e. aquilo que aparece é de algum modo outro que aquilo que está efectivamente a ter lugar na sala. E o que assim se manifesta é que o tido de algum modo não alcança, não coincide com o que está efectivamente a ter lugar.[119]

Tenho dificuldade em reconhecer que é assim. Mas que o é de facto manifesta-se claramente se perceber que aqui se passa qualquer coisa do mesmo tipo da que aconteceria se, ao deslocar a minha mão, o meu olhar estivesse de tal modo preso que não integrasse na sua perspectiva esse movimento--e a mão que se desloca lhe aparecesse totalmente imóvel, mesmo que em tudo o mais a apresentação da mão fosse adequada.[120]

Neste caso, vê-se claramente que a mão "real" como que se mantém para lá da mão que aparece. Vê-se claramente que, ao ter esta, não estou ido num efectivo acompanhamento até à mão que de facto está a ter lugar, mas tenho de algum modo algo de outro (e tanto quer dizer não apenas repouso, inércia em vez de movimento, mas,

mais do que isso, qualquer coisa como uma outra mão, uma mão alie nada relativamente àquela que de facto é). De tal modo que o visto e o que de facto há não coincidem.

E tudo isto de tal modo que, por outro lado, nem sequer são apenas estes os movimentos, as deslocações a que toda a realidade da sala pode estar sujeita. Do mesmo modo que relativamente aos movimentos de rotação e translação da terra, é possível que haja ainda outros movimentos que conjuntamente afectam toda a realidade para mim exposta--e que por isso mesmo nada têm que os acuse. Se, relativamente à rotação e translação há de qualquer forma referenciais que os permitem identificar, é possível que todos os referenciais que sou capaz de encontrar estejam envolvidos no mesmo (ou até nos mesmos) movimento(s), que afecta(m) não só a terra, mas todas as demais realidades a que consigo ter acesso. Dada a incompletude do ponto de vista de que disponho, nada disso pode ser excluído. Sendo assim eventualmente ainda muito mais complexo do que o considerado o conjunto dos movimentos aí a ter lugar, e sendo incontrolável o âmbito das deslocações a que na verdade está sujeita a realidade da sala em que me encontro.[121]

2.1.2.5 A sala vista e a sala "submersa"--o "perante mim" inacessível e a sua amplitude. O carácter meramente incipiente das análises efectuadas e a possibilidade de uma continuação do levantamento da incompletude. Suficiência das análises realizadas para o apuramento da questão da forma da finitude.

De todos estes horizontes de modificações, para que na verdade remetem perspectivas de entre as mais familiares e triviais que tenho, não havia ainda a mais pequena ideia depois de ter inquirido o interior dos corpos, as superfícies vistas e o espaço livre--e depois de os ter apurado no escondimento que de facto reina neles.

Ainda que então a sala não vista, a sala que permanece escondi

da, se anunciasse já com dimensões imensas e eu estivesse já desperto, alertado, para um grande volume de realidades "submersas" relativamente à apresentação que tenho da sala, o meu ponto de vista continuava completamente "a leste" de todas estas modificações--sem qualquer apresentação delas.

A supressão da desfocagem, a supressão do escondimento do escondimento relativamente a estes novos aspectos faz, entretanto, adensar a rede de frentes de incompletude que se cruzam na apresentação da sala. Se, antes, o campo do escondimento já alastrava a todas as regiões da sala, com estes novos aspectos o volume do que se mantém subtraído revela-se ainda muito maior.

Patenteia-se que não somente acontece que em todos os momentos da sala, tal como aparece, se anunciam horizontes de realidade escondida, a que a apresentação que se tem não chega, mas também que para cada um destes momentos, pondo-o à prova, se multiplicam e remultiplicam as remissões para realidades fora de acesso.

Mas, sendo assim, com a detecção dos horizontes já postos a nu está-se de facto ainda muito longe de se ter esgotado inteiramente o campo da sala ainda escondida, da sala que escapa à apresentação que se tem. A perspectiva sobre a sala latente que se acha alcançada uma vez tidos em atenção todos estes complexos de modificações, de acontecimentos, não constitui de modo algum o " nec plus ultra" da expansão do horizonte daquilo que há na sala sem que me apareça --como se estivesse chegado a um limite, para além do qual não subsiste nenhum domínio de escondimento aí, na sala, que esteja ainda por detectar.

É exactamente o contrário que acontece.

O levantamento preliminar até aqui levado a cabo serve justamente, na lenta progressão por que se realizou, para mostrar que, se bem que à primeira vista parecesse absolutamente excluído que a apresentação da sala deixasse ainda escondido um volume grande

de realidade presente nela, a amplitude do que de facto se mantém escondido, considerada mesmo só a partir de uma análise das indicações implicadas na apresentação que naturalmente tenho da sala ou a partir da focagem de teses perfeitamente triviais que tenho adoptadas, se revela absolutamente inabrangível, imensa. E ao mesmo tempo põe também em evidência que cada levantamento do que permanece fora da apresentação disponível, por mais longe que já pareça ir, pode passar ainda inteiramente ao largo de numerosos e também imensos horizontes de latência, de que não faz a mais pequena ideia.

Ou seja, do mesmo modo que, ao perceber-se o escondimento que reina relativamente aos espaços interiores, às superfícies vistas e ao espaço livre, ainda se está completamente alheado, completamente inadvertido relativamente aos horizontes de acontecimentos, de modificações que estão a ter lugar na sala, assim também é na verdade possível que, quando já estou na pista desses acontecimentos (dessas modificações) e tenho o meu olhar desperto para a sua presença, permaneçam ainda completamente inadivinhados outros horizontes de latência--e até mesmo muito mais vastos do que aqueles de que já tenho notícia a partir do levantamento realizado.

Neste sentido, e para mais claramente se perceber que revisão das exclusões de finitude possível se desenha aqui, importa em primeiro lugar olhar uma vez mais, em toda a sua amplitude e porte, o horizonte de latência já detectado. E importa, em segundo lugar, pôr em equação de forma mais precisa a possibilidade de um ainda maior alargamento desse horizonte--essa possibilidade cujo cabimento se acabou de tentar pôr em evidência.

Os aspectos sucessivamente considerados, em que a pouco e pouco cada vez mais realidades se apontaram a ocorrer na sala, entre as quatro paredes, o chão e o tecto, mas sem que, apesar disso, (apesar de estarem mesmo aí), me apareçam, permitem já ver como, pondo à prova a situação em que se está, a compreensão natural da apresentação que se tem da sala entra em perturbação.

Em cada um dos aspectos que sucessivamente se foram considerando desenhava-se um horizonte a perder de vista de entidades, de momentos de realidade diferentes. De tal modo que para cada um é já inabarcável o excesso do que há sobre o que temos e a multiplicidade real em causa é absolutamente irredutível ao que na apresentação lhe corresponde e ao próprio quadro da sala naturalmente apresentada.

Mas, se isto é já assim para cada aspecto considerado, muito mais o é--muito mais inabarcáveis e irredutíveis se tornam as dimensões do horizonte do que falta--ao considerarem-se em sobreposição todos os diferentes aspectos que sucessivamente foram passados em revista.

Então é absolutamente esmagador o escondimento que se manifesta no campo da sala, a invasão da incompletude, o abismo do que está a escapar à perspectiva que se tem.

A sala comporta em si:

1-o horizonte em excesso sobre toda a apresentação que se tem e irredutível ao seu enquadramento que é o que de todos os interiores não vistos dos múltiplos corpos opacos presentes na sala. Este horizonte começa logo à minha volta, onde me encontro, em mim mesmo, na minha cabeça, e para além disso em todo o meu corpo, continua nas minhas roupas, na cadeira, na secretária, no sofá, em todas as cadeiras, e na outra mesa, nas estantes e nos livros, etc.. E um horizonte que, inibindo os vários fenómenos que desvirtuam a sua representação, se revela imenso. Em cada um destes diferentes focos, e mesmo nos mais pequenos (na própria folha de papel, etc.) equivale já a uma inabrangível multiplicidade de realidades diferentes. E essa multiplicidade atinge muito mais inabarcáveis dimensões dada a acumulação de muito numerosos focos de escondimento desta ordem, que se registam no âmbito da sala (assim, por exemplo, já de forma esmagadora na região das estantes, mas muito mais ainda se

se juntarem todos os restantes interiores).

2-o horizonte em excesso sobre toda a apresentação que se tem e irredutível ao seu enquadramento que é o que resulta da "deformação", da redução de dimensões, que ocorre em virtude de praticamente todas as superfícies que me aparecem na sala aparecerem de facto somente numa apresentação à distância. Semelhante redução afecta não só as superfícies mas para além disso (por meio da delimitação que estas fazem) também os campos de realidade correspondentes aos interiores dos corpos, e também o próprio espaço livre. O horizonte de escondimento correspondente a esta redução cerca-me de todos os lados, distribui-se por todas as realidades que se apresentam na sala, excepto, quando muito, um pequeno núcleo. Toda a apercepção da amplitude do campo de realidade correspondente à sala está afectada por esta redução, que só parcialmente, a respeito deste e daquele objecto, consigo superar--e que na verdade se mantém sempre inultrapassada para a esmagadora maioria das realidades que a sala comporta. Este campo de escondimento, se à primeira vista tende a não parecer significativo, abrange de facto uma grande multiplicidade de realidades diferentes que se mantêm desacompanhadas, pois a redução deforma (nas suas dimensões) praticamente tudo o que me aparece, de tal modo que não faço a mais pequena ideia do que seja a sala, i.e. todas as realidades presentes nela, libertas desta redução.

3- o horizonte em excesso sobre toda a apresentação que se tem e irredutível ao seu enquadramento que é o que resulta da circunstância de a esmagadora maioria das realidades que há na sala estar apresentada somente no modo de horizonte. De tal maneira que em todos os quadrantes o complexo de realidade efectivamente a ter lugar abrange uma multiplicidade que fica muito além das representações inautênticas de totalidade por que se acha apresentado--e em todos os quadrantes é de facto a maioria, a esmagadora maioria

das diferentes realidades que neles se situam que assim fica fora da apresentação que se tem, não acompanhada nela. Num não acompanhamento que todos os esforços que faço no sentido de o eliminar deixam de facto sempre ainda a subsistir.

4--o horizonte em excesso sobre toda a apresentação que se tem e irredutível ao seu enquadramento que é o que corresponde à grande multiplicidade de realidades diferentes que constituem cada parte aparentemente mais simples, cada mínimo ainda identificável da apresentação de que se dispõe. De tal modo que aquilo que me aparece como "simples", indivisível pode corresponder na verdade um complexo--e um complexo numeroso--de realidades diferentes, que enquanto tais se mantêm "submersas" relativamente ao ponto de vista que tenho (a este ponto de vista em que o domínio de realidade a que pertencem justamente aparece simplificado). Esta é uma forma de escondimento que se produz em toda a sala--em cada um dos momentos da sua apresentação reina uma"simplificação"deste género, que faz que em cada um haja multiplicidades fora de perspectiva. Sendo extraordinária a amplitude de tudo o que assim fica fora da apresentação em todos os momentos da sala apresentada.

5-o horizonte em excesso sobre toda a apresentação que se tem e irredutível ao seu enquadramento que é o de toda a miríade de entidades que povoam o espaço livre entre os objectos, espaço que a mim me parece vazio, e que, por outro lado, em virtude dos fenómenos relativos à apresentação à distância, à apresentação horizontal,e à apresentação simplificada, antes referidos, tem uma amplitude muito maior do que naturalmente parece. Esse horizonte é inacompanhável e corresponde já a uma multiplicidade inabrangível tratando-se somente de uma pequena parte do espaço em causa. Mas muito mais amplo, muito mais transcendente a tudo quanto sou capaz de acompanhar é esse horizonte no que diz respeito a todo o espaço livre que há na sala.

6-o horizonte em excesso sobre toda a apresentação que se tem e irredutível ao seu enquadramento que é o da imensa multiplicidade de acontecimentos que têm a ver com o rádio e que em todo o lado, na sala em que me encontro, estão a ter lugar, numa sucessão inabarcável de transformações, de movimentos, em inovação contínua.

7-o horizonte em excesso sobre toda a apresentação que tenho e irredutível ao seu enquadramento que é o de toda a incomensurável multiplicidade de acontecimentos que têm a ver com a luz que em toda a parte (espaço livre, superfícies) enche a sala; e o horizonte, de composição e amplitude incontroláveis, de todas as realidades com características subliminares--movimentos muito rápidos ou muito lentos, ou realidades com durações muito curtas, que continuamente podem estar a ocorrer sem que a apresentação de que disponho os capte,etc..

8-o horizonte em excesso sobre toda a apresentação que tenho e irredutível ao seu enquadramento que é o de tudo aquilo que tem a ver com a constituição da própria apresentação da sala e de cada um dos seus momentos. Por mais simples que se imagine o processo dessa constituição,o horizonte que lhe corresponde e que fica completamente fora da apresentação de que disponho é, mesmo já para uma parte tão pequena da sala apresentada como é a folha de papel sobre que escrevo, inteiramente inabrangível. E muito mais inabrangível é a multiplicidade correspondente à constituição da apresentação de toda a sala.

9-o horizonte em excesso sobre toda a apresentação que tenho e irredutível ao seu enquadramento que é o do duplo movimento que continuamente afecta a sala e cada uma das realidades que há nela, em correspondência aos movimentos de rotação e translação da terra; e o horizonte, de composição e amplitude incontroláveis, correspondem

te à possibilidade de muitos outros movimentos conjuntos e, por isso, imperceptíveis, de toda a realidade que me rodeia.[122]

Capacitando-me eu do que cada um destes aspectos significa, olhando face a face e conseguindo ver de algum modo todos estes diferentes aspectos na sua sobreposição, então a sala no seu todo e em cada um dos seus momentos revela-se como um conjunto de multiplicidades e multiplicidades de realidades que em todas as direcções, em todas as regiões, em cada momento (e mesmo até nos mais pequenos já com uma amplitude de excesso que tem dimensões que não sou capaz de abarcar) transbordam tudo aquilo que me aparece ao ter a realidade assim à minha frente no modo como me está dada.

*

Mas, se assim é, importa justamente sublinhar que os resultados obtidos correspondem apenas a um exame dos aspectos considerados, e que estes estão muito longe de esgotar as possibilidades de reconsideração da realidade da sala, antes constituem só uma parte (e talvez mesmo uma pequena parte) daquelas a que se pode atender.

Tudo aquilo a partir do qual até aqui se procurou pôr em foco "a outra-sala" que há na sala que vejo pertence estritamente ao âmbito de teses que ou sustento naturalmente ou, embora constituídas de outra forma (com origem científica), estão adoptadas por mim e fazem parte do mais comum e elementar "património" do saber na sociedade a que pertenço. Além disso, o exame levado a cabo, mesmo em relação aos aspectos sobre que incide, processa-se com alguma simplificação dos problemas envolvidos, de maneira nenhuma abrangendo toda a série das implicações que têm e das questões com que se prendem. Mesmo no quadro dos sistemas de determinações examinados (o conjunto dos elementos da "sala" inerte o conjunto das modificações que ocorrem na sala) o levantamento está muito longe de ser

exaustivo (por exemplo, e só para se indicar um caso flagrante, não se focou nada do imenso campo das modificações que sucedem no meu corpo e que não têm directamente a ver com o processo de constituição da apresentação que tenho, com o processo de passagem das coisas "elas mesmas" às coisas vistas que no meu ponto de vista se acham dadas).

Ora, não somente, deste modo, um exame mais detido dos próprios aspectos considerados, poderia produzir um escrutínio ainda mais amplo das realidades não acompanhadas que há na sala, mas, mesmo não saindo do sistema de determinações constituintes da sala natural, há outras instâncias de determinações cujo exame, se realizado, introduziria novos factores de evidenciação de retenção, de incompletude do meu ponto de vista--revelando ser ainda mais radical a diferença entre o que há na sala e o que temos na perspectiva natural a seu respeito.

E, para além de tudo isto--que ainda se situa no quadro do sistema natural de determinações--é ainda perfeitamente possível que haja outras determinações, de natureza diferente, i.e. que haja outros tipos de realidade que naturalmente de todo desconheço, e que estão a ter lugar aí na sala.

É uma possibilidade deste género que se sugere tendo em atenção, por exemplo, as perspectivas abertas em vários ramos do saber.

O exame da apresentação natural das coisas, a análise dos fenómenos que nela se indicam, pode conduzir ao reconhecimento de outras multiplicidades de realidades com determinações substancialmente diferentes daquelas que a apresentação natural inclui em si. É precisamente isso que ocorre em diferentes disciplinas científicas e filosóficas.

Nelas, a apresentação naturalmente constituída como que se desenvolve, de tal modo que em si mesma e a partir de si mesma (por identificação e tratamento dos problemas que nela estão deixados por resolver) acede a novas perspectivas. É o que, entre outros as-

pectos, distingue estas novas perspectivas é justamente o facto de remeterem para um sem número de determinações, para um sem número de entidades que não figuram na perspectiva natural--e além disso também o facto de essas entidades, em parte pelo menos, terem características diferentes daquelas que a apercepção natural inclui em si.

Isto tem de ser tanto mais acentuado quanto, em particular no que diz respeito às ciências, não é este o aspecto que tende a saltar mais à vista.

O êxito que logram atingir na resolução dos problemas com que se ocupam tende a ofuscar o facto de, por outro lado, trazerem consigo, nas perspectivas que constituem, a indicação de uma extraordinária multiplicatio entium.

Por outras palavras, as investigações críticas que se constituem por verificação, exame, teste, do que nos aparece produzem reconsiderações da realidade que temos perante nós. De tal forma, porém, que cada uma delas (física, química, biologia e, dentro delas, cada uma das diversas disciplinas em que se articulam) descobre, presume, figura, admite uma multiplicidade extraordinária de "conteúdos", de que a apresentação naturalmente constituída não faz a mais pequena ideia e que, além disso, pelo menos em grande parte, têm um carácter bastante diferente de tudo aquilo que a apresentação naturalmente inclui.

Assim, por um lado, a multiplicidade de determinações que são apuradas e que estão em jogo nas diferentes disciplinas científicas é uma multiplicidade incomensuravelmente mais vasta, diversificada, do que o conjunto daquelas de que se compõe a apresentação natural da sala. Por outro lado, essas determinações não correspondem apenas a uma muito ampla variação, a um muito mais amplo espectro de especificações dos "modos de ser" (das formas fundamentais de realidade)que já estão identificados na apresentação natural, e de que

todas as determinações que esta tem apercebidas constituem especificações. Sucede antes que muitas dessas determinações têm justamente um carácter "bizarro", correspondem a "modos de ser" diferentes dos que naturalmente se apercebem, "excêntricos" em relação a eles.

Tudo isto, porém, de forma tal que os conteúdos que os referentes científicos assim põem no horizonte de modo nenhum ficam libertados do escondimento em que se acham presos, de modo nenhum ficam patenteados, acompanhados de forma adequada. Pelo contrário. Ganha-se notícia deles, são investigados, determinados, compreendidos, usados como operadores, etc., sim. Mas tudo isto significa em muitos casos apenas que o ponto de vista adquire perspectivas de remissão para outras formas de realidade diferentes das que naturalmente se evidenciam, sem que no entanto essas realidades se ponham à mostra em si mesmas, num acesso pleno--num acompanhamento de si próprias e das determinações que propriamente são as suas.

De sorte que a aquisição de conhecimento científico não representa pura e simplesmente um enriquecimento do património do acesso que se tem, mas ao mesmo tempo também uma manifestação da abissal incompletude do nosso acesso, mesmo relativamente àquilo que é mais próximo e se acha directamente perante nós.

Se se pusessem em equação aqui todos os fenómenos pertencentes à sala que são investigados em diferentes ciências e todas as modificações, complexificações de perspectivas, toda a multiplicatio entium, que lhes correspondem, o abismo de escondimento que de qualquer modo já se desenha tornar-se-ia ainda mais prodigioso, mais abissal--multiplicar-se-ia num cada vez mais esmagador agigantar de si.

A simples consideração de tudo isto permite desde logo ver como o exame levado a cabo sobre a incompletude da apresentação da sala é na verdade um exame ainda incipiente e corresponde apenas a uma primeira exploração da possibilidade do escondimento no âmbito

da sala.

A análise da sala em que me encontro e a emersão das suas dimensões latentes poderiam prosseguir muito mais além, em multiplicações e multiplicações de campos de escondimento.

Para o apuramento do que aqui se trata não é, entretanto, necessário tentar acompanhar, para além do levantamento já realizado, todas essas diversas possibilidades da ainda maior transformação da perspectiva que se tem da sala--e de ainda muito maior "crescimento" do campo do que me escapa nela.

Para a consideração do problema da forma da finitude no quadro da incompletude do acesso, basta ter em vista os aspectos postos em relevo e a forma como apontam já o campo de escondimento (a incompletude subsistente no próprio campo de incidência) como um campo de escondimento onde se "perde" inteiramente "o pé, como uma incompletude com dimensões de abismo--numa invasão de escondimento que faz que a "sala-que-não-se-vê" surja como muito mais do que a sala manifesta e como qualquer coisa que lhe é irredutível(invertendo assim, pulverizando--mesmo neste âmbito restrito, que parecia constituir o seu último bastião--a forma natural da finitude).

E basta ao mesmo tempo sublinhar que, se os aspectos postos em relevo produzem já uma modificação desta ordem, por outro lado eles não fazem mais do que levantar uma ponta do véu da incompletude. O seu sentido não é o de produzir já um levantamento do que pode escapar no campo de incidência mas o de mostrar como carece de fundamento a tese de controlo que sustentamos a seu respeito, mostrar como a situação em que se está é uma situação de falta de controlo do que pode haver no próprio campo de incidência--uma situação aberta, como uma margem de incompletude aberta. E, dessa forma, interessa muito menos o elenco de aspectos (definidamente estes e aqueles) que refere do que a forma como esses aspectos atingem a evidência natural de controlo, começam a desarticular o seu domínio,

põem na pista dessa situação aberta de que naturalmente não se tem ideia.

Neste sentido, é decisivo justamente ter em conta a possibilidade de uma continuação da transformação que os aspectos considerados já desenham, a possibilidade de a margem de incompletude que efectivamente tem lugar mesmo no âmbito restrito da sala ser ainda muito mais grave do que já se perfila.

E é por outro lado decisivo ter em conta que, mesmo prosseguindo no exame, por muito longe que se vá no levantamento feito a partir da própria apresentação de que se dispõe, os resultados a que de cada vez se está chegado não podem de maneira nenhuma ser tomados já por uma identificação exaustiva da incompletude.

Em primeiro lugar, na verdade, por longe que possa ir o levantamento da incompletude da apresentação que se tem, persiste sempre a possibilidade de ainda mais insistentes e aturadas análises da própria apresentação, dos seus dados, virem a desenhar ainda outros horizontes de realidade inatingida, ainda outros pontos de incompletude.

Em segundo lugar, ainda que fosse possível levar a análise da apresentação de que se dispõe até ao fim, concluí-la de uma forma definitiva, mesmo assim o resultado obtido não poderia valer como um levantamento exaustivo do escondimento, da incompletude da apresentação. Pois, na verdade, nada garante que não haja na sala todo "um mar" de realidades que não apenas naturalmente não aparece, mas também para que nada remete na apresentação de que se dispõe, e a cuja apercepção não se pode chegar por exame e investigação do que aparece.Não há nenhuma possibilidade de excluir que haja realidades, e mesmo muitas realidades,que se situam inteiramente fora do âmbito daquilo que está captado na apresentação de que se dispõe, e não há nenhuma possibilidade de excluir que essas realidades sejam completamente diferentes de tudo aquilo que se acha no horizonte da apresentação.

Antes de se ter experimentado a presença do horizonte de latência subsistente na sala como qualquer coisa de abissal, esta possibilidade tende a parecer inteiramente excluída. Mas, uma vez experimentado como, a despeito de toda a evidência natural da sua impossibilidade, se verifica um abismo desse tipo e o complexo de realidades presentes na sala se manifesta como qualquer coisa que imensamente transborda a apresentação de que disponho (a apresentação que naturalmente me parece ser absolutamente exaustiva ou quase), então essa possibilidade passa a desenhar-se como uma possibilidade de facto--não como uma possibilidade remota, que nada, absolutamente nada indicia (uma possibilidade indiferente, que se reconhece não se estar em condições de excluir em absoluto, mas com que na verdade de todo em todo não se conta) mas antes como uma possibilidade que obvia, se impõe a partir do próprio abismo de escondimento já manifesto, a partir do modo como evidencia a não-soberania do olhar mesmo neste campo onde o seu domínio parece ser mais pleno.

E deste modo não apenas o volume de realidade escondida pode ser ainda muito maior do que já se desenha a partir das análises efectuadas, mas, para além disso, o próprio carácter dessas realidades, as determinações a que correspondem, podem na verdade ser completamente diversos dos que conheço.

A evidenciação de que os limites que naturalmente restringem a incompletude admissível no quadro da sala carecem de fundamento, não correspondem à situação em que se está e constituem um factor de escondimento do escondimento, não se produz apenas relativamente à amplitude daquilo que fica fora da apresentação de que se dispõe--não toca apenas essa amplitude, deixando inteiramente a vigorar a antecipação implícita de que há homogeneidade de determinações, de modo de ser entre o que se tem e o que falta. A evidenciação da falta de fundamento da delimitação restritiva que natural-

mente vigora sobre a incompletude da apresentação da sala leva também à inibição da própria antecipação da homogeneidade da realidade "submersa", não acompanhada, relativamente àquela que já se tem.

A situação em que se está revela-se precisamente como uma situação onde não há condições para restringir, onde não se tem qualquer possibilidade de controlo sobre o espectro de determinações, sobre o carácter das realidades que podem estar a ter lugar na sala não-apresentada--tendo de se admitir o cabimento de um volume indeterminado de realidades excêntricas em relação a tudo aquilo que se conhece ou de que se tem alguma noção (de tal forma que aqui mesmo, ante os meus olhos mas sem que o veja, está a completamente diferente, de que não faço qualquer ideia).

*

Resulta do exposto que o levantamento realizado, a identificação daquilo que no quadro da sala permanece inacessível, exterior à apresentação de que disponho, não pode ser apresentado como mais do que um começo. De tal modo que, ainda que o que já se desenha constitua um nunca adivinhado e absolutamente perturbante abismo de escondimento no próprio campo de incidência, isso mesmo--todo esse abismo--representa possivelmente ainda só qualquer coisa como "uma ponta do iceberg".

Por outro lado, torna-se igualmente claro que não é possível realizar de forma exaustiva a detecção de toda a realidade que, não obstante a apresentação de que dispomos (e não obstante situar-se no próprio domínio sobre o qual o meu olhar incide), se mantém escondida ausente da apresentação. De tal modo que, por mais longe que se leve a identificação da incompletude, é sempre de admitir que continue a haver aí, no próprio campo de incidência, ainda algo (e mesmo imenso) de que não se faz a mais pequena ideia.

Finalmente, percebe-se também que, mesmo sendo assim, os aspectos considerados são de qualquer forma suficientes para alterar drasticamente o panorama no que diz respeito à forma da incompletude da apresentação no próprio campo de incidência.

Não é necessário levar mais longe a análise para se perceber que a antecipação restritiva da amplitude do escondimento admissível no próprio campo de incidência, a antecipação restritiva que ainda persiste uma vez descoberto o escondimento nos horizontes externos, não tem fundamento que a sustente--não resiste a uma verificação da situação real de acesso.

Ainda que constituam somente um começo as análises efectuadas chegam já para fazerem inibir as exclusões que naturalmente reinam a este respeito e para produzir uma alteração daquilo que está em causa na averiguação aqui em curso--a forma de finitude.

2.1.2.6 Conclusão da análise da incompletude no próprio âmbito de incidência.A possibilidade de um escondimento do mais próximo, daquilo que não está afastado nem no espaço nem no tempo.A relatividade das dimensões espaciais da sala apresentada e o abismo das dimensões reais da sala.A relatividade das dimensões temporais da sala apresentada e o abismo das dimensões reais da sala no tempo.O abismo dos horizontes externos e o abismo do âmbito de incidência.

Mas se assim é, e se não é preciso prosseguir a investigação do campo de incompletude que subsiste na apresentação da realidade presente na sala, importa, apesar de tudo, acentuar ainda dois pontos, cuja ponderação é indispensável para uma integral demolição dos fenómenos que dificultam a apercepção do abismo que também aqui tem cabimento e para um adequado entendimento da amplitude e do alcance possíveis deste abismo.

Em primeiro lugar, cumpre acentuar que a possibilidade do escondimento sc. da incompletude da apresentação de que disponho não

se acha de maneira nenhuma condicionada à circunstância de a realidade que se mantém escondida, fora da apresentação, estar de algum modo afastada de mim, quer espacial quer temporalmente.

Ou seja importa acentuar que também aquilo que não se acha afastado nem no espaço nem no tempo pode muito bem manter-se fora da apresentação em que me acho--escondido, inteiramente escondido, não obstante o facto dela.

Em segundo lugar, importa pôr em evidência que, por outro lado, o horizonte da realidade que há na sala de maneira nenhuma tem forçosamente as dimensões espácio-temporais que caracterizam a sala-que-aparece. Por outras palavras, importa pôr em evidência que as dimensões canónicas da aparição das coisas no modo "ao-pé-de-nós" (no que diz respeito ao espaço) e as dimensões que o tempo tem para nós, em correspondência ao nosso regime normal de discriminação dos diferentes instantes, são canónicas somente πρὸς ἡμᾶς, ou seja relativas--de tal modo que é perfeitamente possível que, tanto no no que concerne o espaço quanto no que respeita ao tempo, a mais adequada, completa, "exacta" apresentação de que dispomos tenha uma enorme desproporção relativamente ao complexo de realidades a que se refere e que efectivamente tem aí lugar (uma desproporção tão grande ou mesmo maior do que a que caracteriza, por exemplo, um objecto visto a grande distância). São estes dois aspectos que se procuram agora pôr a claro.

*

No que diz respeito ao primeiro ponto (que a possibilidade da incompletude da apresentação de maneira nenhuma está condicionada a uma distância, a um afastamento espacial ou temporal daquilo que se esconde relativamente a mim), a independência da possibilidade

da incompletude relativamente a essa condição torna-se visível se considerar, por exemplo, a concepção que naturalmente faço do meu próprio acontecimento enquanto ente que tem acesso àquilo que há.

Compreendo o meu próprio acontecimento--este acontecimento que dispõe de um acesso à realidade--por uma forma tal que não me tenho a mim próprio, a mim em quem está a acontecer um tal acesso, como um acontecimento que paira inteiramente livre do que quer que seja, situado somente em si mesmo: sem suporte.

Pelo contrário. Mesmo que em regra não pense muito nisso e não chegue a focar claramente o que a este respeito efectivamente entendo, é para mim naturalmente evidente que o meu "ver", o meu ter dos entes a que tenho acesso acontece de algum modo no meu corpo--de tal modo que neste "ver" e ter das coisas está de algum modo o meu corpo, uma parte dele.

Em conformidade com esta perspectiva, na apresentação que tenho desta folha de papel, da secretária, de toda a sala e de tudo aquilo que nela se encontra, está envolvido algo do meu corpo.

E isto de tal modo que aquilo que assim está envolvido não é apenas uma condição remota deste "ver", mas isso mesmo no qual o ver acontece--ou seja algo que está neste "ver", nele próprio, no seu acontecimento: algo que lhe pertence no mais intrínseco de si.

Trata-se aí, deste modo, de qualquer coisa que de maneira nenhuma está espacial ou temporalmente apartada da apresentação em que me tenho. Trata-se de algo que pertence ao próprio ser, ao próprio acontecer dessa apresentação--isto é de algo que está, por assim dizer, no "centro", no fulcro do meu próprio acontecimento, no meu ver daquilo que vejo, e não num outro lugar qualquer, ou num outro tempo.

Mas se é esta a perspectiva que de uma forma mais ou menos explícita tenho adoptada, isso não significa de maneira nenhuma que na apresentação de que disponho encontre na verdade algo que lhe corresponda. E de facto o contrário que sucede. Naturalmente apare

ce-me só o que de cada vez vejo--e de tal modo que aquilo que pertence ao meu corpo e que, segundo a minha tese, suporta este ver (e tanto quer dizer está nele, no seu próprio curso) se acha na verdade completamente eliminado, excluído, não figurando na apresentação.

E, por outro lado, mesmo quando me apercebo deste aspecto e tento obter acesso a este ente que está no centro do meu próprio acontecimento, no meu ver daquilo que tenho perante mim--ou seja aqui, no próprio foco da aparição, nisso mesmo que eu tenho, no meu ter disso--fracassam todas as tentativas que empreendo nesse sentido.

Não sei na verdade em que medida é simples ou extremamente complexo, que constituição concretamente tem, que determinação ou determinações são as suas,etc.. Tudo isso permanece sempre sob escondimento--fora, inteiramente fora da apresentação de que disponho.

E este estado-de-coisas não se altera minimamente quando estudo anatomia, histologia, fisiologia, neurologia,etc.,e adquiro dessa forma a possibilidade de figurar mais concretamente o meu cérebro, as suas componentes, os processos químicos,etc., que nele têm lugar.

Pois nada disso na verdade traz consigo que aquilo que concretamente se acha a suportar o ver que tenho, por exemplo, da minha mão ou do lápis--e que desse modo está nesse ver--fique na realidade à mostra, acompanhado, exposto no acesso de que disponho. O que de cada vez se alcança com a aquisição de todos esses "saberes" são conteúdos meramente figurados, distintos da própria realidade que efectivamente está como suporte no ver que tenho--neste ver concreto da minha mão ou do lápis à minha frente.

Os saberes que adquiro não anulam a total opacidade da apresentação relativamente a esse momento da sua própria realidade que é o do seu suporte no meu corpo, que antes permanece (não obstante estar mesmo aqui, onde vejo, no mais próximo de mim, onde eu pró-

prio sou) inteiramente ocluso, inteiramente para lá daquilo que se tem.

De tal modo que aqui de novo se desenha um horizonte de realidades que escapa--e sempre continua a escapar--tanto à apresentação que desprevenidamente tenho, quanto a todas as tentativas que, tematizando-o, empreendo no sentido de o alcançar. Mas este horizonte, não está, como os anteriormente referidos, de algum modo afastado do próprio acontecer da apresentação. Pertence, pelo contrário, à própria apresentação, se assim se pode dizer, ao seu próprio núcleo: é qualquer coisa que se encontra no "aqui absoluto" da aparição daquilo que aparece--e que, apesar disso, se mantém inacessível, "submerso" em relação a ela mesma.

Topa-se aqui com uma peculiar incompletude da apresentação a que tenho acesso: a incompletude não em relação a um outro ente, mesmo que muito próximo, mas relativamente ao seu próprio acontecer, e tanto quer dizer, paradoxalmente, em relação a si mesma.

Aí onde parece absolutamente impossível--no mais próximo, no próprio acontecimento do ter aquilo que tenho--pode assim haver também algo que, em virtude de peculiar "cegueira", de um peculiar prendimento do acesso em que me acho constituído, se conserva para lá, fora do que tenho e que, ainda que esteja mesmo agora e mesmo aqui, onde estou--onde está o acontecimento de acesso em que me encontro, no próprio acontecer disso--permanece tão inacessível e subtraído como o mais distante.

*

No que diz respeito às dimensões em que a sala está apresentada, todo o conjunto de frentes de incompletude que foi enunciado, não obstante o modo como descobre horizontes de latência que na

verdade são irredutíveis ao quadro da apresentação natural da sala, deixa de pé a evidência implícita (mas nem por isso menos efectiva e determinante) de as dimensões dos campos de latência, mau grado a sua inabarcabilidade, a sua transcendência relativamente ao meu ponto de vista, corresponderem grosso modo às dimensões da sala tal como naturalmente me está apresentada.

Porque tenho já a evidenciação de um imenso excesso da realidade efectivamente presente na sala sobre a apresentação de que disponho e porque compreendo já a irredutibilidade daquilo que falta ao quadro da apresentação naturalmente disponível (de tal modo que percebo que um acesso adequado à sala requeriria uma "transfiguração", uma apresentação radicalmente diferente da que se acha constituída), parece à primeira vista que a perspectiva em que me encontro relativamente ao complexo de realidade da sala "submersa" é uma perspectiva inteiramente aberta, que não presume nada sobre as dimensões desses domínios de latência que sei não estar em condições de abarcar.

Mas, se vir bem, verifico que todo o excesso, todo o domínio inabrangível que assim se acha reconhecido dentro da sala onde me encontro está de facto inexplicitamente contido dentro de limites e tem assignado um quadro de dimensões apesar de tudo próximas das da apresentação natural.

Assim, está imperceptivelmente tido como assente, por exemplo, que todo o horizonte daquilo a que se chamou a sala imersa (da realidade que está aí, mas de que não tenho e não consigo alcançar uma efectiva apresentação), por muito que me escape e não o consiga abranger na extraordinária multiplicidade do que inclui, é em todo o caso um horizonte de dimensões bastante mais pequenas do que aquelas que tem o bairro na sua apresentação natural.

Está imperceptivelmente dado por assente por exemplo, que no tempo sobre que de cada vez incide a apresentação que tenho da sa-

la não pode caber uma sucessão significativamente numerosa de momentos--tão numerosa,por exemplo, como a que naturalmente sou capaz de distinguir na experiência de uma hora.

Está imperceptivelmente dado por assente que, mesmo que constitua uma multiplicidade para mim não abarcável, o complexo de realidade presente na sala não pode constituir um abismo no sentido em que, a partir da análise dos horizontes externos, a cidade de Lisboa ou o complexo de realidades equivalente a Portugal se manifestam como abismos.

Isto parece tão óbvio, tão a ter de ser assim, que quase se afigura ocioso referi-lo.

Embora no curso da análise efectuada se mostre, por exemplo, que o simples que se vê é o resultado de uma simplificação (e que, onde vemos algo simples, a própria indicação que temos aponta de facto uma multiplicidade), a amplitude deste excesso, a dimensão da multiplicidade que assim se perspectiva é deixada num pé indeterminado, mas que implicitamente tende a ser situado relativamente próximo do simples que naturalmente se apresenta--não muito longe dele.

De tal modo que a multiplicidade em causa tende a ser reconhecida como uma multiplicidade pequena. Numa palavra, embora rompa já com o domínio (habitualmente absoluto) do quadro de realidade definido pela apresentação natural da sala, o reconhecimento da "sala submersa" comporta ainda uma proximidade à definição de dimensões vigente nesse quadro, continua a concordar com ela.

Isto constitui, na situação a que as análises realizadas conduzem o reconhecimento da incompletude que há na própria apresentação da esfera de incidência, um último ponto de resistência da tese natural, de sobrevivência da sua perspectiva.

Não parece apesar de tudo ser possível, relativamente à sala em que me encontro, a incomensurável ultrapassagem do ponto de vista por extensões que indefinidamente o transbordam--tal como se veri-

ficou que ocorre no que diz respeito aos horizontes externos. Parece excluída, não parece admissível uma ultrapassagem dessas, nem nada que sequer de longe se lhe assemelhe.

Ora este assentamento nas dimensões aparentes da sala, pese embora toda a evidência que parece ter por si não corresponde de facto a uma impossibilidade absoluta de as coisas serem de outro modo.

Detecta-se antes a possibilidade de uma completa revolução das dimensões com que naturalmente se apresenta a sala, apontando, para o horizonte da sala "submersa", dimensões completamente diferentes das da sala natural--incomensuravelmente maiores, imensas e a perder de vista, sem nenhuma proximidade àquelas que naturalmente se encontram definidas.

Isto tanto no que diz respeito ao espaço, quanto no que toca a qualquer coisa cuja modificação à primeira vista ainda se tem mais dificuldade em conceber--as dimensões que a sala, a realidade que nela se situa, tem no tempo.

De tal modo que, se espontaneamente, mesmo depois de evidenciado que a apresentação de que dispomos é muito mais incompleta do que parece, se mantém uma canonização das dimensões que estão consagradas no acesso natural (e se não parece admissível senão que o horizonte da realidade inacessível que está a ter lugar no âmbito da sala tenha apesar de tudo alguma correspondência, alguma proximidade ao tamanho da sala tal como se me apresenta), na verdade toda essa evidência de que tem de ser assim, toda essa resistência a admitir que possa ser de outro modo, não tem de facto nada que ver com uma necessidade real, mas apenas com um condicionamento, uma tendência que o nosso ponto de vista tem para ver desta maneira.

Procuram-se esboçar alguns dos aspectos que são de maior relevância para abrir a perspectiva desta subversão das dimensões com que o horizonte da sala naturalmente aparece, e para as quais, à

primeira vista (e numa evidência que resiste) não parece haver qualquer alternativa.[124]

*

Consideram-se em primeiro lugar as dimensões que a sala aparenta ter no espaço.

Procura-se antes do mais identificar de uma forma mais precisa o regime naturalmente em vigor a este respeito, para, depois, se explorar a possibilidade de as dimensões que inculca não corresponderem efectivamente às daquilo que há no campo de realidade em causa.

Se considerar, por exemplo, o lápis com que escrevo e o seguir na multiplicidade dos momentos que nele são discerníveis, e se fixar o que posso descrever como um ponto (ou um quase-ponto) do lápis, verifico que, suscitando-se a questão sobre a possibilidade de haver aí (nisso que me aparece como tendo praticamente a ausência de dimensões que corresponde a um "ponto") uma ampla multiplicidade de realidades diferentes--uma multiplicidade por exemplo tão numerosa como a que corresponde à apresentação natural do próprio lápis no seu todo, inculca-se-me como sendo inteiramente claro que essa possibilidade em absoluto está excluída.

Do mesmo modo, ao considerar a possibilidade de aí, onde vejo o lápis, haver uma multiplicidade com uma diversidade de momentos correspondente, por exemplo, à que tenho constituída na apresentação natural da sala, inculca-se-me também como absolutamente claro que uma tal possibilidade não tem cabimento--e até mesmo que a ideia disso tem foros de aberrante.

Como é que aí, onde vejo quase um ponto pode alguma vez haver uma grande multiplicidade de realidades, apresentável com dimensões correspondentes às da apresentação que tenho do lápis ? Como é que

a realidade correspondente ao lápis pode alguma vez comportar uma multiplicidade de momentos, uma distensão do diverso, tão ampla como a que tenho dada relativamente à sala?

Menos ainda se admite a possibilidade de na apresentação que tenho do lápis haver uma perda, uma contracção tal que na verdade haja nele uma multiplicidade tão ampla como a que tenho perspectivada na apresentação natural do bairro.

Muito menos ainda se admite que o volume de perda relativamente ao que me aparece como um ponto seja tal que na verdade um acompanhamento da realidade aí presente implique o percurso de uma multiplicidade tão ampla como a que naturalmente se me apresenta na perspectiva sobre o bairro (com as correspondentes desproporções no que diz respeito ao lápis e à sala no seu todo, a que então corresponderiam multiplicidades ainda muito maiores).

E muito menos se admite que o volume de perda possa vir a ser ainda mais amplo.

Numa palavra, não se admite a possibilidade de toda a apresentação que se tem ser uma apresentação toda ela extraordinariamente contracta relativamente aos planos de realidade a que corresponde. Não se admite a possibilidade de todo o sistema de dimensões, tal como aparece, não resultar senão de uma deficiência no acompanhamento de que dispomos (de um considerável deixar-de-fora, abrangendo de alto a baixo todos os momentos do campo de apresentação que se tem constituído, desde as maiores áreas, até aos momentos mais pequenos).

Observando bem, no entanto, verifica-se que não há efectivamente nada que obrigue a estas exclusões, que lhes dê um fundamento firme. E verifica-se que, pelo contrário, muito há que indica poder ocorrer de facto uma perda dimensional (e uma perda imensa) em toda a apresentação que naturalmente tenho da sala.

Para o perceber considere-se o seguinte.

Vista do espaço, a uma distância em que (para condições de aces

so como as nossas) a terra aparece como um globo de diâmetro equivalente a poucos centímetros, na melhor das hipóteses toda a cidade de Lisboa não surge senão como qualquer coisa equivalente a um "ponto". E o bairro em que vivo, o meu prédio e, por maioria de razão, a sala em que me encontro, não têm nessa apresentação nenhum momento identificável que lhes corresponda, quer dizer estão abaixo da unidade mínima nela discernível.

Entretanto, aquilo que assim, nessa apresentação, nem sequer aparece, é mais pequeno do que um "ponto"--o meu bairro, por exemplo--constitui qualquer coisa susceptível de, numa outra apresentação (naquela que, percorrendo-o, dele obtenho), vir a ser apresentada como a multiplicidade relativamente vasta que é aquela de que habitualmente tenho experiência--uma multiplicidade com a dimensão de alguns milhares de metros cúbicos (muitas e muitas vezes mais ampla, portanto, que o sistema de conteúdos, a multiplicidade, que corresponde a toda a terra nessa apresentação a partir do espaço).

É assim de algum modo possível que onde, numa dada apresentação, está um quase nada ou nada mesmo ("menos do que um ponto")caiba de facto um complexo de realidades, uma multiplicidade, um sistema de "conteúdos" diferentes tão amplo como o que se nos apresenta na experiência normal da extensão de alguns milhares de metros cúbicos que é aquela com que o meu bairro naturalmente me aparece.

Admitimos (não nos repugna) a possibilidade de assim ser. A apresentação do bairro e das suas realidades que normalmente tenho ao viver nele, ao percorrê-lo, inculca-se-me com uma apresentação verdadeira, adequada. Mas por outro lado, nas condições (na situação) em que se produz, parece-me também adequada a apresentação da terra a partir do espaço, com toda a perda de dimensões, com todo o desaparecimento que, a partir daqui, posso ver que implica (com toda a perda em virtude da qual todo o bairro desaparece por inteiro, não figura).

O operador resolutivo que permite que, apesar de todo o não-acompanhamento (toda a redução) que manifestamente envolve, não pareça estranho este reconhecimento da apresentação a partir do espaço como uma apresentação verdadeira, o operador que torna compreensível, aceitável, a diferença entre os dois modos de apresentação, é a diferença de distância.

Vistas de longe, as coisas apresentam-se--"é natural"--mais pequenas, perde-se acompanhamento de muito do que nelas há.

Aproximando-nos, pelo contrário, ganha-se esse acompanhamento, recupera-se aquilo que a distância faz eliminar da apresentação:as coisas tornam-se maiores e obtém-se acesso a uma multiplicidade de aspectos que ao longe se mantêm inteiramente escondidos.

Neste sentido, embora a apresentação das coisas vistas de longe--e designadamente a apresentação da terra (e dessa sua componente que é o bairro) vistas do espaço--seja tida por "verdadeira", a sua verdade, a sua adequação, é uma verdade, uma adequação de algum modo restringida, imperfeita--relativa ao condicionamento da situação em que se dá. Ao passo que a apresentação próxima (ou seja, no caso do bairro, a apresentação que tenho "de cá", quando me desloco nele) é vista como preenchendo de forma muito mais cabal as funções de exposição daquilo que há tal qual é--e constitui, por isso, uma apresentação "verdadeira" num sentido mais pleno, mais forte:a apresentação que propriamente se adequa à realidade em causa.

Independentemente de todas as questões relativas a esta "elasticidade" do sentido "verdadeiro" e à adaptação que tem de sofrer para que apresentações tão radicalmente diferentes do mesmo (o meu bairro como menos do que um ponto/o meu bairro com um volume de milhares de metros cúbicos, a terra com uma apresentação equivalente a alguns centímetros/a terra com toda a extraordinária amplitude que, estando cá, se indica como sendo a sua), possam simultaneamente ser consideradas de algum modo "verdadeiras", o que importa reter é a compreensão, que aqui reina, de que o "crescimento", o

aumento de dimensões que os objectos sofrem ao produzir-se uma aproximação equivale à supressão de uma deficiência de acompanhamento. De tal modo que a apresentação em que os objectos se dão maiores e em que se captam mais completamente as determinações que os compõem (resulte ela de uma aproximação real, por deslocação minha ou do próprio objecto, ou resulte de uma aproximação meramente óptica, produzida por meio de instrumentos como o binóculo, o telescópio,etc.), é considerada como uma apresentação mais verdadeira. E de tal modo que as outras apresentações, em que os objectos aparecem como mais pequenos e com perda de elementos, são percebidas como apresentações deficientes.

Importa-nos ter em atenção este regime de compreensão das modificações de tamanho e das complexificações dos sistemas de conteúdos relativos aos mesmos objectos para, em seguida, pôr em equação também um outro ponto, de importância decisiva para o que aqui está em causa: o facto de esta forma de compreensão, esta "lógica" por que se regula o nosso ponto de vista no que toca às apresentações "maiores e menores" não valer nele de forma absoluta, irrestrita.

De facto, se naturalmente temos compreensão para o cabimento de extensões muito grandes, e mesmo imensas, nisso mesmo que, em apresentações de algum modo adequadas, não chega a ser sequer um ponto (e se, entre as duas, a apresentação mais exígua e a apresentação mais ampla, atribuímos prevalência à apresentação em que o mesmo objecto está "expandido", é "maior"), estes dois princípios só estão adoptados no meu ponto de vista para aqueles objectos cuja apresentação "reduzida" pode ser compreendida como uma apresentação à distância.

Dito por outras palavras: relativamente aos objectos junto dos quais estamos (o lápis com que escrevo, o papel, a borracha, a minha mão, os óculos,etc.), a aceitação da possibilidade dessa inclu

são de extensões muito amplas onde a apresentação que está dada põe apenas um "ponto" e a atribuição de prevalência de verdade às apresentações cujo dado é maior, são inteiramente suspensas.

Posso, é certo, ter qualquer desses objectos ampliado, por artifício óptico. De tal modo que se produz um aumento de dimensões(e uma complexificação do sistema de conteúdos) em tudo análogos aos que ocorrem com a aproximação a um objecto antes visto à distância. Mas justamente concebo--tendo a conceber--a modificação que assim se produz relativamente a um objecto próximo como uma ampliação, i.e. como algo de artificial, que artificialmente torna o objecto maior do que o que é--qualquer coisa de completamente diferente do que acontece quando, vendo um prédio muito ao longe, e aproximando-me dele, aumenta muito o tamanho com que me aparece e se multiplicam as determinações com que se apresenta.

De sorte que no caso dos objectos próximos a extensão aumentada resultante daquilo a que chamo ampliação de forma alguma é tida como estando realmente inclusa na caneta, como estando efectivamente a ter lugar nela, antes se concebe como qualquer coisa que só se produz com a própria apresentação ampliadora, por um efeito dela.

Ou seja, há uma como que canonização das dimensões que são encontráveis quando os objectos estão perto de mim.

Estas dimensões estão concebidas como constituindo um limite a partir do qual o aumento do objecto, a sua expansão, deixa de ter o carácter que tem na aproximação de um objecto distante, deixa de constituir a supressão de uma deficiência no modo como tenho acesso ao objecto. As dimensões que os objectos têm perto de mim estão estabelecidas como limite no qual a possibilidade de inclusão "real" de extensões maiores acaba--e a partir do qual a passagem a conteúdos maiores deixa de significar um acréscimo de "verdade" quanto às próprias dimensões (a recuperação de algo que pertence ao próprio objecto e que na apresentação "mais pequena" ficava desacompanha-

do). Numa palavra, as dimensões que os objectos manifestam quando estou junto deles são consideradas como as dimensões verdadeiras, o plano relativamente ao qual qualquer alteração, qualquer desvio de aumento, significam uma perda na margem de adequação, uma recaída, embora de outro modo, na forma "fraca" de adequação que caracteriza as apresentações à distância.[125]

Ao falarmos do "regime de dimensões" que caracteriza a sala natural, regime que, apesar de tudo, como dissemos, domina ainda a perspectivação da "outra sala" que as análises efectuadas fazem emergir do completo apagamento em que normalmente se acha, é precisamente a isto que nos referimos.

A despeito de toda a multiplicação que os vários aspectos examinados introduzem, com uma amplitude que já se desenha inabarcável, a dimensão com que apesar de tudo continua a ser concebida a sala "imersa", latente, obedece ainda (mesmo havendo nessa multiplicação um factor que já tende a contrariá-la) à canonização de dimensões que se procurou pôr em foco.

Mas, se assim é, na verdade esta canonização das dimensões que se nos apresentam nas condições normais de proximidade de modo nenhum tem um fundamento indiscutível que a sustente. Pode muito bem resultar pura e simplesmente de um condicionamento.[125 bis]

Pois, de facto, porque é que, havendo a possibilidade de um aumento de dimensões para lá das que se apontam na apresentação "ao pé de mim", e trazendo esse aumento uma aquisição de novas determinações em tudo análoga à que se passa no processo natural de aproximação de um objecto distante--porque é que dizia-se, nestas condições, há-de haver uma diferença de natureza como a que naturalmente se assume entre os dois processos de aumento de dimensões, entre aquele que tem como terminus ad quem a apresentação "ao pé de mim" e aquele que a tem como terminus a quo ?

Vendo bem, a única diferença efectivamente identificável entre

os dois processos é a de que, enquanto até às dimensões da apresentação "próxima", no sentido natural, tenho a possibilidade de realizar a aproximação correspondente (pelo menos em relação à maior parte dos objectos com que lido) e costumo muitas vezes realizar aproximações dessa ordem, pelo contrário, no modo como naturalmente tenho as coisas, "a olho nu", não há a possibilidade de operar a passagem para lá disso--a modificação através da qual a multiplicidade de momentos e o conjunto de determinações com que os objectos se apresentam se expandem relativamente àquilo que tenho dado quando os vejo de perto.

Só por um artifício óptico, recorrendo a lentes, a microscópios, etc. (e tanto quer dizer de forma não continuada, meramente episódica) tenho acesso a uma ultrapassagem das condições normais de proximidade aos objectos e da apresentação que lhes corresponde. De tal modo que essa é uma ultrapassagem que quase nunca realizo. E, por outro lado, em virtude de as condições em que sou capaz de aceder a apresentações microscópicas implicarem que as apresentações microscópicas que tenho só possam cobrir de cada vez muito pequenas partes dos objectos (não permitindo que tenha uma apresentação microscópica, por exemplo, de toda a minha mão--uma apresentação em que, sem perda de cada uma das suas partes, simultaneamente se tenha exposto o respectivo todo), aquilo de que se têm apresentações neste regime são sempre só fragmentos isolados. E é a óptica natural, com as suas dimensões, os sistemas de multiplicidade que tem estabelecidos, que me permite orientar-me no campo de realidade em que me encontro, situar-me e mover-me nele, gerir nele a minha vida, etc..

Mas estes aspectos, que fazem que a continuação do aumento de tamanho e a expansão dos sistemas de determinações para lá do limite natural do "ao pé de mim" permaneçam sempre qualquer coisa de estranho, qualquer coisa que não parece normal, dizem respeito a condicionamentos circunstanciais do acesso de que posso dispor e

não têm nada que ver com algum privilégio absoluto do que me está apresentado nesse acesso. Não autorizam de maneira nenhuma a canonizar as dimensões que para nós assim são naturais, não autorizam a tomá-las como equivalendo à "dimensão absoluta"--à própria dimensão das coisas. A "canonicidade"de que assim se revestem corresponde então apenas a um condicionamento de finitude no modo como vemos--não significa que na própria natureza das coisas a apresentação próxima (na proximidade relativa do "ao pé de nós") seja já uma apresentação em que tudo fica visto com total supressão da elisão, da redução que se reconhece na apresentação à distância (ou pelo menos apenas com uma margem de elisão despicienda).

Nada exclui--e pelo contrário tudo aponta para--a possibilidade de haver também uma distância entre mim e os objectos próximos, não apenas no sentido referido em 2.1.2.2 mas no sentido de, mesmo suprimindo tudo aquilo que naturalmente reconheço como distância, subsistir uma "distância óptica" (aquela que a distância física habitualmente condiciona e que, com manutenção desta, pode ser anulada por expediente óptico--por ex.através de binóculos, de telescópios,etc.). Ou seja, nada exclui (pelo contrário, tudo aponta para) a possibilidade de, estando suprimida toda a distância de que sou capaz de me aperceber (e encontrando-se os objectos tão ao pé de mim como concebo que é possível) subsista uma distância óptica que não os permite ver em toda a extensão da sua multiplicidade.

E nada exclui (pelo contrário, tudo aponta para) a possibilidade de esta "distância óptica", este não-estar-em-posição-de-ver-adequadamente (este estar numa posição de acesso relativamente aos objectos que implica perda no acompanhamento que deles se faz) seja de facto, mesmo em relação aos objectos mais próximos, uma distância muito grande, que implica uma muito grande amplitude de perda--uma amplitude não inferior àquela de cuja ocorrência sem dificuldade nos podemos aperceber relativamente aos objectos muito dis

tantes.

De tal modo que de facto a única diferença entre o aumento de tamanho e a aquisição de determinações que há até às dimensões canónicas da apresentação natural e o aumento de tamanho, a aquisição de determinações que pode produzir-se para lá delas reside na circunstância de, habitualmente, eu poder realizar a aproximação até às dimensões naturais (poder"ir lá", à proximidade disso), ao passo que sem recurso a instrumentos não consigo realizar a aproximação para lá dessas dimensões--e mesmo com recurso a eles só a consigo produzir para focos isolados de realidade, mantendo-se todo o resto da apresentação com a definição de dimensões própria da apresentação natural.

Por outras palavras, a diferença reside única e exclusivamente na circunstância de, em relação ao que se situa para lá das dimensões naturais da apresentação "ao pé de mim", normalmente eu nunca ter ido "à proximidade disso" e de haver dificuldades que obstam a que vá. Exactamente como acontece com objectos que se situam a grande distância e que, por nunca se ter realizado e ser difícil realizar uma aproximação a eles, mesmo havendo sempre já uma compreensão de que as coisas apresentadas ao longe parecem mais pequenas, normalmente ficam muito longe de serem reconhecidos em reposição da extrema grandeza, da extraordinária multiplicidade de realidades diferentes que lhes correspondem (é naturalmente assim com o sol, a lua, as estrelas,etc.).

Ou seja, a posição em que estou relativamente às realidades ao pé de mim e à apercepção das dimensões, das multiplicidades de determinações que lhes correspondem, pode muito bem ser (e, segundo tudo indica, é) uma posição em tudo análoga à posição de extrema redução das dimensões e da multiplicidade de determinações que, a respeito da terra, seria a de um ponto de vista parecido com o nosso que sempre só a visse de muito longe.

Pode-se talvez compreender melhor este ponto imaginando entes

com um ponto de vista de constituição análoga ao nosso, mas muito maiores do que nós e providos de um sistema de discriminação de determinações tal que só lhes aparecessem as coisas que em relação ao seu tamanho estão na mesma proporção que em relação ao nosso têm as coisas que nos aparecem. A consideração da possibilidade de pontos de vista com características deste género permite, como o ilustra o recurso que a ela fazem Swift, Voltaire, Lichtenberg, K.E. von Baer, etc., romper o fechamento, o encerramento em si próprio, o carácter, se assim se pode dizer, "autocêntrico" do nosso ponto de vista e obter uma clara apercepção, uma ilustração concreta da relatividade, da natureza não-canónica (não fundadamente canónica) das nossas perspectivas.[126]

Também um ser com essas características, de constituição análoga à nossa, mas maior do que nós numa proporção tal que, em relação a ele, a terra tivesse o tamanho que em relação a nós tem uma esfera com alguns centímetros de diâmetro--também um ser cuja forma de acompanhamento das coisas não lhe permitisse ver senão o que em relação ao seu tamanho estivesse na mesma relação que ao nosso tem o mínimo que somos capazes de distinguir (de tal modo que não pudesse ver no modo como vemos coisas com alguns centímetros senão precisamente o que tem um tamanho como o da terra)--também um ser com estas características teria constituída como dimensão canónica, como limite absoluto da aproximação, a partir do qual todo o aumento de distância passa a ser ampliação, a dimensão daquela mesma apresentação da terra que para nós é uma apresentação menos adequada, e mesmo muito inadequada. Ou seja, aquilo que para nós é uma apresentação condicionada pela distância (em que o objecto não aparece tal qual é, mas sob efeito de uma extraordinária redução relativamente à própria realidade que efectivamente constitui, tal como a podemos ver a partir da posição mais próxima, mais adequada, que é a nossa), isso mesmo constituiria, tenderia a constituir para um

tal ser a dimensão "absoluta"--a própria dimensão das coisas.

Também um ser com essas características tenderia a excluir a possibilidade de haver no que assim lhe aparececeria tão pequeno realidades tais que o seu percurso, o seu acompanhamento, implicasse a extraordinária multiplicidade de momentos de apresentação que é aquela que, estando cá, somos capazes de perceber que corresponde a uma apresentação adequada das realidades que há na terra.

No caso desse ser de dimensões gigantescas, tal como no nosso, a canonização da dimensão que lhe aparece (a exclusão da possibilidade de, no quadro disso que, na mais próxima apresentação de que é capaz, figura como qualquer coisa de minúsculo, como um "ponto", haver de facto uma extensão de realidades diferentes correspondente a uma muito ampla e mesmo a uma extraordinária multiplicidade de dimensões muito maiores) assenta apenas na impossibilidade, em que esse ente está, de realizar a "aproximação" necessária para que se opere a passagem a essa outra extensão--à manifestação dela. Ou seja, no caso desse ente imaginário, a canonização das dimensões com que lhe aparece a terra resultaria de ele (estando preso no seu próprio tamanho e no regime de apresentação que, em correspondência, dominaria a sua vista) não poder aproximar-se mais da terra, "vir cá"--do mesmo modo que, por análogo condicionamento, eu não posso aproximar-me mais da caneta, "ir lá", às multiplicidades de realidades que comporta.

Por outras palavras, a "pequenez" do que me aparece como pequeno pode muito bem corresponder (e a visão microscópica sugere que na verdade corresponde) apenas a uma limitação na minha capacidade de acompanhar as multiplicidades de realidades envolvidas, as multiplicidades de componentes que efectivamente há no espaço que assim me aparece. Limitação minha, que não impede que nele haja de facto cabimento para muito grandes multiplicidades, muito grandes extensões.

Se me munir de um microscópio razoavelmente potente, o conjun-

to de apresentações que se me oferecem no âmbito do que naturalmente me aparece como um "ponto" da caneta equivale a uma já ampla multiplicidade de momentos de realidade diferentes--uma ampla multiplicidade que ainda mais se expande se aumentar a escala de ampliação ou recorrer a um microscópio mais potente.

E o mesmo acontece se focar assim um outro, e outro, e mais outro "ponto" da caneta tal como naturalmente se apresenta.

De cada vez (i.e. em correspondência a cada "ponto") surgem-me campos de realidade de amplitude muito considerável, multiplicidades de momentos reais muito, muito para lá do "ponto" que naturalmente se me apresenta--multiplicidades que de facto equivalem às da própria apresentação natural da caneta e às de extensões ainda bastante maiores.

Ora, se projectar a integração das diferentes multiplicidades reais assim encontráveis no âmbito dos diferentes "pontos" da caneta natural, se projectar a acumulação, a justaposição de todas essas multiplicidades, o sistema de conteúdos que se aponta em correspondência à caneta (nas suas superfícies e no seu interior) é um sistema de "conteúdos" na verdade muito mais amplo do que aquele que se acha constituído na apresentação normal da sala no seu todo.

Mas se isto é já assim na esfera restrita da caneta, mais extraordinário se torna ao passar-se desse âmbito restrito para o de tudo o que se encontra em cima da secretária. E muito mais fantástico se juntar a isso também o domínio de realidade correspondente ao meu corpo. E muito mais ainda ao considerar metade da sala em que me encontro. E ainda muito mais se estiver em causa a sala no seu todo.

Se, relativamente à caneta, a justaposição dos sistemas de "conteúdos" em que a apresentação microscópica desdobra cada um dos diferentes "pontos" distinguíveis na sua apresentação natural apon-

tava já um sistema de conteúdos muito mais amplo e muito mais complexo do que o da apresentação natural de toda a sala, o sistema de conteúdos que se aponta em se tratando da justaposição das multiplicidades de cada vez correspondentes aos diferentes "pontos" da apresentação natural de tudo o que está em cima da secretária (e de âmbitos cada vez maiores, até ao próprio "pleno" da sala no seu todo) é já do domínio do perfeitamente inabarcável--de um abismo.

E desse modo, se na perspectiva natural não parece de admitir que no espaço da sala caibam multiplicidades que se afastem muito das dimensões definidas pela apresentação normalmente constituída, não somente se desenha a possibilidade de isso acontecer, mas tudo indica que as dimensões da realidade que a finitude do ponto de vista faz perder são de facto também aqui, neste âmbito restrito, dimensões onde o meu ponto de vista em absoluto "não tem pé"--e, nesse sentido, dimensões de abismo.

Mas, por outro lado, a subversão do regime de dimensões naturalmente estabelecido pode ainda ir mais longe.

As exclusões naturalmente vigentes sobre a amplitude possível da incompletude da apresentação relativamente ao próprio âmbito de incidência, a limitação das dimensões da realidade que cabe no âmbito da sala é tanto menos fundamentada (e a possibilidade de essas dimensões serem de facto extraordinariamente amplas) é tanto maior quanto, por mais longe que leve a "aproximação óptica" às realidades que tenho perante mim, e por maior que seja o "aumento de tamanho" e a aquisição de determinações que se obtenham a seu respeito, não se tem meio de saber se as perspectivas a que assim se acede não são por sua vez apenas perspectivas só <u>relativamente</u> próximas, padecendo ainda do mesmo tipo de retenção que se verifica na apresentação <u>à distância</u>.

Assim, se se tratar de uma apresentação microscópica equivalente a um aumento de mil vezes, o desdobramento de todos os "pontos" da apresentação natural da sala (a justaposição de todas as multi-

plicidades em que se desdobram) corresponde já a um campo de apresentação de extraordinárias dimensões. Mas, por outro lado, nada garante que a "aproximação óptica" assim realizada corresponda já a um integral desfazer do fenómeno de elisão correspondente à apresentação à distância. Nada garante que o regime de apresentação assim obtido esteja já livre do tipo de perda que a partir dele se revela a afectar a apresentação natural. E, de facto, pode-se recorrer a instrumentos mais potentes e obter "ampliações" de cem mil vezes. O extraordinário desdobramento aí implicado converte o campo de apresentação correspondente à sala (o campo de apresentação que equivaleria à constituição de uma sinopse do desdobramento de todos os seus "quase-pontos") num campo de apresentação de dimensões inabrangíveis, cujo percurso de facto seria mais longo e "atravessaria" uma multiplicidade de apresentados incomparavelmente mais ampla do que a que naturalmente experimento ao circular no bairro. Mas, por outro lado, também nada garante que esse regime de apresentação e as dimensões que lhe correspondem não envolva já nenhuma espécie de perda, seja já o regime-padrão, cujos "pontos" não envolvam nenhuma "contracção" do tipo da que é própria da visão à distância. E assim sucessivamente. Por maior que seja o desdobramento, não há condições para estabelecer em que medida aquilo que se verificou no caminho até ele não é iterável a partir dele--e qual a margem em que ainda é possível tal iteração.

Assim, a situação em que se está relativamente ao próprio campo de incidência é precisamente tal que não apenas o nosso ponto de vista se vê na impossibilidade de conseguir realizar a aproximação à maior parte das coisas aparentemente "pequenas" que tem perante si e não consegue acompanhar as extraordinárias multiplicidades que lhes correspondem, mas, para além disso, não é sequer possível determinar a que distância se mantém de um acompanhamento proporcionado, adequado, dessas realidades--i.e. qual é de facto a ordem de

grandeza das realidades que assim lhe escapam.

O abismo de não-acompanhamento no próprio campo de incidência é, neste sentido, um abismo de cuja amplitude não se tem e não se consegue fazer nenhuma ideia--um abismo cuja amplitude constitui inteiramente uma incógnita.

*

Mas esta possibilidade de as dimensões da apresentação que se tem não coincidirem com as dimensões reais do que está a ter lugar na sala em que me acho (de tal modo que as dimensões que vejo correspondem a uma incomensurável contracção das dimensões reais, fazendo perder, mantendo escondidos do meu ponto de vista verdadeiros abismos de realidade) não é uma possibilidade que se verifique apenas no que toca às dimensões espaciais do que se me apresenta. É uma possibilidade que se estende também às dimensões do tempo.

Na verdade, também neste domínio a apresentação que tenho compreende em si qualquer coisa como um padrão em correspondência ao qual perspectivo a multiplicidade dos momentos constituintes da temporalidade. E também no que diz respeito ao tempo esse padrão é um padrão que pode envolver desacompanhamento (e um muito amplo desacompanhamento, uma muito ampla perda) de realidade.

*

Ao considerar-se a possibilidade de um não-acompanhamento, de uma perda respeitante à ordem temporal, o que mais imediatamente salta à vista é o que diz respeito ao desfasamento que se aponta entre o próprio acontecer de algo em si mesmo independentemente da

apresentação que dele haja, e a própria ocorrência da apresentação disso em mim--desfasamento que resulta da natureza **mediada** da apresentação e da **dilação** que o processo constitutivo da apresentação, porque ele próprio precisa de tempo para se desenrolar, traz consigo.

Assim, admitindo esse processo na multiplicidade dos seus passos, por mais rápido e **quase** instantâneo que ele seja, a **sucessão** dos seus diversos momentos leva a que de qualquer modo entre o seu início e o seu termo **medeie um intervalo temporal**. Ora esse intervalo temporal faz que de cada vez eu aceda **com atraso** àquilo que vai ocorrendo. Ou seja, a cada instante estou ainda sem acesso, **cego** para o que, **nesse instante**, e numa multiplicidade de instantes próximos do presente (mas a uma menor distância dele que o tempo que é necessário para a constituição de apresentações), de facto está (esteve) aí a ocorrer.

De tal modo que, embora posteriormente, e com um atraso correspondente à referida dilação, tudo isso se me venha a manifestar, suprimindo-se o escondimento a seu respeito, a margem de escondimento atinente a esse atraso mantém-se por sua vez, no momento em que essa manifestação ocorre, em relação **ao seu próprio presente** e em relação a toda a sucessão de momentos que medeiam entre aquele que então aparece e o próprio instante em que tal aparecimento se dá. Esta margem de ocultação varia com a natureza mais ou menos extensa, mediata, dos processos constitutivos das apresentações (diferentes, por exemplo, consoante o afastamento em que o acontecimento em causa se acha relativamente a mim, se o **vejo** ou se o **ouço**, etc.). Por tal forma que aquilo que de cada vez tenho no presente da apresentação que se me dá **vem de diferentes posições temporais**, de diferentes momentos, sendo correspondentemente também não uniforme, antes **estratificado**, o campo das dimensões de tempo que de cada vez me escapam.

Sem dúvida que, pelo menos no que se refere ao espaço desta sa-

la, tudo isto se reporta a intervalos de tempo de muito pequena duração, no plano do quase instantâneo. De tal modo que este atraso, a perda de que aqui se trata, parece não precisar sequer de ser considerado--tem o carácter de qualquer coisa como uma "quantidade desprezível".

Mas, de facto, por muito pequeno que seja este intervalo, ele corresponde de cada vez pelo menos a uma multiplicidade de momentos--e a uma multiplicidade relativamente numerosa. Se coincido "em mim mesmo", no "centro" do meu ponto de vista, com aquilo que acontece no tempo em que estou, já relativamente a tudo quanto se situa para lá de mim, e a que acedo por mediação de um processo, estou de cada vez com o que aconteceu algumas fracções de tempo atrás. E está ainda de cada vez escondido o que se passa agora mesmo, e no passado mais próximo do que aquele que aparece.

Independentemente de o desfasamento ser pequeno, insignificante ou não, tudo aquilo que de cada vez tenho do que se acha à minha volta nesta sala não é o que agora mesmo está a ter lugar, mas o que era alguns instantes atrás, mesmo que muito poucos e muito próximos ainda do tempo em que me encontro: a mão que vejo não é a mão que agora, que a vejo, aí está; a pessoa que a cada instante se me apresenta e com quem falo não é aquela que aí está de facto no momento em que a tenho ante mim, mas a que aí era há pouco, etc..

A impressão de domínio (de sinopse, de franco e irrestrito acesso ao que me rodeia) que normalmente marca o meu ponto de vista revela-se então, também neste particular do acesso ao tempo, como algo que está longe de corresponder à situação real em que me encontro--que, pelo contrário, olhada frente a frente nos condicionamentos a que está sujeita, se mostra tolhida, afectada por restrições: com pontos (ou melhor, domínios) cegos. Do mesmo modo que nos casos anteriormente considerados, também aqui a realidade que se mantém

fora de alcance situa-se numa posição de carácter paradoxal, que, pela sua exterioridade relativamente a tudo aquilo a que me está dado acesso, tenho dificuldade em situar, em integrar no modo como naturalmente compreendo a realidade da sala. Percebido o carácter passado, de facto não-agora da mão que se me apresenta, isto é, percebido que a mão que é agora se mantém ainda fora da apresentação, e procurando-se identificar, encontrar a mão de agora, o acontecimento, a entidade correspondente mantém-se completamente cerrado num aí fora do aí que tenho--num aqui mesmo, que não está porém em nenhum dos momentos da apresentação de que disponho, antes se situa num "fora dela" que não consigo entender, que está escondido e é difícil de compreender na sua posição.

E nada disto fica de alguma maneira diminuído ou anulado pela circunstância de, enquanto olho e considero isto tudo, me "chegar" a apresentação da minha mão no momento em causa--nesse mesmo momento que antes constituía problema, estava escondido. Não somente, como se referiu, o âmbito de escondimento se transfere então para o plano do tempo, entretanto superveniente, do novo presente e do seu passado mais próximo, mas, além disso, não acontece de maneira nenhuma que a apresentação da mão no momento em causa, que assim emerge, seja uma apresentação livre de problema. Na verdade, tendo em atenção que o que me aparece não é a mão no momento em que aparece, mas a mão passada, aquela que se me apresenta perde a irrestrita compreensibilidade que a caracteriza na óptica natural de coincidência, no mesmo momento do tempo, da mão-vista com a mão-no-momento-da-visão. Por um lado, não é a mão no tempo em que a estou a ver, mas a mão de um outro tempo já passado. Por outro lado--embora naturalmente não faça questão a recuperabilidade de algo que já foi, a sua recuperação num outro presente posterior--atentando bem, oferece dificuldade a possibilidade de tal recuperação. A mão que agora vejo não é propriamente a mão de há bocado, o próprio acontecimento dessa mão, que agora já passou mas algo que é (tem

de ser) de algum modo outro em relação a ela. De tal forma que aquilo que de cada vez se me apresenta está, vendo bem, numa posição temporal ambígua, extrínseca relativamente a qualquer das posições que efectivamente tem no tempo o próprio acontecimento, a própria entidade a que a apresentação se refere.

*

Mas não é este desfasamento, por importante que ele seja, que aqui se tem em vista, ao falar-se de um escondimento, de uma "perda de dimensão" na ordem temporal. O que se tem em vista é antes um outro aspecto, distinto desse, e sem cuja equacionação não se consegue ver bem a própria dimensão do desfasamento que assim se manifesta.

Tem esse outro aspecto a ver com o regime de diferenciação da diversidade dos momentos que reina no modo como nos apercebemos do tempo, e com as dimensões do tempo que tal regime condiciona.

Se tentar fixar a multiplicidade de momentos que decorre enquanto escrevo no papel a palavra tempo, verifico que não consigo identificar senão um número muito reduzido de instantes, que tudo quase se condensa num único ápice: num único momento, numa única "unidade temporal". Mesmo admitindo tratar-se na verdade de uma diversidade de momentos, essa diversidade aparece como muito pouco numerosa--como uma quase-não-diversidade. E experimento uma grande resistência a ver de um outro modo que não este.

Assim sendo, porém, se analisar o próprio acontecimento da minha mão a escrever no papel esta palavra, verifico que houve diferentes momentos em que escrevi cada uma das letras que compõem a palavra, mas, para além disso, momentos diferentes na inscrição de cada uma das letras--numa multiplicidade que não pode ser assim

tão pouco numerosa para cada uma das letras e que de qualquer modo é já bastante numerosa para a palavra no seu todo.

Havendo ocorrido essa multiplicidade relativamente numerosa de momentos diferentes no tempo em que escrevi no papel a palavra "tempo", sucede todavia que não sou capaz de diferenciar esses momentos, não sou capaz de distinguir a multiplicidade que eu próprio reconheço como tendo tido lugar.

Em vez dos diferentes momentos dessa multiplicidade relativamente numerosa, só consigo divisar a quase-não-diversidade do ápice em que a palavra surgiu sobre o papel--o plano de apresentação em que me encontro, incluindo embora a possibilidade de uma indicação desses diversos momentos, mantém-se todavia cego para eles, incapaz de os divisar efectivamente.

Ou seja, de forma análoga àquilo que sucede no domínio do espaço, também no horizonte da diversidade temporal a perspectiva que se tem corresponde a uma significativa perda de elementos não apenas na perspectivação daquilo que é muito amplo e se situa "longe", mas também na do que parece próximo, daquilo em relação ao qual o nosso ponto de vista parece estar numa posição privilegiada de acesso.

Assim como ao perspectivar tempos mais ou menos extensos do passado ou do futuro (o último mês, esta semana, o tempo desde há uma hora, o dia de amanhã, etc.) há, como se referiu, uma condensação que reduz a diversidade do momentos correspondente a cada um desses tempos a uma totalidade em que tal diversidade (a maioria dela) fica já acompanhada, assim também no apercebimento dos tempos de curta duração tem lugar uma elisão da diversidade, uma redução dela, que prende o olhar numa sucessão como que abreviada, contraída relativamente à multiplicidade de momentos diferentes que de facto tem lugar.

Mas, percebida esta particular forma de retenção relativamente ao tempo, este carácter "contracto" da apresentação que dele tenho,

parece ainda, apesar de tudo, que tal contracção, tendo embora lugar, introduz apenas alguma desproporção entre a multiplicidade real da sucessão de momentos e a sucessão que nos está apresentada. Ainda que ocorra uma perda de momentos, uma contracção da multiplicidade temporal, não parece admissível que essa perda seja de grandes dimensões--por tal forma que, por exemplo, no intervalo em que escrevo a palavra "tempo", que tão rapidamente passa, possa caber uma diversidade muito extensa.

E assim a perda de elementos, a incompletude que há no próprio núcleo de incidência parece, apesar de tudo, ser muito menos significativa no domínio do tempo.

Todavia, não é assim. Esta restrição do "excesso" da diversidade real de momentos do tempo sobre a diversidade apercebida na perspectiva que tenho não corresponde a nada que efectivamente obrigue a haver proximidade entre ambas (a uma real impossibilidade de haver grande desproporção entre elas) mas tão só a um condicionamento afim daquele que naturalmente faz que nos repugne admitir a possibilidade de uma imensa multiplicidade de momentos na realidade correspondentes àquilo que nos aparece como pequeno. E que é isso que de facto sucede podem mostrá-lo aspectos da própria experiência que de ordinário se tem do tempo.

De facto, a experiência que tenho permite-me ver como o tempo pode passar sem que dele me dê conta. A experiência que tenho permite-me ver como muitas vezes aquilo que me pareceu a mim ser um "instante", um tempo muito curto, correspondeu de facto a algumas dezenas de minutos e mesmo até a algumas horas (quer dizer, então, a centenas de minutos, a milhares de segundos--ou seja a uma multiplicidade temporal muito ampla, que na sua maior parte se manteve submersa, escondida relativamente à minha apercepção desse tempo). A experiência que tenho permite-me ver que o facto de um tempo me parecer rápido, rapidamente transcorrido, não significa de modo ne

nhum a incomportabilidade nele de multiplicidades de momentos muito numerosos, que não distingo e cujo rasto, mesmo que o procure, não consigo seguir.

Ora isto não se passa só com durações mais longas, em que não atento, mas também com durações mais breves, que parecem estar inteiramente sob o meu controle e serem tão pequenas que não podem resultar de uma condensação desta ordem.

Se olhar num relógio digital o indicador das centésimas de segundo, no vertiginoso movimento que nele se produz, não consigo distinguir cada um dos diferentes dígitos que sucessivamente se constituem e desvanecem, não consigo acompanhar a multiplicidade temporal que assim se apresenta perante mim--o plano dessas diferentes realidades, não obstante estar aí à mostra, perante mim, é qualquer coisa que me escapa.

Esta situação ilustra de forma concreta qualquer coisa que na verdade se passa relativamente a noções que, pelo menos hoje em dia, são perfeitamente familiares, mas a que não atendemos na dificuldade que de facto envolvem.

É assim por exemplo já com a noção de décimo de segundo, tornada tão banal, mas que de facto corresponde a qualquer coisa que naturalmente se tende a excluir, para que "não haja lugar" na perspectiva natural. Com efeito, o tempo de um segundo parece qualquer coisa de muito rápido, curto, sem cabimento em si para qualquer coisa como dez diferentes partes.

E assim também, e por maioria de razão, relativamente à noção de centésimo de segundo, que hoje em dia se tornou igualmente corrente, mas sem que com isso fiquem eliminadas as dificuldades que envolve. Se habitualmente se passa por ela sem que faça alguma espécie, atentando melhor no seu significado, enfrenta-se qualquer coisa que colide com a perspectiva em que se nos oferece o tempo na sua compreensão normal. Como é que num tempo tão breve, como nos parece ser um segundo, podem caber nem mais nem menos do que

cem momentos diferenciados? A partir da perspectiva natural pareceria absolutamente excluída a possibilidade de uma multiplicidade tão numerosa num espaço de tempo tão curto.

E todavia é possível a ocorrência de cem acontecimentos sucessivos, diferentes, num intervalo dessas dimensões. Ou seja, é possível haver uma sucessão assim tão numerosa no tempo de um segundo, não obstante a sua brevidade.

E assim também no que diz respeito a qualquer coisa de aparentemente ainda mais impossível: a diferenciação de mil instantes diferentes num segundo, tal como está implicada na noção de milésimo de segundo. Não obstante o que tal diferenciação tem de incompatível com a perspectiva natural, também é possível uma sequência de mil acontecimentos diferentes num intervalo dessas dimensões. Ou seja, apesar da brevidade de que se reveste, é possível haver nele uma sucessão extraordinariamente numerosa.

Tudo isto significa, por exemplo, que enquanto escrevo uma das palavras desta frase (v.g., "palavra") decorre uma multiplicidade de centenas e centenas, e mesmo de milhares de momentos temporais diferentes, de que normalmente não tenho qualquer notícia--e que, mesmo tendo-a, não sou efectivamente capaz de distinguir, de acompanhar.

Toda essa multiplicidade está, aos meus olhos, reduzida, como que "aplanada" no que me parece ser um só instante--algo que em absoluto não "tem lugar" para multiplicidades dessa ordem. E o resultado desta redução, o padrão de apercepção do tempo que lhe corresponde, por muito que seja o único que conheço, por muito que me pareça natural e próprio, está assim longe de equivaler a um acompanhamento adequado da sucessão do tempo, envolve antes, no que lhe parece ser cada instante e, em acumulação, nos diferentes instantes sobre que de cada vez incide, um muito amplo desacompanhamento, uma muito ampla perda.

E tudo isto de tal modo que, por outro lado, não é somente a pura diversidade dos diferentes momentos temporais que assim nos escapa. Com ela, escapa-nos também a multiplicidade dos diferentes acontecimentos, das diferentes realidades que podem ter e têm lugar em todos esses momentos que assim estão "sumidos" da nossa perspectiva--na mão que escreve a palavra "palavra" mas simultaneamente em tudo o mais que está dentro da sala, em todo o domínio da realidade compreendida entre estas quatro paredes, numa "fuga" que afecta cada um dos seus focos.

Ou seja, a elisão que mantém fora do meu horizonte, perdida para a minha perspectiva, toda a multiplicidade de momentos diferentes que cabem num segundo é também uma elisão de toda a imensa mole de realidade, de acontecimentos, que dentro desta sala se dispõem nesses diversos planos temporais. E, se já no que diz respeito à pura multiplicidade temporal o volume de perda da apresentação de que disponho é muito significativo, muito mais significativo ele se torna relativamente à multiplicidade de todas as realidades que, no âmbito da sala, se "alojam" nos diferentes momentos dessa sucessão que não consigo acompanhar. Em cada um desses diferentes momentos que não sou capaz de distinguir pode ter lugar, em toda a imensa multiplicidade do que se procurou mostrar que cabe no espaço da sala, uma também imensa multiplicidade de ocorrências, de acontecimentos diferentes. A multiplicidade das realidades e realidades que me podem escapar em virtude desta retenção relativamente aos diferentes tempos que compõem as mais curtas durações que sou capaz de distinguir não eqivale apenas às cem ou mil partes, aos cem ou mil momentos que os compõem. Corresponde à multiplicação dos diferentes tempos assim em causa por toda a multiplicidade do que em cada instante pode ter lugar na sala--por todas as extraordinárias dimensões de que essa multiplicidade, como antes foi posto em relevo, se pode revestir.

De tal modo que o que assim se desenha tem uma amplitude intei

ramente a perder de vista e a margem de não acompanhamento resultante da incompletude da apresentação do tempo, do próprio tempo sobre que se incide, assume também ela um carácter abissal.

*

Mas ainda aqui, nesta perspectiva já tão afastada do que naturalmente concebemos e em que o horizonte de realidade correspondente ao que nos aparece como um instante já ascende a dimensões tão amplas, está-se ainda longe de conceber, na sua total envergadura, a possibilidade de desdobramento dos tempos que nos parecem mínimos em multiplicidades muito numerosas de momentos, em relação às quais o acompanhamento de que dispomos sofre de cegueira.

Subsistem ainda aqui exclusões implícitas decorrentes da canonização da perspectiva que naturalmente temos sobre o tempo--e que de facto nada têm que as permita impor.

Para o compreender bem, para detectar como essas exclusões ainda tendem a impor-se, considere-se um exemplo de Bergson, apresentado em **Matière et Mémoire**, justamente no contexto de uma apreciação da extraordinária contracção que a apresentação que se tem das coisas representa relativamente aos domínios de realidade com que tem a ver.[127]

No espaço de um segundo, a luz vermelha, cujo comprimento de onda é o maior e cujas vibrações, por conseqüência, têm a frequência mais pequena, compreende cerca de quatrocentos triliões de vibrações sucessivas. Para se conseguir fazer uma ideia concreta desse número, da sequência de tempo e de acontecimentos a que corresponde, ter-se-ia de afastar essas vibrações umas das outras o suficiente para que a nossa consciência pudesse acompanhar a respectiva sucessão. Tomando como intervalo mínimo do tempo de que sou capaz de

ter consciência o espaço de dois milésimos de segundo, estimado por Exner, o desfile desses quatrocentos triliões de vibrações duraria nada menos que vinte e cinco mil anos.

A extensão das multiplicidades, onde nos parece não caber uma diversidade muito numerosa, pode eventualmente abarcar conjuntos de diferentes momentos com um tão formidável cardinal e as extraordinárias multiplicidades de planos de realidade que lhes correspondem.

É certo que tudo isto tende a parecer fantástico, quase impossível. Mas essa é, vendo bem, exactamente a mesma exclusão que faz parecer inadmissível a possibilidade de haver dez instantes diferentes no espaço de um segundo, e por maioria de razão cem ou mil instantes.

E--tal como nesses casos se trata de uma exclusão que se nos inculca, sim, mas a que não corresponde nada que se possa documentar como impossibilidade real--assim também não é impossível uma tão extraordinária multiplicidade de momentos como a que corresponde às teses sobre as vibrações correspondentes às diferentes cores. Uma multiplicidade assim no que se me afigura ser um tempo breve é somente algo que tenho uma grande dificuldade em conceber--uma grande dificuldade que pode perfeitamente radicar apenas na imensa "miopia" da perspectiva que tenho sobre o tempo.

O reconhecimento que se tem feito da temporalidade está assim condicionado à capacidade de discriminação que se tem--capacidade que é de facto muito limitada. E, embora o que nos parece serem durações muito pequenas não pareça comportar uma multiplicidade significativa de momentos, ser exíguo demais para o efeito, na verdade mesmo essas extensões mínimas são indefinidamente divisíveis em multiplicidades muito grandes de momentos diferentes que nos escapam.

Não sei de todo qual seria a perspectiva correspondente a um acompanhamento inteiramente livre de perdas na percepção do tempo,

a um discernimento adequado das diferenças de momentos. Também no que diz respeito ao tempo é possível que, por mais que se dilate a multiplicidade das componentes compreendidas como momentos do que nos aparece como pequeno (e mesmo que essa multiplicidade tenha já uma ordem de grandeza como a que corresponde à perspectivação de triliões), ainda assim se esteja muito aquem de uma perspectiva não redutora.

E de qualquer modo fico muito aquém de me conseguir aproximar sequer das perspectivas de mais modesta "dilatação", de mais modesta redução da perda no acompanhamento do tempo.

Percebo que no modo como vejo há uma perda a este respeito, que essa perda pode ser de muito grandes dimensões já no próprio âmbito do que se me oferece como um "instante"--como uma "unidade mínima" de tempo. Mas todos os esforços que faço no sentido de conseguir distinguir melhor o tempo mantêm-se tolhidos na proximidade do padrão normal de discriminação. E, por mais que considere a possibilidade de grandes multiplicidades de tempo nesses"instantes", tudo isso permanece totalmente fora de alcance, "submerso"em relação ao meu ponto de vista.

Deste modo, não somente todas essas multiplicidades são qualquer coisa que se acha completamente fora de perspectiva na apresentação natural, mas, para além disso, sucede também que, mesmo uma vez advertido para o respectivo cabimento, e tentando levar a minha perspectiva a um acompanhamento disso todas as tentativas que empreendo são goradas--,e permaneço totalmente preso na perspectiva natural.

E assim, também no que diz respeito à dimensão temporal, a margem de desacompanhamento de que padece o nosso ponto de vista pode, mesmo no âmbito muito restrito do seu foco de incidência, ser de facto uma margem muito ampla, abissal e mesmo de abismos de abismos. Os diferentes tempos e os acontecimentos que têm lugar nes

ta sala no intervalo correspondente a um segundo podem muito bem equivaler a uma multiplicidade de sucessão temporal e a um conjunto de acontecimentos muito mais numerosos do que aqueles de que naturalmente me apercebo no espaço de uma hora ou mesmo de um dia, etc. E não é sequer possível determinar onde é que a amplitude das multiplicidades que assim cabem nos tempos mais breves na verdade tem o seu termo.

Também este último reduto da tese natural de proporção, que é a "evidência" de que no plano dos tempos breves não pode haver uma margem significativa de desacompanhamento, nada tem na verdade que o sustente, nada tem que suporte a tese de limitação da incompletude, em que se baseia.Também neste último reduto a forma natural da finitude é passível de alteração. [128]

2.1.2.7 Observações sobre as modificações introduzidas pela detecção da incompletude da apresentação no próprio foco de incidência.
1)O esbatimento dos limites, as representações espúrias de totalidade, as teses de homogeneidade e de relegação de importância como fenómenos não-regionais, afectando a apresentação em cada um dos seus momentos. 2) A anisotropia dos níveis de exigência no acompanhamento da apresentação e a estrutura do "território" do olhar no próprio campo de incidência. 3) O agravamento da crise de autocompreensão do ponto de vista na verificação do abismo de incompletude que tem lugar no próprio foco de incidência. 4)A incompletude e a "desarticulação" da realidade na sua apresentação. 5) O abismo do campo de escondimento nos horizontes externos e a sua re-multiplicação a partir do abismo de incompletude no próprio foco de incidência.

Considerados, entretanto, todos estes aspectos, há ainda a sublinhar alguns pontos sobre o modo como a análise da incompletude no próprio campo de incidência retransfigura a percepção da finitude e acarreta um agravamento muito significativo do confinamento em que o nosso ponto de vista se descobre.

Trata-se de pontos que de algum modo já estão aflorados no percurso feito até aqui, mas que ainda não se encontram suficientemente acentuados, podendo por isso passar inadvertidos.

1)

O primeiro ponto diz respeito ao modo como também no próprio âmbito de incidência e relativamente ao domínio de realidade que ele concerne se encontram precisamente os mesmos fenómenos de condicionamento de perspectiva detectados na análise dos horizontes externos.

Assim, por um lado, verifica-se igualmente na apresentação da sala um sistemático esbatimento dos limites, uma sistemática não-demarcação dos campos de realidade de que há um acompanhamento efectivo e dos domínios afectados por escondimento. Verificando-se ao mesmo tempo também o fenómeno de <u>extensão aparente</u>, de <u>arredondamento</u> do campo de apresentação para lá dos limites que efectivamente o confinam--de tal modo que, estando eu muito longe de um acompanhamento pleno da realidade à minha frente, é precisamente num acompanhamento pleno que tenho a sensação de estar.

Por outro lado, verifica-se também uma sistemática tendência para o funcionamento de representações inautênticas de totalidade, fazendo que, ao incidir-se sobre horizontes na verdade inacessíveis, correspondentes a multiplicidades que não se tem ponto de vista para acompanhar, se tenda a compreender esses horizontes, essas multiplicidades como se estivessem efectivamente acompanhados no seu todo, em <u>sinopses aparentes</u> que "tapam" as multiplicidades reais de que se trata.

Confirma-se deste modo que o esbatimento dos limites não significa apenas um fenómeno que se produz nas "margens", nas extremidades do campo de apresentação, e só nelas (como se no centro do campo de apresentação houvesse de cada vez um domínio de realidade in-

teiramente varrido, inteiramente coberto--um domínio de realidade que fica longe dos limites que confinam a apresentação e em que, por consequência, também o esbatimento dos limites não pode ter lugar[129]. Não. Segundo as análises efectuadas, também no centro da apresentação e em qualquer momento dela na verdade nada há que não confine com horizontes não-acompanhados, nada há que não seja contérmino de um horizonte (e mesmo de horizontes)a que não se tem acesso ou a que se tem um acesso diminuído. E por outro lado todos estes limites assim omnipresentes estão esbatidos--e de tal modo que o acesso se apresenta compacto, ininterrupto.

Embora o nível de acuidade (de grau de determinação, de exigência) seja muito mais elevado no núcleo e no foco de incidência, essa superioridade é apenas relativa, não equivale a uma acuidade total, a um grau de definição e a um nível de exigência que impossibilitem o esbatimento dos limites. Deste modo, o esbatimento não é um fenómeno de incidência episódica, que só diz respeito às "franjas" da apresentação (só começa a intervir na transição do "centro" para a "periferia") mas uma característica constitutiva do modo como está organizada toda a apresentação que temos.

Por um lado, o que está efectivamente apresentado (cada um dos momentos distinguíveis da apresentação de que disponho) tem um carácter intersticial, corresponde na verdade a um "entre" no contexto de uma continuação, de múltiplas frentes de continuação. Por outro lado, a perspectiva que se tem caracteriza-se por estar sempre concentrada,absorta, nos próprios interstícios que assim estão apresentados. E a continuação, embora co-apresentada e decisiva para a conformação da perspectiva que se tem, é algo de que o olhar está sistematicamente desviado, é algo sistematicamente descurado, que se encontra desfocado na apresentação (numa desfocagem que justamente não consiste na apresentação disso como desfocado, impreciso, pouco nítido, mas antes na própria inapercepção da ausência de nitidez)[130].

Por outro lado, as representações inautênticas de totalidade revelam-se como algo que não apenas tem lugar relativamente àquilo que naturalmente nos parece grande ou muito grande mas também relativamente àquilo que nos parece pequeno e mesmo bastante pequeno (estando envolvidas até, como se procurou mostrar, na própria apresentação do que nos parece "simples"). Também elas, deste modo, se revelam como constituindo muito mais do que um fenómeno meramente regional, afectando só algumas áreas do campo de apresentação. Verifica-se antes que praticamente toda a apresentação que tenho está "montada" por representações deste género--que a representação espúria de totalidades é a forma de representação que está "utilizada" na apresentação de tudo aquilo a que naturalmente tenho acesso.

Em terceiro lugar, como se apontou, também a tese de homogeneidade e o princípio de relegação de importância afectam a apresentação do núcleo e do foco de incidência e intervêm a preencher neles todas as esferas a respeito das quais há defeito de acompanhamento. Essa intervenção produz-se continuamente na apresentação normal e dá-se também quando, procedendo-se a um levantamento do que pode estar a faltar no próprio campo de realidade para que se está voltado, se chegam a identificar tematicamente esferas de latência presentes nele. O fundo enraizamento do princípio de homogeneidade manifesta-se de forma muito flagrante precisamente neste contexto e em especial naquilo que se passa quando a revisão da situação de acesso no próprio campo de incidência faz descobrir esferas de realidade inteiramente novas. Ao produzir-se a descanonização do regime natural de fixação de determinações (tanto no espaço quanto no tempo), passam a estar em referência campos de realidade de que anteriormente não havia qualquer notícia (nem mesmo em horizonte, nem sequer da forma mais remota). Ora, ao produzir-se essa total inovação relativamente a tudo o que antes estava em perspectiva, também

131

esses campos inteiramente novos tendem a não se apresentar como totais incógnitas, em perspectivas inteiramente abertas, que os deixem sem qualquer preenchimento. Não. Embora de raiz a vigência do princípio de homogeneidade não se estenda a esses campos de realidade (na verdade, de raiz não há qualquer notícia deles), assim que surge a referência desses campos, ela é como que automaticamente contagiada pelo princípio de homogeneidade, torna-se como que automaticamente portadora da sua tese (com eliminação dos aspectos que não são compatíveis com aquilo que é próprio dos novos campos, mas introduzindo inexplicitamente todas as determinações que naturalmente estão envolvidas na projecção de homogeneidade e a respeito das quais não se faz notar qualquer incompatibilidade dessa ordem). E isto de tal modo que esses novos campos de facto surgem sempre já "invadidos" por homogeneidade--em nenhum momento (nem mesmo no da surpresa da sua descoberta) aparecem totalmente em aberto, sem nenhum preenchimento de determinação, sem que esse preenchimento esteja assegurado por notas de homogeneidade. E o mesmo vale, **mutatis mutandis**, para o princípio de relegação de importância.

Deste modo, embora haja diferenças pronunciadas entre os diferentes sectores do campo de apresentação, essas diferenças não dizem respeito à presença e ausência destes fenómenos mas aos níveis de determinação, aos enquadramentos, etc. em que se produzem. E toda a apresentação que se tem está "entretecida" com a sua presença e decisivamente conformada por estes fenómenos.[132]

2)

O segundo ponto diz respeito a uma peculiar forma de organização que naturalmente reina no nosso ponto de vista, que está envolvida no esbatimento dos limites e na aceitação de representações

inautênticas de totalidade, na vigência do princípio de homogeneidade e de relegação de importância e que, com eles, faz que a descoberta dos amplos campos de escondimento que há nos horizontes externos e no próprio âmbito da sala (ou de qualquer foco de incidência, mesmo o mais familiar), tenda a não se dar e só raramente se dê.

Este segundo ponto tem a ver com diferenças no nível de exigência com que são seguidos os diversos momentos de realidade que me rodeia. A sua interferência na apresentação do próprio campo de incidência manifesta-se logo na análise da apercepção que normalmente tenho dos interiores dos objectos opacos.

Os níveis de acuidade e de exigência no nosso acompanhamento da realidade que nos cerca não têm uma distribuição regular, homogénea, para todo o horizonte de apresentação a que estamos abertos. Distribuem-se antes desigualmente pelos diferentes planos que esse horizonte comporta, de tal modo que também neste sentido o "espaço" da realidade de que tenho notícia não é isótropo.

Como se apontou, para perceber claramente como esta anisotropia é decisiva no próprio campo de incidência, basta imaginar, por exemplo, como seria se existisse relativamente às superfícies externas dos objectos a mesma imprecisão, o mesmo "limbo" de determinações em aberto que caracteriza o acompanhamento que naturalmente se tem dos interiores. Enquanto em relação às superfícies exteriores causaria problema não ter uma determinação precisa, claramente estabelecida, fixando as suas características, não perturba nada e passa mesmo inteiramente despercebida a ausência de um acompanhamento equivalente no que toca aos interiores. Não somente em relação a estes não há uma apresentação como aquela que, a despeito de todas as restrições apresentadas, ainda assim se tem das superfícies externas (antes qualquer coisa de muito indeterminado que de facto os deixa em escondimento), mas, para além disso, havendo uma notícia desses interiores e por consequência também a possibilidade de

perceber o seu escondimento, ele é qualquer coisa de que o ponto de vista normalmente nem chega a aperceber-se.

Ou seja, também no foco de incidência o acesso que há é como que um acesso dirigido por um conjunto fundamental de quesitos sobre aquilo que rodeia, quesitos em que estão em causa alguns e mesmo muitos aspectos da realidade à nossa volta mas de facto não todos, e na verdade muito menos do que aqueles de que efectivamente consta essa realidade. Há uma "grelha" de aspectos a esclarecer e que o nosso acesso normalmente é de molde a apurar. Essa "grelha" é bastante mais restrita do que a que corresponderia a um acompanhamento pleno, é uma "grelha" fortemente selectiva.

Esclarecidos, como normalmente estão, esses aspectos, o olhar não vai mais além em levantamento da realidade que o rodeia e, mesmo tendo menção, referência, de outros aspectos, satisfaz-se com qualquer vaga e imprecisa apresentação deles.

É nos momentos de realidade correspondentes a este conjunto de quesitos (que não se procura aqui identificar exaustivamente no seu elenco, mas de que se podem citar, para mais cabalmente se compreender de que é que se trata, a definição dos contornos dos objectos e a demarcação do espaço transitável e onde há obstáculos, o estabelecimento da distância aproximada das coisas relativamente a nós, o conjunto dos traços distintivos suficientes para estabelecer o contraste entre os diferentes objectos e a identificação do tipo a que pertencem, etc.), é a este conjunto de momentos, cujo apuramento, como se procurou mostrar, constitui somente uma perspectiva excertuada, esquemática, do domínio de realidade presente no campo de incidência, que a apresentação de que se dispõe se atém.

E, havendo, como assinalado, uma mobilidade do olhar, uma mobilidade que quase continuamente se exerce, acontece no próprio campo de incidência, tal como relativamente aos horizontes externos,

que essa mobilidade, essa mudança de focagem tende a produzir-se somente dentro de um conjunto restrito de focos de incidência--precisamente aquele que corresponde à "grelha" destes quesitos naturais. De tal modo que nunca--ou só muito distraidamente--se foca todo o imenso "mundo" de outros momentos de realidade que, conseguindo-se vencer este condicionamento, os domínios de realidade do próprio campo de incidência revelam comportar.

E, deste modo, também a noção, anteriormente fixada, de território do olhar adquire uma dimensão nova a partir da análise da situação de acesso que tenho relativamente ao próprio campo de incidência.

A fixação do olhar num território é um fenómeno que tem lugar não apenas relativamente àquilo que é remoto mas também relativamente a horizontes na verdade muito próximos mas que o alheamento do olhar, a sua fixação em determinados planos de incidência, torna distantes.

O território, neste sentido, enquanto domínio em que o olhar se tende a sediar, de tal modo que se apaga tudo o que se situa para lá dele, não "fecha", não retém, não tem este efeito de exclusão apenas relativamente ao que de algum modo se situa longe, nos horizontes externos, mas também a muito extensas áreas de realidade próxima. É uma estrutura permanente de confinamento do acesso (de travagem da mobilidade que é possível, de retenção do olhar muito aquém das possibilidades de alargamento de perspectiva que na verdade estão ao seu alcance), estrutura que afecta, sem excepção, todas as regiões do campo de apresentação.

E, assim, não é apenas relativamente, por exemplo, ao espaço de Lisboa (e aos horizontes de realidade ainda maiores do que esse), que o campo da realidade explorada tem uma conformação caprichosa, irregular, como um conjunto de "corredores" sempre marginados por campos de escondimento e distribuindo-se de forma vária, desigual. Também relativamente ao próprio espaço da sala em que me

encontro (e, em geral, relativamente aos diversos campos de incidência), é essa a forma do campo efectivamente explorado no curso das apresentações que tenho.

3)

O terceiro aspecto a sublinhar diz respeito ao modo como a passagem da detecção dos campos de escondimento correspondentes aos horizontes externos para a verificação da ocorrência de grandes domínios de escondimento no próprio domínio de incidência (e para a inversão da relação de forças tido/não tido até mesmo neste domínio) constitui um decisivo ponto de viragem na autocompreensão do nosso ponto de vista.

Nesta viragem cai um princípio fundamental dessa autocompreensão, tal como naturalmente está enraizada--o princípio (inexplícito, sem dúvida, mas que de facto está sempre presente e desempenha uma função directriz) segundo o qual aquilo que se situa perante nós (aquilo para que o olhar se acha voltado--aquilo sobre o qual de cada vez está focado), fica naturalmente "exposto", posto a nu no acesso que assim temos, "varrido" por ele. De tal modo que a realidade que aí se situa é revelada.

É esse princípio que, de forma paradigmática, se encontra expresso num diálogo entre Hamlet e a Rainha, na resposta que a Rainha dá a Hamlet (e que é a resposta que por natureza tendemos a dar, a resposta que, independentemente da situação concreta de que se trata no diálogo, traduz a suposição em que naturalmente estamos: algo que desde sempre orienta o nosso reconhecimento do que temos dado):

"Hamlet: Do you see nothing there ?

Queen: Nothing at all; yet all that is I see." [133]

Essa suposição, que na fala da rainha assim está expressa, cons

titui qualquer coisa por que naturalmente nos orientamos, implicitamente presente em todas as apresentações que naturalmente temos, salvo nos raros casos em que razões circunstanciais impedem o acesso que normalmente o nosso olhar garante. Por uma questão de economia, designa-se essa suposição por princípio da rainha.

Trata-se de uma tese fundamental de domínio da esfera de incidência. Consagra a total sujeição desta à apresentação que dela se tem e, desse modo, a equivalência entre ambas e o controlo total dessa esfera de realidade pela apresentação de que se dispõe. Nesse sentido, o princípio da rainha é aquilo que, no quadro do campo de incidência, corresponde à forma natural da finitude. Dizer isto pode, entretanto, levar a que não se perceba bem o seu papel, considerando-o como uma mera aplicação concreta da forma natural--a sua especificação relativa ao campo de incidência. Quando de facto este princípio tem uma função diferente da de uma mera aplicação sectorial, pois constitui em grande parte o sustentáculo de toda a óptica natural de soberania do acesso que se tem, fornecendo inexplicitamente a referência, a base para o seu funcionamento fora do próprio campo de incidência. Na verdade, o efeito de domínio que é conjuntamente produzido pelo esbatimento dos limites, pelo campo de familiaridade, pelas representações de totalidade, pelo princípio de homogeneidade depende fulcralmente do princípio da rainha, de tal modo que todas essas modalidades de apresentação correspondem a formas de extensão, de propagação da tese de domínio em jogo nesse princípio. Não porque signifiquem pura e simplesmente o alargamento do seu âmbito exactamente no modo como vale para o próprio campo de incidência (por forma a sustentar sobre tudo exactamente a mesma pretensão que a respeito deste) mas porque as modalidades de domínio diferentes (mais fracas, de pretensão mitigada) a que correspondem têm como referente esse princípio relativo ao campo de incidência e ficam completamente desarticuladas se ele cair.

Ora, como apontado, é precisamente o princípio da rainha que cai

com aquilo que ficou a descoberto na análise da situação de acesso e das possibilidades de incompletude no próprio campo de incidência.

Como se tentou mostrar, mesmo onde o olhar naturalmente em nada se acusa como deficiente, mesmo onde as condições de acesso parecem ser óptimas e é aparentemente mais exaustivo o acesso de que se dispõe--mesmo aí essa suposição não corresponde à situação em que de facto se está e há um grande conjunto de realidades que o acesso na verdade deixa de fora.

E esta queda da autocompreensão natural, esta perturbação do ponto de vista, é tanto maior quanto o volume do escondimento que se revela a ter cabimento no próprio campo de incidência (o volume daquilo que está aí e não se vê) é também ele muito maior do que o domínio daquilo que se tem--e na verdade um volume esmagador, abissal.

A tese da proporção e adequação do acesso vê-se aqui drasticamente desarticulada--desarticulada não apenas no plano, ainda assim relativamente secundário, dos horizontes externos mas desarticulada no (para nós muito mais importante) núcleo disso mesmo ante o qual estamos--naquilo para que de cada vez estamos a olhar, no próprio "centro" disso que aparece, onde parece mais evidente a sua consistência.

Por um lado, ao contrário do que sucede com a suspensão da tese de domínio em relação aos horizontes externos, a queda do princípio da rainha, nos moldes em que se desenhou, não deixa subsistir nenhum campo de realidade onde a forma natural ainda esteja de pé--corresponde antes à perda total de qualquer plano onde ela vigore. Nesse sentido, é muito maior o desamparo que resulta dessa queda. Além disso, a esfera de realidade que está em jogo no princípio da rainha é precisamente aquela para que parece mais óbvia e firme a pretensão natural de alcance e a forma da finitude que lhe

corresponde, aquela onde parece mais excluído e aberrante que possa haver muita (e ainda por cima uma tão extraordinária) incompletude, e ao mesmo tempo também aquela que, no sistema de fixação de importância que habitualmente rege a nossa perspectiva, ocupa o "lugar" mais central ou coincide pelo menos em grande parte com ele.

E por outro lado a própria natureza da incompletude manifesta-se também com um carácter diferente daquele que, antes de analisada a situação de finitude no próprio âmbito de incidência, se tende a supor--um carácter mais grave, mais perturbante.

Não se trata já somente de uma questão de amplitude, de envergadura, de uma limitação puramente "quantitativa", como se o ponto de vista, ao incidir, dispusesse de um acesso adequado à realidade sobre que incide e a imcompletude a que está sujeito se devesse apenas à limitada "lotação" da própria esfera de incidência.

Ao compreender-se assim (e é assim que ainda se tende a compreender a incompletude no termo do exame dos horizontes externos), independentemente do grande confinamento que se reconheça e por mais que este se apresente extremo, supõe-se apesar de tudo uma proporção entre o nosso ponto de vista e o que há, no sentido de--pelo menos em relação àquilo que abarca, às partes de realidade sobre que incide--o ponto de vista ter uma apresentação no fundamental adequada do campo de realidade que lhes corresponde.

Mas de facto não se trata apenas disso e a natureza da perda vai muito mais longe.

Trata-se também de uma capacidade limitada de captação--se se quiser,de uma limitação da própria "grelha" de realidades que o nosso acompanhamento do que há consegue detectar mesmo "no seu melhor" --no próprio campo de incidência.

Trata-se de qualquer coisa correspondente ao que percebemos acontecer com um cego relativamente ao mundo do visível. Trata-se de o nosso ponto de vista "não ter olhos" (estar como que impedido e sem acesso) relativamente a determinadas formas de realidade. De

tal modo que, mesmo achando-se elas incluídas no domínio de realidade que o ponto de vista consegue abarcar, mesmo estando o acesso orientado na sua direcção, "a olhar para elas", de todo não figuram na apresentação de que se dispõe, antes se mantêm numa posição de escondimento. Posição de escondimento que não se desfaz mesmo quando de algum modo me apercebo de que estão aí, que estão a ter lugar, mesmo quando as procuro pôr a descoberto, mesmo quando insisto e porfio nessa tentativa.

E isto de tal modo que não é apenas esta ou aquela realidade solta, aqui ou ali no meio do campo de incidência (no caso, a sala), que está abrangida por esta cegueira, ou, na expressão da rainha, por este "não ver aquilo que há." Antes acontece que, como se procurou mostrar, a cada momento da sala tal como a vejo corresponde um complexo--e um complexo muito amplo--de realidades que estão aí, mas"fugidas"da apresentação que tenho, "desaparecidas" nela. E é esmagadoramente mais o que assim está abrangido por esta outra forma de cegueira, elidido por ela, do que aquilo que se acha dado no ver de que disponho. De tal modo que o campo de realidade "desaparecido" na apresentação da própria esfera de incidência pode de facto corresponder a um abismo como aquele que se começou a desenhar.

4)

O quarto ponto a acentuar concerne a circunstância de, a partir das análises feitas sobre o foco de incidência, se evidenciar que a perda correspondente à incompletude do acesso de que dispomos não é só, como por inércia se tende a manter suposto, a perda de um "deixar de fora". Como se o que falta tivesse um carácter meramente complementar relativamente ao que já se tem e a própria realidade de algum modo acompanhada não ficasse afectada, modificada, transfigurada pela não inclusão, pelo "desaparecimento", não-apare

cimento daquilo que se mantém fora da apresentação.

Sucede na verdade que a natureza da incompletude detectada é de tal ordem que de facto envolve uma extraordinária simplificação relativamente ao complexo da realidade presente no próprio foco de incidência--uma simplificação que faz que os elementos de realidade cobertos pela apresentação disponível estejam "arrancados" dos complexos em que na verdade se inserem, desarticulados deles. Num isolamento que faz perder de vista a posição que efectivamente ocupam no "tecido" da realidade.

A bem dizer, embora este seja um aspecto que não se chegou a acentuar, esta desarticulação dá-se já na própria relação entre o domínio de incidência e o seu exterior, o horizonte de continuação da realidade, tanto no espaço quanto no tempo, que o envolve.

Com efeito, na perspectiva que naturalmente tenho da sala em que me encontro (da realidade que nela há, desta situação que é a de estar aqui sentado a escrever a minha tese), o acompanhamento tende a fechar-se no próprio quadro do imediato com que lido, isolando o campo de realidade apresentado do complexo de conexões em que se acha envolvido.

Sem dúvida que, conforme acentuado, a sala nunca me aparece inteiramente desprendida do seu contexto, dos horizontes espácio-temporais que a circundam, antes se dá sempre já com referência a eles, integrada no seu meio. Mas, por outro lado, isso não significa de modo nenhum que na verdade se ache apresentada com todo o conjunto de conexões em que se insere, em toda a latitude das ligações com outros momentos de realidade que na verdade sustenta. Muito longe disso. Mesmo não indo além dos aspectos que numa rápida reflexão sou capaz de identificar, sem dificuldade detecto uma complexa rede de envolvimentos, muito para lá daquilo para que normalmente (em horas e horas, dias e dias, e mesmo meses e meses de contacto com esta realidade) estou atento na apresentação da sala.

Assim, por exemplo, tendo a ter reconhecida a luz que está na sa

la isolada da conexão que tem com os acontecimentos que muito longe daqui têm lugar no sol, sem a seguir nessa proveniência que se indica ser a sua.

Tendo a aperceber-me da temperatura que há na sala (e que, se fosse substancialmente diversa da que é, levaria não só a que as coisas tivessem muitas determinações diferentes das que têm, mas possivelmente também a que eu próprio não estivesse no acontecimento de lucidez em que a sala se apresenta) sem a seguir na ligação em que também está com os acontecimentos que a grande distância têm lugar no sol e por outro lado também no próprio núcleo da Terra.

Tendo a ver a sala na sua posição estável, "sólida", desligando-a de todo o conjunto de realidades que a suportam, aguentam o seu peso, tanto no próprio prédio, abaixo de onde estou, quanto no solo em que se situa, e ainda sob ele, etc. (e desligando-a outrossim de todo o conjunto de conexões que constituem esse mesmo peso).

Vejo o acontecimento de aqui estar com esta sala apresentada, comigo a vivê-la, independentemente de todo o eco-sistema que possibilita a minha vida, mantém a atmosfera terrestre e as condições para que eu respire, etc..

Olho e tendo a olhar os livros que aí há isolados da sua conexão com as pessoas distantes que os escreveram, isolados do tempo todo que levaram a ser escritos, de tudo o que possibilitou a sua edição, das pessoas que trabalharam nisso, das muitas vidas com que assim têm a ver, etc..

Vejo o acontecimento da minha situação agora nesta sala independentemente de todo o conjunto de alimentos que ingeri nos últimos meses, do lento processo da sua constituição (algures, em campos que não sei onde ficam) de tudo o que condicionou esse processo, etc.--sem seguir como o meu estar aqui agora passa de algum modo por tudo isso: como isso está envolvido no facto de agora estar

aqui.

Vejo e tendo a ver a situação em que estou, a escrever esta tese, nesta língua, com estes conteúdos, independentemente de todo o muito longo processo, de todo o muito tempo do meu aprendizado, tanto no que diz respeito a saber escrever, quanto no que diz respeito à própria língua, quanto ainda no que toca à forma como a pouco e pouco se foi constituindo em mim cada uma das perspectivas que aqui exponho. Vejo e tendo a ver a própria língua esquecido do modo como me vem de um tempo muito longo, de uma multidão de pessoas que a forjaram, de uma longa série de conflitos, de desenvolvimentos que fizeram que ficasse a ser a língua falada na terra em que me encontro, etc..

Tenho-me e tendo a ter-me a mim próprio isolado de todo o campo de acontecimentos para lá de mim a que se prende o facto de eu próprio ser, de ter mãos como as que tenho, de ver como vejo, etc. --desligando-me de toda a imensa sucessão de realidades (os meus pais e, antes deles, os pais deles, etc., etc.) por onde passou a possibilidade de eu ser e estar agora aqui.

Vejo e tendo a ver a situação em que estou (em casa, a trabalhar na minha tese), independentemente de todo o sistema de organização social (de divisão do trabalho, de organização económica, de tradição cultural) que me permite poder ficar em casa, estar aqui sentado a escrever uma tese--sem seguir, por exemplo, o modo como sustentam esta situação os alunos da minha faculdade, sem os quais ela não se manteria, as pessoas e instituições que pagam impostos, etc..

Todos estes aspectos, que de qualquer modo constituem apenas um rápido apanhado e se limitam a levantar uma ponta do véu, permitem já ver como a perspectiva que normalmente tenho do campo de incidência tende a limitar-se ao seu próprio foco e a perder de vista a forma como a realidade apresentada nesse foco se acha radicada para lá de si, os enquadramentos que tem, os sistemas de dependência em que se situa, etc..

Ou seja, todos estes aspectos permitem ver que a perspectiva em que normalmente me encontro a respeito do que se me acha efectivamente apresentado tem a realidade em causa arrancada de nexos que de facto são os seus, acompanhando-a assim somente numa adopção abstracta.

E por outro lado, ainda que se considerem apenas estes aspectos, eles permitem de qualquer modo perceber também como mesmo só este conjunto, tão incompleto (e que corresponde apenas ao levantar de uma ponta do véu), de conexões da realidade presente no campo de incidência com aquilo que se situa para lá dele é um conjunto na verdade muito difícil de conseguir acompanhar. Mesmo uma vez focado, mesmo tirado do apagamento natural, e tentando-se segui-lo, ele mantém-se na sua maior parte fora do alcance do meu ponto de vista, com dimensões e uma complexidade inabarcáveis (assim, por exemplo, se tentar seguir nos seus diversos momentos todo o sistema de suporte desta sala, ou o modo como efectivamente funciona a organização social que me permite estar dedicado a escrever a minha tese, todas as pessoas nela envolvidas,etc.).

O próprio campo de incidência tende a estar assim tomado numa adopção abstracta, desinserido do meio em que efectivamente se situa, das inserções que tem no domínio dos horizontes externos.

*

Mas isso que, atentando bem, se configura já na articulação entre o domínio de incidência e o campo da realidade exterior a ele, isso mesmo mostram-no as análises realizadas a ocorrer tambem no próprio campo de incidência, dentro dele--e na verdade em muito larga escala.

Mesmo que tambem aqui os aspectos considerados não vão alem de

um rápido apanhado e só levantem "uma ponta do véu", são de qualquer modo já suficientes para permitir vislumbrar a que ponto também neste domínio reina este fenómeno de adopção abstracta das realidades percebidas, de desinserção, "arranque" delas ao sistema de conexões em que se integram, à posição que de facto detêm na realidade.

Assim, por exemplo, as totalidades que no quadro da sala tenho apresentadas aparecem desligadas das diferentes realidades que efectivamente as constituem.

O espaço sem corpos opacos é arrancado à posição, que realmente é a sua, de estar a ser preenchido, ocupado, por uma miríade de realidades (cada momento seu que vejo é qualquer coisa de excêntrico relativamente a cada momento do espaço ocupado que efectivamente aí há).

Todos os diferentes objectos que tenho perante mim estão percebidos sem que a forma e outras determinações que apresentam estejam seguidas na conexão que têm com uma determinada condição térmica (que, se se alterasse, não permitirá a manutenção dessas determinações).

A realidade da luz que vejo na sala está arrancada à posição, que realmente é a sua, de constituir qualquer coisa em movimento.

As coisas todas que me aparecem surgem arrancadas da posição, que efectivamente têm, de estarem envolvidas numa multiplicidade de movimentos.

Todos os elementos presentes na apresentação, todas as diferentes realidades que nela identifico, todo o "visto" acha-se arrancado à posição, que efectivamente tem, de estar de algum modo a produzir uma "repercussão" de si no processo de constituição da apresentação que tenho. E por outro lado está igualmente arrancado da posição, que efectivamente é a sua, de (enquanto visto, enquanto apresentado) estar a emergir, a resultar desse processo.

E, por outra parte, toda a apresentação está arrancada da sua

conexão com a realidade (ou complexo de realidades) em mim, na qual, segundo as minhas próprias teses, de alguma maneira está sediada, etc.

Assim também no que acontece com os diferentes sistemas de "afecção recíproca" entre as realidades que há na sala, como por exemplo o sistema da atracção que possivelmente exercem umas sobre as outras, todo o conjunto de efeitos de atracção a que está sujeito cada momento dessas realidades--todo o complexíssimo e inacessível sistema de conexões que a isso corresponde. As realidades que tenho apresentadas acham-se completamente dissociadas desse envolvimento real, "despidas" dele. Etc.

Poder-se-ia prosseguir para além destes pontos, evidenciando muitos outros momentos de "arranque", "desintegração" deste tipo. Tal como se desenha a partir das análises realizadas, a desinserção é de tal ordem que converte um quadro de realidade com as dimensões abissais que se esboçaram num quadro de realidade como o da sala naturalmente manifesta.

Mas os aspectos focados permitem perceber já a grande amplitude deste fenómeno no próprio âmbito do campo de incidência e o modo como é difícil corrigi-lo, atingir uma efectiva reposição das inserções reais.

Mesmo só para o conjunto muito restrito dos aspectos que se citaram, por mais que tente efectivar uma tal reposição, mantém-se a óptica de "adopção abstracta", de arranque dos envolvimentos que têm lugar no próprio curso da realidade.

Os elementos acompanhados estão e mantêm-se sempre em larga medida desconectados de complexos de conexões com realidades elididas da apresentação que se tem. E por outro lado mesmo momentos disponíveis, apresentados, figuram com uma eliminação de conexões em que se acham envolvidos uns com os outros (tenho apresentadas por exemplo as formas dos objectos, as suas diferenças cromáti-

cas, etc., e tenho apresentada a temperatura que faz na região da sala, mas não tenho posta em equação--e mesmo tendo-a, não consigo efectivamente acompanhar--a interna conexão que, tudo indica, os envolve a ambos).

E, deste modo, não apenas a apresentação que tenho corresponde a uma extraordinária eliminação de momentos de realidade, mas, por outro lado, equivale ainda ao resultado de uma extraordinária dissociação, des-integração dos próprios elmentos que contempla. O que tenho é realidade amputada de muito mais do que o que mostra e sujeita a uma operação de múltipla desarticulação dos seus nexos.

5)

Por fim, importa sublinhar ainda o modo como a evidenciação da margem de incompletude da apresentação no próprio domínio da incidência não apenas altera a autocompreensão do acesso relativamente a este campo, mas, para além disso, modifica também o aspecto, as dimensões do abismo de abismos correspondente aos próprios horizontes externos.

No curso da análise realizada a respeito dos horizontes externos procurou-se pôr em relevo como, mesmo quando se tem já uma compreensão de que há abismos de escondimento na continuação do real para lá do imediato (ao perceber-se, por exemplo, a natureza inautêntica da representação que tenho do domínio "Portugal" e ao perspectivar-se em conformidade o abismo de abismos que corresponde à Europa, e ao planeta Terra, etc.) podem ainda funcionar representações inautênticas de totalidade a respeito dos horizontes internos relativamente a esses (ou seja, que são componentes desses cuja transcendência de algum modo já é percebida). De onde resulta que, apesar de haver já uma percepção do campo de escondimento como imenso, se verifica ainda uma enorme distorção na própria compreensão do abismo correspondente aos domínios cuja transcendência já se

encara.

Pôs-se em evidência esta tendência que há (e que é difícil de eliminar) para que representações inautênticas de totalidade, de que não me apercebo, persistam ou se insinuem na própria perspectiva em que me dou conta do fenómeno da representação inautêntica e o procuro suspender. E pôs-se em relevo que a correcção desta tendência tem a sua "chave", se assim se pode dizer, na compreensão da incompletude que já reina a respeito dos horizontes mais próximos e de mais pequena dimensão. De tal modo que é apercebendo-me do abismo de escondimento que já envolve, por exemplo, o prédio onde moro que posso verdadeiramente perceber aquele que caracteriza o quarteirão, e é a partir da compreensão do abismo de escondimento que por sua vez afecta este que posso compreender o que corresponde ao bairro--e assim sucessivamente para a cidade, para a região, para toda a Estremadura, para Portugal continental, etc.. E o mesmo no que diz respeito ao horizonte do tempo.

No termo da averiguação dos horizontes externos parecia, então, que, conseguindo manter esta focagem a partir dos horizontes mais imediatos e de mais pequena dimensão, ficava atingido um ponto de vista de efectiva redução das representações inautênticas de totalidade e de completa destruição do engano em que naturalmente se está relativamente às dimensões da incompletude.

Mantinha-se assim como possibilidade sempre persistente a de uma multiplicação do abismo de escondimento nos horizontes externos a partir da consideração de abismos de realidade cada vez mais vastos (por exemplo, no sentido do alargamento Europa-->todos os continentes-->toda a superfície da Terra-->a Terra no seu todo-->o sistema solar, etc.,etc.). Mantinha-se a possibilidade de os abismos inabarcáveis, que num determinado momento do processo de focagem já se acham apercebidos, virem a surgir como parte, como pequena "unidade" em domínios de realidade escondida muitas e muitas vezes maiores--abissalmente maiores.

Mas parecia estar já excluída qualquer possibilidade de multiplicação do abismo de escondimento a partir "de baixo", se assim se pode dizer--a partir do mais pequeno e do mais próximo--como acontece com a redimensionação do campo de escondimento correspondente ao bairro a partir da apercepção das dimensões do campo de escondimento já correspondente a cada prédio. Numa palavra, parecia encontrada de algum modo a "medida" para as dimensões do escondimento (não, claro está, no sentido de se ter um acompanhamento adequado dessas dimensões, um acompanhamento proporcionado a elas, mas no de se ter alcançado um plano de perspectivação a partir do qual é possível uma compreensão não-redutora do que transcende, uma apercepção não indevidamente mitigada, não-atenuada, da ultrapassagem, da incapacidade de acompanhar a que o nosso ponto de vista está sujeito).

O que, entretanto, as averiguações realizadas a respeito do campo de incidência vieram pôr a nu é que esta perspectiva (que era inexplícita, mas de facto se inculcava) não tem absolutamente nenhum fundamento.

Na verdade, ao compreender o domínio de realidade a que não tenho acesso no meu prédio, ao compreender as dimensões do campo de escondimento que lhe corresponde, perspectivo-os na suposição de que, se eu tivesse a apresentação de cada espaço equivalente a esta sala (dos muitos espaços correspondentes a esta sala que conjuntamente formam as inabarcáveis amplitudes dos horizontes externos) tal como me é dado ter da própria sala, a apresentação disso seria uma apresentação plena, adequada, isenta de escondimento significativo. Quer dizer, o acesso tido na própria esfera de incidência está inexplicitamente constituído em padrão de acesso adequado, o quadro de realidade fixado nesse acesso está adoptado como referencial da própria concepção das dimensões imensas cuja transcendência se reconhece, de tal modo que o abismo delas é compreendido como sendo

tal em virtude de uma extraordinária e inacompanhável multiplicação dessas dimensões (é um abismo, perde-se nele o pé, porque corresponde muitas e muitas vezes a essa "unidade", mas é um abismo de que se tem, apesar de tudo, a própria "unidade" cuja indefinida multiplicação o constitui). O que, como se procurou mostrar, está muito longe de ser o caso.

Ou seja, as análises entretanto realizadas mostram como a apercepção das dimensões do escondimento que se achava alcançada no termo da averiguação dos horizontes externos assentava ainda numa tese, numa suposição fundamental, que não se verifica, e com cuja queda se abre uma nova fonte de crescimento do abismo dos próprios horizontes externos--uma possibilidade de crescimento de que então não se fazia qualquer ideia.

Pois a alteração que é introduzida com a descoberta da extraordinária incompletude que afecta a apresentação do próprio campo de incidência não se esgota no facto de, além dos campos de escondimento que as análises dos horizontes externos já mostravam, se patentear--e onde menos se esperava--ainda uma outra "frente", um outro abismo de incompletude. Este outro campo de incompletude correspondente ao próprio campo de incidência não é um campo de incompletude que pura e simplesmente se acrescenta ao abismo de escondimento dos horizontes externos, lhe é somado. Não.A evidenciação do abismo de escondimento que afecta o próprio campo de apresentação directa mostra como a perspectivação da finitude a que se chega no termo das análises dos horizontes externos labirava ainda numa radical minimização das dimensões do escondimento que na verdade se pode verificar a respeito dos horizontes externos e constituía uma perspectiva ainda extraordinariamente redutora na compreensão da incompletude do nosso ponto de vista relativamente à realidade que se situa nesses horizontes.

Se o plano da apresentação que tenho da sala em que me encontro está sujeito a um tão abissal horizonte de escondimento como a

quele que se verifica, então isso traz consigo que o referencial de aferição das dimensões do escondimento, a "unidade" de perspectivação dessas dimensões que a compreensão resultante do exame dos horizontes externos implicitamente ainda mantinha, são inteiramente pulverizados, postos em causa. Emerge um novo e abissal factor de multiplicação do abismo a partir "de baixo", do mais próximo (o âmbito de escondimento na área do prédio não é só o dos muitos espaços correspondentes à sala da apresentação natural, mas o dos muitos abismos inabarcáveis de realidade extraordinariamente complexa que na verdade podem ter lugar num campo de realidade como o da sala, e isto tanto na ordem espacial, quanto na do tempo). E assim também relativamente ao bairro, etc..

De forma que todo o campo de escondimento dos horizontes externos, mesmo sendo já, como apontado, de dimensões abissais (de abismos de abismos absolutamente inabarcáveis) sofre ainda uma extraordinária remultiplicação. Uma remultiplicação que (dada a impossibilidade de estabelecer quais as dimensões efectivamente "proporcionadas" à realidade--quais aquelas que correspondem à total supressão da "fuga", da redução de dimensões, que reina na perspectivação do que nos parece mais pequeno) deixa a nossa perspectiva sem ter qualquer referência de qual o plano de proporção à realidade, sem ter qualquer "unidade" por que possa de algum modo ser aferida a amplitude da desproporção a que se acha sujeita. Resultando disso uma ainda muito maior "perda de pé" do que aquela que já ocorria no final do apuramento relativo aos horizontes externos.

De tal forma que fico muito mais longe de conseguir perceber as dimensões do campo de escondimento, muito mais às cegas a seu respeito, muito mais perdido acerca do que seja uma perspectiva adequada e abrangente da realidade e de qual a distância a que estou disso. Mas por tal forma que justamente com esta "perda de pé", com esta total perda de orientação sobre as "dimensões" da realida

de e sobre as dimensões da incompletude, passa a ser menos redutora (e, nesse sentido, mais adequada, mais próxima de uma supressão do escondimento do escondimento), a apercepção que tenho das dimensões da incompletude.

Mas, por outro lado, não apenas isto.

A modificação, a "potenciação" do escondimento dos horizontes externos a partir daquele que se apura na análise do próprio campo de incidência não diz respeito apenas à amplitude mas também à própria natureza das determinações em causa nesses horizontes.

Com efeito, a análise da situação no próprio foco de incidência não abre apenas a possibilidade de abismos de latência no que nos parece perfeitamente abarcável, mostra também que nada permite excluir a possibilidade de terem lugar, nesse mesmo âmbito, determinações perfeitamente desconhecidas, diferentes daquelas a que se está habituado--e de que não se faça a mais pequena ideia. A situação de acesso, como se documenta relativamente a este domínio do próximo (em relação ao qual o acesso é óptimo), não permite sustentar fundadamente qualquer exclusão a este respeito. E também neste ponto tem de ser inibida a pretensão da perspectiva natural, as exclusões implícitas que comporta. E tem de ser substituído o assentamento e a evidência de controlo naturalmente vigentes pelo "em aberto" que na verdade corresponde à situação.

Observou-se oportunamente o papel desempenhado pelo princípio de homogeneidade no preenchimento dos horizontes externos e na constituição de uma evidência inexplícita de domínio sobre eles. E resulta claro das análises efectuadas que a tese de homogeneidade se constitui a partir do campo de familiaridade que por sua vez se forma a partir do percurso de diversas esferas de incidência. A segurança e a pretensão de domínio tanto de um como do outro são, desse modo, subsidiárias da segurança e pretensão de domínio do acesso na esfera do próprio campo de incidência. Nesse sentido se disse que o princípio da rainha constitui em larga medida a pedra angular

de todo o sistema natural de pretensão de domínio e de escondimento (minimização) da incompletude.

Ora esta função de sustentáculo manifesta-se precisamente neste outro aspecto em que o princípio da rainha se vê erradicado--o que diz respeito à fixação do quadro de realidades, de determinações presentes nas esferas de incidência.

Tal como ficou documentada, a fragilidade do princípio da rainha passa tanto pela circunstância de não haver de facto qualquer controlo e qualquer possibilidade de restrição da amplitude daquilo que pode escapar à apresentação no próprio campo de incidência (circunstância que deixa totalmente ilimitada a "quantidade" do excesso da realidade sobre a apresentação que se tem) quanto pela circunstância de também não haver de facto qualquer controlo e qualquer possibilidade de restrição do tipo de determinações dessa realidade (circunstância que abre a porta a toda a espécie de heterogeneidade desse excesso em relação às determinações presentes na apresentação). E, tal como o primeiro, este segundo momento de erradicação do princípio da rainha propaga-se justamente às esferas derivadas do campo de familaridade e dos horizontes exteriores preenchidos pelo princípio de homogeneidade. Viu-se já anteriormente a fragilidade que é própria da fixação de determinação em cada uma destas esferas, mas parecia ainda, em todo o caso, que essa fragilidade decorria da forma como a apresentação do campo de familiaridade e a modalidade de apresentação correspondente à tese de homogeneidade ficam aquém do acesso que é próprio do campo de incidência. Porém, aquilo que a análise da situação de acesso no próprio campo de incidência põe à mostra é que essa fragilidade não começa só <u>para lá</u> do campo de incidência--é uma fragilidade da própria fixação de determinações operada pelas apesentações que temos dele, as quais podem muito bem incluir apenas uma pequena parte do quadro de determinações presentes nele e não ver o completamente diferente

que está aí mesmo no mais próximo.

Nesse sentido, toda a discussão da fragilidade da tese de homogeneidade, que antes se fez, era ainda ingénua e laborava numa assunção de facto infundada. A homogeneidade não é problemática (e a heterogeneidade não é possível) só para os campos de que não se tem apresentação--a homogeneidade é problemática e a heterogeneidade é possível já para a própria esfera de realidade de que se tem ostensão. Ou seja, a fragilidade da tese de homogeneidade é já uma fragilidade **in ovo** que se propaga a partir daí para todas as instâncias derivadas.

E, assim, não só a amplitude da realidade correspondente aos horizontes externos se aponta com as dimensões superlativas que decorrem da respectiva remultiplicação pelo abismo detectável no campo de incidência, mas, para além disso, também por estas razões atinentes ao próprio campo de incidência (não só pelas outras que dizem respeito especificamente aos horizontes externos), o espectro de determinações que eventualmente se situarão nesses horizontes revela-se um espectro absolutamente incontrolável, que não se domina, a respeito da qual a perspectiva que se tem pode ser extraordinariamente incompleta.

*

Considerando todos estes aspectos, ficam criadas as condições para uma perspectivação não-redutora da incompletude do nosso ponto de vista--para uma suspensão total das exclusões que indevidamente se acham feitas sobre a amplitude possível dessa incompletude.

E a forma da finitude que naturalmente preside à perspectivação da incompletude muda radicalmente de figura.

Não só o campo de incidência de que o meu ponto de vista tem um

efectivo acompanhamento constitui apenas um ínfimo enclave no meio de um inabrangível mar de continuação de realidade, cuja envergadura estou incomensuravelmente longe de conseguir perspectivar--um mar que sempre e sempre se estende mais para lá, de tal forma que tudo o que parece superlativamente grande é ainda somente uma pequena componente dele; não somente, para além disso, o próprio campo de realidade sobre que de cada vez incide o meu olhar comporta muito, muito mais realidades do que aquelas de que tenho apresentação--por tal forma que, também relativamente a este campo, o horizonte daquilo que me escapa excede em muito o domínio do que tenho manifesto: mas, para além disso, como na análise da questão das dimensões se documenta, cada ínfima parte, cada "átomo" do apresentado na apresentação de que se dispõe, parecendo absolutamente simples ou quase, pode muito esconder, na esfera de realidade a que corresponde, verdadeiros mundos de entidades a que não tenho acesso.

A perspectiva em que me tenho é a um tempo uma perspectiva que vê como mundo o que é somente uma ínfima parte (ficando incomensuravelmente aquém de ter uma perspectiva da realidade que envolve aquela de que dispõe) e uma perspectiva que vê como uma ínfima parte aquilo que na verdade é um mundo (toda a imensa multiplicidade do que pode caber nisso que cobre).

Presa, incapaz de aceder ao horizonte do mundo em relação ao qual é uma ínfima parte tudo aquilo a que tem acesso, está também por outro lado presa na incapacidade de aceder a um acompanhamento do mundo que de facto pode corresponder àquilo que se lhe apresenta como ínfima parte.

Tudo isto se expressa, com uma formulação muito incisiva, na descrição da posição do nosso olhar feita por Pascal no fragmento sobre a " desproporção do homem", onde essa posição é definida como a de "uma certa aparência do meio das coisas --descrição que é im-

possível não citar:

" (Voilà où nous mènent les connaissances naturelles. Si celles-là ne sont véritables il n'y a point de vérité dans l'homme et si elles le sont il y trouve un grand sujet d'humiliation, forcé à s'abaisser d'une ou d'autre manière.

Et puisqu'il ne peut subsister sans les croire je souhaite avant que d'entrer dans de plus grandes recherches de la nature qu'il la considère une fois sérieusement et à loisir, qu'il se regarde aussi soi-même--et qu'il juge s'il a quelque proportion avec elle, par la comparaison qu'il fera de ces deux objets.)

Que l'homme contemple donc la nature entière dans sa haute et pleine majesté, qu'il éloigne sa vue des objets bas qui l'environnent. Qu'il regarde cette éclatante lumière, mise comme une lampe éternelle pour éclairer l'univers, que la terre lui paraisse comme un point au prix du vaste tour que cet astre décrit et qu'il s'étonne de ce que ce vaste tour lui-même n'est qu'une pointe très délicate à l'égard de celui que ces astres, qui roulent dans le firmament, embrassent. Mais si notre vue s'arrête là que l'imagination passe outre, elle se lassera plutôt de concevoir que la nature de fournir. Tout ce monde visible n'est qu'un trait imperceptible dans l'ample sein de la nature. Nulle idée n'en approche. Nous avons beau enfler nos conceptions au delà des espaces imaginables, nous n'enfantons que des atomes, au prix de la réalité des choses. C'est une sphère dont le centre est partout, la circonférence nulle part.(.....)Que l'homme étant revenu à soi considère ce qu'il est au prix de ce qui est, qu'il se regarde comme égaré, et que de ce petit cachot où il se trouve logé, j'entends l'univers, il apprenne à estimer la terre, les royaumes, les villes et soi-même son juste prix.

Qu'est-ce qu'un homme dans l'infini?

Mais pour lui présenter un autre prodige aussi étonnant, qu'il recherche dans ce qu'il connaît les choses les plus délicates, qu'un ciron lui offre dans la petitesse de son corps des parties incomparablement plus petites, des jambes avec des jointures, des veines dans ces jambes, du sang dans ces veines, des humeurs dans ce sang, des gouttes dans ses humeurs, des vapeurs dans ces gouttes, que divisant encore ces dernières choses il épuise ses forces en ces conceptions et que le dernier objet où il peut arriver soit maintenant celui de notre discours. Il pensera peut-être que c'est là l'extrême petitesse de la nature.

Je veux lui faire voir là-dedans un abîme nouveau. Je lui veux peindre non seulement l'univers visible, mais l'immensité qu'on peut concevoir de la nature dans l'enceinte de ce raccourci d'atome, qu'il y voie une infinité d'univers, dont chacun a son firmament, ses planètes, sa terre, en la même proportion que le monde visible, dans cette terre des animaux, et enfin des cirons, dans lesquels il retrouvera ce que les premiers ont donné, et trouvant encore dans les autres la même chose sans fin et sans repos, qu'il se perdra dans ces merveilles aussi étonnantes dans leur petitesse que les autres par leur étendue, car qui n'admirera que notre corps, qui tantôt n'était pas perceptible dans l'univers imperceptible lui-même dans le sein du tout, soit à présent un colosse, un monde ou plutôt un tout à l'égard du néant où l'on ne peut arriver? Qui se considérera de la sorte s'effrayera de soi-même et se considérant soutenu dans la masse que la nature lui a donnée entre ces deux abîmes de l'infini et du néant, il tremblera dans la vue de ces merveilles et je crois que sa curiosité changeant en admiration il sera plus disposé à les contempler en silence qu'à les rechercher avec présomption."

Se a forma como Pascal caracteriza e põe em evidência a incompletude da apresentação de que dispomos é em muitos aspectos bas-

tante diferente da que foi seguida nas análises aqui realizadas, a descrição que faz--e muito em particular a ideia, que lhe preside, da conjunção de dois abismos (da posição do nosso ponto de vista como uma posição "entalada" entre eles)--sumariza de modo muito vivo os principais passos do apuramento que se efectuou e os traços fundamentais da situação que esse apuramento aponta ser a nossa.

Por um lado, o nosso ponto de vista deixa fora de alcance o abismo da realidade que há a envolver aquilo que tem apresentado. Toda a apresentação de que se dispõe, toda a cobertura que ela dá da realidade, equivale a um espaço fechado--a um pequeno espaço fechado--que não abrange, deixa fora de si a maior parte do campo da realidade no meio do qual se acha. O ponto de vista está preso nesse espaço, que dessa forma, como Pascal diz, constitui qualquer coisa como um "calabouço". E o que assim fica de fora, aquilo em relação ao qual a perspectiva de que se dispõe está presa tem as dimensões de um verdadeiro abismo. Ou melhor: tem as dimensões de abismos de abismos. De tal forma que os "mundos" que de cada vez se têm em perspectiva são ainda como "átomos" em relação a mundos que por sua vez ainda são como "átomos" em relação a mundos que por sua vez ainda são como átomos em relação a mundos--e assim por diante.

É certo que na descrição de Pascal os termos em que a questão é formulada a equacionam recorrendo à noção de "infinitamente grande"--noção que envolve grandes dificuldades e em relação à qual toda a nossa análise se manteve e se pretende manter inteiramente neutra. Mas, por outro lado, vendo bem, o estado-de-coisas fixado nessa descrição não é indissociável da noção de infinito, não passa pelo que com ela se consigna, nem é solidário com o seu destino.

Independentemente de a continuação da realidade para lá do que propriamente tenho ser ou não ser efectivamente infinita, no sentido pleno, literal, do termo, o que importa é que é uma continuação tal que, por mais longe que se vá, por mais que se alargue o âmbi-

to de incidência, aquilo que se consegue atingir, o resultado de todos esses alargamentos não são senão, como diz Pascal, "des atomes au prix de la réalité des choses".

Por outra parte, não é apenas "desse lado" que o ponto de vista está retido em relação a campos de realidade com amplitudes de abismos. Também na própria região da realidade sobre que de cada vez incide--também no espaço a que o olhar se acha confinado, em que está preso, também nesse campo aparentemente dominado--a apresentação de que se dispõe está afectada por uma retenção, por um deixar de fora. Havendo embora uma cobertura desse campo de realidade, a cobertura assim constituída só de muito longe (e de uma forma extraordinariamente resumida) capta o campo de realidades a que se reporta, não acompanhando uma grande (e mesmo a maior) parte das realidades que há nesse campo--daquilo que tais realidades envolvem. E de tal modo que nisso mesmo que se lhe apresenta como ínfima parte, como simples (ou, de qualquer modo, muito pequeno) podem caber verdadeiros mundos que a apresentação que temos deixa inteiramente de fora, mundos esses cujas ínfimas partes podem por sua vez de facto ainda equivaler a mundos--e assim sucessivamente. Ou seja, o quadro de acesso em que o nosso ponto de vista está fechado não o retém prisioneiro--não é, no sentido referido, um "calabouço"--apenas em relação aos horizontes externos e ao abismo, aos abismos de abismos que lhes correspondem, mas também em relação a isso mesmo que se situa dentro desse quadro, no campo de realidade que ele abrange--e, paradoxalmente, também aí é imenso o que fica fora de alcance: são abismos de abismos de abismos, mundos de mundos.[135]

Na conjugação destas duas frentes de limitação, destes dois abismos de incompletude, de realidade para a qual o ponto de vista é cego, aquilo que se oferece na apresentação constituída, aquilo de que se dispõe tem então o carácter disso que Pascal designa como "quelque apparence du milieu des choses". Havendo um aparecer,

esse aparecer tem um carácter intermédio, correspondente ao tamanho também intermédio que é o do nosso corpo. Do mesmo modo que este é muito menor do que uma multiplicidade incomensurável de outras realidades (e do que a extensão de todo o campo de realidades que o envolve), mas por outro lado muito maior do que uma também incomensurável multiplicidade de realidades mais pequenas, assim também o aparecimento que se acha constituído é cego para o muito maior (para o abismo do muito maior) e para o muito mais pequeno (para o abismo do muito mais pequeno), que respectivamente enquadram e compõem aquilo que tem apresentado. De tal modo que o "intermédio" que aparece está como que "dessituado", "desenquadrado" da realidade a que pertence--é uma apresentação totalmente privada das referências que a apresentação natural tem como esteios.

Com efeito, se bem que inexplicitamente, caracteriza a apresentação natural uma dupla pretensão de domínio--uma pretensão de domínio do enquadramento e uma pretensão de domínio do pormenor. A primeira forma de domínio é aquela que percebo que faltaria se, por exemplo, visse só uma tecla mas não o computador, tivesse só uma qualquer das realidades presentes nela mas não a sala, ou se tivesse a sala mas a apresentação fosse totalmente omissa quanto à respectiva situação, quanto àquilo que a rodeia, etc.. A segunda é aquela que percebo que faltaria se tivesse uma apresentação da situação da sala mas totalmente omissa quanto ao recheio desta, se pudesse ver globalmente as estantes mas não cada um dos livros, etc.. Numa palavra, a apresentação normal está simultaneamente suportada por uma pretensão de acompanhar o quadro do que se lhe apresenta, de conseguir acompanhar o todo em que se inscreve, e por uma pretensão de acompanhar o que é simples nele, os elementos que o compõem. Esta dupla pretensão não está articulada desta forma definida, não tem um carácter explícito--em regra nem se dá por ela. Mas, mesmo que não chame a atenção, é decisiva para a orientação em que habi-

tualmente nos temos, para a forma como nos sentimos senhores da situação em que estamos. Ora é precisamente esta dupla pretensão, este duplo esteio, que se vê desarticulado no exame da incompletude. E é essa desarticulação que Pascal muito claramente exprime e está em causa nessa "quelque apparence du milieu des choses", de que fala.

Assim, o que se passa e o que é posto em relevo por Pascal é que o enquadramento (o todo) das apresentações naturalmente disponíveis é parte de um enquadramento (de um todo) que falta, que por sua vez é parte de um enquadramento (de um todo) que falta, que por sua vez é parte de um enquadramento (de um todo) que falta--e assim sucessivamente. De tal modo que não somente não se tem o enquadramento, falta o todo, mas essa perda do quadro corresponde a um extraordinária distância (à distância que vai de átomos a mundos que são átomos de mundos que são átomos de mundos, e assim sucessivamente, numa continuação indefinida que não se está em condições de acompanhar). E, além disso, o que se passa e é posto em relevo por Pascal é que as partes, os elementos naturalmente disponíveis, não são partes no modo de já não serem todos--são todos e correspondem a um acompanhamento deficiente, contracto, de muito mais do que nelas aparece (de sorte que a cada elemento simples corresponde precisamente um quadro de realidade que não se tem). E não só as partes são todos, mas são-no de "mundos" inteiros de partes que na apresentação estão "desaparecidas", cada uma das quais por sua vez não só corresponde também a um todo, mas corresponde a mundos inteiros de partes que não aparecem--e assim sucessivamente. De sorte que não somente não se têm as partes--faltam os elementos--mas essa perda das partes, essa perda dos elementos corresponde a uma extraordinária distância (à distância que há entre o que aparece como átomo e o cabimento nisso de um "mundo" de que cada componente pode ainda corresponder a um mundo de que cada componente pode corresponder a um mundo--e assim sucessivamente, numa continuação indefinida que

não se está em condições de acompanhar).

E a partir daqui pode-se entender aquilo que está em jogo nessa noção de uma "certa aparência do meio das coisas" e a forma como ela traduz a situação "entalada" entre os dois abismos que o exame da situação de incompletude revela poder ser a nossa. Por um lado, está implicada nessa noção a ideia de uma posição intermédia entre algo incomensuravelmente maior e algo incomensuravelmente mais pequeno. É esse aspecto que tende a avultar. Mas com isso fica em regra abafado um outro aspecto, de facto o mais decisivo. Pois o que está em jogo não é apenas um incrível aumento das extensões da realidade na direcção do maior e um incrível aumento das dimensões na direcção do mais pequeno, mas a circunstância de esse maior e de esse mais pequeno (de os mundos de mundos, os abismos de abismos que correspondem a ambos) <u>serem algo a que não se tem acesso, que não se tem ponto de vista para acompanhar</u>--ou seja, serem um maior e um muito mais pequeno (serem mundos de mundos no maior e mundos de mundos no mais pequeno) para os quais a perspectiva que se tem está completamente cega. Ao entender-se a noção de meio apenas a partir da posição intermédia entre algo incomensuravelmente mais pequeno e algo incomensuravelmente maior, tende-se inadvertidamente a converter essa relação dimensional numa relação representada como percebida (a própria interpretação da descrição de Pascal está, como se pode perceber a partir de aspectos anteriormente vistos, exposta à interferência de representações inautênticas de totalidade que em grande parte a neutralizam). De tal modo que se perde de vista o carácter <u>não acompanhado</u> do que se situa para lá do "meio" nas duas direcções (e que faz dele justamente um calabouço), ou seja a forma como o ponto de vista está cego, perdido em relação a isso. Ora o "meio" em que a posição entalada entre os dois abismos nos põe é precisamente o contrário daquilo que dessa forma inadvertidamente tende a parecer (não é um "meio" entre extremos

situados, localizados--entre extremos de um intervalo que se conhe ce). Não. É um "meio" de extremos desconhecidos, em relação aos quais está cego, de tal modo que desconhece a sua própria posição. É um "meio" perdido, totalmente perdido dos extremos que o situam, de tudo o que se encontra para lá de si e a partir do qual se poderia definir quer o seu enquadramento (aquilo de que faz parte) quer aquilo de que se compõe. 136

É justamente nesta medida que a "quelque apparence du milieu des choses", de que fala Pascal, traduz o carácter da apresentação que temos, tal como passa a configurar-se a partir do exame da sua incompletude. O que é próprio dessa apresentação, enquanto está entalada entre os dois abismos de escondimento correspondentes aos horizontes externos e ao próprio campo de incidência, é efectivamente o ser apresentação de um meio (de algo de intersticial) assim indefinido--assim perdido daquilo que o rodeia e daquilo que ele próprio abrange. Por outras palavras, o que é próprio dessa apresentação é estar simultaneamente privada de enquadramento (não dominar o enquadramento, estar totalmente perdida e cega a seu respeito) e privada dos elementos do campo de realidade que apresenta (que só aparentemente domina, pois os elementos que lhe aparecem como tais correspondem a "todos" de elementos que não consegue achar, a respeito dos quais está totalmente cega e totalmente perdida). De tal modo que é o escondimento dos extremos (e ,de facto, de tudo quanto nas duas direcções está para lá dele) que faz este tipo de "apresentação do meio" e a perplexidade, a falta de orientação, o estar-dessituado que lhe corresponde. 137

Enquanto não se examina a extensão da incompletude, enquanto funcionam os diversos fenómenos que constituem o escondimento do escondimento em relação à incompletude, enquanto esses fenómenos encobrem a incompletude do nosso ponto de vista, quer quanto aos horizontes externos quer quanto ao campo de incidência, a apresentação (mesmo que tematicamente sustente o contrário) domina o seu en-

quadramento e domina os elementos daquilo que apresenta--não sente em regra e no fundamental nenhuma desorientação nem a respeito de um nem a respeito dos outros. Mas, como o exame da incompletude veio a revelar, esse domínio deve-se a formas de desfocagem e de escondimento de segundo grau que sistematicamente escamoteiam o cabimento da incompletude (pois a incompletude que cabe é na verdade de molde a desarticular inteiramente essa pretensão de domínio). Ou seja, o domínio do enquadramento e dos elementos que habitualmente parece assegurado é um domínio constituído por desfocagem, que vem de não se olhar para a situação em que se está e para a forma como deixa escondida a realidade nos horizontes externos e à realidade no próprio campo de incidência. De sorte que, desfazendo essa desfocagem, a pretensão de domínio fica totalmente desarticulada e a apresentação tida converte-se nisso de que fala Pascal: numa "quelque apparence du milieu des choses".

2.1.3.1. A incompletude da apresentação e a descrição platónica da situação do nosso ponto de vista na "ALEGORIA DA CAVERNA"--a apresentação que temos e o domínio do " ΟΠΙΣΘΕΝ ΗΜΩΝ". O apuramento da incompletude como verificação da descrição platónica.

Todos estes aspectos relativos à incompletude do acesso de que dispomos tornam compreensíveis alguns dos momentos fundamentais da descrição do nosso ponto de vista que é apresentada por Platão no começo do livro VII da República e constituem como que uma verificação do que nela se enuncia. A alegoria que aí figura revela-se, vendo bem, de uma extraordinária adequação ao que se veio a apurar no levantamento da incompletude. De tal modo que, por um lado, esse levantamento permite perceber como a descrição da alegoria nos "assenta" (como é muito mais do que uma construção meramente literária ou qualquer coisa que só faz sentido no quadro de uma certa metafísica) e, por outro lado, a natureza peculiar da situação que o levantamento feito põe a descoberto tem nessa alegoria um instrumento privilegiado de expressão. É certo que muito e até mesmo o mais essencial do que está em causa nessa descrição platónica não passa pela restrição de incompletude mas por outras formas de restrição que afectam o acesso de que dispomos. [138] Mas isso não impede que na situação de incompletude posta a descoberto se manifeste correspondência à condição de "estranhos prisioneiros" que essa descrição apresenta como sendo a nossa. [139] De tal modo que se, naturalmente, ao sermos confrontados com essa descrição, à primeira vista ela parece incompreensível e de qualquer modo muito longe de corresponder à situação em que nos temos, o reconhecimento da incompletude, como foi feito, fornece uma base para se perceber que somos e a que

ponto somos prisioneiros semelhantes àqueles que a alegoria descreve.

*

De facto, no começo do livro VII da **República** está em causa o nosso acesso àquilo que há, como naturalmente se produz. Está em causa esse acesso, toda a apresentação de que dispomos. E está em causa a posição que o alcançado nesse acesso (o tido desta apresentação) ocupa em relação a toda a amplitude da realidade que há--ou seja, a tudo aquilo que, para ser pleno, o acesso teria de cobrir, pôr a descoberto.

E diz-se desta apresentação em que nos temos, deste olhar por que naturalmente estamos levados às coisas, posto ante elas, que essa apresentação corresponde à perspectiva prisioneira de quem está sentado e preso num assento("θᾶκος")[140] no fundo de uma caverna, sem se poder voltar, de tal modo que só tem acesso àquilo que se acha perante si ("πρόσθεν, καταντικρύ")[141], havendo um "atrás de si"("ὄπισθεν")[142] a que não tem acesso, que lhe escapa.

Diz-se que o foco de realidade abrangido pela apresentação de que se dispõe corresponde só a qualquer coisa como um pequeno "canto" de realidade. Mas isto de tal modo que, por efeito do fechamento nesse "canto", da fixação do olhar sobre ele, se perspectiva o próprio canto como sendo a totalidade e não se tem nenhuma ideia das dimensões efectivas do real--que vão além, muito além do que as da totalidade do pequeno canto a que a perspectiva presa se atém. Diz-se que, concedida a possibilidade de operar uma libertação da posição sentada, presa--ou seja, concedida a possibilidade de volvimento para o "atrás" que se mantém inacessível e escondido enquanto se está nela--a conformação do nosso olhar é tal que aquilo que se vê, uma vez produzido o volvimento, é qualquer coisa que

perturba a vista, qualquer coisa que ofusca, de tal modo que, ao olhar para ela, se vê apenas no modo do não conseguir acompanhá-la --de se sentir uma dificuldade de visão.[143] E diz-se finalmente que, sendo assim, quando de facto chega a produzir-se um volvimento em relação à posição sentada que naturalmente se ocupa (e àquilo que essa posição permite ver)--ou seja, quando se chega a olhar na direcção para que naturalmente não se olha--reina uma tendência para se considerar menos real o que aparece nesse "quadrante", uma tendência para lhe atribuir um estatuto de realidade inferior ao daquilo que está à mostra nesse "canto" a que se está habituado e em que o olhar domina: uma tendência para regressar a esse canto, para refazer o fechamento nele e voltar de novo as costas àquilo para que naturalmente se está de costas voltadas.[144]

Isolam-se por agora estes momentos, ou seja o "modelo" desta peculiar forma de prisão, independentemente dos demais aspectos envolvidos na alegoria e que uma autêntica interpretação e verificação do seu sentido teria de levar também em consideração.[145]

*

Mesmo considerando só estes aspectos da alegoria, sem atender a outros que ainda mais reforçam a estranha condição dos prisioneros que descreve, a situação por ela definida parece nada ter a ver com a nossa.

Se a alegoria diz de mim mesmo, neste acontecimento de acesso onde me acho, que estou como que preso a um assento, fixado, acorrentado nele, de tal modo que só posso ver o que está "perante" mim e de tal modo que se mantém inacessível um campo de realidade "atrás de mim" ("ὄπισθεν ἐμοῦ") que me escapa, muito mais vasto do que tudo aquilo a que tenho acesso (tão mais vasto do que isso que a re-

lação entre ambos é a mesma que entre um canto no fundo de uma caverna e toda a extensão da própria caverna mais toda a extensão da realidade exterior), na experiência que habitualmente tenho do meu ponto de vista nada se encontra que corresponda a isto e tudo parece, na verdade, indicar o seu contrário.

Naturalmente que o acesso que se tem é de cada vez acesso a um "perante", a algo que está posto ante mim, num campo de realidade para que estou voltado. Mas isso não significa de modo nenhum uma prisão. Pelo contrário. O "ante mim" a que de algum modo estou ligado como esfera de apresentação a que tenho acesso é qualquer coisa de **móvel**. Disponho da possibilidade de, voltando-me, deslocando-me, etc., fazer incidir o foco do "perante mim" sobre outros domínios do real--pôr ante mim o que antes não estava. De forma que, se num determinado momento, pode efectivamente haver um "atrás de mim" que não aparece (está apagado, fora de vista), em condições normais tenho a faculdade de aceder também a esse "atrás", de adquiri-lo e convertê-lo num "perante". E o que caracteriza o meu olhar é precisamente um quase constante exercício desta mobilidade, uma permanente translação do "perante" sobre que, por natureza, incide. E, assim, a situação em que me tenho parece ser justamente a inversa do que vem descrito na situação da alegoria: não um olhar sentado, fixo, com um "atrás de si" a que nunca acede e de que não faz qualquer ideia, mas um olhar **móvel** (e em quase contínuo exercício da sua mobilidade), sempre já alerta para o que não tem perante si e sempre a fazer entrar o que ainda não está "perante si" na posição de "perante" em que se patenteia. Ou seja, o que se passa comigo parece ser algo de muito diferente de um olhar preso--parece ser um olhar inteiramente livre e em quase constante exercício da sua liberdade.

Numa palavra, a situação da alegoria parece constituir, relativamente à situação do nosso ponto de vista qualquer coisa de artificial--algo que resulta da imposição artificial de um condiciona-

mento a que normalmente não se está sujeito, algo que corresponde a uma diminuição do acesso de que habitualmente se dispõe (a um muito grande aumento das restrições a que o nosso acesso às coisas naturalmente está sujeito). E, por isso, a situação da alegoria não se afigura adequada como descrição da nossa perspectiva normal.

Mas, se assim parece, esta incompatibilidade entre a situação da alegoria e a nossa própria só se mantém enquanto não se atende ao carácter alegórico da alegoria e às condições que efectivamente marcam a perspectiva, o acesso em que nos encontramos.

É necessário discernir bem que é que se acha "retratado" na situação da alegoria, que é que se procura referir com a peculiar forma de prisão, de não mobilidade, de vinculação do olhar, que apresenta. Fazendo-o, verifica-se como ela corresponde na verdade à situação que as análises feitas sobre a incompletude apontam como sendo aquela onde se está.

Atente-se no que se passa com os "estranhos prisioneiros" e no modo como a vinculação a que estão sujeitos condiciona a sua perspectiva.

Se estivesse de facto desde sempre preso, como na situação descrita, i.e.fixado, sem qualquer possibilidade de me mover, numa determinada posição do meu corpo (de tal modo que o meu campo de apresentações fosse sempre apenas o do "perante mim" correspondente a essa posição e desde sempre toda a minha vida se passasse no mundo do que nessa posição se apresenta à minha frente, sem nunca ter acesso a nada mais), o "atrás de mim" a que, agora, porque me posso mover e modificar o foco do olhar, tenho facilmente acesso, teria um carácter completamente diferente daquele de que se reveste agora.

Não somente, nessa situação, seria algo a que não teria acesso (e que se manteria escondido, não acompanhado) mas, para além disso, mesmo que o tivesse de algum modo referido, em horizonte, ten-

deria a manter-se, se assim se poder dizer, sumido em relação à minha perspectiva. Ou seja, nessa situação, o "atrás de mim" tenderia a constituir algo de remoto, não considerado, caído em esquecimento.

Absorvido por completo no campo à minha frente, a que o foco do olhar teria facilmente acesso, onde se moveria sem qualquer entrave e onde se jogaria toda a minha vida (todas as suas funções, todas as suas tarefas, etc.), o "atrás de mim" não teria de modo algum a posição relevante, a presença, de que agora--e em virtude da mobilidade de que disponho-- goza no acesso onde me acho. Estaria, pelo contrário, apagado, retirado, ausente.

Não quer isto dizer que teria de estar constituída, então, como que uma tese de inexistência a seu respeito. Nem quer dizer sequer que houvesse necessariamente uma total ausência de notícia sua (que eu não pudesse ter nenhuma ideia do cabimento disso--mesmo sem o conseguir ver, poderia de qualquer modo tê-lo em horizonte). Quer dizer apenas que, mesmo havendo alguma notícia a seu respeito no curso normal do olhar que então teria, o problema disso tenderia a não se pôr--o atrás de mim estaria excluído de qualquer consideração por pura e simples não imposição--por omissão, por apagamento, falta de relevo.

Numa palavra, a situação da alegoria, o condicionamento específico que nela está descrito, confere à posição "atrás de mim" um carácter peculiar, completamente diferente daquele que tem no horizonte de mobilidade em que normalmente me encontro.[146]

De tal modo que à mesma localização, à mesma posição relativamente a mim no espaço, correspondem, consoante a possibilidade ou impossibilidade de volvimento de que dispõe o olhar, duas realidades, duas formas de presença e ausência, de manifestação e escondimento completamente diferentes.

Agora, na situação de total "liberdade" de movimentos do olhar, onde me encontro, o "atrás de mim" é um campo permanentemente pre-

sente na apresentação das coisas que se me impõe. Por um lado, ele é em regra algo que já vi, algo que, pelo menos na exploração preliminar do que me rodeia (a que naturalmente procedo) já esteve à minha frente. Em segundo lugar, posso modificar livremente todo o "atrás de mim", convertendo-o num "à minha frente". Em terceiro lugar, o horizonte do que se encontra "atrás de mim", mesmo quando não haja ainda sido visto (e mesmo que algum impedimento circunstancial impeça momentaneamente o acesso a isso), é um horizonte que, dado o "hábito" de volvimento que há no meu olhar, está sempre já constituído como um núcleo de presença, integra sempre já o campo daquilo para que estou advertido, que tendo a considerar. De tal modo que, quando ainda não o conheço, estou efectivamente já desperto para ele, procurando vê-lo, suprir a lacuna do seu não-acompanhamento.

Pelo contrário, se a minha situação fosse a da posição fixa (a da situação de prisão de incidência que a alegoria concebe, com tudo aquilo com que tenho de lidar para a gestão corrente da minha vida situado só à minha frente), esse mesmo domínio de realidade atrás de mim, que agora tem para o meu ponto de vista este carácter forte ou de qualquer modo já sempre em relevo, seria algo nunca visto, de que não teria qualquer apresentação, e para que, em virtude da sua ausência de relevo no campo de apresentação, não tenderia a volver o meu olhar--algo tão ausente que a sua ausência nada me espantaria: algo que, estando aí (e por mais próximo que estivesse) estaria numa posição de não-acesso, inteiramente apagado e caído em olvido.

O "atrás de mim" de que fala a alegoria dizendo que há um atrás relativamente ao modo como vemos (àquilo a que temos acesso na apresentação habitualmente constituída) não quer dizer, deste modo, o "atrás de mim" "físico", topográfico--uma determinada posição espacial relativamente ao quadrante para que estou voltado.

O "atrás de mim" de que fala a alegoria, afirmando que o meu ponto de vista, na sua conformação habitual, tem qualquer coisa equivalente a isso, é a <u>situação de não-apresentação e de apagamento, a posição de total exterioridade relativamente ao campo de apresentação</u> (ou seja, o tipo de posição de <u>escondimento</u>) em que a fixação do ângulo de incidência poria tudo aquilo que, no sentido topográfico, se situasse atrás de mim, fora do ângulo de incidência preso a um determinado "perante".

Por outras palavras, o "atrás de mim" de que fala a alegoria é a posição de tudo aquilo que está em relação ao meu olhar numa situação tal que <u>é como se se achasse "fisicamente", topograficamente atrás de mim, estando eu desde sempre numa posição de incidência fixa e não podendo mover-me, voltar-me para o olhar</u>.

Correlativamente o <u>"estar sentado" e preso</u> de que fala a alegoria, afirmando que o meu ponto de vista, na sua conformação habitual, se caracteriza por algo deste género, significa não o condicionamento físico específico que é apresentado nela mas a condição de uma <u>fixação permanente</u> do próprio olhar, num determinado domínio de incidência, a continuada ausência de qualquer volvimento para fora desse dominio assim restrito, deixando sistematicamente fora de ângulo regiões inteiras de realidade, que assim ficam para o meu ponto de vista precisamente na situação de escondimento em que ficaria a realidade "atrás de mim", se desde sempre estivesse com a cabeça presa a olhar para diante, sem me poder voltar.

E por sua vez o <u>"perante mim"</u> de que fala a alegoria também não quer dizer, deste modo, o "perante mim" físico, topográfico (uma determinada posição espacial relativamente à orientação do meu ponto de vista) mas antes o campo de incidência ao qual de uma forma continuada o meu olhar se mantém preso, ou seja, todo o <u>tido</u> na apresentação que me está dada, a região em cujo domínio o meu olhar se move sem dificuldade, cujas fronteiras nunca ultrapassa--região que, no seu todo, não constitui senão uma parte da realidade, deixa sub

sistir um "de fora".

O que faz o "ὄπισθεν", o "atrás de mim" em causa é o carácter restrito da mobilidade: não a total ausência dela ou a circunstância de serem muito poucos os movimentos que comporta, mas o facto de, mesmo sendo vasta a amplitude da modificações de incidência que são possíveis e que efectivamente se realizam, essa variação de incidência deixar fora do seu âmbito algumas regiões da realidade. E, para além disso, o que faz o "ὄπισθεν", tal como está descrito na alegoria--esse "ὄπισθεν" muito mais vasto, incomparavelmente mais vasto do que o "πρόσθεν" (o "perante")--é a circunstância de, por mais amplo que se apresente o espectro das modificações de incidência e o alargamento de incidência que efectivamente tenha lugar (por muitos e vastos que sejam os domínios de realidade por ele cobertos), muitos mais e incomparavelmente mais amplos serem aqueles que deixa por cobrir, nessa posição sumida, de total apagamento, que corresponde ao "ὄπισθεν" no sentido alegórico.

147

Ora esta situação de prendimento, de "assento" do olhar, deixando em posição equivalente ao "ὄπισθεν" da alegoria diferentes domínios da realidade (e mesmo a esmagadora maioria deles), encontramo-la em primeiro lugar, tal qual Platão a descreve, se considerarmos o prendimento, a retenção que caracteriza o nosso ponto de vista em relação aos horizontes externos.

Na verdade, quer na apresentação normal em que o meu olhar está inteiramente absorvido naquilo com que lida (tendo, é certo, de algum modo presente um horizonte de continuação do real, mas de tal forma que esse horizonte está esbatido e não é focado), quer quando volvo o meu olhar para esses horizontes de continuação e os foco, a esmagadora maioria do que efectivamente se situa para lá do imediato, mantém-se, como se procurou mostrar, inteiramente escondida, fora do ponto de vista--numa posição relativamente ao acesso, à apresentação das coisas que há em mim, que corresponde precisa-

mente àquilo que na situação da alegoria caracteriza o "ὄπισθεν".

Quando foco a continuação espácio-temporal da realidade que se me inculca para lá do imediato e consigo inibir as representações inautênticas de totalidade e os demais fenómenos que distorcem e tolhem o sentido dessa indicação, passa a estar em relevo, presente no meu campo de notícia uma realidade para que, antes de ser realizada essa análise (quer dizer, no meu caso, durante mais de vinte anos), quer eu estivesse absorto na lida quotidiana com o imediato, quer me detivesse na consideração de horizontes externos, o meu ponto de vista em absoluto não estava voltado--uma realidade completamente escondida, apagada, "fora de campo".

A primeira notificação que verdadeiramente fez emergir essa realidade do completo apagamento (do total não-estar para mim) em que se achava é precisamente aquela em que passei a perceber como tal realidade fica fora da apresentação de que disponho, como se mantém para lá do ponto de vista em que me situo--como o transcende, como é qualquer coisa de outro que não aquilo que nele se acha dado.

Antes de realizado o processo de focagem dos horizontes externos, sem dúvida que tinha o meu ponto de vista de alguma maneira já "aberto" para eles, dispunha já de alguma indicação a seu respeito (a mesma precisamente cuja análise permite, por exemplo, a detecção das representações inautênticas como representações inautênticas e, por via disso, a emersão dessa realidade, diferente do que é apresentado pelas representações inautênticas, como algo verdadeiramente em relevo no meu ponto de vista, para que efectivamente estou desperto).

Mas, por um lado, na maior parte do tempo antes da realização da focagem, o exercício da mobilidade de incidência, sendo frequente e muito irrequieto, atinha-se a determinados itinerários e a determinadas esferas, dentro daquilo a que se chamou o "território" do olhar. E, por outro lado, mesmo quando se chegavam a produzir

tematizações que rompiam a vinculação habitual aos circuitos de mobilidade no território, a indicação desses horizontes estava, como se procurou mostrar, tolhida pela interposição de representações espúrias de totalidade e dos demais fenómenos que distorcem a apresentação dos horizontes externos e a prendem num plano desfocado. Ou seja, mesmo até quando ocorriam tematizações dos horizontes externos em causa, aquilo em que o meu acompanhamento se quedava eram ainda os correlatos dessas diversas apresentações desfocadas e não os domínios de realidade efectivamente em causa--que eles próprios, na sua diferença relativamente ao apresentado dessas apresentações desfocadas, se mantinham ainda em completo apagamento.

De sorte que toda a notícia que já tinha dos domínios abissais do real de que se trata como que se desviava desses domínios com que de algum modo já tinha a ver--como que se perdia deles, deixando-os de facto totalmente destituídos de presença para o meu ponto de vista, escondidos: numa posição de "ὄπισθεν".

E, assim, toda a inegável mobilidade que o meu ponto de vista tem antes de detectar e inibir os diversos fenómenos de despercebida ambliopia que absorvem a perspectivação dos horizontes externos, toda a mobilidade que sempre me permite focar tudo o que quiser de entre o que me rodeia, desde o mais próximo até ao mais distante (da Europa à Galáxia, e mais além ainda; uma sucessão sem fim de tempos do passado e do futuro e de tudo o que teve ou terá lugar nesses tempos, etc.,etc.) constitui na verdade uma mobilidade num domínio circunscrito, uma mobilidade no quadro de um "perante mim" (de um "πρόσθεν") a que estou preso--o "πρόσθεν" da apresentação habitual dos horizontes externos. Ou seja, toda a mobilidade habitual do meu ponto de vista em relação aos horizontes externos é uma mobilidade num plano conformado pelo esbatimento dos limites, pelas representações inautênticas de totalidade, pela tese de homogeneidade, pela tese de relegação de importância--e no plano desses fe-

nómenos que o meu olhar se move, é ele que está, nesse sentido, à minha frente. E tudo o que é encoberto por esses fenómenos--a própria realidade que correponde aos horizontes externos--só começa a ganhar presença quando se inibe o esbatimento dos limites, se suspende o embarque em representações inautênticas de totalidade, se percebe a fragilidade do princípio de Arlequim (e a forma como de facto o seu funcionamento esconde o que está para lá da esfera de acesso, mantém a nossa perspectiva afastada de olhar efectivamente para ele). Por grande que seja, toda a mobilidade habitual do nosso ponto de vista em relação aos horizontes externos é uma mobilidade no quadro do "assento" (do "ἕδος" do olhar, do "assento" do "território", do "assento" do complexo de fenómenos referidos, presa do que um e o outro põem à sua frente)--uma mobilidade correspondente àquela de que os estranhos prisioneiros também gozam, a liberdade que têm de focar as diversas mostrações que se apresentam no fundo da caverna.

Preso deste modo no "ἕδος" do "território" ou do complexo de fenómenos em que fica retido quando passa para além dele e tematiza os horizontes externos, nenhum dos movimentos desse olhar leva à descoberta do abismo (do abismo de abismos) de continuação da realidade que as análises realizadas detectam. Tudo isso é algo que está aí, sim, mas de tal modo que a apresentação que tenho em regra o deixa inteiramente "atrás de si", nem o "sonha".

E por outro lado o campo do que assim corresponde exactamente ao "ὄπισθεν" da situação descrita por Platão evidenciam-no as análises efectuadas em relação aos horizontes externos como um domínio na verdade imenso, de amplitude esmagadora (como um abismo de abismos de abismos)--incomensuravelmente mais vasto do que toda a apresentação disponível.

De tal modo que não somente emerge um quadro em tudo correspondente ao dessa peculiar forma de prisão que faz que o ponto de vista tenha um "ὄπισθεν", mas para além disso as dimensões desse "ὄ-

πιθεν" em nada parecem revelar-se menos amplas que aquelas que Platão aponta ao reduzir o "προσθεν", quer dizer, todo o campo das apresentações a que se tem acesso, a um pequeno canto no fundo da caverna e ao atribuir ao "ὀπισθεν" as dimensões correspondentes não só a todo o resto da caverna mas, para além disso, a toda a realidade exterior (em comparação com a qual a própria caverna é muito pouco)--i.e. ao reduzir o "προσθεν" a uma pequena clareira numa imensidão de "ὀπισθεν".

A dificuldade em reconhecer que assim é (em perceber a condição que se tem como a de uma estranha prisão, a de um olhar "sentado", imóvel, prisioneiro) vem do próprio apagamento total daquilo que escapa, da sua posição "ὀπισθεν", ou seja, da própria situação como Platão a descreve. Nela, o tido--por mais que na verdade seja pouco, muito pouco, e deixe uma imensidão de fora--justamente porque esta imensidão está apagada, ausente, parece esgotar o que há: parece ser o mundo.

Mas, analisando a própria apresentação dos horizontes externos e percebendo o efeito de distorção dos diversos fenómenos que naturalmente a dominam, o campo de tudo aquilo que não se acha abarcado pela clareira de apresentação a que se tem acesso emerge na sua diferença relativamente ao que está tido na apresentação habitual, nas extraordinárias dimensões de que se reveste, etc.. Por tal forma que se torna perceptível como para um ponto de vista que dispusesse de um acompanhamento adequado da realidade desses horizontes externos (e não é preciso ir mais longe, ainda que seja somente daquilo que teve lugar, por exemplo, na Península Ibérica durante as últimas 24 horas), a perspectiva em que me acho corresponde exactamente à do acanhado âmbito de apresentação, ao ínfimo canto da realidade que a alegoria descreve como sendo o campo de apresentação de que dispõem os "estranhos prisioneiros"--a essa perspectiva extremamente confinada, cega para a esmagadora maioria do que

há.

*

Se, por outro lado, o que se verifica a respeito dos horizontes externos congrui com a descrição que a alegoria faz da nossa situação, o prendimento detectado relativamente ao próprio domínio do real sobre o qual o olhar incide, o prendimento que se procurou pôr em evidência nas análises ensaiadas a respeito do que há na sala em que me encontro, não apenas corrobora plenamente essa congruência entre a nossa situação e a da alegoria, mas fá-la perceber de modo ainda mais agudo e mais completo.

Aquilo que a descoberta da incompletude da apresentação relativamente ao próprio domínio sobre que incide em primeiro lugar traz consigo é uma multiplicação das frentes em que se revela o "ὄπισθεν", e correlativamente a descoberta de que o grau de prendimento e a amplitude daquilo que em relação ao meu ponto de vista está como se se situasse atrás de mim e eu nunca me voltasse, nunca dirigisse o meu olhar para ele, são ainda muito maiores do que já se percebia no caso dos horizontes externos.

Também quando olho os domínios de realidade que, segundo me parece, me estão directamente dados (aqueles mesmos que me são mais familiares e me estão mais próximos), também aí, como se procurou mostrar--e contra tudo o que naturalmente se sugere e parece evidente--o ponto de vista está retido. Retido de tal modo que na verdade deixa fora do seu campo de apresentação uma multidão inabarcável de realidades que, no sentido "físico", topográfico do termo, tem à sua frente, perante si. Não obstante estar assim--no sentido literal--ante mim, no espaço e no tempo para que estou voltado, um imenso campo de realidades permanece, em relação ao meu ponto de

vista, numa posição tal que o "perante mim" constituído no meu ponto de vista não o adopta, o deixa inteiramente fora do seu âmbito --exactamente como se, no sentido topográfico, se achasse atrás de mim e o meu ponto de vista estivesse imóvel e condicionado a só olhar para a frente.

Já no tocante aos horizontes externos se manifestava que o "deixar ficar atrás de nós (fora do domínio aberto pela apresentação que se tem) não radica pura e simplesmente numa falta de incidência, i.e. não ocorre apenas porque não me volto para um determinado domínio de realidade, não dirijo o meu olhar para o quadrante espácio-temporal em que se situa--como se só com dirigir o meu olhar para esse quadrante o "ὄπισθεν" ficasse suprimido.

O deixar fora de acesso ("atrás" de nós, no sentido referido) de que se trata radica antes num defeito da própria incidência, mesmo quando ocorre. Posso dirigir o meu olhar para o horizonte Portugal, que desse modo deixa de ser um horizonte esquecido e passa a estar em foco. Porém, dominado pelo complexo de fenómenos que se descreveu e tolhido pelo seu efeito, por mais que incida sobre tal horizonte, nem por isso o meu olhar deixa de ter nesse mesmo campo sobre que incide uma multiplicidade imensa de real que se mantém para ele numa posição de "ὄπισθεν". Mas isto, que se deixava ver já a respeito dos horizontes externos, apresenta-se de forma ainda muito mais vincada quando o domínio de realidade em causa nem sequer se acha, como aí ainda é o caso, relativamente distante de onde estou, sem apresentação directa, antes é o próprio domínio daquilo que está perante mim, no sentido espacial do termo--imediatamente próximo e, segundo toda a evidência, dominado, tido.

Aqui mostra-se a justeza da descrição platónica onde ela menos parecia possível: não obstante estar voltado para o domínio de que se trata, vendo-o, não obstante ser a ele mesmo que o meu olhar se dirige (e de tal modo que este domínio está tão presente a mim quanto parece ser possível), uma imensa multiplicidade do que a ele per

tence não logra entrar na apresentação que tenho, mantém-se estranha a essa apresentação, totalmente apagada para o meu ponto de vista.

Ao constituir-se a apresentação que tenho do que está perante mim, no sentido espacial e no sentido temporal do termo (o que se situa no quadrante para onde olho), só uma parte dele--e, procurou-se mostrar, uma parte mesmo bastante pequena--é admitida ao "perante mim" que para mim se abre. O demais fica exactamente na mesma posição relativamente ao meu ponto de vista, na mesma situação de "ὄπισθεν", de "atrás dele" (quer dizer de exterioridade relativamente a tudo aquilo para que se está desperto) que a alegoria descreve e afirma ocorrer na forma como está constituído o acesso de que dispomos. De tal modo que, por mais que a minha perspectiva se mova, por mais que, alterando o ângulo de incidência sobre as realidades que há no domínio de realidade que tem perante si (v.g. a sala), ganhe mais e mais aspectos novos que antes completamente me escapavam ou não estavam bem vistos, toda essa mobilidade e todo esse enriquecimento da apresentação se passa num âmbito restrito, e na verdade bastante restrito, relativamente à realidade que há, deixando sempre ainda numerosos campos de realidade inteiramente insuspeitados, em total apagamento.

Ou seja, a mobilidade que indubitavelmente caracteriza o ponto de vista no acesso à sala (a quase contínua alteração de incidência que se produz nela) é uma mobilidade como aquela de que dispõem os "estranhos prisioneiros"--a mobilidade relativamente àquilo que têm perante si na situação de prendimento, de fixação do olhar, uma mobilidade somente dentro desse âmbito. Numa palavra, é uma mobilidade de facto vinculada, uma forma de passagem que mantém sempre a não-passagem para lá do "πρόσθεν ἡμῶν" e o fechamento do "ὄπισθεν".

Antes de realizadas as análises que são necessárias para fazer

-coisas que se põe a nu na análise da incompletude.

Assim, de acordo com a descrição da alegoria, o volvimento do olhar a partir da posição fixa que naturalmente tem no fundo da caverna é experimentado pelo prisioneiro de tal modo que a nova incidência, diferente daquela a que estava habituado, que por esse volvimento se constitui é uma incidência em que sofre qualquer coisa como uma ofuscação ("ἀμαυρότης", "αὐγή"), uma experiência de insuficiência da visão relativamente ao seu objecto--de excesso deste sobre a capacidade da visão, de um excesso tal que justamente
148
não se consegue ver. De tal modo que, por um lado, a perspectiva aberta pelo volvimento é uma perspectiva difícil de sustentar, de aguentar, uma direcção do olhar em que o prisioneiro se perturba, se desorienta. E de tal modo que, por outro lado, o prisioneiro não encontra na nova incidência um acesso comparável àquele que está facultado na implantação normal do seu olhar, no seu assento, mas antes qualquer coisa que, comparada com aquilo que normalmente tem quando está sentado, se reveste de um carácter aparentemente muito mais "fraco, muito menos consistente. Pois aquilo que se apresenta, uma vez produzido o volvimento, é qualquer coisa que se dá a ver precisamente só no facto de estar a escapar, de se manter escondido--qualquer coisa que, desse novo modo, continua ainda a recusar-se, a manter-se fora de alcance.

De onde resulta que a mudança de incidência não se apresenta para o prisioneiro como um efectivo desconfinamento do seu ponto de vista, como uma verdadeira aquisição, um verdadeiro alargamento do campo de acesso, mas, pelo contrário, como qualquer coisa que só traz dificuldade, só traz uma perturbação do ponto de vista--uma perturbação com a qual aparentemente não se ganha nada.

De tal modo que a tendência de quem sofre esta mudança é para se refugiar de novo na zona de claridade da sua implantação normal, do seu assento, fugindo da nova forma de incidência e do que

emergir do total apagamento em que naturalmente se acham todos os campos de realidade sucessivamente focados na apreciação da incompletude do acesso que tenho à sala (a esta sala em que me encontro e, à semelhança dela, a todas as demais salas, a todos os demais espaços que, uns após os outros, vão estando no foco de incidência), os domínios de realidade sobre que de cada vez o meu olhar incide estão amputados de uma grande parte dos complexos de realidade que lhes correspondem. E o âmbito do que assim fica eliminado e constitui, em cada incidência do olhar, um "ὄπισθεν" no próprio quadrante sobre que se incide é também ele enorme, é também ele em cada incidência correspondente à desproporção entre o pequeno canto ao fundo, para que os prisioneiros estão voltados, e toda a demais realidade de que se fala na alegoria da caverna.

E assim, mesmo que não houvesse senão o que de cada vez é o pequeno domínio do real sobre que o olhar incide (quer dizer, mesmo que não ocorresse, como ocorre, o esmagador "ὄπισθεν" dos horizontes externos), para um ponto de vista de perspectivação adequada da realidade presente no campo de incidência o ponto de vista em que me tenho corresponde exactamente às características do pequeno foco aceso, só num canto, cego para a muito mais ampla realidade de tudo o mais, que a alegoria descreve como o horizonte dos "estranhos prisioneiros".

*

Mas, se isto é assim no que diz respeito à estrutura de fixação, do "assento" da perspectiva, por outro lado também no que diz respeito àquilo que acontece quando se chega a produzir volvimento, quando de alguma forma se descobrem realidades que habitualmente se mantêm numa posição "ὄπισθεν", a descrição da alegoria da caverna encontra pleno preenchimento, é "verificada" pelo estado-de-

nela se apresenta, como algo que justamente tem menos realidade do que o que se oferece na visão normal e muito menos clareza do que isso.

Ora é qualquer coisa deste género que justamente ocorre na descoberta dos horizontes de escondimento em causa na verificação da incompletude.

Assim, por um lado, a apresentação do "para-lá" não acompanhado que a percepção da incompletude faz emergir do apagamento em que normalmente se mantém não é uma apresentação que efectivamente me dê esses domínios de realidade, os ponha ao meu alcance como algo efectivamente visto, mas uma apresentação que apenas os evidencia no não-acesso em que me encontro relativamente a eles, na extraordinária ultrapassagem, no extraordinário excesso que representam relativamente a tudo quanto sou capaz de acompanhar deveras.

A inovação sobre a incidência habitual que a descoberta da incompletude e dos campos de escondimento que lhe correspondem traz ao nosso ponto de vista tem precisamente o carácter de uma descoberta do que não alcança, de uma experiência de falência do ver. Por outras palavras, tal como na alegoria se enuncia, a constituição da nova incidência, o "despegar" do olhar, não se realiza pura e simplesmente por um alargamento do acesso que transporte directamente para o novo campo de incidência (num "veni, vidi, vici" da apresentação--numa apresentação que o dê efectivamente). Realiza-se antes, se assim se pode dizer, "negativamente", na experiência da insuficiência, de fracasso do ponto de vista--do seu carácter limitado. É uma modificação de incidência para o que não se consegue acompanhar, para o que não se enxerga e para o ver que não se enxerga.

É o fenómeno da "μαμαρυγή", da ofuscação, tal como na alegoria se acha apresentado, traduz precisamente a natureza da perspectiva que assim é aberta.

Trata-se, antes do mais, de um não-conseguir-ver que radica no

facto de aquilo que se trata de ver ultrapassar a capacidade do olhar, ser algo que excede essa capacidade, que esmaga, se assim se pode dizer, as suas possibilidades de acompanhamento.

Tal como acontece numa ofuscação, há na perspectivação de todos esses campos de escondimento precisamente algo que se apresenta, que é visto (sendo justamente isso que ofusca, "fere" o ver). Mas, tal como acontece numa ofuscação, também na focagem desses horizontes para que não se tem ponto de vista isso que assim se apresenta apresenta-se de modo tal que, ao vê-lo, o ver não vê, não consegue acompanhar o que se lhe oferece (passe por agora a fórmula paradoxal, cujo sentido mais tarde se tentará discutir)--e o que consegue ver daquilo que assim se lhe apresenta não é senão precisamente esse não conseguir, essa falha em que está a seu respeito.

E tal como acontece relativamente àquilo que provoca ofuscação, quando o ponto de vista se volta para os horizontes de escondimento correspondentes à sua incompletude, a direcção do olhar para esses domínios, fitando-os de frente, é uma direcção difícil de sustentar, de aguentar--em que o nosso ponto de vista "perde o pé", se desorienta.

E por outro lado, em consonância também com o que se descreve na situação da caverna, por um peculiar condicionamento do nosso ponto de vista, essas novas perspectivas, mesmo quando se impõem numa evidência, mesmo quando percebo que a realidade a que se reportam é tão real quanto a que tenho efectivamente apresentada, tendem, apesar disso, a não ter o mesmo grau de impacto que aquilo que naturalmente me está dado. De tal modo que até quando claramente compreendo e homologo que as coisas são assim, como nessas perspectivas se aponta, isso não invade, tende a não invadir o meu campo numa incontornável imposição de si, num prendimento ao facto que manifesta. Notícia, que é, do remoto, a apercepção dos horizontes não tidos tende a conservar-se, não obstante a sua evidência, ela

própria algo de remoto, que não move, não "faz frente" ao nosso ponto de vista.

Ora, constituindo desta forma algo a que o ponto de vista não consegue chegar, ou seja, mantendo-se inacessíveis, e, por outro lado, tendendo a indicar-se com um menor grau de impacto que aquele com que se dão as coisas efectivamente apresentadas, os horizontes que a averiguação da incompletude faz emergir do apagamento em que normalmente se acham tendem a parecer de facto **menos reais** do que a esfera de realidade em que de ordinário me movo e que sempre está aí disponível para mim.

Finalmente, dado esse estatuto de realidade "menos real" com que assim inexplicitamente tendem a apresentar-se, e dada, por outro lado, a própria dificuldade que há em aguentar o olhar focado neles (a quase insustentabilidade do fitá-los, o incómodo que provoca estar voltado para eles), os horizontes que estão numa posição "ὄπισθεν" relativamente à orientação normal do nosso olhar e ao campo de realidade que lhe corresponde são horizontes a que, tal como o "ὄπισθεν" da alegoria, mesmo uma vez vislumbrados, **se tende de novo a voltar as costas** : há uma forte propensão para deixar, para abandonar essas novas perspectivas, esses novos horizontes só tidos no modo da "μεμαθυτά" e para se fechar de novo o ponto de vista no **território natural**--numa assunção de que **isso** é que é **real** e num esquecimento de tudo o que se situa para lá dele.

Sendo que, tal como no caso dos prisioneiros, essa tendência para o encerramento e reencerramento no território, essa tendência para o apagamento e reapagamento da realidade exterior a ele e para a respectiva destituição como algo menos real, com um estatuto de realidade "diminuído", não corresponde a mais do que a um condicionamento da própria situação, que desvia o nosso olhar da percepção da sua incompletude.

149

2.1.3.2 Balanço de todo o levantamento realizado sobre a INCOMPLETUDE--as alterações da FORMA DA FINITUDE no âmbito da primeira modalidade. A fragilidade da determinação da incompletude e a possibilidade de fixação de um resultado. A subversão da forma no âmbito da incompletude e o seu limite--a impossibilidade de um escondimento total no quadro da primeira modalidade.

Tendo em atenção todos os aspectos sucessivamente passados em revista, cumpre finalmente procurar estabelecer, pôr em relevo o resultado da indagação efectuada.

Tratava-se de apurar o problema relativo à forma da finitude do nosso ponto de vista--e isto no âmbito da primeira modalidade de imperfeição do acesso, i.e. no âmbito da sua incompletude.

Como ficou fixado no início do ponto 2, esse problema articula-se em três quesitos.

O primeiro diz respeito à derrogabilidade da forma natural, à possibilidade de se encontrarem volumes de retenção, de restrição do acesso, que subvertam o regime natural do enquadramento das falhas como lacunas.

O segundo diz respeito à identificação da forma da finitude que--verificando-se que a forma natural resulta na verdade de um condicionamento e mascara a situação real de finitude--efectivamente corresponde à situação em que se está.

Finalmente o terceiro quesito concerne à possibilidade de se verificar qualquer coisa como uma invasão total do escondimento--um integral colapso da eficácia do acesso que se tem.

O percurso realizado permite já responder aos três quesitos

fundamentais em causa. E é chegada a altura de apurar, pôr a claro tais respostas.

*

O primeiro ponto que tem de ser esclarecido neste contexto, antes mesmo de se entrar na fixação das respostas, das conclusões que as averiguações efectuadas permitem estabelecer relativamente a estes três quesitos, é o da própria possibilidade de se falar aqui de conclusões, de um resultado.

Isto porque, ainda que até aqui não se tenha vincado que assim é, todo o inquérito realizado acerca da incompletude tem um carácter na verdade ingénuo e está afectado por uma fragilidade difícil de sanar.

Com efeito, toda a verificação da incompletude do nosso ponto de vista depende em última análise sempre de uma tese ou um conjunto de teses sobre o "para lá" daquilo que propriamente nos está dado--tese ou conjunto de teses que não tem de maneira nenhuma um carácter apodíctico, antes pode ser sempre posta em causa.

As teses sobre aquilo que não está propriamente tido, as teses sobre a continuação da realidade para lá do que efectivamente se acha à mostra, revestem-se intrinsecamente de uma índole, se assim se pode dizer, "fraca", problemática, que não permite ter como absolutamente seguro o que quer que seja que nelas se sustente.

Em última análise, só goza de apodicticidade o próprio campo do que está efectivamente apresentado. E toda a perspectivação da incompletude tem por inerência um carácter meramente hipotético. Em última análise, por mais que tal se afigure inverosímil, é até possível--não se tem meio de excluir absolutamente--que a realidade se esgote inteiramente naquilo que de cada vez se apresenta. De tal modo que o acesso de que se dispõe não padeça em absoluto de nenhuma

incompletude. Ser assim obrigaria, sem dúvida, a uma radical revisão do modo como se tem reconhecida a realidade, a uma transformação drástica da concepção que dela se tem. Mas não é uma coisa absolutamente impossível. Não é uma possibilidade que em definitivo se possa eliminar com fundamento, susceptível de ser inteiramente excluída.

Na indagação da situação em que se está relativamente à finitude de erro e à finitude modal, ver-se-á mais precisamente todo o complexo de problemas relativos a esta fragilidade e procurar-se-á mostrar como o facto de se dar não diminui--antes aumenta--a finitude do nosso ponto de vista. Por enquanto, sublinha-se apenas que há uma fragilidade deste género, que essa fragilidade tem de ser co-equacionada na compreensão do problema da incompletude, mas que, por outro lado, apesar disso (e este é de momento o ponto decisivo) a fragilidade em causa não anula, não impede a modificação de perspectiva sobre a forma da finitude que a averiguação da incompletude, tal como foi feita, é já de molde a acarretar.

Com efeito, se é verdade que o reconhecimento da incompletude tem um carácter irremediavelmente hipotético, não se podendo assegurar nunca, em última instância, que há o que quer que seja para lá do que se vê, por outro lado essa mesma fragilidade que impede a afirmação apodíctica de que a apresentação que se tem é incompleta também não autoriza de maneira nenhuma a exclusão da possibilidade da incompletude, i.e. da possibilidade de haver de facto horizontes não acompanhados--e de eles terem justamente as dimensões abissais que se esboçaram.

Se o reconhecimento da incompletude do ponto de vista padece de uma fragilidade intrínseca, tem um carácter irremediavelmente hipotético, problemático, por outro lado não menos frágil, não menos problemático é o não reconhecimento, a perspectivação da não-existência de realidades não apresentadas, que estão fora de alcan

ce. Na situação em que se acha, o nosso ponto de vista não dispõe de nenhum meio pelo qual possa eliminar essa possibilidade do para-lá-de-si a que não tem acesso.[150]

Deste modo, todas as reservas suscitáveis a respeito do reconhecimento da incompletude, todas as restrições modais a que se tem de reconhecer que está sujeito, em nada alteram o fundamental da modificação da compreensão da forma da finitude que as análises levadas a efeito promovem.

Pois na verdade, como desde o princípio se procurou pôr em relevo, o que fundamentalmente constitui a forma da finitude dominante na compreensão do ponto de vista é uma antecipação implícita da amplitude total possível da sua imperfeição, i.e. uma delimitação, uma fixação restritiva da finitude que se admite. Ora, se não é possível asseverar em regime de apodicticidade nenhuma perspectiva de reconhecimento da incompletude (e se isso afecta naturalmente também o levantamento da incompletude que se levou a cabo), a situação em que esse levantamento nos deixa no seu termo é de qualquer modo precisamente a do confronto com a possibilidade (com a inanulável possibilidade) da incompletude e com a não menos inanulável possibilidade de a incompletude ter as extraordinárias dimensões que foram referidas.

Ou seja, mesmo deixando uma margem de incerteza sobre qual de facto a situação real de incompletude, as averiguações realizadas introduzem, fazem emergir como possibilidade isso cuja impossibilidade, cuja exclusão justamente constitui a forma natural da finitude. E introduzem, fazem emergir essa possibilidade de forma irreversível. De tal modo que transformam completamente a autocompreensão do ponto de vista.

Para a alteração da situação relativamente à forma de finitude, e porque a forma diz respeito à definição da finitude possível, não é necessário o estabelecimento apodíctico de qual é efectivamente a margem de incompletude a que o nosso ponto de vista está sujeito.

Basta justamente uma alteração da situação no que diz respeito à possibilidade. De tal modo que o percurso efectuado já é suficiente para alterar a perspectiva e para estabelecer alguns pontos acerca do problema da forma da finitude no âmbito da primeira modalidade.

Nesta medida, independentemente de todas as restrições que marcam os apuramentos conseguidos, é possível então falar de um resultado da averiguação levada a cabo sobre a incompletude.

*

Sendo assim, o que este resultado do inquérito em primeiro lugar estabelece é que, verificando a situação real do ponto de vista, há uma série de restrições naturalmente vigentes a respeito da amplitude possível da incompletude que cai por terra. E que a suspensão dessas restrições produz uma alteração global da forma como o ponto de vista percebe a sua posição--uma alteração global da compreensão que tem da relação de forças entre a sua eficácia e a sua incapacidade (a sua margem de falência).

Com o que fica obtida uma resposta ao primeiro quesito, acerca da possibilidade da subversão da forma natural.

Sim, é de facto possível uma modificação da forma da finitude no âmbito da incompletude. A forma natural da finitude, em que esta se acha reduzida à condição de lacuna, não tem nada que a garanta, que a confirme na evidência de que naturalmente se reveste. Ela resulta de um condicionamento de óptica, de uma formidável redução--e de uma redução infundamentada--no reconhecimento do âmbito da incompletude que na verdade pode estar a afectar o nosso ponto de vista. As próprias indicações por que o meu ponto de vista está orientado na compreensão da realidade que o rodeia sugerem um qua-

dro de incompletude inteiramente irredutível ao regime de enquadramento e subalternização da falha que é próprio da forma natural da finitude.

E não somente é possível uma subversão da forma natural (e a verificação das condições reais da situação em que se está implica a suspensão das restrições que a constituem), mas, para além disso, mesmo quando já se realizou uma ruptura desta ordem--e mesmo uma ruptura de muito amplas dimensões--tal ruptura pode na verdade ficar ainda muito longe de esgotar a margem de subversão das restrições constitutivas da forma natural que a situação em que nos achamos autoriza (e que é necessário esgotar para se conseguir ver efectivamente a nu a que ponto a apresentação de que dispomos está exposta à possibilidade de ser incompleta.

E isto de tal forma que, mesmo até quando já ocorreram não uma, mas várias rupturas desta ordem, mesmo aí é possível que essa margem esteja ainda muito longe de se achar esgotada e que a supressão das exclusões infundamentadas da forma natural (e tanto quer dizer, a amplitude possível da incompletude do nosso ponto de vista) vá de facto muito além do que aí já se perspectiva.

A multiplicidade de exclusões implícitas que convergem na constituição da forma natural só a pouco e pouco emerge do anonimato em que cada uma delas naturalmente "funciona". E, mesmo quando já ficaram inibidas muitas e importantes exclusões dessas (produzindo-se com isso substanciais alterações da forma da finitude), podem e tendem a persistir, ainda assim, outras exclusões que, em relação a aspectos não menos decisivos, mantêm de pé a pretensão de eficácia do ponto de vista natural, a sua autocompreensão como ponto de vista soberano, com um acesso praticamente irrestrito.

Esta peculiar estrutura, a que corresponde a possibilidade de uma sucessão de formas da finitude que, não obstante constituírem um cada vez maior afastamento relativamente à forma natural, man-

têm ainda de pé uma parte das exclusões que a constituem, é uma estrutura que se tentou pôr em evidência na análise dos horizontes externos (cf. supra 2.1.1.9) mas que a análise da situação relativamente ao próprio campo de incidência manifesta ainda mais claramente na extraordinária complexidade de que se reveste. A sucessão de modificações da forma da finitude no quadro dos horizontes externos continua-se também por uma sucessão de drásticas subversões da compreensão da incompletude possível no próprio foco de incidência, com as consequências de redimensionação, de remultiplicação da própria amplitude dos campos de latência nos horizontes externos, que oportunamente se procurou assinalar que dela decorrem. [151]

Numa palavra, não só a resposta ao primeiro quesito, sobre a erradicabilidade da forma natural, é positiva, mas para além disso a erradicação da forma natural da finitude no âmbito da modalidade da incompletude vai muito longe no distanciamento relativamente à forma natural e na perturbação da autocompreensão do nosso ponto de vista. E, mais ainda, essa distanciação relativamente à forma natural vai mesmo ao ponto de se aproximar da total inversão da relação de forças naturalmente vigente entre os domínios de eficácia e de restrição do acesso, manifestando possibilidades de escondimento (de um ficar-de-fora) em todas as regiões da realidade e a possibilidade de, mesmo nos âmbitos mais próximos, mais pequenos e aparentemente mais acompanhados, haver campos de latência de dimensão desmesurada, abissal.

De tal modo que, inibido o condicionamento natural, o que se apura vai, de suspensão em suspensão, no sentido de uma suspensão total da exclusão de incompletude, aproximando-se cada vez mais de la.

*

Mas, se isto é assim no que diz respeito ao primeiro quesito e se, deste modo, o que as análises efectuadas põem a nu é qualquer coisa como uma invasão da incompletude, penetrando todos os domínios da realidade e todos os momentos da apresentação que se tem, por outro lado já no que diz respeito ao segundo quesito, à identificação da forma da finitude que efectivamente corresponde à situação de incompletude em que se está, parece ser de facto inconclusivo o inquérito até aqui realizado--e não só o inquérito realizado até aqui mas na verdade aparentemente também qualquer inquérito que se realize.

Com efeito, um dos aspectos postos em relevo no curso da averiguação levada a cabo é precisamente o de não haver, na posição de acesso em que nos achamos, nenhuma possibilidade de excluir que, por mais longe que já se vá, na suspensão de exclusões relativamente à amplitude possível da incompletude, possa persistir ainda indetectado e em vigor um número indeterminado de exclusões implícitas. De tal modo que ainda permaneça numa posição "ὄπισθεν" relativamente ao nosso ponto de vista um conjunto muito significativo de campos de latência, um conjunto cuja detecção eventualmente poderá ser de molde a "afundar" ainda mais o nosso ponto de vista, alterando a sua autocompreensão, a forma da finitude vigente nele .Ou seja, constitui justamente um dos resultados da averiguação levada a cabo que a escala das formas de finitude que nela se acha percorrida não tem, não pode ter o carácter de uma escala fechada.

E, por outro lado, a própria circunstância de a detecção da incompletude estar sujeita a restrições de ordem modal (e não ter nenhum meio de se garantir como qualquer coisa de absolutamente certo) faz que não seja possível estabelecer de forma inteiramente assente que a incompletude do ponto de vista em que se está tem esta ou aquela ordem de grandeza, está marcada por estas ou aquelas fronteiras concretas. Toda a marcação que se faça depende de teses não

apodícticas, que em última análise podem ser postas em causa.

A margem de indeterminação resultante desta restrição modal é muito ampla. A situação de incompletude em que efectivamente se está pode ter dimensões abissais da ordem das que foram apontadas. Mas, em última instância, como foi frisado, também não se pode excluir inteiramente o extremo oposto, i.e. que o próprio ponto de vista esgote a realidade, seja em absoluto a realidade e não haja na verdade nenhuma incompletude.

O levantamento feito, deste modo, não permite levar a um esclarecimento cabal do problema de saber qual a forma de finitude efectivamente correspondente à incompletude que afecta o nosso ponto de vista. Não faz mais do que pôr, de forma muito mais aguda, muito mais premente do que antes da sua realização, ante o facto de não se saber isso--ou seja ante o próprio problema.

*

Só que, finalmente (e com a fixação deste aspecto se conclui a análise da modificação possível da forma da finitude no quadro da imperfeição de incompletude) a incapacidade de dar resposta, em que se está no que diz respeito ao segundo quesito, não significa que nada também se possa estabelecer a respeito do terceiro--acerca da possibilidade de a subversão da forma natural da finitude chegar ao extremo de um total varrimento da evidência que se tem (de tal modo que nada reste que não seja afectado por uma restrição de acesso, por escondimento--ou seja, de tal modo que a finitude seja total).

Com efeito, se, a manter-se a situação em que nos achamos, nunca a escala detectada das formas da finitude pode ter o carácter de uma escala fechada (e se não se pode excluir uma expansão, um agravamento para lá da subversão da forma que de cada vez já se acha

produzida), por outro lado essa expansão sempre possível não é absolutamente ilimitada, não é ilimitada em todos os sentidos.

É-o de facto no sentido de a expansão, o agravamento poder sempre prosseguir para lá do nível de cada vez já atingido, ultrapassando as dimensões manifestadas nele.

Mas não é absolutamente ilimitada porque, por mais que sempre possa crescer para lá do que de cada vez já se tem apurado, esse crescimento dá-se (tem de se dar) sempre aquém de uma fronteira, que em absoluto não pode ultrapassar--e que funciona, se assim se pode dizer, como seu limite absoluto.

Essa fronteira, esse limite é qualquer coisa que decorre da natureza específica do escondimento em causa na primeira modalidade, qualquer coisa que, independentemente de todas as restrições que afectam a determinação precisa das fronteiras da incompletude, é antecipável--e é antecipável sem qualquer restrição--a partir do próprio sentido, da própria estrutura desta modalidade de finitude e do modo como o escondimento ocorre nela.

O que caracteriza a peculiar estrutura do escondimento em causa na incompletude é, com efeito, o facto de uma parte do real ficar fora do horizonte do ponto de vista, destituído de acompanhamento.

Ora, sendo assim, a própria natureza do escondimento de que se trata faz excluir dentro do seu âmbito a possibilidade dessa subversão total, desse escondimento inteiro cujo cabimento está em causa no terceiro quesito.

Pois, nestas condições, um domínio integral do escondimento, uma finitude total do ponto de vista, seria e só poderia ser, no quadro da primeira modalidade, qualquer coisa como a própria inexistência de ponto de vista, a total ausência da apresentação do que quer que seja. E a isso que corresponderia um absoluto ficar fora. É isso que estaria implicado numa incompletude absoluta.

Ora, na posição em que nos encontramos acha-se **sempre já constituída uma apresentação**, uma apresentação **de algo**. Por muito pouco que isso seja, é precisamente **qualquer coisa** e corresponde pelo menos a **alguma** área da realidade que se acha eximida à não-apresentação, ao tipo de escondimento que é característico da incompletude.

Nesse sentido, por muito que a possibilidade de alteração da forma da finitude possa ir ainda mais longe do que as análises efectuadas já detectam e por mais que essa expansão se possa aproximar de uma subversão completa da relação de forças entre o tido e o não-tido (e de um esmagamento daquele por este), essa aproximação não atinge, **não pode** atingir nunca a total invasão do primeiro pelo segundo, a total redução de um ao outro, a total absorção em escondimento.

Se, a respeito da incompletude, muita coisa é, como se acentuou, insusceptível de ser estabelecida de forma assente, este é precisamente um ponto cuja evidenciação não oferece dificuldades, porque se enraíza na própria índole da modalidade de escondimento em causa.

Havendo, como em nós há, uma apresentação constituída, o escondimento de incompletude tem por inerência um **"resíduo"**, um domínio livre dele--que se lhe exime: o domínio, justamente, da apresentação que há.

De tal modo que, se a única modalidade de imperfeição do acesso fosse a primeira, a incompletude (se o único escondimento que nos afectasse fosse o seu)--então estaria em absoluto excluída a possibilidade de uma finitude integral, a admissibilidade de o nosso ponto de vista estar sujeito a um **completo domínio de escondimento**. Por grande e esmagador que fosse, o domínio do escondimento sobre o nosso ponto de vista, a sua **invasão** nele teria forçosamente um limite, para cá do qual haveria, teria de haver sempre um campo de **tido** inteiramente livre de escondimento.

2.2 Da FINITUDE DE ERRO e da FINITUDE MODAL do acesso que se tem e da irredutibilidade das respectivas dimensões à forma natural da finitude. Levantamento sistemático do escondimento do escondimento no âmbito da FINITUDE DE ERRO e da FINITUDE MODAL--a supressão do escondimento do escondimento e o "disparo" das dimensões do cabimento de erro e da incerteza: a possibilidade de erro e a incerteza como abismos que desarticulam completamente a óptica natural.

2.2.1 A possibilidade de um alastramento do escondimento nas outras modalidades além da incompletude—averiguação preliminar. O caso da FINITUDE DE ERRO e da FINITUDE MODAL. Possibilidade e sentido de uma AVERIGUAÇÃO CONJUNTA do problema da forma da finitude no âmbito destas duas modalidades.

Mas, se, relativamente à incompletude da apresentação de que disponho, a revisão da forma da finitude pode ir tão longe quanto se procurou mostrar nos parágrafos precedentes, na verdade não é apenas no quadro desta modalidade que a amplitude da imperfeição do acesso excede em muito aquilo que está admitido na perspectiva natural.

Com efeito, é perfeitamente possível que, do mesmo modo que a margem de incompletude que pode afectar o meu ponto de vista é incomparavelmente mais ampla do que naturalmente tende a parecer, assim também o grau de afectação pelas outras modalidades de imperfeição do acesso seja muito mais grave do que desprevenidamente se afigura ser possível.

E, na verdade, também no que diz respeito a estas outras modalidades um exame mais atento da situação em que efectivamente nos achamos põe a nu amplitudes de imperfeição que por completo subvertem, "pulverizam" a compreensão natural da finitude. E isto mesmo a um ponto tal que não só o grau de subversão da forma natural não

fica, nessas modalidades, aquém do que se verifica acontecer com a incompletude, mas inclusivamente as possibilidades de invasão por escondimento que se abrem nessas outras modalidades de imperfeição do ponto de vista são de facto ainda mais latas, ainda mais perturbadoras do que na própria incompletude.

De facto, a limitação que se evidenciou a afectar a amplitude do escondimento admissível no quadro da primeira modalidade (a limitação que se evidenciou a mantê-la afastada de um escondimento integral, de uma finitude absoluta) radica na circunstância de o escondimento em causa na incompletude ser um escondimento do que não se tem--que justamente deixa incólume o campo do que está apresentado e é totalmente insusceptível de penetrar nele.

Ora é justamente isto que não sucede com as demais modalidades de imperfeição do ponto de vista. Tanto a finitude de erro, quanto a finitude modal e a finitude de compreensão dizem respeito à própria apresentação que se tem, correspondem a um escondimento que afecta a apresentação e aquilo que apresenta--e são, nesse sentido, capazes de afectar o próprio domínio que o ponto de vista tem, fazendo-o invadir, também a ele, por escondimento.

Ou seja: a apresentação que inegavelmente está constituída impede, pelo seu próprio facto, a possibilidade de um escondimento integral no modo do não-ter (que era aquilo que a finitude absoluta do acesso teria de ser, se só houvesse a modalidade da incompletude--se o nosso ponto de vista só fosse finito deste modo). Mas é, em princípio, admissível que a apresentação que inegavelmente há esteja por sua vez sujeita às outras modalidades de imperfeição do acesso, internamente tolhida, afectada pelo escondimento próprio delas. E é, para além disso, admissível que esse escondimento não só envolva estes e aqueles momentos da apresentação constituída, mas seja mesmo de tal ordem que cubra "mine" inteiramente o campo de apresentação de que se dispõe, constituindo qualquer coi

sa como um escondimento integral, uma finitude absoluta do ponto de vista.

Se há inegavelmente uma apresentação (e com isso já está ultrapassada, suprimida a incompletude absoluta), pode em princípio acontecer--tem de se verificar se acontece ou não--que toda a apresentação tenha um carácter tal que constitua erro, esteja modalmente retida, ou seja incompreensível. A inultrapassável limitação do escondimento que é identificável no âmbito da incompletude só se aplica justamente no seu âmbito. E é necessário verificar a que ponto é que, suprimindo-se a finitude de segundo grau (o alheamento em que naturalmente se está relativamente ao próprio escondimento), de facto pode ir a invasão do escondimento correspondente às outras modalidades de imperfeição do nosso ponto de vista.

É a essa verificação que se passa agora a proceder, examinando, em primeiro lugar, aquilo que acontece com a finitude de erro e com a finitude modal, para, depois, pôr também à prova a situação do nosso ponto de vista relativamente à finitude de compreensão.

*

Embora a finitude de erro e a finitude modal constituam, como acentuado, duas modalidades de finitude, conexas, mas irredutíveis entre si, opta-se por um levantamento conjunto do problema da forma da finitude no âmbito de ambas. Isto não significa de modo nenhum um apagamento dessa diferença, dessa irredutibilidade, mas algo que, mantendo-se ela, resulta da natureza do problema em causa.

Assim, aquilo que se trata de apurar no que diz respeito à forma da finitude no quadro da finitude de erro é se a limitação na-

tural da amplitude admissível de erro é ou não uma limitação justificada e, caso não o seja, até onde tem de ir a suspensão das limitações restritivas da amplitude do erro possível. É isso, como se acentuou, que está em causa na forma da finitude. O que significa que, para o tratamento do problema da forma da finitude, não é, em última instância, indispensável o estabelecimento exacto de qual a margem de erro por que efectivamente se está afectado, mas só de qual a margem de erro que, dadas as circunstâncias em que se está, se tem de admitir como possível--não se está em condições de excluir.

Sem dúvida que, para um integral esclarecimento da situação em que se está relativamente à finitude de erro, seria desejável a delimitação não só do erro que é possível (que não se pode excluir), mas da margem de erro que nos está a afectar de facto.

Mas acontece que essa exacta delimitação dos erros que de facto estão a ter lugar não é exequível, não tem viabilidade na situação que é a nossa.

Com efeito, o nosso ponto de vista não está afectado apenas por finitude de erro. É um ponto de vista afectado ao mesmo tempo também por finitude modal, por uma incapacidade de assegurar em definitivo a adequação do modo como vê as coisas. E isto de tal forma que a finitude modal que o afecta se reflecte também sobre a própria determinação do que envolve e não envolve erro e não permite um apuramento absolutamente certo, absolutamente apodíctico, da situação real de erro.

Poderia acontecer que, mesmo estando afectada por uma grande amplitude de erro (e até de uma forma insuperável), a condição do nosso ponto de vista fosse tal que em todo o caso houvesse meio de estabelecer com certeza, sem nenhuma margem para dúvidas, que estas e aquelas das suas perspectivas são erróneas. Mas é isso que justamente não sucede. A situação é mais complexa e muito mais ambígua. A finitude modal que nos afecta não permite sequer estabe-

lecer de forma absolutamente assente, certa, quais as apresentações que envolvem erro. Ainda que haja fortes indícios, poderosas razões que sugiram o carácter erróneo de uma apresentação (ou, pelo contrário, ainda que haja fortes indícios do seu carácter adequado), a posição em que se está não permite **decidir definitivamente** a alternativa, não é de molde a autorizar a exclusão da possibilidade de a própria perspectiva que estabelece o carácter erróneo ou adequado das apresentações estar, também ela, ferida de erro.

E não se chega nunca a ultrapassar este plano de **ambiguidade**. De tal modo que tudo o que se pode fazer com respeito à situação de erro é precisamente determinar a margem de **falibilidade**, a amplitude de erro que se tem de admitir--i.e., a amplitude do erro **possível**.

Ora, por outro lado, esse levantamento é simultaneamente um levantamento da própria situação de **finitude modal** do ponto de vista. Embora as duas modalidades de finitude sejam irredutíveis uma à outra--tenham, cada uma delas, como se viu, algo de próprio que as diferencia--isso não impede que a evidenciação de que no nosso ponto de vista há estas e aquelas possibilidades de erro (indespedíveis, insusceptíveis de serem eliminadas) traga consigo a evidenciação de que, nas áreas em que essa possibilidade se impõe, a apresentação que se tem está eo ipso ferida de finitude modal, afectada pelo tipo de restrição que lhe corresponde.

Nestas condições, embora o estar-em-erro seja diferente do estar-numa-apresentação-modalmente-finita, o apuramento do problema da **forma da finitude** no âmbito destas duas modalidades pode realizar-se num único processo.

Posto isto--e estabelecida assim, numa abordagem preliminar, a coincidência do apuramento da forma da finitude no que diz respeito a estas duas modalidades, passemos então à análise da situação

do nosso ponto de vista no que concerne à possibilidade de a finitude de erro e a finitude modal que o afectam serem irredutíveis à forma natural da finitude.

2.2.2 O carácter restritivo do reconhecimento da possibilidade de erro e de incerteza na perspectiva natural e as formas aparentes de reconhecimento menos restritivo--exposição do carácter abstracto, inautêntico dessas formas. A imprescindibilidade de um levantamento CONCRETO das teses que conformam o nosso ponto de vista e de uma verificação do modo como essas diferentes teses estão ou não sujeitas à possibilidade de finitude de erro e à finitude modal. Dificuldades que obstam a um tal levantamento. Focagem preliminar do dispositivo específico de ESCONDIMENTO DO ESCONDIMENTO (de obstrução do pleno reconhecimento da finitude) nos casos da finitude de erro e da finitude modal.

Como se procurou mostrar no ponto 1.2.2.3, faz parte da consciência permanente da finitude a noção de que a apresentação em que se está inclui a ocorrência de erros. Mas, por outro lado, a efectiva admissão de um campo de erro no horizonte em que nos achamos tem na verdade um porte bastante restrito. Não são só os erros efectivamente detectados que têm o carácter de focos lacunares num horizonte predominantemente livre de erro. Todo o erro admitido como possível corresponde também apenas a focos lacunares --de tal modo que, implicitamente, mas de uma forma efectiva, está excluído que a finitude de erro possa ter um outro porte, mais amplo e mais radical do que esse.

O erro é qualquer coisa de esporádico, episódico. Relativamente

à esmagadora maioria das apresentações de que se dispõe não só não há qualquer acusação de erro, mas domina mesmo uma evidência de que o erro não tem aí qualquer cabimento--de que está, tem de estar fora de causa.

De facto, se observar o modo como habitualmente está constituída a apresentação das coisas em que me tenho, verifico que as perspectivas que a compõem têm em regra um carácter terminante--estabelecendo que aquilo a que respeitam é deste e daquele modo, tem estas e aquelas características--e deixando fora de causa a possibilidade de na verdade não ser assim como inculcam. As diferentes apresentações estão constituídas de tal modo que não está equacionado nenhum nexo real entre elas e a figura do erro--que estão isoladas, desligadas de qualquer contacto com ela. Só quando por qualquer motivo as perspectivas adoptadas se vêem submetidas a uma infirmação--só então se abre a questão concreta do seu carácter erróneo. Retrospectivamente verifica-se então que as perspectivas em causa eram tidas por certas, não o sendo--tinham completamente arredada a possibilidade de comportar paralaxe, comportando-a porém efectivamente.

Com isso, experimenta-se já como na verdade é possível que o nosso ponto de vista tenha adoptadas perspectivas erróneas, sem ter qualquer suspeita de que tal esteja (possa estar) a acontecer --sem que tal lhe "passe sequer pela cabeça". Experimenta-se a possibilidade de o carácter terminante das perspectivas que se têm, o facto de se manterem "à distância" da figura do erro, não impede de modo algum que se achem afectadas pela restrição, pelo escondimento que lhe corresponde.

Mas, justamente, mesmo percebendo que assim é, a verificação disso tende a afectar somente as perspectivas já infirmadas--e a não ter qualquer repercussão sobre as demais. Tende a manter-se uma atitude de total alheamento relativamente a possibilidade de

ser também assim com outras perspectivas que o ponto de vista também tem adoptadas. Tende a manter-se o carácter terminante das apresentações. E continua-se a "embarcar" pura e simplesmente nelas, sem se levantar o problema de poderem estar exactamente na mesma situação em que, antes de ter ocorrido a infirmação, se achavam as perspectivas infirmadas.

E, assim, se de repente tentar identificar que é que eventualmente pode haver de erróneo nas perspectivas que tenho adoptadas, verifico que tendo a encontrar de facto muito pouco, ou mesmo a não encontrar absolutamente nada.

Por outras palavras:

Há uma certa admissão de possibilidade, uma convicta admissão dela. Mas essa admissão não se traduz na identificação concreta de apresentações atingidas pela possibilidade de erro.

Correlativamente, o que de cada vez aparece afectado por finitude modal é muito pouco,e a maior parte do tempo mesmo nada. Posso tentar inventariar os diferentes pontos sobre os quais é identificável incerteza (por exemplo, sobre o tempo que fará amanhã, sobre as reais disposições desta e daquela pessoa a este e aquele respeito, sobre as percentagens dos partidos nas próximas eleições, etc.). Mas também aqui o resultado é sempre relativamente magro--e inscreve-se, como se apontou, na forma natural da finitude, em que esta é compreendida como lacuna. Há um conjunto esmagador de apresentações que se produzem com tal grau de evidência a respeito do seu apresentado que este parece subtrair-se--e de modo definitivo--à possibilidade de estar associada a si qualquer forma de imperfeição modal.

*

Todo este estado-de-coisas tende, entretanto, a ser mascarado

pela circunstância de não nos custar muito admitir a possibilidade de uma muito ampla margem de erro e reconhecer que uma grande parte e até mesmo a totalidade das apresentações de que dispomos não é absolutamente certa, comporta uma margem de incerteza.

Posso, sem dificuldade de maior, admitir a hipótese de haver muito de errado no modo como perspectivo as coisas. Posso formular, e até de uma forma convicta, uma muito mais ampla admissão de erro que aquela que normalmente tenho feita. E posso inclusivamente formular e admitir a possibilidade de, no fim de contas, ser toda a apresentação em que me encontro a estar marcada por escondimento de erro. Não é assim tão raro ouvir admissões de erro assim mais amplas--em discussões mais ou menos filosóficas e até mesmo em conversas de café.

Mas essas admissões de princípio, assim formuladas, e que a todo o instante se podem fazer assim sem mais, mantêm-se na verdade desligadas do modo como efectivamente vejo as coisas com que lido e não afectam em nada a forma como tenho cada uma das diversas teses por que o meu ponto de vista se acha orientado.

Formulando e adoptando o princípio de uma muito mais ampla admissibilidade de erro ou mesmo o princípio da sua admissibilidade universal, esses princípios, por mais convictamente que se achem reconhecidos (por mais claramente que veja a sua evidência e por mais decididamente que esteja pronto a defendê-los), mantêm-se de facto sem qualquer repercussão no modo como sigo a maior parte das teses que, de uma forma não-temática, despercebida, dominam o meu ponto de vista. A tese da mais ampla admissibilidade de erro ou mesmo da sua admissibilidade universal, ainda que convictamente adoptada, não faz mais do que juntar-se ao lote das diversas teses que sustento. É uma tese explícita que pura e simplesmente se soma a esse lote, sem alterar um "i" nas restantes, sem provocar nelas o mínimo estremecimento. De maneira que na verdade, a despei-

to do reconhecimento feito, não se constitui nenhuma alteração significativa do campo de possibilidade de erro que efectivamente tenho aberto. As teses concretas não ficam atingidas por nenhum efectivo índice de admissibilidade de erro a seu respeito, não ficam sob a "sombra", sob o "efeito" da sua falibilidade--da falibilidade que o reconhecimento global lhes atribui. E, embora formalmente se admita a eventualidade de serem erróneas muitas ou mesmo todas as teses, o que acontece é que(de uma forma implícita,que passa despercebida, mas que é determinante) a maior parte e até mesmo a totalidade das teses adoptadas continua a valer exactamente como antes--ou seja, como uma tese inteiramente eximida à possibilidade de ser falsa.

O mesmo acontece, correlativamente, com a finitude modal, em relação à qual reina, na verdade, uma grande ambiguidade.

Assim, somos com facilidade muito "generosos" na admissão de uma "fraqueza" modal das perspectivas que seguimos. Multiplicamos muitas vezes as cláusulas restritivas da pretensão modal dessas perspectivas (recorrendo a fórmulas como "tanto quanto me é dado ver", "segundo me parece", "se não estou em erro", "provavelmente", etc) que reiteradamente aludem à finitude modal do nosso ponto de vista, à possibilidade de efectivamente as coisas serem de outro modo que não aquele que se nos inculca.Parecendo haver mesmo qualquer coisa como uma particular "sensibilidade",atenção, a esta modalidade de finitude, que nos leva a tê-la assim frequentemente em vista e a admitir sem dificuldade estarmos, pelo menos em larga medida, afectados por ela.

Esta abertura a uma grande amplitude de incidência da finitude modal pode provocar a impressão de que a exclusão da possibilidade de uma ampla margem de restrição, de imperfeição do acesso é, neste caso, menos forte que nas demais modalidades.

Na verdade, porém, não é assim.

Este reconhecimento geral, este reconhecimento de princípio,que

se estabelece de uma assentada e de uma vez por todas, não corresponde de maneira nenhuma a uma efectiva capacitação, a um efectivo reconhecimento da integral sujeição das perspectivas que se seguem ao domínio de uma imperfeição modal.

E não corresponde por duas ordens de razões.

Por um lado, porque, como se apontou, perspectivas de carácter genérico, como esta, mesmo quando de alguma forma correspondem à percepção de uma evidência, carecem da capacidade de se reflectirem sobre as diferentes teses envolvidas na apresentação que se tem das coisas. Reconheço que não estou numa posição de absoluta certeza em relação a todo o conjunto dessas teses, mas esse reconhecimento deixa a valer como inteiramente certa, deixa intacta, sem qualquer efectivo índice de incerteza, cada uma delas e, desse modo, a maior parte das teses concretas, das apresentações que tenho constituídas.

Em segundo lugar, mesmo quando o reconhecimento da incerteza está expressamente referido a uma determinada tese, ou a um conjunto de teses concretas, esse reconhecimento tende a não ter um carácter autêntico. De tal modo que, embora expressamente consagre a finitude modal das apresentações em causa, a perspectiva em que de facto se está, ao fazer tal reconhecimento, adopta na verdade as apresentações de que se trata como **modalmente irrestritas**--como se fossem absolutamente certas.

Para o perceber melhor, considere-se o que acontece muitas vezes que, estando a debater um qualquer problema, com outros ou só comigo mesmo, concedo a finitude modal de uma qualquer perspectiva que sustento, e reconheço, de uma forma convicta (compreendendo a evidência de que de facto é assim), que não posso estar absolutamente seguro dessa perspectiva---que em última análise há incerteza a seu respeito.

Se examinar o que de facto acontece, pelo menos a maior parte

das vezes que faço reconhecimentos desta ordem relativamente a teses que tenho adoptadas, verifico que, mesmo estando perfeitamente convicto desse reconhecimento, mesmo aderindo a ele sem reservas, o reconhecimento que assim se produz não se projecta--tende a não se projectar--de facto em nenhuma efectiva "**mobilização**" da perspectiva em causa, em nenhuma "vacilação" dela, dando lugar a uma efectiva incerteza a seu respeito--de tal forma que essa perspectiva se constitua em problema, passe a ser um ponto de dificuldade, a respeito do qual sinta pelo menos alguma hesitação. Não. Quer se trate de convicções políticas, de opiniões sobre pessoas, de perspectivas filosóficas,etc., embora seja muitas vezes levado a reconhecer que posso não ter razão (que a minha perspectiva não tem condições para se assegurar absolutamente na sua adequação e que não é possível excluir que sejam as opiniões contrárias a ter fundamento), tal reconhecimento ocorre sem que na verdade se introduza um mínimo de insegurança no modo como tenho as minhas opiniões, sem que elas se revistam realmente de qualquer **precaridade** --ou seja, sem que a possibilidade de eu estar mesmo errado se constitua como factor real a ter um efectivo peso no meu campo,na forma como vejo.

E assim, mesmo estando associado a perspectivas, a teses **concretas**, o reconhecimento da finitude modal é de facto agregado como uma **determinação suplementar** às perspectivas de que se trata, justapondo-se apenas ao respectivo "núcleo", não o afectando e perturbando, não o fazendo "estremecer"--como na verdade deveria resultar do sentido que é o seu. De tal modo que as perspectivas em causa na verdade se mantêm "de pedra e cal", impermeáveis à finitude modal que se lhes atribui. Sigo-as como se fossem inteiramente certas e elas têm para mim, inexplicitamente, não obstante o reconhecimento que explicitamente faço do contrario, a **valência modal** correspondente a uma detenção **modalmente irrestrita**.

Poucas são as vezes em que ao reconhecimento da finitude modal

corresponde efectivamente a hesitação, a indecisão sobre a forma como são as coisas, que estão implicadas no seu sentido e que forçosamente se produzem quando o seu reconhecimento é autêntico.

Ora essa hesitação, essa indecisão, já difíceis, assim, de se produzirem quando o que se acha em causa são teses concretas, estão ainda muito mais longe de ocorrer quando o reconhecimento da finitude modal se faz de uma forma sumária e abstracta, e concedo globalmente que todas as minhas perspectivas são incertas, que tudo pode ser diferentemente do que penso.

De tal modo que reconhecimentos deste tipo, parecendo ir muito longe, deixam na verdade tudo como sempre já está--sob um domínio absoluto da forma natural da finitude.

*

Mas, se isto é assim, se, mesmo havendo reconhecimento do carácter universal da finitude de erro e da finitude modal, o meu ponto de vista se conserva de facto numa perspectiva em que uma e outra não têm senão um porte lacunar, por outro lado--e à semelhança do que se verificou acontecer com a incompletude--esta redução da amplitude admissível do erro e da finitude modal a dimensões meramente lacunares não resulta senão de uma finitude na apercepção da finitude, de uma inatenção, de um alheamento relativamente à situação real do ponto de vista e à delimitação da possibilidade de erro e da finitude modal que na verdade é de molde a autorizar.

Na verdade, se deixar a atitude normal de inatenção relativamente às condições reais de admissibilidade ou não-admissibilidade de erro e de incerteza, e se procurar determinar precisamente que é que está exposto a esta possibilidade e que é que na verda-

de absolutamente a exclui, verifico que o campo da possibilidade de erro, o campo afectado por finitude modal, crescem consideravelmente, crescem muito para lá de tudo o que naturalmente se acha admitido.

A delimitação restritiva, para que tendemos, resulta de um dispositivo de condicionamento--de um dispositivo de condicionamento que, analisando mais detidamente a situação do nosso ponto de vista, de facto não resiste a exame.

Não somente é possível produzir-se um alargamento das áreas afectáveis por erro e afectadas por finitude modal, mas, para além disso, esse alargamento é susceptível de pulverizar por completo o enquadramento em virtude do qual as zonas atingidas têm o carácter de meras lacunas num maciço absolutamente isento de restrição---de tal modo que também nestas modalidades as dimensões da imperfeição detectável assumem proporções abissais, invadindo esmagadoramente o horizonte.

Só que a libertação desse condicionamento e a evidenciação da extraordinária amplitude da finitude de erro e da finitude modal não se produz no modo fácil--e, se assim se pode dizer, pelo "caminho curto"---da admissão global da falibilidade e da incerteza, num processo sumário, que passa inteiramente por cima das teses concretas que conformam o ponto de vista. A libertação desse condicionamento e a evidenciação da extraordinária amplitude da finitude de erro e da finitude modal requerem antes, para se produzirem de uma forma efectiva, uma cuidadosa análise das próprias teses concretas, e a verificação do modo como estão ou não estão expostas a erro, sofrem ou não sofrem radicalmente de finitude modal.

Viu-se anteriormente como o processo de apercepção da incompletude, ainda que os elementos a partir dos quais se pode levar a cabo sejam elementos sempre já disponíveis, para que basta olhar, é um processo moroso e intrincado, que está muito longe de se reali-

zar de uma assentada, e que sempre de novo tem de vencer uma extraordinária inércia do nosso ponto de vista.

Ora, à semelhança do que se verifica no caso da incompletude, também no que diz respeito à finitude de erro e à finitude modal a superação do alheamento, da inatenção, que naturalmente reina relativamente às condições reais de escondimento, constitui um empreendimento dificultoso, para que o olhar não tende e a que, por natureza, se opõe não só a inércia que, conforme se apontou, caracteriza o nosso ponto de vista, mas para além disso também um conjunto de entraves, constituindo um autêntico dispositivo de obstrução.

Para se ver a situação em que efectivamente se está a respeito da falibilidade e finitude modal do nosso ponto de vista, é necessário um cuidadoso levantamento das perspectivas que nele se acham adoptadas, das teses que o dominam e estão dadas por assentes --um levantamento que as consiga percorrer no seu conjunto, e que por outro lado alcance discernir para todas elas se de facto estão ou não sujeitas a falibilidade e a incerteza.

Tal levantamento esbarra com um conjunto de dificuldades.

Esbarra desde logo com a dificuldade de a maior parte das teses a verificar terem um carácter apenas inexplícito, uma presença que passa despercebida na apresentação normal. De tal modo que, embora dominem e orientem o nosso ponto de vista, embora nos sejam familiares até mais não, são tão óbvias e, se assim se pode dizer, tão "interiores" à forma como vemos, que não se chega a identificá-las, a dar por elas, pela sua presença, e tendem a passar sem exame, sem verificação.

É bastante difícil conseguir realizar um escrutínio de todas as teses que se acham assentes na nossa perspectiva---um escrutínio, por exemplo, de todas aquelas que neste momento tenho comigo, estão a conformar a forma como vejo--um escrutínio que inteiramente suspenda essa presença, esse domínio inexplícito de muitas delas, por meio do qual funcionam, conformam o meu ponto de vista, mas esca-

pam à verificação da sua posição relativamente à finitude de erro e à finitude modal.

Em segundo lugar, mesmo estando identificadas as teses que se trata de verificar, ainda não ficam, assim sem mais, reunidas as condições para se proceder à respectiva verificação. Há, na verdade, um conjunto de fenómenos que justamente obstam a que ela se realize de forma efectiva e sistematicamente "viciam" a perspectiva que se tem ao tentar realizá-la. Esses fenómenos são precisamente aqueles que constituem e sustentam isso a que se chamou o escondimento "de segundo grau" (o escondimento do escondimento), no caso específico da finitude de erro e da finitude modal--àqueles fenómenos que especialmente fazem que o nosso ponto de vista tenda a não se aperceber da possibilidade de erro e da incerteza a que de facto está sujeito.

Na verdade, assim como há fenómenos que sistematicamente mascaram a situação de incompletude, sistematicamente afastam o ponto de vista da sua apercepção (viu-se antes como o esbatimento dos limites, as representações espúrias de totalidades, etc., constituem um complexo que tem justamente esse efeito e assegura a manutenção da forma natural da finitude na perspectiva que habitualmente se tem sobre a incompletude do acesso), assim também há um peculiar complexo de fenómenos cujo domínio sobre o nosso ponto de vista sistematicamente esconde, apaga, a falibilidade e a incerteza a que estamos sujeitos.

É esse complexo de fenómenos que entravam a focagem das condições reais de cabimento de erro e da finitude modal que cumpre agora procurar pôr em relevo. Para, depois, uma vez alertados para esses fenómenos, postos "em guarda" a seu respeito, podermos tentar proceder ao exame das diferentes teses concretas que em nós dominam, à verificação da sua falibilidade ou não falibilidade--a essa verificação sem a qual, como se procurou mostrar, não é pos-

sível nenhum efectivo apuramento do problema da forma da finitude nos casos da finitude de erro e da finitude modal.

2.2.2.1 Análise do dispositivo de ocultação do cabimento de erro e da finitude modal. Primeiro elemento desse dispositivo : o carácter muito incompleto da nossa perspectivação de POSSIBILIDADES--a sistemática ELISÃO DE POSSIBILIDADES que naturalmente reina no nosso ponto de vista. A sistemática ELISÃO DE POSSIBILIDADES ALTERNATIVAS ÀS TESES QUE TEMOS SUSTENTADAS. Sua falta de fundamento. O ilegítimo fechamento do campo de possibilidades consideradas e o seu papel na ocultação do cabimento da finitude de erro e da finitude modal.

O primeiro fenómeno a considerar como decisivo factor de entrave à focagem das condições reais de cabimento de erro e de finitude modal diz respeito a um aspecto muito particular da incompletude que marca o nosso ponto de vista--a incompletude que também afecta o acompanhamento que temos das possibilidades.

Com efeito, a limitação de incompletude a retenção em virtude da qual o acesso em que me tenho deixa fora do seu domínio (não abarcados) estes e aqueles horizontes, não deve nem pode ser entendida única e exclusivamente em relação ao campo das realidades que efectivamente estão a ter lugar. Respeita de facto também o horizonte das possibilidades, onde a capacidade do meu ponto de vista, o seu "ângulo" ou"abertura"--a faculdade que tem de conceber--são na verdade bastante confinados e estão mesmo restringidas a um alcance muito reduzido, ínfimo.

À primeira vista gozamos de uma liberdade irrestrita na perspectivação de possibilidades, temos um ponto de vista desembaraça-

do, inteiramente "plástico" nesta matéria.

Mas, na verdade, está longe, muito longe de ser assim.

Também a este respeito estamos sob o efeito de uma finitude de segundo grau, que esconde a situação que de facto é a nossa.

Por via dessa finitude de segundo grau, em regra não nos apercebemos da incompletude que assim nos afecta relativamente ao domínio dos possíveis. E, mesmo quando de algum modo nos damos conta de que ocorre, temos sempre tendência para minorar o seu porte, para a percebermos muito menos ampla do que na verdade é. De facto, porém, por pouco que tenhamos consciência disso, não só reina também aqui um importante prendimento, um relevante aspecto de incompletude do nosso ponto de vista (sem cuja consideração a descoberta da incompletude é ela própria incompleta), mas esse prendimento e a margem de incompletude a que corresponde têm mesmo uma amplitude extraordinária, esmagadora.

E isso que é indispensável pôr em relevo, contrariando a desfocagem que normalmente reina a seu respeito e em virtude da qual tende a passar despercebido.

Alguns exemplos permitem ganhar a pista desta peculiar forma de prendimento a que também estamos sujeitos e abrir caminho para a percepção da respectiva amplitude.

Procuro, por exemplo, discernir que outras possibilidades haveria para mim próprio neste momento que alternativas para o que está a ser de mim, enquanto estou aqui sentado à secretária, a escrever esta tese--em que outras situações me poderia achar, de que outros modos poderia estar a ver as coisas, que outras formas de vida poderia ter tomado e estar a seguir, em vez de me encontrar na cidade em que me encontro, com as perspectivas que tenho sobre mim e sobre a vida, absorvido nesta profissão por que enveredei e empregando os dias a escrever um trabalho como este. Não pressuponho, ao tentar discernir esse conjunto de possibilidades, que tudo isto em que estou agora (que toda a actual conformação da minha

vida--estar aqui e não noutro lado, a fazer isto e não outra coisa) é contingente, totalmente contingente, e poderia de facto estar a ser de modo completamente diferente. Admito mesmo a possibilidade de nada disto ser de facto contingente--e de, em resultado de um qualquer condicionamento ou de um complexo de condicionamentos que me escapam, na verdade tudo ter de ser assim, como é--e eu estar desde "sempre" "condenado" a ser agora como sou, com as determinações que verifico que me inerem. Não sei se há ou não condicionamentos desta ordem. Não tenho meio de decidir tal alternativa. Mas, independentemente de qualquer decisão dela, posso considerar o horizonte de tudo o que em princípio poderia variar relativamente àquilo que ora é : o "espectro", a "combinatória" de todas as possibilidades de ser diferentemente--mesmo que, por um qualquer condicionamento, essas possibilidades estejam (e tenham estado desde sempre) excluídas, arredadas, desprovidas de efectiva realizabilidade.

Ora, ao tentar conceber essas possibilidades, verifico que o meu esforço de discernimento sofre entrave, esbarra numa barreira de opacidade, fica preso nela. De tal modo que são na verdade muito poucas as possibilidades que consigo distinguir, mesmo essas a parecem com um carácter como que "esfumado" e quase nenhumas chegam a surgir com um "rosto" concreto, definido.

Mesmo insistindo, não sou capaz de "soltar" a minha perspectiva deste "emperramento", desta posição "fechada", presa.

Tenho já grande dificuldade em figurar qualquer uma dessas diferentes possibilidades, em conseguir "fixá-las", "chegar" a cada uma delas. E muito mais dificuldade ainda em percorrê-las na sua diversidade e em conseguir ter delas uma verdadeira visão de conjunto.O meu olhar não consegue espraiar-se na dilucidação de tais possibilidades, está tolhido, entravado no seu "movimento" em direcção a elas. E o mais que me consigo aproximar de um efectivo a

companhamento do universo dessas possibilidades é percebendo que tem uma amplitude muito vasta, que não consigo abarcar--é percebendo que a maior parte delas se conserva, em relação ao meu ponto de vista, numa posição "ὄπισθεν"--de tal modo que o universo de possibilidades em causa ultrapassa imensamente tudo o que sou capaz de conceber.

E assim também se, por exemplo, tentar considerar que possibilidades se me oferecem (ou de qualquer modo haveria) para a continuação da minha vida--que é que, a partir daqui, de onde estou, poderia iniciar, empreender, empregando nisso o tempo que aí vem. Mesmo já só para os momentos mais próximos, em que o espaço de alternativas (porque tenho de partir daqui, de onde estou) é mais restrito (mas em que, de qualquer modo, as possibilidades já seriam muitas), experimento uma extraordinária inércia, uma extraordinária dificuldade do meu ponto de vista em mobilizar-se para a respectiva identificação e em conseguir "alargar-se", acompanhar o seu universo--de tal modo que fico muito aquém, mas mesmo muito aquém de constituir qualquer coisa que se pareça com uma sinopse desse conjunto de possibilidades.

Fenómeno análogo se verifica também, só para dar mais um exemplo, ao procurar determinar as possibilidades de combinação dos diferentes elementos que compõem o rosto humano (a tez, a textura da pele, o feitio e a cor dos olhos, o formato e o tamanho do queixo, da fronte, do nariz, os ângulos que formam entre si, o modo como se combinam com a cor e a disposição dos cabelos, das sobrancelhas, das pestanas, dos dentes, etc.). Por muito que procure apurar que rostos, que configurações diversas podem resultar da modificação destas variáveis, por mais que insista nesta tentativa de identificação, não logro obter nenhuma passagem à efectiva perspectivação desse domínio de possibilidades. Em primeiro lugar, tenho já dificuldade em "construir" qualquer rosto que seja a partir da consideração da variação possível desses elementos. E, de qualquer mo

do, mesmo conseguindo chegar a obter alguma coisa, é muito exíguo o leque do que me é dado alcançar no esforço de identificação de tais possibilidades: apenas um número restrito de configurações diferentes, tomadas em regra do domínio daquelas que por experiência me são familiares. E tudo isto de tal modo que a breve trecho tendo a estacar, a não alargar mais e a abandonar o esforço de concepção de possibilidades--voltando-lhe, se assim se pode dizer, as costas e retomando o "fio" das realidades efectivas (não apenas possíveis, mas existindo de facto) que me rodeiam.

Se atentar, percebo que ao empreender um tal esforço de perspectivação, na verdade não sou capaz de conceber (deixo inteiramente fora da minha perspectiva--numa posição totalmente "ὄπισθεν" em relação a ela) uma variedade imensa de possibilidades--como posso facilmente comprovar se fizer a comparação das possibilidades que assim consigo discernir com esse campo tão imenso de rostos diferentes com que sou confrontado se me puser a contemplar aqueles que me vêm ao encontro nas ruas, na faculdade, na biblioteca, na cantina, nos transportes. O domínio de configurações, de rostos diferentes, que assim se abre para mim, cresce inesgotavelmente em possibilidades, em aspectos sempre e sempre outros, de tal modo que os rostos que assim me obviam sistematicamente surpreendem, sistematicamente são novos, relativamente ao conjunto de possibilidades que a priori sou capaz de vislumbrar, e de tal modo que a variedade que assim se manifesta como possível excede a perder de vista, excede esmagadoramente tudo o que a minha perspectivação de possibilidades consegue conceber.

Verifico assim, de forma "palpável", como o meu acompanhamento das possibilidades fica--tende a ficar--imensamente aquém de esgotar o seu universo, correspondendo apenas a uma ínfima parte dele. E isto não obstante a diversidade de rostos que deste modo, ao andar pela cidade, se me apresenta não constituir por sua vez possi-

velmente senão também uma parte, e uma parte bastante pequena, das combinações, dos rostos que de todo em todo são possíveis. Ao andar noutra cidade, noutras paragens, multiplica-se ainda mais, e de forma absolutamente a perder de vista, a variação dos rostos. E essa extraordinária variedade fica de qualquer modo muito, muito longe de esgotar todo o universo das possibilidades sempre novas, sempre surpreendentes que subsistem neste domínio.

Por muito que me esforce, por mais que me aplique, não consigo alargar o meu ponto de vista, libertá-lo do "encalhe" para que tende, ao tentar conceber a multiplicidade dos rostos possíveis. De tal forma que nem mesmo só de longe o meu ponto de vista é capaz de cobrir esse campo de possibilidades em toda a sua extensão.

Assim, mesmo estando advertido para um determinado universo de possibilidades e tendo já ideia de que comporta uma diversidade numerosa--ou seja, mesmo quando já se está na pista dessa diversidade, voltado para ela, e há um esforço no sentido de a conseguir ver--é muito estreito, corresponde apenas a um muito pequeno subconjunto daquelas que na verdade têm cabimento, o campo das possibilidades que efectivamente se conseguem distinguir, acompanhar numa identificação diferenciada.[153]

Pelo menos em muitos casos, o meu ponto de vista é, se assim se pode dizer, "lento", "pesado", "perro"--sofre de uma grande inércia (e como que de uma dificuldade de "descolar") na perspectivação do campo do possível. Ao tentar passar à consideração de possibilidades, vê-se como que retido, entravado sem acesso franco: a ter de fazer um grande esforço e sem que que esse esforço de facto leve a um desimpedimento, a uma abertura--antes conseguindo obter só pequenos avanços, dar curtos passos. Não é um ponto de vista totalmente incapaz de perspectivar possibilidades, totalmente alheado, cego relativamente a elas. Mas a capacidade de que dispõe é bastante restrita e os percursos que faz na perspectivação de possibilidades têm o carácter de pequenas "corridas", cobrindo

bolsas de dimensão bastante exígua (como que "corredores"fechados) em territórios para cujo acompanhamento não tem ângulo de visão e relativamente aos quais, assim, se mantém cego.

*

Sendo assim, não é, entretanto, só em relação a possibilidades mais ou menos remotas, diferentes daquilo que se está a passar de facto (da realidade que efectivamente está constituída e com que se tem de lidar) que se verifica tal limitação da nossa capacidade de acompanhamento. Também no que diz respeito à conformação da própria realidade--da realidade efectiva perante a qual se está--o nosso ponto de vista tem muitas vezes dificuldade em conseguir conceber as possibilidades que lhe correspondem---e deixa fora de alcance, numa posição "ὄπισθεν" em relação a tudo quanto consegue conceber, justamente aquelas que se acham realizadas, em cuja actualização consiste aquilo que se passa.

Tende a não nos chamar a atenção que é assim, mas de facto muitas vezes se experimenta esta limitação, e relativamente às mais diversas coisas.

Assim, por exemplo, quando procuramos perceber como é que alguém de facto conseguiu obter isto ou aquilo que nós não vemos nenhum modo de obter. Assim quando nos confrontamos com uma charada ou temos de reconstituir de forma mais ou menos "policial" como é que algo aconteceu. Assim também, por exemplo relativamente à etiologia de uma doença ou de quaisquer outros fenómenos cujo modo de constituição não é conhecido (desde aqueles que ainda ninguém conseguiu aclarar até aos que--como por exemplo acontece com inventos humanos, aparelhos,etc.--são claros para outrem, mas não dominados por nós).Nestes e em muitos outros casos semelhantes, não

se dispondo de um acompanhamento directo das realidades em causa (de tal forma que naturalmente se exponham sem reserva a partir de si mesmas)--ou seja, estando-se dependente, para aceder a elas, de conseguir "reconstituí-las", de conseguir conceber em possibilidade a determinação que lhes corresponde--a concepção disso, a "imaginação" de possibilidades desta ordem sofre exactamente as mesmas dificuldades, está presa da mesma inércia, do mesmo "encalhe" que se referiram. Só com grande esforço se consegue "mover" o ponto de vista a essa concepção. E os passos que se chegam a dar são bastante limitados. Mesmo aplicando-nos demoradamente à tentativa de identificação de tais possibilidades, insistindo bastante nela, só muito pouco se consegue vencer da "barreira" que nos mantém afastados delas, incapazes de as divisar. De tal forma que muitas (e até a maior parte das) vezes se conservam completamente fora de alcance, não concebidas, as possibilidades que efectivamente estão actualizadas nas realidades em causa.

Desde os exemplos mais triviais até àquilo que se experimenta na prática das ciências (cuja história documenta justamente a lentidão, o entrave, a extraordinária inércia que tem de ser vencida para se formarem hipóteses, se constituírem novos "modelos" de interpretação de fenómenos, gizarem possibilidades de entendimento novas,diversas das que de cada vez já estão constituídas), são muitas as formas em que se manifesta esta dificuldade, esta limitação no "rasgar" de possibilidades que mantem o ponto de vista afastado de um acompanhamento da própria realidade que de facto tem perante si.

Mas por outro lado não se restringe a estes aspectos o modo como a retenção no acompanhamento de possibilidades afecta a própria fixação das realidades ante as quais nos achamos (i.e,, o nosso acesso à própria realidade efectiva,que de facto está a ter lugar). Isso acontece também de um outro modo, que é para nós o decisivo,

e que já não se prende apenas com a figuração de possibilidades cuja concepção permite ganhar acesso a realidades que de outro modo se mantêm não expostas (e em que, portanto, está em causa o alargamento do acesso), mas antes com a concepção de alternativas à própria fixação das realidades que em nós se acha feita--de alternativas que disputem à versão adoptada a pretensão de constituírem uma efectiva fixação daquilo que se passa.

Assim, com efeito, estando adoptadas no nosso ponto de vista determinadas versões das coisas, determinadas teses de fixação do que se passa com estas e aquelas realidades, não são só essas versões, não são só essas teses que em absoluto têm cabimento para fixar o teor das realidades em causa.Por outras palavras, pelo menos nalguns casos, há possibilidades alternativas de encarar diversos aspectos da realidade que temos perspectivados de uma determinada forma. E a nossa capacidade de conceber essas alternativas--de identificar as outras versões que também têm cabimento--é naturalmente uma capacidade pouco desenvolvida, sujeita a entraves. Mesmo tendo consciência, estando advertidos de que pode haver alternativas, e tentando captar o conjunto das que efectivamente têm cabimento, há uma inércia que dificulta e retém o nosso ponto de vista aquém da plena captação delas. Se tiver de identificar precisamente de que modos é que pode haver uma apresentação da realidade diferente daquela que eu próprio tenho--quais concretamente os conteúdos passíveis de variação, de alternativa---sou obrigado a um enorme esforço (não tenho uma capacidade "desenvolta") e são magros os resultados a que chego. Não consigo de maneira nenhuma obter qualquer coisa como um panorama (no sentido etimológico) de tais possibilidades. A tendência é antes para que, por mais que me esforce,por mais que insista, subsistam absolutamente inconsideradas possibilidades que na verdade têm cabimento.

O meu ponto de vista é um ponto de vista marcado por incompletude na detecção de quais as possibilidades que efectivamente sub

sistem de a realidade que há ser diferente da versão que está adoptada a seu respeito--não é capaz de conceber definidamente, sem nada deixar de fora, todos os modos em que aquilo que se passa pode ter uma determinação diferente da que se me inculca.

Poderia ter um ponto de vista que, mesmo que muito confinado no acompanhamento da realidade que efectivamente há, gozasse de uma irrestrita liberdade na concepção de possibilidades, fosse capaz de as idealizar integralmente--se assim se pode dizer, num "cálculo" perfeito. Mas é precisamente isso que não acontece. Em todos os aspectos considerados--quer na perspectivação de possibiliidades independentes daquilo que deveras se passa, quer na perspectivação de possibilidades sobre aquilo que se passa mas não está à mostra, quer ainda na perspectivação de possibilidades de o que se passa ser diferente do que se me apresenta--o meu ponto de vista não somente não é capaz dessa concepção integral, mas caracteriza-se mesmo por estar extraordinariamente retido em relação às possibilidades: por ser um ponto de vista que, até quando se concentra na sua averiguação, só a custo (e a conta-gotas) as consegue ver, deixando muitas fora da sua perspectiva.

*

Tudo isto está, entretanto, ainda longe de ser suficiente para dar conta do defeito que na verdade caracteriza o nosso acompanhamento de possibilidades e faz que muitas se mantenham completamente arredadas do nosso ponto de vista. Esse defeito não passa apenas por esta retenção na capacidade de acompanhar campos de possibilidades para que se está advertido (pela "inercia", pelo prendi-

mento que entrava a exploração desses campos e se opõe ao esforço que a intenta). Inclui, para além disso, a total inadvertência relativamente a universos completos de possibilidades: a sua total elisão--a absoluta ausência de qualquer notícia deles.

São várias as formas em que isso se manifesta.

Mas o que aqui particularmente nos importa é que é precisamente isto que de maneira sistemática acontece em relação à maior parte das teses que estão adoptadas no nosso ponto de vista e à possibilidade de as coisas não serem como essas teses inculcam.

De tal modo que não apenas, como apontado, o nosso ponto de vista está muito longe de ter um verdadeiro panorama das alternativas que consente (há uma retenção em virtude da qual, ao tentar concebê-las, muitas delas se mantêm "de fora", inconsideradas), mas, para além disso, em relação à maior parte das teses adoptadas não está minimamente alerta para o cabimento de qualquer outra possibilidade para além delas.

Assim, com efeito:

Temos perspectivada a realidade perante nós de determinado modo. Essa perspectivação não se acha em regra acompanhada por nenhuma tese em que explicitamente se exclua o cabimento de alternativas. Mas, de facto, vendo bem, o que habitualmente nos caracteriza é estarmos num alheamento total (numa total perda de perspectiva, numa total cegueira) para o cabimento de quaisquer possibilidades alternativas em relação a essas versões das coisas, a essas teses ou complexos de teses que temos adoptados. Não somente experimentamos dificuldade em identificar bem que possibilidades poderiam ser essas e não conseguimos cobrir todo o seu espectro, mas, para além disso, na forma como normalmente seguimos essas teses não nos encontramos sequer advertidos para o cabimento de uma só que seja possibilidade dessa ordem--para a eventualidade de ser admissível o que quer que seja de diferente da tese, da versão que está adoptada : o que quer que seja de contrário a ela. Essa even

tualidade não é considerada, mantém-se fora do horizonte, numa posição inteiramente "ὀπισθεν". De forma que--inexplicitamente, é certo, sem constituição de uma tese expressa que o traduza, mas nem por isso de uma maneira menos efectiva--todo o horizonte das alternativas à tese que se sustenta, toda a possibilidade de ser e, correlativamente, de ver de outro modo, está absolutamente apagada, excluída para o nosso ponto de vista.

Assim, por exemplo, no modo como habitualmente vivo o meu dia-a-dia, estou em regra completamente "embarcado", completamente absorvido nas teses por que tenho orientada a minha vida, inteiramente alheado da possibilidade de outras teses, diferentes dessas, e que lhes possam disputar a pretensão de teses adequadas para a orientação da vida. Faço isto e aquilo, cumpro estas e aquelas tarefas, desenvolvo estes e aqueles esforços que se integram na orientação que está tomada, sob um total domínio dessa orientação --sem que de perto ou de longe se "levante a lebre" de ela ser substituível, de haver outros rumos, eventualmente mais certos do que esse, e que poderiam estar a ser seguidos. Ou seja: o meu ponto de vista está numa tão completa adesão àquilo que anda a fazer (ao rumo que imprimi à minha existência), que tenho completamente elidido todo o horizonte das possibilidades alternativas--que esse horizonte de alternativas está para mim completamente ausente, arredado.

Do mesmo modo, reinando habitualmente em mim (conforme se apontou) uma tese de proporção entre a apresentação de que disponho e a realidade que há, estou em regra totalmente alheado da possibilidade de não ser de facto assim--de haver entre ambas uma relação diferente dessa.No modo como habitualmente vejo as coisas, nada mais longe de mim do que a versão alternativa sobre a incompletude do meu ponto de vista que a pouco e pouco se foi configurando ao longo das análises do ponto 2.1. No modo como habitualmente

vejo, tudo o que seja outra coisa que a forma natural da finitude (ou seja, absolutamente todo o campo de alternativas à tese que a consagra--todas as diversas possibilidades que foram sendo detectadas no curso da análise da incompletude) está totalmente apagado, fora de vista. A possibilidade disso pura e simplesmente não ocorre, acha-se completamente fora de ângulo--numa posição "ὄπισθεν" relativamente à minha perspectiva.

Pelo menos em relação a algumas das teses que sustento, a incompletude na perspectivação de alternativas vai assim muito para lá da falta de "agilidade" (e mesmo da quase-paralisia) que me caracteriza quando procuro percorrer o respectivo horizonte. Na óptica segundo a qual habitualmente vejo, essa incompletude regista formas ainda mais radicais, em que o ponto de vista pura e simplesmente está fechado, absolutamente fechado, para a possibilidade de qualquer alternativa às teses que sustenta.

Nestes, como em muitos outros casos, se proceder a uma focagem, se insistir nela, verifico que na verdade há todo um conjunto de outras possibilidades efectivamente subsistentes, que o facto de as deixarmos fora de consideração de modo algum anula.

Por outras palavras, à ausência de perspectiva relativamente ao cabimento de alternativas, de que a adesão às teses adoptadas se faz acompanhar, não corresponde na verdade a total impossibilidade dessas outras alternativas, a sua total falta de cabimento--antes sucede que, vendo bem, as alternativas que assim para nós estão eliminadas não perdem a sua efectividade como alternativas possíveis, i.e., continuam a subsistir, se assim se pode dizer, como possibilidades reais. A ausência de alternativas não traduz a total falta de cabimento delas, mas tão só o estado de desfocagem em que o meu ponto de vista se encontra a seu respeito--a minha distracção, a minha inadvertência, ou seja, uma limitação, um defeito de lucidez da minha parte. A eliminação de possibilidades que reina para nós corresponde a um fechamento ilegítimo, abusivo, re-

lativamente à esfera de possibilidades que na verdade está aberta. A ausência de alternativas não tem outro fundamento que não a própria desfocagem a que o ponto de vista está sujeito.

E o que é fundamentalmente importante para a percepção do fenómeno aqui em causa é que esta total inadvertência relativamente ao cabimento de alternativas para as versões que se acham adoptadas se verifica (como por exemplo no caso das teses que tenho adoptadas na condução da minha vida) mesmo onde na verdade não é assim tão difícil perceber que há cabimento para alternativas.

Com efeito, se, consoante as teses, há diversos graus de enraizamento da elisão total de alternativas (de tal forma que, por exemplo, é de certo modo mais difícil ocorrer a possibilidade de uma alternativa à tese de proporção do que ocorrer a possibilidade de uma outra orientação, de um outro rumo para a nossa vida), mesmo nos casos em que a perspectivação de alternativas é menos remota, está "mais à mão", isso não impede que essa possibilidade assim perfeitamente ao alcance se mantenha totalmente arredada da minha perspectiva, totalmente apagada para ela. Conquanto nestes casos, uma vez desfeita a desfocagem, pareça óbvio e quase impossível de não ver o cabimento de alternativas, na verdade, em virtude de um condicionamento que prende à desfocagem e faz dela qualquer coisa profundamente enraizada, pode passar muito e muito tempo--e até todo o tempo em que o ponto de vista está constituído--sem que o apagamento de alternativas às teses adoptadas, a elisão do seu cabimento deixe de ser total.

Só tendo em atenção este aspecto se percebe bem a "força" da elisão de possibilidades alternativas e a forma como, mesmo quando radica numa desfocagem, o seu enraizamento e domínio pode ser profundo.

E, por outro lado, para se percebê-la inteiramente em todo o seu enraizamento e amplitude, é necessário ter também em conta co

mo, mesmo uma vez superada a total inadvertência e já detectado o cabimento de alternativas, a identificação de versões alternativas tende a manter-se aquém do integral acompanhamento de todas as versões alternativas que em absoluto são admissíveis.

Quando se tenta tal identificação, a tendência que se tem é sempre de novo para se considerar o leque das possibilidades identificadas como se na verdade fosse já completo, exaustivo, e não houvesse mais possibilidades para além dessas. Quer se tenha avançado muito na detecção de alternativas admissíveis, quer seja parco o apuramento conseguido, isto tende sempre de novo a inculcar-se, mesmo onde procura contrariar-se esta tendência, estar alerta para a eventualidade de haver ainda mais versões alternativas admissíveis que ainda estejam a escapar. Mas, sendo assim, havendo esta tendência para se considerar o elenco já completo, verifica-se que até mesmo quando já demorada e insistentemente se tentou dar conta de tais possibilidades, e até mesmo quando já se chegou a detectar um significativo conjunto delas, muitas vezes é incompleto, muito incompleto o reconhecimento assim obtido--e sempre de novo se vem a descobrir como de facto havia ainda outras totalmente insuspeitadas, deixadas fora da nossa perspectiva.

Suprimida a omissão total do cabimento de alternativas em relação a uma dada tese, isto está muito longe de significar o termo de toda a cegueira do meu ponto de vista com respeito às alternativas que essa tese de facto consente. A omissão de alternativas pode (e tende mesmo a) manter-se, em virtude da dificuldade que, como se apontou, embarga, manieta a nossa concepção de possibilidades.

Desenha-se desta forma toda a extensão, toda a "força" da elisão de alternativas tal como se verifica no nosso ponto de vista.

Por um lado, a maior parte das vezes a elisão é total--cabendo alternativas, a tendência que temos é para estarmos inteiramente alheados de tal cabimento, cegos relativamente a ele.No curso nor

mal do nosso ponto de vista, em relação à maioria das teses sustentadas por nós, não nos ocorre minimamente a possibilidade de ser de outro modo. E se pelo menos no que diz respeito a algumas delas há cabimento para alternativas, o ponto de vista não tem nenhuma perspectiva disso. Por outro lado, mesmo onde está ultrapassada esta total elisão, mantém-se uma tendência para que a concepção de alternativas fique aquém de conseguir conceber toda a multiplicidade das que têm cabimento relativamente a uma dada tese, de forma que subsiste, tende a subsistir uma margem mais ou menos grande (mas que pode ser muito ampla) de alternativas admissíveis totalmente insuspeitadas.

E tudo isto de tal modo que, estando-se--como se está--numa situação marcada por estas formas de retenção, oferece grande dificuldade qualquer passo no sentido de diminuir o escondimento que assim a afecta. A ultrapassagem de qualquer destes aspectos da elisão de possibilidades alternativas implica o vencer de uma descontinuidade--uma transposição do ponto de vista para lá dos limites do que de cada vez já se tem descoberto, uma "iluminação", se assim se pode dizer, dos seus próprios "ângulos cegos". Regista-se grande dificuldade em "descolar" da elisão total (mesmo onde retrospectivamente, uma vez percebida a possibilidade de haver alternativa, tal possibilidade parece perfeitamente óbvia, não envolvendo nenhuma dificuldade de maior em ser detectada).E regista-se também grande dificuldade em conseguir tornar completo o quadro das alternativas admissíveis para cada tese, por forma a obter uma <u>inteira lucidez</u> a respeito delas.

Desta forma, no que toca ao campo das alternativas que têm cabimento relativamente às teses que sustentamos, o nosso ponto de vista sofre de um <u>entranhado defeito de lucidez</u>, de estreiteza de ângulo, em virtude da qual fica de raiz--e sempre de novo tende a ficar--aquém da plena apercepção do que efectivamente <u>tem cabimen-</u>

to, constitui deveras uma possibilidade.

Relativamente às teses a respeito das quais se produz, este defeito de lucidez impede o nosso ponto de vista de ver a situação em que efectivamente está, retira-lhe a capacidade de a reconhecer tal como efectivamente se configura.

O que corresponderia à situação em que se está deveras seria a perspectivação da tese, da versão adoptada contra o "fundo" das possibilidades alternativas subsistentes. Onde há cabimento para tais possibilidades, só uma perspectiva assim constituída é clarividente. Mas não é nada disto que se passa connosco. Este "fundo" falta, tende sistematicamente a faltar--a estar apenas fragmentariamente desenhado e até mesmo a estar completamente eliminado, desaparecido na forma como temos as coisas. De maneira que não só não é seguido em toda a sua amplitude, em todas as possibilidades que abrange, mas o nosso ponto de vista chega a perder completamente o seu rasto, a noção de que na verdade tem cabimento.

Por outras palavras: o que caracteriza o nosso ponto de vista é uma sistemática desfocagem relativamente ao campo das possibilidades alternativas, uma tendência para a unilateralidade, para a amputação parcial ou total do campo das alternativas---em virtude da qual, não estando na verdade em condições de excluir fundadamente alternativas à versão que adopta, as exclui no modo abusivo da não consideração, do fechamento de perspectiva. Por via da elisão ou aparece só a própria possibilidade que está perfilhada--e esta fica eximida à concorrência com alternativas e vale como se fosse em absoluto a única admissível--ou então aparece só uma parte de tais alternativas--e fica-se longe de perceber a que ponto a versão adoptada consente concorrência.

Ora, verificando-se a ocorrência em nós deste tipo de limitação, desta unilateralidade, deste condicionamento de estreiteza de ângulo no reconhecimento de alternativas, resulta daí qualquer coisa com que habitualmente não se conta, mas que na verdade é inanu-

lável e faz cair a segurança com que normalmente o ponto de vista se percebe. Se há este fenómeno, se ele faz parte daquilo que se passa connosco, então a inaparência de alternativas--a circunstância de não se apresentar nada como alternativa às teses que se sustentam (sc. a circunstância de só se apresentar este e aquele leque limitado de alternativas) deixa de poder ser tida como significando a ausência real de alternativas (ou que o seu quadro se reduz efectivamente às que se acham identificadas). A inaparência pode não traduzir outra coisa para além do condicionamento de omissão--pode ser um mero efeito da estreiteza do nosso acompanhamento do que cabe, desse defeito de lucidez a que pelo menos nalguns casos se verifica estarmos sujeitos.

Daqui resulta uma grande opacidade da situação em que se está, repercutindo-se sobre todas as teses a respeito das quais não se vê "espaço" para alternativas. Não se sabe assim sem mais qual dessa inaparência corresponde a uma efectiva falta de cabimento de alternativas e qual resulta tão somente de fenómenos de elisão. A possibilidade de ser justamente apenas isto é, para cada tese, uma possibilidade inanulável e não posso, para nenhum dos momentos do meu ponto de vista, excluir em definitivo que esteja a ser unilateral, no sentido referido, a minha perspectiva a seu respeito.

Da mesma maneira que já tive como teses sem alternativa algumas que vim a verificar consentirem-na de facto, de tal forma que era por condicionamento de elisão que apareciam fora de qualquer concorrência, assim também é perfeitamente possível que de entre aquelas que ainda agora aparecem sem alternativa, muitas estejam sujeitas a um ainda inapercebido condicionamento de elisão. E mesmo onde parece mais incrível, mais inaceitável o cabimento de alternativas--onde a ausência delas se afigura suportada por uma inexpugnável evidência--não se têm condições para excluir de forma absoluta que toda essa óptica de evidência esteja a ser possibili-

tada por mera elisão de possibilidades.

*

Tudo isto significa, em primeiro lugar, mais um aspecto de incompletude da nossa perspectiva--algo que se prende com a primeira modalidade de restrição do acesso, e não com a finitude de erro ou com a finitude modal propriamente ditas. Mas, por outro lado, vendo bem, trata-se de uma incompletude de perspectiva que ajuda a cegar relativamente ao cabimento de erro e de incerteza--e tanto quer dizer ao âmbito, à amplitude possível da finitude de erro e da finitude modal.

Com efeito, não se lobrigando como é aquilo que se vê possa ser de outro modo que não o adoptado--não se apresentando nenhuma alternativa concreta à perspectiva que se segue---constitui-se como que uma unicidade da perspectiva perfilhada. A versão adoptada dá-se como única, sem qualquer concorrência--com o campo "concorrencial" totalmente eliminado. E toma-se a unicidade da versão adoptada não como uma unicidade "πρὸς ἡμᾶς", relativa ao nosso ponto de vista e fruto da sua finitude, mas como uma unicidade "τῇ φύσει", uma unicidade de raiz, absoluta, resultante da própria natureza das coisas.

Sendo assim, reinando uma tal "unicidade" da versão que o ponto de vista segue, não há para ele nenhum plano relativamente ao qual a perspectiva que tem adoptada possa constituir paralaxe--parece não ter cabimento nada de que se possa estar a ser desviado no modo como se vêem as coisas. O outro-que-não-aquilo-que-se-apresenta está totalmente eliminado. O campo de consideração fica fechado na versão espontaneamente tomada como boa, esgota-se nela.

E, desse modo, não tem referência de nada diferente dessa versão e que pela aceitação dela possa estar a ficar escondido, "distorcido", num escondimento de erro.

Correlativamente, não havendo alternativas para as perspectivas adoptadas, falta também por inteiro qualquer "espaço" para se ter incerteza a seu respeito. A "unicidade" com que essas perspectivas se apresentam, a ausência de qualquer alternativa que se lhe oponha, põe-nas numa posição segura, de tal forma que a sua validade não parece de nenhum modo susceptível de ser posta em causa.

Assim--e retomando um dos exemplos antes considerados--no modo como vivo o meu dia-a-dia, tenho completamente elidido todo o horizonte das possibilidades alternativas àquilo que ando a fazer, ao rumo que tenho dado à minha vida. E porque dessa forma a orientação que está dada à minha vida "ocupa" em exclusivo a minha perspectiva (não se perfila contra nenhum quadro de alternativas definidas, efectivamente desenhadas), não tenho nenhuma indicação de algo que pudesse disputar àquilo que faço a pretensão de ser o mais adequado, não vejo nada em relação ao qual possa constituir erro a minha entrega àquilo que faço. Correlativamente, a tese de que isso que faço, o rumo que sigo é que é o adequado ou o melhor possível não tem nenhuma outra com que esteja em tensão, que se lhe contraponha--e, desse modo, dispõe de todas as condições para valer no meu ponto de vista como modalmente irrestrita.

Desta forma, o defeito de lucidez correspondente à elisão de alternativas obstrui a equacionação da possibilidade de erro, onde esta tem de facto cabimento. E condiciona o nosso ponto de vista por tal sorte que se vive ilusoriamente como uma evidência a impossibilidade de haver erro, subsistindo na verdade tal possibilidade, e se vive ilusoriamente numa óptica de certeza, onde não há de facto condições para ela.

Por outro lado, onde a elisão não é total mas subsiste ainda (mantendo eliminadas, fora de perspectiva, alternativas que na ver

dade têm cabimento), embora já não se produza a ilusória unicidade de que se falou, continua em todo o caso a ocorrer uma truncagem do plano em relação ao qual a perspectiva adoptada pode estar a constituir desvio. Esse plano fica percebido sob o efeito de uma redução da sua amplitude, é simplificado, diminuído no seu peso. Correlativamente, é também truncada a forma como se têm apercebidos os factores de incerteza que na verdade impendem sobre a tese em causa. O complexo de tensões, de disputas, a que na verdade se acha exposta só em parte é descortinado--atenuando-se, amortizando-se com isso a força do seu impacto como fonte de incerteza. E, mesmo que, por via das alternativas que já se reconhecem, não persista uma pretensão de perfeição modal, a verdade é que, subsistindo a elisão de alternativas, o ponto de vista mantém-se aquém de uma plena apercepção da incerteza que na verdade pesa sobre a tese em causa--de experimentar essa incerteza em todo o seu peso.

Em qualquer dos casos, a incompletude da perspectiva que se tem sobre o cabimento de alternativas deixa aberto um espaço de possibilidade de erro de que o ponto de vista assim condicionado não se apercebe. E, deste modo, o fenómeno da elisão de alternativas, o facto de esse fenómeno se dar connosco, abre em si a possibilidade de a finitude de erro e a incerteza a que se está sujeito ser na verdade muito mais ampla, de muito maior peso do que tende a parecer.

O caminho para uma efectiva verificação da falibilidade do ponto de vista e para a verificação da finitude modal que na verdade o afecta passa então por uma correcção desta desfocagem relativamente ao campo das possibilidades, por uma suspensão da unilateralidade, deste ilegítimo fechamento do horizonte, que naturalmente vigora, ou seja, pela reposição do quadro de possibilidades alternativas que efectivamente impendem sobre as coisas que temos vis-

tas de um determinado modo.

Só conseguindo suprimir esta ilegítima eliminação de possibilidades, só identificando integralmente a sua presença e neutralizando-a--por forma a garantir que não é por seu efeito que as teses adoptadas parecem não admitir alternativas--a determinação da margem de cabimento de erro e de incerteza e minimamente significativa, pode ter valor. [154]

2.2.2.2 Continuação da análise do dispositivo de ocultação do cabimento de erro e da finitude modal: o fenómeno da TRANSGRESSÃO MODAL. O sistemático domínio da transgressão modal no nosso ponto de vista e o seu papel na ocultação do cabimento de finitude de erro e de finitude modal. Articulação entre o papel da elisão de possibilidades e o papel da transgressão modal na ocultação do cabimento de finitude de erro e de finitude modal. A radical modificação de perspectiva que se dá ao proceder-se à redução destes fenómenos.

O segundo fenómeno que sistematicamente ocorre e decisivamente contribui para que o reconhecimento da possibilidade de erro e da incerteza em regra fique muito aquém da amplitude e do alcance com que na verdade ambas têm cabimento no nosso ponto de vista é o fenómeno do que se pode chamar uma sistemática transgressão modal.

Este outro fenómeno está estreitamente associado à elisão de alternativas, cuja ocorrência se acabou de descrever. Em certa medida, a elisão de alternativas fomenta-o, propicia-o. Mas, por outro lado, vendo bem, é um fenómeno com um carácter próprio, que goza de autonomia e é suficiente só por si para ocultar a possibili-

dade de erro e a incerteza--constituindo mesmo o factor de obstrução, bloqueio, que mais decivamente impede a sua adequada identificação.

Em que consiste a transgressão modal ?

Conforme já várias vezes se referiu (mas ainda sem chegar propriamente a focar a estrutura deste fenómeno), se analisarmos a "qualificação modal" das apresentações que sucessivamente vamos tendo (o modo de adesão--o índice de peremptoriedadade/não-peremptoriedade, etc. com que se acham aceites), verificamos que a esmagadora maioria dessas apresentações está adoptada com um índice livre de qualquer restrição--como se gozassem de perfeição modal.

Se assim se pode dizer, reina no nosso ponto de vista uma tendência generalizada para a irrestrição modal na adopção das apresentações, qualquer coisa como uma "ambiência", uma tonalidade modal dominante, marcada pela ausência de restrições e que faz que o ponto de vista "embarque" sem reservas na aceitação do que se lhe apresenta, conferindo-lhe um carácter como que totalmente certo.

Sem dúvida que há casos determinados que se eximem ao domínio deste índice de validade irrestrita. Mas são justamente esporádicos e de âmbito restrito:constituem excepções. Em geral, mesmo que isso não se manifeste de forma explícita (não esteja formulado em nenhuma pretensão expressa), o que caracteriza as apresentações que temos é o facto de inculcarem--de forma absolutamente decidida, peremptória--que as coisas são e só podem ser tal como nelas estão apresentadas : que é impossível que estejam a ser de outro modo.

Por outras palavras, independentemente de se achar ou não traduzido numa pretensão expressa, reina normalmente no nosso ponto de vista um condicionamento em virtude do qual quase tudo o que tem apresentado vale de facto como um "μὴ ἐνδεχόμενον ἄλλως ἔχειν ".

Mas, se isto é assim, por outro lado--e esse é o ponto deci-

sivo--a "evidência", a pretensão modal que assim vigora (a exclusão do "ἐνδέχεσθαι ἄλλως ἔχειν"), embora esteja constituída sem qualquer hesitação, pelo menos nalguns casos carece de um fundamento real que a suporte, está muito longe de ter algo que efectivamente garanta, legitime a qualidade modal por ela estabelecida.

Dito de outro modo : a "coloração" modal com que estão adoptadas algumas apresentações de que se dispõe não corresponde efectivamente à situação em que se está e à determinação modal que se acha em condições de fundamentar. Desta forma, verifica-se no nosso ponto de vista, pelo menos em relação a algumas apresentações, qualquer coisa como um valer-como-apodíctico que está muito longe de significar uma apodicticidade real: a efectiva e total impossibilidade de não ser tal como se inculca nas apresentações em causa. Quer dizer : além das diversas qualidades modais que efectivamente reflectem as condições de acesso que se tem àquilo a cuja apresentação se aplicam, há também uma peculiar forma de "coloração" modal das apresentações, que se caracteriza precisamente por não traduzir a modalidade que seria legítima (que corresponde à situação)--ou seja, há também uma forma de coloração modal que se caracteriza por assumir ilegitimamente um valor modal de apodicticidade que as condições reais de acesso de que se dispõe estão muito longe de poderem autorizar.

Esta peculiar forma de qualificação modal da apresentação, que assim corresponde a qualquer coisa como uma transgressão modal, não ocorre apenas em casos isolados. Se, como se apontou, quase tudo o que se tem apresentado está constituído com um índice modal de irrestrição, são muitos mais do que à primeira vista parecem os momentos em que esse índice não corresponde a outra coisa senão a este fenómeno de transgressão modal.

Assim, se proceder a uma inspecção das características modais das apresentações que normalmente tenho, verifico que inclusiva-

mente a respeito de perspectivas mais obviamente frágeis, mais facilmente revisíveis (em que mais facilmente e detectável a possibilidade de na verdade não ser assim como nelas se inculca) reina no meu ponto de vista uma sistemática transgressão deste tipo, uma sistemática sobrestimação da sua valência modal, equiparando-a abusivamente à de uma certeza plena, irreversível.

Alguns exemplos permitem focar melhor o fenómeno aqui em causa.

Muitas e muitas vezes, por exemplo, ouço e aceito como se fosse absolutamente certo e estivesse inteiramente assente aquilo que se diz acerca destas e daquelas pessoas--que fizeram isto ou aquilo, têm estas ou aquelas particularidades de carácter, etc.. Se atentar, se puser à prova a natureza do acesso que efectivamente tenho àquilo de que se trata em semelhantes casos (e o fundamento, a garantia da versão que assim me é transmitida), verifico que os elementos de que disponho a respeito das realidades em causa são na verdade muito escassos--que eu próprio tive ocasião de ver como sem qualquer base se põem a correr imensas coisas, que não sei bem qual a fidedignidade das fontes que puseram a correr o que assim aceito, que desconheço se não foi por meras suposições, por conclusões apressadas, por malevolência, etc., etc. que tudo isso se tornou voz corrente. De tal modo que, de facto, as perspectivas em causa são, no mínimo, merecedoras de cautela--de reservas. Todavia, normalmente, e sem que pense nisso, tenho adoptada uma grande quantidade de perspectivas desta natureza, que provêm daquilo que se diz, sem qualquer espécie de restrição modal a seu respeito--como se fosse inteiramente líquido e estivesse rigorosamente apurado ser assim como apresentam. Oriento-me por perspectivas deste género (discuto inclusivamente com outros, a defendê-las), como se estivesse absolutamente certo do que assim aceito--como se a evidência da respectiva doação fosse absoluta (ou seja, num regime de ilegítima exclusão da possibilidade de haver erro nestas perspecti

vas).

Situação análoga se verifica **mutatis mutandis** no que diz respeito às perspectivas que <u>eu próprio</u> tenho sobre as pessoas que conheço.

Sem dúvida que aqui já não está em causa a possibilidade de as fontes não serem fidedignas (que haja, por exemplo, invenção, acrescentos e deturpações na origem do que se diz, na sua transmissão,etc.). Pelo menos em parte, as convicções que tenho vêm-me de um <u>contacto directo</u> : do que eu próprio tive ocasião de apurar no meu convívio com as pessoas em causa. Só que o facto de assim ser não impede que também muitas das perspectivas que tenho a seu respeito estejam muito longe de ter a liquidez absoluta, a perfeição modal com que habitualmente valem para mim. De facto, a forma como olho e tenho revelada, identificada, a maior parte dessas pessoas passa inteiramente por cima da reserva em que (dadas as restrições que afectam o acesso de que disponho relativamente aos outros) na verdade se mantêm os aspectos a cujo firme e certo apuramento pretende corresponder.Tenho muito claramente assente que essas diferentes pessoas pensam, "sentem" deste e daquele modo, têm estas e aquelas preocupações, se distinguem por estes e aqueles traços de carácter, são capazes ou incapazes disto ou daquilo,etc.. E tenho tudo isto assente de uma maneira que deixa globalmente inatendido que a maior parte da vida dessas pessoas,daquilo por que passam, do que fazem, dos pensamentos e das preocupações que têm, etc., se desenrola num plano reservado,inacessível, de tal modo que é muito restrito o acompanhamento que de facto tenho delas---tão restrito que não constitui uma base capaz para o "retrato" global, para o complexo de teses que assim (como se fosse bem informado, absolutamente certo) sustento a seu respeito. Mas mais ainda. Tenho tudo isso estabelecido, dado por assente de uma maneira que deixa globalmente inatendido que, além disso, mesmo as <u>manifesta-</u>

ções (os gestos, as palavras, etc.) a que de qualquer modo tenho acesso e em que o outro parece revelar-se (mostrar, como se diz, "o que lhe vai na alma") não são de modo nenhum, como parecem, absolutamente transparentes, unívocas--patenteando o outro nas suas reais intenções (no que efectivamente pensa, no que efectivamente deseja, etc.). E não só não são absolutamente unívocas, mas caracterizam-se mesmo por em tudo serem constitutiva e inultrapassavelmente equívocas: em tudo serem passíveis de uma multiplicidade de interpretações diferentes das motivações que têm, do seu significado, dos modos de ver, de sentir, de querer, etc., que lhes estão na origem. Nenhuma manifestação do outro é suficiente para mostrar apodicticamente a intenção, o ponto de vista, a orientação, que o outro na verdade tem. Por mais claramente que qualquer manifestação me pareça traduzir isto ou aquilo, na verdade nunca posso excluir que esse seja apenas um efeito de aparência--e que (ou porque o comportamento do outro envolve dissimulação, ou porque tem uma motivação irónica, ou pura e simplesmente porque as possibilidades de entendimento que de cada vez sou capaz de lobrigar não esgotam todo o campo das motivações possíveis e a motivação real está fora de tudo o que considero) aquilo que dita o comportamento do outro, o sentido que este tem para ele, seja diferente do que a mim me parece evidente. Tudo isto de tal modo que na verdade o estabelecimento de qualquer versão do outro só é possível justamente através de uma interpretação desta ordem, conferindo àquilo que se vê um determinado significado, decidindo-se por esse significado e construindo a partir daí, numa interpretação (que é sempre falível, que nunca tem ultrapassado o plano da falibilidade), uma fixação das características, do "perfil" do outro.

Deste modo, olhando bem--percorrendo mais atentamente o conjunto das pessoas com que lido, ponderando aquilo de que efectivamente disponho em relação a cada uma--verifico que elas podem, com efeito, ser assim, como tenho assente (com as características que

lhes atribuo), mas de facto também podem muito bem ser completamente diferentes. E verifico que na realidade não há nenhuma garantia que em última análise permita consagrar absolutamente a interpretação à luz da qual as tenho reconhecidas.

Numa palavra, em relação a todas as pessoas com que lido, por muito que me pareça certa a perspectiva que em mim reina a seu respeito, ela corresponde sempre a qualquer coisa como uma solução de "nó górdio" relativamente à possibilidade aberta das múltiplas interpretações possíveis--ela compreende sempre qualquer coisa como um salto para uma versão, com tudo o que isso significa de risco.

Todo o "diagnóstico" que de cada vez tenho feito a respeito dos outros tem assim, vendo bem, o carácter de um assentamento bastante frágil. E, todavia, não é nada assim, não é de modo algum com a qualificação modal correspondente a tal fragilidade que habitualmente tenho adoptada a minha versão dos outros com que lido--mas antes de uma forma em que toda essa insegurança, toda esta fragilidade está desaparecida, mascarada : de que está inteiramente ausente qualquer significativo índice de restrição. A forma como habitualmente se está com a apresentação dos outros não envolve sombra de procura, "auscultação" deles--e normalmente também nenhuma hesitação (que, quando ocorre, o faz de qualquer modo só a respeito de alguns aspectos, deixando intacta a maioria dos traços com que os outros se acham fixados). O quadro em que me movo é o de uma inteira adesão à versão que tenho estabelecida, é um quadro em que ela está inteiramente assente--e de tal modo que nesse quadro não entra nenhuma efectiva consideração da possibilidade de ser de outro modo (essa possibilidade está de facto excluída). E, mesmo quando sou obrigado a uma correcção dessa versão, ela processa-se normalmente por mera substituição de teses adquirindo a nova versão o mesmo carácter inteiramente assente modalmente irrestri-

to, que marcava a antiga.

Idêntico fenómeno se regista também no que diz respeito à determinação das causas em virtude das quais ocorreram estes e aqueles fenómenos, e à responsabilização de pessoas por ter acontecido isto ou aquilo. Também aqui, ao examinar, verifico como uma constante no meu ponto de vista a assunção de determinadas explicações, determinadas versões dos factos, como absolutamente estabelecidas, numa adopção sem quaisquer hesitações, inteiramente decidida. E também aqui, como muitas vezes se comprova, esse absoluto assentamento não corresponde de maneira nenhuma à absoluta impossibilidade de ser de outro modo--à total exclusão de versões alternativas e à inteira adequação da perspectiva que se segue. As versões, as explicações adoptadas estão-no com uma qualificação modal abusiva que esconde a possibilidade, no entanto deveras subsistente, de as coisas serem diferentes do que nelas se estabelece e de essas versões terem um carácter inteiramente erróneo.

O mesmo acontece, por exemplo, também no que diz respeito à inexplícita assunção de que os objectos à minha volta estão totalmente parados, livres de qualquer movimento. Ou igualmente no que diz respeito à tese de que não vou acabar já, nos próximos momentos (nem hoje, nem amanhã, nem em breve)--antes tenho indefinidamente à minha frente uma continuação de mim.

E assim também no que diz respeito às teses inexplícitas segundo as quais as realidades que agora se me apresentam são exactamente as mesmas que se me apresentavam há duas ou há doze horas, as mesmas que se me apresentavam ontem, há meses e há anos, quando aqui entrei pela primeira vez, e, para além disso, também as mesmas que aqui haverá dentro de momentos--e daqui a horas, dias, meses, numa continuação a prolongar-se indefinidamente.

Em todos estes casos, com um grau maior ou menor de evidência --com uma evidência mais ou menos resistente, que parece mais ou menos inabalável, irreversível--tenho presentes no meu ponto de

vista teses e essas teses valem de ordinário como evidências absolutamente adquiridas, que de nenhum modo ponho em causa, a respeito das quais, pense ou não pense nisso, de facto tenho por excluído que possa alguma vez não ser como nelas se apresenta. E em todos estes casos a valência modal que assim vigora não corresponde à situação em que se está e a uma efectiva impossibilidade de haver erro nas teses que se seguem.

Vendo bem, mesmo que de facto até aconteça serem efectivamente adequadas todas estas teses a que naturalmente adiro, não tenho nenhum meio de excluir com fundamento a possibilidade contrária--não é autêntica a "certeza" com que as tenho assumidas. 155 Mesmo que com muita força se me inculque que os objectos à minha volta estão parados, não tenho nenhum meio de excluir justificadamente a possibilidade de ser de outro modo---e que esses objectos estejam mesmo em movimento. Por muito que esteja convencido que não vou acabar já ou daqui a instantes, de facto nada permite em definitivo excluir que seja justamente isso que venha a acontecer. Por muito que se me inculque com evidência que há uma identidade diacrónica das realidades que me cercam (uma identidade que atravessa o seu passado e o seu futuro), nada em absoluto permite eliminar a possibilidade de que de facto sejam a cada instante novas, sempre outras, as que estão a ter lugar--e que só por uma limitação, por um condicionamento do meu modo de ver pareçam ser (terem de ser) idênticas.

Algo de semelhante acontece ainda com a tese segundo a qual a apresentação de que disponho é abrangente e há uma proporção entre o que tenho e o que há, ou também com a tese segundo a qual as determinações de que consta a apresentação em mim constituída são, pelo menos no fundamental, as mesmas que têm lugar independentemente da ocorrência da apresentação--facultando assim uma adequada "reconstituição" da realidade que aí há. E assim também no que diz

respeito à tese segundo a qual a realidade se continua indefinidamente, para além do que vejo, no espaço e no tempo, ou à tese segundo a qual este último é irreversível no seu curso e nada pode quebrar essa irreversibilidade. E o mesmo no que concerne a tese de que o que estou a fazer da minha vida, ao tê-la empregada deste modo, é o mais adequado (ou, de toda a maneira, o que mais me convém dentro do que, nas circunstâncias, é possível). E, finalmente, o mesmo também no que concerne a assunção em que possa estar sobre se na verdade existe ou não existe uma realidade correspondente ao sentido da designação "Deus".

Também aqui as teses que tenho normalmente adoptadas valem de ordinário como evidências absolutamente adquiridas, que de nenhum modo ponho em causa, a respeito das quais não se suscita qualquer espécie de hesitação, restrição modal, "crise". E também aqui a valência modal que assim vigora não corresponde à situação em que se está--e a eu dispor de um efectivo fundamento para excluir o "ἐνδέχεσθαι ἄλλως ἔχειν" e a possibilidade de haver erro na tese que sustento. 156

Vendo bem, com efeito, independentemente de até poderem ser adequadas as teses que naturalmente sigo, por muito que me pareça ter uma perspectiva abrangente da realidade e haver uma proporção fundamental entre o que há e o que tenho, não está de modo algum excluído, como se teve ocasião de ver, que seja exactamente o contrário que sucede--e na verdade a minha perspectiva seja mesmo "infinitamente" confinada, incompleta. Por muito que me pareça que as determinações que tenho na apresentação para mim constituída são, pelo menos no fundamental, as mesmas que têm lugar independentemente do acontecimento da apresentação, não há nenhuma possibilidade de garantir que em absoluto seja assim--não está em definitivo excluída a possibilidade do contrário: de serem outras, completamente outras, as determinações da própria realidade, na sua existência independente--e de esta constituir, assim qualquer coisa que

se mantém radicalmente escondida ao dispor-se de uma apresentação como aquela que se tem.E o mesmo, **mutatis mutandis**, no que diz respeito à continuação da realidade para além do que tenho propriamente apresentado, à irreversibilidade do tempo, à justeza do modo como emprego a vida e à assunção, que tenha estabelecida, de que Deus existe, ou de que, pelo contrário, não existe, etc..

Em qualquer destes casos a adopção da tese que sustentamos não tem, vendo bem, nenhum meio de se constituir legítima, fundadamente, na eliminação do cabimento de outras possibilidades--numa real, definitiva superação da incerteza a respeito do que efectivamente se passa.

Mas, sendo esta a situação de ordem modal em que de facto estou relativamente a todos estes pontos, isso não impede que em todos eles normalmente o aspecto problemático esteja completamente desvanecido, apagado para o meu ponto de vista, e sobre cada um dos pontos nomeados vigore habitualmente, pelo menos de forma implícita, uma assunção que vale por absolutamente adequada--como se as coisas fossem e em absoluto só pudessem ser da forma que se cuida.

*

Em todos estes exemplos está em causa, como é bem de ver, um fenómeno de elisão de alternativas, tal como foi descrito no § anterior. Todos eles documentam a ocorrência de elisão e, nesse sentido, complementam a exposição anteriormente feita, ilustrando-a com uma multiplicidade de casos concretos, em que se mostra a frequencia, a profusão do fenómeno.Mas, por outro lado--e este é agora o ponto decisivo--ao mesmo tempo que corroboram e aclaram aquilo que se disse a respeito da elisão, permitem também pôr em relevo um outro aspecto, de que naturalmente temos tão pouca consciên

cia quanto da elisão, e que é o do sistemático descuido que nos afecta no estabelecimento da qualificação modal das apresentações que temos.

Com efeito, mesmo que--em virtude da elisão--não se vejam alternativas para as teses que fazem fé na nossa perspectiva, a verdade é que uma verificação das condições de que se dispõe num acesso como aquele em que nos encontramos permitiria ver que de facto não se tem um ponto de vista habilitado a conferir a essas apresentações uma absoluta certeza. Mesmo sem ver alternativas, poderia muito bem perceber a ausência de condições de garantia, a ilegitimidade, para essas perspectivas, de um "οὐκ ἐνδέχεσθαι ἄλλως ἔχειν ", de uma óptica de irrestrição modal. Se isso não acontece é porque a fixação da qualidade modal das apresentações não está feita a partir de uma rigorosa verificação do que é legítimo assentar--de quais os assentamentos que podem ser efectivamente sustentados pela situação de acesso em que se está.

Além da ocorrência da elisão de alternativas, o que todos estes exemplos põem em evidência é o peculiar estado-de-coisas que se regista no tocante ao estabelecimento dos índices, das determinações modais das apresentações.

Em primeiro lugar, se cada uma das apresentações de que se dispõe tem atribuída uma determinação modal, a fixação de tal determinação é qualquer coisa que de ordinário sempre já se acha feita ao emergirem as apresentações--sem exame: de forma espontânea, "automática". De tal modo que essa atribuição não passa pela consideração do problema do fundamento da qualidade modal (por uma focagem da situação em que se está relativamente à possibilidade ou impossibilidade de garantir aquilo que se apresenta). E de tal modo que em regra se "embarca" totalmente nas qualidades modais assim fixadas e nunca se chega a uma consideração do problema da fundamentação, a um exame da situação modal. Por outras palavras, a a

tribuição de determinações modais está sistematicamente feita de forma desatenta, distraída, desfocada.

Em segundo lugar, a desfocagem que assim sistematicamente tem lugar não é uma desfocagem com resultados totalmente aleatórios (conduzindo indiferentemente à atribuição de predicados modais menos restritivos a apresentações que requeririam maior restrição modal e à atribuição de predicados mais restritivos a apresentações na verdade habilitadas a uma menor restrição), mas antes uma desfocagem constituída de tal modo que depõe sistematicamente no "terminus ad quem" da IRRESTRIÇÃO modal.

O regime de fixação desfocada da qualidade modal é simultaneamente um regime marcado pela atracção para a irrestrição. De tal modo que o "deslize" para uma certeza infundada, ilegítima--a transgressão modal--é qualquer coisa de constante, de "normal" no nosso ponto de vista, qualquer coisa para que de raiz (e sempre de novo) se tende.

Independentemente da qualidade modal que efectivamente corresponde ao acesso de que se dispõe a seu respeito, a generalidade das apresentações, está, se assim se pode dizer, "puxada" para a irrestrição modal, tende a ser adoptada nessa óptica.

O plano em que se está é este plano de desfocagem decidida pela irrestrição. É assim que tende a adoptar-se a generalidade das apresentações. Conforme se apontou (mas agora já se pode perceber mais precisamente no que isso significa) está permanentemente constituída no nosso ponto de vista qualquer coisa como uma "ambiência", uma "atmosfera" de desfocagem decidida pela irrestrição, uma atitude geral de transgressão modal, condicionando o modo de adopção das diferentes apresentações e fazendo que tendam a integrar-se, a deixar-se "absorver" nela.

Não significa isto--como é bom de ver--um "monopólio" total da irrestrição, suprimindo absolutamente qualquer diversidade modal, impedindo por inteiro a atribuição de determinações restritivas. O

nosso ponto de vista é--e é espontaneamente--capaz de apresentações afectadas por índices de restrição. Tampouco significa que toda a irrestrição modal presente no nosso ponto de vista seja uma irrestrição "de desfocagem", correspondente a uma transgressão modal. Não se viu ainda nada que permita sustentar uma tal tese. Mas, de qualquer forma--e isso é que é o decisivo (e o que já se deixa ver a partir do exposto)--o volume do que está adoptado numa óptica de irrestrição é muito mais amplo do que aquilo que corresponde à situação em que nos havemos e às condições de acesso de que nela se dispõe. Só uma parte (e uma parte bastante aquém do todo) das teses que não oferecem condições de perfeição modal está percebida nessa falta de condições. E, por outro lado, mesmo que ao menos algumas das teses adoptadas com um índice de irrestrição tenham legitimidade para o efeito, habitualmente não é em resultado de uma verificação dessa legitimidade, é antes num plano de desfocagem, de distracção, que a valência de irrestrição está posta a vigorar.

E assim, não sendo embora total, absoluta (nem no sentido de não comportar excepções, momentos de restrição, nem no sentido de toda a irrestrição corresponder a esta forma de desvio relativamente à modalidade que é legítima), a desfocagem e, nela, a atracção para a irrestrição (em pelo menos grande parte correspondente a transgressão modal) é algo por que o nosso ponto de vista se acha fortemente afectado--é, se assim se pode dizer, a "óptica normal" que de raiz o domina. De tal modo que pelo menos uma muito significativa parte das perspectivas que tem feitas suas se reveste dessa forma peculiar, inautêntica, de apodicticidade a que a transgressão modal conduz: um valer-como-apodíctico, a que se pode dar o nome de quase-apodicticidade, vincando deste modo a parecença que tem com uma apodicticidade real, e a distância a que na verdade se situa dela.

Posto em relevo, assim, numa primeira aproximação, o fenómeno da transgressão modal e da valência de quase-apodicticidade que por seu intermédio se associa a muitas das apresentações de que dispomos, é ainda fugidia e insuficiente a noção que se tem destes fenómenos e está ainda longe de fazer ver a que ponto são enraizados e determinantes. Mesmo uma vez já tematizado, o fenómeno da transgressão modal, da quase-apodicticidade, pode (e tende a) ser subestimado no seu alcance e importância--pode (e tende a) parecer muito menos sólido, resistente do que de facto é : pode (e tende a) não mostrar o papel decisivo que de facto desempenha.

Assim, por um lado, porque a transgressão modal e a valência de quase-apodicticidade a que conduz só são possíveis no quadro de uma <u>desfocagem</u> (<u>enquanto se está distraído</u>--enquanto não se atende à posição em que se está, não se pergunta de que condições na verdade se dispõe para decidir acerca das realidades em causa), pode parecer que se trata de um complexo de fenómenos na verdade pouco arreigados, apenas transitórios, frágeis. De tal forma que, mesmo admitindo que naturalmente tendam a dominar a maneira como vemos, são de qualquer modo facilmente ultrapassáveis--fáceis de neutralizar, de suprimir. Se é por desatenção, por distracção que se produzem tais fenómenos, uma vez que o nosso ponto de vista é justamente capaz de deixar a distracção, de proceder a focagens e, designadamente, à focagem das condições de acesso, basta a realização de tal focagem para que o fenómeno da transgressão modal seja desfeito e a quase apodicticidade erradicada.

Por outro lado, visto que, como os próprios exemplos citados documentam, há uma conexão entre o fenómeno da elisão de possibili-

dades alternativas e a transgressão modal (visto que parece ser a aparente inexistência de alternativas que confere a ilusão de apodicticidade às teses que se têm adoptadas), o fenómeno da transgressão modal tende a passar como sendo um mero efeito ou corolário da elisão de alternativas e não desempenhando nenhum papel próprio, autónomo, na ocultação do cabimento de erro e da finitude modal.

De facto, porém, não tem qualquer fundamento nenhuma destas suposições para que se propende mesmo quando já se percebeu a ocorrência do fenómeno e de algum modo se vai já na pista dele. A despeito de tudo o que possa parecer, a despeito de ter origem numa distracção, numa desfocagem, o fenómeno da transgressão modal não é de modo nenhum um fenómeno sem enraizamento, fácil de desvanecer, mas antes um fenómeno profundamente enraizado, persistente, contumaz. E por outro lado, ainda que habitualmente esteja em conexão com a elisão de alternativas, também não constitui de modo algum uma mera consequência, um "epifenómeno" dela que só se pode dar na sua esteira (inteiramente desprovido de autonomia, de funções próprias), mas antes um fenómeno independente, capaz de subsistir mesmo uma vez ultrapassada a elisão de alternativas e desempenhando funções de ocultação do cabimento de erro mesmo quando a elisão de alternativas já se acha superada.

Para perceber como é assim e, em primeiro lugar, para perceber a que ponto a transgressão modal e a valência de quase-apodicticidade são enraizadas, considere-se mais atentamente o que se passa quando o nosso ponto de vista deixa de estar inteiramente sujeito a uma desfocagem relativamente aos fundamentos da qualificação modal, detecta a presença de transgressão modal e atenta na circunstância de a valência de irrestrição com que determinada apresentação está adoptada, vendo bem, carecer de fundamento.

Desprevenidamente tende-se a pensar que a qualidade modal com

que uma apresentação se acha adoptada pode ser, de cada vez, só uma. De tal modo que, uma vez tomada consciência da transgressão modal e percebido o não-fundado da quase-apodicticidade, esta é (e só pode ser) afastada da apresentação em causa, cedendo lugar a uma qualificação modal restritiva. É na assunção de que é assim que se baseia a convicção de que a transgressão é fácil de eliminar, desaparece assim que se suprime a desfocagem.

Mas esta perspectiva corresponde a uma grande **simplificação** do que na verdade se passa. Em especial, faz perder de vista a diversidade, a complexidade de planos que corresponde à diferença entre o contacto explícito, temático, com uma apresentação e o plano da sua presença, da sua vigência atemática, inexplícita. Ora, não se levando em conta esta diferença, perde-se a "sintonia" com o "meio" em que todos estes fenómenos se passam e deixam de se acompanhar os seus "meandros".

A quase-apodicticidade a que a transgressão modal conduz tem um carácter inexplícito, instala-se e impõe-se sem que se pense nela, sem que se formule expressamente uma pretensão, uma tese de apodicticidade--mas de tal modo que para todos os efeitos é esse o índice modal com que de facto se acham adoptadas as perspectivas a que o meu ponto de vista assim adere. Esta tese modal inexplícita pode traduzir-se numa tese modal explícita--mas não precisa dela para se dar e (mesmo que, por inadvertência, as possamos confundir) não se confunde com ela--é diferente dela. Quando se verifica o não-fundado da quase-apodicticidade, o seu caracter transgressor, constitui-se uma qualificação modal explícita diferente da quase-apodicticidade (uma qualificação modal marcada por uma nota de restrição). Esta tese restritiva explícita substitui, elimina a tese explícita de quase-apodicticidade em que a transgressão modal porventura se tenha expresso, mas, ao fazê-lo isso não significa necessariamente uma efectiva alteração do estado-de-coisas no plano da vigência, da assunção inexplícita. Por outras palavras, a fo

cagem das condições modais efectivamente disponíveis e a emergência de qualificações modais marcadas por um valor de restrição pode muito bem deixar em funcionamento, ilesa, no plano inexplícito a tese modal contrária (a quase-apodicticidade, a transgressão). E, se pareceria que esta tese modal expressamente constituída tem todas as condições para prevalecer sobre a vigência inexplícita da quase-apodicticidade (para a dominar e pôr fora de circuito), na verdade é exactamente o inverso que muitas vezes sucede. Não somente não a elimina inteiramente e tende a deixar subsistir qualquer coisa dela, mas, para além disso, é a qualidade modal de irrestrição inexplicitamente estabelecida que tende a prevalecer e orientar de facto o nosso ponto de vista, subalternizando, mantendo sem efeito a restrição modal que no plano explícito é reconhecida como válida.

Posso, por exemplo, suspender a não-consideração da alternativa à continuação de mim, atentar explícita e demoradamente na evidência da possibilidade de a minha vida acabar em breve, perceber a indecidibilidade que no fundo reina relativamente a essa alternativa, constituir a tese modal de restrição que corresponde à compreensão de tudo isto. Mas o que acontece é que a emergência desta tese modal de restrição explicitamente constituída tende sistematicamente a não trazer consigo nenhuma modificação da perspectiva de certeza que naturalmente tenho a este respeito : a minha adesão não temática, implícita à tese de que na verdade vou continuar persiste, prevalece sobre o reconhecimento temático da possibilidade do contrário. E a transgressão modal o domínio da quase-apodicticidade a respeito da tese de continuação mantém-se absolutamente intacto.

E por mais voltas que dê, por mais que insista na consideração da incerteza que aqui reina e na adopção da tese modal que lhe corresponde, sempre de novo tendo a continuar a aderir à "certeza"(à

pseudo-certeza) de que vou continuar a ser. A qualificação modal restritiva que percebo ser a mais correcta tende a manter-se fechada num espaço temático, de consideração explícita, que não é aquele por que na verdade estou orientado no modo como sou e como vejo. Além disso, mesmo quando, concentrando-me muito fortemente sobre o problema da fundamentação da tese em causa, chego a fazer prevalecer a evidência explícita da imperfeição modal sobre o domínio inexplícito da quase-apodicticidade, a alteração assim produzida tende, também ela (em virtude de um peculiar enraizamento da óptica de irrestrição), a não se inscrever de forma permanente no nosso ponto de vista, como um adquirido estável. Mal afrouxa o esforço de concentração, a transgressão modal recupera terreno, repõe-se, volta de novo a prevalecer sobre a restrição explícita e a dominar a perspectiva que de facto se tem.

De sorte que, mesmo produzindo-se uma focagem e contrariando ela a quase-apodicticidade naturalmente constituída, só aparentemente isso é suficiente para desfazer a transgressão modal, libertar o nosso ponto de vista do seu domínio. No fundo, ela persiste e continua a vigorar tão inteiramente como antes de ser contrariada por uma tese explícita. Verificando-se assim que ao contrário do que tende a julgar-se, o carácter meramente inexplícito de que em regra se reveste a transgressão modal não a faz "fraca". Constitui, ao invés, a sua força, o meio do seu domínio sobre o nosso ponto de vista, a raiz da sua "resistência", pertinácia--o que a torna tão difícil de extirpar.

O que assim sucede com a tese sobre a continuação de mim pelo futuro fora e com o fenómeno de transgressão modal que a afecta regista-se também com outras teses, designadamente com as que foram referidas no começo do §. Se verificarmos, apuramos este mesmo enraizamento, esta "resistência", "contumácia" da transgressão modal e a tendência que tem para levar de vencida todos os reconhecimentos temáticos em contrário.

Embora radicada de facto numa distracção, num defeito de focagem, a transgressão modal tem o nosso ponto de vista como que "afeito", preso a ela. Não é um fenómeno "de superfície", frágil, facilmente dissolúvel, mas qualquer coisa difícil de contrariar, em que de raiz se está profundamente embarcado--de cujas "malhas" só muito a custo nos conseguimos libertar e em cujas malhas, para além disso, sempre de novo tendemos a cair.

Em segundo lugar--e passando agora à ligação entre a transgressão modal e a elisão de alternativas--sem dúvida que a transgressão modal assim tão profundamente entranhada no nosso ponto de vista não é alheia à (também arreigada) elisão de alternativas e à unicidade que, como se viu, mesmo quando na verdade há alternativas, tal elisão confere às perspectivas que se adoptam. Mas, por outro lado, isso não impede que na realidade a transgressão modal seja <u>independente</u> desse outro fenómeno e totalmente <u>irredutível</u> a ele.

Com efeito, o meu ponto de vista poderia estar afastado da consideração de quaisquer possibilidades alternativas às versões que adopta e estas versões poderiam, por isso, gozar da <u>unicidade</u> que se apontou, sem que, com isso, se constituisse, da forma arreigada que se descreveu, a "certeza" (a <u>pseudo</u>-certeza) que de facto reina a seu respeito. Mesmo não tendo à vista nenhuma alternativa, a perspectiva poderia ainda assim ser neutra, <u>aberta</u> à possibilidade de surgirem alternativas--poderia não comportar a <u>exclusão</u> que de facto comporta, a quase-apodicticidade com que está adoptada. Havendo assim qualquer coisa que justamente <u>faz avançar</u> para lá da ausência de alternativas, dá um passo para além dela: introduz algo de novo, próprio, que ela só por si não constitui.

Mas não só isso : Além de avançar sobre a elisão de alternativas (e de, nesse sentido, constituir algo de próprio, irredutível a essa elisão), a transgressão modal não depende de maneira nenhu-

ma do pressuposto da elisão--como se não fosse capaz de subsistir sem ela.

Que efectivamente o é (e que pode ter efeito, condicionar o nosso ponto de vista independentemente da elisão de alternativas) mostra-o aquilo que na maior parte das vezes acontece quando a elisão deixa de ser total, se chegam a desenhar alternativas e desta forma se rompe a unicidade absoluta da versão adoptada.

Assim já no exemplo antes citado, quando suspendo a não-consideração de alternativas à tese da continuação de mim e atento explícita e demoradamente na evidência da possibilidade de a minha vida acabar em breve--e mesmo já. Neste caso, a tese de continuação, que está adoptada, passa a ser perspectivada contra o "fundo" das possibilidades alternativas que se lhe contrapõem. Mas esta suspensão da unicidade da tese de continuação não elimina, como se viu, a transgressão modal, deixa-a a funcionar em pleno, a despeito da efectiva perspectivação de alternativas.

Quando a elisão de alternativas deixa de ser total, a tese adoptada perde a exclusividade, passa a coexistir com alternativas, a tê-las copresentes. Mas essa copresença está muito longe de significar uma equipolência, uma plena paridade. Também aqui se faz sentir a anisotropia de que anteriormente se focaram já alguns aspectos. Na verdade, ainda que tal possa passar despercebido e pareça que a detecção do cabimento de alternativas põe as várias possibilidades concorrentes como que "lado a lado" (todas elas mais ou menos "no mesmo pé"), a relação entre as teses adoptadas e as alternativas é (tende a ser) marcada por uma grande assimetria--por uma assimetria tal que faz justamente que, vendo bem, as alternativas reconhecidas sejam encaradas como possibilidades na verdade em desvantagem, como possibilidades de todo o modo remotas ("académicas"), que de facto não são levadas a serio, não constituem uma efectiva "ameaça" para as teses que se seguem. Embora reconhecidas como admissíveis, o cabimento que assim lhes é atribuído e

um cabimento abstracto--um cabimento, uma possibilidade tão remotos que a distância a que se situam na verdade se confunde com a nulidade, com a exclusão--e a tese adoptada é de facto tida por apodíctica.

Naturalmente que nem sempre é absolutamente assim. As alternativas podem muito bem interferir de forma menos abstracta, com mais "pressão" sobre as teses adoptadas, maior "ameaça" para elas. Aqui há inclusivamente uma multiplicidade de graus de maior e menor interferência, de maior e menor "pressão" por parte das alternativas que se desenham. Mas, de qualquer modo, tendo o nosso ponto de vista adoptado de raiz uma determinada tese, é para uma adopção meramente abstracta, "distante", das alternativas que ele tende. E, além disso, mesmo quando se diminui essa "distância" das alternativas detectadas e aumenta a sua "pressão" sobre a perspectiva que se segue, tudo inclina a que se mantenha ainda assim uma diferença de estatuto (privilegiando a tese previamente adoptada) que de alguma maneira "irrealiza", "neutraliza" o reconhecimento da possibilidade de erro e da incerteza--e mantém de facto, a despeito de tudo o que já se reconhece em contrário, uma óptica de "canonização" das teses adoptadas, de efectiva exclusão da possibilidade de erro. Inexplicitamente, a transgressão modal subsiste, resiste a todos os reconhecimentos temáticos da sua falta de fundamento. E a inexplícita persistência da transgressão modal relativamente às teses naturalmente adoptadas introduz uma radical diferença de estatuto entre estas e as alternativas cuja admissibilidade é reconhecida--constituindo uma peculiar forma de perspectiva que, a despeito de parecer advertida para ele, na verdade está fechada para o "ἐνδέχεσθαι ἄλλως ἔχειν".

O que mostra bem a que ponto a transgressão modal, a quase-apodicticidade das teses naturalmente adoptadas não é um mero efeito da elisão de alternativas, mas algo com uma constituição autónoma,

com uma "força" própria, muito grande, profundamente arreigada, que se mantém de pé e "de perfeita saúde", mesmo uma vez levantado o véu relativamente ao cabimento de alternativas.

*

Só assim, percebida bem a "força" do fenómeno da transgressão modal, o seu profundo enraizamento e a sua autonomia, se fica em condições de acompanhar minimamente o dispositivo de ocultação do cabimento de erro e da finitude modal que está a funcionar no nosso ponto de vista. E só assim se fica também em condições de perceber como os dois fenómenos se articulam, se completam no ofício de "tapar" a finitude de erro e a finitude modal, de manter a nossa perspectiva alheada delas.

Por um lado, os dois fenómenos reforçam-se, propiciam-se reciprocamente. A elisão de alternativas, fazendo desaparecer (ou de qualquer modo fazendo surgir com uma amplitude diminuída) aquilo que pode "concorrer" com a tese adoptada, facilita a transgressão modal, corrobora, "confirma" a quase-apodicticidade por ela estabelecida. Inversamente, o sistemático desvio para a valência da quase-apodicticidade "arruma" o problema do cabimento de alternativas, afasta da sua consideração. Juntando-se ao fenómeno de elisão, a transgressão modal leva ainda mais longe a exclusão de erro, fecha ainda mais radicalmente o ponto de vista para a possibilidade do seu cabimento--"sela", se assim se pode dizer, a ilegítima eliminação do " ἐνδέχεσθαι ἄλλως ἔχειν ", "cristalizando" a perspectiva que se tem numa posição" de costas voltadas" para tudo o que não seja a tese que se segue.

Por outro lado, mesmo quando o dispositivo assim constituído fraqueja nalguns dos seus momentos, os restantes tendem a subsis-

tir e são suficientes para manter o escondimento da possibilidade de erro e da incerteza. Muito em especial, o enraizamento inexplícito da transgressão modal (o pendor profundamente enraizado que o nosso ponto de vista tem para, independentemente do que ocorre na esfera temática, de forma inexplícita adoptar as apresentações que tem constituídas como se fossem irrestritamente certas) constitui como que a "cidadela" de todo o dispositivo--cidadela que tende a conservar-se inatacada mesmo quando se acham identificadas alternativas e a respectiva detecção (ou o próprio exame das condições modais em que se está) conduziu já à adopção, no plano explícito, temático, de índices modais de restrição. E isso de tal modo que, por maiores que sejam as "cedências" nos demais momentos do dispositivo assim descrito, esta transgressão modal inexplícita (o condicionamento que por ela se produz) é suficiente, só por si, para manter o ponto de vista na verdade inteiramente alheado da possibilidade de ser errada e incerta a sua perspectiva.

*

Examinada assim, no essencial, a organização, o modo de funcionamento do dispositivo de ocultação do cabimento de erro e da finitude modal que habitualmente está constituído no nosso ponto de vista, importa agora considerar a forma como este exame e os apuramentos a que conduz modificam o "panorama" relativamente à forma da finitude.

Todo o dispositivo que se pôs em foco tende habitualmente a passar despercebido. Ao darmo-nos conta dele, a perspectiva que se tem sobre o cabimento de erro e de incerteza, ainda quando não sofra nenhuma alteração no que toca à identificação concreta das teses que estão e não estão expostas a estas duas modalidades de escondimento, muda em todo o caso radicalmente de figura.

Ao dizer-se isto de maneira nenhuma se pretende sugerir que, uma vez detectado o dispositivo aqui em causa, fique aberto, assim sem mais, o caminho para a suspensão do seu efeito, do domínio que exerce sobre o nosso ponto de vista. Na verdade, todo o dispositivo de condicionamento aqui descrito não só tende a dominar despercebidamente o modo como habitualmente vemos, mas, para além disso, mesmo uma vez tomada consciência da sua presença, revela-se bastante difícil de contrariar--tudo inclinando a fazer manter pertinazmente a sua influência, o seu efeito sobre o nosso ponto de vista.

Assim, tanto a elisão que faz perder de vista as possibilidades alternativas às teses que se têm adoptadas quanto a transgressão modal que leva a adoptar tais teses como se elas fossem apodícticas estão profundamente enraizadas--não são derrogáveis por simples deliberação, acto de vontade. A sua suspensão exige um extraordinário esforço, uma extraordinária concentração--como que uma luta do nosso ponto de vista consigo mesmo. E isto não de uma vez por todas para todo o campo de apresentação que se tem constituído (como se fosse possível "desligar" globalmente os dois fenómenos), mas sempre de novo para cada uma das teses que nele se acham adoptadas. Além disso, conforme se apontou, mesmo quando relativamente a estas e àquelas teses conseguimos chegar a suspender os diversos momentos do dispositivo em causa, a tendência é para a rápida reposição do seu funcionamento, logo que afrouxa o esforço de concentração--e designadamente, logo que se passa a incidir sobre outras teses. De sorte que o empreendimento de focagem tende a ter o carácter de um trabalho de Penélope (ou, melhor--como diz Platão, no **Fédon**--de um trabalho inverso do que a celebrizou: reatando, retecendo, na "noite" da desfocagem, as malhas, os prendimentos que o esforço "diurno" da focagem já desfez). E de sorte que tudo se conjuga para que a elisão de alternativas e a transgressão modal se mantenham em vigor pelo menos relativamente à maioria das teses que de cada vez estão a ser sustentadas por nós.

Mas, se isto é assim e se, dessa forma, a efectiva suspensão destes fenómenos (já relativamente a qualquer tese--mas ainda muito mais a suspensão que é necessária para se fazer sentir algum efeito na "relação de forças"correspondente à forma da finitude) é bastante difícil de obter, tal não significa de maneira nenhuma que reine a este respeito no nosso ponto de vista uma total imobilidade, uma total inalterabilidade da situação.

De facto, mesmo não se conseguindo realizar nenhuma alteração significativa da distribuição de "manchas" de exposição a erro e incerteza, mesmo que a focagem não consiga ir além da detecção da presença, no nosso ponto de vista, da elisão de alternativas e da transgressão modal, a simples detecção do cabimento destes fenómenos altera decisivamente a situação em que nos vemos. E isto porque introduz a possibilidade (de ordinário totalmente inconsiderada) de a segurança que habitualmente se sente a este respeito ser uma segurança meramente baseada em desfocagem, fruto dela--e a possibilidade de, uma vez superada essa desfocagem, desfeito o disfarce que produz, a amplitude de exposição a erro e incerteza se revelar substancialmente diferente do que em regra tende a inculcar-se.

Ou seja, dito de outro modo: a verificação da ocorrência destas formas de desfocagem e da possibilidade de a segurança que habitualmente caracteriza a exclusão de erro e incerteza não resultar justamente senão de desfocagens desta ordem abre a porta a eventuais revisões da forma da finitude no quadro destas modalidades.

Além disso, a circunstância de, como acentuado, ser muito difícil a suspensão do domínio que os fenómenos referidos exercem sobre nós não significa que seja total, absolutamente impossível qualquer evasão relativamente a esse domínio.

Por mais que de raiz esteja embarcado em todo este dispositivo (com total ou quase total elisão de possibilidades alternativas e com a inteira adesão à transgressão modal, para que propen-

de), o nosso ponto de vista é no entanto capaz de desfazer a desfocagem, a distracção em cujo meio tudo isso se produz--é um ponto de vista capaz de romper o "véu" que tapa as possibilidades alternativas (um ponto de vista capaz de se elevar à sua perspectivação, de as descobrir) e bem assim um ponto de vista capaz de se subtrair ao domínio naturalmente férreo da transgressão modal--de se "soltar" e repor a óptica modal correspondente à situação em que de facto nos encontramos.

Também aqui o que nos caracteriza é uma condição ambígua, marcada, por um lado, por uma capacidade de distanciamento relativamente à óptica natural, mas, por outro lado, também por um conjunto de poderosos entraves que em tudo inclinam à não-actualização de tal capacidade, à "paralisia" dela. Estes entraves são de tal ordem que, de facto, na maior parte das vezes neutralizam completamente essa capacidade. Mas isto, por outro lado, sem nunca a erradicarem por inteiro, sem a destruírem--sem impossibilitarem em absoluto que ela venha a ultrapassá-los e a "entrar em exercício".

Ora, quando tal acontece--quando nos conseguimos concentrar, suspender a desfocagem, o alheamento em que de ordinário nos encontramos--começam justamente a multiplicar-se as teses que, aparentando não ter alternativa, se vêm a revelar como na verdade susceptíveis dela e que, por outro lado, estando adoptadas sob o domínio de uma transgressão modal, acabam por perder a valência de quase-apodicticidade que só a desfocagem lhes confere. Insistindo-se no exame das teses que sustentamos, a despeito de todos os entraves que se referiram, no jogo de avanços e recuos, de desfazer e refazer da desfocagem, em que sempre de novo tende a cair o combate contra ela, desenha-se de facto uma alteração relativamente à perspectiva normalmente em vigor sobre o que está e o que não está exposto à possibilidade de erro e à incerteza. Multiplicam-se as alternativas em tensão contra as teses adoptadas, os planos relativamente aos quais estas podem estar a constituir desvio.

Multiplicam-se correlativamente os focos de vacilação modal--aquilo que aparece numa apresentação precária, incerta--sem nada que em definitivo o assegure. Numa palavra, modifica-se a distribuição do que está e não está sob a sombra do cabimento de erro e da incerteza--o campo da finitude correspondente a ambas alastra.

FAC. DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO